

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flávia de Souza Otuka

**A dimensão subjetiva da escolha moral na
adolescência**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Flávia de Souza Otuka

**A dimensão subjetiva da escolha moral na
adolescência**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^ª. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

“Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.”

Carlos Drummond de Andrade

Dedico este trabalho ao meu amigo,
companheiro e grande amor: Rinaldo

Agradecimentos

Memória

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão*

*Mas as coisas fíndas
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade

O término dessa dissertação é um momento muito especial em minha vida. cursar o mestrado foi um sonho acalentado por muitos anos e, hoje, com grande satisfação, percebo que ele não está mais no plano da idealização, mas tornou-se realidade. Quando olho para trás, lembro dos momentos vividos e caminhos percorridos para chegar até esse momento de finalização, sem dúvida, vejo muitas dificuldades, conflitos e desencontros, mas, felizmente, inúmeros e inesquecíveis bons momentos de alegria, de vitórias e de cumplicidade.

Nesse percurso muitas pessoas contribuíram para que esse sonho se concretizasse. Agradeço aos meus pais, Lúcia e Massame, que despertaram em mim o gosto pelo aprender e não mediram esforços para a minha formação educacional; a minha irmã Cássia que sempre me acolheu e incentivou-me a perseguir meus ideais; ao meu cunhado Ademir pelo seu caráter e pela sua infinita generosidade. Agradeço, especialmente, ao meu marido Rinaldo por compartilhar com desmedida compreensão mais esse sonho.

Agradeço à Ia, minha orientadora, pela competência profissional e sensibilidade na condução desse trabalho, assim como pela atenção, disponibilidade, respeito e amabilidade dedicados a mim. Trabalhar com você foi uma honra e uma experiência inesquecível, sentirei muito a sua falta!

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação pelas valiosas discussões provocadoras de reflexão, que contribuíram na minha formação.

Agradeço à professora Dra. Ana Mercês Bahia Bock e ao professor Dr. José Roberto M. Heloani, pelas importantes contribuições dadas no exame de qualificação para a realização desta pesquisa.

Agradeço as minhas estimadas amigas: Virgínia e D. Mafalda, pela hospitalidade e carinho dispensados a mim.

Agradeço ao meu querido grupo de “trabalho”: Viviane, Bruninha e Ana pela amizade e pelas divertidas e profundas discussões travadas que muito auxiliaram meu crescimento. Vivi, minha companheira oficial de Congressos, meu muito obrigada pelo seu companheirismo!

Agradeço aos meus valorosos amigos Elaine e Serginho pelos conselhos e incentivos, os quais me deram forças para perseverar nos momentos de desânimo.

Agradeço à Márcia por compreender minha alma, acreditar nas minhas capacidades e, especialmente, por me mostrar que este e outros sonhos são possíveis de serem conquistados. Meu eterno obrigada por ser minha intrépida e sensível timoneira nas tempestades e tormentas da vida.

Agradeço a todos os meus amigos por compartilharem minhas alegrias, dificuldades, por compreenderem minhas ausências e períodos de isolamento, por torcerem e comemorarem cada conquista.

Agradeço aos responsáveis pela escola e aos adolescentes que participaram dessa pesquisa pela compreensão, disponibilidade e interesse dedicados.

Agradeço ao mantenedor do Colégio Objetivo Sorocaba, Luís Samuel Tabacow, pelo importante apoio recebido no início da realização desta pesquisa.

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Flávia de Souza Otuka. A dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência.

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa qualitativa empírica, que analisou a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreendeu os valores utilizados para a fundamentação das escolhas feitas pelos jovens. Para isso, tornou-se necessária a utilização da categoria sentido. A partir da análise dos sentidos, identificamos a aproximação ou o distanciamento do sujeito, ao que Agnes Heller (1970) denominou de particularidade e individualidade. Apoiamo-nos na abordagem teórica da Psicologia Sócio-histórica e na sociologia de Agnes Heller. Foram pesquisados 9 sujeitos adolescentes, estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública. O processo de obtenção de informações consistiu em: 1) veiculação do filme O senhor das moscas, Hook, H., EUA, 1990, a um grupo de 9 estudantes; 2) realização de mais 2 encontros posteriores com o mesmo grupo, a fim de discutir sobre os conteúdos do filme. Desses 3 encontros, selecionamos 2 sujeitos que melhor atenderam às condições para a nossa pesquisa; 4) realização de entrevistas individuais com os 2 sujeitos selecionados. Utilizamos como procedimento de análise, o que Aguiar e Ozella (2006) denominaram de construção de núcleos de significação. Verificamos que o conhecimento adquirido, por meio das entrevistas, sobre os dois jovens, permitiu uma melhor compreensão dos movimentos e contradições vividos por eles no grupo. Do mesmo modo, a análise da situação de grupo nos permitiu apreender com mais propriedade elementos surgidos nas entrevistas. Finalizando o procedimento de análise realizamos um ensaio analítico articulando as análises grupais e individuais, visando, assim, demonstrar como a compreensão da constituição da dimensão subjetiva, permite apreender o movimento peculiar do sujeito no grupo ao mesmo tempo em que a compreensão dos movimentos grupais nos auxiliam a entender os movimentos dos sujeitos individuais. Nossa análise demonstrou, entre outras coisas, que os jovens da pesquisa apresentam uma concepção de homem naturalizado, depositam grandes expectativas de ascensão social na educação, percebem a educação escolar como possibilidade de instrumentalização para o trabalho e, de um modo geral, tendem a atuar no âmbito da particularidade, embora apresentem diversas ações no âmbito da individualidade.

Palavras-chave: dimensão subjetiva; adolescência; processos de escolha; núcleos de significação

ABSTRACT

Flávia de Souza Otuka. The subjective dimension of moral choice in adolescence.

This work is the result of the empiric research, tha analised the subjectivity dimensions of the moral choice in the adolescence and, therefore it capturedthe values used to the groundings of the options made by the youngling. For that, it was necessary the use of the sense rate. From the sense analysis, we identified the proximity or the detachment of the subject, that was Agnes Heller (2006) called uniqueness and individuality. We stand for the theory approach of the Socio – historic Phycology and in the sociology of Agnes Heller. The research was made with 9 teenagers in the last High school year of a public school. The methods used to collect information were: 1) present the movie “Lord of the Flies” to a group containing 9 students; 2) implementation of 2 later meetings with the same group to debate the fiction movie contents. From these 3 meetings, two teenagers that reached the best conditions to the research were picked; 4) individual interviews were made with the two choosen teenagers. We used as procedure of analysis, what Aguiar and Ozella (2006) called of meaning core construction. We verified that the knoledge earned with the interviews about those two teenagers, allowed a better understanding of the actions and contradictions lived by them in the group. In the same way, the group situation analysis let us capturewith more effect the elements that came out during the interviews. Ending the analysis procedure we performed na analytic assay talking about the group and individual results to point the understanding of the subjectivity dimension, allows to keep the peculiar motion of the subject in the group, at the same time, the knoledge gained with the group motion sense helped to understand the individual actions. Our analysis showed, amond other things,that the interviewed younglings presented an idea of the naturalized man, placeing great expectations in the social rise through education, they realise the school education as a possibility to work and, in general, they tende to act in the particularity field, although they show several actions in the individual field.

Keywords: subjective dimension; adolescence; processes of choice; meaning core

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	10
<i>Introdução</i>	13
<i>Um breve passeio pela academia</i>	18
Capítulo I: Tornar-se Humano	29
1. <i>O homem numa perspectiva sócio-histórica</i>	29
2. <i>Ética: característica essencialmente humana</i>	32
3. <i>O processo de escolha: liberdade x determinação</i>	35
4. <i>Desenvolvimento do Humano</i>	40
4.1 <i>Atividade e Mediação</i>	41
4.2 <i>A efetiva constituição do homem: intrínseca relação entre pensamento e linguagem</i>	42
4.3 <i>Sentidos e Significados: unidade contraditória do simbólico e do emocional</i>	46
Capítulo II: Compreendendo o objeto de estudo	51
1. <i>A adolescência a partir de outro ponto de vista</i>	51
2. <i>A escola como espaço dialético e contraditório de dominação e transformação</i>	55
3. <i>Alinhavando o exposto até então...</i>	61
Capítulo III: Método	64
1. <i>Pressupostos teórico-metodológicos</i>	64
2. <i>Procedimentos metodológicos</i>	68
2.1 <i>Sujeitos</i>	69
2.2 <i>Processo de obtenção de informações</i>	69
2.2.1 <i>Etapa inicial: O grupo</i>	69
2.2.2 <i>Segunda Etapa: A história de vida</i>	73
2.3 <i>Análise dos dados por meio dos Núcleos de significação: uma tarefa de construção e interpretação</i>	74
2.3.1 <i>Procedimento de análise dos grupos de discussão</i>	75
2.3.2 <i>Procedimento de análise das entrevistas individuais</i>	76
2.3.3 <i>Articulação das análises dos grupos de discussão com as entrevistas individuais</i>	77
Cap. IV Análise dos dados	78
1. <i>Núcleos de significação dos grupos de discussão</i>	78
<i>Núcleo 1</i>	79
<i>Núcleo 2</i>	83
<i>Núcleo 3</i>	86
<i>Núcleo 4</i>	91
<i>Núcleo 5</i>	97
<i>Núcleo 6</i>	106
<i>Núcleo 7</i>	111
<i>Núcleo 8</i>	117
2. <i>Núcleos de significação das entrevistas do sujeito D.</i>	123
<i>Núcleo 1</i>	124
<i>Núcleo 2</i>	136
<i>Núcleo 3</i>	149
<i>Núcleo 4</i>	159
3. <i>Núcleos de significação das entrevistas do sujeito R.</i>	170
<i>Núcleo 1</i>	170
Considerações Finais	205
Bibliografia	214

Apresentação

Meu interesse em estudar o desenvolvimento moral alicerça-se em algumas experiências profissionais, que considero muito significativas na minha formação pessoal e também profissional.

Atuei como psicóloga clínica em uma ONG, cuja missão era resgatar a autoestima de adolescentes e mulheres em situação de risco social e garantir a elas a cidadania, entendida aqui na perspectiva democrática de acesso aos direitos. Nessa prática clínica, entrei em contato com histórias de sofrimento e de impossibilidades, de privações de toda ordem, vividas por pessoas expostas a realidades sociais desumanas, enfim, vítimas, em grande parte, das mazelas provocadas pela desigualdade social, direta ou indiretamente e dela decorrentes. Em contrapartida, também pude vivenciar os momentos mais aprazíveis de toda a minha vida, ao entrar em contato com subjetividades tão singulares e especiais.

Durante essa prática clínica, percebi que meu fazer profissional, ou seja, meu olhar para as dificuldades vividas por esses grupos e a minha forma de intervenção para apoiá-las na superação das mesmas, por meio do suporte psicológico que oferecia, ancorava-se muito mais no âmbito educacional do que no clínico. Essas práticas não passaram despercebidas e ocasionaram minha transferência para a coordenação do setor de educação e reeducação da instituição. Na ocasião tive a oportunidade de participar e de desenvolver projetos que pretendiam garantir o acesso da população atendida à cidadania.

Posteriormente, trabalhei como professora de crianças e adolescentes, em uma escola da rede privada de ensino, em que lecionava uma disciplina específica, que visava desenvolver habilidades socioemocionais, como respeito, empatia e solidariedade.

Apesar de uma aparente diferença, até mesmo contrastante, entre a população atendida na ONG e as crianças e os adolescentes da escola privada, pude notar uma semelhança que as aproxima por demais: a imensa dificuldade em perceber e considerar o outro como pessoa de direitos. Essa questão me sensibilizou profundamente, motivando-me a aprofundar meus estudos acerca da temática dos valores, circunscrita no campo da ética e da moral.

Todo esse percurso originou a presente pesquisa, cujo objetivo foi analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreender os valores utilizados para a

fundamentação das escolhas feitas pelos adolescentes. Para isto tornou-se necessária a utilização da categoria sentido. E, finalmente, a partir da análise dos sentidos, identificamos a aproximação ou o distanciamento dos sujeitos, ao que Agnes Heller (1970) denominou de particularidade e individualidade.

Nesse momento vale destacar que, tanto o âmbito da particularidade, quanto o da genericidade são necessários para a sobrevivência do homem e para a convivência deste com os demais, porém enquanto o primeiro visa atender somente aos interesses do indivíduo, o segundo é orientado pelos interesses de um coletivo. Segundo Agnes Heller (1970) a unidade do indivíduo (individualidade) se dá com a integração da particularidade com a genericidade, nesse sentido, quanto mais unitária for a tendência de integração entre tais instâncias, menos o indivíduo se apropria de princípios e valores, sem prévia reflexão.

Introdução

*A bomba envenena as crianças antes que comecem a nascer
A bomba continua a envenená-las no curso da vida (...)
A bomba é um cisco no olho da vida, e não sai
A bomba é uma inflamação no ventre da primavera (...)
A bomba tem supermercado, circo, biblioteca, esquadrilha de mísseis, etc.
A bomba não admite que ninguém acorde sem motivo grave
A bomba quer é manter acordados nervosos e são, atletas e paralíticos
A bomba mata só de pensarem que vem aí para matar
A bomba dobra todas as línguas à sua turva sintaxe
A bomba saboreia a morte com marshmallow
A bomba arrota impostura e prosopeia política (...)
A bomba está abusando da glória de ser bomba
A bomba não sabe quando, onde e porque vai explodir, mas preliba o instante
inefável
A bomba fede (...)
A bomba não destruirá a vida
O homem (tenho esperança) liquidará a bomba.*

Carlos Drummond de Andrade

A fim de analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, faremos uma breve contextualização da configuração atual de nossa sociedade. Isto se faz necessário, pois para apreendermos e compreendermos os sentidos e significados constituídos pelos indivíduos e, portanto, a dimensão subjetiva é preciso refletir e analisar as condições concretas e objetivas em que são travadas as relações sociais, uma vez que

“(...) o modo de produção, qualquer que seja ele, condiciona a relação dos homens com a natureza e deles entre si, ele determina a condição de existência dos homens, não apenas materiais, mas também culturais. Estas, por sua vez, vão condicionar o conjunto da vida social - a maneira como as relações sociais se estruturam – e finalmente, o modo de ser¹ dos homens (...) não é um processo cego e determinista, uma vez que são os próprios homens, e não a natureza, que estabelecem as regras que determinam o modo de produção.” (Pino, 2002, pp. 39-40)

Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU)², publicado em 02/07/2007, cerca de 19% da população mundial vive com menos de US\$ 1 por dia; isso significa que mais de 1 bilhão de pessoas está abaixo da linha da pobreza em todo o mundo. O relatório destaca, ainda, que 27% das crianças com menos de cinco anos, em países pobres,

¹ Grifos do autor

² Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br>, acessado em 15/04/2008

estão abaixo do peso e que 12% das crianças do mundo estão fora da escola. O relatório “Tendências globais de emprego 2007”³, divulgado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), indica que os desempregados no mundo totalizam 195,2 milhões.

São constantes as queixas relacionadas ao comportamento humano que, muitas vezes, beira à barbárie, utilizando o termo empregado por Adorno para descrever as manifestações de violência, corrupção, crimes, incivildades, desconfiança mútua que passaram a compor o cenário cotidiano de nossa sociedade. Sobre isso Adorno (1995) declara

“Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha explodir (...)” (p. 155)

Esse panorama geral está situado num período denominado modernidade. O conceito de sociedade moderna foi associado à sociedade ocidental desde o Iluminismo no século XVIII, cuja principal característica é a racionalização. Nesse período foi possível o amplo desenvolvimento da indústria, da ciência, do racionalismo e a consolidação política sob a forma de Estado-Nação, fundamentada na filosofia moderna (Guará, 1997).

A modernidade, afirma Santos (1995), é caracterizada pelo equilíbrio entre os pilares da regulação e da emancipação. O primeiro pilar seria regido pelo Estado, Mercado e Comunidade, enquanto que o segundo pilar, pela racionalidade moral-prática do direito moderno, pela racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e das técnicas modernas e pela racionalidade estético-expressiva da literatura moderna.

O projeto da modernidade fortaleceu-se pelo pilar da regulação, pelo predomínio gradativo do mercado em detrimento do Estado e da comunidade, enquanto que no pilar da emancipação, embora em menor proporção, houve o predomínio da racionalidade cognitivo-instrumental da ciência. Esse excesso de regulação em países como o Brasil, em que a garantia dos benefícios de bem-estar são precários, impele o indivíduo a dispensar grande parte de sua energia à conquista da sobrevivência, restando pouca ou nenhuma energia para o engajamento em projetos de emancipação. Porém, paradoxalmente, o aprofundamento das

³ Disponível em <http://www.oitbrasil.org.br>, acessado em 15/04/2008

condições de desigualdade faz explicitarem-se as demandas dos excluídos, favorecendo o descortinamento da realidade.

Tonet (2003) faz uma análise da crise estrutural do capital, de que me valho nesse momento, para complementar a análise da atual realidade moderna. O capital para reproduzir-se agrava de tal forma os problemas sociais, que põe em risco a existência da humanidade. A modernidade apresenta um paradoxo: vivemos numa época em que há disponível conhecimento tecnológico e científico para satisfazer as necessidades básicas da humanidade, assim como produzir bens suficientes para seu benefício. Entretanto, o aumento da capacidade produtiva, gerado pelo desenvolvimento tecnológico e científico, continua submetendo o homem à condição de dominado nas relações de produção, pois a exploração permanece. Acrescente-se a estas condições um crescente desemprego, rebaixamento de salários e da capacidade de consumo, acarretando conseqüentemente, uma não contribuição para o bem-estar humano. Vivemos num período em que há possibilidades de satisfação das necessidades humanas, mas possibilidades, infelizmente, não garantem sua efetivação. (Duarte, 1992)

Ao mesmo tempo em que as tecnologias e o conhecimento científico ampliam as possibilidades da emancipação humana, no sentido de possibilitar que substituam parte do trabalho humano, exigem um homem coisificado, semelhante a um objeto meramente funcional e eficaz, usado para manter a lógica capitalista.

Essas conseqüências acarretam ao indivíduo um cultivo exacerbado do individualismo e uma crescente barbarização do ser humano. Para Lipovetsky (1989) a sociedade pós-moderna⁴ *“se acomoda segundo uma ética mínima, sem obrigação ou sanção. São, pois, tempos de não lição e de apego aos benefícios dos valores individualistas e eudemonistas: já não resulta imoral pensar só em eu (sic) mesmo”* (p. 203).

Nesse sentido, a população, apesar de defender a importância do respeito aos direitos humanos, questiona a aplicação dos mesmos aos encarcerados. Exemplificando esse questionamento, relembramos o episódio do “Massacre do Carandiru”. O jornal A Folha de São Paulo pesquisou a opinião da população sobre o ocorrido e aferiu que 41% da população apoiaram a ação policial, que matou 111 detentos e deixou mais de uma centena de feridos, não importando se a alegação de legítima defesa usada pelos policiais era verdadeira ou não. (Cardia, 1994) Os entrevistados alegavam que “bandidos não devem ter direitos porque eles não respeitam os direitos dos outros”.

⁴ Acreditamos que as características apresentadas por Lipovetsky adequam-se à descrição do que denominamos de Modernidade.

O posicionamento das autoridades da segurança pública também expressa o individualismo e a barbárie, pois acreditam que atividades repressivas, como a eliminação de delinquentes, são necessárias e eficientes, defendendo a política de premiação aos policiais que demonstrem maior combatividade no seu trabalho. Tais ações incentivam a violência policial e engrossam as estatísticas da violência geral.

Alguns estudos (Novo, 1996, Novo e colaboradores, 1998) demonstram que a cultura da violência produz a “*negação do outro de sua condição de cidadão em direitos e deveres, até o reconhecimento de sua diferença e singularidade.*” (Novo, 2001, p. 67) Disto decorre a limitação dos espaços de convivência entre os homens, as fugas (dos mais abastados economicamente) para ambientes superprotegidos, como condomínios fechados. Estas medidas aumentam ainda mais a separação entre as classes sociais, estimulando a intolerância, a discriminação e a exclusão social, o individualismo e a barbárie.

Não é difícil imaginar que, diante desse quadro social, a garantia dos direitos dos grupos sociais minoritários fique cada vez mais distante de ser alcançada, aumentando as desigualdades econômicas e sociais.

Os indivíduos acabam por defrontar-se com a solidão, a desconfiança, a impossibilidade de encontro, de reconhecimento do outro, de solidariedade, de negociação verbal dos conflitos, de busca coletiva. Todas estas impossibilidades demonstram uma inabilidade de lidar com a violência e com as suas manifestações. Elas são construídas na vida das pessoas através de referências éticas valorativas em que o outro, enquanto diferença, encontra-se desqualificado, deslegitimado como parceiro na construção de trocas afetivas positivas.

“A gente só gosta, respeita, se envolve com o outro quando se criam espaços onde acontecem encontros que permitem o acolhimento, o lidar com a diferença de uma forma afirmativa e positiva. Ou seja, onde ocorra a criação de uma outra sensibilidade para que eu possa estar percebendo no outro muito mais aquilo que nos junta, que nos aproxima, que nos identifica do que aquilo que nos afasta, aquilo que não gostamos muito ou que nos coloca em conflito, elemento permanente do processo de convivência social.” (Novo, 2001, p. 69)

É válido ressaltar que um pseudorespeito pelas diferenças, também pode, como o individualismo e a barbárie, acarretar um distanciamento entre as pessoas, pois se aceita que todos são iguais desde que cada um permaneça onde está, sem pretensão de envolvimento e acolhimento mútuo. A indiferença e a desarticulação quanto aos interesses coletivos

permanece, já que o isolamento entre as pessoas é preservado em nome de uma pseudotolerância.

Essa breve descrição da configuração da nossa sociedade auxilia-nos analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, pois fornece elementos das formas sociais constitutivas da realidade e das relações que os sujeitos travam com e no momento histórico em que vivem. Bock et alii (*apud* Bock 1999) diz:

“(...) conhecer o homem é situá-lo em um momento histórico, identificar as determinações e desvendá-las. É partir do geral, descrevendo o movimento contraditório da totalidade na qual se encontram os indivíduos e chegar ao particular, (...) é perceber o singular e seu movimento como parte do movimento geral e, revelando as mediações presentes nessa relação, compreender o particular.” (p. 34)

Nesse sentido, ao compreender a relação sujeito e realidade, podemos identificar que esta totalidade concreta gesta e constitui formas singulares de ser, pensar e agir. Dessa forma, identificamos que atualmente predominam valores como o individualismo e a violência, em detrimento de outros de caráter mais humanitário, como a solidariedade e o respeito.

Um breve passeio pela academia

Tecendo a manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.*

*De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.*

*A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão*

João Cabral de Melo

Diante do atual panorama social, aumenta-se a discussão no âmbito educacional sobre a necessidade da formação ética dos alunos. Shimizu, Cordeiro e Menin (2006) relatam que nas décadas de 1980, 1990 e início de 2000 houve aumento da produção científica no âmbito das questões éticas e suas relações com a educação escolar.

Percebemos que há preocupação de autores como Novo (2001), Guedes e Depieri (2006), La Taille, Souza e Vizioli (2004), Machado (2001), Aragão (2001), entre outros, em relação às dificuldades relacionadas à sobrevivência humana na modernidade. Tal preocupação mobiliza a procura de práticas educativas que possibilitem a superação ou, ao menos, o enfrentamento dessa crise social. No entanto, vale dizer que a educação, isoladamente, não é capaz de modificar a estrutura social e solucionar as problemáticas geradas em seu seio. Sobre esta questão discutiremos mais profundamente no Capítulo II. 2: *A escola como espaço dialético e contraditório de dominação e transformação.*

Palangana e Inumar (2001), ao investigarem a possibilidade da constituição de um sujeito autônomo nas sociedades capitalistas, concluíram que na atual conjuntura capitalista não existem condições concretas favoráveis à formação de indivíduos nessa direção, pois *“Nada foge ao controle capitalista. A sociedade atual, além do modo de produção e consumo, dispõe dos meios de comunicação e do sistema educativo para formar com vistas à padronização e à adaptação.”* (Palangana e Inumar, 2001, p. 6) Ao analisarem as transformações sociais ao longo da história, os autores destacam que a forma como foi

organizada a industrialização produziu a exploração dos trabalhadores. Isso tornou o trabalho uma atividade alienada, na qual o sujeito não tem mais controle sobre o próprio tempo e espaço. Disso decorre a impossibilidade do cultivo de experiências que não estejam pautadas nas necessidades do mercado, o que favoreceria uma possível conscientização e a possibilidade de vislumbrar meios para a superação da opressão. Dessa forma, concluem:

“A sociedade capitalista transforma-se ao longo de sua história. E, nesse processo, vai cercando o indivíduo e moldando-o a seu modo. Com base em funções parciais e movimentos repetitivos durante um longo tempo, o trabalho fragmenta o conhecimento, mecaniza as habilidades físicas e, mais tarde, coopta, além das habilidades físicas, também as mentais. Assim, sob o controle das relações capitalistas, o indivíduo é subjugado ao tempo-espaço da produção que, visando a satisfazer necessidades do consumo, aniquila as condições propícias à formação da individualidade, da consciência emancipada. A tecnologia é consumida não no sentido do homem, mas no sentido do capital. E, especialmente balizada pelos meios de comunicação de massa, contribui para o estabelecimento de padrões de julgamento, hábitos, atitudes, etc., isto é, para que a ordem estabelecida se mantenha.” (Palangana e Inumar, 2001, p. 7)

Guedes e Depieri (2006), por outro lado, concebem a educação como possibilidade para a emancipação humana, afirmando que a mesma deve contribuir para a formação de um sujeito forte e capaz de suportar a *“violência do real, de agir, de resistir, o quanto possível, aos convites à regressão, à participação na barbárie geral e que principalmente, seja capaz de recusar a dominar, a subjugar o outro.”* (p. 322) Indubitavelmente, compartilhamos desse posicionamento e utilizamos o pensamento de Severino (2006) por sintetizar de forma exemplar nossa concepção:

“O compromisso da educação é com a desbarbarização, é transformar-se num processo emancipatório, no qual ocorra uma luta sistemática pela autonomia, pela emancipação. E sua única ferramenta é o esclarecimento que se constitui como passagem do inconsciente para o consciente, do não ciente para o ciente, do pseudociente para o ciente. O esclarecimento ilumina e elimina.” (p.634)

Frente à necessidade de enfrentamento da problemática da formação ética dos educandos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) propõem que a educação responsabilize-se pela formação ética dos alunos, habilitando-os para o exercício da cidadania. Nesse documento, ética está relacionada à dignidade humana, à justiça, à solidariedade e ao diálogo.

Contudo, ao vislumbrarmos a necessidade de uma formação ética e moral, devemos questionar de que tipo de formação estamos falando, pois não podemos desconsiderar que há várias concepções de ética. De acordo com Barbosa (2006) a concepção marxista de ética é uma das formas de consciência social e neste sentido, ela reflete as condições materiais de uma dada sociedade, sendo então, histórica. A ética em uma sociedade de classes antagônicas reflete esse antagonismo. A classe que domina não o faz apenas no âmbito material, mas no intelectual, cultural, artístico e como não poderia deixar de ser, no das normas morais. Sendo assim, podemos dizer que a noção de ética não é universal, estando condicionada aos interesses das classes dominantes.

Severino (2001) fala de uma ética com enfoque praxista, na qual o homem é visto nem como totalmente determinado, nem como inteiramente livre. Sua ação é sempre um equilíbrio entre o determinado e o livre arbítrio, já que os sujeitos intencionalizam suas ações a partir da sua consciência. Nessa concepção o homem é histórico, determinado pelas condições objetivas, mas também é um ser que atua sobre elas por meio de sua práxis. Nessa perspectiva, não pode ser considerada moralmente válida nenhuma ação que degrade o homem em suas relações, que reforce sua opressão e consolide a alienação. Percebemos que, sob este olhar, a ética está entrelaçada à política, sendo área de apreensão e aplicação de valores nas relações sociais. A política vinculada à ética aponta para o fato de que não devemos ater-nos somente a critérios técnico-funcionais.

Sendo a ética um conceito controverso, a possibilidade de responsabilização da educação escolar na formação ética dos alunos, não poderia ser diferente. La Taille e colaboradoras (2004) relatam em sua pesquisa de revisão da literatura educacional, do período de 1993 a 2003, sobre ética e educação, que parece haver uma crença no ambiente educacional de que à escola competiria transmitir conhecimentos das áreas da Matemática, Português, História etc., enquanto que à família os referentes às regras morais, aos valores e às virtudes. Nessa pesquisa Cunha (*apud* La Taille, Souza e Vizioli, 2004) assume explicitamente a não concordância com a responsabilização da escola na formação ética dos educandos, justificando esta posição, não pelo fato de considerar que não seja da escola esta responsabilidade, mas porque considera que *“no presente momento da sociedade brasileira, caracterizada por crônica crise de hegemonia, não é possível encontrar um conteúdo ideológico que possa ser legitimamente assumido pelo ensino público.”* (p. 103)

Em relação a essa responsabilização, Rodrigues (2001) manifesta posição contrária a Cunha, pois considera justamente que a escola deva suprir a lacuna de formação do indivíduo, desencadeada pela deteriorização das instituições sociais como a família e a igreja. Além

disso, atribui ao longo período de permanência dos indivíduos na escola, fator explicativo para que esta se constitua como condição privilegiada no desenvolvimento do sujeito ético.

Considerando que a escola não é uma instituição à margem da realidade social, entendemos que avaliar a circulação dos saberes escolares como neutra, desvinculada de uma ideologia atravessada por diversos valores é ter uma visão reducionista e pueril do processo educacional. Desse modo, não vemos como é possível isentar a escola da formação ética dos alunos, já que intencionalmente ou não ela exerce a educação moral. Sendo esta um conjunto de regras e normas que a escola não está isenta de transmitir, cabe-lhe, também, proporcionar um espaço de reflexão sobre elas. Entretanto, temos ciência que isso não pode se efetivar de forma individual nem remediativa, mas por meio de uma corresponsabilização entre escola, família e sociedade em geral. Assim, não podemos encarar a instituição educacional de forma reducionista, destacando fatores isolados, como o tempo de permanência do educando na escola, e atribuir-lhe poderes sobrenaturais que, na verdade, não possui.

Atrelada à questão da responsabilização educacional da escola na formação do sujeito ético está a da eleição das metodologias adequadas para uma educação moral. Goergen (2001) afirma que a educação moral é possível e necessária, não como mera transmissão de valores e comportamentos morais, mas visando à sensibilização dos alunos para a problemática da moral, objetivando desenvolver no sujeito a capacidade de responsabilização pelas suas escolhas. O autor não apresenta uma proposta clara de educação moral, todavia anuncia que é preciso partir dos conflitos morais evidenciados no presente e considerar o educando como sujeito de sua formação moral e não como alguém despojado dela.

Ainda sobre essa questão, Rezende (2005) também demonstra a necessidade dos jovens tornarem-se sujeitos na eleição de saberes e valores, a fim de exercerem sua atuação no mundo de modo responsável. Segundo a autora, isso será possível por meio da conscientização desses jovens, do seu *status* de agente e do reconhecimento pela sociedade e pela escola dessa capacidade juvenil de apresentarem-se como protagonistas sociais. Nessa pesquisa, Rezende (2005) destaca que grande parte das escolas possui um modelo educacional ultrapassado e desqualificado para enfrentar as constantes mudanças sociais. Sugere, então, que o sistema educativo tome consciência dos valores veiculados por ele, de forma a desvelar a ideologia implícita que o fundamenta.

Identificamos, também, que a consideração do jovem como sujeito é elemento central na proposta de Souza e Durand (2002). Ao analisarem o comportamento de resistência e de protesto do jovem, identificaram a necessidade da incorporação dos valores da cultura jovem no processo educativo, a fim de que a escola supere o modelo atual de formação baseado na

adaptação social e na ausência de questionamento. Atribuem a exacerbação da competitividade entre as pessoas ao processo de aprendizado pautado na dependência e na desconsideração das manifestações das culturas juvenis. As autoras sugerem que a escola priorize a ação reflexiva e invista na formação político-cultural do jovem.

Barrere e Martuccelli (2001) ao conceberem a escola como um espaço privilegiado de transmissão dos valores morais, apresentam um paradoxo, pois a despeito disso temos presenciado o desaparecimento progressivo do ensino da moral, observam também que quando esse tipo de ensino se efetiva, o faz de forma segmentada e desarticulada. Podemos concluir, a partir desses autores, que a escola, apesar de *locus* privilegiado na formação ética e moral dos sujeitos, empreende-se nessa tarefa de forma inadequada e simplista, reduzindo a educação ética e moral⁵ ao oferecimento de disciplinas isoladas, cujos objetivos visam atender aos modismos educacionais e à normatização do comportamento considerado desviante.

Numa realidade em que a educação se reveste, cada vez mais, de um caráter mercantilista, expressões como “formar para a conduta ética” ou “formar para a cidadania”, tornaram-se desgastadas e esvaziadas de sentido, assemelhando-se mais aos slogans de marketing educacional, que a uma proposta real de educação para a transformação da realidade social.

Vale mencionar que cidadania é um conceito histórico que reflete as relações sociais estabelecidas no mundo do trabalho. A cidadania moderna é um instrumento que serve para equalizar a relação de compra-e-venda da força de trabalho, na qual trabalhador e capitalista são tidos como indivíduos livres, iguais e proprietários (um da mão-de-obra e o outro dos meios produtivos). Todavia, esta relação é assimétrica, pois sempre há dominação do capitalista sobre o trabalhador (Tonet, 2003). Pensada desta maneira, cidadania não é a garantia de que todos os homens tenham direito ao exercício no âmbito do trabalho, da sociabilidade e da cultura, de modo que possam ser produtores e fruidores dos bens naturais, sociais e culturais da sociedade (Severino, 1998). Mas é tomada como uma forma política de reprodução do capital, que possibilita ao trabalhador, por meio do exercício de seus direitos, tornar mais eficaz a sua dominação, garantindo assim, o funcionamento do sistema produtivo. Cidadania, nesse contexto, é a *“forma política de reprodução do capital e que, por isso, jamais poderá expressar a autêntica liberdade humana.”* (Tonet, 2003, p. 7)

Por isso, quando se propõe uma educação escolar para a formação ética e cidadã dos indivíduos, com o objetivo de transformar a ordem social é preciso identificar suas reais

5 A ética diz respeito à orientação geral da conduta, enquanto que a moral é a prática das condutas. Esta questão será mais bem explicitada no Cap. Ética, da presente pesquisa.

concepções e aspirações, para que não se incorra em práticas que caminhem, justamente, para o sentido oposto, o da reprodução desta crise social.

Enveredar-se no estudo da ética não é tarefa fácil, porém sua relevância ultrapassa os muros da academia, visto que a crise em que vivemos põe em risco a sobrevivência humana. Mas, apesar da extrema relevância social e científica do tema, nos deparamos com a escassez de pesquisas na área. La Taille e colaboradoras (2004) apontam que no período de 1990 a 2003 encontraram apenas 61 trabalhos sobre o tema na pós-graduação em Educação (5 trabalhos por ano, 3 artigos por ano)⁶. Além desse dado, relatam a quase total inexistência de propostas de intervenção no ensino; apenas dois artigos apresentam propostas concretas, quatorze sugerem rumos difusos e doze não propõem nenhuma ação pedagógica.

Em estudo semelhante Shimizu, Cordeiro e Menin (2006) ao realizarem um levantamento bibliográfico quantitativo do tema *Ética e preconceito*, no âmbito da educação escolar, em periódicos nacionais das áreas de educação, psicologia e filosofia, publicados de 1970 até 2003, também verificaram o predomínio de artigos com cunho teórico-reflexivo sobre os relatos de pesquisas empíricas e de campo.

Em um dos poucos relatos de experiência empírica, acerca de práticas educacionais que visem à formação ética, encontramos a do projeto Piá⁷, o qual aponta para a necessidade de aprofundar a reflexão sobre educação emancipadora, para a criação de políticas públicas, para a formação de professores da rede pública e, ainda, para a organização de práticas educativas.

Muñoz (2006) integra esse grupo de pesquisadores que priorizaram a pesquisa empírica; sua investigação tinha como objetivo identificar os fatores favorecedores de uma proposta de educação para a paz, no desenvolvimento de comportamentos pró-sociais de adolescentes, a fim de evitar comportamentos violentos no contexto escolar. Nessa pesquisa Muñoz afirma a possibilidade de educar para a paz através de programas de intervenção psicopedagógica que privilegiem metodologias dinâmicas, lúdicas e criativas que, pautados no desenvolvimento da autoestima, da expressão e compreensão de sentimentos, das relações de cooperação e resolução de conflitos, diminuam os comportamentos violentos. O pesquisador sugere a

⁶ As bases de dados utilizadas para a busca de teses e dissertações foram: Dedalus, Capes, Unicamp, Unesp, UFSCAR, PUC-RS, PUC-SP, Mackenzie, UFRGS, UFPB, IBICT, BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), ERL – Biológicas, ERL – Humanas. As revistas selecionadas para a busca foram: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, Doxa – Revista Paulista de Psicologia e Educação, Educação e Pesquisa (Feusp), Revista da Faculdade de Educação, Revista Brasileira de Educação, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

⁷ O projeto Piá é um projeto educativo, autogestionado de caráter público, que visa a emancipação das consciências. Atualmente o Piá atende crianças com idades entre 2 e 11 anos. O projeto está localizado no bairro da Barra Funda, cidade de São Paulo. A maioria das crianças atendidas, mora nos cortiços da região. Aproximadamente 10% são provenientes da classe média e um número considerável é morador do Boraceia - albergue para moradores de rua da Prefeitura de São Paulo.

realização de outras pesquisas sobre a temática, em âmbitos educativos formais e não-formais e com prazo mínimo de duração de um ano, a fim de alcançar um grau de generalização maior dessas conclusões.

Outro aspecto relevante que integra o âmbito ético diz respeito ao levantamento dos valores adotados pelos indivíduos na atual conjuntura social. Tamayo (2007), ao estudar a “Hierarquia de Valores Transculturais e Brasileiros”, conclui, entre outras coisas, que os brasileiros priorizam os valores que objetivam a autodeterminação e o bem-estar das pessoas de convívio próximo. Ressalta que as mulheres apresentam-se mais voltadas para a coletividade, para a conservação do *status quo* e para a autotranscendência, em comparação com os homens, que se voltam mais aos interesses egoísticos. Outro aspecto que merece destaque diz respeito aos estudantes universitários que, segundo Tamayo demonstraram ser mais propensos ao individualismo extremo, prevalecendo a busca da promoção de si mesmo. Entretanto, a pesquisa conclui que o binômio individualismo/coletivismo⁸, na totalidade da amostra, não apresentou tendência significativa de dominância de um ou outro âmbito.

Paralelamente, Fernandes, Costa, Camino e Mendoza (2007) no artigo “Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito”, indicam que nos sujeitos coexistem, antagonicamente, o interesse pela justiça social, fraternidade e igualdade, com atitudes de dominação e individualismo.

Rezende (2005) constata que grande maioria dos jovens de escola pública e de escola privada almeja um mundo "melhor", permeado por valores como: respeito, justiça e solidariedade, destacando sua importância para a vida em comunidade. Além disso, sobre o tema liberdade sentem a necessidade que pais e professores imponham limites, por meio do diálogo. Em relação aos temas política e sociedade, conclui que os adolescentes demonstram desinteresse pela política e interesse significativo pelos problemas sociais. Nesse estudo conclui que ao adolescente faltam valores como o respeito ao outro, zelo pela harmonia social e respeito pelas leis e instituições, conclusão esta, que ao nosso ver indica pouco desenvolvimento da individualidade adolescente.

Silva (2004), ao investigar a influência da fidelidade à palavra empenhada entre escolares, sob a perspectiva piagetiana e a teoria dos valores, indica que há predomínio de

8 Ao longo desta pesquisa utilizaremos a expressão particularidade, como sinônimo de individualismo, semelhantemente, adotaremos termos como genericidade e humano-genérico, para aludir ao termo individualidade. Vale destacar, que particularidade e individualidade são categorias formuladas por Heller (1970), que serão explicitadas posteriormente. Para o momento basta dizer que particularidade é a condição oposta à individualidade, sendo esta última definida por Patto (1999) como a liberdade relativa do indivíduo ao realizar escolhas, sem subjugar-se aos ditames dos quais não se apropria.

valores relacionados à esfera pública quando confrontados com os da esfera particular, o que sugere a importância dada pela maioria dos entrevistados à ética do dever, que a nosso entender indicam fragilidade da esfera da individualidade do sujeito. A honestidade e a veracidade são considerados valores mais importantes e apropriados que a fidelidade à palavra empenhada de manter segredo, de forma que nem mesmo a amizade e a influência do grupo ocasionam a quebra do sigilo. As meninas demonstraram maior fidelidade que os meninos, especialmente quando se trata de não delatar o autor de uma mentira, mostrando-se, assim, mais favoráveis à preservação da dimensão privada; por outro lado, os meninos foram mais propensos à preservação da dimensão pública. Segundo o autor, isso se deve à submissão de diferentes processos de socialização, pelos quais passam homens e mulheres, que orientam os primeiros para valores públicos e as últimas para os privados.

Na pesquisa de Silva (2004) a razão não é considerada a única determinante do nível de desenvolvimento moral, mas a ela é dado lugar central nesse processo, visto que é tida como aquela que coloca os limites necessários à vontade. Finalmente, o autor conclui que a opção da maioria dos estudantes pela honestidade e pela veracidade é, paradoxalmente, produto muito mais de um modismo influenciado pela mídia do que do fato de eles terem tais valores como centrais em suas personalidades, fato este que reforça nossa hipótese de que nos adolescentes prevalece a esfera da particularidade sobre a individualidade.

Ainda sobre os valores adolescentes, Barrere e Martuccelli (2001) afirmam que o grupo exerce papel primordial na decisão individual, de forma que o jovem se submete às expectativas desse mesmo grupo, agindo de acordo com o que acha que se espera dele, demonstrando, assim, uma individualidade instável. A força do grupo nos processos decisórios pode dissolver-se frente às experiências amorosas, ocorrendo, muitas vezes, a insurreição do adolescente ao grupo, caso este não aprove a pessoa escolhida por aquele adolescente como parceira (o). Os autores concluem que a escola, por meio de exercícios éticos práticos, deve fomentar a pedagogia judicial, ou seja, uma pedagogia que defenda a punição dos diversos crimes, de modo que estabeleça parâmetros que orientem a decisão do adolescente, quando este se encontrar em situação de criminalidade semelhante.

Consideramos que a autonomia, circunscrita no âmbito da ética, esteja diretamente relacionada à problemática levantada nesta pesquisa, visto que é parte integrante de um conjunto de valores que permeiam a realização de escolhas, assim como se constitui como um valor fundamental a ser considerado numa proposta educacional que vislumbre a transformação da realidade. Dessa forma, avaliamos que conhecer estudos realizados sobre esta temática nos auxiliaria na compreensão do nosso objeto de estudo, assim, ao realizar

revisão de literatura sobre o tema, encontramos diversos estudos de pesquisadores que a ele se debruçaram.

Observamos que frequentemente a palavra autonomia encontra-se vinculada aos princípios das teorias de administração de empresas ou organização institucional, como aponta Fleck (2004). Corroborando esta afirmação, Martins (2002) relata em seu artigo “Autonomia e educação: a trajetória de um conceito”, que o tema autonomia geralmente está vinculado à participação social ou à ampliação da participação política e constantemente é abordado sob a luz da teoria política, sendo amplamente utilizado pelas teorias de administração de empresas.

Para fins do presente estudo, entretanto, detivemo-nos aos estudos em que a autonomia está relacionada à Educação e à formação humana. Sobre esta formação cabe destacar que entendemo-na da forma apresentada por Severino (2006)

“(...) formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Nessa linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converge apenas com transformar... A idéia (sic) de formação é pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade.” (p. 621)

Assim sendo, dentre os estudos no âmbito educacional, sobre a autonomia na perspectiva da formação humana, podemos destacar o de Fleck (2004), cujo objetivo foi discutir, apoiada nas obras de Paulo Freire, as diferentes formas, por meio das quais a autonomia pode ser veiculada pela educação, pautando-se na concepção educacional adotada pela UNESCO. Tal investigação mostrou que a autonomia freiriana está pouco presente nesta proposta, apesar de ter sido fundamentada no referencial teórico de Paulo Freire.

Outro estudo em que a temática autonomia está relacionada à esfera educacional e à formação humana está presente na tese de doutoramento de Dias (2001) “A Autonomia enquanto fundamento da educação moral na educação infantil: concepções e práticas”, cujo objetivo era analisar as concepções de autonomia, moral e educação moral das educadoras infantis e avaliar como estas se relacionavam com suas práticas pedagógicas na Educação Infantil. A autora observou que tais educadoras pautavam-se em concepções abstratas e

individualizadas sobre autonomia e educação moral, sugerindo, em sua conclusão, a reflexão dessas práticas para que a educação para a autonomia se concretize.

Dando continuidade à pesquisa de Dias (2001), Dessandre (2003) realizou um estudo tipo *followup*, investigando os alunos das educadoras pesquisadas por Dias, com o objetivo de verificar em que medida o rótulo atribuído a eles pelas docentes na educação infantil, influenciou suas trajetórias escolares. Analisou também as concepções de crianças autônomas e as estratégias usadas pelos professores do ensino fundamental na promoção da autonomia em sala de aula. A autora identificou que a maioria dos professores concebe autonomia como “capacidade de agir sozinho”, constituindo-se o diálogo sua estratégia principal.

Nas pesquisas cuja temática é autonomia, sob o vértice da formação humana, percebe-se um predomínio de estudos centrados na categoria identidade, como podemos constatar nos trabalhos: “Autonomia e Reciprocidade no desenvolvimento da identidade: um olhar sobre a educação não formal” (Brown, 2006) e “Identidade ativista e autonomia: O Movimento de Resistência Global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado” (Campos, 2007).

Por outro lado, encontramos o estudo dos Sentidos e Significados atribuídos, pelo professor, ao valor da autonomia na prática pedagógica, realizado por Louro (2005), o qual aproxima-se do nosso estudo ao abordar essas categorias e sua relação com a autonomia, porém dele distancia-se no que se refere ao sujeito pesquisado, já que elege o professor para o desenvolvimento da pesquisa.

Desse modo, pretendemos compreender a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreender os valores utilizados para a fundamentação das escolhas nesse período do desenvolvimento. Para isto torna-se necessária a utilização da categoria sentido para a partir de uma análise dessa categoria, identificarmos a aproximação ou o distanciamento dos sujeitos, ao que Agnes Heller (1970) denominou de particularidade e individualidade. Acreditamos que ao realizar esta análise será possível levantar hipóteses sobre quanto o espaço escolar se constitui como favorecedor ou não do desenvolvimento da individualidade. Nesse sentido, esperamos que esta pesquisa contribua para a reflexão das temáticas ética e educação.

Consideramos que a ciência, por meio de sua práxis, pode e deve contribuir para a formação de sujeitos individuais, conscientes das suas possibilidades e limitações na tarefa de construção de uma sociedade mais justa. Sendo assim, o que nos guiará será uma epistemologia qualitativa⁹ (González Rey, 1997); utilizaremos apenas dois sujeitos, em

⁹ González Rey utiliza o termo epistemologia qualitativa para caracterizar um modo particular de realizar pesquisas; nesse momento cabe dizer que tal epistemologia possui 3 características fundamentais: 1) caráter

decorrência da natureza da análise, devido ao tempo disponível para a realização da presente pesquisa. Contudo, apesar do reduzido número de sujeitos, acreditamos que o conhecimento produzido poderá contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico dessa temática, pois assim como Souza (2006), entendemos que “*a particularidade revela as dimensões da totalidade do fenômeno a ser estudado.*” (p.233)

construtivo-interpretativo do conhecimento; 2) legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico; 3) compreensão da pesquisa como um processo de comunicação. Informações detalhadas acerca dos princípios que norteiam o método desta pesquisa encontram-se no Cap. III, Método da presente pesquisa.

Capítulo I: Tornar-se Humano

1. O homem numa perspectiva sócio-histórica

“Não sou a areia onde se desenha um par de asas ou grades diante de uma janela. Não sou apenas a pedra que rola nas marés do mundo, em cada praia renascendo outra. Sou a orelha encostada na concha da vida, sou construção e desmoronamento, servo e senhor, e sou mistério.”

Lya Luft

Fundamentamo-nos numa concepção de homem diametralmente distinta da que considera o homem como um ser constituído por uma natureza humana, ou seja, por uma essência apriorística que determinará seu percurso do nascimento à morte. Tal concepção oculta os determinantes sociais que estão subjacentes na sua real constituição. Esse ocultamento está a serviço de uma ideologia, o que pode ser altamente danoso, pois esta “*é uma forma ilusória pela qual se representa o real. Estas representações formam um conjunto lógico e sistemático de idéias (sic) e regras que orientam a ação dos sujeitos sociais.*” (Bock, 1999, p. 26)

Por isso, compartilhamos com Charlot (1979) a proposição da substituição do termo natureza humana pelo termo condição humana. Não se trata de mera permuta de nomenclatura, mas de uma mudança de perspectiva teórica. Compreender o homem como portador de uma condição humana é olhá-lo sob uma abordagem sócio-histórica, que o entende como um ser de possibilidades, dotado de um aparato biológico que é apenas o suporte para o desenvolvimento, o qual ocorrerá por meio das mediações sociais.

Visto assim, o homem constitui-se como um ser de relações, pois se relaciona com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo. A sua existência se elabora e se constitui na e pela atividade prática, que se dá em determinado espaço social e tempo histórico. Entender o homem como um ser de relações é vê-lo como um ser inacabado, um ser de modificabilidade, que dialeticamente transforma e é transformado nas e pelas relações que, por sua vez, são sempre dinâmicas e mutáveis. Concordamos com Rodrigues (2001), quando diz que:

“O ser que ele é, no ato de seu nascimento, será transformado para algo absolutamente diverso. Logo, o que é ao nascer, não-é, pois é apenas uma possibilidade, um projeto, uma intenção de futuro. A esse ser, que é apenas um devir, será oferecida uma possibilidade de vida, tanto do ponto de vista da sobrevivência quanto da realização de outras condições e possibilidades.” (p. 243)

A partir dessas relações surgem a estrutura social, as instituições e o ordenamento entre si, isto é, a sociedade. Concomitantemente ao processo de desenvolvimento das relações produtivas e das relações sociais, o homem desenvolve as relações simbólicas, criando um universo de relações consigo mesmo. São representações simbólicas que ultrapassam o nível instintivo, possibilitando-lhe representar todas as demais relações. Trata-se da consciência subjetiva, da subjetividade.

Bock (1999) salienta que o homem é um ser ativo, social e histórico e se torna humano à medida em constrói seu mundo, justificando tal premissa, afirma que a ação do homem sobre a natureza externa acarreta uma transformação em sua natureza interna, pois há um

“(...) processo de transformação constante das necessidades e da atividade dos homens e das relações que estabelecem entre si para a produção de sua existência. O movimento aí presente é um movimento que tem por base a contradição, onde o desenvolvimento das necessidades humanas e das formas de satisfazê-las, ao mesmo tempo em que só é possível e está condicionado por determinadas relações sociais, provoca a necessidade de transformação dessas mesmas relações, condiciona o aparecimento de novas relações sociais.” (Bock et alii apud Bock, 1999, p. 29-30)

Com isso queremos dizer que a espécie humana necessita aprender a ser humana, pois não é dotada instintivamente, assim como são outras espécies animais, de meios para atuar no mundo. Outros animais não têm projeto de futuro, não se transformarão em algo diferente do prescrito em seu aparato genético, por isso, esses animais findam seu desenvolvimento no ato do nascimento, pois já estão completamente providos dos recursos necessários para a sobrevivência futura.

Assim sendo, a educação torna-se mediação fundamental para instrumentalizar a humanidade para atuar nos complexos e mutantes âmbitos do trabalho, da sociabilidade e da cultura (Severino, 2001).

“Isso aponta para o fato de que o ser humano recebe uma educação que tem por fim produzir nele uma rejeição ao que lhe é dado no

nascimento, como natureza, para se tornar algo novo num mundo igualmente novo: uma vida inserida no mundo da cultura. E essa cultura nada apresenta de fixo e imutável, pelo contrário, é um eterno movimento em direção a algo que não se sabe o que pode ser.” (Rodrigues, 2001, p.243)

Desse modo, é função da educação tornar viável a existência dos homens numa determinada realidade histórica e social. Nesse processo o conhecimento constitui-se como elemento fundamental, não com caráter meramente técnico e descritivo, mas como possível desvelador das contradições e falseamentos das relações de poder e da ideologia hegemônica. Além da denúncia a educação deve investir num reordenamento das relações sociais, através dos recursos simbólicos do conhecimento deve garantir a todos o uso fruto dos bens sociais e os direitos de participação político-social. Agindo assim, a educação como “*um processo de auto-realização (sic) do sujeito, desabrochar de suas potencialidades... [visando] a individuação, a construção do eu, (...) [de] um sujeito realizado, dotado de vontade livre e autonomia pode tornar-se agente sobre o mundo natural e a sociedade*” (Severino, 2001, p. 80). Somente assim este agente será o motor da transformação social.

Corroborando essa perspectiva, sob a qual compreendemos a educação, Rodrigues diz (2001):

“ (...) a educação é um processo de formação humana, atua sobre os meios para a reprodução da vida – e essa é sua dimensão mais visível e prática -, bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos. A Educação envolve todo esse instrumental de formas de percepção do mundo, de comunicação e de inter-comunicação (sic), de auto conhecimento (sic), e de conhecimento das necessidades humanas. E propõe-se a prover as formas de superação dessas necessidades, sejam elas materiais ou psíquicas, de superação ou de reconhecimento de limites, de expansão do prazer e outras. Educar requer o preparo eficiente dos educandos para que se capacitem, intelectual e materialmente, para acionar, julgar e usufruir esse complexo de experiências com o mundo da vida.” (p. 243)

Isso nos permite afirmar que a educação não é facultativa ao indivíduo, mas constitutiva do humano.

2. *Ética: característica essencialmente humana*

Ou isto ou aquilo

*Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!
Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo . . .
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.*

Cecília Meireles

Cortella (2008) relata que a palavra ética origina-se do vocábulo grego *ethos*, que até o séc. VI a.C. significava “morada do humano”. Para Rios (1993) ética é a “*reflexão crítica sobre determinados valores presentes no comportamento humano em sociedade.*” (p.11) Dessas proposições, gostaríamos de ressaltar dois aspectos: o primeiro, leva-nos a considerar que reflexão é uma característica essencialmente humana, pois implica o uso da capacidade de abstração, por isso concordamos com Cortella (2008) ao definir ética como “*a fronteira entre o que a natureza manda e o que nós decidimos*” (p. 106), portanto, “morada do humano”. O segundo aspecto que queremos evidenciar refere-se à menção da vida em sociedade, a qual possibilita a transformação do instintivo em humano. Analisando que nos tornamos humanos somente na convivência com outros homens, para que a efetivação desse processo de transformação seja possível, são necessárias a criação, eleição e utilização de princípios e valores orientadores da conduta humana e, conseqüentemente, da ética.

Nesse sentido, ao vivermos inseridos numa coletividade, estamos todos dentro do campo da ética, de forma que não existe um indivíduo à sua margem ou com ausência dela, visto que todos, necessariamente, se orientam por princípios e valores para decidir, analisar e julgar, mesmo que tais princípios e valores sejam opostos aos aceitos pela coletividade. Vale destacar que a ética, enquanto uma teoria explicativa do comportamento moral, não realiza juízos de valor sobre a prática moral, mas visa explicar as multideterminações desse comportamento.

Se, por um lado a ética diz respeito à explicação do comportamento moral e, assim, à orientação geral da conduta, por outro, a moral é a prática das condutas. Ética e moral tratam, respectivamente, de problemas teóricos e de problemas práticos que estão na esfera da moral,

“se diferenciam, portanto, mas não estão separados por uma barreira intransponível. As soluções que se dão aos primeiros [problemas teóricos] não deixam de influir na colocação e na solução dos segundos [problemas práticos], isto é, na própria prática moral; por sua vez, os problemas propostos pela moral prática, vivida, assim como as suas soluções, constituem a matéria de reflexão, o fato ao qual a teoria ética deve retornar constantemente para que não seja uma especulação estéril, mas sim a teoria de um modo efetivo, real, de comportamento do homem.” (Sánchez Vázquez, 2003, p. 19)

A moral, enquanto um conjunto de normas e regras, institui o “como agir” de um coletivo. Este “como agir” está fundamentado em valores, isto é, em construções sociais não-estáticas e não-absolutas, que se transformam ao longo da história de uma mesma sociedade, variando não só de cultura para cultura, mas também no interior de uma mesma cultura, pois são produtos das múltiplas relações (não imediatas) estabelecidas entre o homem singular e a totalidade concreta de seu tempo.

Enquanto a moral encontra-se no âmbito da execução, indicando o ‘bom’ e o ‘mau’ comportamento, a ética encontra-se no âmbito teórico, pois como dissemos anteriormente, é uma reflexão sobre os valores, a busca pela compreensão dos valores orientadores do comportamento. Segundo Sánchez Vázquez (2003),

“A ética não cria a moral. Conquanto seja certo que toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade. A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios de justificação destes juízos e princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas morais.” (p. 22)

Heller, em 1970, questionava as consequências para uma sociedade quando a moral e os valores adotados por ela se distanciam do objetivo de alcançar a dignidade humana, já que está destituída de individualidade. Resgatamos sua inquietação na atualidade, mesmo que da formulação de Heller tenham se passado, aproximadamente 40 anos, a fim de compreender a crise social, a desumanização do homem, a violência e a miséria que protagonizam o cenário da modernidade.

Na esfera moral se manifesta a capacidade do indivíduo de alcançar a “sabedoria da vida”; essa capacidade se dá à medida que este avalia e escolhe como realizar ações,

pautando-se em princípios do humano-genérico (Heller, 2003). Nesse momento vale aprofundarmos a noção de particularidade e de humano-genérico, proposta por Heller. No homem coexistem as dimensões da particularidade e da genericidade. A particularidade é uma condição necessária para a atuação humana cotidiana, pois objetiva atender as necessidades de sobrevivência e está sempre orientada para o indivíduo. Por sua vez, a esfera do humano-genérico é orientada pela integração, pela “*consciência do nós*” (Heller, 2003 p. 36).

A unidade do indivíduo se dá com a integração da particularidade com a genericidade, deste modo, quanto mais unitária for a tendência de integração entre tais instâncias, mais o “*indivíduo tem liberdade (sempre relativa) de fazer escolhas, não é subjugado por ditames internos ou externos dos quais não se apropria.*” (Patto, 1999, p.167) Chamamos de individualidade essa aliança entre as instâncias particularidade e genericidade, entendendo que a liberdade, que é sempre relativa, como frisa Patto, é um elemento fundamental, já que o indivíduo se apropria de determinados valores e não se apropria de outros, porque exerce um movimento crítico e consciente de análise dos valores norteadores das suas ações. Vale destacar que essa análise do sujeito é marcada pela sua subjetividade, que marca especialmente a condição de humano, pois nesse processo de “*tornarem-se seus*” os valores e princípios ocorre a transformação do social em individual. Na individualidade, além da liberdade, a consciência também tem importante papel, pois permite que o indivíduo identifique os determinantes das suas escolhas e as suas consequências e diante disso “*conduza sua vida.*” (Patto,1999, p 171) Patto (1999) diz que “*na particularidade o indivíduo faz história, mas não sabe que a faz, o que não ocorre quando ele vive como individualidade; aqui ele faz história e sabe disso.*” (p.175)

Quando a particularidade prevalece demasiadamente sobre o humano-genérico, surge a necessidade da criação de normas e a adoção de valores que regulamentem o comportamento, a fim de que a particularidade submeta-se ao humano-genérico. (Heller, 2003) Da particularidade sobrepondo-se ao humano-genérico, surge a moral alienada. Nesse processo de alienação moral o homem assimila, sem exercer crítica, as normas sociais. Desse modo,

“la relación alienada se expresa en el hecho de que las personas normalmente ni siquiera notan, no se dan cuenta de interiorizar sistemas de valores radicalmente distintos, los cuales coexisten después en la particularidad en la más perfecta armonía.” (Heller, 1991, p. 149)

Ao alienar-se o homem orienta-se a partir de fragmentos do real, sem integrá-los na totalidade, assumindo, portanto, a parte pelo todo. Pouco utiliza a reflexão ao assumir valores

e padrões de comportamentos, de forma que da individualidade vai se distanciando, pois como dissemos há pouco, são seus elementos constitutivos a liberdade de escolha (sempre relativa) e a consciência.

Dito isto, vale lembrar que a ética marxista é uma proposta que alude à tomada de consciência social, ou seja, das condições materiais, de produção e da ideologia da sociedade. A ética marxista é, portanto, a *“tomada de consciência do movimento que se humaniza a si mesmo e humaniza a humanidade.”* (Heller 1970, p.121) Vista sob esse enfoque marxista, a ética é uma práxis, pois não pode existir sem uma realização prática. (Heller, 1970) A esse respeito, Severino (2001) complementa que numa ética com enfoque praxista, o homem é visto, nem como totalmente determinado, nem como inteiramente livre, sendo a consciência a mediação que possibilita o equilíbrio entre a determinação externa e o livre-arbítrio. Nessa perspectiva, não pode ser considerada moralmente válida nenhuma ação que degrade o homem em suas relações, que reforce sua opressão e consolide a alienação. Percebemos que, sob este olhar, a ética está entrelaçada à política, sendo área de apreensão e aplicação de valores nas relações sociais. A política vinculada à ética aponta que não se deve ater somente a critérios técnico-funcionais, mas deve-se ter o objetivo de constituição do humano-genérico.

A vida humana é repleta de processos de escolhas que envolvem a determinação externa e a autonomia do indivíduo. Todos os dias, em quase todos os momentos, nós temos que decidir entre isto ou aquilo. Dentre a diversidade de escolhas que enfrentamos, vivenciamos os dilemas éticos, ou seja, situações em que se apresentam duas possibilidades, nas quais somente uma é eticamente correta. No dilema ético entra em cena o conflito entre o ‘querer’, o ‘poder’ e o ‘dever’ de um lado e o conflito entre a vontade, a autonomia e a consequência, de outro. Ou dito de outra forma, deparamo-nos com o embate entre a particularidade e a individualidade. Esses elementos são centrais na discussão sobre ética, por isso nos dedicaremos a seguir a uma reflexão sobre os mesmos.

3. O processo de escolha: liberdade x determinação

“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.”

Ghandi

Vigotski, na elaboração de sua teoria, dedicou-se ao estudo do desenvolvimento dos processos do domínio da própria conduta. O conhecimento desses processos auxilia-nos para a compreensão das escolhas. Por esta razão, nos dedicaremos, a seguir, ao estudo de tais processos.

Especialmente pautado nas ideias de Spinoza contidas na obra *Ética*, Vigotski desenvolve suas reflexões acerca da liberdade e do autocontrole, conceitos intrinsecamente relacionados ao autodomínio da conduta e aos processos de escolha.

Desse modo, podemos dizer, fundamentados em Vigotski, que o domínio do homem sobre os próprios processos de seu comportamento (natureza interna) constrói-se da mesma forma que se constrói o domínio do homem sobre a natureza externa. Uma vez, que vive em sociedade, o indivíduo está sempre sujeito às influências de outras pessoas, sendo assim, a vontade se desenvolve do social para o individual. *“Há uma certa individualidade no desejo de cada um, mas o meu desejo só existe porque vivo em um mundo compartilhado com os desejos do outro.”* (Dranka, 2001, não paginado) Nesse processo, a linguagem sistematiza e possibilita o planejamento do comportamento, de forma que o sujeito adquire a função de autorregulador da vontade, sendo capaz de controlar o próprio comportamento¹⁰. A linguagem, em última instância, possibilita o domínio do homem sobre a natureza externa e interna. Este duplo domínio, por sua vez, acarreta a probabilidade de transformação do mundo e, conseqüentemente, a transformação das necessidades que regem o homem.

Baseado nos resultados dos experimentos infantis acerca da atenção, Vigotski (1995) afirmava que a escolha pautava-se, principalmente, em elementos externos, restringindo desse modo, a atividade da criança ao discernimento entre esses elementos e à compreensão da relação objetiva existente entre eles. Vale destacar que, com isso, não queremos dizer que nesse processo não ocorra um movimento interno, ao contrário, entendemos que ele está presente e se estabelece em todos os processos de escolha.

Em outra situação, quando os estímulos não possuíam nenhuma relação exterior entre si, cabia à criança criá-la. Percebemos que frente a esta situação, também há o processamento de um movimento interno. Enquanto na primeira situação à escolha prevalecia o uso da atenção, na segunda, evidenciava-se a da memória, visto que tais elementos estão presentes em todos os processos decisórios; no entanto, em determinados casos a atenção apresenta-se como figura, enquanto que a memória configura-se como fundo e em outros o processo é reverso.

¹⁰ Para maiores explicações acerca do processo do desenvolvimento da linguagem, consultar o Cap. I, 2.2 *A efetiva constituição do homem: intrínseca relação entre pensamento e linguagem*, desta pesquisa.

Em seus experimentos Vigotski (1995) identificou, também, uma terceira possibilidade de escolha, que seria a escolha livre, ou seja, não determinada externamente, não podendo ser realizada somente com o uso da atenção ou da memória. A fim de investigar esta última classe de escolhas, Vigotski (1995) propôs um experimento no qual a criança deveria escolher entre duas séries de ações, compostas por situações agradáveis e desagradáveis. O aumento do número de ações entre as quais a criança deveria escolher, complicava quantitativamente a tarefa, causando o desafio entre diversos motivos, retardando assim, sua escolha.

Nesse experimento, diante do impasse, a criança é orientada a utilizar, como recurso para a escolha, a sorte. Apresenta-se, então, um dado para auxiliá-la. Vigotski (1995) observou que a criança recorria à sorte quando o tempo para a escolha era restringido, de forma que não havia período suficiente para a reflexão e explicação dos motivos da escolha. Este padrão de escolha também era utilizado quando se limitavam as possibilidades de consulta. Além disso, essa mesma criança recorria à sorte quando a motivação para a escolha não se diferenciava, seja porque as séries entre as quais devia escolher atraíam-na fortemente ou ao contrário, quando ambas não se configuravam como interessantes. Desses experimentos, Vigotski (1995) relata:

“hemos comprobado que la complejidad de los motivos, la dificultad de la elección y, sobre todo, la existencia de momentos emocionalmente muy atrayentes o repelentes contribuyen a que el niño utilice con mayor frecuencia la suerte, lo mismo ocurre cuando en ambas series los motivos están muy diversificados y resulta difícil compararlos entre sí, cuando su apreciación emocional parece estar situada en distintos planos, es decir, cuando los motivos se dirigen a distintas instancias de la personalidad del niño, la elección natural se retiene y el niño confiere gustoso su decisión a los dados.” (Vigotski, 1995, p. 287).

As escolhas baseadas na sorte, observadas por Vigotski (1995), assemelham-se à anedota do asno de Buridan¹¹, pois demonstra que a vontade humana é determinada por diversos motivos, entretanto, quando estes são equivalentes, a escolha se faz impossível, paralisando o sujeito. *“El cambio cualitativo se manifestaba en que el motivo de una significación se convierte en polisignificativo, provocando una actitud compleja respecto a la*

¹¹Atribui-se, erroneamente, ao filósofo religioso francês Jean Buridan (1300 - 1358) a anedota que ficou conhecida como: O asno de Buridan. Podemos encontrar na obra “De Caelo”, de Aristóteles, conteúdo semelhante. A anedota pode ser descrita da seguinte forma: Um asno atormentado com igual intensidade pela fome e pela sede, se encontrava a igual distância de um balde com água e de outro com ração de feno. Conclui-se que pela pressão das necessidades, permanecerá indeciso e morrerá de fome e de sede.

serie concreta de las acciones.” (Vigotski, 1995, p. 286) Sobre esta anedota Spinoza (*apud* Vigotski, 1995) deduz que a vontade não é livre, mas depende dos motivos externos. “*La anécdota encierra una idea profunda y certera: la ilusión del libre albedrío se pierde tan pronto como pretendemos analizar el determinismo de la voluntad, su dependencia de los motivos.*” (Vigotski, 1995, p. 287)

Ao optar pela escolha pautada na sorte, a criança do experimento de Vigotski combina consigo mesma que, se o dado cair em determinado número escolherá uma série, se, entretanto, cair em outro número, escolherá a outra série. Fazendo isso, a criança atribui aos estímulos neutros (os números do dado) a força dos motivos, introduzindo, na situação de escolha, motivos auxiliares (dado). Trata-se, portanto, de uma “*elección determinada al máximo, la menos libre de todas*” (Vigotski, 1995, p. 289), visto que a criança escolhe, não pelo desejo de acabar com a tarefa, nem tampouco pela sua preferência, mas, contraditoriamente; por outro lado, trata-se de um “*acto completamente voluntario em grado máximo*” (Vigotski, 1995, p. 289), pois foi a própria criança, ao estabelecer consigo mesma o critério de escolha, quem lhe atribuiu o motivo.

Desse experimento podemos apreender que o livre arbítrio não consiste em estar livre dos motivos, mas relaciona-se à tomada de consciência da necessidade da escolha, da necessidade gnoseológica. Deste modo a criança, “*domina su reacción electiva pero no en el sentido de que anula las leyes que la rigen (...), es decir, supeditándose a sus leyes.*” (Vigotski, 1995, p. 289)

Vigotski (1995), fundamentado nos experimentos de K. Lewin (*apud* Vigotski, 1995), afirma que “*la conducta de un hombre que carece de intención determinada está a merced de la situación.*” (p. 291) Sendo assim, da intencionalidade surge a criação de uma ação para atender uma exigência do meio circundante. O homem, não tendo poder sobre sua própria conduta, coloca o meio circundante a serviço de suas intenções/objetivos, subordinando-o assim, ao seu poder.

A luta entre os motivos não ocorre para que o indivíduo obtenha um mecanismo executor, os motivos são, ao contrário, produzidos muito antes que se produza a estratégia de atuação, uma vez que “*creamos únicamente condiciones artificiales para que la acción se cumpla; por eso la voluntad nunca es un proceso directo, inmediato.*” (Vigotski, 1995, p. 299) Nesse processo, geralmente a consciência pouco participa, pois após combinar consigo mesmo os meios auxiliares a serem utilizados, a ação do indivíduo se produz automaticamente. Entretanto, assim que a necessidade se dissipa, dissipa-se também o automatismo da ação planejada por meio dos motivos auxiliares.

Vigotski (1995), citando Engels, esclarece

“la libertad no consiste en una independencia imaginaria respecto a las leyes de la naturaleza, sino en el conocimiento de esas leyes y en la posibilidad, basada en tal conocimiento, y obligar sistemáticamente a que esas leyes de naturaleza, actúen para determinados fines (...) el libre albedrío, por lo tanto, no significa más que la capacidad de tomar decisiones con conocimiento del asunto.” (p. 300)

Para Spinoza (*apud* Sánchez Vázquez, 2003) ser livre é elevar-se da sujeição inconsciente, cega, própria do escravo, à sujeição consciente. Marx e Engels (*apud* Sánchez Vázquez, 2003) expõem não se tratar de somente transformar a escravidão voluntária em escravidão consciente, ou seja, apenas a conscientização de tais condições não modifica a condição de dominação.

“O homem liberta-se no plano do conhecimento, mas continua escravo na sua relação efetiva, prática, com a natureza e a sociedade, mas a liberdade (...) não é apenas assunto teórico, mas prático, real. Exige não só conhecimento da necessidade natural e social, mas também a ação transformadora, prática (...) do mundo natural social.” (Sánchez Vázquez, 2003, p. 128)

Hegel (*apud* Sánchez Vázquez, 2003) compartilha com Spinoza a premissa de que a liberdade é a necessidade compreendida, no entanto, acrescenta a ela o elemento da historicidade. Dessa forma, o conhecimento da necessidade é proporcional ao desenvolvimento que se manifesta na história humana, é a consciência histórica da necessidade. Heller (1991), ao falar de liberdade, levanta alguns aspectos que auxiliam na compreensão de como a liberdade é constituída pelas condições históricas, sociais e ideológicas:

“Si verdaderamente queremos decir algo sobre este problema, no debemos hablar de la libertad, sino de las libertades. Es decir, debemos concretar qué es la libertad en las esferas heterogéneas entre sí y en las relaciones heterogéneas de la realidad social, y qué relaciones se establecen entre esas distintas libertades.” (p. 211)

Desse modo, Heller (1991) observa que ao longo da história as classes dominantes aspiravam mais e possuíam melhores condições para a realização da sua liberdade, se comparadas às demais classes sociais. Da mesma forma, podemos afirmar que a liberdade é

fruto do desenvolvimento histórico, pois *“los primeros hombres surgidos del mundo animal no tenían esencialmente una libertad diferente a la de los propios animales; pero cada paso dado por el camino de la cultura era un paso hacia la libertad.”* (Vigotski,1995, p.300)

As mudanças, em qualquer nível, mas especialmente, na transição humana da condição da particularidade para a individualidade, não são decorrentes apenas do pensamento sobre essa possibilidade de transformação. Sánchez Vázquez (2003), fundamentado em Marx e Engels expõe:

“A liberdade não é apenas assunto teórico, porque o conhecimento, por si só, não impede que o homem esteja sujeito passivamente à necessidade natural e social. A liberdade acarreta um poder, um domínio do homem sobre a natureza e por sua vez, sobre a própria natureza. Esta dupla afirmação do homem (...) traz consigo uma transformação do mundo sobre a base de sua interpretação.” (p. 129)

Diante do exposto, entendemos que a liberdade carrega em seu cerne, não apenas a necessidade do conhecimento das determinações constitutivas do homem e de suas ações, mas fundamentalmente, associado ao conhecimento, a necessidade de atuação sobre tais determinantes. Frente a essa perspectiva de liberdade, o homem só pode ser considerado como um ser ativo, social e histórico (Bock, 1999), visto que forma e é dialeticamente formado, assim como, transforma e é dialeticamente transformado pelo processo sócio-histórico em que está inserido.

4. Desenvolvimento do Humano

Nesta seção apresentaremos as principais categorias utilizadas para a compreensão do fenômeno psicológico, isto é, *“a atividade do homem de registrar a experiência e a relação que mantém com o ambiente sociocultural.”* (Aguiar, 2007 a, p. 96)

Apresentaremos a seguir as categorias teóricas, pois estas

“(...) devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno em sua totalidade. São construções ideais (no plano das idéias) (sic) que representam a realidade concreta e como tais, carregam o movimento do fenômeno estudado, suas contradições e sua historicidade.” (Aguiar, 2007 a , p. 95)

Sendo assim, discutiremos, à luz de Vigotski e outros autores contemporâneos que deram continuidade ao desenvolvimento de sua teoria, as categorias: atividade, mediação, pensamento e linguagem, subjetividade, sentidos e significados e, ainda, necessidades e motivos.

4.1 Atividade e Mediação

*“(...) Entre duas notas de música existe uma nota,
entre dois fatos existe um fato,
entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam
existe um intervalo de espaço,
existe um sentir que é entre o sentir
- nos interstícios da matéria primordial
está a linha de mistério e fogo
que é a respiração do mundo,
e a respiração contínua do mundo (...)”*

Clarice Lispector

Não pretendemos estendermo-nos na discussão sobre a categoria atividade, mas consideramos importante apresentá-la para a compreensão do processo de constituição do pensamento e da linguagem, fundamentais para o entendimento do humano.

A cultura e o social, como um todo, assim como o desenvolvimento das funções psicológicas, surgem por meio da atividade humana. O homem humaniza-se por meio da atividade significada, libertando-se do despotismo da hereditariedade, desenvolvendo a consciência, o pensamento e a linguagem. (Leontiev, 1978) O homem, ao transformar a natureza externa, por meio da atividade e dos instrumentos, transforma-se a si mesmo, criando a possibilidade da transformação da atividade interna, das formas primárias das funções psicológicas.

As funções psicológicas aparecem, primeiramente, no plano social e, posteriormente, no plano psicológico. Contudo, esse processo não é linear, pois

“(...) se forma em uma relação dialética com a realidade social, sem que, no entanto sua constituição no plano individual se dê como mera transposição plano social/plano individual, mas como resultado de um processo de configuração, em que indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica. Logo, o plano individual não constitui uma mera transposição do social; o movimento de apropriação envolve a

atividade do sujeito, contém a possibilidade do novo, da criação.”
(Aguiar, 2007 a, p.98)

A Psicologia Sócio-Histórica busca, em última instância, desvelar as mediações constitutivas do sujeito. Dessa forma, nos valemos da categoria mediação para ampliar nossa compreensão acerca da constituição do nosso sujeito. O uso dessa categoria implica a não dicotomização entre interno-externo e subjetivo-objetivo, possibilitando, assim, a compreensão das determinações não lineares e imediatas.

“O conceito de mediação indica que nada é isolado. Implica, então, o afastamento de posições irreduzíveis e sem síntese superadora. Por outro lado, implica uma conexão dialética de tudo o que existe, uma busca de aspecto afins, manifestos no processo em curso. A distinção existente entre esses aspectos oculta uma relação mais profunda que é a fundamentação nas condições gerais da realidade.” (Cury, 1985, p.43)

A mediação possibilita uma relação entre duas instâncias distintas que, a princípio, parece direta e imediata, no entanto, não é. Ao tomarmos, como exemplo a análise da constituição dos sentidos, aquilo que parece imediato, na verdade, é fruto das mediações sociais, econômicas, culturais etc., e a apreensão dessas mediações constitutivas do sujeito possibilita-nos sair da aparência, do imediato e compreender o processo, o não dito, o sentido. (Aguiar e Ozella, 2006)

Disso podemos concluir que o desenvolvimento humano não é natural, dependente apenas da maturação biológica. Vigotski não nega a existência fisiológica do psiquismo, no entanto, para ele a condição biológica é somente o substrato de um longo e processual desenvolvimento, no qual as estruturas estão em constante movimento de constituição e reconstituição, *“algo entre o cristal e a fumaça, entre a fixidez de um e a fluidez da outra. Algo que nos faz pensar na criação ininterrupta do velho no novo, do significado dado na flutuação do sentido.”* (Pino, 2002, p. 49)

4.2 A efetiva constituição do homem: intrínseca relação entre pensamento e linguagem

“É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que

tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.”

Clarice Lispector

Outras categorias fundamentais para a compreensão da constituição do homem como tal são: pensamento e linguagem. Na atividade com outros homens surge a necessidade da comunicação, instrumento fundamental no processo de constituição do homem, pois “*os signos, entendidos como instrumentos convencionais de natureza social, são os meios de contato do indivíduo com o mundo exterior e também consigo mesmo e com sua própria consciência.*” (Aguiar, 2007 a, p.100) Por isso, podemos afirmar com Vigotski (2001) que “*no princípio esteve a ação. A palavra constitui antes o fim que o princípio do desenvolvimento. A palavra é o fim que coroa a ação.*” (, p. 485) Disso podemos concluir que a linguagem é o instrumento simbólico primordial no processo de desenvolvimento das relações sociais, por meio da qual o homem se individualiza, se humaniza e objetiva seu mundo interno. (Aguiar, 2007 a)

Sendo a linguagem instrumento fundante da constituição humana, se faz fundamental a compreensão de seu processo de desenvolvimento. Pensamento e linguagem são processos com origens distintas, entretanto, estabelecem entre si uma relação de mediação íntima e indissociável, de modo que é impossível um desvencilhar-se do outro, já que, não é possível pensar sem linguagem, da mesma forma que não dá para usar palavras com significado sem pensar sobre elas. Por isso, dizemos que na relação pensamento e linguagem um não é possível sem o outro.

Essa forma de conceber o pensamento e a linguagem é inédita e substitui a análise do método de decomposição dos componentes desse processo. Vigotski (2001), em seus estudos sobre o pensamento e a palavra, inova ao propor uma análise desses processos que busca uma unidade, ou seja, a menor parte que contenha as propriedades inerentes à totalidade.

Na relação pensamento e linguagem, a unidade de análise é o significado da palavra. Nesse sentido, o significado da palavra é a unidade irreduzível dos processos de pensamento e linguagem, de forma que é, ao mesmo tempo, um fenômeno do discurso e um fenômeno do pensamento, ou “*um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente.*” (Vigotski, 2001, p. 398) Assim, o significado da palavra será fenômeno do pensamento se este for expresso por ela, do mesmo modo, será fenômeno do discurso se não for um som vazio, desprovido de significado.

O significado da palavra contém uma generalização que possibilita a comunicação. Têm fronteiras compartilhadas (plano do significado), mas também aspectos originais e particulares (sentidos). É, portanto, *“a generalização nela [palavra com significado] contida como modo absolutamente original de representação da realidade na consciência.”* (Vigotski, 2001, p. 407)

Ao conceber o significado da palavra como unidade do pensamento e da linguagem, Vigotski (2001) avança em relação às teorias anteriores, introduzindo o caráter dinâmico na compreensão dos significados das palavras.

“(...) no processo do desenvolvimento histórico da língua, modificam-se a estrutura semântica dos significados das palavras e a natureza psicológica desses significados (...) no curso do desenvolvimento histórico da palavra modificam-se tanto o conteúdo concreto da palavra quanto o próprio caráter de representação e da generalização da realidade na palavra.” (p. 400-401)

A fim de compreender a mutabilidade e a dinâmica das relações entre o pensamento e a palavra, Vigotski (2001) reconstitui o processo do pensamento verbal. Dessa forma, aponta que a relação entre pensamento e linguagem é um processo composto por etapas que se desenvolvem. A este respeito diz: *“a relação entre o pensamento e a palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo, é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento.”* (p. 409)

Nesse processo de desenvolvimento funcional o pensamento procura unificar algo, seguindo uma série de etapas, caminhando para a palavra e desta para o pensamento. A reconstituição de tais etapas revela que o aspecto semântico interior da linguagem e o aspecto físico exterior, embora formem uma unidade, possuem leis próprias e distintas de desenvolvimento.

Logo, o aspecto externo da linguagem se desenvolve das partes para o todo, ou seja, a criança inicia-se na linguagem aglutinando duas ou mais palavras, depois forma uma frase simples e da concatenação dessas frases resulta uma linguagem complexa e ordenada em uma série de orações. Em contrapartida, no desenvolvimento do aspecto semântico da linguagem, a criança faz o movimento inverso, parte do todo (oração) para as partes (significados das palavras). Nesse processo o pensamento é permeado de lacunas e expresso em orações dessa natureza. *“Desde o início o pensamento e a palavra não se estruturam, absolutamente, pelo mesmo modelo. Em certo sentido, pode-se dizer que entre eles existe uma contradição que uma concordância.”* (Vigotski, 2001, p. 412)

O desenvolvimento da linguagem ocorre, de acordo com o autor, em três estágios: linguagem externa (linguagem para os outros), fala egocêntrica (série de estágios que antecedem a linguagem interior) e linguagem interior (linguagem para si). Aparentemente, este parece tratar-se de um processo simples, contudo, a simplicidade permanece somente na aparência.

A linguagem interior não só precede a exterior, temporalmente, mas é diametralmente oposta a ela, pois seu percurso “*caminha de fora para dentro, um processo de evaporação da linguagem em pensamento. Mas o discurso não desaparece de maneira alguma em sua forma interior.*” (Vigotski, 2001, p. 425) Por isso, a linguagem interior é um objeto de difícil apreensão.

Sobre essa questão, Vigotski (2001) observa que por meio da linguagem egocêntrica é possível investigar a linguagem interior, visto que a primeira é formada por primitivas linguagens interiores, porém dotadas de sons, sendo, portanto, uma linguagem exterior em sua expressão e, concomitantemente, uma linguagem interior pela sua função e estrutura. Desse modo, a linguagem egocêntrica é uma das expressões da transição ascendente das funções interpsicológicas para as intrapsicológicas, ou seja, do social para o individual. Nesse sentido, o declínio das expressões sonoras da fala egocêntrica deve ser entendido como um aumento da capacidade crescente da criança para pensar e imaginar as palavras, em detrimento de proferi-las. “*(...) se o pensamento se materializa em palavra na linguagem exterior, a palavra morre na linguagem interior, gerando o pensamento.*” (Vigotski, 2001, p. 474)

Essa concepção da linguagem egocêntrica é oposta à proposta por Piaget, que pode ser explicitada com o pensamento de List (*apud* Vigotski, 2001) ao referir-se aos meninos prodígios: “*seu futuro está no passado. Essa linguagem não tem futuro. Não surge nem se desenvolve com a criança, mas se atrofia e se extingue, sendo antes um processo involutivo por natureza que evolutivo.*” (p.429)

Assim sendo, ao diferenciar o processo estrutural de desenvolvimento da linguagem interior do processo da linguagem exterior, Vigotski salienta que ambas utilizam signos e possuem elementos afetivos. “*O pensamento não é só externamente mediado por signos como internamente mediado por significados.*” (Vigotski, 2001, p.479) Destacando o componente afetivo Vigotski (2001) diz que:

“O próprio pensamento não nasce de outro pensamento, mas do campo da nossa consciência que o motiva, que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos

afetos e emoções. Por trás do pensamento existe uma tendência afetivo-volitiva.” (p.479)

Disso decorre que, muitas vezes, o pensamento termina em fracasso, ou seja, não se converte em palavras. Para expressar essa situação muitos usam a expressão ‘está na ponta da língua’, mas o pensamento não se materializa em palavra, por isso, o “*pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza.*” (Vigotski, 2001, p. 409)

O pensamento sempre supera a extensão e o volume de uma palavra, nesse sentido, Vigotski (2001) o compara a uma nuvem que descarrega uma chuva de palavras, isto porque o pensamento não coincide com estas, pois uma única palavra pode significar inúmeros e diversos pensamentos. A transição do pensamento para a palavra é necessariamente mediada pelo significado. “*Como a passagem direta do pensamento para a palavra é impossível e sempre requer a abertura de um complexo caminho, surgem queixas contra a imperfeição da palavra e lamentos pela inexpressibilidade do pensamento.*” (Vigotski, 2001, p.478)

Dando continuidade à obra de Vigotski, González Rey dedicou-se ao estudo do humano, especialmente sobre os sentidos, trazendo inúmeras contribuições que ampliam a compreensão que podemos ter, por meio do alargamento e aprofundamento de seus postulados. Sendo assim, atualmente utilizamos a expressão subjetividade em substituição à linguagem interior, sendo aquela mais abrangente que esta, pois “*trata-se de um macroconceito que integra os complexos processos [simbólicos e emocionais] e formas de organização psíquicos envolvidos na produção de sentidos subjetivos.*” (González Rey, 2004, p. 137) É, portanto, a dimensão subjetiva que possibilita a expressão única e singular do sujeito no processo de objetivação e subjetivação da realidade, é a mediadora entre o indivíduo e o mundo. Nesta dimensão ocorre a conversão do natural para o cultural, e, por conseguinte, do social para o pessoal.

Os pressupostos explicitados anteriormente auxiliam na compreensão da constituição do humano. Visando ampliar nossas reflexões acerca dessa constituição, nos deteremos, a seguir, na reflexão sobre as categorias sentido e significado, que estão, por sua vez, diretamente relacionadas às categorias pensamento e linguagem.

4.3 Sentidos e Significados: unidade contraditória do simbólico e do emocional

Dialética

*É claro que a vida é boa
E a alegria, a única indizível emoção
É claro que te acho linda
Em ti bendigo o amor das coisas simples
É claro que te amo
E tenho tudo para ser feliz
Mas acontece que eu sou triste...*

Vinicius de Moraes

As categorias sentido e significado são interdependentes, de forma que uma não existe sem a outra, apresentando, contudo, singularidades que impedem que uma dilua-se na outra. Trata-se de uma unidade contraditória do simbólico e do emocional. Sendo assim, os significados são produtos da história que permitem a comunicação, pois se referem aos conteúdos instituídos, “dicionarizados” e dotados de estabilidade. No entanto, apesar de ser a zona mais estável da palavra, não estão isentos de transformação, visto que se desenvolvem de acordo com o movimento histórico, acarretando, conseqüentemente, uma modificação em sua relação com o processo de pensamento. (Aguiar e Ozella, 2006)

Se, por um lado, os significados constituem a zona mais estável da palavra, por outro, contém muito mais do que aparentam, sendo apenas o ponto de partida no percurso rumo às zonas de sentido, mais instáveis, fluídas e reveladoras da subjetividade humana. “*O significado é apenas uma pedra no edifício do sentido.*” (Vigotski, 2001, p. 465)

Os sentidos, formações passíveis de transformação, fluidas, inesgotáveis e menos dependentes das palavras que os significados, destacam, fundamentalmente, a configuração dos eventos psicológicos, a revelação do novo, ou seja, a singularidade construída historicamente, já que são mediados socialmente sem, no entanto, constituírem-se fotocópias da realidade, pois estão associados às necessidades de quem os produz. Destaca-se que:

“el sujeto es activo en el proceso de desarrollo de sus propios sentidos subjetivos, no solo por su acción intencional, sino por su responsabilidad en la elección de su comportamiento concreto en su vida cotidiana, o sea, por la forma en que define su expresión en sus espacios de autonomía relativa.” (González Rey, 1997, p.110)

“(...) a organização dos sentidos subjetivos produzidos através de uma rota social que chega a ser singular e que se transforma em uma fonte de constituição do sujeito através dos próprios sentidos subjetivos que vão se produzindo ao longo desse processo. Processo que, em cada um

de seus momentos, contém de forma inseparável “peças de sentido” dessa história. E essas peças, nesse momento concreto, não são sociais, e sim subjetivas, constituídas em um sujeito concreto.” (González Rey, 2004, p.129).

As “peças de sentido” referem-se ao fato de que um sentido não é alheio aos outros, sendo que estes são produzidos de forma simultânea, partindo das diversas esferas da vida do sujeito, de modo que um sentido não pode ser compreendido fora da sua relação com os outros. Logo, *“o sentido subjetivo é a integração de uma emocionalidade de origens diversas que se integra a formas simbólicas na delimitação de um espaço da experiência do sujeito.”* (González Rey, 2004, p.127)

Dado o caráter singular dos sentidos, sua configuração tem uma história única, relacionada à vivência subjetiva e peculiar de cada sujeito em particular, conseqüentemente, não encontramos sentidos universais, mesmo que as condições objetivas sejam compartilhadas por vários indivíduos.

“Hemos usado el término configuración para definir las unidades constitutivas de la personalidad, por ser un concepto que no se compromete con la naturaleza fija e inmutable de ningún proceso de la experiencia humana. Todo contenido de la experiencia aparece subjetivado a través de configuraciones, dentro de las cuales adquiere sentido subjetivo por su integración con otros estados dinámicos. Esta integración no es una suma aditiva de los elementos que integran la configuración, sino un nuevo momento cualitativo, que se define de forma diferenciada por su funcionamiento y por su sentido subjetivo, dentro de los estados dinámicos comprometidos con su aparición.” (González Rey, 1999, p.44)

Ainda sobre os sentidos e significados, é válido ressaltar a importância da categoria subjetividade. Subjetividade é tomada aqui para além do que possa parecer à primeira vista, ou seja, como algo relacionado ao “interior” ou “psicológico”¹² do indivíduo. Compreendendo-na como categoria que auxilia a compreensão do complexo¹³ fenômeno psicológico, González Rey (1999) afirma:

12 Conferimos o significado à palavra “psicológico” assim como o explicitado por Martínez (2005) *“a utilização da categoria subjetividade no senso comum, [como] (...) sinônimo de psicológico (...) faz com que se perca (...) seu valor heurístico para a compreensão das formas qualitativamente diferentes em que o psicológico aparece no homem, diferentemente de outras espécies do mundo animal.”* (p. 15)

13 *“(...) complexidade constitui um modo de compreender a realidade no qual é reconhecido o caráter desordenado, contraditório, plural, recursivo, singular, invisível e histórico que a caracteriza.”* (Martínez, 2005, p. 4)

“La subjetividad representa un complejo sistema de significaciones y sentidos subjetivos producidos en la vida cultural humana, y ella se define ontológicamente como diferente de aquellos elementos sociales, biológicos, ecológicos, y de cualquier otro tipo, relacionados entre sí de una forma u otra en el complejo proceso de su desarrollo.” (p. 42)

A categoria subjetividade tem um caráter ontológico. Trata-se de uma forma qualitativa de existência do real, no que se refere às suas características, processos e organização (González Rey, 1997), sendo estes, por sua vez, irredutíveis a outros níveis do real como o biológico e o social. Embora o biológico e o social sejam condições para a subjetividade, esta se diferencia de tais processos, de forma que a compreensão daqueles não possibilita a compreensão desta. (Martinez, 2005)

Os processos de configurações da subjetividade se interpenetram e estão em constante desenvolvimento, estando estreitamente relacionados à sociedade em que está inserido o sujeito produtor de tal subjetividade. No entanto, a relação entre subjetividade e meio social não se assemelha à relação de reflexo especular, do social para o individual, sendo que

“la constitución de la subjetividad individual es un proceso singular, que se define no desde afuera en la compleja unidad dialéctica entre el sujeto y su medio actual, definida en término de sus acciones, a través de las cuales su historia personal y la del medio en que se desarrolla confluyen en una nueva unidad, susceptible de constituirse a nivel subjetivo en la misma medida en que este medio es construido por el sujeto en términos no isomórficos con su constitución subjetiva.” (González Rey, 1997, p. 108)

Vista sob este prisma, a categoria subjetividade rompe com a tendência de dicotomização individual-social, interno-externo, subjetivo-objetivo.

Sendo nosso objetivo último a compreensão da constituição dos sentidos atribuídos ao longo das experiências vivenciadas pelos adolescentes pesquisados, e dessa forma, aproximarmo-nos das suas zonas de sentido, visto que este é o plano mais próximo da dimensão subjetiva e que com mais exatidão expressa o sujeito (Aguiar e Ozella, 2006), necessitamos desvelar os motivos e necessidades que se configuraram e orientaram a trajetória do sujeito.

Necessidades e motivos são, portanto, categorias que explicitam o movimento do sujeito na constituição dos sentidos e, assim, da sua dimensão subjetiva. Necessidade diz respeito à vivência não intencional do sujeito, repleta de tensão, instabilidade e desejo, está vinculada dialeticamente à realidade concreta em que o indivíduo está inserido, pois ao mesmo tempo

em que esta a constitui, também cria formas de satisfazê-la. Aguiar e Ozella (2006) definem necessidade como

“um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação, dependendo das suas condições de existência; (...) se constituem e se revelam a partir de um processo de configuração das relações sociais, processo este que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo (...) a constituição das necessidades se dá de forma não intencional, tendo nas emoções um componente fundamental.” (p. 228)

O estado de tensão mobiliza o sujeito a buscar meios para satisfazê-lo, porém tal estado ainda não direciona uma ação, este direcionamento só ocorrerá quando a necessidade configurar-se em motivos. Desse modo, os motivos são aspectos do mundo material que, por sua vez, são configurados pelo sujeito como tal, ou seja, como possibilidade de satisfação de suas necessidades. Nesse processo de significação e configuração de motivos, a relação indivíduo/sociedade é dinâmica e permite a realização de *“uma atividade que vá em direção da satisfação de suas necessidades, esse movimento, com certeza modifica o sujeito, criando novas necessidades e novas formas de atividade.”* (Aguiar e Ozella, 2006, p. 228)

Desvelar a gênese desse processo possibilita apreender a constituição dos sentidos, que não quer dizer chegar a uma resposta única e completa, mas, na maioria das vezes, a respostas contraditórias e parciais, que apresentam indicadores das formas de ser do sujeito e dos processos vividos por ele. (Aguiar e Ozella, 2006)

Capítulo II: Compreendendo o objeto de estudo

1. A adolescência a partir de outro ponto de vista

Pivete

*“No sinal fechado
Ele vende chiclete
Capricha na flanela
E se chama Pelé
Pinta na janela
Batalha algum trocado
Aponta um canivete
E até
Dobra a Carioca, olerê
Desce a Frei Caneca, olará
Se manda pra Tijuca
Sobe o Borel
Meio se maloca
Agita numa boca
Descola uma mutuca
E um papel
Sonha aquela mina, olerê
Prancha, parafina, olará
Dorme gente fina
Acorda pinel (...)”*

Chico Buarque de Holanda

Ozella (2002), ao estudar o mapeamento histórico das concepções de infância e adolescência, sob a perspectiva da Teologia, Filosofia, Psicologia e das Ciências Sociais realizado por Santos (1996), identifica que a noção da adolescência surge com Rosseau, marcada por uma visão naturalizada, já que é vista como um estado e não como uma condição social.

No mapeamento histórico de Santos (1996), Freud e Piaget são citados como autores que, apesar de mencionarem a inter-relação entre biológico e cultural em suas formulações, enfatizam, sobremaneira, o aspecto interno como motor do desenvolvimento humano, deixando o contexto social e cultural em segundo plano e, portanto, tendendo a considerar suas proposições como universais. Bock (1999) considera que a universalidade “*traz implícita a idéia (sic) de uma evolução natural do ser humano, linear, independente das condições concretas de sua existência.*” (p. 64)

Corroborando esses dados, no século XX Stanley Hall (*apud* Ozella, 2002), o primeiro psicólogo a estudar a Psicologia da adolescência, afirma que esse fenômeno é compreendido

de forma estereotipada e estigmatizada, como uma fase cheia de sofrimentos e perturbações decorrentes da sexualidade. Tal concepção foi amplamente reforçada pelos preceitos psicanalíticos, que caracterizam essa etapa como repleta de confusões, estresses e lutos causados pelos impulsos sexuais. Erickson (1976), um dos expoentes da teoria psicanalítica, institucionalizou a adolescência como um período de moratória, identificando-a como um período de confusão de papéis e dificuldades com a identidade.

De tais concepções decorre a compreensão naturalizante e universalista de adolescência, que foi incorporada pela Psicologia e pela cultura ocidental. Tal noção está fundamentada em outra, que compreende o homem constituído de uma natureza humana, cujas potencialidades se realizarão, desde que as condições adequadas sejam oferecidas, independentemente da realidade social em que está situado.

“(...) é uma idéia (sic) de homem como autônomo, como uma entidade, dotado de uma essência que o caracteriza como homem. A realidade social passa a ser pensada como o local onde essa essência se desenvolve, atualiza-se, desabrocha-se e realiza-se. Toda a determinação social do homem fica oculta sob essas idéias (sic) e conceitos, que se tornam representações ilusórias; parte da realidade; determinante do objeto fica camuflada e escondida sob o conceito. Faz-se, assim, ideologia.” (Bock, 1999, p. 27)

Podemos observar essa concepção naturalizante e universalista em Debesse (1946) que atribui à adolescência mentalidade própria, com um psiquismo característico dessa fase. Para ele é

“um erro pensar que a juventude muda conforme as épocas... acreditar que ela se identifica com sucessivos vestuários de empréstimo e que cada geração tem sua juventude é uma ilusão de moralista amador e apressado (...) por detrás do aspecto da juventude existe a juventude eterna, notavelmente idêntica a si própria no decurso dos séculos.” (pp. 15-16)

Também é possível identificar essa posição naturalizante e universalista em Aberastury (1980) e Aberastury e Knobel (1981). Aberastury afirma que a adolescência é um momento de contradições, de confusões e sofrimento e constitui-se como o mais difícil de toda a vida do homem. Aberastury e Knobel inauguram a “síndrome normal da adolescência”, pois acreditam que a adolescência seja um período de desequilíbrio e de instabilidades extremas,

marcado pela rebeldia, tendência grupal, crises religiosas e de identidade. Peres e Rosenberg (1998) ressaltam nessa concepção de adolescência entendida como momento de crise que ela

“permite dar a idéia (sic) de um desarranjo, pois a ‘harmonia’ é pressuposta como sendo de direito (...) A crise serve assim, para opor uma ordem ideal a uma desordem real, na qual a norma ou a lei é contrariada pelo acontecimento (...) Na concepção de adolescência essa leitura faz sentido, na medida em que, dentro da evolução referida, a crise é apresentada como um desvio ou perigo do curso natural do desenvolvimento, que deve ser cuidado para a retomada da ordem natural (social).” (p.172)

Podemos observar o caráter naturalizante e universalizante da adolescência mesmo em autores que dizem considerar os aspectos sociais e econômicos. Osório (1992) afirma que

“(...) mesmo em condições de vida extremamente diversas, desde que assegurada a satisfação das necessidades básicas de alimentação e agasalho, podemos encontrar a sequência dos eventos psicodinâmicos que configuram o processo adolescente e a crise de identidade que o caracteriza.” (p. 21)

Ozella (2002) utiliza as reflexões de Santos (1996) para discutir as implicações das concepções modernas de infância e adolescência na atualidade. Aquele autor identificou em seus estudos uma tendência em utilizar conceitos e concepções do passado nas proposições atuais. Outra tendência das concepções é a utilização do adulto como ponto de referência.

As análises realizadas pelos autores Ariés (1978) e Snyders (1984) nos permitem afirmar que a adolescência é um conceito construído ao longo da história, não se constituindo como um fenômeno universal, natural e eterno, mas como um fenômeno que sofre variações no tempo e espaço, já que tem estreita relação com a sociedade que o concebe.

Sendo assim, a adolescência se manifestará de forma singular nos diferentes segmentos sociais. As sociedades de classes, embora nos deem a impressão de que o acesso aos bens culturais e sociais está disponível a todos, na verdade omitem que somente alguns os terão efetivamente, e isto acarretará formas diferentes e peculiares de viver a adolescência. Porém, não é dessa forma que a adolescência vem sendo compreendida ao longo da história da ciência.

As várias concepções de adolescência presentes na Psicologia, ora enfatizam os aspectos biológicos, ora os aspectos ambientais e sociais, apresentando, portanto, uma visão dicotomizada do fenômeno. Sendo assim, os aspectos sociais são vistos como abstratos,

tornando a influência do meio difusa e descaracterizada contextualmente. Bock (1999) caracteriza essa situação dentro de uma concepção liberal, ou seja, o homem é concebido a partir de uma natureza humana apriorística, cujo desenvolvimento é dado pela sua própria condição de homem.

Na tentativa de superar essa visão dicotômica e naturalizante da adolescência, fundamentada na ideologia liberal, que a compreende como fase natural do desenvolvimento, com características pré-determinadas, como rebeldia, desequilíbrios, instabilidades, lutos e crises, entre outras características que compõem a chamada síndrome normal da adolescência, a perspectiva sócio-histórica propõe olhá-la a partir de outro ponto de vista. Ou seja, compreender que esse período é criado historicamente e é constituído como significados na cultura e na linguagem presente nas relações sociais. Significados estes que serão referências para a constituição dos sujeitos. Dessa forma, *“quando definimos adolescência como isto ou aquilo, estamos constituindo significações (interpretando a realidade), a partir de realidades sociais e marcas que serão referências para a constituição dos sujeitos.”* (Ozella, 2002, p. 21)

Com isso, não queremos dizer que o subjetivo corresponde ao social. A subjetividade é constituída por configurações pessoais do social. *“Os elementos desse mundo psíquico vêm do mundo social (atividades do homem e linguagem), mas não são idênticos a ele.”* (Ozella, 2002, p. 22) As dimensões objetivas e subjetivas estão em constante movimento, assim sendo, o homem ao subjetivar a realidade e, posteriormente, ao objetivar sua subjetividade, por meio da sua ação no mundo, transforma o social em psicológico, transformando e deixando sua marca singular no meio social. Nesse processo de objetivação-subjetivação o homem não é passivo, ao contrário, ao apropriar-se do real, o faz mediado pela sua dimensão subjetiva, que, por sua vez, é constituída histórica e socialmente. Ao subjetivar a realidade, esta se configura, de modo que se funde com as demais experiências subjetivas, engendrando novos sentidos e possibilitando a criação constante do novo. Dessa forma,

“Assimilar as características da matéria implica a subjetivação. Conferir-lhe uma forma nova implica não só alterar a materialidade, mas sobretudo, imprimir nela uma idéia (sic) (projeto que preside e dirige o trabalho). Dessa maneira, o produto do trabalho torna-se a objetivação da idéia (sic) e da própria atividade do homem, constituindo assim a síntese da relação dialética homem-natureza.” (Pino, 2002, p. 37)

Para compreender qualquer fenômeno é preciso considerá-lo a partir de uma totalidade que o constitui e lhe dá sentido (Bock, 1999). Dessa forma, conceber a adolescência numa perspectiva sócio-histórica é compreender que o adolescente está imerso numa totalidade concreta que o constitui e é constituída por ele. A totalidade concreta diz respeito não só às relações de produção e à economia, mas também à ideologia, questões de gênero, valores culturais, contradições, enfim, aos elementos que não estão dados a olho nu e, por isso, exigem uma análise que ultrapasse o âmbito da aparência. Compreender esta totalidade concreta implica compreender a síntese das múltiplas determinações da realidade.

Além disso, é preciso conceber o indivíduo inserido na totalidade concreta como um ser histórico, ou seja, *“um ser constituído no seu movimento; constituído ao longo do tempo, pelas relações sociais, pelas condições sociais e culturais engendradas pela humanidade”* (Aguiar, Bock, Ozella, 2007, p.166), muitas vezes contraditórias.

Trata-se de um processo dialético, em que o homem constitui-se numa relação imbricada e inseparável da totalidade concreta que está continuamente se produzindo e se desenvolvendo. Pino (2002) descreve esse processo dialético como a ‘realidade para si’, o qual contempla a dimensão histórica da natureza, pois na ação sobre ela, o homem a transforma e a integra na sua própria história, estabelecendo, assim, um movimento constante de constituir e ser constituído por ela.

Essa transformação e integração da natureza à história individual têm sua gênese na atividade significada e só é possível por meio da utilização de instrumentos e de sistemas simbólicos, possibilitando aos homens *“transformar a natureza em cultura e transformar-se eles mesmos de seres naturais em seres culturais (ou humanos, é o mesmo).”* (Pino, 2002, p. 43)

2. A escola como espaço dialético e contraditório de dominação e transformação

Mãos dadas

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considere a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.*

*Não serei o cantor de uma mulher, de uma história.
Não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na
janela.
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida.
Não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
homens presentes, a vida presente.*

Carlos Drummond de Andrade

Diante do panorama geral da nossa atualidade, incita-nos pensar que papel a educação tem exercido, em nossos dias. Qual a sua função em tempos de crise? Que contribuições têm oferecido para superar o momento adverso em que vivemos? Quais são suas reais limitações e possibilidades? Sem a pretensão de responder tais questionamentos, atrevemo-nos a pensar sobre eles, a fim de que tais reflexões convertam-se em contribuições que auxiliem a compreensão da nossa temática de estudo. Consideramos ser de fundamental importância a compreensão dos questionamentos acima levantados, pois tratam, direta e indiretamente, do espaço escolar, *lócus* este no qual os sujeitos de nossa pesquisa encontram-se inseridos.

É válido lembrar que a educação é determinada pelo processo histórico da sociedade em que vivemos, e, portanto, na modernidade, está relacionada às problemáticas do individualismo, da violência e das condições sociais assimétricas. “*A educação é, então, uma atividade humana partícipe da totalidade da organização social.*” (Cury, 1985, p.13)

Considerando que a educação é uma dimensão estreitamente relacionada à sociedade na qual está inserida, é plausível afirmar que por meio dela é possível a superação ou a reprodução da mesma.

Althusser (s/d) enfatiza a função reprodutiva da educação. Com esta proposição, Althusser desmistifica a concepção de que a escola teria a capacidade de promover a ascensão social dos membros de uma sociedade, independentemente do lugar ocupado por eles na estrutura social. Para esse autor o capitalismo, visando garantir a reprodução dos meios de produção, usa a escola entre outros aparelhos ideológicos do Estado para assegurar a qualificação dos trabalhadores e, principalmente, a subordinação destes à ideologia dominante, reproduzindo assim, as relações de domínio e exploração, típicas das sociedades capitalistas. Nas palavras de Mészáros (2005)

“A educação institucionalizada, especialmente nos seus últimos 150 anos, serviu - no seu todo - ao propósito de não só fornecer os

conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta.” (p. 35)

Este caráter reprodutivo da educação foi também analisado por Bourdieu e Passeron (1975). Tais autores afirmam que a educação constitui-se como um eficiente instrumento de reprodução das relações sociais, por meio da imposição de significações e de valores considerados legítimos. Esse processo se efetiva por meio de forças simbólicas, tais como a comunicação cultural, a doutrinação política ou religiosa, a prática esportiva e a educação.

Apontam também essa visão reprodutivista da escola, Baudelot e Estabelet, (1977) acrescentando que a escola exerce maior influência, sobre os indivíduos, que os demais aparelhos ideológicos, pois é responsável pela formação da mão-de-obra e da sua divisão, entre trabalho manual e intelectual, inculcando assim, a ideologia burguesa, especialmente nas classes proletárias.

Rios (1993) e Cortella (2003) denominam de “pessimismo ingênuo” esta visão de escola como reprodutora da desigualdade social, na qual o educador seria, necessariamente, um agente da ideologia dominante, agindo para a perpetuação da ordem do “sistema”. Vista assim, tal concepção de escola “*não radicaliza a análise e sim a sectariza, ao obscurecer a existência de contradições no interior das instituições sociais, atribuindo-lhes um perfil exclusivamente conservador.*” (Cortella, 2003, p. 135)

Se, por um lado, a escola é capaz de reproduzir as relações de dominação por meio da ideologia e da desigualdade, por outro, ela também é capaz de exercer movimento de resistência aos conteúdos ideológicos, contribuindo para o surgimento de relações político-sociais mais justas, pois “*as instituições sociais, por não serem monolíticas, são permeáveis aos conflitos sociais e às mudanças contínuas do tecido político em confronto nas sociedades de classes.*” (Cortella, 2003, p. 135)

Ainda que a escola possa constituir-se como elemento transformador da realidade social, é sabido que não é a única mola propulsora da transformação da sociedade, pois para que esse movimento se concretize é necessário que outras instâncias sociais entrem em ação, como os setores econômicos, financeiros, políticos, organização da população civil etc. Haddad (*apud* Coraggio, 1998) ressalta que o investimento em educação somente contribui para reduzir a pobreza se estiver atrelado às políticas de redistribuição de renda.

Essa crença de que a educação seria a alavanca do desenvolvimento, Rios (1993) e Cortella (2003) denominaram de “otimismo ingênuo” Otimismo, por supervalorizar o poder da escola, atribuindo-lhe autonomia e capacidade absoluta (que ela não possui) para extirpar a pobreza e a miséria do cenário social. A ingenuidade está em conceber que a escola é politicamente desinteressada, não estando a serviço de nenhum grupo social específico, configurando-se, assim, como uma “inocência útil” (Cortella, 2003). Diante disso, avaliamos que a transformação social só se fará com o apoio da educação e esta só tornar-se-á propulsora da transformação social, à medida que também se transformar, integrando-se à mobilização e modificação de outros setores da sociedade.

Com isto queremos afirmar que a educação necessita assumir a produção, sistematização e divulgação de uma contraideologia¹⁴, ou seja, através da mediação dos conhecimentos historicamente acumulados, a educação tem a possibilidade de criticar a ideologia dominante, desvelando as contraditórias relações de poder e favorecendo a conscientização dos educandos. Não obstante, isso só será possível com a conscientização dos educadores, do aspecto político da sua tarefa educacional (Severino, 2001), visto que, toda prática educacional é política, sendo ela consciente ou não.

Desse modo, o fato das forças reprodutoras sobressaírem-se, até o momento, no processo educacional não o caracteriza como uma via de mão única, em que a dominação ideológica hegemônica é fatalmente seu produto. Gramsci (1968), em sua filosofia político-social marxista, afirma que enquanto a classe dominante esforça-se por disseminar sua hegemonia pela ampliação do consenso, abre-se espaço para o surgimento da contraideologia. Logo, é preciso identificar a dinâmica da contradição, presente em todos os processos humanos e, portanto, também na escola, atuando para o estabelecimento de uma contraideologia e de uma práxis política mais adequada.

“O fato de as idéias (sic) e valores das classes dominantes se imporem e terem enorme poder de convencimento e de conservação não faz estas idéias (sic) (ou a ideologia) absolutas e únicas. Outros conjuntos de idéias (sic), outras visões de mundo estão sempre implícita ou explicitamente presentes, com maior ou menor possibilidade de manifestação.” (Patto, 1999, p. 166)

Visando iluminar nossa reflexão sobre a possibilidade da escola desempenhar uma função transformadora, nos valem, nesse momento, das reflexões de Heller (2003), autora que se dedicou ao estudo do cotidiano. O cotidiano, espaço de ação do homem na sociedade,

¹⁴ Ideologia representativa das classes oprimidas

nos interessa, em particular, por ser o cenário no qual está inserida a escola e outras instituições passíveis de gerarem rupturas com a ideologia hegemônica. As instituições, e a escola como tal, são espaços contraditórios, nos quais circulam e convivem concomitantemente relações de poder, atitudes de resistência e de conformismo. É por meio dessas relações contraditórias, muitas vezes antagônicas, que é possível gerar o embrião da transformação, promovendo pequenas rupturas, sem que o tamanho reduzido menospreze sua importância.

Patto (1999), sobre Heller, diz que esta autora “*redefine o sujeito, o lugar e as estratégias da transformação social negadora das sociedades de classes.*” (p.167) Porquanto, refere-se a um indivíduo concreto, que não é um produto fatalmente determinado pela economia, destituído inteiramente da possibilidade de promover mudanças. Patto concebe que as estratégias de mudanças podem e devem ser geradas pelos indivíduos na esfera da vida cotidiana, assinalando, assim, a importância da escola e de outras instituições micro celulares, como fomentadoras da transformação social.

A vida cotidiana, segundo Heller (2003) é heterogênea, composta por vários conteúdos hierarquizados, ou seja, nela atribuem-se níveis diferentes de importância às atividades. Do mesmo modo, é espontânea, pois as ações são automatizadas, caráter este indispensável para garantir economia de reflexão e, conseqüentemente, a continuidade da ação. Assim sendo, a vida cotidiana, inevitavelmente, baseia-se em juízos temporários, é probabilística, ultrageneralizada e imitativa. (Patto, 1999) “*Na vida cotidiana o ‘útil’ é tomado como sinônimo de ‘verdadeiro’, o que torna a atividade cotidiana essencialmente pragmática.*” (Patto, 1999, p. 171)

É inegável que tais características da vida cotidiana são, em grande parte, responsáveis pela sobrevivência do indivíduo, todavia, à medida que essas formas de pensamento cristalizam-se em absolutos, instala-se a alienação, ou seja, a impossibilidade da identificação das reais determinações da condição social, econômica e cultural da existência. O indivíduo, nesse processo de alienação, toma a particularidade e a parcialidade do real como guia orientador das suas ações e concepções.

Desse modo, o indivíduo, a fim de manter sua funcionalidade social, por meio da imitação e das ações mecanizadas e estereotipadas, vai se fragmentando no exercício dos seus vários papéis, isto é, “*orienta-se na cotidianidade através do simples cumprimento adequado destes papéis, assimilando mudamente as normas dominantes e vivendo de uma maneira que caracteriza o conformismo.*” (Patto, 1999, p. 175) Assim, desenvolve um empobrecimento e um atrofiamento de suas possibilidades humanas em direção à individualidade. (Patto, 1999)

Contudo, o indivíduo adere às especificações prescritas pelo papel social em graus diferenciados, podendo oscilar desde a uma maior identificação, até à recusa total ou parcial do papel. Heller (1970) a esse respeito afirma: *“na realidade, os homens não são manipuláveis indefinidamente em qualquer direção, pois sempre existe um ponto limite, um ‘limes’ no qual deixam de ser objetos e se transformam em sujeitos.”* (p. 99) Fundamenta tal tese na crença da impossibilidade da alienação total e da cristalização absoluta dos papéis sociais, visto ser *“inimaginável que não haja, mesmo no interior dos estereótipos, nenhuma qualidade particular, individual, nenhum matiz individual.”* (p. 109) Nesse momento, fica evidente a valorização da subjetividade, característica única que possibilita o surgimento constante do inédito.

Diante do proposto por Heller, o cotidiano constitui-se como um espaço dialético e contraditório, no qual coexistem a dominação e a possibilidade de transformação, pois se trata do lugar onde a existência concreta se implementa, em que se estabelecem as relações sociais nos diversos centros moleculares de poder como a família e a escola.

Consideramos que a transformação de qualquer situação deve partir da realidade cotidiana, pois é neste espaço privilegiado que habitam os pequenos grupos. A escola, como espaço de transmissão sistemática do saber historicamente acumulado pela sociedade e, em especial, a sala de aula configuram-se como o *“espaço para confrontos, conflitos, rejeições, antipatias, paixões, adesões, medos e sabores”* (Cortella, 2003, p.123) que aumentam as possibilidades de avançar da particularidade para a individualidade. Pois, *“(...) a revolução é possibilidade e não destino e se fará na vida cotidiana. Esta possibilidade não é natural, mas depende da práxis, ou seja, da ação transformadora consciente.”* (Patto, 1999, p.180) Cortella (2003) corrobora esta proposição ao dizer que: *“o prioritário, para aqueles que discordam da forma como nossa sociedade se organiza, é construir coletivamente os espaços efetivos de inovação na prática educativa que cada um desenvolve na sua própria instituição.”* (p. 137)

A superação da particularidade como força motriz da vida cotidiana se dá por meio do que Heller (2003) denomina homogeneização ou suspensão cotidiana, isto é, a concentração total da atenção, o emprego, sem reservas, da individualidade humana em algo, suspendendo toda e qualquer outra atividade durante a execução dessa tarefa, resultando uma ação não-arbitrária, fruto da escolha consciente e autônoma e, por isso, distinta da cotidianidade. É válido destacar que a substituição da heterogeneização pela homogeneização, não é absoluta, pois *“não existe uma ‘muralha chinesa’ entre a atividade cotidiana e a práxis não-cotidiana*

ou o pensamento não-cotidiano mas existem infinitos tipos de transição.” (Heller 1970, p. 33)

E,

“(...) embora a alienação não possa ser eliminada, mas apenas limitada; embora as possibilidades que o mundo moderno oferece de construção da subjetividade, de homogeneização da personalidade (...) sejam limitadas, A. Heller continua defendendo como tarefa básica a transformação de sujeitos particulares em sujeitos individuais.” (Patto, 1999, p. 182)

Nesse sentido, a escola ocupa um lugar central em nossa pesquisa, pois nossos sujeitos estão inseridos nessa instituição, cuja dinâmica é contraditória, servindo, tanto para reprodução, quanto para a transformação da sociedade. Crer que a escola pode contribuir para a superação da realidade social, significa conceber o ser humano, assim como o fez Gramsci (1968), como um ser que participa da história de seu tempo, cujo movimento oscila entre momentos de maior ou menor manutenção ou mudança da realidade. É nos momentos em que aumentam os confrontos entre os interesses hegemônicos com seus antagonistas, que aumentam as possibilidades de mudanças sociais significativas. Essas considerações deixam claro que acreditamos *“que o processo histórico depende também das ações dos sujeitos, sendo a educação uma mediação criadora e transformadora da História.”* (Severino, 2001, p.72)

3. Alinhando o exposto até então...

Resgatando o que dissemos anteriormente, partilhamos de uma visão que concebe o homem como um ser de relações, um ser que as estabelece consigo mesmo e com o mundo externo, sendo assim, ele é um ser inacabado, que vai se constituindo, formando e transformando essas relações num movimento dialético. Considerado dessa forma, o homem precisa conquistar a condição humana, pois não possui uma essência apriorística que determinará sua humanidade. Nesse processo de tornar-se humano, a educação constitui-se mediação fundamental. Depreende-se desta visão de homem nossa concepção de adolescência. Entendemos que a adolescência é um fenômeno histórico que se constitui como significado na cultura e na linguagem presente nos diferentes segmentos sociais, significado este que servirá de referência para a constituição dos sujeitos adolescentes. Conceber a

adolescência nessa perspectiva é compreender que o adolescente está imerso numa totalidade concreta que o constitui e é constituída por ele e que, portanto, gesta diversas formas de se viver esse período do desenvolvimento, a depender da relação que o adolescente estabelece com essa totalidade concreta. Tal totalidade abrange as relações de produção, economia, ideologia, questões de gênero, contradições, princípios e valores morais etc., enfim abarca elementos visíveis e outros que não estão dados a olho nu e que, por isso, exigem uma análise que ultrapasse o âmbito da aparência.

Nessa pesquisa buscamos esses múltiplos determinantes na constituição do adolescente, principalmente os referentes à esfera ética e moral. Para essa análise utilizamos, fundamentalmente, as categorias sentidos e significados. Considerando que nos tornamos humanos na convivência com outros homens, para que essa convivência seja possível, criam-se princípios e regras orientadores da conduta humana. Surgem, então, a ética e a moral. Nesse processo não podemos desconsiderar que condições degradantes da humanidade como a miséria e a violência impelem, muitas vezes, a sobreposição da particularidade ao humano-genérico, criando, assim, a necessidade da instituição de princípios e normas que regulem o comportamento, orientando-o para a individualidade. A fim de que a particularidade submetesse ao humano-genérico e os princípios deste último tornem-se uma motivação interior, se faz necessária a ética. (Heller, 2003) Nessa perspectiva, não são consideradas moralmente válidas ações que degradem o homem em suas relações, que reforcem sua opressão e alienação. (Severino, 2001) Nesse aspecto a liberdade está relacionada, não somente à compreensão dos determinantes de relações geradoras de opressão e de degradação, mas, também, à necessidade de atuação sobre eles.

Entendemos que a ética e a produção de sentidos se entrecruzam, pois a ética é uma produção de sentidos, à medida que na reflexão ética, ao justificar esta ou aquela escolha, ao tomar consciência dos seus determinantes, identificam-se elementos que estão no social, como os valores neoliberais, o pensamento cristão, a ideologia etc. Esses elementos não são interiorizados como meros reflexos especulares, pois sofreram configurações subjetivas, a depender da história de vida particular e dos afetos envolvidos nesse processo, enfim da singularidade de cada um. Na tentativa de compreender a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, não limitamo-nos à compreensão, apenas, da lógica dos argumentos e da estruturação da fala, visto que a fala não é autoexplicativa. Procuramos, portanto, deter-nos para além da aparência desses argumentos, buscando a compreensão das mediações constitutivas dessa escolha, dessa ética, desse sentido. A categoria sentido vem, dessa forma, auxiliar-nos no desvelamento das mediações constitutivas do processo ético. E, finalmente,

pretendemos a partir da análise dos sentidos identificarmos a aproximação ou distanciamento dos sujeitos, ao que Heller (2003) chamou de particularidade e individualidade.

Sob essa ótica a escola constitui-se espaço privilegiado para o “tornar-se livre”, pois está inserida no cotidiano em que circulam as relações de poder, atitudes de resistência e de conformismo. É, justamente, nesse espaço contraditório que se abrem brechas para uma possível transformação e que aumentam as possibilidades de avançar da particularidade para a individualidade.

Capítulo III: Método

“O mundo é opaco para a consciência ingênua que se detém nas primeiras camadas do real.”

Ecléa Bosi

1. Pressupostos teórico-metodológicos

O presente trabalho é fundamentado na Psicologia Sócio-Histórica, deste modo, explicitaremos os pressupostos teóricos subjacentes ao método utilizado para analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreender os valores utilizados para a fundamentação dessas escolhas. Para isto torna-se necessária a utilização da categoria sentido. E, finalmente, a partir da análise dos sentidos, procuraremos identificar a aproximação ou o distanciamento dos sujeitos, ao que Agnes Heller (2003) denominou de particularidade e individualidade. Fenômenos complexos, como estes, só podem ser explicados com a construção complexa do seu objeto em nível teórico. (Martinez, 2005) Sendo assim,

“a complexidade não é uma declaração de fé, não basta reconhecer ontologicamente a complexidade do psicológico; o problema é expressar essa complexidade em sistemas de categorias cujo valor heurístico permita gerar novas zonas de sentido. (Martinez, 2005, p. 7)

Dessa forma, acreditamos que a Psicologia Sócio-Histórica propõe um método que permite apreender o psicológico como fenômeno complexo, *“cujo caráter é multidimensional, recursivo e contraditório.”* (Martinez, 2005, p.15)

Todo método de investigação está estreitamente relacionado a uma concepção de homem, sendo assim, é válido resgatar, brevemente, o que foi discutido no Cap. I. Entendemos que o homem se constitui dialeticamente na relação com o social, sendo ao mesmo tempo único e singular, histórico e social.

Sendo assim, concordamos com Vigotski (2007) quando diz que o desenvolvimento psicológico dos homens está intimamente relacionado com o desenvolvimento histórico da

espécie humana, dessa forma, o homem, como ser histórico, só pode ser entendido se compreendido no contexto sócio-histórico em que vive, em sua condição social, de gênero, em sua história familiar, ou seja, se compreendido na relação dialética e contraditória com a história de seu tempo. Normalmente, ao dizermos que pretendemos estudar algum evento ou fenômeno historicamente ou em sua historicidade, entende-se que se trata de um estudo do passado; no entanto, na interpretação de Vigotski (2007) “*estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético (...) é somente em movimento que um corpo mostra o que é.*” (p.68)

Para que contemplemos a premissa da historicidade é necessário utilizarmos uma metodologia coerente e que apreenda a natureza complexa e dinâmica do real. Para isso Vigotski (2007) propõe três princípios que devem compor tal metodologia. O primeiro deles é *analisar processos e não objetos*, uma vez que aqueles estão sempre em movimento, diferentemente dos objetos que são fixos e estáveis, e, portanto, requerem uma reconstituição dos pontos que compuseram sua constituição. Sobre isso Vigotski (2007) diz que: “*Se substituimos a análise do objeto pela análise de processo, então, a tarefa básica da pesquisa obviamente se torna uma reconstrução de cada estágio no desenvolvimento do processo: deve-se fazer com que o processo retorne aos seus estágios iniciais.*” (p.64)

O segundo princípio proposto é o da *explicação versus descrição*. Tal premissa compreende que apenas a descrição do fenômeno não revela seu processo de determinação. A função da ciência é estudar determinado fenômeno visando desvelar sua gênese e suas bases dinâmico-causais, é transcender à aparência, à manifestação externa. Vigotski (2007), ao estabelecer esse princípio fundamenta-se em Marx (*apud* Vigotski 2007) o qual afirma que “*se a essência dos objetos coincidissem com a forma de suas manifestações externas, então, toda ciência seria supérflua.*” (p. 66) Com esse princípio Vigotski quer garantir que não se confundam dois fenômenos com manifestações externas semelhantes, contudo, com origens ou essências distintas, se não opostas.

Sobre o papel que a descrição presta à produção do conhecimento científico, é válido notar que diversos autores interessados em estudar o status da pesquisa educacional no Brasil, como André (2001), Gatti (2001), e Alves-Mazzoti (2001), identificam aspectos preocupantes em suas análises. Relatam que muitas pesquisas educacionais apenas descrevem o fenômeno estudado. Mantendo-se no nível descritivo, o conhecimento científico não avança, estagnando-se no mero levantamento de dados; dessa forma, não identifica dimensões e relações. Com isto não queremos dizer que a descrição não seja uma etapa importante no processo da produção de conhecimento, já que é fundamental no estudo de fenômenos em que

não se tem vasto conhecimento acumulado, porém queremos destacar que o perigo da descrição está em deter-se nessa etapa inicial da produção científica, não avançando para a explicação dos fenômenos.

O terceiro princípio proposto por Vigotski (2007) sintetiza os anteriores e fundamenta-se no seguinte pressuposto: uma análise que vise apreender o humano deve compreender os comportamentos fossilizados¹⁵, reconstruindo o percurso de seu desenvolvimento até a sua origem, ou seja, deve atentar para o processo e não para o produto, pois “*a forma fossilizada é o final de uma linha que une o presente ao passado, os estágios superiores do desenvolvimento aos estágios primários.*” (p. 68) Da mesma forma, compreender o processo de desenvolvimento de determinado comportamento, contemplando seu início e fim, implica na descoberta da sua essência, prosseguindo para além da aparência.

Entendemos ser importante observar que, diferentemente da corrente filosófica idealista que concebe o homem como um ser abstrato e dotado de uma essência inata, responsável pela sua humanidade, no materialismo histórico-dialético, essência indica a síntese das múltiplas determinações.

São inegáveis as contribuições de Vigotski às ciências humanas, especialmente, para a Psicologia, no que se refere ao novo olhar instaurado na compreensão das funções psicológicas superiores, ou nos termos de González Rey (2003), para apreender a subjetividade humana. Para este último, subjetividade é a articulação dos sentidos subjetivos atribuídos pelo indivíduo ao longo da sua existência e constitui-se o problema de investigação próprio das pesquisas qualitativas.

Devido às diversas tendências, muitas vezes, com bases teórico-metodológicas antagônicas, agrupadas sob a denominação qualitativa, fica difícil definir o que seja realmente uma pesquisa desta natureza. Diante disso, González Rey (2005) propõe uma Epistemologia Qualitativa, a qual defende o *caráter construtivo-interpretativo do conhecimento*, ou seja, o pesquisador vai empreender-se num trabalho de interpretação e construção do conhecimento, ideias e hipóteses. Nisto está implícita a concepção de que o conhecimento é uma construção e não uma realidade linear.

Ao buscar a teorização dos fenômenos, González Rey (2005) afirma que “zonas de sentido” são “*espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não*

15 Comportamentos fossilizados são descritos por Vigotski (2007, p.67) como aqueles que “*esmaeceram ao longo do tempo, isto é, processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados*” e tornaram-se mecânicos e automáticos e, por isso, sua manifestação externa não corresponde à sua essência.

esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica.” (p. 6) Tal conceito permite-nos “*gerar novas zonas de inteligibilidade acerca do que é estudado e de articular essas zonas em modelos cada vez mais úteis para a produção de novos conhecimentos.*” (p. 6)

Em síntese, podemos afirmar que, numa pesquisa cuja perspectiva é qualitativa, visamos construir modelos explicativos sobre o fenômeno estudado, rompendo com a dicotomia entre o empírico (realidade externa) e o teórico (especulação), entendendo que nossas práticas são constituídas e constitutivas na e pela realidade e que utilizamos as construções teóricas da ciência para compreendê-la parcialmente, pois limitados são nossos instrumentos utilizados para tal. (González Rey, 2005)

Segundo González Rey (2005), outra característica da Epistemologia Qualitativa é a “*legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico.*” (p. 10) Esta característica está estreitamente vinculada ao caráter construtivo-interpretativo discutido anteriormente, pois “*a informação ou as idéias (sic) que aparecem através do caso singular, tomam legitimidade pelo que representam para o modelo em construção, o que será responsável pelo conhecimento constituído na pesquisa.*” (p. 11)

Com isto queremos dizer que não almejamos generalizações estatísticas, visto que o estudo do singular nos possibilita a generalização teórica e é a esta tarefa que dedicamo-nos. Produzir conhecimento visando à generalização teórica é algo que não se restringe ao desenvolvimento de dada teoria, mas compreende, também, a função de ampliar a compreensão do real, a fim de produzir formas de intervenções mais efetivas.

González Rey (2005) aponta um terceiro elemento que caracteriza a Epistemologia Qualitativa: compreender a pesquisa como um processo de comunicação, sem perder de vista que interessa-nos, como objeto de estudo, o sujeito que discursa e não o próprio discurso.

Como explicitamos anteriormente no Cap. I 4.2: *A efetiva constituição do homem: intrínseca relação entre pensamento e linguagem*, acreditamos que a linguagem é o instrumento simbólico fundamental na constituição do homem. Dessa forma, o signo, e a palavra como tal, constitui-se uma forma privilegiada de apreender as formas de pensar e agir do indivíduo.

“A comunicação é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições subjetivas da vida social afetam o homem.” (González Rey, 2005, p. 13)

Para a compreensão do pensamento necessitamos, antes, compreender o processo da linguagem. Ambos não podem ser confundidos, pois têm origens distintas, mas constituem uma relação de mediação, em que um não pode ser compreendido sem o outro.

Sob esse ponto de vista a comunicação constitui-se num *locus* constante de produção de informação para a pesquisa. Nesse sentido, entendemos que as falas (palavras com significados), ponto de partida para a compreensão do sujeito, são construções que expressam, não apenas uma resposta em decorrência da utilização de determinado instrumento de coleta de dados, mas revela uma construção histórica constituída, inclusive, pela situação de obtenção de dados (pesquisador, instrumentos etc.).

“A palavra, portanto, é a arena onde se confrontam valores sociais contraditórios, conflitos, relações de dominação, etc. (...) aponta sempre as menores variações das relações sociais, não só as referentes aos sistemas ideológicos constituídos, mas também as que dizem respeito às ‘ideologias do cotidiano’, aquela que se exprime na vida corrente, em que se formam e se renovam as ideologias constituídas.” (Aguiar, 2007 a, p. 101)

Sendo assim, compreendemos que os instrumentos utilizados na obtenção de informações são os meios para a produção das mesmas e não eliciadores de respostas fixas e acabadas, que são portadas pelos sujeitos, prontas para serem acessadas, visto que, por sua estrutura a

“linguagem não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento, razão por que não pode esperar que o pensamento seja uma veste pronta. A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar em linguagem, o pensamento se reestrutura e modifica.” (Vigotski, 2001, p. 412)

2. Procedimentos metodológicos

Em concordância com os pressupostos teórico-metodológicos explicitados anteriormente, apresentaremos a seguir o procedimento utilizado para a escolha dos sujeitos, para o processo de obtenção de informações e para a análise das mesmas.

2.1 Sujeitos

Os sujeitos são oriundos de uma instituição escolar da rede pública do interior da cidade de São Paulo que reuniam condições para a realização dessa pesquisa. Tais condições referem-se ao fato da escola oferecer o Ensino Médio, à disponibilidade da instituição para participar desta pesquisa e à possibilidade de fácil acesso da pesquisadora à dinâmica escolar.

Optamos por sujeitos do 3º ano do ensino médio pela especificidade da temática abordada, a qual exige um nível desenvolvido de capacidade de abstração, de reflexão e de argumentação, conquistado apenas ao longo da adolescência.

Convidamos 10 estudantes do 3º ano do Ensino Médio que, após a ciência dos procedimentos da pesquisa¹⁶, se interessaram em participar de um grupo de discussão. Limitamos o número de participantes a 10 devido à estratégia de dinâmica de grupo escolhida para a obtenção de informações. Acreditamos que um número superior ou inferior a 10 sujeitos comprometeria a produção de informações, visto que um número reduzido diminuiria a troca de experiências entre os integrantes e um número excedente dificultaria a expressão de todos os indivíduos. Devido à grande receptividade dos alunos à proposta, tivemos um número excedente de inscritos, o que levou-nos a selecioná-los por meio de um sorteio.

A partir da realização de três reuniões em grupo¹⁷, escolhemos dois alunos como sujeitos para a realização de entrevistas individuais. Os estudantes selecionados reuniram as condições de melhores sujeitos, ou seja, foram aqueles que melhor demonstraram habilidade de argumentação acerca da temática pesquisada e interesse pela mesma.

2.2 Processo de obtenção de informações

2.2.1 Etapa inicial: O grupo

Inicialmente, acreditávamos que a organização de um grupo de discussões seria um instrumento adequado para a escolha dos sujeitos individuais, os quais, em princípio, seriam o

¹⁶ Os estudantes inscritos foram avisados que ao aceitarem participar da pesquisa se faria necessária a participação em 2 ou 3 discussões em grupo, assim como, na realização de uma ou mais entrevistas individuais.

¹⁷ A definição do número de reuniões em grupo se deu ao longo do processo de obtenção de informações. Após cada reunião avaliávamos a qualidade das informações e a necessidade de realizações de novas reuniões.

foco central da nossa análise. Ao promovermos as discussões em grupo tínhamos o objetivo de, por meio delas, favorecermos a produção de informações, provocarmos a fala dos sujeitos e possibilitarmos a explicitação de múltiplos conteúdos acerca da temática desta pesquisa, o que nos ajudaria a compreendermos melhor os sujeitos individuais e, assim, a escolhermos os sujeitos da entrevista. No entanto, ao longo das reuniões produziram-se informações altamente qualificadas para o objetivo desta pesquisa, pois a multiplicidade e a profundidade de ideias apresentadas excederam nossas expectativas. Diante disso, o grupo, que até então tinha a função de possibilitar-nos a escolha dos sujeitos individuais e de fornecer-nos um quadro geral dos sujeitos, o que nos ajudaria a compreender as determinações desses sujeitos individuais, tornou-se o elemento central de nossa análise da dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência. Contudo, não abandonamos a proposta da entrevista individual, pois consideramos que por meio dela seria possível analisar a história do sujeito, a configuração de seus sentidos e, assim, compreender o movimento do sujeito na dinâmica do grupo. Dessa forma, buscamos articular os dois conjuntos de informações - discussões em grupo e entrevistas individuais - num ensaio em que almejamos demonstrar o quanto o conhecimento da singularidade permite-nos compreender o movimento do sujeito no processo grupal. Essa modificação do planejamento da nossa pesquisa demonstra que o pesquisador deve ser sensível à realidade e ao movimento dos sujeitos, não só no processo de obtenção de informações, mas na condução da pesquisa como um todo.

Os encontros do grupo de discussão demonstraram que a interação entre pares e um mediador possibilita a manifestação de múltiplos pontos de vista e diversos posicionamentos que vão, não apenas, se expressando, mas se formando e, até mesmo, se modificando ao longo do processo grupal. Aliado a isso, podemos dizer que os dados produzidos em grupo auxiliaram-nos na compreensão das mediações constitutivas dos sentidos atribuídos à escolha moral. Dessa forma, os adolescentes, à luz da discussão coletiva, tiveram a oportunidade de aprofundar sua reflexão acerca dos temas discutidos, produzindo, assim, novos sentidos. Vale destacar que esse processo de produção de sentidos se funda a partir de uma discussão de significados partilhados. Assim, tivemos a possibilidade de nos aproximarmos e analisarmos, via falas individuais, dos sentidos constituídos na dialética da subjetividade, que nesta condição, sem dúvida, contém e revelam significados.

Iniciamos o primeiro encontro relembando a finalidade da sua realização, explicando brevemente os objetivos e procedimentos da pesquisa e propondo a realização de um “contrato” de trabalho, salientando a necessidade da participação dos estudantes em outros momentos da pesquisa, assim como, destacando o caráter sigiloso da mesma, o qual preserva

o anonimato dos sujeitos. Nesse primeiro encontro contamos com a presença de 9 dos 10 adolescentes selecionados.

Ao grupo de discussão foi apresentado o filme *O senhor das Moscas*¹⁸. Julgamos que este filme constituiu-se um recurso metodológico fundamental para o processo de obtenção de informações, pois trata de situações que expressam dilemas, e, por isso, situações que estão carregadas de carga afetiva, impulsionando os sujeitos a aprofundarem suas reflexões sobre os valores que fundamentam suas decisões. Desse modo, os sujeitos foram impelidos não só a se posicionarem, mas a revelarem os valores que são constitutivos do seu movimento decisório. Além disso, acreditamos que o fato dos atores do filme serem adolescentes tenha favorecido a identificação com a população estudada.

Após a veiculação do filme, organizamos uma segunda reunião a fim de realizar uma discussão acerca do mesmo. Esse encontro teve a duração de, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos e contou com a participação de 8 dos 10 adolescentes previamente selecionados¹⁹. Nesta segunda reunião realizamos a dinâmica de aquecimento “E aí” (anexo I)²⁰, a fim de retomarmos os principais conteúdos do filme, além de possibilitar maior e melhor integração dos membros do grupo. Lembramos, com Aguiar (2007 b), que a pesquisadora também é componente deste grupo, pois “*entendemos o homem como síntese de múltiplas determinações; nossos sujeitos estão submetidos a múltiplas determinações, e nós, pesquisadores/orientadores do grupo, somos mais uma delas.*” (p. 134) Cabe destacar que a pesquisadora ao compor o grupo tem um papel diferenciado dos demais integrantes. Seu papel é o de coordenar os participantes, intervindo de modo a evitar discussões com conteúdos estereotipados e estimular a fala dos sujeitos na direção do objetivo da pesquisa. Posteriormente, propusemos aos estudantes que discutissem sobre o filme, de forma a explicitarem suas percepções, sentimentos e posicionamentos acerca dos dilemas éticos contidos no mesmo. Tínhamos a hipótese de que a densidade dos conteúdos apresentados no filme, como a violência, autoritarismo, luta pela sobrevivência etc., suscitasse muitos comentários referentes à mobilização emocional do grupo. Desse modo, reservamos um espaço para a expressão das emoções, sem perder de vista que nesse processo grupal, a pesquisadora é mediadora, tentando articular e incitar questões que fomentem a discussão

¹⁸O senhor das moscas. Hook, H. EUA, distribuição Fox filmes, 01/01/90 DVD. 91 minutos, som , color, legendado e dublado. Sinopse: Um grupo de cadetes adolescentes são os únicos sobreviventes de um acidente aéreo. Eles se refugiam numa ilha desabitada, na qual desenrolam-se conflitos éticos em busca da sobrevivência. Ralph (Balthazar Getty) lidera um grupo, pautado na cooperação, enquanto Jack (Chris Furrh) lidera outro, pautado na sobrevivência dos mais fortes.

¹⁹ Todos os participantes desse grupo de discussão tinham previamente assistido ao filme.

²⁰ Todos os anexos encontram-se no Cd disponível junto com o volume impresso desta dissertação.

sobre o processo de escolha, instigando a identificação e a reflexão sobre os valores subjacentes a ele. Em função disso fora previamente elaborado um roteiro de questões (anexo VIII) a serem lançadas durante a discussão. No entanto, nem todas elas foram esgotadas nesse encontro, o que motivou-nos a organizar outra reunião.

Na tentativa de suscitar novos conteúdos e aprofundar elementos já explicitados na discussão anterior, agendamos um terceiro encontro. Esse encontro durou por volta de 2 horas e teve a participação dos 8 sujeitos que participaram da reunião anterior. Avaliamos que necessitaríamos de um instrumento que produzisse uma discussão acerca da temática estudada, sem que esta se tornasse cansativa e pouco produtiva, visto que já havíamos explorado vários elementos anteriormente. Por isso, nesse terceiro encontro prosseguimos a discussão provocada na reunião anterior, entretanto de forma mais dirigida, utilizando a dinâmica “Pinga fogo” (anexo II), a qual impeliu os adolescentes a defenderem explicitamente determinados pontos de vista acerca do individualismo, da submissão, da coerção, da concepção de homem, das possibilidades de mudança sociais etc. As situações propostas na dinâmica foram pensadas a partir do encontro anterior e objetivaram trazer elementos novos e aprofundar discussões já travadas, o que de fato ocorreu. Essa estratégia também favoreceu a apreensão do movimento reflexivo dos sujeitos, sendo assim, apreendemos, não apenas a multiplicidade de significados, mas, principalmente, o processo de como estes vão se constituindo e se modificando ao longo das negociações grupais. Vale ressaltar que nesse processo grupal o mediador tem papel fundamental, a fim de articular as discussões e intervir de forma sensível, de modo que os sujeitos participem, expressando seus pontos de vista o mais livremente possível, não falando o que acham que o pesquisador deseja ouvir, mas o que realmente pensam, sentem e fazem.

Destes três encontros com o grupo selecionamos dois sujeitos que melhor atenderam ao objetivo de nossa pesquisa. Porém, não só não descartamos as informações obtidas anteriormente no grupo de discussão, como estas se tornaram o foco central da nossa análise. Como relatamos anteriormente, devido à qualidade e profundidade das informações obtidas no processo grupal, ressaltamos que ao apreendê-las identificamos algumas mediações constitutivas da escolha moral no movimento do grupo de discussão e, assim, no movimento de cada um. Dessa forma, buscamos compreender o movimento de dois sujeitos no interior desse grupo. Acreditamos que o ideal seria entrevistarmos, individualmente, cada integrante do grupo, no entanto, devido à complexidade da análise da categoria sentido, utilizada para compreender a dimensão subjetiva da escolha moral, optamos por eleger apenas dois sujeitos. A apreensão dos sentidos exige um nível de profundidade que não poderia ser alcançado com

todos os sujeitos participantes do grupo, devido ao tempo restrito para a presente pesquisa. Buscando compreender os determinantes da participação dos dois sujeitos no grupo, consideramos necessário conhecer sua história de vida.

2.2.2 Segunda Etapa: A história de vida

Com o objetivo de conhecermos o processo de constituição dos sujeitos de nossa pesquisa e, assim, compreendermos seus processos de escolha e seus valores norteadores, utilizamos a entrevista de “história de vida”. Acreditamos que este instrumento de obtenção de informações favorece a apreensão da constituição dos sentidos e, portanto, da dimensão subjetiva do indivíduo, sendo este conhecimento fundamental para entendermos a participação singular dos adolescentes nos grupos de discussão. Dessa forma, pretendemos, ao analisar as falas do grupo de discussão, iluminá-las com os dados obtidos nas entrevistas individuais, a fim de melhor situar os posicionamentos individuais frente a um processo de negociação de significados. Da mesma forma, as falas das entrevistas individuais foram cotejadas com as falas do grupo.

A entrevista de história de vida consiste em solicitar a cada sujeito, individualmente, que fale sobre sua vida, dos momentos que considera mais relevantes, sem a preocupação de ordená-los cronologicamente. A história de vida é uma modalidade de entrevista e, como tal, permite “o acesso aos processos psíquicos que nos interessam, particularmente os sentidos e significados.” (Aguiar e Ozella, 2006, p. 229) Contudo, para que isso ocorra, é preciso que a condução do processo seja livre o suficiente para permitir que o sujeito se expresse, selecionando os conteúdos e estruturando a narrativa, na reconstrução das suas vivências. Além disso, consideramos que esta técnica é coerente com os pressupostos teóricos, no que diz respeito à imbricada relação dialética entre homem e sociedade. Por isso, concordamos com Paulilo (1999) ao afirmar que a história de vida “*fornece (...) base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.*” (pp.142-143)

Durante a entrevista de história de vida o pesquisador deve ser sensível para deixar que o sujeito se expresse livremente, assim como, para intervir adequadamente questionando elementos que foram pouco explorados ou que sejam importantes para o objetivo da pesquisa.

Dessa forma, ao longo das entrevistas de história de vida a pesquisadora questionou escolhas e valores morais utilizados.

Após analisarmos as entrevistas de história de vida, avaliamos que se faria necessário ampliarmos e aprofundarmos os elementos obtidos acerca das escolhas morais, a fim de que tais informações pudessem nos auxiliar na análise singular do sujeito, para a compreensão de seus posicionamentos nos grupos de discussões. Sendo assim, agendamos uma segunda entrevista individual. Esta entrevista teve um caráter mais dirigido, comparada à primeira, pois solicitamos, inicialmente, que falassem sobre as escolhas e seus valores norteadores de um modo geral, resgatando alguns elementos observados na entrevista anterior, visando explorá-los e aprofundá-los e, ainda questionamos o papel dos determinantes: escola, família, amigos e mídia nos processos de escolha e na eleição dos seus valores norteadores.

2.3 Análise dos dados por meio dos Núcleos de significação: uma tarefa de construção e interpretação

Visando ser coerente com pressupostos teórico-metodológicos, ou seja, buscando ultrapassar a descrição do fenômeno estudado, na tentativa de avançar na compreensão da gênese do processo de constituição dos sentidos atribuídos à escolha moral, empreendemos no processo de análise, buscando ir além da aparência do fenômeno, resgatando sua essência.

Utilizamos como procedimento de análise o que Aguiar e Ozella (2006) denominam de construção de núcleos de significação. Os autores propõem que no procedimento de análise, partamos da palavra com significado, ou seja, das palavras contextualizadas na narrativa do sujeito e nas condições sócio-históricas em que são proferidas.

Depois do material da pesquisa²¹ ser transcrito e após realizarmos reiteradas leituras flutuantes, a fim de apropriarmos-nos do conteúdo obtido, foi possível organizá-los em pré-indicadores, de modo a destacarmos e assegurarmos, para efeito de análise, o empírico. De acordo com o que propõem Aguiar e Ozella (2006), nesta etapa aglutinamos os conteúdos que aparecem com maior frequência, que estão carregados de emoção, que se mostram ambivalentes e que são importantes para o objetivo da pesquisa. Dessa forma, organizamos os pré-indicadores.

²¹ Reuniões em grupo e entrevistas individuais com 2 sujeitos do grupo.

Na elaboração dos pré-indicadores nos deparamos com um grande número de possibilidades e, por isso, os mesmos necessitaram ser refinados e articulados, para que produzissem elementos que auxiliassem a compreensão do fenômeno estudado. Deste modo, o próximo passo foi aglutinarmos os pré-indicadores pelos critérios de frequência, ênfase e carga emocional depositada pelo sujeito no conteúdo relatado. Avançamos, assim, para a sistematização e organização do que chamamos de indicadores, os quais continham os elementos dos pré-indicadores. Aguiar e Ozella (2006) apontam que nesse momento inicia-se o processo de análise propriamente dita, ainda que de forma empírica e não interpretativa, pois, ao levantar os indicadores e seus conteúdos temáticos, temos que destacá-los e ao mesmo tempo integrá-los no todo.

A etapa posterior consistiu na realização da leitura do material decorrente da organização dos indicadores, a fim de iniciar o processo de articulação dos mesmos, que culminou no estabelecimento dos núcleos de significação. Nos núcleos de significação estão articulados aqueles indicadores nos quais estão contidos os conteúdos semelhantes, complementares e contraditórios, possibilitando, assim, um avanço na análise da configuração dos sentidos e significados constituída pelo sujeito. Nesse momento o pesquisador amplia o processo de construção-interpretação, buscando superar o empírico, articulando-o com o *“contexto social, político, econômico, em síntese, histórico, que permite acesso à compreensão do sujeito na sua totalidade”* (Aguiar e Ozella, 2006, p.231), à luz da teoria.

Nesse processo de análise, aproximamo-nos, paulatinamente, de algumas zonas de sentido do sujeito e, portanto, da sua dimensão subjetiva, resgatando as necessidades que o constituíram, ou seja, aquelas que se configuraram em motivos e, dessa forma, compreendemos melhor o movimento do sujeito.

Esse foi o procedimento geral de análise utilizado para compreendermos as discussões em grupo e as entrevistas individuais. No entanto, a fim de explicitar as peculiaridades dos procedimentos de análise das informações, obtidas pelas diferentes estratégias, consideramos necessário descrevê-las, a seguir, de forma separada. Apresentaremos, assim, o procedimento de análise das discussões em grupo, em seguida o das entrevistas individuais e, finalmente, o processo de articulação entre ambas.

2.3.1 Procedimento de análise dos grupos de discussão

Iniciamos a análise deste conjunto de informações transcrevendo as discussões realizadas nos dois²² encontros (anexo IX e anexo X). Após as leituras, agrupamos as falas das duas entrevistas em pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação. No entanto, quando já iniciávamos a confecção dos núcleos de significação, nos demos conta que ao agruparmos as duas reuniões de uma só vez, poderíamos ter deixado escapar elementos importantes para a análise. Dessa forma, retornamos ao início do processo de análise e realizamos, separadamente, os pré-indicadores de cada encontro.

Nesse momento da análise, consideramos relevante elaborar um quadro (Anexo VII) que possibilitasse visualizar as diferenças ou semelhanças das informações obtidas no primeiro encontro do grupo com relação às obtidas posteriormente. Nesse quadro procuramos também explicitar se no segundo encontro houve aprofundamento das informações. Isso permitiu-nos observar que a estratégia “Pinga Fogo” e a dinâmica estabelecida no segundo encontro favoreceram o aprofundamento dos dados, qualitativa e quantitativamente, de forma que elementos pouco explorados foram retomados, ampliando a discussão, assim como surgiram elementos novos acerca da temática, aumentando, portanto, nossa possibilidade de análise.

Após a separação dos pré-indicadores (anexo III e IV) de cada encontro, unificamo-os e, agora com um único conjunto de informações, organizamos os indicadores (anexo V) e os núcleos de significação (anexo VI). Vale destacar que nessa reorganização, elementos que antes haviam passado despercebido, ao serem separados e, posteriormente, integrados num contexto mais amplo, possibilitaram uma melhor compreensão das informações, favorecendo uma análise mais efetiva.

2.3.2 Procedimento de análise das entrevistas individuais

Após transcrevermos e lermos a entrevista individual (anexo XI) de história de vida do sujeito D. organizamos os pré-indicadores (anexo XII). Da mesma forma ocorreu com a entrevista do sujeito R. (anexo XIII e anexo XIV). Posteriormente, transcrevemos e lemos a entrevista individual/semi-estruturada do sujeito D. (anexo XV), utilizada para aprofundar a questão das escolhas, valores norteadores e seus determinantes e, assim como ocorrido na primeira entrevista, organizamos os pré-indicadores (anexo XVI). Igualmente o fizemos com

²² Apesar de termos realizado três encontros, apenas dois continham discussões, pois no primeiro deles apenas veiculamos o filme O senhor das moscas.

a entrevista do sujeito R. (anexo XIX e anexo XX). Buscando integrar as informações do sujeito D., organizamos, a partir dos pré-indicadores da entrevista de história de vida e da entrevista semiestruturada, os indicadores e os núcleos de significação (anexo XVII), o que também fizemos com as entrevistas do sujeito R. (anexo XIX).

2.3.3 Articulação das análises dos grupos de discussão com as entrevistas individuais

A fim de analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, consideramos essencial o esforço analítico para articularmos os dois conjuntos de informações. O que pudemos verificar foi que cada um dos conjuntos iluminava o outro, ou seja, o conhecimento adquirido por meio das entrevistas com os dois jovens, permitiu uma melhor compreensão dos movimentos e contradições vividos por eles no grupo. Do mesmo modo, a análise da situação de grupo nos permitiu apreender, com mais propriedade, elementos surgidos nas entrevistas, além de dar importantes dicas sobre que aspectos mereciam ser aprofundados. Vale destacar que esse processo de articulação entre as análises grupais e individuais, não trata de uma síntese das principais informações obtidas em cada um dos momentos de obtenção de informações, mas de um ensaio analítico que visa demonstrar como a compreensão da constituição da singularidade e, portanto, da dimensão subjetiva permite compreender o movimento peculiar do sujeito no grupo, ao mesmo tempo que a compreensão dos movimentos grupais nos auxilia a compreender os movimentos dos sujeitos individuais.

Assim, realizamos uma articulação das análises das discussões em grupo com as interpretações das entrevistas individuais. Nesse processo de integração, realizamos um movimento que partiu do todo para o particular e do particular para o todo. Nesse movimento, recorreremos às informações analíticas da singularidade que auxiliaram a compreensão da participação do sujeito no processo grupal, assim como, às análises dos processos grupais que permitiram a compreensão da singularidade do sujeito.

Cap. IV Análise dos dados

Este capítulo será dividido em 3 partes. Na primeira delas, apresentaremos os núcleos de significação organizados a partir das discussões realizadas pelo grupo de adolescentes e, posteriormente, na segunda parte, apresentaremos os núcleos constituídos a partir das entrevistas individuais do sujeito R. E, finalmente, apresentaremos os núcleos formados a partir das entrevistas individuais do sujeito R.

1. Núcleos de significação dos grupos de discussão

A partir das discussões em grupo, construímos oito núcleos de significação:

- Núcleo 1 Adolescência e Infância: período preparatório para o exercício social *“a gente ‘tá’ no começo da vida, a gente fica quieto ‘pra’ certas coisas, ‘pra’ tentar melhorar, ‘pra’ quando crescer ter um poder maior”*
- Núcleo 2 Desinteresse pela escola: *“a maioria não leva a sério a escola”, “você vem à escola e você não recebe, assim, uma educação ‘pra’ mudar as coisas”*
- Núcleo 3 Emoção como obstáculo da razão: *“agir com os instintos e não com a cabeça”*
- Núcleo 4 Estereótipos do bem e do mal: uma disputa entre particularidade e individualidade *“a gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o mauzinho”*
- Núcleo 5 Inato ou aprendido? *“tem a tendência e 95 % de influência”*
- Núcleo 6 Medo como norteador das escolhas: *“porque vai ser pior ‘pra’ quem vai denunciar esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou”*
- Núcleo 7 Neutralidade x posicionamento *“talvez o importante seja abaixar a cabeça ‘pra’ certas coisas” x “se eu tipo assim concordar com ele eu ‘tô’ me corrompendo também, da mesma forma que eu achei que ele estava errado eu vou estar sendo”*
- Núcleo 8 Sociedade: hoje e amanhã *“é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança”*

Núcleo 1

Adolescência e Infância: período preparatório para o exercício social “a gente ‘tá’ no começo da vida, a gente fica quieto ‘pra’ certas coisas ‘pra’ tentar melhorar, ‘pra’ quando crescer ter um poder maior”

Os sujeitos da pesquisa, em alguns trechos da discussão, relataram que a infância é um momento de desajuste emocional, em que os instintos sobrepõem-se à razão “*ai que (...) as crianças, elas começaram a agir com os instintos e não com a cabeça.*” Relacionada a essa ideia da supremacia dos instintos, encontramos o relato de que a criança necessita ser protegida por um “líder”, pois estes instintos a impulsionam a fazer o “mal” ao outro. “*Então um líder ali tinha a função de cuidar dos mais novos, de igualar todo mundo.*” (R.) Além da noção de que a criança é tomada por instintos corruptíveis, surge a de que se encontra num período preparatório para o cumprimento das regras sociais, da aquisição das noções de certo e errado. Nesse sentido, R. disse: “*Porque não tinha ninguém ali pra falar pra eles o que era certo ou errado, eles eram crianças (...) você viu que até depois começou a dar problemas, roubaram e tal.*” Percebemos que a infância é tomada como um período em que é permitida uma certa desresponsabilização dos atos, visto que se trata de um período em que se está aprendendo a “ser” e a “fazer”. Sendo esse um período de aprendizagem, faz-se necessário que as condições externas favoreçam o desabrochar das potencialidades internas, pois se tais condições forem precárias isso prejudicará o desenvolvimento natural desse pequeno ser.

Utilizamos a reflexão que Charlot (1979) realizou acerca da infância, a fim de elucidar a significação que os sujeitos de nossa pesquisa têm deste período do desenvolvimento. De acordo com Charlot (1979), a representação filosófica da infância está fundamentada em quatro princípios: 1) A criança é um ser cuja razão não pode guiá-la; 2) A criança não é guiada por sua razão e sim pelos sentidos; 3) Falta à criança experiência coerente, devido a sua curta existência, mas, primordialmente, porque não consegue interpretar as experiências que já vivenciou e 4) Faltando-lhe razão e experiência, cabe ao adulto, racional e experiente, fornecer-lhe orientação. Para a pedagogia e, como percebemos, para os sujeitos da pesquisa, a infância aparece carregada da ideia de corrupção, sendo assim, a criança é identificada como dotada de uma natureza humana em que prevalecem a maldade, a perversidade, a desordem, a imperfeição e o inacabamento. Essa natureza humana, além desses conteúdos negativos, também contém a essência humana, ou seja, um potencial positivo que, se “despertado” e

“fertilizado” adequadamente pela educação, desabrochará e poderá *“reencontrar a humanidade que subsiste no fundo do homem.”* (Charlot, 1979, p. 62) Diante disso, observamos, mais uma vez, que os sujeitos da pesquisa apresentam uma concepção naturalizada do humano, ou seja, a de que existe um potencial apriorístico que determina a humanidade, desconsiderando que o homem é um ser inacabado, um ser de relações, um ser de modificabilidade, porque dialeticamente transforma e é transformado nas e pelas relações.

Apesar de considerarem tais aspectos da infância, os adolescentes da pesquisa depositam na população infantil parte da responsabilidade de transformar a sociedade:

“A gente pensou, assim, em trabalhar numa conscientização, assim, das crianças, dos jovens, enfim de quem ‘tá’ crescendo agora (...) a longo prazo a gente acredita que há uma mudança sim, se tipo assim houver um investimento na conscientização assim” (A.), “O rumo que vai tomar, se vai melhorar é a gente ou as crianças que ‘tão’ vindo agora, né? (R.)

Nessas falas identificamos que esperam que os jovens também contribuam fortemente na transformação social. No entanto, tal significação é bastante contraditória, pois ao mesmo tempo em que colocam muita expectativa na juventude como motor de mudanças, se percebem impossibilitados de exercerem essa função; sobre isso R. relatou: *“Só que a gente ‘tá’ sendo impedido de fazer isso, do jeito que ‘tá’ a sociedade hoje em dia, a gente ‘tá’ sendo impedido, a gente não ‘tá’ conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.”*

Acreditamos que esse impedimento mencionado por R. deva-se à percepção que os sujeitos têm da adolescência, entendida como um período em que não se tem, ainda, as condições necessárias para a realização das mudanças de que necessita a sociedade. Portanto, esse é um período, como afirmam alguns autores, de moratória social, destinado para a preparação da assunção de uma posição social capaz de realizar ações efetivas, assemelhando-se à concepção de adolescência naturalizada bastante presente na significação social ocidental.

“É isso que eu falei me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar, que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso. (...) E também por a gente estar no começo da vida, a gente fica quieto pra certas coisas pra tentar melhorar pra quando crescer, [para quando

tiver] *um poder maior, tanto aquisitivo, quanto ..., é assim, ter maior controle da situação, poder levar uma vida melhor. Poder tentar seguir o máximo o que pensa, poder não ser induzido, não seguir a ideia dos outros.*" (R.)

Vale destacar que essa crença de um futuro melhor, com a chegada da fase adulta, também está presente em pesquisa realizada por Aguiar e Ozella (2008), com jovens da cidade de São Paulo.

Concomitante à ideia de que a adolescência é um período de preparação para o exercício social, está a de que, justamente por isso, os adolescentes podem realizar ações de reivindicações de mudanças, visto que ainda não têm um status social valorizado a pôr em risco. *"Eu 'tô' com 18 anos, e vocês acham o quê? A gente não fez nada. Daqui a pouco a gente vai entrar numa faculdade, a gente vai trabalhar, se Deus quiser tal, e depois vamos (sic) ter filhos, vamos ficar presos ao emprego."* (D.) Essa concepção assemelha-se ao estereótipo da concepção de adolescência como momento repleto de rebeldia, cujo ideal é transformar o mundo, marcado principalmente, por uma certa irresponsabilidade. Além disso, parece que, ao ingressar na vida adulta, algumas situações são inevitáveis e ocorrem independentemente da escolha pessoal.

Faz parte da significação de nossa sociedade, de um modo geral, essa ideia de adolescência como moratória e como um período permeado por impossibilidades. Sobre as impossibilidades Abramo (1997) aponta que enquanto os jovens são vistos como *"a encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, e ouvidos, e entendidos, como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e das esperanças dos outros."* (p.33) Ao abordar esse aspecto da adolescência A. relatou: *"No nosso caso pesa muito, as pessoas falam: 'Ah! Vocês não são mais crianças.' Mas, também não somos adultos, tipo, não temos voz de criança, mas também não temos voz de adulto."* Essa marca é bastante presente, mesmo na população jovem que enfrenta uma outra realidade, como por exemplo, os jovens trabalhadores que contribuem para a manutenção econômica familiar, e são, portanto, uma "possibilidade" para as mesmas. Isso afirma a *"demonstração da eficácia ideológica do conceito* [conceito socialmente instituído e naturalizado de adolescência], *assumido pelo jovem como expressão de sua autêntica forma de ser."* (Aguiar e Ozella, p. 104, 2008) O que se verifica com os adolescentes das camadas mais baixas é que a adolescência vivida desta forma é percebida como desviante do padrão normal, visto que o ideal e esperado seria viver a adolescência como um período de irresponsabilidades, no qual deveriam predominar atividades de diversão e descompromissos.

O estudo aparece como uma importante condição para se adquirir a “estrutura” (“*me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer*”) de que falou R., reafirmando nossa hipótese de que esses sujeitos atribuem à educação um poder de transformação que, na verdade, ela não tem, já que para a realização de um movimento desta natureza, outras instituições, além das educacionais, precisam estar envolvidas. Apoiamos tal hipótese nas seguintes falas:

“O que que você acha? Você acha que a gente consegue mais ou menos chegar lá no plenário: ‘Oh! Eu tenho mais ou menos essa ideia, o que ‘tá’ acontecendo aqui? Eu trouxe essa ideia aqui’ Eles vão esnobar a gente. Agora se eu tivesse um doutor antes do meu nome, eles vão ter que me ouvir, no mínimo me ouvir. Então é essa estrutura que a gente ‘tá’ buscando.” (A.) “De querer estudar, de querer saber, querer estudar o que ‘tá’ sendo de errado de querer saber ao certo o que que tão mexendo que... , vamos supor não ‘tá’ indo verba pra tal setor, escola [por exemplo].” (R)

Gostaríamos de destacar que o estudo aparece vinculado a uma concepção liberal de homem, que acredita que o oferecimento do mesmo proporciona uma igualdade entre todos os indivíduos de uma sociedade, tornando-os, portanto, aptos para o êxito profissional. Nesse contexto o desemprego é analisado como uma falta de competência individual e não como um problema social. Nessa perspectiva encontramos a pesquisa de Aguiar e Ozella (2008), a qual aponta que, segundo os jovens, o estudo é um requisito fundamental para o ingresso no mercado de trabalho ou para uma vida melhor, assim como a valorização do esforço pessoal nesse processo.

A entrada na vida adulta, para os sujeitos, não ocorre com a chegada de determinada idade, sendo assim, Q. relatou: “*Quando eu era criança eu pensava: ‘Ah! Quando eu tiver 18 anos!’ [não serei mais criança].*” Os jovens não acreditam que exista uma fronteira fixa entre uma fase e outra do desenvolvimento “*Se ‘tá’ aqui [adolescência] e passou é adulto? Não!*” (N.) Para eles o término da adolescência se dá com a conquista da independência financeira, ingresso no mundo do trabalho e com a constituição de uma nova família. A percepção de que a formação de uma nova família é o marco da entrada na vida adulta, vem ao encontro dos resultados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, de 2003²³.

²³ A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, de 2003, foi publicada por Abramo, H. W. & Branco, P. P. (org.) (2005) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo.

“Eu vou fazer 18 anos esse mês, né? (...) eu falo: ‘mãe agora eu posso fazer o que eu quiser’, minha mãe fala: ‘não, enquanto você ‘tiver’ dependendo de mim, morar na minha casa vai ser do meu jeito.” (Q.), “Eu acho que a responsabilidade chega, tipo assim, quando você arruma um trabalho, uma família pra cuidar, daí, tipo, eu acho que você tem que se tocar [que a adolescência acabou].” (A.)

A pesquisa de Aguiar e Ozella (2008) corrobora esse dado, pois destaca que o aumento da responsabilidade é visto em todas as classes sociais, sexos, raças e idades dos sujeitos pesquisados como uma grande mudança ocorrida ao final da adolescência.

Nesse núcleo as principais questões referem-se à concepção de infância como um momento de desajuste emocional, em que os instintos sobrepõem-se à razão, sendo considerado, também, como um período preparatório para o cumprimento das normas sociais. Implícita nesta concepção está a noção de que a criança é tomada por instintos corruptíveis e que necessitam ser transformados. Trata-se, portanto, de uma concepção naturalizada do ser humano. Os adolescentes da pesquisa acreditam que a população infantil e jovem sejam os principais responsáveis pela transformação social. No entanto, relatam que eles, adolescentes, não conseguem exercer esse movimento, pois ainda não detêm as habilidades necessárias, somente conquistadas na idade adulta. Para eles a adolescência comporta reivindicações de mudanças, visto que ainda não se constitui um status social valorizado a pôr em risco. Acreditam num futuro melhor, com o ingresso no mundo adulto, creditando ao estudo fundamental importância para a concretização dessa perspectiva. Acreditam que o término da adolescência ocorre com a conquista da independência financeira, com o ingresso no mundo do trabalho e com a constituição de uma nova família.

Núcleo 2

Desinteresse pela escola: “a maioria não leva a sério a escola” e “você vem à escola e você não recebe, assim, uma educação pra mudar as coisas”

Considerando que a educação é vista pelos sujeitos da pesquisa como o grande motor para a realização da transformação social e também como um instrumento que possibilita a ascensão social do indivíduo, salta aos nossos olhos o fato de mencionarem o desinteresse

pela escola. Buscando compreender essa contradição empreendemo-nos na análise dos elementos constitutivos dessa percepção.

Os sujeitos relataram que a maior parte dos alunos de sua escola não está interessada nas atividades pedagógicas e nos projetos, desenvolvidos no âmbito escolar, que discutem as necessidades institucionais. Sendo assim, R. disse: *“O aluno não ‘tá’ interessado na escola, não ‘tá’ interessado no projeto que a escola faz (...) a maioria não leva a sério a escola.”* Esta falta de interesse, segundo os sujeitos, deve-se ao fato de *“que às vezes [as propostas da escola] não são coisas interessantes.”* (L.) Não temos elementos suficientes para avaliar o projeto pedagógico da escola em questão, no entanto, considerando as informações obtidas com a coordenadora pedagógica e com os alunos, percebemos que há insuficiente valorização da participação discente. Corroboramos nossa hipótese o fato de que os sujeitos da pesquisa, ao serem questionados acerca da percepção que estavam tendo dos grupos de discussão realizados com a pesquisadora, relataram: *“Ah! Eu ‘tô’ achando bacana é o único espaço que a gente tem pra conversar.”* (R.) *É também porque a gente é de sala diferente e eu nunca parei pra conversar com elas [aponta para as alunas das outras salas].”* (Q.) Diante disso, acreditamos que o oferecimento de poucos espaços de participação seja um dos elementos constitutivos desse modo de agir dos alunos em relação à escola.

A coordenadora relatou que um dos canais de participação discente existente é o Grêmios Escolares; contudo, apesar de prever a utilização de princípios democráticos na sua atuação, é estruturado de forma unilateral, sendo que não há eleição, mas convites por parte da coordenação aos alunos com melhor desempenho escolar. Ao ser questionada sobre as justificativas dessa postura, a coordenadora menciona o fato de que os alunos não sabem votar e, por isso, escolhem representantes que não desenvolvem adequadamente as funções para as quais foram eleitos.

A falta de experiência em participação discente e, relacionada a isso, a falta de consciência da sua necessidade levam a uma atuação discente descomprometida e desinteressada. Sobre isso mencionaram:

“Ah! É porque, tipo, as pessoas não querem se candidatar representantes [de sala].” (A.) *“Porque ninguém leva muito a sério essa coisa de representante de sala, porque até mesmo a maioria não leva a sério a escola, não tem o total interesse de representar mesmo a sala, sendo que nem ‘tá’ aí pro que vai acontecer.”* (R.)

Acreditamos que isso se deva, também, porque os alunos não se veem como protagonistas integrantes das tomadas de decisões referentes ao âmbito escolar.

“Eu já fiz parte do grêmio no 1º colegial, mas também não mudou nada. Só participava de reunião que tinha nas outras escolas, mas nada de mais assim. Mas, pra mudar alguma coisa assim, só sendo diretor” (Q.) “Tipo assim, se discorda do modo do professor tá tratando os alunos, [o representante de sala] seria a nossa voz pra falar com a direção, só que chega aqui [aponta para a sala da direção] fala e não muda nada.” (A.)

A direção é vista como uma entidade que decide, independentemente da vontade dos envolvidos na situação. Dessa forma, não percebemos uma integração entre alunos e direção, aliás, parecem 2 grupos com objetivos distintos. *“Por que a direção vai querer assim, por exemplo, que lute pelos seus direitos? Porque senão o povo da escola começa se rebelar contra a diretoria, entendeu?” (L.)*

Acreditamos que o comportamento de participação democrática necessite de mediações que constituam sua efetivação. A escola é um ambiente fértil para que o aprendizado desse comportamento se concretize, visto que é uma instituição que conta com um coletivo organizado para o planejamento sistematizado de situações educacionais. Estando a escola inserida na cotidianidade, esfera esta em que prevalecem a mesmice e a não reflexão, mas também onde circulam os afetos e as contradições e, assim, a possibilidade da reflexão e de ações humanas inovadoras, ela poderia favorecer o questionamento, gestando espaços que favorecessem a suspensão cotidiana (Heller, 2003). Caso tais espaços se concretizem, pode-se vislumbrar a concentração do indivíduo, se não total, mas o mais próxima da sua integralidade, proporcionando a reflexão sobre determinados aspectos da realidade, chegando à compreensão dos seus múltiplos determinantes. Nesse processo a escola poderia contribuir para a desnaturalização desse modo de relacionar-se na cotidianidade, que devido ao seu pragmatismo e à urgência das ações, não prioriza a democracia. Ao considerar as relações humanas estabelecidas como não naturais e sim como fruto de um processo de construção histórica, abre-se uma brecha para a descontinuação da ação sem reflexão, ou seja, pode-se criar uma possibilidade para a produção de novas formas de relacionamento que não as cristalizadas, criando condições para uma atuação coletiva e democrática.

Os sujeitos da pesquisa mencionaram que parte do desinteresse pela escola acontece porque

“às vezes a cabeça da pessoa ‘tá’... que nem no trabalho, ‘tá’ com uma atenção voltada pra outra coisa. Não vai querer dar bola pra um projeto de escola (...) escola vem pra você suprir alguma coisa, que nem trabalho [escolar] essas coisas, você pode fazer outro dia. Agora trabalho [emprego] não. Daí a atenção vai toda pro serviço.” (R.)

A escola não aparece como prioridade na vida desses adolescentes, sendo que ao trabalho é dado maior destaque. Sobre isso, a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, de 2003, aponta para o fato de que o emprego é um assunto de grande interesse da população pesquisada, atingindo 37% dela, enquanto que o emprego e profissões (52%) são vistos como os principais problemas preocupantes. Relacionados ao âmbito do trabalho, os dados dessa pesquisa relatam que entre as piores coisas de ser jovem está a falta de trabalho e/ou renda (20%).

Consideramos que as condições objetivas dos adolescentes da nossa pesquisa constituam esse modo de pensar e agir, visto que parte dos sujeitos já está ou esteve inserida no mercado de trabalho. Interessante notar que o mundo do trabalho e o da escola, segundo os sujeitos, parece neste momento, não se relacionarem, apesar de em outros relatos estabelecerem relação entre o estudo e a obtenção de emprego. Nesse sentido, esse dado parece semelhante ao encontrado por Charlot (2005) ao relatar que 75 a 80% dos alunos estudam para ter um bom emprego, entendendo que a lógica para a entrada no mercado de trabalho é “passar de ano”, conquistar o diploma e, finalmente, obter um bom emprego. Em nenhum momento o conhecimento aparece como determinante nesse processo, ficando explícito que o sentido de se frequentar a escola é a obtenção de um emprego no futuro e não para aquisição de conhecimentos que possibilitem compreender melhor o mundo.

Podemos sintetizar que o principal ponto desse núcleo reside no fato de que os sujeitos da pesquisa, apesar de creditarem na educação muita expectativa para a transformação social e, principalmente, para a própria ascensão pessoal, apresentam um visível desinteresse pelas atividades escolares. Levantamos a hipótese de que isso se deva às condições escolares particulares em que estão inseridos os sujeitos, assim como, a condições objetivas mais amplas.

Núcleo 3

Emoção como obstáculo da razão: “agir com os instintos e não com a cabeça”

Os sujeitos da pesquisa apresentaram a ideia de que a emoção²⁴ é um empecilho para promoção de comportamentos coerentes e racionais. Para A. “*a pressão ali [solitários na ilha] é muito grande, assim, pra eles conseguirem raciocinar, assim tipo, que [diferente de como] a gente raciocina aqui.*” A emoção e a razão são vistas de forma cindida e não como interfaces de uma mesma moeda. Heller (1985) diz que sentir “*significa estar implicado en algo. Tal implicación, (...) es parte estructural inherente de la acción y el pensamiento y no un mero “acompañamiento”.*” (p.23) A autora prossegue dizendo que o sentimento pode estar no centro da consciência e, nestes casos, é figura, e o pensamento é fundo desse processo, ou por outro lado, quando há necessidade de racionalização, o pensamento toma o lugar de figura e o sentimento passa a ser fundo. Há ainda outra possibilidade em que sentimento e razão ocupam a mesma posição, encontrando-se equilibrados. O que gostaríamos de destacar desse pressuposto é que, independentemente do lugar em que se posicione o sentimento, ele sempre estará presente na ação, sendo constitutivo do processo psicológico que é o pensamento.

A emoção é caracterizada como algo instintivo, irracional e prejudicial ao indivíduo; sobre isso D. relatou: “*Eles começaram ter atitudes sem tomar consciência assim e matavam os amigos e aí é isso*”. Referem-se aos instintos, relacionando-os com a animalidade e com a não-civilidade, para D.: “*eles não estavam [agindo] civilizadamente, eles estavam agindo como animais*”. Nesse sentido, o medo, o desespero, a fome “*tudo, impedia um pouco o raciocínio deles, era uma pressão psicológica*”, como relatou A.

O orgulho é visto como gatilho para a ação e é associado ao sexo masculino, apesar de não desconsiderarem sua existência no sexo feminino. “*O orgulho pega, principalmente os homens, é bastante isso, muitas vezes você sabe que ‘tá’ errado, e você não dá o braço a torcer.*” (R.) Gostaríamos de apontar que está presente em nossa sociedade a significação social de que o gênero masculino é mais forte, envolvendo características de orgulho, força e poder. Não cabe nesse estudo investigarmos os determinantes de tal significação, no entanto não podemos nos furtar de apontar que a mídia retrata de forma estereotipada os gêneros masculino e feminino e isso, sem dúvida, favorece a interiorização de determinados modelos de comportamento e de padrões de relacionamento. Sendo assim, fazemos a observação de que na mídia a figura masculina, frequentemente, está relacionada a uma baixa tolerância ao fracasso de um lado, e à competitividade, à racionalidade e ao poder de outro, já às mulheres são vistas como seres mais frágeis, dóceis e dotados de maior capacidade de compreensão.

²⁴ Emoção e sentimento são usados aqui indistintamente, apesar de sabermos que há uma diferenciação entre os termos, para está análise consideramos que não seria relevante aprofundarmos nesta diferenciação.

Essa pressão psicológica é usada, por vezes, para justificar atos violentos que culminaram na morte de personagens do filme *O senhor das moscas*, R. justifica uma das mortes da seguinte forma: “*Se não fosse eles ‘tá’ lá na reunião deles lá, todo nervoso lá e o outro veio com a espadinha lá, não teriam matado.*” D. reforçou: “*E se você prestar a atenção na 1ª morte, ‘tava’ escuro ele pensava que era monstro mesmo aquilo. A 2ª morte, do Simon, também pensavam que era o monstro e a do Porquinho, eles não sabiam nem o que eles ‘tavam’ fazendo, que aquilo era mesmo morte e a gravidade (...)*” L. complementou: “*Da 1ª vez que eles mataram, o Simon, mataram porque se sentiram ameaçados.*” Percebemos, com estas falas, que a intencionalidade fica comprometida com a intensidade das emoções experienciadas, dessa forma, atos violentos e repreensíveis, são amenizados e até justificados pelo fato de “*não agirem com a cabeça*”. Corroboram essa hipótese os seguintes relatos:

“Porque, por exemplo, você pode ver que depois que ele morre a expressão deles não é de: ‘eh!’ (D.), “Não foi tão intencional assim, foi um ...” (L.), “Mas, não foi com a intenção de matar. Foi com a intenção de assustar. “Eles não sabiam a consequência.” (D.), “eles não são assassinos, um matador de aluguel, eles mataram, tipo, daí pesa, daí, tipo, se tocaram do tamanho do problema que eles ‘tavam’ causando.” (A.)

Essa percepção de que emoção não contribui para a tomada de decisões racionais é explicitada também ao abordarem situações vivenciadas na realidade, como exemplificou R.: “*Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme.*” Este trecho leva-nos a refletir sobre a totalidade concreta em que grande parte da população está inserida, cujas condições sociais e econômicas impelem o indivíduo a atuar muito mais no âmbito da particularidade em busca da subsistência. Isso demanda grande parte de suas energias, acarretando assim uma diminuição da reflexão sobre as consequências dos seus atos e sobre os valores adotados em suas ações, gerando uma moral alienada, ou seja, a interiorização de valores distintos, que passam a coexistir harmonicamente, sem provocar conflitos e questionamentos no indivíduo. Sendo assim, o indivíduo, em busca apenas da subsistência, muitas vezes, assimila valores individualistas, como o exemplificado pelos sujeitos da pesquisa, ao relatarem a opção de indivíduos em permanecer em áreas verdes, mesmo quando beneficiados com programas habitacionais, pelo fato de estarem isentos do pagamento de água e luz. “*Que nem ela falou lá da favela que não tinha que pagar água que é o que eles pensam que é bom é o pensamento*

do Jack, a curto prazo, ali ‘tá’ sendo bom viver ali, mas não ‘tá’ pensando depois pra frente como vai ser.” (R.) O não pagamento dessas taxas pelo indivíduo se deve a ligações clandestinas de outras residências que pagam pelo consumo de ambas as casas. Além disso, o indivíduo, ao cristalizar suas energias para atender ao imediato, perde a noção de processo, da construção histórica do futuro, não se percebendo parte integrante deste movimento.

Se, por um lado, a emoção é o impeditivo para a ação racional é ela a mobilizadora para a filiação em grupos. Os adolescentes da pesquisa relataram que utilizam a sensação como elemento determinante para adesão a um ou outro grupo:

“Cada grupo, assim, que eu passei... Ali eles gostam muito de cinema, e aquilo me agradou, daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características, assim, de cada grupo que me agradam que vai [me mobilizando].” (D.), “do negócio dos amigos, que você acha certo ou errado você tem que ver com quem você se identifica, você vai pela, como que se fala? Pelo que você sente, que você ‘tá’ se sentido bem por causa disso ou acho que isso não ‘tá’ legal. Ou então, aí legal fiz alguém feliz ou então, vai depender de pessoa pra pessoa.” (R.)

Apesar de exemplificarem filiações a grupos positivos, a sensação também é o parâmetro norteador para escolhas que envolvem grupos que praticam a violência, como relataram acerca do grupo que praticou as mortes no filme, *“Mas acho que eles ‘tavam’ fazendo isso mais pela sensação.” (D.)*, ou quando se filiaram ao grupo do Jack, *“eles matam o primeiro porco já vem aquela sensação deles serem guerreiros, poderosos. Eles têm, né? O Jack já se sente o maior, assim,”* afirmando que se sentiam bem realizando tais atos.

Ao analisar o critério de ingresso dos sujeitos da pesquisa aos grupos de referência podemos depreender que o elemento norteador das escolhas é o prazer. O prazer está no âmbito do particular, visto que nos remete ao imediato, ao “aqui-e-agora”, sem uma preocupação com o depois, com as consequências. Pautar-se apenas no prazer favorece a instalação de uma alienação da moral, pois se o norteador é apenas o prazer, o indivíduo pode assimilar valores antagônicos, sem que isso lhe cause desconforto.

A emoção também é vista como grande mobilizadora de mudanças

“Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento (...) Têm situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano (...) às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.” (R.)

A fim de compreender essa questão, retomaremos o que dissemos há pouco. Heller (1985) diz que sentir é estar implicado e que o sentimento não é mero acompanhante da ação ou do pensamento, mas é elemento constitutivo desses processos. Dessa forma, sempre estamos implicados em algo. Essa implicação pode variar em menor ou maior grau, ou seja, pode-se ser indiferente ou interessado num determinado acontecimento, situação ou objeto. Há momentos em que a implicação é profunda e intensa e se está totalmente absorvido pelo objeto ou situação, envolvendo todo o “eu” nesse processo, de forma que sentimento e pensamento encontram-se em equilíbrio. Em situações como essas, de intensa implicação e profunda atenção, é possível a elevação das ações acima da cotidianidade, ou seja, é possível romper com a estrutura não-reflexiva, pragmática e economicista que o cotidiano impõe. Nesses momentos, que são raros, ocorre a concentração de todas as forças na execução de uma tarefa, que pode ser uma escolha moral, assim como uma vinculação consciente com a tarefa e, sobretudo, com as suas consequências. (Heller, 2003) Diante disso, entendemos que o relato de R: *“Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento (...) Têm situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano (...) às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar”*, aproxima-se desse processo descrito por Heller (2003). Essa *“coisa que acontece pode mudar”*, de que fala R., ao nosso ver, é a possibilidade de concentração do indivíduo, com todo o seu ser, na realização de algo, de forma que ocorre uma suspensão dos interesses particulares (particularidade) e da cotidianidade. Vale destacar que situações que retratam a miséria e a violência, condições estas a que está submetida grande parte da população mundial, não têm sido mobilizadoras de uma implicação intensa e profunda da população de um modo geral. Geralmente tais situações chegam à sociedade de forma banalizada e sensacionalista. A mera repetição da percepção ou constatação dessas situações, sem problematização, tendem a produzir uma implicação negativa do indivíduo, ou seja, gera somente aborrecimento e não indignação e reflexão. Acabam, assim, por dissolver-se no cotidiano.

Nesse núcleo observamos que os adolescentes da pesquisa veem a emoção como um elemento perigoso, que muitas vezes, impede que comportamentos coerentes e racionais se estabeleçam. A razão e a emoção são vistas de forma cindida e não como integrantes de um mesmo processo. A emoção é um forte elemento determinante para a filiação em grupos. Além disso, também é vista como grande propulsora de mudanças.

Núcleo 4

Estereótipos do bem e do mal: uma disputa entre particularidade e individualidade

“A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o mauzinho”

Podemos depreender das discussões realizadas com os adolescentes da pesquisa, que eles concebem a existência de alguns indivíduos portadores do bem e outros portadores do mal. Dessa forma, o “bonzinho” é caracterizado como inteligente, sem interesse pelas atividades agressivas ou por diversão e detentor de equilíbrio psicológico, nas palavras de A., ele “*mantém a sanidade*”. Geralmente, é considerado como diferente e esquisito, justificativas estas para constantes agressões físicas ou morais de que é vítima. Essa concepção lembra-nos o estereótipo do “*Nerd*”, amplamente conhecido e difundido no âmbito escolar, reforçado pela veiculação feita nos filmes americanos, especialmente, que retratam tais estudantes como dedicados ao estudo e com excelente desempenho acadêmico, geralmente com um tipo físico fora dos padrões de beleza (excessivamente magros ou obesos, que usam óculos com lentes grossas) que por se diferenciarem do grupo dos “populares”, são vítimas de humilhação e agressões físicas, situações estas que, apesar de não serem novas nas escolas, atualmente têm recebido a denominação de *bullying*²⁵.

Além dessas características, o “bonzinho”, para os sujeitos da pesquisa, é “*pacificador*” e “*democrático*”, dá voz a todos e tenta resolver os conflitos por meio do diálogo, desprezando todas as formas de violência. Essa atitude, muitas vezes, o coloca no rol dos medrosos ou ainda na categoria daqueles que não tomam atitude. A esse respeito relataram: “*Porque o Ralph saiu perdendo ele ficou só com os medrosos.*” (A.) “*Bem no início a maioria das pessoas gostava mais do Ralph. Se o Ralph tivesse tomado uma posição mais forte assim em relação ao Jack, com certeza as pessoas iam ficar do lado dele, assim.*” (D.)

Integra, também, a caracterização do “bonzinho”, a eleição do pensamento a longo prazo, ou seja, um pensamento mais amplo em detrimento do pragmatismo do cotidiano. Exemplificamos isso com a seguinte fala: “*Só tinha um só molequinho [Ralph] que ‘tava’*

²⁵ *Bullying* é definido por Cleo Fante (2005) como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, com desequilíbrio de poder e que ocorrem sem motivo evidente. Tais atitudes são adotadas por um ou mais indivíduos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento às vítimas, as quais, geralmente, manifestam incapacidade de defesa. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações, acusações injustas, hostilizações, ridicularizações, exclusões sociais e calúnias são algumas das manifestações do *bullying* e podem ser reconhecidas nas escolas, famílias, ambientes profissionais e demais grupos sociais. Pesquisas demonstram que o fenômeno aparece, com maior ou menor intensidade, em 100% do cotidiano das escolas, independentemente do turno, da localização, tamanho, séries ou de ser a escola pública ou privada.

querendo o melhor pra todo mundo e ‘tava’ pensando na frente que seria o amanhã (...)” (R.). Nesse sentido, tal caracterização aproxima-se do que Heller (2003) denominou de individualidade, que entre outras coisas, refere-se ao pensamento reflexivo que não sucumbe às condições que o cotidiano impõe. A situação cotidiana retratada no filme era de imensa dificuldade (escassez de alimento e água, mudanças climáticas etc.) para a manutenção da vida, o que poderia impedir a reflexão a longo prazo.

R. complementa a fala anterior, a respeito de Ralph, dizendo: “*já tinha um outro [Jack] lá, que queria caçar, preferia a comida a prestar atenção na fogueira*²⁶”. Nesse momento, R. destaca a preocupação de Jack de agir pragmaticamente em busca do alimento, visto que se tratava de uma ação necessária para a preservação da vida, sendo essa orientação para a ação imediata, uma das características da particularidade. Contudo, tanto no personagem de Ralph, quanto no de Jack, observamos um desequilíbrio entre o âmbito da particularidade e o da individualidade. Ralph pensava apenas no futuro, atentando-se para a fogueira como instrumento para o salvamento, mas não no presente e nas questões imediatas necessárias para a sobrevivência, enquanto que Jack preocupava-se somente com as necessidades imediatas e por isso ia em busca de alimento, mas desconsiderava o pensamento a longo prazo, a possibilidade de elaborar estratégias que possibilitassem o resgate do grupo.

Esse desequilíbrio entre o âmbito da particularidade e o da individualidade exemplifica que adotar como lema de vida a seguinte premissa: “*Na vida cotidiana o ‘útil’ é tomado como sinônimo de ‘verdadeiro’ (...) torna a atividade cotidiana essencialmente pragmática*” (Patto, 1999, p. 171), significa tomar a particularidade, a parcialidade do real e as concepções cristalizadas na consciência como guias orientadores das suas ações, o que acarreta a alienação da vida cotidiana. Da mesma forma que, orientar-se desconsiderando a mecanicidade exigida para operar cotidianamente, paralisa o indivíduo impedindo-o de sobreviver. Vale destacar que vivemos numa era em que predomina o aqui-e-agora, e, portanto, essa valorização do imediato faz parte da significação social. Cortella e La Taille (2005) afirmam que a juventude vive no eterno presente, no aqui-e-agora, como se o amanhã não fosse existir. Vivendo assim é difícil projetar o futuro. Cortella (2005) diz que os jovens vivem a filosofia do *Carpe Diem*. Sobre isso ele diz:

“A rejeição ao carpe diem não é a rejeição ao aproveitamento, a punição ao prazer da vida. Ao contrário. Vive-se para usufruir a vida ao invés de se trabalhar a vida como um conjunto de situações nas

²⁶ A fogueira era utilizada como sinal de existência de vida na ilha deserta, de modo que pudesse ser vista pelos grupos de salvamento.

quais as proibições ao aproveitamento também fazem parte. A vida exige compromissos e o carpe diem continuado, exacerbado, é descompromisso individual e coletivo.” (p. 12)

Outra fala que aponta o desequilíbrio entre o âmbito da particularidade e o da individualidade é a cisão que os sujeitos fazem entre inteligência e atividades práticas para a sobrevivência. *“Que nem tinham aqueles que gostavam de se divertir de caçar, então deixava eles lá, fazer a parte deles, o Porquinho já era mais inteligente então ele ficava sempre junto com o Ralph”*. Percebemos, mais uma vez, que os adolescentes desvinculam a ação da reflexão. Ao priorizar uma instância ou outra, o indivíduo aliena-se moralmente, pois a fim de garantir a própria sobrevivência (âmbito da particularidade), desconsidera a vida do outro (âmbito da individualidade), ou seja, o outro se torna alheio e é, portanto, esquecido.

De um modo geral, percebemos que há semelhança na caracterização que os adolescentes fazem dos “bonzinhos”, com o que Agnes Heller (2003) chamou de humano-genérico, ou seja, com aquele que elege valores pautados na coletividade ou na *“consciência do nós.”* (Heller, 2003, p. 36) Vale destacar que os adolescentes têm a percepção de que *“são poucas as pessoas que pensam no coletivo”* e que o “bonzinho” na nossa sociedade sofre consequências negativas por seu comportamento democrático, pacificador e engajado com as causas de um coletivo, como relatou A.:

“Alguns casos [de pessoas que pensam no coletivo] se dá bem, mas a grande maioria não” ou na fala de L.: *“Eu vi uma reportagem que uma psicóloga (...) ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que ‘tavam’ na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então, como que a pessoa vai pensar no outro? Então, é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.”*

Ao refletirem sobre o personagem Ralph que encarna o estereótipo do bem, eles disseram: *“Porque o Ralph, certamente, se não fosse um filme e demorasse mais um dia, duas horas eles não iam nem ‘tá’ vivos.”* (Q.)

Os adolescentes consideram aceitável e, por vezes, mais adequado vincular-se aos “mauzinhos” em situações extremas, apesar de compartilharem dos valores dos “bonzinhos”. Isso é exemplificado por meio de relatos sobre o filme e também com exemplos da vida real. Sendo assim, relatam as situações de encarceramento em sistema prisional, nas quais presidiários, visando obter proteção ou provimentos para familiares, filiam-se a facções

criminosas como o PCC (Primeiro Comando da Capital)²⁷. Sobre isso D. e A. disseram, respectivamente:

“uma coisa que eu notei assim, é que fora dali era o Ralph que era o líder, porque logo de início elegeram o Ralph como líder e tal, mas naquele ambiente acho que acharam mais necessário o Jack.”, “tipo que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá tem as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica tipo meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela ‘tá’ lá dentro que ela tá, tipo privilegiada.”

Nesse sentido, o indivíduo “mau” é visto como provedor e protetor dos perigos a serem enfrentados, tanto na situação fictícia do filme, como na vida real, o que pode ser exemplificado, também, pela fala de N. ao justificar a escolha dos personagens do filme pelo grupo do “mal”: *“No outro grupo tinha comida, proteção”* e por A. ao mencionar que traficantes protegem o bairro onde mora: *“Tipo o traficante tá protegendo a nossa favela aqui não sei o quê.”*

O indivíduo “mau” é lembrado como aquele que utiliza a violência física, pressiona psicologicamente e é persuasivo, de forma que convence a todos utilizando, muitas vezes, argumentos falsos para atrair e conservar as pessoas a seu favor. Sobre isso R. disse: *“Não que ele tivesse [medo] mas ele fazia com que os outros tivessem. Pra quê? Era uma forma pros outros estarem do lado deles, era uma forma de prender eles, eles acreditavam no monstro era uma forma de prender eles e trazer mais segurança pra eles”*. Além disso, de um modo geral, o indivíduo usa coerção física ou psicológica para manter a coesão grupal. A esse respeito os sujeitos da pesquisa disseram:

“As pessoas tinham medo dele [do Jack]”, “a imposição do Jack sobre o grupo do Ralph, a pressão psicológica dele, abalou, né, ele, tanto que ele conseguiu trazer as pessoas pro grupo dele, né? ou “Tipo que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá tem as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica tipo meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela ‘tá’ lá dentro, que ela ‘tá’, tipo, privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.”

²⁷ Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização de criminosos criada para defender os direitos dos encarcerados no país. Surgiu no início dos anos 90, no Centro de Reabilitação Penitenciária de Taubaté. A organização é comandada por presos e foragidos principalmente no estado de São Paulo. O PCC têm vários integrantes que financiam ações ilegais em São Paulo e em outros estados do país.

Se, por um lado, na visão dos sujeitos da pesquisa, o “bonzinho”, não sobreviveria, Jack e seu grupo, protagonistas do mal, seriam os que teriam mais chance na luta pela sobrevivência, pois entre eles haveria afinidade e cumplicidade, já que compartilhavam dos mesmos valores e dos meios para atingir seus objetivos. Sobre isso R. disse:

“até chegar naquele grupinho, acho que do Jack mesmo 4 ou 5 [meninos], eles que começaram tudo acho que entre eles não ia se acabar, eles que coordenavam tudo (...) eu acredito nesse negócio, de que quando chegasse só no grupinho do Jack, aquele que matou o Porquinho e mais uns 2, lá deles, eles não iam se matar”.

Cabe destacar que durante a discussão sobre o filme, os 8 sujeitos ao serem questionados sobre em qual grupo ficariam se estivessem na mesma situação dos personagens da ficção, disseram que consideravam mais adequados os valores do Ralph e que o correto seria ficarem com ele, no entanto, apenas 2 sujeitos assim o fariam, pois acreditavam que Ralph não possibilitaria a sobrevivência. Destacamos esse trecho como emblemático da posição dos sujeitos pesquisados, pois a maioria concordou com Q., quando disse:

“Lógico que eu assistindo, eu ficaria do lado do Ralph, que é o certo. Só que no momento ali é diferente, porque precisava de comida, precisava ser salvo e se ele nunca fosse salvo? Se o moço não chegasse ali os meninos iam avançar, iam matar ele também, ele não ia sobreviver. No momento eu ia querer sobreviver, ia querer ficar do lado do Jack.”

A fim de elucidar essa fala, retomamos o seguinte trecho, integrante do Cap. Ética da presente pesquisa:

“A vida humana é repleta de processos de escolhas que envolvem a determinação externa e a autonomia do indivíduo. Todos os dias, em quase todos os momentos, nós temos que decidir entre isto ou aquilo. Dentre a diversidade de escolhas que enfrentamos, vivenciamos os dilemas éticos, ou seja, situações em que se apresentam duas possibilidades, nas quais somente uma é eticamente correta. No dilema ético entra em cena o conflito entre o ‘querer’, o ‘poder’ e o ‘dever’ de um lado e o conflito entre a vontade, a autonomia e a consequência, de outro. Ou dito de outra forma, deparamo-nos com o embate entre a particularidade e a individualidade.” (p. 35)

Isoladamente a fala de Q., descrita acima, remete-nos a pensar que o grupo aproxima-se mais do âmbito da particularidade, que do da individualidade, pois nessa disputa entre o

“querer”, o “poder” e o “dever”, prevalece o “poder” (*‘naquele ambiente acho que acharam mais necessário o Jack’, ‘no outro grupo tinha comida, proteção’*) ao “querer” e ao “dever” (*‘lógico que eu assistindo, eu ficaria do lado do Ralph, que é o certo’*).

No entanto, ao vislumbrarem a necessidade de outro tipo de formação grupal, nos dão indícios de um equilíbrio entre particularidade e individualidade. É unânime a opinião do grupo quanto a necessidade de um outro tipo de formação grupal que integrasse as ações de Ralph e de Jack. *“Faria um 3º grupo ali.”, “eu ia tentar unir todo mundo e dividir [tarefas] também”, “você não gosta de caçar, põe outro pra procurar comida” e “os outros pensavam na fogueira.”* Nesse grupo deveria coexistir a busca pela sobrevivência imediata (pragmatismo cotidiano) com as estratégias de salvamento (pensamento reflexivo a longo prazo), o que indica equilíbrio entre o âmbito da particularidade e o da genericidade. Contudo, aceitariam a utilização de punições violentas, desde que fossem moderadas e necessárias para a manutenção da coesão grupal, sem que estas levassem à morte dos indivíduos. A fim de exemplificar tal hipótese transcreveremos o diálogo a seguir:

“Q.: Porque era assim quando falaram que tinha roubado no [grupo] do Ralph e falaram: ‘o que a gente vai fazer com eles?’ e não fazia nada, ficava por isso mesmo, no outro grupo eles percebiam respeito porque se eles fizessem alguma coisa errada eles iam arcar com as consequências, agora o Ralph não fazia nada de mais.”

Pesquisadora: Vocês acham que seria certo ter uma consequência?

Q.: É não tão forte como foi [no grupo do Jack].

A.: Porque também não tinha tanta atitude a ser tomada [além das atitudes violentas].

Q.: Eu não ia aceitar ficar matando meus companheiros, meus amigos.”

Essa postura, associada à percepção que os sujeitos têm de que considerar ou preocupar-se com o coletivo acarreta consequências negativas, como exemplificado anteriormente, ao relatarem sobre a psicóloga violentada, indicam que se aproximam mais da esfera do particular, visto que ao adotar a violência como única possibilidade de resolução de conflitos grupais, assim como adotar uma postura individualista são maneiras de desconsiderar o ‘outro’.

Apesar de, à primeira vista, parecer contraditório esse movimento do grupo pesquisado, que ora aproxima-se do âmbito particular, ora apresenta equilíbrio entre ambas as esferas, não

podemos nos esquecer da premissa de Heller (1970): “*não existe uma ‘muralha chinesa’ entre a atividade cotidiana e a práxis não-cotidiana ou o pensamento não-cotidiano.*” (p. 33)

Podemos perceber, ainda, que os adolescentes têm uma concepção maniqueísta do bem e do mal, explicitado na fala: “*A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o mauzinho.*” Observamos que se trata de uma visão de homem naturalizada, pois considerar que há um homem cuja totalidade é a bondade ou a maldade, significa desconsiderá-lo como um ser de relações e que, por isso, vive em constantes transformações, não sendo naturalmente mau ou bom.

Em síntese, percebemos que os sujeitos da pesquisa possuem uma visão de homem naturalizada, portador exclusivamente do bem ou, por outro lado, exclusivamente do mal. O “bom” é visto como incapaz de sobreviver às adversidades, devido ao pensamento a longo prazo e a sua postura democrática, que é entendida como passividade, ao passo que o “mau” é tido como aquele que reúne as condições necessárias para a sobrevivência, pois se pauta em valores individualistas. O grupo de sujeitos da pesquisa apresenta um movimento que ora aproxima-se do âmbito da particularidade, ora da individualidade, em outros momentos, ainda, apresentam equilíbrio em tais esferas.

Núcleo 5

Inato ou aprendido? “*tem a tendência e 95 % de influência*”

Os adolescentes da pesquisa, ao discutirem sobre como o ser humano adquire a noção de certo e errado, entram no terreno do inato e do aprendido, que têm sido alvos de estudos e discussões ao longo da história das ciências humanas e biológicas. Identificamos que estão presentes nas falas dos sujeitos alguns dos conteúdos de discursos científicos, no entanto, de forma distorcida ou esvaziada de sentido, pela veiculação de mídias como a TV e a Internet, atendendo, frequentemente, a interesses ideológicos. São ideológicos, no sentido de que veiculam apenas parte do real, omitindo alguns determinantes fundamentais para a compreensão do fenômeno. Como exemplo, citamos o trecho seguinte:

“Também aquilo que eu falei até os 6 anos a psique não ‘tá’ formada e, tipo, eu vi na Internet um vídeo de mensagens subliminares, tipo, acusando a Disney de formar homossexuais. Pra não envolver religião, tipo, o A. [professor de história] disse, tipo, que ele acredita nisso sim,

porque seriam uma grande [fatia do] pão capitalista, formar um novo grupo grande de consumidores pra poder vender bastante. Porque daí não tem como provar, na ciência, ninguém nasce homossexual, não existe células masculinas, células femininas e células homossexuais, ou nasce masculina ou feminina ou, tipo, recebe a influência. Nos EUA esse negócio de homossexualismo surgiu numa pesquisa que provou que era um distúrbio comportamental, tipo, vício em bebida, coisa assim. A gente acredita que é bastante influenciável.” (A.)

Acreditamos que o fato de considerarem que a “psique” não esteja formada até os 6 anos de idade contribua para conceberem que as crianças não saibam diferenciar o certo do errado. Dessa forma, ao analisarem os crimes cometidos na ficção, D. diz: *“Mas não foi com a intenção de matar. Foi com a intenção de assustar. Eles não sabiam a consequência.”* Essa ideia de que a “psique” ainda não está formada, traz na sua base a ideia da criança como um ser incompleto e inacabado, por estar no início do desenvolvimento, pressupondo, portanto, que um dia, quando se tornar adulta, atingirá um estado pleno e completo. Trata-se de uma visão de homem naturalizada, cuja premissa é a de que, independentemente do contexto em que o indivíduo esteja inserido, suas potencialidades “desabrocharão”, e se elas, assim, não se realizarem, isso se deverá a falhas constitucionais do indivíduo. Reforçam essa hipótese as falas seguintes:

“[a pessoa] já nasce com aquilo.” (L.) “O M. aqui da escola, ‘o veadinho’, ele é assim meio ‘abilolado’ desde pequenininho, desde sempre foi meio afeminado” (M.), “Mas pra mim a pessoa nasce com a sua opinião feita.” (L.) “Porque dentro de mim tinham várias coisas que eu contestava da bíblia que eu queria uma resposta, então o que que eu fui fazer? Então, daí que eu fui pesquisar. Que era uma coisa critica dentro mim, entendeu? De eu não ‘tá’ concordando com aquilo (...) eu gosto de cinema, mas eu poderia não gostar é uma coisa minha também.” (D.)

Contudo, essa ideia de que “a pessoa já nasce com aquilo” é questionada por outros adolescentes do grupo:

“L.: Você olha pra cara de um nenezinho de 1 mês.

F.: Ah! Tem uma cara de bichinha.

R.: Pelo lado científico nada ficou provado que a pessoa já nasce assim.

A.: Alguma influência você teve que ter.”

Ao discutirem sobre essa questão do inatismo, os sujeitos que discordavam desse pressuposto provocaram um movimento de reflexão que flexibilizou a crença dos demais.

“Mas, se a pessoa já nasce com isso, tipo assim, vamos parar tudo (...) se já nasce com caráter formado não tem como mudar o mundo.” (A.)
“Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento (...) têm situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano.” (R.)

Diante disso, D. que até então acreditava somente numa determinação que já viria com o nascimento disse: *“eu acho que, assim, é uma coisa mista (...) acho que tem os dois mesmo [a tendência e a influência].”*

M. e L. apesar de afirmarem que acreditam numa concepção inatista, ao defenderem tal posição entram em contradição em seu relato, considerando a influência como fruto da “moda” ou da “revolta em função da rigidez do pai”, como determinantes do comportamento homossexual, além dos componentes inatos:

“M.: A irmã da V., a menina ‘pegava’ um monte de moleque aqui na escola. A gente encontrava ela em show ‘pegando’ um monte de moleque. Do nada ela vira ‘pegar’ mulher. ‘Tava’ se agarrando com mulher na esquina da minha casa. Pra mim isso é frescura ficou modinha isso. Não, tudo bem daí eu ‘tô’ partindo pro lado da influência. Mas pra mim a pessoa que é gay ela nasce assim. O M., o M. nasceu assim, ele já é assim desde pequeno, não teve a influência de ninguém (...) pra mim ele nasceu, ele já é assim já.”

L. Porque o pai dessa menina, o pai dela sempre foi muito rígido, entendeu? E vai saber também se ...

M. Se não foi pela revolta com o próprio pai. Mas, pra mim a pessoa nasce com a sua opinião feita.”

Esse movimento de reflexão acerca de componentes inatos como determinantes de alguns comportamentos, destaca uma possibilidade de mudança. Consideramos que a mudança se dê num movimento espiral, de forma que apresenta um movimento ascendente que avança e retrocede, mas nunca retorna à estaca zero. Sabemos que a mudança nem sempre é imediata, mas acreditamos que a discussão pode promover a negociação de sentidos e, conseqüentemente, a produção de novos sentidos.

Ao identificarem a influência do meio como possível determinante do comportamento, os adolescentes relatam duas grandes forças: a família e o grupo de amigos. A família é vista

como uma instituição com grande força moralizadora, no sentido de ensinar o adequado cumprimento das regras. “Ah! Sei lá, a gente ‘tá’ com gente ao redor, cresce com o pai falando o que a gente pode ou não pode fazer.” (M.) É vista, também, como um modelo a ser seguido quando este modelo é positivo.

“A gente acredita que a pessoa nasce com alguma tendência pra algo, tipo assim, pra uma especialidade. Que nem o R. falou, tipo, o pai dele é piloto, ele nasce, tipo, talvez ali ele já leve jeito pra coisa, agora vai dele se desenvolver, mas, tipo, o pai dele dá uma grande influência na vida dele, tipo, que normalmente o filho tem o pai como exemplo aí, tipo, ele [pensa] ‘o meu pai é um piloto eu vou ser um piloto’. Daí, tipo, a gente acredita bastante nisso.” (A.)

Por outro lado, se a família não fornece um “bom exemplo”, também serve de modelo de como não se deve agir, pois provoca reflexão sobre o comportamento inadequado. “Tipo, mais por criação mesmo, tipo, cresce num lugar que tem pai que mata, que usa droga, vende droga. Ele ‘tá’ crescendo ali, aprendendo com os pais dele, ou como pode não fazer isso, pode achar errado o que os pais fazem.” (M.) A família é vista como uma instituição moralizante que apenas sucumbe à sua tarefa quando há uma “tendência” individual inata corrompida.

“Pode ter pais bons, irmãos e partir pra coisa errada.” (M.), “É o que ela ‘tá’ dizendo, às vezes eles educam 2 ou 3 filhos da mesma maneira e eles crescem de maneira diferente, né?”, “Tem a influência psicológica do pai e da mãe, mas também de cada um” (A.), “Tipo os Cara pintadas por exemplo, eles tiveram filhos e o que os filhos deles tão fazendo agora? Então não tem como passar. Como você falou desde criança.” (D.)

Mais uma vez, identificamos como a concepção de indivíduo desse grupo está marcada por significações que apontam para uma natureza imutável e impermeável à constituição histórica e social, seja quando ela apresente uma tendência positiva ou quando essa tendência é negativa.

Em relação à família Aguiar e Ozella (2008) observam que esta se constitui como referência para o adolescente, sendo considerada como fonte de apoio e de aconselhamento. Também na pesquisa Perfil da Juventude, de 2003, observa-se que a família é vista pelos jovens como instituição fundamental de referência afetiva, ética e comportamental e, também, para o processo de amadurecimento. Além disso, é a instituição de maior confiabilidade para os jovens, sendo a mãe considerada sua figura central. Segundo Sposito (2005),

“A família aparece como importante, particularmente para os mais pobres, pois seus laços asseguram trocas afetivas e simbólicas, alguma estabilidade e mecanismos de sobrevivência mais estáveis em um quadro de ausência da ação pública e de retraimento de direitos.” (p.124)

Sobre a moral, vale destacar que os sujeitos entendem-na como necessária, visto que a ausência de regras numa sociedade a transformaria num *“caos, as regras são criadas pra tentar manter a paz, assim, vamos dizer.”* (R.), *“ [sem as regras os homens] seriam, assim, animais.”* (D.) Consideram necessárias as atribuições de consequências aos que infringem as regras a fim de manter a coesão de um grupo.

“Porque era assim: quando falaram que tinha roubado no grupo do Ralph e falaram: ‘o que a gente vai fazer com eles?’ E não fazia nada, ficava por isso mesmo, no outro grupo eles percebiam respeito porque se eles fizessem alguma coisa errada eles iam arcar com as consequências, agora o Ralph não fazia nada de mais.” (Q.)

Os grupos de amigos também são lembrados pelos sujeitos como propulsores de grande influência no comportamento dos adolescentes. *“Quer um grande exemplo de influência? Volta aí um ano atrás, quanto rapper tinha aqui na escola? Agora é todo mundo clubber.”* (A.). Vale destacar que Aguiar e Ozella (2008) relatam em sua pesquisa que os grupos são orientadores de comportamentos e valores da população adolescente masculina, especialmente das classes A e B. Contudo, apesar dos grupos serem importantes para os adolescentes, suas vinculações com eles são instáveis e pouco duradouras.

Apesar dos sujeitos da nossa pesquisa considerarem que o grupo os influencia, destacam que o comportamento dos amigos não é diretamente assimilado pelo indivíduo, *“minha amiga M. adora axé. Eu não suporto! Fico ouvindo e tenho vontade de bater nela. Eu não tive influência dela.”* (M.) No entanto, não podemos desconsiderar que o grupo de amigos exerce pressão no adolescente, impondo, muitas vezes valores e comportamentos, sem que este se dê conta disso.

Nesse sentido, identificamos que o grupo tem um papel importante na constituição da subjetividade dos adolescentes da pesquisa, principalmente, no que se refere à adoção de valores e condutas distintos dos de suas famílias.

“É eu acho isso, o que você adquire fora da casa é a diferença, até aí todo mundo aprende a mesma coisa, daí cada um anda com um tipo de pessoa, cada um conhece lugares, daí a influência do grupo.” (A.), “A

mesma coisa que a religião isso que ela ‘ tá’ falando. Minha família é católica e sempre falou pra eu ter uma religião que é bom. [hoje] eu faço a minha, já fui na Católica, Quadrangular, do Sétimo dia lá... Adventista, achei bacana, aí eu fui pegando a ideia que eu achei que era certo.” (R.), “Eu sou totalmente diferente dos meus pais. Eu sou muito diferente. (...) lá em casa foi imposto o cristianismo pra mim. Daí eu contestei porque eu não concordava com muitas coisas.” (D.)

Sobre o aspecto da religiosidade vale destacar a fala de Q.:

“Eu acho que religião é uma coisa muito difícil de discutir. Porque pra mim a minha religião é a certa, a dela é a dela, religião não tem como discutir, o que é certo e o que é errado, cada um tem a sua ideia você não vai saber nunca qual é a certa e qual é a errada. Então, se eu acredito numa coisa, então eu vou seguir aquilo lá, então pra mim serve uma coisa, então eu vou ir naquela lá, não tem que discutir a outra, cada um tem a sua opção, e você acha o que é certo e o que é errado.” (Q.)

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, de 2003 demonstrou que os jovens valorizam muito a religião em suas vidas. Dessa forma, a religião aparecia entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir com a sociedade de um modo geral. Os grupos religiosos são os primeiros colocados, no que tange à participação juvenil em grupos, associações e entidades. Destacou-se também a importância dada à religião ao elencarem o temor a Deus como um dos valores mais importantes para o estabelecimento de uma sociedade melhor. Entre as atividades preferidas encontramos a ida à igreja. Da população pesquisada pelo Projeto Juventude, apenas 1% declarou-se ateu ou agnóstico. Acreditamos que a igreja surge como um espaço de compartilhamento, de encontro de parceiros, que atende às necessidades dos jovens de apoio, ajuda e esperança. Além disso, diante de condições sociais adversas a religiosidade vem como uma possibilidade, se não de solução, ao menos de amenização do sofrimento.

Outros elementos trazidos pelos sujeitos como influenciadores do comportamento das pessoas são o dinheiro e o poder.

“Hoje o que manda é o dinheiro e o poder (...) a grande influência hoje em dia é o dinheiro. Muda a opinião das pessoas, assim a maioria.” (R.), “Uma pessoa que acha errado roubar, daí ela entra na política, tipo, e aí ela rouba 2 milhões em uma semana, daí, tipo, você acha que ela vai achar ruim roubar?” (A.)

Identificamos que a valorização do dinheiro e do poder que ele dá a quem o possui, gesta modos de agir que pendem para a busca por interesses particulares, a qualquer preço, mesmo que isso implique em lesar o outro, violando-o com o roubo. Vale destacar, que os adolescentes da pesquisa não consideram o roubo uma ação adequada, ao contrário sobre isso disseram:

“A pior coisa que a gente pode fazer é ir lá e roubar (...) Essa nova geração ‘tá’ sendo criada é claro, ‘tá’ sendo induzida pela cabeça deles [políticos corruptos], de continuar o que ‘tá’ sendo, do que ‘tá’ acontecendo de continuar aquilo que já ‘tá’ vindo, é o errado, ‘tá’ roubando dinheiro.”

Acreditamos que o dinheiro proporciona poder à medida que possibilita que as pessoas atendam às necessidades consumistas, cada vez mais prementes em suas vidas. As pessoas *“estão alienadas de si mesmas, projetando sua auto-estima (sic) não no que são, e sim no que possuem ou ostentam”* (Frei Betto, 2007, p.47), dessa forma, vive-se seguindo a seguinte equação: mercadoria > pessoa > mercadoria, sendo que o *“objeto que a pessoa porta (roupa, carro, função etc.) é que imprime valor a ela aos olhos da sociedade.”* (p. 47) Nesse sentido Q. relatou: *“Você viu aquele comercial lá? A moda agora é peixe e aí todo mundo corre atrás do peixe. É brócolis, daí todo mundo larga o peixe e vai atrás, vai correr atrás do brócolis.”*

Outra forte influência na formação de opinião dos indivíduos, segundo os sujeitos da pesquisa, é a mídia. *“Hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí ‘se’ vai ‘na’ Globo lá, o que ela mostra pra você? O Créu²⁸.”* (A.) *“[A mídia] mostra o que a população quer ver momentaneamente.”* (R.) A fim de compreender essa questão lembramos Frei Betto (2007), o qual afirma que vivemos numa era imagética que não favorece a percepção do tempo como história, mas ao contrário como simultaneidade; em que a publicidade associa felicidade ao prazer, que é imediato e por isso amplamente perseguido. Sendo assim, grande parte da programação televisiva está fundamentada no entretenimento, que por atingir diretamente os sentidos, proporciona prazer imediato. Por outro lado, encontramos poucos programas de cultura que tocam a consciência. Kellner e Share (2008) afirmam que *“para captar maiores audiências e ampliar o lucro e o poder, as indústrias de cultura agressivamente criam e promovem uma cultura de mídia sintetizada, centrada no espetáculo.”* (p. 696)

Nessa perspectiva relatou: *“Agora você assiste lá a Cultura, ‘tipo’ é chato e tal você assiste lá sobre os bichos, os animais, cultura de outros estados.”* Essa fala corrobora a

²⁸ Referindo-se à música do Dj Sérgio Costa, “A dança do Créu”

reflexão de Frei Betto ao mencionar que os indivíduos estão em busca de entretenimento e não de cultura, pois o apelo aos sentidos nos programas de entretenimento é muito forte. Gostaríamos de destacar que ao apontarmos programas que apelam ao prazer e à efemeridade, não estamos apenas pensando em programas de “fofocas televisas” ou nos “*reality shows*”, pois até mesmo em programas jornalísticos, nos quais se noticia a posse de um estadista e as perspectivas e prováveis consequências disso, o foco principal, muitas vezes, é a roupa que veste a 1ª dama.

Quando se avalia como “chatos” programas cujos apelos não tocam diretamente os sentidos, percebe-se como a mídia contribui para a constituição dos gostos e necessidades dos indivíduos. Somos constantemente atingidos pela mídia, a qual veicula valores, necessidades, gostos, padrões de comportamento que são apropriados, de um modo geral, sem muita reflexão. Por um lado, essa apropriação se dá, buscando identidade entre pares, mas, contraditoriamente, por outro, essa mesma identificação não pretende dar a ideia de que forma uma massa amorfa de iguais. A fim de garantir uma pseudodiferenciação, a própria mídia veicula que o interessante é ser diferente e, por isso, cada um “faz a sua moda”, “escolhe a sua tribo”, enfim é livre para escolher de acordo com a “própria cabeça”. O que ela esquece de mencionar é que essa “própria cabeça”, enfim, que a subjetividade está sendo amplamente formada pela mídia, e apontar o que realmente é particular nesse processo torna-se bem complicado.

A mídia também aparece associada à possibilidade de promoção da conscientização dos indivíduos.

“É o que ‘tá’ acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que ‘tá’ aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que ‘tá’ mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes, um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar...” (R.) “Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo.” (R.)

No entanto, prevalece a ideia de que a mídia contribui negativamente para a formação dos indivíduos. Sobre isso os jovens disseram:

“Pesquisadora: Vocês colocaram a mídia como uma forte influência, todos concordam?”

D.: Pra algumas coisas sim, pra outras não.

M.: Pra melhores não tem.

A.: Hoje a maioria é negativa”

Essa concepção de que a mídia é predominantemente nociva, e, portanto, um perigo a ser evitado, tem como base o pressuposto que os homens são vítimas passivas diante da mídia e que, pouco ou nada podem fazer frente ao seu assustador e avassalador poder. Trata-se, portanto, de uma concepção de homem que desconsidera o movimento dialético entre homem e meio, em que a determinação é recíproca e não unilateral (meio determina o homem). Consideramos que esta forma de conceber a mídia é precária e não colabora na estruturação de um projeto de transformação social. Acreditamos, assim como Kellner e Share (2008), que a *“tendência antimídia, é demasiadamente simplista em relação à complexidade de nossas relações com a mídia e não leva em consideração o potencial que a pedagogia crítica e a produção de mídia alternativa oferecem para se dar poder às pessoas.”* (p. 699). Tais autores propõem uma alfabetização crítica da mídia. Isso inclui diversas formas de comunicação de massa, cultura popular e novas tecnologias a serviço de uma análise crítica das relações entre a mídia e as audiências, informação e poder. Mas além de favorecer a crítica, a alfabetização crítica da mídia deve possibilitar a criação de mídias alternativas, cujos conteúdos sejam diversificados e com compromisso democrático. *“Precisamos reavaliar os objetivos da educação midiática, para que os jovens possam se ver como produtores culturais e participantes, e não simplesmente como consumidores, críticos ou não”.* (Jenkins apud Kellner e Share, 2008, p. 695).

Alfabetização crítica da mídia implica numa nova forma da escola utilizar as tecnologias midiáticas. Muito se tem discutido acerca da utilização das mídias e tecnologias para fins educacionais, no entanto, o que percebemos é que estas têm ocupado papel figurativo no âmbito escolar, não se constituindo como instrumentos potenciais que são para promoção da reflexão. Segundo Franco e Bahia (2008), os professores utilizam o computador para pesquisa, comunicação, digitação e entretenimento. Dessa forma, utiliza-se a mídia como um facilitador de tarefas. Se antes se utilizava o mimeógrafo, hoje se utiliza a fotocópia, se antes se utilizava a máquina de escrever hoje se utiliza o computador, se antes, utilizava-se slides, hoje se pode ilustrar um assunto com a veiculação de filmes, no entanto, a problematização do poder que exercem as mídias não é abordada. Por isso, a inclusão digital não se restringe ao acesso às tecnologias midiáticas. O acesso é apenas o primeiro passo de um processo que deve envolver a promoção da capacidade, por meio dessas tecnologias, de compreender

melhor o mundo onde se vive, estabelecer redes de parceiros, promovendo a troca de experiências e significações que possibilitem uma atuação mais consciente e democrática.

A questão central abordada nesse núcleo é a problematização dos determinantes do comportamento humano. Os adolescentes apresentam concepções pautadas no inatismo, mas também consideram outros determinantes do comportamento, como as experiências de socialização familiar e de interação grupal. O dinheiro e o poder são lembrados como fortes determinantes da ação humana, assim como a mídia.

Núcleo 6

Medo como norteador das escolhas: “Porque vai ser pior pra quem vai denunciar esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou”

O medo parece ser um elemento central que influencia as escolhas, nos mais diversos âmbitos da vida dos adolescentes da pesquisa. Buscando apreender as mediações constitutivas deste processo, evidenciamos que os sujeitos estão inseridos num contexto social permeado pela violência, tráfico de drogas e discriminação. Observamos que a percepção de um mundo violento faz parte de uma significação social, pois de acordo com a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, a segurança e a violência são vistos como uns dos principais problemas preocupantes para os jovens²⁹. Além disso, dados da pesquisa mencionada demonstram que a juventude é o segmento sociodemográfico mais atingido pela violência: 1 em cada 5 jovens já foi assaltado, 46% afirma ter perdido um amigo vítima de violência e 17% perdeu algum parente por morte violenta; 38% relatou ter visto um cadáver decorrente de morte violenta. Sendo assim, não nos surpreende que relatos de brigas envolvendo morte, chacinas e ameaças sejam constantes nas falas dos sujeitos da nossa pesquisa. A. relatou que mora num bairro “que, tipo, eu conheço todos os bandidos ali, tem uns psicopatas ali.” M. que já residiu no mesmo local complementa: “teve uma época que rolou uma chacina ali, né? Em menos de um mês morreu um monte de gente ali”; R. também morador do bairro disse: “Comigo nunca ninguém fez nada, também nunca dei motivo, mas é complicado.”. A segurança implica no silêncio “Porque vai ser pior pra quem vai denunciar esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou.” (R.) A violência também ocorre por parte dos policiais que estão em

²⁹ 55% dos entrevistados pela pesquisa elegeram essas temáticas como as mais preocupantes em nossa sociedade.

constantes operações no bairro, como afirmou A.: *“eu nunca fiz nada e já apanhei de polícia à toa. Então se fica meio... Quem é o bandido da história?”*

O tráfico de drogas e a dinâmica instalada em função dele, envolvendo crimes e violência, também faz parte do cotidiano desses adolescentes. Sobre isso A. mencionou:

“Tipo assim, que nem as pessoas dessa vila [onde fica a escola], as pessoas daqui roubam aqui mesmo, lá [no meu bairro] não, eles dão proteção, se alguém de lá roubar lá, apanha e, tipo assim, e lá só arruma briga, tipo assim, quem usa droga, quem é traficante. É entre bandidos a guerra ali mesmo (...) que nem eu conheço lá, pra mim, tipo, eles são pessoas normais, são amigos assim, não oferecem perigo nenhum, pelo contrário é até proteção pra quem mora ali.”

Nessa fala A. aponta um elemento positivo em se morar num bairro como o seu, visto que o tráfico de drogas, apesar de motivar chacinas e outros crimes, também realiza um movimento inverso, o de proteção dos moradores que não estão envolvidos diretamente com essa atividade ilícita. R. fala de outra situação que fortalece nossa hipótese: *“Porque o que comanda mesmo hoje em dia é isso que ele falou: tráfico, essas coisas que até move bastante dinheiro. Que foi o que ele falou também esse dinheiro ajuda quem? O filho dessa família.”*

A escola em que os jovens da pesquisa estudam, também, não escapa dessa realidade, pois há alguns anos, um aluno, mesmo estando dentro de uma sala de aula, foi morto a tiros. A motivação do crime estava relacionada ao tráfico de drogas; dizia-se na época que se tratava de um “acerto de contas”.

Além desse tipo de violência, fazem parte do ambiente escolar as violências veladas, como o preconceito e a discriminação, que podem desencadear agressões físicas. Os sujeitos da pesquisa relataram uma situação em que um amigo de sala era alvo de gozações e humilhações devido a sua orientação sexual, até que um dia *“teve um grupinho aqui que bateu nele porque ele era gay.”* (D.) Apesar de o ato violento ter ocorrido fora dos muros escolares, trouxe consequências diretas para a permanência do adolescente agredido na escola, pois as humilhações e as intimidações de que era vítima se intensificaram. Diante disso,

“na escola, professores, todo mundo falava que era contra, mas na hora ninguém falava nada, ninguém tinha voz (...) não foi só gente da nossa sala que não quis ajudar ele, foi toda a escola, diretora, pessoas que trabalham na escola, ninguém quis se envolver.” (M.), *“chegava na direção da escola, falava que não era dentro da escola, entendeu?”* (L.) *“E os professores? Eles não têm como perder o emprego, mas era o cargo deles (...) Acabou que ele [aluno agredido] parou de estudar*

(...) e falaram [direção da escola] assim pra ele: “se você vier ‘na’ escola é porque você quer arrumar briga. Olha que absurdo!” (D.)

A. e R. justificam que os alunos se calaram nessa situação porque “*estavam ameaçando os moleques, então era medo de apanhar.*”, “*O medo. É isso aí.*”

A homossexualidade aparece em outro momento da discussão também relacionada à discriminação e ao medo. “*É muito mais difícil você ser aceito como homossexual, quero ser gay, quero ser discriminado, quero apanhar dentro da escola.*” (L.) “*Ah eu quero ser gay e ser discriminado por todo mundo, ninguém vai querer isso, ninguém vai querer pensar dessa forma.*”, por isso os sujeitos acreditam que os homossexuais de um modo geral, omitem sua condição sexual, exemplificando o caso de uma colega que “*ficava com menino, só pra [disfarçar] (...) por esse medo da sociedade aí.*” (D.)

Diante dessa situação, questionamos que papel a escola tem exercido em situações que envolvem a violência e a discriminação. Deveria a escola reconhecer essas temáticas em seus projetos educativos? Acreditamos que a resposta a esta questão seja afirmativa, no entanto Sposito³⁰, em pesquisa realizada, afirma que a violência na escola tem sido tratada, mais como um assunto de segurança pública, com ações que envolvem policiais e tem atingido menos sua natureza educacional. Sposito (1993) afirma que a escola “*não consegue criar um ambiente mínimo de sociabilidade, porque apenas recria o modo como ocorrem as relações no mundo mais amplo: discrimina, humilha, coisifica.*” (não paginado) Dessa forma, a escola torna-se corresponsável, produzindo e reproduzindo as violências, também no plano simbólico, ao abrir mão da possibilidade que tem de denunciar e discutir em seus currículos a temática. A escola é uma instituição com finalidade educacional, tendo, portanto, a responsabilidade de enfrentar todas as problemáticas de forma educativa, nesse sentido Sposito (1993) sugere a “*criação de espaços públicos na vida escolar que permitiriam o reconhecimento das diferenças, a emergência de conflitos e de práticas de negociação para a sua resolução, a atenuação das desigualdades e a tolerância.*” (não paginado)

Gostaríamos de discutir um pouco mais a questão do preconceito. Segundo Heller (2003) o preconceito é a categoria do pensamento do comportamento cotidiano. Trata-se de juízos provisórios, perfeitamente aceitáveis e necessários para a continuidade das ações do homem na vida cotidiana, mas nem por isso são sempre verdadeiros, podendo, assim, ser refutados pela ciência e pela reflexão individual. Tais juízos são espontaneamente assimilados pelo homem e aplicados na ação concreta, “*a decisão em favor do preconceito é, ao mesmo*

³⁰Sposito, M. P. A *Instituição Escolar e a Violência*. Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos, acessado em 02/12/2008.

tempo a escolha do caminho fácil no lugar do difícil (...), a fuga diante dos verdadeiros conflitos morais.” (Heller, 2003, p. 85) Dessa forma, o preconceito diminui a liberdade relativa da escolha (Heller, 2003) à medida que se cristaliza em absoluto. Toda forma de absolutização, de impedimento de movimento favorece a alienação da vida cotidiana, em que os homens assumem como naturais e imutáveis situações criadas pelo próprio homem e que podem, por isso, sofrer transformações.

Percebemos que os adolescentes tendem a identificar poucas opções para o término de situações de ameaças e coerções. Ao relatarem sobre um filme que retratava um grupo de *skinheads*, os jovens avaliam que a única saída para os adolescentes era submeter-se às regras de tal grupo, mesmo tendo “*alguns ali que não gostam de fazer aquilo*” (R.), porque temem que uma atitude violenta possa ser tomada contra a sua família “*E daí se você vai embora [do grupo skinhead] e matam o seu pai e sua mãe.*” (D.) Notamos que o desfecho dessas situações de coerção é visto pelos adolescentes, como algo marcado pela impossibilidade de negação, pois esperam sempre um final que implica em morte.

“Tipo, que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá tem as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica, tipo, meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela tá lá dentro, ela tá tipo privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.” (A.)

Percebemos que a assimilação desses modos de submissão a uma força coercitiva e opressiva converte-se em conformismo, pois se encontra em ação a função predominantemente particular que aspira a “*uma ‘vida boa’ sem conflitos,*” (Heller, 2003, p. 57) em que se “*pode ‘poupar’ pensamento individual e decisão individual inclusive em campos nos quais essa individualidade é não apenas possível mas necessária, com o que se chega a apresentar como correto algo que de nenhum modo é verdadeiro.*” (p. 67) Com isso, não queremos dizer que, em muitas situações a fim de garantir a sobrevivência, o indivíduo não deva priorizar os interesses particulares, mas o grande perigo é generalizar esse modo de ação para outras situações. É preciso analisar as possibilidades objetivas que a estrutura social oferece para um modo de ação unitário entre particularidade e genericidade. Sabemos que as nossas condições são pouco favoráveis para determinar tal unidade, no entanto, diante das restrições, é possível e necessária a apropriação consciente do indivíduo das situações coercitivas e opressoras e isso, de alguma forma, proporciona uma elevação da particularidade para a individualidade, embora em grau restrito.

Aguiar e Ozella (2008) apresentam dados acerca da população jovem de classe D e E, predominantemente negra, que corroboram esta pesquisa. Essa população, segundo os autores, demonstra grande preocupação com a vida, fala do perigo das drogas, das frustrações, dos medos, das impossibilidades de ser adolescente. Além disso, dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) revelam que o Brasil é um dos países com os índices mais altos de assassinatos de jovens proporcionalmente ao número de habitantes, sendo as vítimas, predominantemente, homens de baixa renda, com idade próxima aos 20 anos. Novaes (2005) afirma: *“outras gerações de jovens viveram a ambivalência em relação ao futuro, mas talvez nunca o futuro tenha sido tão olhado pela ótica do medo.”* (p. 282) Esses dados fortalecem nossa hipótese de que a realidade objetiva desses grupos tem gestado formas peculiares de pensar, sentir e agir, distintas do estereótipo adolescente ocidental, que é visto como rebelde, inconsequente e crítico.

O medo, mais uma vez, aparece como norteador das ações dos sujeitos. Diante de uma situação extrema, em que os jovens têm que decidir pela melhor forma de sobrevivência, o medo é o elemento propulsor da ação. Dessa forma, optam por permanecer num grupo que oferece comida e proteção, mesmo discordando dos princípios que norteiam suas ações.

“Esse próprio medo acredito que levaria todo mundo pro lado dele, talvez ele não matasse todo mundo, talvez não chegasse a tal ponto de matar todo mundo do grupo do Ralph o próprio grupo do Jack tomaria uma atitude contra ele, de tirar ele da liderança, seja lá como fosse, tipo, ali no momento a fome, o medo, tudo, impedia um pouco o raciocínio deles. Era uma pressão psicológica. Daí, tipo, todo mundo, tipo, na hora com fome vai, tipo, vou comer. Das estatísticas mostram que de 10 pessoas que se perdem só uma é encontrada nesses casos. Seria bem mais fácil ficar no grupo do Jack.” (A.)

Nesse momento, podemos perceber como as significações produzidas por estes jovens, frente à realidade social, vão forjando uma dimensão subjetiva particular. Considerando a realidade objetiva em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa, problematizamos o seguinte relato de Q.: *“na vida real é bem diferente. É lógico eu ia ficar do lado do Jack pra sobreviver, né?”* Percebemos nas falas dos sujeitos, que tanto a vida real, quanto a ficção são marcados pela violência, pela lei da sobrevivência dos mais fortes e poderosos e que os valores utilizados nem sempre são aqueles motivados moralmente³¹. (Heller, 2003) Dessa

³¹ A moral tem a função de orientar comportamentos, favorecendo o impedimento de determinadas ações, mas, além disso, a moral carrega um potencial de transformação. A moral é transformação à medida que o indivíduo particular escolhe conscientemente valores pautados no humano-genérico. Ao agir fundamentado nesses valores,

forma, cabe-nos questionar: será que na vida real é muito diferente? Acreditamos que as significações produzidas a partir dessas condições objetivas determinam um modo de pensar, agir e sentir que impulsiona os jovens a atuar mais no âmbito da particularidade que no da individualidade. Ao prevalecer o âmbito particular, o indivíduo orienta-se buscando atender apenas as necessidades imediatas, que dizem respeito essencialmente ao próprio indivíduo. Sobre isso Heller (2003) diz: *“O ‘Eu’ tem fome, sente dores (físicas ou psíquicas) (...) A dinâmica básica da particularidade individual é a satisfação dessas necessidades do ‘Eu’.* (p.35) Em função de atender somente às necessidades particulares, orienta-se de modo cotidiano, em que a não-reflexão é característica fundamental, numa situação em que se exige uma escolha consciente e a assunção das consequências das mesmas. A necessidade do ‘eu’ sobrepõe-se à “consciência do nós”, sendo portanto, considerado válido aliar-se à uma categoria que contribui para a degradação de outros homens (traficantes, exploradores, tiranos etc.), porquanto contribuem para a manutenção da sobrevivência do ‘eu’.

A análise deste núcleo aponta que o medo é um forte determinante das escolhas dos sujeitos da pesquisa. Acreditamos que o contexto social violento, tanto o mais amplo, quanto o mais restrito, em que estão inseridos os adolescentes favoreça o surgimento desse sentimento. A violência está instalada em diversos âmbitos, inclusive na escola, principalmente as violências veladas, como o preconceito e a discriminação, que, muitas vezes, acarretam agressões físicas. Os adolescentes identificam poucas possibilidades para o enfrentamento de situações de ameaças e coerções, apresentando uma visão fatalista e naturalizada para tais acontecimentos. O tráfico de drogas é percebido contraditoriamente, como agente violento, mas também como proteção para aqueles que não estão envolvidos diretamente com essa atividade criminosa. Diante disso, consideramos que essas significações acerca da realidade vivida favoreçam um modo de pensar, agir e sentir que os estimula a sobrepor o âmbito particular ao individual.

Núcleo 7

Neutralidade x posicionamento *“talvez o importante seja abaixar a cabeça pra certas coisas” x “se eu tipo assim concordar com ele eu ‘tô’ me corrompendo também, da mesma forma que eu achei que ele estava errado eu vou estar sendo”*

diz que o homem foi moralmente motivado. Quanto mais intensa é a orientação do homem por valores do humano-genérico, mais a particularidade se eleva à individualidade. (Heller, 2003)

Ao longo das discussões os sujeitos, reiteradamente, mencionaram a existência de pessoas “neutras” e a de pessoas “posicionadas”. Chamaram de neutras aquelas que não tomam partido nas situações. Já as pessoas que se posicionam, são aquelas “*que tentam ter voz*” (D.), “*que vão contra algum poder*” (R.), uma pessoa que não é “*passiva*”. As pessoas posicionadas, segundo os sujeitos, não aceitam realizar ações em razão da coerção física ou psicológica.

“No momento eu ia querer sobreviver, ia querer ficar do lado do Jack. Só que nenhum dos dois grupos estava tão certo assim. Igual, eu não ia aceitar ficar matando meus companheiros, meus amigos. Eu não acho certo matar meus amigos, mas também ficar ali só esperando alguém chegar, salvar” (Q.)

Citam como exemplos de posicionamento “*participar nas aulas, ou até mesmo no serviço, né? Você contestar alguma coisa que o chefe fala.*” (R.), assim como lembram de celebridades como Nelson Mandela, Martinho Lutero, os integrantes do movimento Caras Pintadas, e, citados por Q., o Senador Magno Malta e o pastor Silas Malafaia, figuras do cenário nacional atual, sobre os quais comentou:

“Esse negócio que acontece que as pessoas ficam neutras, que nem esses dias, esqueci o nome do senador... ele é contra a pedofilia, esse monte de coisa, apareceu um negócio assim: que as igrejas iam poder [realizar casamentos de] homossexuais. A igreja não pode ser contra [a bíblia] e a bíblia é contra isso [o homossexualismo], não é contra as pessoas, é contra você praticar o ato assim, com pessoas do mesmo sexo, né? As pessoas do mesmo sexo, ter assim envolvimento. (...) Daí aparece um casal homossexual e diz: ‘quero casar aqui’. A igreja vai ter que fazer o casamento ou senão o líder lá da minha igreja vai ser preso. É foi o Magno Malta, lá, que fez isso aí, que foi contra essa lei. Daí o Silas Malafaia, uma pessoa importante assim, um líder, ele foi contra, assim, foi lá no senado, fez manifestações, junto com outras igrejas, católicas e evangélicas. Foram lá protestaram e aí conseguiu que não fosse aceito essa lei, né? Agora apareceu naquele jornal, lá, do Datena que o senador ‘tá’ sendo ameaçado de morte, ele a filha dele. Por quê? Porque ele ‘tá’ contra a pedofilia, esses negócio aí da violência, e aí as pessoas ‘tão’ indo contra ele, porque ele não ficou neutro. Isso que acontece, a gente fica neutro porque a gente ‘tá’ com medo de acontecer alguma coisa, vai que eu vou entrar lá e vai usar droga, isso vai vir contra mim, então como eu tenho medo, eu tenho que ficar neutra. Daí gera mais violência, mais coisa.”

Percebemos que os sujeitos associam o posicionamento à ameaça e a consequências negativas, enquanto que a neutralidade vincula-se à segurança. Além disso, a neutralidade também é vista relacionada ao individualismo, sobre isso L. disse: “*eu acho que por isso que ‘tá’ essa questão da violência, porque as pessoas ficam meio neutras, né? Eles nem, né, se não acontece com elas ‘tá’ tudo bem.*” Vale lembrar que o individualismo é tido como a forma mais adequada, se não a única, para viver no mundo competitivo de hoje, pois “*têm outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando, sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente.*” (L.) Registramos abaixo um trecho do diálogo dos sujeitos pesquisados, a fim de explorar melhor essa temática:

D.: Mas e se você tivesse num cargo que, tipo, você ganhasse muito, assim, você tivesse poder sobre os outros, mas tivesse alguém acima de você, você agiria assim, pra ser demitido?

R.: Se esse acima de mim fizesse alguma coisa que fosse muito contra os meus princípios de vida, com certeza eu ia contra, mesmo que eu fosse mandado embora.

Q.: Talvez o importante seja abaixar a cabeça pra certas coisas.

D.: Claro que se roubassem... eu não ia querer me envolver, né? Mas, qualquer coisinha que acontecesse, assim tipo, ele ‘tá’ xingando alguém assim, por exemplo.

A.: Eu me colocaria que nem o R., se tipo assim, vem contra, se eu, tipo assim, concordar com ele eu ‘tô’ me corrompendo também, da mesma forma que eu achei que ele estava errado eu vou estar sendo. Quem cala consente!”

Como podemos observar na discussão transcrita acima, apenas R. e A. manifestariam sua posição, os demais considerariam mais adequado e prudente resguardar o emprego, ou só defender-se-iam caso houvesse alguma acusação. Q. aponta que: “*talvez o importante seja abaixar a cabeça pra certas coisas.*” Esse posicionamento, de abster-se, está fortemente impregnado de particularidade, pois como afirma Heller (1991, p. 55) “*si estoy insatisfecho solamente de mi “destino”o solamente de “mí mesmo”, no alcanzo todavía el grado de la individualidad.*” Da mesma forma, o indivíduo, pautado na individualidade,

“quiere sentirse bien en el mundo, pero no en el mundo tal como és (...) Cuando el individuo choca con la “dureza” y la inhumanidad del mundo, no quiere velar los conflictos, sin agudizarlos (...) el individuo según Marx- está indignado.” (Heller, 1991, p.63-64)

Ao transferir a particularidade para o centro da existência, ou seja, ao reduzir-se a vida, somente à busca pela satisfação das necessidades voltadas para a reprodução da existência, o indivíduo passa a enfrentar todas as suas vivências com um modo de funcionamento cotidiano, ou seja, com a ausência de reflexão, evitando conflitos e procurando, apenas o bem-estar particular. No entanto, situações dilemáticas e a discussão sobre elas, como as exemplificadas pelos sujeitos da pesquisa, carregam em seu cerne uma possibilidade de flexibilização desse modo cotidiano de operar, visto que pode proporcionar um momento em que o indivíduo reflita e tome consciência dos valores implícitos na sua ação ou concepção e, com isso, possa caminhar para uma postura mais próxima da individualidade.

Do mesmo modo que a competitividade impele o indivíduo ao individualismo, observamos que isso ocorre com a luta pela sobrevivência:

“Eu conheço um [moço] lá que vendia drogas há um bom tempo, escondido do pai e da mãe, daí o pai ficou desempregado, daí ele começou bancar comida dentro da casa, daí a mãe dele até chorou uma vez pra gente, porque a gente ia à igreja [e ela falava] ‘Ele é meu filho’. Você vai e falar pro cara: ‘para de vender droga’ e aí ele fala: ‘você vai colocar comida dentro da minha casa?’”

Cabe destacar que o individualismo nessa sociedade parece produto do predomínio da busca por condições primárias de sobrevivência, visto que essas não são garantidas nesse mundo moderno. Vivemos num paradoxo: ao mesmo tempo em que presenciamos as possibilidades de termos nossas condições de sobrevivência supridas, presenciamos que uma parte significativa da população não pode ter acesso a elas. Duarte (1992) ilustra essa situação com um exemplo dado por Gramsci, de que, ainda hoje, pessoas morrem de fome, apesar de existirem condições objetivas para que isso não ocorresse. Nesse contexto, as relações sociais e de produção são vistas como naturais e não como produzidas pelo homem concreto e, por isso, passíveis de transformação. Duarte (1992) utiliza a expressão “sociedade natural”, para explicar esse fenômeno, por tratar-se de

“uma sociedade na qual os homens participam das atividades sociais, do trabalho, da divisão social do trabalho, como algo natural e não como produto humano. Trata-se, portanto (...) de uma sociabilidade que não resulta da direção consciente dos homens, sendo por eles reproduzida de forma espontânea, não reflexiva, fetichizada.” (p.66)

Diante disso, concordamos com Duarte (1992), fundamentado em Gramsci, que não seja possível a superação dessa naturalização apenas com um movimento unicamente individual, mas isso nos remete a uma transformação coletiva das relações sociais. Dessa forma,

“É uma ilusão, um erro, supor que o ‘melhoramento’ ético seja puramente individual: a síntese dos elementos constitutivos da individualidade é ‘individual’, mas ela não se realiza e desenvolve sem uma atividade para o exterior, atividade transformadora das relações externas, desde as com a natureza e com os outros homens – em vários níveis, nos diversos círculos em que se vive – até a relação máxima, que abraça todo o gênero humano.” (Gramsci apud Duarte 1992, p. 61-62)

A religião surge como uma instituição de contestação; sobre isso A. relatou:

“Acho que a única coisa que contesta bastante assim é a religião. A religião contesta bastante, assim (...) que, tipo assim, vamos imaginar que ainda que Deus não existisse, que, tipo assim, a bíblia fosse levada só como uma filosofia de vida, seria perfeito, não matar, não roubar, não adulterará, não mentir.”

No entanto, apesar da religião ser considerada um movimento de resistência, isso não a isenta de também enfrentar problemas em seu interior.

“Se todo mundo que tivesse lá dentro, fosse, tipo, crente ou católico de verdade, seria perfeito, agora sempre têm no meio, laranjas podres.” (A.)_“Quanto padre pedófilo existe, né?” (L.), “Percebe que às vezes começa dentro da própria religião dela, entendeu? Não sei se vocês já viram que tinha uma religião que de frente do banquinho tinha uma maquininha pra passar cartão, então se você não tinha dinheiro você levava seu cartão e passava. Como que as pessoas querem mudar se elas fazem esse tipo de coisa? Parece que não pensam. Daí eles pegam se você der sua casa, der o seu carro, entendeu?”(L.)

Independente do fato da religião surgir como instituição de contestação ou não, parece ser uma instituição que tem forte influência na esfera política. A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, de 2003, aponta que evangélicos pentecostais apresentam mais probabilidade de aceitar a influência da igreja nas suas decisões eleitorais, que outros religiosos.

Percebemos que os sujeitos veem poucas possibilidades de que esta situação em que predominam pessoas neutras se modifique. Hipotetizamos que isso se deva às condições objetivas que imprimem uma marca bastante particular no modo de atuação da juventude.

Como afirma Singer (2005) *“por mais que os jovens (...) acreditem que a juventude pode mudar as coisas eles sabem que têm de cuidar antes da própria sobrevivência, evitando serem tragados pela violência criminosa ou mergulhando nela, como alternativa menos pior.”* (p. 35) No entanto, a despeito disso, parece que na juventude, ainda é possível viver um pouco como pessoas posicionadas, ao menos no plano da idealização, contudo na fase adulta isso é visto como impossível.

“Que nem aqui todo mundo ‘tá’ tendo uma visão assim bem racional, porque que nem tem um monte de jovem, o que acontece quando eles ficarem adultos, o que acontece nesse espaço de tempo que muda do nada? Deve ter um monte de gente adulto que quando era da nossa idade pensava do mesmo jeito, acho que é a sociedade, onde você convive que muda os seus princípios assim (...) A gente se conforma com o tempo, tem que se conformar.” (Q.) *“Então é a mesma coisa assim, se acostumem a ter regras se acostumem a ser do jeito que a sociedade impõe (...) E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram entendeu?”* (L.)

Acreditamos que essa concepção deve-se, parcialmente, ao estereótipo de que nas gerações passadas, especialmente nos anos 70 e início dos anos 80, houve um engajamento político da juventude em resposta à ditadura militar, com os jovens assumindo uma atitude progressista e contestadora não só da política vigente, mas também dos valores e costumes da sociedade. No entanto, essa juventude dos anos 70 surge no imaginário popular como um grande bloco mitificado e não como um grupo minoritário, como aponta Venturi e Bokany (2005):

“O fato de que uma minoria tenha abraçado valores da contracultura que os levava a saírem da casa dos pais mais cedo, a viverem com maior liberdade sexual e a experimentarem todas as drogas, parece ofuscar as evidências históricas de que a maioria deles, à época, simplesmente reproduziu em seu comportamentos padrões conservadores então vigentes.” (p. 353)

Percebemos que essa mitificação das gerações jovens passadas tem um caráter fortemente ideológico, visto que transmite a ideia de que no passado os jovens eram mais conscientes e participativos, enquanto que hoje são “alienados” e “rebeldes sem causa”. Além disso, passa a mensagem de que apesar de existir uma juventude contestadora, esta não é capaz de mobilizar mudanças efetivas, visto que se vive hoje num contexto social pouco admirável. Isso reafirma a naturalização dos acontecimentos, das relações e das condições

sociais, deixando implícita a ideia de que, independentemente da ação humana, o mundo seguirá um curso pré-determinado. *“E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram entendeu?”* (L.)

Em síntese, podemos destacar que neste núcleo os sujeitos da pesquisa demonstram que os valores individualistas são mais adequados para se viver na atual sociedade e isso se deve, principalmente, às precárias condições sociais e econômicas em que vivem, não só os sujeitos desta pesquisa, mas grande parte da juventude brasileira. Salientam, ainda, que a adolescência é um período em que é possível o engajamento em causas coletivas; no entanto, à medida que se tornam adultos isso tende a dissipar-se. Outro elemento que merece destaque é que a religião surge como uma instituição fortemente determinante nas significações desses jovens.

Núcleo 8

Sociedade: hoje e amanhã *“é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança”*

Ao discutirem sobre algumas problemáticas de nossa sociedade, como o individualismo e a violência, os adolescentes da pesquisa refletem sobre as possibilidades e impossibilidades de superação das mesmas. Constatamos que não há consenso entre os adolescentes sobre as perspectivas futuras da sociedade. Contudo, predomina um pensamento de que as condições de sobrevivência tendam a piorar, seja pela degradação ambiental, seja pela violência, situações estas que estão pautadas no individualismo, pois tanto em uma, quanto em outra não há a consideração do outro.

Os sujeitos partilham da concepção de que a população faz um mau uso dos recursos naturais, utilizando recorrentemente exemplos de desperdício da água, recurso este sabido por todos como finito. Para eles esse desperdício se deve ao individualismo da população, exemplificado por Q.:

“Esses dias eu passei aí e tinha uma mulher limpando a calçada, lavando as folhinhas, tentando jogar as folhinhas num negocinho assim, dá vontade de falar: ‘minha senhora dá pra pegar uma vassoura, ao invés de ficar gastando um monte de água?’ Acontece que

ela é tão velha que a hora que acabar a água ela não vai estar mais viva. Ela não 'tá' preocupada."

A violência também é vista como fator preocupante da sociedade, sobre isso Q. relata: “[a sociedade ruma] *pra pior mesmo, eu não vejo solução, não tenho esperança nenhuma de que melhore, cada vez 'tá' pior. Há alguns anos, tipo, quando a minha mãe era criança, se for ver não tinha tanta violência assim, tão explícita, tão normal*” e M. completa: “*de matar pai e mãe.*”

De acordo com a maioria dos sujeitos da pesquisa, a busca, unicamente, por interesses individuais, é a forma mais adequada de garantir a sobrevivência em tempos competitivos como o nosso. Para eles, as pessoas devem preocupar-se consigo mesmas, pois “*têm outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando [pelo coletivo], sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente*”(L.), sendo assim “*cada um tem que viver a sua vida e deixar o mundo.*” (S.) Levantamos a hipótese de que essa significação de que o individualismo é a forma mais acertada, se não a única, para a sobrevivência no mundo atual, decorre do predomínio do exercício humano no âmbito cotidiano, que privilegia a atuação na esfera da particularidade, ou seja, que torna dispensável a reflexão para a execução das tarefas cotidianas, pois estas são fundamentadas em juízos temporários, em probabilidades, na ultrageneralização e na imitação. (Heller, 1970)

Acreditamos que a esfera da particularidade sobrepõe-se à da individualidade, devido às condições objetivas concretas, como a violência, o desemprego, a miséria etc. que gestam subjetividades marcadas por estas condições, configurando-se, assim, modos particulares, como o individualismo, de enfrentamento de tal realidade. Observamos que nesse processo instala-se a naturalização da vida cotidiana, isto é, a impossibilidade da identificação das determinações desse modo de existência, fortalecendo o fatalismo da impossibilidade de mudança “*E as pessoas vão se acostumar [com esse modo competitivo de viver] como se acostumaram, entendeu?*” Nesse processo, o indivíduo ao naturalizar as formas da existência, toma a particularidade e a parcialidade do real como guia orientador das suas ações e concepções; assim, o individualismo passa a ser a forma exclusiva de enfrentar as condições desse mundo competitivo “*Acho que é isso mesmo, que cada um vai pensar em si mesmo, mas não pelo fato de 'ai só penso em mim', mas pelo fato de se proteger mesmo, não tem como, como a D. falou que tem sua família, sabendo que têm seus filhos [para cuidar], né?*”(L.)

Diante dessas questões, a maioria dos sujeitos diz não vislumbrar uma possibilidade de mudança em nossa sociedade. Apenas 2 adolescentes acreditam que há possibilidade de

transformação, considerando que esta se dê por meio da educação, do voto consciente e de iniciativas individuais. A educação é vista como a grande propulsora da transformação social a fim de acabar com a desigualdade. Para A. [a mudança] *tem que ter a base na educação*”, para R. as mudanças se darão

“criando escola, projetos que tentem igualar, sempre que tentar criar igual pra todo mundo o que ‘tá’ lá em cima sempre vai subir e o que ‘tá’ embaixo vai subir na mesma linha de tempo, na mesma posição. Agora se você cria, que nem o sistema de cotas pra facilitar quem ‘tá’ lá embaixo, daí pra ficar igual pra fazer isso”.

Nesse sentido, assemelham-se ao que Cortella (2003) e Rios (1993) denominaram de otimismo ingênuo em relação à educação. Essa concepção de que a educação pode, sozinha, transformar a sociedade é muito presente em nosso tempo e está amplamente marcada pelo ideal liberal, que determina que ao oferecer aos indivíduos a escolaridade, os instrumentaliza para a ascensão social e se este não for o resultado, a responsabilidade é única e exclusiva da incompetência pessoal do indivíduo.

Tal premissa liberal permeia, também, a fala de R.: *“Emprego até tem, mas gente qualificada... Tem que estudar bastante”* e *“Eu tenho uma ideia, o seguinte, estudar bastante passar numa faculdade e ganhar na vida e tal”*. De acordo com a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, de 2003, o jovem brasileiro tem expectativa de que a vida pessoal melhore e essa ideia está fortemente associada ao esforço individual. Bock (1999) utiliza admiravelmente a metáfora do ocorrido com o Barão de Münchhausen para ilustrar a ideologia da responsabilização, unicamente, individual. *“Eu certamente teria perecido se, pela força de meu próprio braço, não tivesse puxado pelo meu próprio cabelo preso em rabicho, a mim e a meu cavalo que segurava fortemente entre os joelhos.”* (Raspe, s/data, p. 40)

O voto consciente também é lembrado como mobilizador de mudanças, no entanto a ele é creditado menos ênfase que à educação. Sobre isso R. diz:

“Ao meu ver já é um modo de querer mudar, meio que a base da população que gente falou, é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.”

Vale destacar que a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira de 2003 aponta que o jovem brasileiro só vota quando atinge a maioria e, portanto, quando o voto torna-se obrigatório.

De um modo geral, o grupo recorre a iniciativas individuais como sugestão para a implementação de ações que levem à mudança. “*Tipo, há possibilidades, mas tem que partir de cada um*” (A.). Sendo assim, sugere que as pessoas adotem um postura de preocupar-se com as outras pessoas ao seu redor, como no filme *A corrente do bem*³², sobre isso D. relatou: “*Eu já penso assim, que não tem que começar do governo, pelos que ‘tão’ lá em cima, tem que começar pelos que estão do seu lado. A corrente do bem, precisava fazer aquilo.*” Também recorrem a soluções individuais ao pensarem na preservação ambiental. “*Escovar os dentes, tipo, de torneira fechada.*” (A.) Ao permanecerem no âmbito das iniciativas individuais, as soluções vislumbradas não abarcam os vários determinantes para a constituição da atual realidade e, também, para a sua transformação. Dessa forma, não aparecem na discussão dos sujeitos elementos que vão além da aparência dos problemas, que revelem suas contradições.

A mudança, em alguns momentos, também fica sob a responsabilidade de algo ou alguém abstrato, como foi dito por A.: “*vai depender de quem ‘tá’ lá em cima querer*”, referindo-se aos políticos e ao Estado. Além disso, a responsabilização pela não mudança também se refere a um governo abstrato “*e outra o governo também não quer que as pessoas mudem. Tem que ter sempre alguém mais fraco pra eles mandarem tem que ter sim sempre o cara mais pobre.*” (D.) Percebemos que as possibilidades de mudança são pensadas, ora pautadas no âmbito privado, muito próximo da realidade vivida por eles, porém com alcance bastante restrito, ora muito distantes, apontando os políticos como responsáveis. Sendo assim, não há para eles, uma articulação entre a ação individual e a política, como se a primeira não implicasse na segunda, como se a ação individual não fosse, como é, parte integrante da política. Ainda relacionado a um agente abstrato ou indefinido como responsável pela realização de mudanças, encontramos o seguinte relato: “*eu não sei no que é que vai mudar D., mas a população vai ser tão grande daqui um tempo, vai ser uma coisa tão alarmante, uma coisa que vai chamar tanto a atenção, a tendência é que vai piorar tanto que uma hora vai ter que ter solução.*” (R.)

As possibilidades de mudanças levantadas pelos adolescentes são vistas como possíveis, somente a longo prazo “*Tipo assim, de hoje pra manhã vamos viver num mundinho, num paraíso? Não tem como mesmo*” (A.) e isso é visto como desmotivador, pois consideram que

³² *A Corrente do Bem* conta a história de um jovem que crê ser possível mudar o mundo a partir da ação voluntária de cada um. O professor de Estudos Sociais Eugene Simonet propõe um trabalho em que os alunos têm de pensar num jeito de mudar nosso mundo e colocar isso em prática. O aluno Trevor cria, então, a corrente do bem. A ideia é baseada em três premissas: fazer por alguém algo que este não pode fazer por si mesmo; fazer isso para três pessoas; e cada pessoa ajudada fazer isso por outras três. Assim, a corrente cresceria em progressão geométrica.

“*futuramente é muito longe*” (D.). Notamos que os sujeitos ao pensarem as mudanças como possibilidade a longo prazo, as concebem como fruto de um processo linear e sem contradições, de modo que o novo não pode coexistir com o já existente, assim como o já existente não pode gerar o novo. “*Que nem o R. falou o ser humano não tem vida eterna, uma hora as pessoas morrem, daí se a gente conseguir educar essas pessoas, tipo, filhos dessas pessoas*”(A.). “*E o rumo que vai tomar se vai melhorar é a gente ou as crianças que ‘tão’ vindo agora, né?*” (R.). Corrobora tal hipótese outra fala de A., ao mencionar que a maneira ideal de provocar mudanças seria: “*como a gente falou só se derrubar e começar tudo de novo, mas como não dá pra gente fazer isso, a gente, tipo, acredita numa mudança sim.*”

Percebemos que os adolescentes da pesquisa veem necessidade de que as mudanças ocorram, no entanto, conseguem visualizar poucas formas concretas para que elas se realizem, pautando-se em ações isoladas com precária capacidade de efetividade, o que gera descrença na possibilidade dessa realização. Sobre isso Baño, Krischeke e colaboradores (2000) dizem: “*Para as novas gerações o mundo parece cada vez mais como pré-definido, fechado e ocupado.*” (p.171) Temos a hipótese de que isso se deva, em parte, à escassa experiência dos sujeitos participantes desta pesquisa na resolução de problemas que envolvam uma coletividade. Em entrevista com a coordenadora pedagógica da escola, a mesma relatou que há poucos canais de participação discente para a discussão e tomadas de decisão sobre assuntos escolares. Segundo a coordenadora, esses canais normalmente são criados devido a uma exigência burocrática e não para a promoção de uma discussão coletiva ou do envolvimento da comunidade escolar. No relato dos alunos, observamos que, diante dessa situação, não há interesse dos mesmos em participar desses canais, pois os consideram pouco produtivos, visto que apenas servem para o cumprimento de exigências legais e burocráticas ou ainda porque abordam temas que pouco se relacionam com a problemática vivida por eles. Dessa forma, a esperança de que falam os sujeitos da pesquisa ao relacionarem-na à mudança, fica restrita à espera, ao aguardar passivamente. Enquanto poderia relacionar-se ao esperar, como bem disse Cortella (2005), que significa unir-se e ir atrás “*Eu também tenho esperança, mas não posso ser hipócrita de dizer que eu vou mudar alguma coisa.*” (D.). “*Ah! Eu fico assim tipo dos dois lados eu vejo é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança, pelo menos eu ‘vô’ fazer a minha parte.*” (Q.)

Não podemos desconsiderar que além dessa realidade mais restrita do âmbito escolar em que estão inseridos os adolescentes da pesquisa, essa população está inserida numa realidade mais ampla. Por isso trazemos a seguir alguns dados da Pesquisa perfil da Juventude

Brasileira, a fim de elucidar alguns pontos que auxiliem a reflexão sobre a questão da transformação da sociedade. Tal pesquisa aponta que 84% dos jovens acreditam que podem mudar o mundo, mas apenas 2% dizem que estão fazendo algo para isso, 20% quer fazer um dia, 68% nunca pensaram nisso e 10% pensaram e desistiram. Singer (2005) acredita que essa discrepância se deva à pobreza da grande maioria dos jovens brasileiros, cuja renda familiar mensal é: 18% até um salário mínimo; 24% mais de 1 a 2 salários mínimos; 31% mais de 2 a 5 salários mínimos. As estatísticas mostram que cerca de 40% dos jovens estão desempregados e os 63% que estão empregados, trabalham no mercado informal. As condições de trabalho juvenil são bastante adversas, sendo que 31% trabalham mais de oito horas diárias e 30% ganham um salário mínimo ou menos, mensalmente. Essa situação é ainda mais precária para as mulheres, cuja inserção na informalidade é maior e cuja renda é menor. Diante disso, Singer (2005) aponta que:

*“A juventude deseja ajudar o mundo a mudar e pensa em fazê-lo menos mediante a militância política do que pela ação direta. **Mas a maior parte dela, antes de poder contribuir para a mudança, tem de ser ajudada.**”³³ É preciso garantir às famílias um mínimo de renda decente, que permita que os jovens frequentem escolas e cursos de educação de jovens e adultos para os que precisam trabalhar e sustentar suas famílias. O que o “Perfil da juventude brasileira” deixa entrever é que os jovens brasileiros irão à luta por um Brasil melhor desde que tenham as bases mínimas de sobrevivência.” (p.35)*

Frente a essas condições concretas de existência que impelem o indivíduo a atuar mais no âmbito particular a fim de garantir a sobrevivência, constituem-se subjetividades em que a individualidade, ou seja, a busca pelos interesses coletivos mais amplos, tem pouco espaço de efetivação. Sendo assim, fomenta-se um terreno propício para a naturalização do humano e dos determinantes sociais, desconsiderando a historicidade envolvida nesse processo. Dessa forma, não nos surpreende que se observe o crescente individualismo, que a ideologia do esforço próprio povoa o imaginário, não só da juventude, mas da população brasileira, assim como a de que haverá uma “solução mágica”, independente da mobilização da sociedade, simplesmente porque *“a população vai ser tão grande daqui um tempo, vai ser uma coisa tão alarmante, uma coisa que vai chamar tanto a atenção, a tendência é que vai piorar tanto que uma hora vai ter que ter solução”* (R.)

Resgatando os principais elementos encontrados nesse núcleo analítico, verificamos um predomínio na crença de que as condições de sobrevivência tendam a se agravar devido à

³³ Grifos da autora.

degradação ambiental e à violência. A orientação pelos preceitos individualistas é tida como a forma mais adequada, se não, exclusiva, de garantir a sobrevivência no mundo atual marcado pela violência, pelo desemprego, pela competitividade e pela miséria. A educação é vista como a grande possibilidade da transformação social. O voto consciente, embora em menor proporção, também é visto como elemento que favoreça a transformação da sociedade. A mudança, em alguns momentos, também fica sob a responsabilidade de algo ou alguém abstrato. Os adolescentes da pesquisa veem necessidade de que as mudanças ocorram, no entanto, conseguem visualizar poucas vias efetivas para que elas, de fato, se concretizem, pautando-se em ações isoladas, com precária capacidade de efetividade, gerando, assim, descrença na possibilidade da sua realização. Agregado a isso, os sujeitos da pesquisa naturalizam a vida cotidiana, isto é, não conseguem identificar as determinações desse modo singular de existência, fortalecendo a crença no fatalismo da impossibilidade de mudança.

2. Núcleos de significação das entrevistas do sujeito D.

Das entrevistas com o sujeito D. , organizamos 4 núcleos de significação:

- Núcleo 1 Eu sou assim...: *“Eu sou aquela menina que, assim, que assiste Big Brother, mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV ‘pra’ coisas mais legais, assisto A favorita³⁴ também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assisto também Café Filosófico.”*
- Núcleo 2 Relações fora e dentro de casa, determinantes na constituição da minha subjetividade: *“‘Pra’ falar de mim tenho que falar do meu pai ... contando dos outros ...até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação comigo”*
- Núcleo 3 A necessidade da afirmação da diferença num meio de igualdades: *“Olha que bom, eu não preciso forçar ‘pra’ que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que ‘tô’ na moda.”*
- Núcleo 4 Determinantes das escolhas: *“É eu pego um pouco de tudo (...) É mais os valores que eu tenho até hoje é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da pessoa com que eu convivi”*

³⁴ A Favorita é o título de uma novela exibida na Rede Globo de Televisão.

Núcleo 1

Eu sou assim...: *“Eu sou aquela menina que, assim, que assiste Big Brother, mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assisto também Café Filosófico.”*

D. tem 18 anos, é solteira e acabou de terminar o 3º ano do Ensino Médio. É a filha mais nova de um casal de aposentados. Reside com os pais. Tem duas irmãs, uma com 33 anos e outra com 30, ambas casadas. Gosta de esportes e pratica volei e futsal. Trabalha como recepcionista num consultório odontológico. Começou a pensar na possibilidade de trabalhar devido ao fato de gostar de frequentar barzinhos e “baladas” nos fins de semana, com amigos. Nessas saídas, D. relatou que gasta bastante, custo esse que seu pai não pode financiar. Estar com os amigos é muito apreciado por D., mesmo que para isso precise frequentar lugares que não gosta.

“Eu acompanho, assim, as minhas amigas, elas gostam de pagode. Eu acompanho elas, mas (...) eu não sei uma música. Eu ‘tô’ ali por causa das pessoas. Daí quando é pra eu sair em algum lugar eu gosto de lugar mais alternativo, que toca Rock, eu vou pro Pub ou pro 3º Andar, eu vou pro barzinho. Se for fazer o que eu gosto mesmo é isso. (...) Sou uma pessoa que se adapta bem aos ambientes, sabe? Eu sempre vou ter a minha opinião, a minha forma de viver, mas também eu não sou aquela pessoa com aquele preconceito, eu procuro ver o que tem de legal ali, entendeu? Acho que eu nunca tive um preconceito, assim, de um lugar, eu procuro ver o que tem de legal ali e me divirto independente do meu gosto, assim, sabe?”

A autorização do pai para as saídas de D. foi conquistada com muita conversa; a jovem relatou que o pai agia diferente com suas irmãs, impedindo-as de saírem de casa, o que gerava muitas brigas e rebeldia das irmãs, que não aceitavam essa posição.

“Por causa de eu ser argumentativa (...) Eu penso que eu abri um pouco a cabeça dele, assim, com as coisas, assim, com o meu jeito de ser. Acho que ele até sentiu que se ele não desse essa liberdade pra mim as coisas não seriam legais em casa e tal ou [talvez] eu tenha conseguido mudar um pouco o pensamento dele, por causa de eu ser argumentativa, porque as minhas irmãs, talvez, na hora dele xingar, por elas estarem voltando tarde, elas, tipo, ou aceitavam ou partiam pra ignorância, assim.”

D., relatou que a convivência com o pai é bastante conturbada, pois ele tem dificuldade de entendê-la no que tange às suas necessidades, gostos e anseios. Isso acarreta uma relação conturbada e repleta de discussões. *“Daí eu acabo discutindo com ele por causa disso, não porque eu seja uma menina problemática, uma adolescente problemática, porque eu não acho que eu seja, sou calma até. Mas eu acho que a minha família é muito.”* Ao mencionar as discussões D. falou: *“eu não sou uma pessoa muito difícil de lidar, assim. Sou uma pessoa que até eu levo xingo, falam alguma coisa, assim, e eu prefiro ficar quieta. Não faço muita encrenca.”*

A adolescente reclama dessa relação com o pai, permeada de discussões, também da ausência de diálogos frequentes e da falta de afetividade positiva do pai.

“Eu tenho até medo se acontecer algo com o meu pai eu não sentir, eu não quero, mas por ele ser assim fechado e tal. Por ele ser dessa forma, assim, fechado e tal e não conversar (...) Só que ele precisa passar um pouco pra gente, porque é muito, muito, muito chato. Ele precisa passar alguma coisa pra gente.”

No futuro, D. pretende fazer faculdade de Comunicação Social, com recursos próprios ou com o auxílio de bolsas. Sobre sua decisão de fazer um curso superior relatou:

“Não tem aquela coisa do pai ficar cobrando e nem vai me ajudar, assim, ele pode me dar uma ajuda, mas quem vai ter que bancar, assim, sou eu. Eu também não gostaria que meu pai tivesse que pagar se ele tivesse condição, de ter que privar eles, que nem minha mãe gosta de viajar e ter que privar eles de bastante coisa, entendeu? E me privar também, eu sou uma pessoa que gosta de sair. Eu acho que se eu ficar aqui dentro de casa porque ‘tô’ pagando faculdade e não tem como eu ‘tá’ saindo e tal eu também não ficaria legal. Então eu prefiro trabalhar e fazer, tipo, as bolsas que eu posso conquistar e sei lá, ‘tá’ eu mesmo custeando e me mantendo assim. Daí, acho que talvez eu dessa forma, assim, eu dê mais valor também ‘pro’ meu estudo, ‘pro’ que eu vou fazer depois. Procurar ser independente...”

O relato abaixo indica que D. circula por diversos espaços.

“Agora se você me perguntar sobre esporte eu sei também, agora se você me perguntar sobre o que ‘tá’ acontecendo, assim, no mundo eu sei também, porque gosto, assim, eu pesquiso na internet, eu uso a internet pra coisas legais, assim. Eu sou aquela menina que, assim, que assiste Big Brother, mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais

legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assisto também Café Filosófico. Não sou uma pessoa que lê muito, eu gosto de ler coisa mais informativa, tipo jornal e revista, talvez porque eu nunca criei o hábito.”

Dessa forma, demonstra que é uma “garota antenada”, que está atenta a, praticamente, tudo o que acontece no mundo, pois se interessa por jornalismo, *reality show*, discussões filosóficas e novelas.

Assistir a filmes é uma das atividades preferidas de D.

“Cinema, eu sou apaixonada por cinema, eu sou cinéfila (...) Eu gosto de documentários (...) Eu odeio aqueles ‘besteiróis americanos. Gosto também de ver os filmes que vão concorrer ao Oscar (...) Eu dou muita risada com esses filmes de terror, de terror asiático. eu prefiro assistir terror, esse terror “trash”, assim, é muito ridículo.”

Os filmes para D. são possibilidades para a promoção de diálogos e debates, atividades estas valorizadas por ela, já que se denomina como:

“Uma pessoa que gosta de discutir. Tipo, no início eu sou tímida pra tudo, mas depois eu me solto e tenho essa característica aí, sou extrovertida e gosto de debater tudo. Tão falando um assunto aí, tipo, uma amiga solta um assunto e eu conheço bastante coisa e tal, daí eu vou e quero discutir, as pessoas nem tão a fim de discutir, mas eu vou e quero discutir. Eu sou um pouco chata por causa disso. Daí eu discuto, tipo assim, quero colocar minha opinião, mas também aceito, eu ouço. Às vezes eu vejo que as pessoas tão ficando meio... aí eu fico quieta. (...) eu não gosto de assistir sozinha, eu sempre gosto de estar com o meu amigo L., porque assim, no final do filme a gente sempre debate, o que aconteceu, por quê? E tudo e tal, a ideia do diretor.”

Considera-se individualista “*eu penso muito em mim, eu sou individualista. Mas eu sou uma pessoa boa também, solidária, ajudo as pessoas (...) eu ‘tô’ mais pra ser a individualista boa.*” Analisamos que, ao denominar-se uma individualista boa, D. está apontando, na verdade, que todo homem necessita dirigir ações para satisfazer necessidades particulares e pessoais, assim como, que contribuam para o desenvolvimento de uma coletividade. Por isso dizemos que “*o indivíduo é simultaneamente ser particular e ser genérico.*” (Heller, 2003, p. 34) O individualismo surge quando há um desequilíbrio entre essas esferas e a particularidade sobrepõe-se à genericidade. O que denominamos individualismo, D. chama de individualismo ruim:

“É, tem individualismo bom e ruim, sabe? Tem ‘ah, eu vou matar, eu vou assaltar, porque eu preciso de dinheiro’ e sei lá, tipo, eu não penso nas outras pessoas, tipo, se vai prejudicar, e tem essa parte de individualismo bom, tipo, vou ajudar pra eu me satisfazer, pra eu ficar bem comigo, mas então chego a conclusão de que todo mundo é individualista.”

Ao falar do individualismo bom, D. relatou que este ocorre quando o indivíduo volta sua atenção ao outro e isso lhe traz satisfação (“vou ajudar pra eu me satisfazer, pra eu ficar bem comigo”). Isso nos parece uma aliança entre particularidade e genericidade, ou seja, individualidade. Trazemos abaixo a formulação de Heller (2003), a fim de compreender como essa condição se estabelece:

“As exigências e normas da ética formam a intimação que (...) a fim de que esse submeta sua particularidade ao genérico e converta essa intimação em motivação interior. A ética como motivação (o que chamamos de moral) é algo individual, mas não uma motivação particular: é individual no sentido de atitude livremente adotada (com liberdade relativa) por nós diante da vida, da sociedade e dos homens.” (p.39)

Dessa forma, entendemos que o ato de ajudar o outro proporciona um sentimento de bem estar, devido ao fato de que essa ação foi consciente e relativamente de livre escolha, num processo em que o humano passa a significar que o princípio ético solidariedade é importante na sua vida. Não se trata de mera transposição desse princípio ético que está no âmbito social para o âmbito individual. Esse processo envolve uma transformação psicológica, por parte do indivíduo, de modo que o que está no social, ao ser significado integra-se, à rede de sentidos e significados constituídos ao longo da vida desse indivíduo e torna-se um princípio que tem origem no social, mas é, ao mesmo tempo, transformado em um princípio único e irreptível, pois nesse processo ele “torna-o individualmente seu”.

Ao pensar na possibilidade da existência de um ser que não seja individualista, D. relatou:

“Ah, ela é um anjo, né? Ela vai nascer padre, né? Ela vai viver sua vida pras pessoas. É o único jeito de você não ser individualista, que ou você ‘tá’ lutando ou você é padre e você vive a sua vida pras pessoas, assim, tipo, ‘ah, eu vou pra África’, apesar de que, tipo, a eu ‘vou pra África e vou ajudar as pessoas só’, mas aquilo você ‘tá’ tendo um pouco do seu lado individualista sim, mesmo você indo ajudar, porque aquilo te faz bem, aquele sentimento pra você, aquele

sentimento, entendeu? É pra você, tipo, se aquilo depois de você ajudar as pessoas na África e você não estiver se sentindo bem você não ia ficar ajudando as pessoas na África, tem a ver com você, entendeu? Tipo: ‘ah, eu me senti bem dentro da África, eu vou me sentir bem de ajudar as pessoas.’ Tudo, tudo é a partir disso, dessa coisa, eu chego à conclusão de que até o padre deve ser individualista.”

Ao trazer a figura de um anjo e, até mesmo, a de um padre, entendemos que D. está dizendo que não é possível a existência, em nosso cotidiano, de pessoas reais que estejam totalmente comprometidas com a coletividade, o que de fato é verdadeiro. Uma pessoa, totalmente voltada ao “outro” não poderia sobreviver, não atenderia as próprias necessidades básicas para a sobrevivência cotidiana, por isso, vivemos, como aponta D., uma *luta* - acrescentamos - entre particularidade e genericidade – ou, então, “*você é padre*”, no sentido de que não é “humano” e está acima dos problemas e dificuldades enfrentados por toda a humanidade. Sobre isso Heller (2003) coloca que “*ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade.*” (p. 31) Assim, é preciso haver uma aliança entre a particularidade e a genericidade, que possibilite o surgimento da individualidade, ou seja, da condição em que o indivíduo se apropria de determinados valores e princípios e não se apropria de outros, porque exerce um movimento crítico e consciente de análise de ambos como norteadores das suas ações. Pensar em ir para a África ajudar as pessoas, como exemplificou D., só é uma atividade individual se realmente esta ação ou escolha estiver pautada na liberdade (que é sempre relativa) e na reflexão. O fato de um indivíduo, simplesmente, ir à África ajudar os outros, como fruto de uma ação impositiva, não denota individualidade, é preciso o “sentir-se bem” de que fala D., pois isso demonstra que a particularidade submeteu-se ao genérico e a intimação da ética tornou-se sua motivação interior. (Heller, 2003)

Relacionada a essa ideia de que não é possível existir um ser humano totalmente dedicado ao outro, D. falou da impossibilidade da existência de uma pessoa humana que pudesse “revolucionar” o mundo em que vivemos.

“Têm pessoas boas, só que é aquilo, pode ter pessoas muito boas, mas a maioria das pessoas é meio a meio. Eu acho que a maioria das pessoas é meio a meio. Pode até chegar numa quantia, assim, mas nunca aquilo que vai revolucionar [o mundo] (...) Eu falo um deus, uma pessoa muito boa que todo mundo amasse e que todo mundo seguisse ele. (...) Então teria que ser um anjo, uma pessoa muito boa que influenciasse a cabeça de todo mundo de uma forma boa.

Realmente não existe uma pessoa muito boa, assim. Não tem ninguém que faça isso, então não dá pra ser [mudado o mundo].”

Essa percepção da impossibilidade de transformação do mundo demonstra uma concepção naturalizante acerca do homem e do mundo, pois atribui a um ser abstrato e sobrenatural a única possibilidade de transformação da realidade. O homem não é visto como agente sobre o meio em que vive e o mundo parece ser regido por leis “sobrenaturais” que independem da ação humana. Desconsidera-se, portanto, a relação dialética de determinação homem-mundo.

Ao longo dessa reflexão acerca da possibilidade da existência de pessoas boas em nosso mundo e da possibilidade de transformação de nossa realidade, D. acaba por concluir que nem mesmo um Deus poderia modificar o mundo atual: *“pode existir uma pessoa muito boa, mas que não vai ser ouvida por todos, tipo, nem Jesus foi ouvido e tal, uma pessoa inteiramente boa. Então eu acho que não vai mudar, pode ser lembrado.”*

D. mencionou que acredita na existência de pessoas com “cabeça fraca” e outras com “cabeça boa”. A pessoa com “cabeça fraca” é

“uma pessoa que desde muito nova, já recebeu logo de cara aquela carga negativa, aquela coisa negativa ou uma pessoa que teve o convívio muito negativo, passou pela vida dela só pessoa negativa, só pessoa ruim, daí eu acho que isso vai acarretando, e vai... e vai criando pensamentos ruins, porque, por exemplo, se passassem na sua vida só pessoas ruins, aí como você vai pensar? Você ia pensar assim. Desde pequena eu ‘tô’ falando, entende?”

As pessoas com “cabeça fraca” parecem ser aquelas que não conseguem refletir acerca das “*determinações negativas*” que sofrem e acabam por absorvê-las sem reflexão. Nesse sentido, podemos dizer que são pessoas que vivem a alienação, pois como aponta D. os “*pensamentos ruins*” vão tomando conta da pessoa, ou seja, eles se cristalizam como a única possibilidade. A parcialidade toma o lugar do todo na orientação do indivíduo. Sobre a cristalização, Patto (1999) discorre que as ações e pensamentos, ao tornarem-se absolutos, não deixam “*margem de movimento e de possibilidade de explicitação; estamos diante da alienação da vida cotidiana.*” (p. 166)

D. prossegue explanando sobre pessoas de “cabeça fraca”:

“É que ela tem a cabeça fraca, daí é complicado (...) Acho que a vida ajuda, vai quebrando, vai quebrando a cara ou uma hora, assim, se

entrega, vai ser ruim de vez, mas é aquilo ela vê alguma coisa e ela tem que criar algum conceito, mas quem sabe alguma hora da vida dela ela não cria um conceito bom, e vê que aquilo é errado e vai mudar e surge uma luz na cabeça dela, mas é raro, né? É sobrenatural, não é uma coisa que acontece muitas vezes, mas na maioria das vezes não acontece.”

Mesmo diante da força das determinações negativas, D. vislumbra a possibilidade de que as pessoas de “cabeça fraca” resistam e utilizem a reflexão, pois “*ela tem que criar algum conceito, mas quem sabe alguma hora da vida dela ela não cria um conceito bom, e vê que aquilo é errado e vai mudar*”. Dito de outra forma, os homens em algum momento, a despeito das situações opressoras e adversas, têm a possibilidade de se conscientizar da formas cristalizadas utilizadas cotidianamente, podendo, a partir disso, transformá-las. No entanto, assim como D., reconhecemos que esse processo de conscientização nem sempre ocorre. Heller (2003) afirma que a homogeneização³⁵, a qual envolve consciência, liberdade e concentração total, possibilita a elevação das ações cotidianas para ações acima da cotidianidade, embora reconheça que “*a vida de muitos homens chega ao fim sem que se tenha produzido nem um só ponto crítico semelhante.*” (pp.45-46). Nas palavras de D.: “*É sobrenatural, não é uma coisa que acontece muitas vezes, mas na maioria das vezes não acontece.*”

D. acredita não fazer parte da categoria “pessoas com cabeça fraca”. “*Eu acho que eu sou uma pessoa que tem uma cabeça legal.*” Avalia que a constituição dessa “cabeça legal” ocorreu da seguinte forma:

“Foi uma coisa que puxou a outra, eu fui por um caminho que eu fiz, eu ‘tava’ na escola perto de pessoas boas, porque, aí eu ‘tava’ fazendo uma coisa boa eu ‘tava’ estudando, eu fui praticar esportes, ao invés de querer, de usar qualquer coisa assim, a partir daí eu tinha, é... um vício bom, então têm pessoas boas. É eu tive sorte da minha primeira escolha ser uma escolha legal e que levou a várias outras escolhas legais, agora vou procurar coisas legais.”

Essa fala, tomada isoladamente, pode denotar que o simples fato de D. estar inserida num meio “bom” tornou-a naturalmente com uma “cabeça legal”. No entanto, temos que compreender essa fala integrada às demais. Em outro momento D. relatou que “*é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da pessoa com que eu*

³⁵ A homogeneização é a concentração total da atenção, o emprego sem reservas da individualidade humana em algo, suspendendo toda e qualquer outra atividade durante a execução desta tarefa, resultando uma ação não-arbitrária, fruto da escolha consciente e autônoma e por isso, distinta da cotidianidade.

convivi.” Isso demonstra que não se trata de uma assimilação imediata do que ouve ou vê, sem prévia reflexão. Percebe que não assimila fielmente o que está em seu entorno, mas coloca a marca da sua subjetividade ao transformar o que ouve ou vê das outras pessoas, em algo particularmente seu, em seu *conceito*. Relacionada a essa questão relatou:

“Ai, meus amigos fumam, eu já experimentei cigarro, mas, tipo, não é pra mim, entendeu? Não faz a minha cabeça, assim. Nunca cheirei, nunca fiz nada assim, porque eu já sei antes de fazer, então essas coisas eu não fiz. Eu não me envolveria numa coisa muito errada. Mas eu acho que teria cabeça se a vida me jogasse, assim, pra depois sair, entendeu? Como eu sou uma pessoa forte, eu me reergueria de um acidente. Eu penso muito na vida, né? Eu procuraria alternativas, assim. Eu sempre fico procurando alternativas, quando alguma coisa ‘tá’ me afligindo, ‘tá’ me fazendo mal. Eu sempre busco alternativas e penso na vida, em coisas que eu poderia fazer pra melhorar aquilo. Não só no errado ou no certo das minhas atitudes, mas em alguma coisa que me deixou mal e eu penso na vida e eu penso que tenho muita coisa pra fazer e o que eu posso fazer pra tirar aquele sentimento ruim.”

Depreendemos dessas falas, que o fato de ter tido experiências na escola, principalmente, que proporcionavam o estabelecimento de relações com professores que a instigavam a pensar, favoreceu que D. significasse que pensar sobre o que ocorre a sua volta e sobre si mesma, fosse algo importante.

“Eu tive professores que me ajudaram, foram dois professores que mudaram assim a minha vida, meu jeito de pensar, um foi agora no terceiro ano, uma outra professora foi da 5ª até agora, sabe? Tipo, é aquilo eles iam explicando a matéria, falando e comentando e mostrando a parte crítica das coisas, que realmente eu tinha que concordar, tinha muito a ver comigo.”

No entanto, nos parece que D., não tem clareza desse processo, pois justifica o fato de ter uma “cabeça legal” pelo convívio desde o início de sua vida com pessoas boas. Reforçamos esta hipótese com o trecho a seguir, em que D. afirma que dificilmente se tornaria uma “cabeça fraca”:

“Então, eu acho que é bem difícil acontecer, né e tal, mas é aquilo, a vida traz coisas, assim... a não ser que aconteça uma tragédia na minha vida, acho que seria, e eu acho que eu ficaria ruim por algum tempo, mas depois eu me levantaria, entendeu? (...) É assim, eu penso assim, a gente tem um ciclo e dentro desse ciclo têm etapas, daí em

cada etapa, cada etapa dessa é um pedacinho da sua vida que você tem que viver, desde quando você nasce até a sua morte. Eu posso ter um pedaço da minha vida que não seja legal, mas o primeiro pedaço que me deu toda a luz da minha vida inteira, não vai deixar o único pedaço, porque é uma questão de equação de porcentagem, eu tenho mais pedaços bons até ali, um único pedaço, que mesmo ele sendo grande não vai fazer diferença, eu acho que não tem como, eu não entregaria a minha vida (...)

Essa concepção de que dificilmente se transformaria numa pessoa de “cabeça fraca”, não nos leva a avaliar que D. acredite na impossibilidade de mudanças, mas que a experiência ao longo da infância e adolescência com o meio esportivo e escolar foi bastante intensa, constituindo significações profundas acerca do que é considerado bom e correto e que, portanto, formaram uma “cabeça legal”.

D. terminou o 3º ano do ensino médio em 2008. A jovem descreve que durante o ensino fundamental seu desempenho escolar era bom. *“Na escola, assim, eu era aquela aluna que, tipo, até na 8ª série eu era aquela aluna superdedicada. Meu histórico até a 8ª série é legal, assim.”* Contudo, ao longo do ensino médio esse quadro alterou-se. *“Chegou no 3º minhas notas ficaram 7 mais pra 8 e 9 assim, não era mais aquela aluna de só A (...) no 3º ano, ninguém ‘tá’ nem aí no 3º ano.”* Professores relatam que esse desinteresse nas séries finais de cada ciclo é bastante comum no âmbito escolar. Algumas hipóteses foram levantadas acerca do desinteresse dos alunos pela escola, como um todo, na análise realizada a partir dos grupos de discussão, especialmente do Núcleo: Desinteresse pela escola *“a maioria não leva a sério a escola”* e *“você vem à escola e você não recebe, assim, uma educação pra mudar as coisas.”* Acrescentamos a essas hipóteses, a de que a escola adota metodologias pouco desafiadoras e instigantes no processo ensino-aprendizagem. Pelo relato de D., identificamos que grande parte da atividade em sala de aula resume-se em realizar cópia do conteúdo. *“Fico conversando, daí quando dá, eu copio tudo correndo, mas faço.”* Em conversa informal com professores, e por meio de observação da dinâmica em sala de aula³⁶, pudemos perceber que o professor utiliza predominantemente a aula expositiva e a lousa, como instrumentos para favorecer a aprendizagem. Dessa forma, o aluno tem poucos momentos para a realização de discussões e de experienciar na prática o conteúdo apresentado. Os professores justificam que

³⁶ Não foram realizadas observações sistematizadas ao longo da pesquisa, no entanto como esta realizou-se em grupos de discussão na escola, foi possível acompanhar a dinâmica de algumas aulas ao longo de uma semana. Foram realizadas conversas informais com professores, coordenadores, inspetores de aluno e secretárias. Ao longo dessa convivência com a equipe pedagógica e funcional constatou-se que os professores frequentemente utilizavam a lousa para transcrever o livro, sendo que alguns possuíam cartazes do conteúdo transcrito do livro. Além disso, identificou-se que em algumas salas o professor nomeava ajudantes para realizar a transcrição do conteúdo do livro para a lousa.

essa prática metodológica é largamente adotada, devido à escassez de materiais didáticos, como livros e materiais para a realização de experiências e também pelo comportamento desinteressado e indisciplinado dos alunos. A utilização da cópia como recurso didático é justificada pelo fato de, na maioria das vezes, não haver um livro para cada aluno, visto que apesar da existência de programas governamentais de distribuição gratuita de livros didáticos, segundo a escola, muitos livros são depredados e tornam-se inutilizáveis. A utilização da cópia foi justificada, também, pelos desvios de livros devido à evasão escolar e à transferência de alunos durante o ano letivo, pois estes, ao saírem ou transferirem-se da escola, levam consigo os livros didáticos e, por sua vez, os alunos ingressantes no mesmo ano ou no ano seguinte, que deveriam reutilizar o livro, ficam sem o material.

Como apontam pesquisas de Charlot (2005), o aluno acredita que sua responsabilidade na escola seja realizar tarefas, avaliações e exercícios, aos quais são atribuídas notas pelos professores. Dessa forma, frequenta-se a escola para tirar nota e não para aprender. Nesse sentido, o comportamento de D. aproxima-se do apresentado nas pesquisas de Charlot:

“Porque eu era muito obsessiva assim, eu era aquela aluna muito focada assim, tipo, eu estudava, eu nunca estudei assim, sabe? Tipo, eu estudava antes das provas, assim, mas era aquela aluna obsessiva por nota, assim. Tipo, eu levava um B e eu achava que eu merecia um A, eu ia lá debater com o professor, às vezes eles mudavam, porque eu tenho argumentos convincentes assim, e às vezes não. Eu era assim: ‘quero o meu visto’, aquela que ‘tá’ preocupada com a nota. Eu era muito assim, eu me preocupava muito em ‘tá’ muito focada, assim, querer a nota assim e tipo, tirava um A assim e tipo: ‘olha tirei um A.’”

Essa significação de D. sobre a educação está fortemente pautada na significação social da escola, de um modo geral. Contudo, ao analisarmos sua trajetória escolar, percebemos que o fato de preocupar-se predominantemente com a nota, configura-se de modo especialmente singular.

“Como eu contei pra você, quando eu era pequenininha, eu não era muito bem aceita, né? (...) Na escola eu tinha amigos, mas nunca tinha uma amiga, assim, acho que eu nunca tive, nunca gostei, agora que eu tenho mais, aquela amiga que sempre anda junto, sabe? Eu procurava conversar com todo mundo, mas não me envolvia numa amizade profunda, tipo uma coisa mais pessoal ou profunda, eu só conversava com todo mundo (...) Eu nem me preocupava com as pessoas, eu só me preocupava em ‘tá’ estudando. (...) Eu era estranhinha e tal, ninguém notava (...) tipo, eu mudei assim, na 7ª série.”

Acreditamos que a “*obsessividade por nota*”, de que fala D., está fortemente relacionada ao padrão de relacionamento estabelecido com os demais alunos ao longo de sua trajetória escolar. A partir do momento em que começa a se relacionar de maneira mais próxima com os seus pares e sente-se aceita no grupo, D. parece, gradualmente, desinteressar-se pelas notas e começa a perceber a escola como um local que contribui para o aprendizado das relações interpessoais. Hoje, a esse aprendizado é creditada maior importância que a outros conteúdos escolares.

“Tipo eu ‘tô’ na escola e eu vou me relacionar com as pessoas, eu ‘tô’ na escola, tipo, eu vou estudar também, eu vou aprender, mas não é só isso, entendeu? Não é só estudo. É você conviver em grupo, porque tem coisa da escola que eu não vou usar pra minha vida, mas essa convivência que eu tenho com as pessoas ali, realmente eu vou precisar muito, porque em qualquer ambiente de trabalho, qualquer coisa que eu vá fazer na minha vida eu tenho que ter aquilo, entendeu? Aquela relação que talvez seja mais necessário isso do que se aprendeu alguma coisa ou ter deixado de aprender.”

Gostaríamos de destacar que D. menciona a importância do aprendizado de habilidades de relacionamento interpessoal, principalmente para a utilização no âmbito do trabalho. Como aponta a pesquisa Perfil da Juventude Brasileira de 2003, emprego é um assunto de grande interesse da população pesquisada, atingindo 37%. Charlot (2005) relata que 75 a 80% dos alunos estudam para ter um bom emprego. Esses dados nos mostram que os sentidos, de forma geral, mas nesse caso específico sobre o trabalho, não são alheios à realidade concreta, mas têm estreita relação com ela, sem, no entanto, tornar-se seu reflexo especular. O trabalho, para D., representa a possibilidade de tornar-se mais independente financeiramente de seu pai, a possibilidade de cursar a faculdade de Comunicação Social e a possibilidade de “conhecer e aprender mais sobre tudo”. Sabemos que a configuração dos sentidos tem uma história única, relacionada à vivência subjetiva e peculiar do sujeito; sendo assim, podemos levantar como hipótese, que os conflitos travados com o pai determinaram a necessidade de independência de D. Cursar o ensino superior para a jovem constitui-se mais uma ferramenta na busca da independência, visto que almeja comprar um apartamento para morar sozinha, o que implicitamente prevê um emprego que lhe dê condições financeiras para essa realização. Nesse sentido, a necessidade de tornar-se independente a faz vislumbrar na escola a possibilidade de aprender a relacionar-se com as pessoas, o que considera fundamental para o exercício profissional. O trabalho aqui é o meio, o motivo para a satisfação dessa necessidade de independência. Além disso, ao falar de seu emprego atual, D. relatou que o que mais a

interessa é o fato de poder conhecer sobre assuntos desconhecidos e conviver com pessoas que a *“façam crescer cada vez mais.”* O emprego, também se configura como motivo da necessidade de expansão de que fala: *“Porque eu tenho essa necessidade de expandir, assim, de querer conhecer tudo, assim, porque por enquanto eu conheço, eu penso o que eu posso, a partir do momento que eu possa conhecer novas coisas eu vou, eu quero ir adquirir mais conhecimento.”*

D. acredita que essa necessidade de aprender e conhecer mais, também, possa ser satisfeita com a sua mudança de cidade. Por isso pretende morar em São Paulo e na Itália.

“Ah, não sei se eu quero ir pra São Paulo, eu gosto, assim, de um pouco de paz. Apesar que lá tem um pouco de coisa pra aprender, pra mostrar pra mim, eu ainda vou pegar uns anos e morar lá. Minha vó é italiana, eu tenho vontade de pegar visto e ir pra Itália, conhecer a Europa. Porque eu tenho essa necessidade de expandir assim, de querer conhecer tudo assim, porque por enquanto eu conheço, eu penso o que eu posso, a partir do momento que eu possa conhecer novas coisas eu vou, eu quero ir adquirir mais conhecimento.”

Pensando na conquista da sua independência e na tentativa de ter mais liberdade, D. almeja comprar um carro ou moto, um apartamento e morar sozinha. Casamento e filhos não estão em seus planos, ao menos, não num futuro breve.

“Se eu for casar eu vou casar só depois que eu conquistar tudo que eu quero, assim, e isso talvez demore, eu vou casar com 35 por aí, vai demorar um pouquinho aí. Não sou aquela menina que sonha em ter filhos, que sonha em casar, entrar na igreja, eu não sonho com isso. Filhos, se eu tiver um filho vai ser, talvez, muito bem planejado, talvez eu vá ter muito velha, não sei, não é uma coisa que eu quero pelo menos. Eu quero aquilo pra minha vida, quero conquistar tudo que eu conseguir, assim, eu tenho essa meta”

Ao falar de seus relacionamentos amorosos, D. relatou: *“eu sou aquela pessoa que fica uma vez, mas não quer nada sério. Talvez porque eu não queira me prender, eu quero fazer faculdade e eu não quero nada que me prenda, sabe?”* A necessidade de ter independência parece ser o que orienta muitas de suas escolhas: começou a trabalhar para tornar-se independente; pretende estudar para obter um bom emprego e, assim, tornar-se independente; não investe nas relações amorosas, temendo que elas venham a atrapalhar seu objetivo de ser independente.

Nesse núcleo buscamos descrever D. , apontando seus gostos e expectativas futuras. Dessa busca, os principais elementos a serem destacados são: a concepção de que todos são individualistas, inclusive D.; apenas seres sobrenaturais como anjos ou deuses não se encontram na condição individualista e por isso, têm alguma possibilidade de transformar a realidade; a crença na existência de pessoas de “cabeça fraca” e outras com “cabeça legal”, sendo que D. acredita pertencer ao grupo das pessoas de “cabeça legal”; a necessidade de tornar-se independente parece ser o norteador de muitas de suas escolhas.

Núcleo 2

Relações fora e dentro de casa, determinantes na constituição da minha subjetividade: “Pra falar de mim tenho que falar do meu pai ...contando dos outros ...até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação comigo”

É bastante significativa a fala de D.: “*Pra falar de mim tenho que falar do meu pai ... contando dos outros ...até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação comigo.*” Essa afirmação vem ao encontro dos pressupostos teóricos de Vigotski, dos quais compartilhamos e com os quais fundamentamos o presente estudo. Diz ele: “*Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros.*” (Vigotski *apud* Pino 2002, p. 54) O indivíduo se constitui e se produz na relação com o outro, sobre isso Bock (1999) afirma: “*O homem é criado pelo homem*” (p.30). Com isso, queremos dizer que, acreditamos que para o desenvolvimento e constituição do humano, o “outro” é figura fundamental, visto que, ao nascer, o indivíduo não traz consigo as determinações do que se tornará, mas, ao contrário, apenas quando se insere no mundo da cultura e depara-se com o “outro” é que tem a possibilidade de vir a ser o que é. Esse “outro” é o mediador entre homem e cultura e a significação é a mediadora entre homem e o “outro”. (Pino, 2002) “*É a significação que tem o poder de converter o fato natural em cultural e, dessa maneira, permite a passagem do plano social para o pessoal.*” (Pino, 2002, p. 55) Fundamentados nisso, dizemos que o homem constitui-se a partir do “outro”, entretanto sua subjetividade não é “o outro”, mas o contém. Dessa forma, um indivíduo não é idêntico ao outro, já que o processo de significação implica num movimento do sujeito para a realização da transformação do externo em interno, do social em individual, do “outro” em “si mesmo”.

Essa transposição para o plano psicológico se dá a partir da sua história singular, ou seja, mediada pelos sentidos constituídos ao longo da sua vida.

Ao longo das entrevistas D. falou, reiteradamente e com forte intensidade emocional, de seu pai. Acreditamos que a família contribua para a constituição das subjetividades, mas no caso de D., os conteúdos trazidos acerca do pai, destacaram-se de modo peculiar, demonstrando como ele tornou-se figura central para a compreensão da dimensão subjetiva da jovem. D. inicia a entrevista falando: *“Pra falar de mim tenho que falar do meu pai.”*

O pai é visto como alguém que se isola do mundo. *“Meu pai é muito fechado (...) Ele não sai de casa, ele é antissocial, ele é diferente, é bem diferente mesmo, ele não tem amigos, ele deve ter algum problema, assim, ele deve ter sofrido, assim, com isso.* D. também o descreve como um homem de pouca conversa.

“Ele tem problemas, deve ter tido problemas no passado, ele não gosta de ficar comentando. Ele é, tipo, uma pessoa que viajou muito, eu até não sei por que dele ser assim; quando ele trabalhava, ele era chefe de um setor de alguma coisa, eu nem sei, porque ele não comenta, mas eu sei que ele viajou a América do Sul inteira, ele conhece tudo aqui, ele conhece a Argentina, ele conhece Paraguai, ele conhece Chile, Venezuela ele conhece tudo, não sei, uma pessoa que viajou tanto assim, pegou tantas coisas de tantos lugares assim, ou ele passou em vão, pode ter sido isso também, e agora ser uma pessoa tão presa?”

Além disso, D. reclamou da falta de uma afetividade positiva dos pais, mas especialmente do pai. *“Meu pai e minha mãe não são muito afetivos, eles são bem fechados. (...) Só que ele precisa passar um pouco pra gente, porque é muito, muito, muito chato. Ele precisa passar alguma coisa pra gente.”* D. queixou-se também da falta de uma maior interação familiar. *“Porque fica muito separado um em cada canto, minha mãe no quarto dela, ele [pai] no dele e eu no meu, ou um na sala, lá embaixo.”* Mas apesar disso complementa: *“É meio distante, assim, a relação que eu tenho com eles, mas a gente se gosta.”*

A jovem disse não seguir as orientações de seu pai, porque não acredita que ele possa lhe oferecer algo que a ajude, devido ao fato dele isolar-se do mundo. *“É aquela coisa, tipo, uma pessoa que não vive e quer me ensinar sobre a vida?”* Disse também não depositar credibilidade em suas orientações porque, muitas vezes, percebe que seu pai as fundamenta em informações retiradas de programas de televisão que, na maioria das vezes, são mal compreendidas por ele.

“Meu pai eu acho, não que ele tenha culpa, eu acho que ele tem um pouco de ignorância. (...) Então eu acho que ele não entende as coisas que ele vê na TV, porque ele é muito precário, fica na TV o dia inteiro, não trabalha mais ou vai ao mercado, o máximo. E ele quer passar pra gente uma coisa que não entendeu, eu sei que eu tenho razão disto e eu questiono. (...) Mas, tipo, eu não concordo com as coisas que ele quer “ditar”, assim. Eu sei que no resto do mundo não é certo, assim, entendeu? Nem tipo... pra mim também não é certo o fato dele não ter amigo e ficar trancado em casa, ele não sai, nunca viaja. (...) Ele vê na TV as coisas, só que ele não entende, ele tem uma certa dificuldade, só que ele pega as coisas sem entender e ele quer passar isso pra gente, da TV, Fantástico, Jornal Nacional, do que aconteceu com uma família lá, e ele não entende ou ele pega a notícia pela metade e ele quer passar aquilo pra gente. E daí é complicado porque ele não entende as coisas e quer passar aquilo pra gente, só que eu sei que não tem nada a ver e eu entro em conflito com ele por causa disso.”

D. afirmou que busca suprir com a eleição de ídolos musicais uma necessidade de obter referências e orientações para a sua vida.

“Meu pai eu acho, não que ele tenha culpa, eu acho que ele tem um pouco de ignorância. Eu queria ter alguém aqui em casa, tipo: ‘Eu quero ser assim!’ Ter uma referência aqui em casa, porque não tem em quem se espelhar aqui em casa. Eu criei essa minha personalidade, sei lá, talvez se eu tivesse uma pessoa, uma figura forte aqui em casa que me espelhasse aqui em casa não teria que ouvir, ficar procurando o Bob Dylan, sei lá. Não ia ter que admirar outras coisas, entendeu? Realmente, aqui não tem uma figura muito forte, pra mim, é até fraca.”

Sabemos que os adolescentes, de um modo geral, buscam nos ídolos musicais modelos de referência e identificação. Normalmente o jovem vê na figura de um ídolo características com as quais se identifica e almeja para si, como por exemplo, o sucesso, independência e comportamentos transgressores. Tais pessoas idolatradas são percebidas geralmente como pessoas “iluminadas” e que conseguem resolver os problemas e dificuldades, que a maioria das pessoas não consegue. Aproximam-se, nesse sentido, da caracterização de heróis.

Os ídolos musicais de D. são: The Doors, Jim Morrison, Janis Joplin, Amy Winehouse, Queen, Cazuza e Bob Dylan. Com exceção de Amy Winehouse, os demais músicos viveram numa época em que D. ainda não era nascida. Contudo a justificativa que dá para o fato de Amy Winehouse integrar a lista de seus artistas preferidos é a de que *“pelo estilo musical dela ela deve gostar bastante de Janis Joplin, tem o mesmo estilo, eu acho até que a voz das duas é parecida.”* Sobre a sua preferência D. relatou:

“Às vezes eu discuto assim, acho que eu nasci na época errada, porque eu só gosto de coisa que não é da minha época. Sei lá, daqui algum tempo, pode ser que as pessoas gostem das coisas que estão acontecendo agora. Tem um amigo que fala que nasci na época errada, sei lá, né? Talvez, se a gente tivesse naquela época, a gente não desse tanto valor para o que ‘tava’ acontecendo, todo aquele movimento. (...) Ah, sei lá, você pega a história inteira, né? Geralmente dessas pessoas você pega a história inteira, você já sabe da vida dela, o início, o meio e o fim (...) tipo o cara fez uma música agora e você vai esperar algum tempo pra ter uma outra coisa, agora não, tipo, você pega Queen, ou sei lá, outro cantor que já passou, você pega a trajetória inteira. Tem Rolling Stones, por exemplo, assim, eles estão aí, ainda e tal, mas não é tão interessante, talvez, quando eles morrerem o povo fale mais. Talvez seja por causa disso, quando está tudo pronto é mais fácil pra você digerir. Essa coisa de não dar valor também, o que viveram era mais legal que o seu ou o que você não pode ter é mais legal, talvez é também isso. Talvez seja isso, as pessoas querem muito o que elas não podem ter. Por elas não poderem ‘tá’ vivendo naquela época elas querem. (...) Daí depois que acontece tudo aquilo [morte de algum artista], quem não conhecia passou a conhecer, porque daí conta no jornal tudo que aconteceu com a pessoa e ela tem uma história de vida muito marcante, também tem isso, esses caras todos que a gente já pegou a vida deles inteira têm uma história de vida muito bacana. Além de serem bons artistas, ter uma história de vida legal. Ainda, no caso, o Bob Dylan não morreu, mas vem desde a época de Elvis e ‘tá’ aí até agora, apresentando isso pras pessoas como eu e ‘tá’ criando coisas novas, fez um cd aí agora.”

Esse movimento de retorno do jovem ao passado é bastante comum. Fischer (2008) relata que os jovens de sua pesquisa mitificam o passado de seus pais, acreditando que naquela época existiram filósofos e artistas mais criativos e engajados em lutas sociais, produziram-se *“materiais que seriam mais ‘eruditos’ (apreciar um clássico do cinema francês ou ouvir Chico Buarque é comentado com certo orgulho).”* (Fischer, 2008, p. 680) Outro exemplo que demonstra o interesse das novas gerações aos símbolos das gerações passadas é a crescente venda dos DVDs e Cds de artistas que morreram na década de 70, como Jim Morrison, ex-integrante do The Doors. Estima-se que se venda anualmente cerca de 2 milhões de cópias, contando com CDs e DVDs do cantor. O interesse nas músicas dos The Doors, após a sua dissolução, ultrapassa o de quando o grupo estava ativo.

Essa valorização de um passado mitificado exerce função ideológica visto que transmite a ideia de que no passado os jovens eram mais conscientes e criativos que os da geração presente, que recebe, como disse D. *“bastante coisa ruim tipo funk, assim, pocotó, essas coisas.”* A mitificação ideológica reside no fato de se tomar um grupo minoritário como representante de toda uma geração, ou seja, toma-se a parte como se esta fosse o todo; seja

porque considere que no passado só produziram-se músicas e obras de boa qualidade, seja porque considere que as produções atuais sejam em sua totalidade ruins. Na verdade, em todos os momentos da história identificamos produções de boa e de péssima qualidade, pois tais produções estão intimamente imbricadas com a relação que o indivíduo estabelece com a realidade concreta de seu tempo.

Por meio do relato de D. identificamos que a escolha dos ídolos pauta-se, principalmente, na qualidade musical e na história de vida do cantor (a). Acreditamos que a história de vida seja algo especialmente determinante, pois a jovem relatou que

“tudo que eu... tipo, a pessoa que eu acho legal de entender, assim, eu procuro saber sobre ela. Fica passando, assim, na minha cabeça o porquê da pessoa ter feito isso ou por que ela ‘tá’ assim. Eu gosto de The Doors, daí eu gostava do Jim Morrison, eu gosto do Jim Morrison, daí tem toda aquela história dele ser um xamã, tudo aquilo, né? De tudo aquilo, daí eu fico pensando, tentando entender. Da Janis Joplin é outra que eu gosto, de tentar entender de por que que foi acabar tudo assim. Agora eu gosto de Amy Winehouse, eu sei que ela vai morrer esse ano, eu também tento entender ela, entendeu?”

Interessante citar que Jim Morrison, falecido em 1971, era filho de um almirante da marinha americana. Seus pais eram conservadores e rigorosos, o que possivelmente motivou Jim a buscar valores e orientações divergentes das que conviveu na sua infância. Ao analisarmos a história de D. entendemos que ocorre uma identificação dela com o que foi vivido por esse ídolo.

Transcrevemos, a seguir, uma declaração de Janis Joplin em entrevista, a fim e compreender o sentido atribuído aos ídolos de D. *“Posso não durar tanto quanto as outras cantoras, mas sei que posso destruir-me agora se me preocupar demais com o amanhã.”* Esse modo de viver, pautando-se na filosofia do *Carpe diem*³⁷ (aproveite o momento) também é adotado por Amy Winehouse. Sobre ela D. relatou:

“Daí ela deve ter essa coisa de ‘Ai vou viver o máximo que eu posso, independente do que aconteça’, aquela filosofia que eu acho que algumas pessoas adotam: ‘é melhor eu viver constantemente, mesmo que... viver tudo o que eu posso assim, mesmo que eu morra antes, tal’. (...) Não ficar administrando a vida.”

³⁷ Realizamos uma discussão sobre essa questão no Núcleo 4: Estereótipos do bem e do mal: uma disputa entre particularidade e individualidade *“A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o mauzinho”*

Segundo D., as pessoas que adotam a filosofia do viver intensamente o presente, sem preocupar-se com o futuro, o fazem deliberadamente, não se tratando de pessoas impulsivas, que pouco utilizam a reflexão para orientar suas escolhas.

“Eu acho que essas pessoas não são impulsivas. Elas são bem reflexivas daí elas adotam essa filosofia. Fazem as coisas, mas sabendo que elas estão fazendo aquilo, ainda mais pessoas, no caso dos meus artistas, eu penso que são pessoas muito inteligentes. Ah, tipo, eu vou me jogar, ah, eu vou me jogar, mas eu sei que eu vou me jogar e eu pensei que pra mim é legal me jogar. É uma filosofia de vida. Não que seja impulsiva. Ainda mais pessoas que, no caso, são pessoas inteligentíssimas.”

Acreditamos que essa filosofia do *Carpe Diem* permeie a significação adolescente, de um modo geral. Percebemos que D. atribui sentidos contraditórios para a questão de como aproveitar a vida. Pois, em determinados momentos acredita que o futuro seja muito distante e que não vale a pena esperar para que algumas realizações se concretizem, como por exemplo, a transformação da sociedade, sobre isso D. relatou: *“Futuramente é muito longe.”* Mas, por outro lado, D. mencionou:

“Eu penso bastante, assim, no meu futuro. Eu planejo o meu futuro. Eu já planejei a minha vida inteira (...) Porque querendo ou não a gente já pensa no futuro já. Porque todo mundo pensa no futuro, ninguém vive só no presente. Mesmo vivendo o presente enlouquecidamente, já pensou no futuro, sabe?”

Acreditamos que D. não está imune a essa significação juvenil pautada no *Carpe diem*, que de alguma forma constitui o sentido de que o futuro é muito longe e, portanto, para algumas coisas não se deve esperá-lo, mas deve-se viver o hoje. No entanto, o futuro para D. é muito esperado, pois a jovem projeta nele a possibilidade de liberdade, de independência financeira e das normas familiares. Isso a impele a depositar grande expectativa de realizações no futuro, como a compra de um apartamento, de um carro ou moto.³⁸

Ainda sobre seus ídolos musicais D. relatou:

“Ah, olha os meus momentos de tiéte ali (aponta cd dos Rebeldes). Totalmente contraditório, assim, porque eu sempre gostei de música boa, assim. Como eu não tinha nada pra fazer eu pegava e ficava

³⁸ O sentido da independência para D. foi discutido no núcleo 1 Eu sou assim...: *“Eu sou aquela menina que, assim, que assiste Big Brother, mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assisto também Café Filosófico.”*

assistindo televisão, daí eu gostava, eu achava bonitinho, meus amigos, né, me crucificavam. E é muito ruim, realmente, é muito ruim e eu sei que é muito ruim, mas eu gosto. Eu não tenho preconceito com nada, pode ser a música mais... eu não tenho preconceito, mas eu não gosto, eu não tenho preconceito com pagode, mas eu não gosto, mas tipo, eu ouço aquilo (apontando para o CD dos Rebeldes) de vez em quando, entendeu? Eu não tenho preconceito, mas eu ouço, é estranho.”

Interessante relatarmos que D. em nenhum momento fala o nome da banda Rebeldes, talvez por vergonha de mostrar o antagonismo entre suas preferências musicais, que apontam, tanto músicos que para um grande grupo de pessoas são considerados como símbolos da boa música ou como diz Fischer, sinônimos de erudição, quanto músicas cuja qualidade é, por muitos, colocada em dúvida. D. justifica sua preferência pelos artistas Jim Morrison, The Doors, Bob Dylan, Amy Winehouse, Queen, Cazuza, pelas suas trajetórias pessoais e qualidade musical. No entanto, o gosto pela banda Rebeldes é fundamentado da seguinte forma:

“Realmente tocou um outro lado meu que nem eu sabia, é uma coisa bem doce, pura (...) É que no início, assim, não tinha muita gente, mas eu comecei desde o início, assim, é legal, assim, é bobinho, mas era legal, assim, era uma coisa bem jovem, apesar de eu ser precoce e gostar de coisas nada ver com a idade eu também era menina, era garota, daí, eu acho que foi uma coisa que tocou esse meu lado, tipo, ai, sou criança. Daí foi uma coisa que eu me interessei, como eu disse, com esse meu lado e tem também esse negócio da propaganda, tinha uma propaganda absurda, mas eu sei que eu gosto, porque agora acabou a propaganda e eu ainda gosto, agora eu sei que eu gosto, mas tinha muita gente que era só por propaganda. Desde que eu era pequena eu gostava dessa coisa de México, eu acho bonito, acho interessante.”

Ao justificar seu gosto pela banda Rebeldes, D. identifica a determinação da propaganda na constituição dessa preferência. Sabemos que indústria do consumo utiliza ferramentas poderosas como o marketing e a mídia para conquistar o público adolescente, o que por sua vez, acaba por produzir subjetividades marcadas por tais instrumentos³⁹. Essa identificação da determinação midiática na constituição dessa preferência contribui para que D. considere a banda Rebeldes sinônimo de música ruim (“*é muito ruim, realmente, é muito ruim e eu sei que é muito ruim*”), pois nas discussões em grupo D. compartilhou com os demais a crença de que a mídia influencia negativamente as pessoas.

³⁹ No núcleo 5 da análise do grupo de discussão abordamos de maneira mais aprofundada a determinação da mídia na constituição da subjetividade.

“Pesquisadora: Vocês colocaram a mídia como uma forte influência, todos concordam?”

D: Pra algumas coisas sim, pra outras não.

M.: Pra melhores não tem.

A.: Hoje a maioria é negativa.”

Outro elemento que contribui para a percepção de que esse gosto musical é “ruim”, é a valoração negativa que seus amigos⁴⁰ atribuem a essa banda.

“Meus amigos, né me crucificavam (...) Nenhum amigo meu gosta, nunca gostaram, mas por eu ser argumentativa, eles pararam de me encher, eles viram, tipo, que: ‘Ai, ela gosta, ah, ‘tá’ bom então, tem um sentido pra ela.” E eles pararam, então, de encher o saco.’”

Percebemos que apesar de considerar “ruim” esse estilo musical, D. ainda o mantém, porque as músicas e seriados⁴¹ dessa banda tratam de conflitos vivenciados por ela, desse seu “lado garota e infantil” como mencionou:

“Sei todas as músicas deles, eu nunca gostei em português, pelo menos isso. (...) Daí eu sabia e cantava todas as musiquinhas. (...) Eu tenho isso como uma coisa que marcou uma fase da minha vida, tenho pôster essas coisas, gastava dinheiro com muita bobagem, mas eu gosto sim, acho eles bonitos, não acompanho mais fielmente. Antes eu entrava todo dia e via sites da internet, agora eu não entro mais, mas se toca alguma música que eu ache legal eu ouço, assim.”

D. também gosta da banda porque marcou sua vida quando teve a possibilidade assistir-las num show. Mais que a realização de ver os ídolos, esse show significou para D. a vivência da liberdade e a independência do pai, assim como o contato com uma realidade distinta da sua. D. significa que o contato com a realidade de outras cidades possibilite atender a sua necessidade de “aprender e conhecer mais”. A jovem relata com muito entusiasmo sua ida ao show:

⁴⁰ No núcleo 5 da análise do grupo de discussão refletimos sobre a determinação dos grupos de pares na constituição da subjetividade adolescente.

⁴¹ A banda tem um seriado diário na rede de TV por assinatura, no qual são abordadas questões do mundo adolescente, como namoro, traição, amizade, escola, emprego, conflitos nos relacionamentos familiares etc. Logo após sua criação o seriado era veiculado na rede de TV aberta.

“Uma coisa diferente que aconteceu é que eu fui ao show lá em SP, fui ao Morumbi, paguei caro no Vip, muito caro, pensa numa coisa muito cara, não sei se daria pra pagar o show da Madona⁴², mas era caro. (...) Eu tinha 15, 16 e fui sozinha com o meu amigo L. comprar o ingresso. Eu nem sabia por onde começar. (...) a um show em SP no meio de milhões, várias pessoas, foram o quê? 75 mil pessoas? Fui sozinha, mas pra comprar, olha como eu tenho amigos, fui com o L. tal, comprar ingresso, só que eu cheguei um dia antes, de madrugada e eu tinha amigos em SP, era um casal gay, daí eu fui dormir no apartamento deles, com o L., daí eu fui assistir uma peça de teatro, que meu amigo é ator e o outro trabalhava em produção, mas o meu amigo mesmo é ator, daí, tipo, fui assistir à peça dele no teatro, daí, tipo, aproveitei, dei uma volta. Daí, tipo, a gente ficou no apartamento deles, daí já de madrugada, 5 horas da manhã eu já fui pra fila, loucura, né? Não sei como a minha mãe deixou. É que era muita gana de querer ir e eu sou argumentativa, eu convenço os meus pais, sabe? Foi uma coisa bem assim: ‘Ah, eu vou ficar doente se você não deixar eu ir.’ Daí, no dia que eu fui comprar eu fiz amizade na fila já, com um pessoal de SP. Não tinha só criança no show. Não tinha criança no show. Daí eu fiz amizade com uma turminha. Foi no dia do show, na fila da Vip, foi como daqui, nem como daqui até a esquina, porque eu tinha feito amizade e essa turma acampou e eu cortei fila, com aquela turma que eu tinha feito amizade quando eu fui comprar. Eles acamparam e eu cortei fila. Daí eu fiquei pertinho, daí emoção, né? No Morumbi, aquela turma fazendo ‘ola’ no campo (...) O povo fazendo aquelas coisas era gostoso. Eu fiquei na pista, esperando eles passarem, assim. Eu era fã da ruivinha, só que ela não foi até o final da pista. (...) Marcou bastante isso daí, é legal ter ido pra São Paulo, sozinha, assim. Lá é uma coisa, assim, que fica meio pirado, lá é meio pirante, um outro estilo de vida, aqui é muito calmo, muito calmo.”

Algo que incomoda bastante D. é a atitude preconceituosa do pai em relação aos amigos dela.

“É preconceituoso com meus amigos tudo, tenho amigos como todo mundo tem, tenho amigos gays, amigas negras e ele tem um pouco de preconceito. Ele não gosta, mas eu trago, mas ele não gosta e ele fala muito de eu trazer meninos, amigos homens pra minha casa ou meninos gays, sei lá. Ele não gosta que traga meninos em casa, tipo, não pode entrar, mas eu trago. Tipo, quando ‘tá’ aqui a pessoa ele não fala, mas depois ele fica me enchendo muito, fica xingando muito, daí eu prefiro evitar, mas eu trago. Ele tem muito medo do que os vizinhos vão falar se eu trouxer um amigo gay, só que ele não conversa com os vizinhos, os vizinhos conhecem ele, do jeito que ele é, por isso que realmente dá mais o que falar. (...) Eu até falo com ele: ‘Ah, que

⁴² Esse relato de D. se deu na época da vinda da Madona ao Brasil. Os ingressos para o show em tabela oficial variavam de R\$160 a R\$ 600.

bobagem, você fala tanto que não se importa com os vizinhos, que nem tem amizade com eles e, tipo, vai se importar com o que eles falam?”

Esse modo de ser do pai é motivo para a eclosão de muitos conflitos familiares. *“Fica difícil, assim, pra ele perceber e aceitar, assim, esse meu jeito que é mais aberto e que, tipo, sabe um pouco de tudo, assim. E daí que entra em conflito.”* D. definiu-se como uma pessoa sem preconceitos, que tenta conhecer as pessoas e apreender delas o que elas têm de melhor e esse comportamento entra em choque com o pensamento do pai *“e a minha cabeça é mais aberta, totalmente liberal pra tudo, tem essa filosofia aí de vida é mais uma coisa que a gente entra em conflito aqui em casa (...) ele fala assim pra mim: “Não é bom ter amigos, assim, seja individualista.”*

Apesar dessa orientação do pai, D. possui um amplo círculo de amizades. *“Sou uma pessoa que gosta de ter amigos, sou uma pessoa que tem bastantes amigos, assim.”* No entanto, isso nem sempre foi assim. A jovem relatou que na infância era diferente. *“Eu não era muito bem aceita”,* o que restringia as possibilidades de fazer amizade. Além disso, disse que na escola procurava não se vincular em amizades mais íntimas. *“Eu procurava conversar com todo mundo, mas não me envolvia numa amizade profunda, tipo, uma coisa mais pessoal ou profunda, eu só conversava com todo mundo.”* Acreditamos que esse comportamento está fortemente relacionado ao padrão de relacionamento familiar, em que havia pouco diálogo, fornecendo, portanto, um modelo restrito de relacionamento, assim como, à percepção do pai de que a amizade é um risco a ser evitado. Embora saibamos que o adolescente vincule-se a grupos de iguais na tentativa de identificar-se e de compartilhar pensamentos em comum, cremos que a busca dessa identificação em D. foi, sobremaneira, especial. D. viveu um conflito entre aceitar a orientação do pai de que *“não é bom ter amigos”,* e a necessidade de interagir e ser compreendida pelos seus pares. Avaliamos que o padrão de interação entre D. e seus pares (*“Eu era muito fechada (...) ninguém ligava muito pra mim, assim, isso era muito triste”*), assim como, a recomendação paterna de que a amizade é um risco, contribuíram para que D. evitasse e até mesmo dificultasse o estabelecimento de amizades. Contudo, à medida que D. relaciona-se de forma mais efetiva com outras pessoas, buscando atender a necessidade de aceitação, a crença de que fazer amigos é perigoso, vai se dissipando.

“Daí, na 7ª série eu conheci o meu amigo L., acho que eu mudei a partir daí, ele tem uma cabeça bem legal, assim, eu fui melhorando, assim, não era mais estranhinha, eu fui me olhando de outra forma, [olhando] pra pessoas, assim, que... me relacionar com as pessoas, de conversar, tipo, de outra forma.”

O amigo L., com quem mantém amizade até hoje, é muito querido e valorizado, constituindo-se uma pessoa significativa na determinação da subjetividade da adolescente. A despeito do preconceito do pai, D. conserva a amizade com L. que é homossexual, dizendo ser este seu melhor amigo. Em decorrência da sua orientação sexual, L. sofre com o preconceito e, inclusive, já sofreu fisicamente por isso, sendo alvo de agressões corporais e de ameaças de morte⁴³. Diante dessas situações de violência, D. indignou-se e manteve-se ao lado de L., apesar da desaprovação do pai.

Ao entrarmos na esfera dos preconceitos, gostaríamos de retomar o exposto por Heller (2003). O preconceito é uma categoria do pensamento e do comportamento largamente presente na esfera cotidiana que, devido a sua dinamicidade, exige, na maioria das vezes, comportamentos imitativos, espontâneos e pautados na experiência empírica, favorecendo, portanto, a utilização de preconceitos. A fim de operarmos cotidianamente assumimos estereótipos, analogias e esquemas já utilizados no meio social, os quais nos são impingidos pela educação familiar, escolar e pelo relacionamento com o outro, de um modo geral. Isso se torna problemático somente quando utilizamos essa ultrageneralização de estereótipos, analogias e esquemas nas decisões morais e políticas, pois são situações que se encontram acima da cotidianidade e, por isso, exigem a reflexão e a escolha individual.

“O preconceito, via de regra, apresenta-se comum conteúdo axiológico negativo. Isso não significa que todo homem submetido à influência de preconceitos seja “moralmente vazio”. Todo homem, em certa medida e sob alguns aspectos, tem preconceito. O que se deve considerar no julgamento de um homem sob esse ângulo é se a sua totalidade está inteiramente motivada por sua particularidade, ou seja, por seus preconceitos. Também é muito importante saber a quem se referem seus preconceitos e qual é a sua intensidade.” (Heller, 2003, p. 84)

D. disse ser uma pessoa sem preconceitos *“eu não tenho preconceito com nada”*; sabemos que isso não é possível, mas o que nos interessa saber é em quais situações e com qual intensidade os preconceitos orientam as escolhas de D., pois como afirma Heller (2003) *“o preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui a liberdade relativa diante do ato da escolha, ao deformar e, conseqüentemente (sic), estreitar a margem real de alternativa do indivíduo.”* (p. 84)

Ao falar dos locais preferidos, D. disse que gosta de frequentar barzinhos, *“mas eu nunca tive um preconceito, assim, de um lugar, eu procuro ver o que tem de legal ali e me*

⁴³ L. é o estudante que deixou de estudar na escola de D. devido às agressões e ameaças praticadas por outros alunos. Essa situação foi descrita no núcleo 6 da análise do grupo de discussão.

divirto independente do meu gosto, assim, sabe?” Percebemos que o forte vínculo estabelecido com amigos com gostos distintos dos seus, favoreceram que D. conhecesse lugares diversificados e pudesse, a partir dessas experiências, fundamentar suas preferências.

“Eu acompanho, assim, as minhas amigas, elas gostam de pagode. (...) Eu ‘tô’ ali por causa das pessoas. (...) Eu procuro, assim, em cada pessoa que eu conheço pegar alguma coisa, entendeu? Se eu gostei, eu quero aquilo, entendeu? Aquela característica, daquele grupo, entendeu? Daí, tipo, comecei a conhecer bastante gente e também têm os meus amigos que fazem dança e gostam dessa parte da arte, daí, tipo, eu me identifiquei bastante, que é música diferente, que eu gosto bastante, assim, de música boa. Cinema, eu sou apaixonada por cinema, eu sou cinéfila. Agora eu jogo futsal. Daí eu também tenho amizade com as meninas, tipo, agora eu saio com elas, saio com os meus amigos do teatro e saio com os meus amigos do vôlei.”

No entanto, ao entrarmos na esfera das escolhas morais de D., identificamos posições em que o preconceito tem um peso norteador. A jovem disse: *“tenho amigos como todo mundo tem, tenho amigos gays, amigas negras.”* Relatou que seu melhor amigo é homossexual. Esses relatos nos dão indicativos de que o preconceito racial e de gênero não orientam suas escolhas. Contudo, chama-nos a atenção o fascínio que D. tem pela 2ª. Guerra Mundial, especialmente, por Hitler.

“Eu acho Hitler, assim, uma figura a ser entendida, porque por um lado eu acho legal, assim, a ideia, eu acho que ele se perdeu. Não que ele tenha se perdido, mas eu entendo ele, mas é errado o que ele quer fazer, ele é louco, que é aquela coisa de querer purificar, é o jeito dele, dele querer um mundo melhor, mas é um jeito muito radical, não tem como ele querer matar as pessoas doentes ou ... sabe?”

Associada à fala seguinte: *“Porque sempre eu quis ser muito branca, na verdade eu queria ter a sua cor [referindo-se à pesquisadora], não que eu seja morena, eu não sou morena, eu queria ser branca porque eu acho bonito.”* Levantamos a hipótese de que o preconceito racial, fortemente arraigado no sistema de crenças de seu pai, pode ter favorecido que D. constituísse um sentido profundamente contraditório acerca das etnias, sendo que ao mesmo tempo em que repudia o preconceito étnico, tem o desejo de ser branca. Percebemos que D. põe em xeque os preceitos de seu pai, resignificando-os, já que ao longo do seu desenvolvimento estes vão perdendo a credibilidade à medida que D. entra em contato com diversos grupos com crenças e valores distintos, assim como, ao começar questionar as fontes

em que seu pai se fundamenta (programas de televisão) para formar opiniões. Isso possibilita uma reorientação do seu sistema valorativo. No entanto, o desejo de ser branca permanece. Isso nos mostra como os sentidos, apesar de contraditórios, ao serem integrados subjetivamente com outros sentidos, convivem harmonicamente.

Ao explicar o que a atrai na figura do Hitler, D. não relatou que concorda com o extermínio de pessoas, ao contrário, considera isso inadmissível, mas revela-nos um pensamento rígido, que não admite desvios, pois tem como ideal a ideia de “pureza”.

“Ele pensou que: ‘eu matando essas pessoas doentes’, matando, sabe? Vai ser uma coisa pura, vai criar pureza, entendeu? Poxa é legal você ter pureza! Tipo, se ele usasse isso, em outra, em outra forma, em outra coisa, seria uma coisa extraordinária, entendeu? Mas ele tinha que usar isso com as pessoas, com um ser humano? Então, não dá pra ser usado? Deixa eu ver onde ele poderia usar? Tipo, eu vou acabar com todas as armas. E ele tinha o poder de, pelo menos, ali acabar com todas as armas. E ter aquela coisa nesse sentido. Aquela pureza, sabe?”

A “pureza” pressupõe uniformidade e, portanto, a impossibilidade da diferença. Significar que o mundo ideal seja puro, com a ausência de desvios, sejam eles de qualquer natureza, é incompatível com a possibilidade da livre expressão, da democracia, assemelhando-se ao totalitarismo. Nesse sentido, acreditamos que ao creditar valor num sistema rígido que tem por meta a pureza, D. demonstra uma motivação tendendo para a particularidade, pois o absolutismo cristaliza-se e restringe o movimento do sujeito nas suas decisões, já que não considera a possibilidade da diferença.

Como dissemos inicialmente, o pai de D., parece ser figura central na constituição de sua subjetividade, embora tenhamos identificado que as relações com amigos também contribuíram para a constituição de valores e significações sobre a realidade. A aparente passividade da mãe, também parece ter contribuído na sua constituição subjetiva. D. descreve a mãe da seguinte forma:

“E a minha mãe é, tipo assim, quem ‘tá’ ganhando na discussão ela ‘tá’ do lado. Então, às vezes ela me apoia, às vezes apoia ele [pai], não tem uma opinião formada. Ela só não quer que a gente discuta, ela quer que a gente fique calmo, assim. (...) E minha mãe é o que eu te falei, ela pega muito o que as pessoas falam. Por exemplo, minhas irmãs, ah, a minha irmã falou alguma coisa do que eu devo fazer da minha vida, daí a minha mãe vem: ‘Ai a sua irmã R. falou isso e também eu acho...’ daí ela começa a achar. Ou o meu pai ‘tá’ falando

alguma coisa e ela vê que eu 'tô' quieta, que eu fico quieta, às vezes, e tal e começa a apoiar ele. Às vezes, ela me apoia na briga, daí vem as minhas irmãs falarem alguma coisa e ela muda."

D., diferentemente de sua mãe, se vê como "argumentativa". *"Gosto de debater tudo. (...) Daí eu discuto, tipo assim, quero colocar minha opinião, mas também aceito, eu ouço."* Acreditamos que a necessidade de diferenciar-se do modo de ser materno, aliada às experiências relatadas com professores que a instigavam a exercer uma reflexão crítica, favoreceram a constituição de um comportamento argumentativo e crítico.

"Eu tive professores que me ajudaram, foram dois professores que mudaram assim a minha vida, meu jeito de pensar, um foi agora no terceiro ano, uma outra professora foi da 5ª até agora, sabe? Tipo, é aquilo, eles iam explicando a matéria, falando e comentando e mostrando a parte crítica das coisas, que realmente eu tinha que concordar, tinha muito a ver comigo."

Nesse núcleo, a principal questão analisada é a constituição da subjetividade de D. à luz de algumas determinações, como da família, especialmente, da figura paterna e de seus amigos. Os principais pontos a serem destacados são: como os conflitos travados com seu pai criaram necessidades, que por sua vez, impeliram que D. encontrasse formas para satisfazê-las; a função dos ídolos na história de D.; a existência de sentidos contraditórios acerca do preconceito.

Núcleo 3

A necessidade da afirmação da diferença num meio de igualdades: "Olha que bom, eu não preciso forçar 'pra' que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que 'tô' na moda."

No núcleo 2⁴⁴ da análise das entrevistas de D., exploramos algumas determinações dos pais no processo de constituição de sua subjetividade. Nessa análise identificamos que à luz dessas determinações, D. produziu, muitas vezes, uma necessidade de diferenciar-se de seus

⁴⁴ Relações dentro e fora de casa, determinantes na constituição da subjetividade: *"Pra falar de mim tenho que falar do meu pai ... contando dos outros ...até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação comigo"*

pais. No entanto, essa necessidade de diferenciação não se restringe ao âmbito familiar. Dessa forma, D., recorrentemente, ressalta o quanto é diferente das outras pessoas. Disse considerar-se diferente dos seus pais, das suas irmãs, dos seus amigos e das demais pessoas.

“Eu sou uma menina diferente, assim, eu sou diferente das minhas irmãs, eu sou diferente dos meus pais. Eu não sei se é fase, mas eu sinto isso aqui em casa, no estilo de música que eu ouço, em qualquer outra coisa que eu faça, assim. Eu vejo semelhança entre a minha irmã e os meus pais, mas eu não tenho qualquer coisa, assim, que possa parecer com eles, então, assim, eu sou uma pessoa diferente.”

A jovem percebe-se diferente das suas amigas nos gostos musicais, pois elas gostam de pagode e D. prefere Rock e “música boa”. *“Eu acompanho, assim, as minhas amigas, elas gostam de pagode. (...) Eu ‘tô’ ali por causa das pessoas. Daí quando é pra eu sair em algum lugar eu gosto de lugar mais alternativo, que toca Rock. (...) Eu gosto bastante, assim, de música boa.”* Além disso, D. entende-se como diferente ao valorizar o dinheiro que tem, gastando-o somente no que acha justo, independente de marca de produto. Dessa forma,

“a minha última é que agora eu não como mais no Mac [Donald’s], eu coloquei isso pra mim. Ah, tem tudo aquilo que é capitalista, eu acho um roubo também pagar R\$16 num lanche que eu acho que não vale nem R\$ 5. Eu tenho essa linha de pensamento. Eu até ‘tava’ no aniversário de uma das minhas amigas que foi no Mac, que gosta do Mac, ‘patricinhas’. Eu sou a diferente do grupo de novo. Talvez eu seja a diferente do grupo nesse sentido, são ‘patricinhas’. Eu ‘tava’ tendo uma conversa uma vez dentro do Mac, ela tipo: ‘quer Mac’ e eu tipo: ‘ah, não vou comer’ e elas: ‘ah, porque não vai comer?’, ficam perguntando e eu acho chato e eu: ‘ah, acho muito roubo’ e daí elas: ‘ah, já vem com aquela história de capitalismo, com todas aquelas coisas e tal. E esse Adidas que você ‘tá’ aí no pé?’ Daí eu falei: ‘Ah, então, esse Adidas que ‘tô’ no pé eu uso ele um ano inteiro, né? Ele dura, entendeu? Agora eu vou comer um Mac de R\$16 e eu não gosto do lanche ainda, porque as pessoas na maioria das vezes só comem Mac porque é Mac.’ Ela até falou assim pra mim: ‘Ah, Mac é Mac’ daí tipo: ‘Esse é o argumento que você quer usar pra mim? Mac é Mac.’ Não é uma coisa legal. Ainda assim, não é que eu tenha uma cabeça assim... bebo Coca, não bebo Coca, bebo Fanta, não gosto de Coca também, bebo Fanta, assim, ainda acho cabível pagar R\$ 2, R\$ 3 numa garrafa de refrigerante, mas pagar R\$16? Eu tenho uma cabeça, assim, roupa também, eu pago o que eu acho que vale, tipo, eu gostei bastante, muito, muito, mas é muito caro, entendeu? Eu gostei pra caramba daquilo, mas eu acho que não vale, que ‘tá’ muito caro, ainda se eu gostar muito e estiver caro é proporcional uma coisa com a outra, eu até pago, mas é muito difícil.”

D. disse não se interessar pela marca, mas pelo produto, acreditando que essa atitude se deve, principalmente pela educação recebida pelos seus pais.

“Não sei de onde veio. Acho... meus pais têm essa coisa, tipo, eu nunca fico devendo uma conta, não sou do tipo que gasta compulsivamente, mais do que pode, foi uma coisa que meus pais ensinaram. Minha mãe nunca ficou devendo pra ninguém, nunca atrasou uma conta na vida dela, ela é uma pessoa bem certinha nesse sentido. Ela é certinha. Então eu gosto disso e também adotei, daqui de casa. Quando eu era mais nova até tinha mais dinheiro, assim, agora meus pais são aposentados. Eu até tinha mais dinheiro, podia até gastar mais, mas minha mãe sempre deu essa linha, assim, pra gente de não gastar... de não ir pelas pessoas, comprar alguma coisa só porque é de marca, pagar a marca, entendeu? Ela sempre foi mais pelo produto, pelo que acha que é bom, entendeu? Daí isso, daí eu gosto, daí eu também adotei isso daí.”

A necessidade de ser diferente também se manifesta nos relacionamentos amorosos. Ao mencionar sobre seus relacionamentos e preferências amorosas, D. disse: *‘eu gosto de pessoas diferentes, bonitas, mas bonitas de um outro jeito. Uma beleza diferente, sabe? Exótica. Uma coisa que não é comum, assim. Tipo, até as outras pessoas podem achar bonito, assim, mas tipo, não faz meu tipo.’* Identificamos que a jovem se percebe diferente das amigas no que se refere às preferências físicas e à frequência dos relacionamentos amorosos.

“Então eu sou assim, diferente das minhas amigas da escola, a M., a C., a M., (...) a M. ela gosta de ter namorado, assim, ela nunca fica sozinha, sempre namora tal. Agora a C. fica por um bom tempo com uma pessoa, (...) e eu não. É difícil elas me verem com alguém, assim. ‘Tipo, ai, só te vi uma vez assim, sabe?’ Mas eu não quero me prender, elas pensam diferente de ver essa parte de relação, têm um jeito diferente de ver. Eu não me prendo assim. Sou muito independente, daí não me prendo, assim.”

Esse desinteresse nas relações amorosas está fortemente relacionado ao fato de que D. deseja ser independente⁴⁵. Acreditamos também que outro fator determinante é que a jovem, ao longo da sua infância e adolescência, percebia-se como feia e pouco interessante. *“Eu era muito feinha, ninguém ligava muito pra mim, assim, isso era muito triste, aquela coisa, assim,*

⁴⁵ Sobre o sentido de independência para D. consultar o núcleo 1 Eu sou assim...: *“Eu sou aquela menina que, assim, que assiste Big Brother, mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assisto também Café Filosófico.”*

eu era pequenininha, feia, era muito 'largadinha'. (...) Eu fiquei feia, daí, tipo, não tinha muitos admiradores. (...) Eu era muito esquisitinha."

Além da percepção de que fosse feia, D. achava-se "esquisitinha". Essa expressão refere-se a um determinado estilo pessoal que é diferente (estranho) ao da maioria das outras pessoas. Na infância isso gerou certo desconforto, contudo, hoje isso é significado de forma diversa.

"Agora eu gosto de ser a esquisitinha, eu gosto de ser esquisita, que agora 'tá' na moda, também 'tá' na moda ser alternativa, 'tá' na moda, não também que eu me preocupe muito com moda, com essa coisa de moda, porque eu sempre fui assim, mas é que agora 'tá' na moda ser esquisito. As pessoas se forçam a ser esquisitas, pelo menos agora que eu 'tô' conhecendo assim, às vezes, essa coisa de ser diferente, a pessoa se força a ser aquilo pra que vejam ela assim. Olha que bom, eu não preciso forçar pra que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que 'tô' na moda."

Levantamos a hipótese de que a necessidade de ser diferente esteja fundamentada na necessidade de diferenciar-se de seus pais, à necessidade de independência e ao sentimento de inadequação vivenciado por D. Visando satisfazer essas necessidades, D. começa a buscar identificação com grupos de pares; depara-se, então, com pessoas chamadas, no cotidiano, de "alternativas". Normalmente, os "alternativos" não compartilham dos mesmos gostos e valores que a maioria das pessoas. São pessoas que buscam um outro caminho, diferente do trilhado pela maioria. Dessa forma, são considerados alternativos os que ouvem músicas diferentes das veiculadas nos meios de comunicação de massa, usam roupas e acessórios peculiares, cortes de cabelo não tradicionais etc., distinguindo-se da maior parte das outras pessoas.

"A gente [D. e o amigo L.] é muito precoce, assim, desde pequeno, assim, a gente ouvia coisas que as outras crianças não ouviam, assim, a gente assistia filme, tipo a gente assistia Laranja Mecânica, enquanto as outras assistiam filmes da Disney ainda, entendeu? Daí desde aí, a gente já teve uma coisa muito precoce, nossos amigos também. (...) Daí as amizades mais próximas que eu tenho são esses meus amigos da arte, da dança, tal, que eles têm uma cabeça bem diferente. (...) Eu me identifiquei bastante {com essa turma}, que [ouve] música diferente, que eu gosto bastante, assim, de música boa."

Hoje, falarmos de pessoas ou tribos alternativas como pessoas que desviam de um padrão considerado normal, é muito complicado, visto que “‘tá’ na moda ser alternativa”. Sendo assim, ser alternativo e diferente também prevê padrões a serem seguidos. Implica em utilizar símbolos, como *piercing*, tatuagem, roupas coloridas ou totalmente pretas, de grife ou customizadas com acessórios ecologicamente corretos, cabelos com franja ou arrepiados etc. Diante de tanto padrão, questionamos, onde está a diferença? Somos constantemente bombardeados por apelos para um consumo exagerado e massificado, que produz e atende a determinadas necessidades. Atende, ou pretensamente visa atender, concomitantemente, às necessidades de identificação com os pares e de diferenciação pessoal. Dessa forma, transmite-se que, com o uso de determinados símbolos, é possível garantir a singularidade, numa multidão de iguais. Nesse sentido, percebemos que D. não escapa dessas determinações constitutivas da totalidade concreta em que está inserida.

“Ah, eu coloquei um piercing na nuca, ‘tá’? (...) Eu sempre quis colocar, só não coloquei [antes] porque uma amiga minha tinha. Daí, outro dia eu ‘tava’ pensando assim: ‘Ai, ela tem, mas... o meu é mais diferente, assim’. Eu queria tanto colocar que daí eu fui lá e coloquei. Eu tenho um outro piercing também no mamilo. Eu gosto só de piercing em lugar alternativo, sei lá, não sei por quê. Realmente eu não gosto dessa coisa de todo mundo ‘tá’ com piercing no nariz, sabe? Daí eu não quero ter um piercing no nariz, entendeu? ‘Tá’ com um piercing no umbigo, eu não quero ter um piercing no umbigo, quero ter um piercing na nuca. Foi essa coisa de moda. Então não sou ligada na moda. Foi o que eu falei, eu ‘tô’ na moda porque agora o meu jeito é moda. (...) Eu quero tatuagem, é que tatuagem eu penso desde os meus 14 anos, que eu vou fazer agora, entendeu? Tem que ser uma coisa importante, eu acho ridículo as pessoas tatuarem - talvez pra elas não seja, né?- umas coisas muito bobinhas assim no corpo, você faz um tribal ou uma estrela porque ‘tá’ na moda, daí eu acho complicado mesmo. Quando é uma coisa que você ‘tá’ faz tempo assim, pensando, você sabe que você vai gostar, então daí não tem problema. (...) Eu quero uma coisa bem colorida pra destacar, entendeu? E por ser diferente também, porque é difícil você ver uma mulher com um dragão nas costas e ser colorido, assim. Sentir essa coisa de querer ser diferente assim, não tem gente assim, entendeu? Não têm meninas assim. Eu tenho essa necessidade de não ser igual a todo mundo.”

O *piercing* e a tatuagem personificam a necessidade de D. ser diferente entre iguais, ou seja, de ser identificada como integrante de um grupo que atribui valor estético positivo ao uso do *piercing* e demais marcas corporais, como a tatuagem, por exemplo, bastante comum no universo juvenil; ao mesmo tempo, o uso desse símbolo a diferencia no próprio meio, já

que personaliza e, assim, singulariza essa marca, ao inscrevê-la em locais menos usuais, como mamilos e nuca.

A tatuagem se estabelece como uma linguagem que expressa o sujeito, sobre isso Sabino e Luz (2006) afirmam que:

“A ‘gramática’ epidérmica (...) [que] expressa a vontade de distinção. Tatuando-se, buscam singularizar suas figuras, sempre lhes conferindo uma característica diferencial, um detalhe específico; alguns até mesmo “inventam” seus desenhos ou “carregam” no estilo do mesmo (...) Toda essa atitude é engendrada na busca de uma individualidade relacionada à concepção de livre arbítrio e da distinção daquele que faz suas escolhas, pelas quais se vê como plenamente responsável.” (não paginado)⁴⁶

Vale destacar que o uso do *piercing* e da tatuagem não é bem visto pelo pai de D., o que reforça mais a sua vontade de usá-los, visto que transforma-se num símbolo da diferenciação paterna.

A tatuagem já simbolizou marginalidade no século XIX e no início do século XX, pois era usada predominantemente pelas minorias sociais, como presidiários e prostitutas. Na década de 60 e 70, representou o ideal de rebeldia de roqueiros, motoqueiros, *hippies*, *punks*, *skins*, demarcando uma posição deliberadamente contrária à sociedade de sua época. Atualmente parece ser mais uma das opções estéticas procuradas pela juventude. (Pérez, 2006)

“O novo sujeito da tatuagem parece não ter um rosto definido. É múltiplo, diverso, não tem fronteiras de sexo, percorre as diferentes gerações, transita por todas as classes sociais, pertence a distintos níveis educativos, faz diversas atividades, enfim, não possui, como antigamente, um perfil social determinado. Ainda que perdure simbolicamente o sentido de gueto que identificava a tatuagem com os setores marginais, rebeldes ou de classe baixa, já se quebraram na prática esses limites sociais, especialmente desde o seu ingresso no mundo do mercado, quando se tornou uma das opções estético-corporais acessíveis aos distintos públicos.” (Pérez, 2006, não paginado)⁴⁷

Apesar do uso da tatuagem atingir todos os tipos de pessoas, ela é lembrada como um símbolo da juventude. Pérez (2006) observa que a procura por tatuadores concentra-se na

⁴⁶ O formato disponível *on line* não é paginado.

⁴⁷ O formato disponível *on line* não é paginado.

faixa etária entre 20 e 30 anos, com probabilidade de crescimento nas faixas etárias mais avançadas e de decréscimo naquela onde se situam os menores de idade. Pérez (2006) aponta para o aumento do interesse por tatuagens em faixas etárias maiores de 30 anos; acreditamos que isso se deva ao culto à juventude, à necessidade presente em nossos tempos de permanecer jovem, tanto na aparência, quanto nos ideais. Em sua pesquisa, a autora aponta que atualmente a procura por tatuagem, de acordo com gêneros, é equilibrada, apresentando uma leve tendência de aumento para a procura feminina. Na pesquisa, Pérez apresenta dados sobre a escolha da localização e do desenho das tatuagens, que vão ao encontro de outras, como a de Sabino e Luz (2006). Essas escolhas estão orientadas fundamentalmente pelos padrões sexuais. Sendo assim, as mulheres geralmente preferem a parte baixa das costas, seguida pelo pescoço, a canela, o quadril e a barriga e, em proporções menores, os braços, o peito e o tornozelo. Esses locais são considerados áreas de conotação erótica feminina, escolhidos com fins de atração sexual. Os homens tatuam mais os braços, seguidos pelas costas e a canela e, em quantidade menor, o peito, o antebraço e o pescoço. Na maioria das vezes os desenhos nos corpos femininos denotam fragilidade e delicadeza (corações, flores, borboletas, golfinhos, anjos etc.), enquanto que os nos corpos masculinos transmitem a ideia de força e virilidade (índios, animais selvagens e/ou mitológicos, caveiras, crânios). (Pérez, 2006)

Considerando isso, podemos dizer que realmente D. diferencia-se desejando tatuar um dragão nas costas, visto que é uma figura tipicamente masculina, inclusive o lugar escolhido parece pouco usual no público feminino. A escolha das costas e pescoço, contudo, tem um outro sentido para D. que não de denotar sensualidade, mas a possibilidade de controlar a exposição da tatuagem. Sobre isso a jovem mencionou:

“Quero tatuagem (...) que é a frase de uma música, não, o título de uma música ‘I like a Rolling Stones’ (...) uma tatuagem pequena pra não chocar [meu pai]. Eu vou fazer num lugar escondido, não vou fazer no braço, vou fazer aqui na costa que eu só vou mostrar, tipo, quando eu quiser, pra ele [pai] ir se preparando já, eu estou tendo essa conversa antes. É claro que eu quero fazer um dragão nas minhas costas, quero, mas não agora, eu vou fazer depois, quando eu não ‘tiver’ aqui em casa. Então daí eu já preparei meu pai quando eu começar a trabalhar de novo.”

A escolha do pescoço se relaciona à não aceitação da tatuagem pelo pai. Por isso, D. pretende fazer a pequena inscrição *“I like a Rolling Stones”* no pescoço ou nas costas para que seu pai não se choque e adiará a tatuagem de dragão, que será maior, para quando não

estiver dependendo financeiramente dele e, portanto, segundo ela, estará morando sozinha. Percebemos que o sentido da escolha desses locais reside mais no fato de respeitar os princípios do pai, do que na vontade de demonstrar sensualidade, como na significação geral. Além disso, relaciona-se à dúvida da tatuagem ser ou não amplamente aceita em nossa sociedade:

“Não sei se é assim, eu acho que não, mas que aquela coisa, que aí você tem tatuagem e vão fazer uma seletiva quando você ‘tiver’ arrumando emprego e você não vai ser aceita porque você tem uma tatuagem, não pela sua capacidade. Você pode ser até capaz, mas tendo a tatuagem eles vão te rejeitar. Eu acho que agora não é mais assim. Não sei.”

Esse comportamento de controlar a exposição das tatuagens, segundo Pérez (2006), é bastante comum. A autora declara que as pessoas que pretendem se tatuar, seguem medidas de segurança para evitarem os possíveis choques sociais. Dessa forma, preferem não tatuar partes mais visíveis, como o rosto e as mãos, visto que o resto do corpo pode ser ocultado, quando necessário, com o uso de roupas.

“Essa tendência cria outro tipo de “normalidade” estética, outra forma de assumir o corpo, sem que os sujeitos pretendam com isso ser excluídos ou marcados como marginais. É simplesmente a vontade de serem diferentes em um marco social estabelecido, sem quererem transgredir ou romper com a sociedade. Por isso, ainda que se comprometam com tal opção corporal, eles continuam mantendo o jogo de esconder-se ou de mostrar-se, segundo as circunstâncias.”
(Pérez , 2006, não paginado)

D. disse que tatuará o título da música de Bob Dylan: *“I like a Rolling Stones”*

“O título de uma música ‘like a Rolling Stones’, do Bob Dylan que tem uma filosofia legal, uma música legal que ainda gosto, entendeu? Passaram 4 anos, mas eu gosto ainda daquilo, entendeu? E eu quero tatuar isso no meu corpo. (...) Tipo, Like a Rolling Stones, gosto como as pedras rolam, o que seria? Gosto como as coisas acontecem, o movimento que a vida faz, tipo, essa coisa de mudança também, entendeu? A música fala de uma mulher, que ele fala: ‘Lembra quando ela era rica ou quando você fazia aquilo pra mim, então like a rolling stones, as coisas aconteceram, as pedras rolaram e olha onde você está agora?’ (...) Então, ‘olha onde você ‘tá’ agora, você viu uma coisa que... pensa bem o que você vai fazer agora, porque daqui a algum tempo, essas atitudes suas, você pode estar por baixo’ (...) Daí a

música fala isso, daí é uma coisa que eu acho que tem a ver comigo, assim. Bastante. Daí eu quero tatuar (...) a frase nem seria tão bonito, não tem uma beleza esteticamente (...) eu quero ainda uma coisa mais simples, tipo uma coisa bem simples, uma letra normal em preto mesmo, mas por causa do significado, até se uma pessoa venha perguntar pra mim, assim, aquilo é legal.”

Enquanto a tatuagem de dragão é justificada pela sua estética colorida e pela pouca frequência no gênero feminino, a do título da música de Bob Dylan, justifica-se pela filosofia implícita no seu conteúdo. Pérez (2006) afirma que a escolha do desenho a ser tatuado “*não é um problema que se reduza à escolha de uma determinada imagem, mas é de fato a busca de “algo” com o qual a pessoa se identifique e, nessa medida, adquira o valor de ser inscrito e eternizado em seu corpo.*” (não paginado) Dessa forma, a tatuagem transforma-se na “*representação de uma “idéia” (sic), que é relevante não exatamente por seu conteúdo particular, mas pelo que ela é capaz de dizer do sujeito, do seu interior.*” (não paginado).

Considerando isso avaliamos que seja válido transcrever alguns trechos da música “*I like a Rolling Stones*” . Um fragmento da música diz: “*E ninguém jamais lhe ensinou como viver nas ruas e agora você descobre.*” Em seu refrão propaga: “*Como se sente? Como se sente? Por estar por sua conta. Sem nenhuma direção para casa. Como uma completa estranha? Como uma pedra que rola.*” Acreditamos que D. encontra na expressão dessa música a explicitação de como se sente em relação aos modelos familiares que gostaria de ter como referência para atuar no mundo (“*Eu queria ter alguém aqui em casa, tipo: ‘Eu quero ser assim!’ Ter uma referência aqui em casa, porque não tem em quem se espelhar aqui em casa.*”) Assim como expressa o movimento das pessoas que ora podem estar por “baixo”, ora por “cima” , aludindo ao fato de que as pessoas podem ser aceitas, por diversas razões, em determinados momentos, mas em outros isso pode se inverter e os que eram aceitos tornam-se excluídos. Acreditamos que isso possa revelar o que D. sente em relação ao histórico de seu relacionamento com as pessoas. Relatou-nos que não era bem aceita na infância, mas hoje têm muitos amigos, que, inclusive, compartilham de preferências artísticas “alternativas” e que consideram o que a maioria das pessoas gosta “ruim”, o que nos leva a uma aproximação do conteúdo da música, que prevê uma troca de lugares entre os aceitos e os excluídos ao longo da vida.

Ser diferente para D. tornou-se sinônimo de uma pessoa “bacana”, “legal”, cujo estilo pessoal, preferências (“*eu gosto de música boa*”) e valores orientadores são considerados melhores que os das outras pessoas.

“Coisas que as pessoas se chocam por bobagem, eu acho coisa boba sabe, e não me choca. É difícil me chocar, sabe? A não ser que seja uma coisa muito forte, assim, mas é, é tudo por coisa diferente, assim, do meu pai, assim, do meu pai e da minha mãe, o modo de pensar, tipo, dessa minha cabeça aberta, sabe? Por isso, tudo que não me choca, porque eu criei alguma coisa, porque o meu conceito, porque aquilo não me assusta. Se eu ando à noite pela rua, vejo aqueles travestis ou aquelas coisas não me chocam, eu tenho isso na minha cabeça, eu criei uma coisa de que aquilo é comum, tipo, eu tenho na minha cabeça, sabe? Eu sei o porquê eles fazem isso, tipo, eu não vou ficar falando pra eu julgar, igual à maioria das pessoas fazem, sabe?”

A adolescente relatou que também se diferencia dos demais pelo fato de não ter muitas atitudes impulsivas. *“Eu tenho menos atitudes impulsivas que a maioria dos jovens.”* A impulsividade está relacionada à intensificação da condição presente, em detrimento das consequências no futuro⁴⁸.

D. se vê com preferências diferenciadas, inclusive, em situações de adesão massiva. Ao falar como começou a gostar de ouvir a banda Rebeldes mencionou: *“É que no início, assim, não tinha muita gente, mas eu comecei desde o início.”*⁴⁹

Outra necessidade de D., que está relacionada à de ser diferente, é a de ser “marcante”.

“Tipo, eu lembro que fez uma roda, eu era o centro da roda. Eu tinha muitas coisas pra falar, com pessoas que eu nem conhecia (...) É estranho, faz quanto? Um ano, fez um ano que eu não vejo essas pessoas, porque eu não vi, gostei, até conversei com algumas no MSN, mas é aquilo, MSN, às vezes não tem mais, não acha mais coisa pra falar. Aí tem mais 2 pessoas que eu conversei ainda, mas quando eu encontro, assim, tipo têm amigos iguais que se veem com frequência, falam: ‘Ah, eles falam de mim’, tipo, é engraçado. Um amigo comentou que nessa festa de Reveillon deste ano eles juntaram a mesma galera só que eu não tinha contato assim, aí eles ficaram falando de mim, assim, até eu me senti especial, ‘tipo, aí, legal eu sou marcante.’”

Acreditamos que essa necessidade de ser marcante se estabeleceu imbricada com a de ser diferente. “Ser marcante”, parece qualificar a diferença de que fala D. Dessa forma, não basta ser apenas diferente, é preciso ser valorada positivamente pelas pessoas.

Nesse núcleo buscamos compreender o sentido da diferença constituído por D. Assim, identificamos que a diferença é uma marca que permeia a singularidade da adolescente. Ser diferente representa a diferenciação das pessoas, de um modo geral, mas principalmente de seu pai, assim como significa constituir-se como “alternativa”. O uso do *piercing* e,

⁴⁸ Realizamos de modo mais aprofundado o sentido atribuído por D ao futuro no núcleo 2 desta análise.

⁴⁹ Realizamos de modo mais aprofundado o sentido atribuído por D à banda Rebeldes no núcleo 2 desta análise.

especialmente, da tatuagem inserem-se nesse processo como símbolos dessa diferenciação. No entanto, não basta ser diferente, é preciso que essa diferença seja considerada de forma positivamente marcante.

Núcleo 4

Determinantes das escolhas: *“É eu pego um pouco de tudo (...) É mais os valores que eu tenho até hoje é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da pessoa com que eu convivi.”*

Nesse núcleo visamos apreender a gênese das determinações que constituem as escolhas de D. Dessa forma, identificamos que a jovem reconhece que sofre diversas “influências” ao empreender-se num processo de escolha. Vale destacar que ao longo das discussões em grupo, D. afirmou que estava isenta de “influências” e sempre que se decidia por algo estava fundamentada em si mesma (“*numa coisa minha antes*”). No entanto, essa visão sofre alterações ao longo das discussões. Acreditamos que, apesar dessa fala estar no contexto de uma situação hipotética⁵⁰, ela realmente expresse o pensamento de D., pois sobre as discussões em grupo relatou:

“Sou uma pessoa, assim, que, tipo, acho que deu pra você perceber, que discute bastante, que gosta de impor as ideias, até lá no grupo, não sei se, tipo, quando você fez aquela coisa de colocar a ideia de debater, é que realmente eu quero expor a minha ideia, eu acabo achando argumentos até pra mim, que me convencem de tão convincentes que são os argumentos, que me convencem, às vezes, de início eu até tenho dúvidas mesmo do que eu acho, daí eu começo a achar argumentos que realmente confirmam que é aquilo mesmo e acabam me convencendo e aí eu acho que eu convenço as pessoas também.”

Esse movimento de querer “impor as ideias” realmente ocorreu. Sendo assim, com exceção da proposta sobre a questão: Inato x Aprendido, em todas as outras D. afirmou que, ao defendê-las, realmente expressava o que pensava, por isso, mesmo quando questionada, ao fim de cada situação hipotética, se gostaria de modificar seu posicionamento, respondia negativamente. Acreditamos que D. mantinha a posição defendida no debate, porque ao tentar

⁵⁰ Sobre os procedimentos da dinâmica, consultar anexo II.

satisfazer sua necessidade de “impor ideias”, procurava diversos argumentos a fim de convencer as demais pessoas da validade de seus posicionamentos, o que por sua vez, desencadeava nela própria a produção de novos significados acerca deles (“*é que realmente eu quero expor a minha ideia, eu acabo achando argumentos até pra mim, que me convencem de tão convincentes que são os argumentos que me convencem, às vezes, de início eu até tenho dúvidas mesmo do que eu acho, daí eu começo a achar argumentos que realmente confirmam que é aquilo mesmo e acabam me convencendo e aí eu acho que eu convenço as pessoas também.*”). Analisamos que esse movimento de reafirmação do seu posicionamento demonstra como o contato com o outro, o debate de ideias em grupo possibilita a reflexão. Avaliamos que esse processo de negociação de significados também favoreceu, em alguns momentos, a produção de novos significados. Ao final da discussão sobre a temática inato x aprendido, D. relatou: “*eu acho que, assim, é uma coisa mista (...) acho que tem os dois mesmo [a tendência e a influência]*” Acreditamos que essa “rendição” aos argumentos de outros integrantes do grupo, revele realmente uma modificação de posicionamento acerca dessa questão, visto que a necessidade de validação de outros argumentos, que não os seus, superou sua necessidade de “impor as suas ideias”.

Ao considerar que sofre diversas “influências” nos processos decisórios, D. percebe que estas não incidem diretamente na sua decisão, visto que são transformadas por um movimento próprio, que resulta na criação de “um valor e de uma visão própria”. “*É mais valores que eu tenho até hoje, é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da pessoa com que eu convivi.*” Como dissemos anteriormente, entendemos que a ética e a produção de sentidos se entrecruzam. A ética é uma produção de sentidos, à medida que na reflexão ética, ao justificarem-se as escolhas é possível tomar consciência de seus determinantes, de identificar elementos que estão no social, como a religião, a mídia, a família, os grupos de pares etc., num processo que, sem deixar de ser social, é subjetivo, único e individual. Esses determinantes sociais não são interiorizados como meros reflexos especulares, pois sofreram configurações subjetivas, orientadas pela história de vida particular do sujeito e dos afetos envolvidos.

Esse processo de criação e produção de visões e valores, o qual podemos denominar de produção ética é visto por D. como algo em permanente transformação.

“É, eu pego um pouco de tudo, valores que eu vou construir, os meus valores a partir da forma que eu for crescendo, assim, ainda vou criar muitos, muitas coisas. É mais os que eu tenho até hoje, é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da

pessoa com que eu convivi com... até chegar a idade que eu 'tô'. Ainda vou conviver com outras pessoas, vou criar outros valores, outras coisas que vão me interessar, mas é isso, conforme eu vou vivendo eu vou criando os meus valores.”

Considerar a possibilidade de transformação do sistema de valores implica num processo de constante reflexão sobre si e sobre o mundo em que se está inserido. Significa não cristalizar formas estereotipadas, nem se pautar apenas na tradição ou no usual, pressupõe, portanto, uma avaliação das condições sócio-históricas de seu tempo e um questionamento da pertinência e adequação do sistema valorativo utilizado para orientar as ações. Nesse sentido, percebemos que D. demonstra consciência da necessidade de reflexão na adoção de valores. Esse processo permite que ocorra uma criação de uma “nova visão” sobre o mundo.

“Travestis ou aquelas coisas não me chocam, eu tenho isso na minha cabeça, eu criei uma coisa de que aquilo é comum, tipo, eu tenho na minha cabeça, sabe? Eu sei o porquê eles fazem isso, tipo, eu não vou ficar falando pra eu julgar, igual à maioria das pessoas fazem, sabe? É que é assim, cada um vive a sua vida. (...) as coisas não me assustam mais, eu tenho aquilo na minha cabeça, eu crio aquilo, tipo, aí é uma coisa boba, aí eu procuro ver o motivo, ver, ter uma outra visão.”

A jovem relatou que usa uma “peneira” para filtrar as coisas que ouve e vê, entende que esse filtro seja *“aquilo que me faz crescer, que me faz me sentir bem, é isso, o que me toca, assim. Todo o restante, o que não tem a ver comigo, o que não encaixou no meu modo de pensar, aquilo eu não vou querer pra mim.”* Percebemos que esse filtro é formado pela emoção (*“que me faz me sentir bem, é isso, o que me toca”*) e pela razão (*o que não encaixou no meu modo de pensar*). A emoção parece ter papel preponderante nesse processo, configurando-se como figura, enquanto que a razão parece ser o fundo. *“Ah, eu sou impulsionada por uma vontade, assim, é, eu me oriento a partir das coisas que eu gosto, eu vejo que aquilo me interessa (...) eu vejo que tem a ver comigo, daí eu vou e me oriento a partir daquilo que me faz bem, que eu gosto e que eu acho legal.”* Reforçamos essa hipótese da preponderância do uso da emoção, retomando o posicionamento de D. no grupo de discussão. Num dos encontros, D. relatou que a escolha da filiação aos grupos de amigos se dava pelo sentimento de bem-estar proporcionado pela relação com seus membros. *“Cada grupo, assim, que eu passei... Ali eles gostam muito de cinema, e aquilo me agradou, daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características, assim, de cada grupo que me agradam que vai [me mobilizando].”* Percebemos, portanto, que o prazer é o

norteador dessa ação, o que pode constituir-se como favorecedor da instalação de uma alienação moral, pois se o norteador é apenas o prazer, o indivíduo pode assimilar valores antagônicos sem que isso lhe cause desconforto. Contudo, percebemos que D. não se orienta apenas pelo prazer, mas o pensamento é, também, norteador das suas ações. Acreditamos que na escolha de determinados grupos o prazer seja figura, no entanto, não deixa de utilizar a reflexão para efetivar a sua adesão.

“Eu converso com todo mundo, a pessoa pode ser um assaltante, um criminoso, eu converso. Mas, eu não vou andar junto com elas (...) Eu sei que vou ‘tá’ me prejudicando tal. (...) Eu vejo as alternativas, sabe? Eu fico criando futuros, assim, sabe? O que vai acontecer se eu fizer isso? O que vai acontecer se eu fizer aquilo? Daí eu escolho. (...) Eu sou reflexiva, apesar de ter o gosto eu pensei antes. Eu sempre penso se aquilo me agrada ou não. Tem toda uma linha na minha cabeça. Eu penso em tudo aquilo, até chegar aquele... o ponto mesmo que eu vejo que não é bom pra mim, que não vai me agradar, que aquilo eu não gosto. Já passou pela minha cabeça e eu já refleti tudo.”

Ao descrever como escolhe seus parceiros amorosos, D. diz orientar-se, somente pela emoção. Essa emoção parece ser tão involuntária, que se aproxima a um comportamento instintivo.

“É que, tipo assim, ‘tô’ numa balada, ‘tô’ num lugar, numa festa, você vira, assim, e olha as pessoas que estão ao seu redor, daí sempre vai ter alguém que, tipo, você ‘tá’ olhando e você volta. É aquela coisa do cérebro também, a partir do momento que você olha, bate o olho você define quem vai ser seu amigo, quem... Você define ali quem te conquistou e as pessoas que não, até à primeira vista. Ou você ‘tá’ conversando e pode mudar tal, mas ali você já sabe tudo, o cérebro já manda isso pra você, já seleciona, já faz um, faz um processo tão rápido, assim, sabe? Que não dá nem pra pensar, sabe? Já manda e você, você já escolhe.”

Analisamos que essa capacidade de escolher utilizando apenas o olhar, indica a existência da crença de que o homem carregue em si algumas pré-determinações inalteráveis, das quais não se pode escapar, tratando-se, portanto, da crença de um homem naturalizado. Reforça nossa hipótese a resposta de D. ao ser questionada se essa escolha “à primeira vista”, poderia ser diferente, dependendo do momento em que é realizada: *“Das pessoas que eu escolhi? Não, aquilo é fixo.”*

Na escolha do seu atual emprego, o pensamento também parece ter ficado em segundo plano.

“Eu já tinha pensado antes que ‘tava’ precisando trabalhar naquele momento. Então ele veio com o emprego e eu falei: ‘tá’. Eu já ‘tava’ pensando antes que... Que uma coisa, tipo assim, eu sai de um emprego, tipo, eu sei que não tenho nada ainda pra fazer, estudar tal, mas por enquanto não tenho nada pra fazer, então quero arrumar outro emprego, que é uma coisa básica, ter um emprego, ganhar dinheiro pra sobreviver. É uma coisa básica que tinha que acontecer, daí ele [dentista] veio com essa proposta e eu falei: ‘tá’. Não precisou pensar.”

A adolescente relatou que ao visitar o dentista para a realização da manutenção de seu aparelho ortodôntico, recebeu a proposta do atual emprego. Acreditamos que a decisão de arrumar um emprego foi bastante refletida por D., principalmente, porque isso atende a uma necessidade de independência, contudo o mesmo não ocorreu na escolha específica de trabalhar com seu dentista. Avaliamos que a necessidade de tornar-se independente é de tal forma premente que a função a ser exercida torna-se irrelevante.

Ao questionarmos sobre os determinantes das suas escolhas, D. relatou: *“É eu pego um pouco de tudo. (...) É mais de amigos, assim, não tenho muitos [valores] aqui de casa.”* A jovem disse que os valores transmitidos pela educação familiar foram os “básicos”, que todas as pessoas devem seguir.

“Aquele base, aquele, aquele valor tradicional que todo mundo tem que ter, de saber o que é certo e errado, que não pode matar, não pode roubar, sabe esses valores tradicionais que todo mundo tem? Que tem que ter, entendeu? Isso veio da minha família. Que eu não posso gastar mais do que eu ganho, que eu não posso dever que é feio, essas coisas. Minha família tem bastante isso, esses valores vieram da minha família, essa base essa coisa tradicional que eu acho que toda família tem que ter.”

Atribui como aprendido na família a valorização das qualidades dos produtos consumidos, como roupas, calçados e alimentos, não se detendo às marcas. Acredita que consumir a marca e não o produto seja uma futilidade, valor do qual não compartilha.

“Tipo, se aquilo não ‘tá’ compensando, se eu ‘tô’ comprando muito a marca, eu não vou, eu não vou comprar, porque é visível, nem a roupa importa, sabe? Pode ser até bonita, não vai interessar, entendeu? Eu vou comprar a marca, um preço absurdo pela marca? (...) Eu tenho a básica noção do que é futilidade, assim, do que é fútil. Eu não gosto de futilidade (...) No caso do Mac é aquilo, ‘tá’ muito caro, até antes quando era R\$ 10 eu nunca gostei, na verdade nunca achei que valia a pena o preço que sempre tinha pagado pelo Mac, mas ainda ‘tava’

pagável, mas agora que aumentou, sabe? (...) Pagar marca se não gosto, minha mãe também ensinou isso também, isso eu também trouxe de casa, é verdade.”

Os valores apreendidos no seio familiar, segundo D., orientam apenas determinados posicionamentos.

“Mas é isso o que eu herdei da minha família, foram os valores mínimos assim, sabe? Uma coisa tradicional que não tem nada que eu necessite assim, né? (...) Não é que então [eu não necessite], tipo, de não usar drogas, sabe, ajuda, claro! Não vai ajudar nas escolhas dos meus amigos.”

D. demonstra um movimento de reflexão quanto à validade desses valores familiares. *“A partir do momento que eu vejo que não vai me fazer mal, mesmo minha mãe ter falado, meu pai ter me falado eu vou por mim, daí nesse sentido não vou me influenciar.”*

A orientação para o estabelecimento de amizades deve-se, principalmente, à convivência extrafamiliar.

“Mas eu sou muito diferente [dos meus pais] no restante dos valores que pra mim também são importantes, como não matar, como não roubar, como na questão do preconceito essas coisas que meu pai é muito, é uma pessoa muito preconceituosa com meus amigos, se a pessoa é negra, se a pessoa é gay, é de qualquer jeito. É uma maneira preconceituosa, ele (...) tem uma cabeça muito antiga, arcaica, muito velha e esses valores não vêm dele, então isso veio a partir do meu convívio com outras pessoas.”

Interessante destacar que ao mencionar a determinação dos amigos no estabelecimento do sistema valorativo, D. percebe que o ‘outro’ é importante, mas que seus valores e posicionamentos não são assimilados prontamente; antes, esse “outro” é tido como um elemento que provoca sua reflexão, fazendo com que signifique a situação problema ou o valor norteador de forma singular. *“Eu penso sim, tipo, no que aconteceu com as outras pessoas, mas não é o que me influencia mais não. As coisas vão surgindo, assim, na minha cabeça, sabe?”* Ao analisarmos essa percepção de que “as coisas vão surgindo na sua cabeça”, levantamos a hipótese de que apesar de considerar que sofre determinações, D. carrega consigo um sentido contraditório de que existe algo que pré-determina as suas escolhas. Acreditamos que esse sentido contraditório se deva aos resquícios da crença da existência de uma “*coisa minha antes*”, que apesar de em muitos momentos parecer superada,

está presente na sua subjetividade. Essa coexistência de sentidos diversos sobre a mesma questão demonstra quão contraditórios os sentidos podem ser. Sabemos que não se trata de uma produção espontânea de soluções, pois as “coisas” não surgem simplesmente. Esse processo relatado por D. exemplifica o processo de subjetivação do real, em que elegemos partes da realidade e as subjetivamos de acordo com um código interno, que é a nossa dimensão subjetiva, possibilitando a criação de algo singularmente nosso.

Sobre o processo de como toma decisões, D. proferiu:

“Eu gosto de conversar com o meu amigo S. Tipo, eu converso, ele fala umas coisas, mas sou eu que acabo criando tudo pra solucionar o que eu ‘tô’ vivendo. Mas é aquilo, aquela coisa de desabafar e falar, mas é mais por isso, porque a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você ‘tá’ falando. Eu, pelo menos, penso no que eu ‘tô’ falando, vai pensando e daí você mesmo vai criando soluções. Até, tipo, ‘tô’ lá debatendo com a turma da escola, conforme eu vou falando eu vou pensando e vou criando soluções.”

Acreditamos que o “outro” é fundamental para o estabelecimento da reflexão e para o estabelecimento de um posicionamento próprio, visto que é por meio do diálogo, no embate com o outro, que ocorre a negociação dos significados atribuídos às crenças e aos posicionamentos. Nesse processo, em que a linguagem é determinante, temos a possibilidade de elaborar e explicitar nossas opiniões, valores e posicionamentos, não somente para torná-los inteligíveis para o outro, mas, principalmente, para nós mesmos. Dessa forma, *“os signos, entendidos como instrumentos convencionais de natureza social, são os meios de contato do indivíduo com o mundo exterior e também consigo mesmo e com sua própria consciência.”* (Aguiar, 2007 a, p.100)

Retomando o exposto anteriormente, pensamento e linguagem são processos com origens distintas, entretanto, estabelecem entre si uma relação de mediação íntima e indissociável, de modo que é impossível um desvencilhar-se do outro, já que não há pensamento sem linguagem, da mesma forma, que não é possível usar palavras com significado sem pensar sobre elas. Esse pressuposto pode ser exemplificado com a seguinte fala de D.: *“a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você ‘tá’ falando. Eu, pelo menos, penso no que eu ‘tô’ falando, vai pensando e daí você mesmo vai criando soluções.”*

Ainda, sobre as determinações dos amigos em suas decisões, identificamos que a observação das escolhas profissionais dos amigos foi muito importante para a escolha profissional de D.

“Eu ficava muito preocupada em, tipo, ganhar bem é... Seria difícil entrar no mercado porque, tipo, o que eu ‘tô’ escolhendo eu acho que é bastante concorrido, envolve jornalismo, comunicação áudio-visual, isso que é comunicação social. Daí eu fiquei um pouco com medo, assim, de, tipo, eu fazer 4 anos de faculdade e eu não conseguir fazer aquilo que eu gosto. E por outro lado eu vi meu amigo, assim, que ele vai começar fazer... Vai ser um arte-educador, vai fazer essa faculdade, aí e ele se lançou, assim, aí vai encarar, assim. E é pior que a minha, assim, sabe? Daí acho que foi uma coisa que ajudou, assim, a escolher. Observei, assim, e vi que... Também tem uma amiga minha que fez, que parou em fisioterapia no 4º ano pra fazer gestão ambiental. Eu vi que não adiantava, assim, fazer o que não gosta porque depois, assim, de um tempo fazendo faculdade você pira, não é aquilo que você gosta.”

D., nesse processo de escolha profissional, também procurou “testes vocacionais” e informações acerca da profissão pretendida.

“Então eu fui pesquisando, eu pesquisei lá, depois eu vi onde eu podia trabalhar e eu vi que tem como. Eu fui criando alternativas. O que eu posso fazer pra trabalhar nisso? Eu posso trabalhar naquilo. Daí eu fiz o teste e foi outra coincidência que deu tudo certo, porque o teste deu aquilo que eu gostava. Porque teste vocacional é aquilo. Você coloca tudo o que você gosta, você já sabe que você quer fazer aquilo, mas você coloca tudo aquilo, só pra você ter uma outra resposta de um psicólogo, de sei lá, da pessoa que faz aquele teste, porque aquilo vale mais do que você ‘tá’ pensando. Mas você já sabe o que você quer. Daí você vai responder sobre você, tipo, quando você ‘tá’ numa festa tal. Você sabe que aquilo já tem a ver com você, já tem a ver com o seu jeito de viver e ainda vai lá e faz teste vocacional, mas é pra isso, pra reafirmar, você quer uma segunda opinião, sei.”

A busca de uma “segunda opinião especializada”, revela como a concepção de que exista um profissional capaz de assegurar se uma escolha é “certa” ou “errada” está presente na significação social sobre a escolha profissional. A crença de que existam instrumentos capazes de assegurar as escolhas “*carrega a idéia (sic) de que o indivíduo tem uma essência que só um profissional pode descobrir.*” (Bock, 2001, p. 23). Na crença da existência de uma essência, está implícita uma concepção naturalizada do humano, pois considera que a existência de algo em seu interior determine suas escolhas. Diante disso, ao ser “descoberto”

esse componente essencial, a escolha torna-se fruto da correlação entre “aptidões pessoais” e perfis profissionais. “A escolha da profissão resume-se numa atividade de comparação. Busca-se a “fôrma” (perfil ocupacional) que melhor se ajusta ao perfil pessoal levantado.” (p. 23) A Psicologia tem contribuído com a produção dessa significação, à medida que se propõe, muitas vezes, a quantificar aptidões e interesses, prevendo probabilidades de adequação ou não do indivíduo em determinada função.

A religião também é uma das determinações das escolhas de D.

“Fui à igreja Presbiteriana [quando criança]. Não acho tão importante ‘tá’ lá. Aceito coisas de todas as religiões, já fui ao Candomblé, já conheci, até por causa dos meus amigos espíritas, já fui pra algumas igrejas, eu não tenho preconceito nenhum. Tipo, eu fui à Presbiteriana quando eu era pequena, né? Fui pra escola dominical, aprendi sobre a bíblia. Mas tem coisa ali que eu até questiono, porque eu tive outra visão. (...) Eu acho que tem coisa muito velha na bíblia (...) É, talvez, a bíblia ‘tá’ ali pra você ler, dar uma referência pra você criar o seu conceito da vida. Mas têm princípios básicos da bíblia, tipo, não matarás, não roubais, essas coisas bem éticas, assim, que é o mais importante que eu acho. Não julgarás o próximo. Trate as pessoas bem como fosse tratar a ti. São coisas que eu concordo e que, realmente, foi desde criança. E eu uso isso na minha vida.”

Os princípios bíblicos citados por D., confundem-se com os princípios familiares e, mais uma vez, identificamos o movimento de reflexão da jovem, questionando a hierarquização desses princípios adotada pela maioria das pessoas.

“Eu acho que as pessoas, isso que eu acho pior, as pessoas pegam parte da bíblia e colocam na frente daquilo que é mais importante, antes, entendeu? Às vezes Deus falou aquilo [condenação da homossexualidade], mas aquilo não tinha tanta importância como outras coisas, como ame o seu próximo, tipo, Deus também falou isso. Amai o seu próximo e não importa se ele é uma prostituta, gay, ou seja, de qualquer jeito. E as pessoas distorcem e colocam isso na frente de coisas que realmente valem a pena pra você ter pra você. (...) Mas que cada um tem que respeitar, tem que colocar esses princípios de respeito que a bíblia traz na frente daquela outra coisa que a bíblia fala.”

A religião está fortemente presente nas discussões realizadas no grupo. Ao longo das discussões D. questionava, principalmente, os princípios cristãos aprendidos com sua família, dizendo ser, em relação a isso, “totalmente diferente dos seus pais”. Integrando essas informações com as relatadas na história de vida, analisamos que D., na verdade, não repudia

os princípios religiosos aprendidos com sua família, mas ao entrar em contato com grupos cuja referência valorativa diferencia-se desses princípios, a jovem questiona a validade dos mesmos. Isso acarreta a eleição de alguns princípios e a rejeição de outros, como a condenação da homossexualidade e da prostituição.

Ao ser questionada sobre o papel da determinação escolar na orientação de suas escolhas, D. relatou:

“A escola, a escola, eu tive professores que me ajudaram, foram dois professores que mudaram, assim, a minha vida, meu jeito de pensar, um foi agora no terceiro ano, uma outra professora foi da 5ª até agora, sabe? Tipo, é aquilo, eles iam explicando a matéria, falando e comentando e mostrando a parte crítica das coisas, que realmente eu tinha que concordar, tinha muito a ver comigo. (...) Mas a escola mesmo, assim, sei lá, a escola com direção essas coisas, assim, não me ajudou em nada. Talvez eu penso assim que, tipo, ainda quando eu for fazer uma faculdade vá mudar mais, porque é uma coisa que me interessa, aí vai ter um assunto que vai me interessar, entendeu? (...) Algumas coisas que falavam na escola pra mim não fazia... não tem nada a ver, eu debatia ainda, eu nunca fui grosseira com professor, assim, eu nunca falei palavrão, essas coisas, mas é que tinha coisa que eles falavam que realmente não tinha nada a ver, e não ia mudar em nada a vida de ninguém. Eles criavam aquele conceito muito bobo, assim, sabe?(...) Na maioria das vezes a gente não é entendido, na maioria das vezes, assim, me acusaram. (...) Ai, tipo, tem aquilo, a diretora não entende os alunos, como eu expliquei do caso lá do meu amigo, lá, que apanhou e tal. Fazem o que é mais fácil, às vezes, e eu não gosto disso, a pessoa não quer lutar pra que aquilo que é melhor.”

Essa percepção de que a sua escola, de um modo geral, não contribuiu de forma efetiva para a constituição de seus valores, visto que não está preocupada com a educação, mas prefere resolver os conflitos da forma “mais fácil”, está pautada na realidade específica da comunidade escolar em que D. esteve inserida, assim como na significação que os jovens em geral tem da escola⁵¹. Mais uma vez, a significação de que a escola é apenas um meio para uma perspectiva de um futuro melhor, aparece no relato de D. Vale destacar que essa significação esteve muito presente nas discussões em grupo. Sobre isso D. relatou: *“É, tipo, ‘tô’ na escola porque precisa ir pra escola, ‘tô’ tirando nota porque eu quero ter nota boa, porque vai precisar pro meu futuro.”* No entanto, não podemos desconsiderar que, apesar,

⁵¹ Sobre a significação escolar e as condições escolares particulares da escola de D., consultar o Núcleo 2 Desinteresse pela escola: *“a maioria não leva a sério a escola”* e *“você vem à escola e você não recebe, assim, uma educação pra mudar as coisas”*, da análise do grupo de discussão.

das condições educacionais pouco favoráveis para o estabelecimento de uma educação ética, os professores mencionados por D. tiveram papel determinante na constituição da sua significação do pensar como um aspecto positivo.⁵²

A mídia também é identificada como uma das determinações dos processos decisórios de D.

“Tipo, eu ‘tô’ assistindo jornal, ‘tá’ tendo influência sobre mim, eu quero, eu quero fazer comunicação social, porque eu gosto daquilo, eu ‘tô’ assistindo jornal e o modo que o jornalista ‘tá’ tratando o assunto ou falando sobre o mundo, éh... tem influência em mim sim, eu gostei daquilo, e eu quero fazer aquilo. Novela até, tipo, aí essa história é legal e tal, e aí você começa a pensar sobre a vida daquela família do que ‘tá’ passando na novela, aí você começa a pensar as coisas do mundo, você viaja um pouquinho, é a coisa mais boba pra mim, mas, mas tem influência. Tudo que a mídia vende, assim, eu já fui influenciada pela mídia sim, porque eu sempre fui aquela menina ‘aí eu gosto de coisa boa, eu não vou ouvir isso aí porque é ruim’, e apesar, de ‘eu não vou ouvir isso aí porque é ruim’, mas eu não criticava as pessoas que ouviam também, até tem uma hora que eu vou gostar daquela bandinha [Rebeldes] lá, toda ruim, que, que eu só quis, e é aquilo, tipo, eu assistia aquilo e aquilo me tocava de alguma forma, então, mas tem influência. É mentirosa a pessoa que fala que não tem, influência todo mundo tem, porque atrás daquilo não é que é mídia, atrás daquilo têm pessoas também, então uma pessoa influencia a outra, então é uma aliança, é uma corrente, que ‘tando’ na TV ou não, você ‘tá’ lá recebendo carga de influencia de todos os cantos.”

Ao lembrar da mídia como um veículo formado por pessoas, sendo, portanto, algo concreto, parece que a crença de que a mídia é algo, necessariamente, negativo⁵³, é flexibilizada. Ao falar da “influência” da mídia sobre as pessoas, D. falou:

“Não, eu não acho que é ruim, não é negativo. Você tem que ver a influência que é legal pra você. Você tem que pegar, mesmo das coisas ruins, as coisas boas. Tem que peneirar tudo aquilo. Você peneira e vê o que valeu a pena, daí você guarda pra você, o que não, você joga fora. Em toda aquela influência tem coisa boa.”

Acreditamos que esse movimento empreendido por D, entendido por nós como de flexibilização, se comparado com o que disse no grupo, deve ser compreendido como gestado na própria discussão travada naquela situação de coletividade. Nessa situação tanto D., quanto alguns dos integrantes procuraram fundamentar a hipótese de que a mídia age “influenciando”

⁵² Discutimos a significação positiva do questionamento no núcleo 1 da análise individual do sujeito 1.

⁵³ D., no grupo de discussão, percebe a mídia como algo que “influencia” as pessoas negativamente.

negativamente as pessoas. Esse exercício estimulou que D. criasse argumentos que refutassem a hipótese de que a mídia pode auxiliar na constituição positiva das pessoas, consolidando naquele momento seu posicionamento contrário. No entanto, ao elaborar esse posicionamento refletiu sobre as outras possibilidades. Além desse exercício realizado no grupo, acreditamos que ao ser interpelada, na entrevista individual, D. reflete novamente sobre essa questão, articulando as várias possibilidades da constituição da mídia produzindo assim, um novo sentido sobre o assunto.

Nesse núcleo tentamos apreender a gênese das determinações das escolhas de D. Analisamos como a jovem percebe as determinações da família, dos amigos, da escola, da religião e da mídia na tomada de suas decisões. Apesar de considerar tais determinações, D. percebe que elas não incidem diretamente na sua decisão, visto que são transformadas por um movimento próprio, que resulta na criação de algo singularmente seu. Dessa forma, identificamos que os valores externos, normalmente, são submetidos a sua análise. No entanto, algumas das escolhas são justificadas pela adolescente por uma sensação incontrolável, quase instintiva, denotando a crença de que exista uma pré-determinação imutável contida no humano.

3. Núcleos de significação das entrevistas do sujeito R.

Das entrevistas com o sujeito R., organizamos o núcleo de significação:

Núcleo 1

Determinantes da constituição da dualidade da subjetividade de R.: decadência do lado negro e ascensão do lado branco: “eu sou meio duas personalidades, ainda que agora nem tanto, mas era uma semana de um jeito e uma semana de outro, sempre fui assim (...) Mesmo que você não goste do seu outro eu, ele vai estar sempre junto, então tem que conviver e tentar fazer o que você gosta e o que você quer, sendo você dos dois jeitos.”

R. é um adolescente de 18 anos. Reside com seus pais, com o irmão de 13 anos e com a irmã de 10 meses. Trabalha numa indústria têxtil, como ajudante geral. Concluiu o ensino médio em 2008. Uma das atividades que mais gosta de fazer é desenhar mangás⁵⁴. Esse gosto começou aos 12 anos e desde então coleciona, pesquisa e produz esses desenhos originados no Japão. A história em que trabalha desde os 12 anos é inspirada em sua própria biografia, incrementada com doses de misticismo oriental. Trata-se de uma longa história, com diversos episódios, cuja temática principal é a luta de um jovem guerreiro que possui poderes oriundos de fontes do bem (dragão branco) e fontes do mal (dragão negro). A saga do protagonista resume-se a aventuras, desilusões amorosas e duelos com figuras mitológicas. Ao longo da sua trajetória descobre que seus poderes são originados de figuras antagônicas que simbolizam o bem e o mal. Dessa forma, tenta integrar sua força maligna com a sua faceta benigna, visto que é impossível negar, assim como eliminar as forças do mal. Sendo assim, o guerreiro precisa aprender a conviver com elas. Analisamos que a necessidade de descoberta e a busca do equilíbrio entre forças antagônicas do personagem do mangá expressam o movimento de R. Assim sendo, no relato do jovem é recorrente a busca de superação das características que considera impedimento para o seu desenvolvimento. Essas características indesejadas aproximam-se do “lado negro”, ou seja, dos poderes e desejos malignos do herói de sua história em quadrinhos. Inspiradas na (quase) ficção de seus mangás, podemos dizer que R. busca integrar as forças negativas com as forças positivas, de modo que esta união o auxilie no enfrentamento das adversidades da sua vida. Sobre essa dualidade de forças R. disse;

“O negócio que se resumiria a mim... tem a Duality, do Slipkinot, porque eu sou meio duas personalidades, ainda que agora nem tanto, mas era uma semana de um jeito e uma semana de outro, sempre fui assim e a música fala isso. Mesmo que você não goste do seu outro eu, ele vai estar sempre junto, então tem que conviver e tentar fazer o que você gosta e o que você quer, sendo você dos dois jeitos.”

Essa busca de integração entre partes opostas de sua subjetividade, assemelha-se ao princípio chinês contido no símbolo Yin e Yang, que representa a completude dos opostos, assim como, explicita a necessidade do equilíbrio entre partes distintas e a rejeição da polarização como, por exemplo, entre o bem e o mal. Nesse princípio não se incentiva um polo em prejuízo do outro, pois quando ocorre o desequilíbrio entre estes, ambas as partes mostram o seu lado destrutivo e maléfico. Portanto, o objetivo não é incentivar um polo em

⁵⁴ História em quadrinhos em estilo japonês.

prejuízo do outro, mas buscar o equilíbrio que beneficie ambos. Assim como esse princípio chinês, R. não considera que tenha características más ou boas, por si só, mas que elas assumam naturezas distintas dependendo da situação. *“Pra mim tudo depende, não tem nada, tirando Deus, que é isso e pronto, pra mim tudo depende.”* Por exemplo, a desconfiança descontextualizada, não é boa nem ruim, mas à medida que traz sofrimento para R. e o impede de realizar seus objetivos torna-se ruim. Acreditamos que o “lado negro” (yin) de R. seja constituído por características pessoais que lhe causem algum tipo de sofrimento, como a desconfiança das pessoas, sentimento de vingança, sua capacidade de ludibriar, mentir e magoar os outros. Antagonistas desse lado negro estão as suas características de recato, bom amigo, de pessoa bem humorada, a capacidade de autorrecuperação de doenças, a persistência e a eleição da reflexão como orientadora. Acreditamos que as características do lado negro (yin), quando exacerbadas, causam-lhe sofrimento, porém é por meio delas que R. constitui algumas das características (ser protetor, ser persistente), valoradas por ele positivamente, que compõem o seu lado branco. Dessa forma, assim como o personagem principal de seu mangá autobiográfico, R. não nega nenhum de seus “lados”, mas busca a integração da sua subjetividade, de modo que este equilíbrio traga-lhe bem-estar.

Percebemos que a música é determinante na constituição da sua subjetividade e, portanto, também de suas escolhas. *“A música me ajuda a ter muita ideia, até seguir a fazer coisas, me orientar quando eu ‘tô’ em dúvida. Tipo eu ‘tô’ ouvindo aquela música, daí chega naquela parte, ‘ah, eu vou fazer isso.’ Sempre ajudou, coisa que eu não vivo sem.”* A cultura japonesa como um todo é, também, um forte determinante da subjetividade de R. Vale destacar que uma das fontes primárias de conhecimento dessa cultura, para ele, foi o contato com parentes descendentes de japoneses. Mas foram, fundamentalmente, os desenhos animados japoneses (animês) que o inseriram no universo oriental.

A identificação das crianças com os animês se deve a vários fatores. Dentre eles, Fernandes (2003) destaca a forma como são organizados os episódios. Suas histórias são retratadas em quadros sucessivos, de maneira que todo novo capítulo faz alusão aos episódios passados. Dessa forma, as sagas de heróis e vilões transcorrem aos moldes de uma telenovela, apresentando um desfecho temporário a cada capítulo e criando um suspense que leva à audiência do episódio seguinte, fortalecendo, assim, diariamente, o vínculo com o telespectador. Em sua pesquisa, Fernandes (2003) constatou que outro fator em favor dos animês são os cenários diversificados e a variedade das histórias. Além disso, observamos que os personagens dos desenhos, apesar de possuírem poderes mágicos e viverem situações fantasiosas, também vivem dilemas humanos, como a solidão, decepções amorosas, conflito

com os pais etc. Acreditamos que essa mistura de fantasia e realidade, ao tratar de temáticas, muitas vezes, vividas por R., foram determinantes para a sua identificação com os animês.

Vale destacar que apesar desses desenhos serem originários no “país do sol nascente”, toda a ambientação e narrativa são realizadas nos padrões ocidentais, visto que são produzidos, quase que em sua totalidade, por grandes nomes de produtoras ocidentais como a Disney. Dessa forma, numa primeira análise, parece que os desenhos *Pokemon*, Cavaleiros do Zodíaco, *Dragon Ball*, *Naruto*, dentre outros dessa categoria, retratam uma cultura com valores e costumes completamente distintos dos utilizados no mundo ocidental, mas numa análise mais cuidadosa identificamos muitas semelhanças entre eles. Numa realidade em que o consumo é amplamente incentivado, os desenhos animados, em qualquer lugar do planeta, são poderosos veículos para conquistar, desde os primórdios da infância, consumidores sedentos. Dessa forma, os personagens de desenhos transformam-se em roupas, calçados, brinquedos, materiais escolares, entre outros objetos do universo infanto-juvenil, prontos a serem transformados em necessidades a serem satisfeitas com o consumo mirim. “*Nossa, eu sempre gostei de Jaspion, Jiraiya, tinha tudo deles.*” Além disso, os desenhos, tanto originários no Japão, como os oriundos de qualquer país do ocidente, são poderosos instrumentos de disseminação de padrões de comportamento úteis para a sociedade global. Segundo Souza (2007)

“Através de histórias fictícias, fábulas e jocosidade, o desenho é grande exemplificador de quais atitudes são corretas ou não em uma sociedade. O desenho estabelece padrões, ele dita as posturas que os indivíduos devem seguir para serem aceitos pelo seu grupo social. (...) O entendimento que o desenho transmite é o de que a sociedade funciona assim, portanto o indivíduo deve se enquadrar. A tentativa de manutenção da realidade é colocada em prática em cada episódio de desenho animado que caminha por esta temática. Se o personagem, nos desenhos animados, tem um comportamento irregular, ele provavelmente será castigado por isso.” (não paginado)⁵⁵

Percebemos que a constituição de alguns valores norteadores da ação de R. são fortemente determinados pelos desenhos animados japoneses. Sobre isso o adolescente relatou:

“Porque foi o que me criou o que me ajudou (...) “Fui tirando conclusão própria, vendo desenhos (...) isso eu faço até hoje e acho que sempre eu vou fazer. Ir pegando meio o que me interessa e acho

⁵⁵ A versão online não conta com paginação.

que vai me servir. Cada coisa que eu vejo, faço, presencio e fui pegando isso.”

Sem nos estendermos nessa questão, amplamente discutida anteriormente ⁵⁶, vale lembrar que não se trata de uma interiorização direta dos aspectos observados no desenho; ao contrário, esses elementos observados sofrem uma transformação psicológica, pois são mediados pela subjetividade constituída ao longo da vida de R. Ao “tirar uma conclusão própria”, R. está indicando esse movimento psicológico de transformação de algo social e externo em algo singularmente seu, pois isso foi configurado numa rede complexa e contraditória de sentidos únicos e singulares. No entanto, em alguns momentos, R. desconsidera a mediação da subjetividade na constituição dos valores que fundamentam seu comportamento, demonstrando uma crença de que os homens absorvem diretamente o que assistem e ouvem. Sendo assim, a mídia é vista como um instrumento capaz de incidir diretamente na constituição das preferências e comportamentos humanos.

“O moleque não ‘tá’ com vontade de fazer aquilo, ele faz porque ele quer ser Emo⁵⁷, a mídia impôs isso. Apareceu, existe, ‘ah, então eu vou ser Emo.’”

Ao relatar o papel desempenhado pela mídia na sua vida, R. faz uma diferenciação entre a televisão de antigamente e a televisão de hoje:

“Eu me ligava no que ‘tava’ acontecendo, porque a gente tem que ‘tá’ sempre ligado, mas moda nunca (...) Mas me influenciar? Eu me influenciava (...). Eu gosto de coisa antiga, porque foi o que me criou, o que me ajudou, porque antigamente a televisão não era uma coisa tão influenciável. (...) Me fez o que eu sou hoje (...) Mas não me influencia não, [hoje] eu uso mais televisão como entretenimento.”

Parece que o fato de ter sido “influenciado” pela TV na sua infância, não é visto como um aspecto negativo como nos dias atuais, “*antigamente a televisão não era uma coisa tão influenciável.*” Para ele, atualmente, a TV se tornou um instrumento que “influencia”

⁵⁶Para maiores detalhes desse processo psicológico vide Cap. I 4.3 Sentidos e Significados: unidade contraditória do simbólico e do emocional desta pesquisa.

⁵⁷Emo ou *Emocore* é a abreviação do termo inglês *emotional hardcore*, trata-se de um gênero musical derivado do *Hardcore*. O termo foi originalmente dado às bandas punks cujas composições denotavam um lirismo mais emotivo que o habitual. No Brasil, o gênero se estabeleceu sob forte influência norte-americana em meados de 2003 e influenciou um estilo de vida adolescente, caracterizado não somente pela música, mas também pelo comportamento geralmente emotivo e tolerante, pelo visual, que consiste, em geral, em trajes pretos ou listrados, cabelos coloridos e franjas caídas sobre os olhos.

negativamente as pessoas, fazendo-as adotar determinados padrões comportamentais, como o estilo Emo, considerados inadequados por R. Diante dessas “influências negativas” o adolescente acredita ter adquirido uma suposta imunidade. Interpretamos que sua crença de que na sua infância as ‘influências’ da TV eram positivas, se deva ao fato de R., naquele momento de sua vida, ter assistido muitos desenhos inspirados na cultura oriental. A audiência desse tipo de programação o ajudou a criar e fortalecer seus vínculos com o universo japonês, assim como inspirou ideias para a produção de seu mangá autobiográfico, que representa muito mais que uma produção artística, pois foi determinante para a superação do sofrimento causado pela solidão sentida na infância e em parte de sua adolescência. Além disso, os desenhos animados de sua infância, considerados por ele expressão dos costumes e filosofia do oriente, são vistos como dotados de ingenuidade, o que reforça a ideia de que a TV ‘antigamente’ transmitia valores inofensivos.

“Tudo me atrai, tudo, tudo, tudo, a comida a cultura deles, a ideia do modo de expressar, aquela certa ingenuidade que elas [mulheres] têm, a mente aberta, que nem, tipo, a gente vê desenhos aqui, aparece coisas no Brasil que lá é proibido. (...) E no desenho, aquela cena de beijo de alguém que você gosta, o desenho inteiro, você vê aquilo e nossa, finalmente⁵⁸. Às vezes, até mesmo no abraço, que mostra que tem amizade, que gosta, aí fica vermelhinho e é isso.”

Relacionado a isso, analisamos que os desenhos animados são determinantes para a constituição do atributo “reservadão” de R. *“Eu não gosto de muita putaria, não acho legal, eu sou meio reservadão, parece que não, mas eu sou meio assim.”* Esses desenhos são determinantes também da sua preferência por meninas “ingênuas” e “recatadas”.

“Meu, eu olhei aquela menina lá, a Y., desde a 4ª série no A. [nome da escola], eu comecei a..., quando eu entrei na quarta série, foi paixão, assim, até hoje, assim, foi quem eu mais amei, assim, em toda a minha vida e ela nunca ficou com ninguém até hoje, nunca beijou na boca, assim, sabe? (...) Quanto mais você corre atrás de alguém, aí mesmo que você não consegue, só achava tranqueira, é difícil achar uma mulher certinha.”

A garota J. por quem atualmente R. nutre paixão, enquadra-se no perfil de “recato”, largamente valorizado pelo jovem.

⁵⁸ É comum nos animês as paixões serem veladas, além disso, dificilmente são concretizadas ou mostradas na íntegra.

“Essa menina é reservada pra caramba e até parece que ela nunca ficou com ninguém, eu acho isso muito da hora. (...) Mas eu nunca fui criado em igreja. E isso me chama bastante atenção na J. porque ela foi criada e ela falou: ‘eu não fiquei com você, eu não beijei você, porque dentro de mim eu sentia que não ‘tava’ certo.’ Nossa, tal aquele princípio, nossa, eu achei isso ótimo, porque qualquer menino fala ‘ai não sei o quê’ nossa, eu falei: ‘você ‘tá’ certa eu não quero estragar nenhuma ideologia sua, o seu modo de pensar ‘tá’ correto eu não quero estragar isso.’ (...) Eu até mandei essa mensagem pra ela: ‘eu quero acrescentar na sua vida e não modificar.’ (...) Que nem a J., eu ‘tô’ louco com essa menina por causa disso. Ela ‘tá’ ali certinha, segue aquilo que o pai e mãe falam, não fica reclamando e daí faz quebra a cara e depois reconhece que o pai tem razão, não, isso é maravilhoso ao meu ver.”

Essa reserva de que fala R. também é demonstrada pela crença de que o mundo está acabando devido à perda das tradições.

“Eu me sinto meio ruim, porque eu fui à igreja e tal, na Adventista, e falaram que Deus ‘tá’ pra voltar, eu acredito mesmo que vai voltar, ‘tá’ meio na cara, sabe? Até quem é ateu se for pela lógica... bom ‘tá’ um negócio muito triste, você não vê mais tradição, não vê... ninguém vê esperança nenhuma (...) meio que tradição [acabou] assim, sabe? (...) tá’ tudo muito largado, a criançada ‘tá’ largada, assim (...) Eu sempre via, mudou muito esse negócio de namoro dos meu 13 anos pra cá. Foi o que eu falei o mundo ‘tá’ acabando. Eu tinha 12, 13 anos, não tinha esse negócio de ficar, ficção, pegação. Que nem menina de 15, 14 anos, ‘tava’ começando a namorar, tinha ficado no máximo 2 vezes com um amigo, escondido, ‘tava’ começando encaminhar pra essa ficção, mas era bem menos.”

Consideramos importante destacar que no grupo de discussão a possibilidade de transformação da realidade é depositada, em grande medida, nas crianças e jovens; no entanto, o que esperar do futuro se “a criançada ‘tá’ largada”? Parece que a percepção da necessidade de modificação da realidade, apresentada por R. nos grupos de discussão, está sendo destituída, cada vez mais, de possibilidades de efetivação. Talvez isso se deva a essa possível descrença no grande motor mobilizador das mudanças, as crianças e os jovens. Outro elemento que nos chama a atenção acerca da necessidade de transformação da realidade é que no grupo de discussão a efetivação da mudança, em alguns momentos, ficou sob a responsabilidade de algo ou alguém abstrato, dito por A.: “vai depender de quem ‘tá’ lá em cima querer”, referindo-se aos políticos e ao Estado. Na entrevista com R. identificamos um

conteúdo que reafirma essa percepção. *“Vai chegar uma hora que vai ser igual à ditadura, pra tentar parar tudo, pra tentar voltar.”*

Outro elemento que merece destaque sobre a percepção de R. de que o mundo está acabando é a sua busca pela tradição para conter esse movimento destrutivo. A tradição, num sentido amplo, refere-se à transmissão dos costumes, regras e valores de uma geração para a outra. Essa herança recebida pelas novas gerações é extremamente útil e, por isso, largamente utilizada na esfera cotidiana, pois se tratam de modelos comportamentais que orientam o indivíduo, de modo que esse conhecimento o torna capaz de operar efetivamente no cotidiano. No entanto, à medida que essa tradição cristaliza-se como a única fonte de orientação, inclusive, para decisões que demandam reflexão e que, portanto, estão além da cotidianidade, ela torna-se danosa. A tradição não prevê que as relações estabelecidas entre homem e mundo se transformem ao longo da história da humanidade. Essa constante transformação exige que o indivíduo realize o exercício da reflexão. Isso implica num processo de constante reflexão sobre si e sobre o mundo em que se está inserido, na realização de uma avaliação das condições sócio-históricas de seu tempo e de um questionamento da pertinência e adequação do sistema valorativo recebido por meio da tradição para orientar as suas ações.

Se compararmos o perfil da “garota dos sonhos” de R. com o de algumas heroínas dos animês verificamos que elas possuem características semelhantes. Nos animês, geralmente, a figura feminina é tímida, dotada de olhos grandes e expressivos, típico traço dos animês. Os olhos são considerados “janelas da alma”, pois expressam, por meio de símbolos gráficos, as diferentes emoções. A expressão facial, como um todo, é bastante explorada para designar o estado de espírito dos personagens. Sendo assim, rubor na bochecha representa vergonha, cruzinha na testa simboliza a raiva, alterações no formato da boca e olhos podem significar medo, susto ou surpresa.

“Eu gosto tanto dela [J.] por causa disso, porque além dela ter o tipo físico que eu gosto de menina, ela não é japonesa, só que é morena eu adoro morena de olho escuro, assim, e ela junta tudo que eu gosto em uma menina, ela é inteligente, meiga, carinhosa (...) Que nem a J., ela não quis ficar, beijar, mas só de ‘tá’ de mão dada e ela suando de nervoso, nossa já é uma... tipo a cara dela quando eu elogiava, tipo para, mas continua, meio envergonhada, nossa, aquilo eu ganhei o dia.”

Identificamos que o sentido que R. atribui à amizade também está fortemente relacionado aos desenhos animados japoneses. Nos animês a amizade é um valor positivo que

permeia a trajetória do herói. Frequentemente o herói vence o mal com a ajuda dos seus amigos, é, também, por meio da relação de amizade que o jovem herói passa a acreditar em si mesmo e na possibilidade de um futuro melhor; não é incomum o herói tornar-se “do bem” em decorrência do vínculo com um amigo que lhe ensina a ser dessa natureza. R. relatou que a amizade é o valor central que orienta a sua vida. *“É a amizade, não vou falar amor, porque amor é um negócio meio... o carinho que eu tenho pela pessoa, o respeito. (...) Eu direciono tudo o que eu faço assim pensando no bem-estar para aquela pessoa ou pessoas.”* Analisamos, então, que o sentido da amizade para R. é esforçar-se para o bem-estar das pessoas. Esse sentido, além de ter os animês como determinantes, está profundamente relacionado à necessidade de tornar-se protetor, desenvolvida ao longo de sua vida. O adolescente relatou que durante sua infância e adolescência presenciou muitas brigas de seus pais, pelas quais temia que algo grave acontecesse, devido à agressividade de seu pai. Movido pela necessidade de protegê-los, intervinha para separá-los.

“Já separei muitas vezes, tipo, meu pai e minha mãe, tipo, meu pai nunca partiu pra agressão física, mas o meu pai tem o gênio, muito, muito forte, então, assim, separei os dois quando brigavam, gritavam e tal, e eu ficava acordado à noite, pra tentar impor o negócio.”

R. relatou que seus pais diziam: *“aí, criança, não se preocupa com problema’, mas eu via eles discutindo e sabia, meu, eu tinha 10, 11 anos eu sabia tudo o que acontecia, involuntariamente, eles me forçavam a ver.”* Acreditamos que essas situações, devido à intensa mobilização emocional, ajudaram na criação da necessidade de proteger a mãe, que aos poucos foi se generalizando para outras pessoas da família e hoje essa necessidade de ser protetor ultrapassa o âmbito familiar. *“Eu gosto tanto da minha irmã, do meu irmão, eu sinto que eu tenho que proteger eles, até a minha mãe, que ‘tá’ ficando velha já.”* Ao colocar-se no papel de protetor, R. ganha visibilidade em sua casa e sente-se querido pelos pais, já que R. disse: *“Fui radicalmente esquecido nessa época [nascimento e primeira infância do irmão] (...) Que era um negócio que eu nunca me senti querido em casa, eu acho que não é coisa da minha cabeça, tanto é que um monte de vezes minha mãe já pediu desculpa.”* Essa forma de conquistar a atenção de seus pais passa a ser generalizada para outros relacionamentos. Além disso, parece que R. tentava transmitir seu aprendizado, na esfera dos relacionamentos, para outras pessoas, de forma que elas não sofressem como ele. *“Eu não tinha com quem contar, eu tinha que contar comigo. (...) Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim.”* Cabe mencionar que nos animês, frequentemente, repete-

se o tema perda dos pais e o sofrimento acarretado por ela. Os heróis normalmente vivem sozinhos e sofrem com esse isolamento, até encontrarem mestres generosos que os orientam a superar essa dor, assim como, os auxiliam na descoberta de sua missão e no controle de seus poderes.

A necessidade de proteger as pessoas se realiza em diversas situações vivenciadas na relação de amizade. R. relatou algumas dessas situações em que livrou amigos de brigas, colocando-se em seus lugares, para protegê-los.

“S. [amigo de R.] sempre foi meio ‘galinhão’, sabe? Eu vivia junto com ele, aí uma menina lá que queria catar ele, era namorada de um dos moleques que tinha um grupinho, aí já viu (...) Aí ela pegou, não sei o que ela entendeu e foi falar com o moleque, aí o moleque chegou intimando ele, ‘viu, peraí, o que aconteceu?’ (...) [falei:] Eu ‘tava’ junto, dois colegas meus ‘tavam’ junto e não aconteceu nada. (...) pra que arrebrantar todo mundo?’ (...) nisso ‘tava’ aquele monte, sorte minha, porque a renca dos sete que ‘tava’, parte era colega meu, então eles não entraram, então só foi eu e o moleque, ainda bem que eu me dei bem, aí só me defendi, não fui também querendo sair no soco, porque eu já tinha feito aniversário também, aí dava B.O. [boletim de ocorrência] aí o moleque pegou e: ‘ai, você não sei o quê’ ai eu falei: ‘viu, você ‘tá’ louco meu?’, aí eu já brinquei, a turma deu meio que risada, aí ele pegou ficou meio nervosinho, viu que ‘tava’ errado, que ele não conseguiu bater em mim, e aí ficou pior, aí ficou de boa, normal. Um monte de vez já teve situação parecida com essa e geralmente com o S. Com uma amiga minha também que o carinha lá [que ela gostava namorava], sabe essas meninas patricinhas ? (...) aí o moleque pegou e largou da namorada pra ficar com uma amiga minha, só que, que nem, tipo, ele agarrou a minha amiga na saída, aí ela ficou, mas depois, tipo, você ‘tá’ louco? Daí a menina [namorada patricinha] veio pra cima dela, aí eu peguei e falei: ‘o, calma ai, né? Não é bem assim’, aí chegou três moleques lá, amigos dela, que não gostavam de mim, ‘aí, se você não deixar as duas resolverem a treta...’, nossa a minha amiga é magrinha, a outra lá uma morenona grandona, ia levar um cacete da menina, aí eu: ‘não sei que tem, aí, não tem porque brigar’ e o cara, e o maluco lá do outro lado da rua, aí os moleques ‘o alemão, sai daí se não quiser brigar também’ falei: ‘viu, se for partir pra cima dela, vem pra cima de mim primeiro’ daí eu lá com os três, aí eu lá no meio tentando me livrar lá, tomando uns tabefes, porque eu sou mais tranquilão, aí eu fico me defendendo, meio pra tentar acalmar (...) Aí ela pegou saiu com jeitinho e não deu nada depois, mas eu sempre socorro se eu vejo que ‘tá’ errado, mesmo que eu apanhe.”

Além de envolver-se em brigas, arriscando-se a ser agredido, R. também protege seus amigos de outras formas, não importando contra quem tenha que duelar, mesmo que sua ação acarrete prejuízos a si próprio, como a perda do emprego.

“Eu fiz amizade com a recepcionista que era a A. (...), nossa, o chefe lá vivia querendo tirar casquinha, veião. Tinha uma chefe que cuidava mais da parte financeira e vivia humilhando ela em reunião e tal e teve umas três vezes que eu falei, eu falei: ‘viu, mas você falou que ela errou, mas o erro foi seu’, eu falei: ‘viu G. me desculpa, mas você não pode culpar os outros pelos seus erros’, ela ficou louca, né? (...) daí ela começou fazer muito a minha caveira e ela me ferrou uma vez de propósito (...) e me colocaram pra fora [do emprego].”

Quando questionado se tomaria essa mesma atitude em defesa da amiga A., se soubesse que seria demitido R. disse:

“Não, eu faço, nossa eu já me ferrei tanto por causa disso, mas eu faço, já me ferrei, mas é assim, com orgulho. Eu não consigo ver, é muita palhaçada, eu não consigo, eu sempre cruzei os dois lados, também tem... pra ver o que ‘tá’ acontecendo (...) por isso que eu me ferro tanto em casa, eu não aguento, com os meus amigos, eu não aguento, na rua, eu não aguento, nos lugares públicos assim, eu não aguento.”

Analisamos que esse posicionamento de R. expressa uma tendência à individualidade, lembrando que esta se estabelece quando o indivíduo tem liberdade (relativa) de fazer escolhas, e não é subjugado por ditames internos ou externos dos quais não se apropria. (Patto,1999) Percebemos que R. faz uma análise da situação (*eu sempre cruzei os dois lados, também tem... pra ver o que ‘tá’ acontecendo*) e dentre as opções possíveis escolhe agir de acordo com o que considera justo, sem, no entanto, desconsiderar as várias consequências que sua escolha poderá acarretar.

“É que nem o videogame, os jogos bons que eu gosto, tem sempre três finais alternativos. Se você pegar tal coisa, em tal fase ou então falar com tal pessoa, em tal fase muda a história. É isso que eu procuro fazer, ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante. É mais difícil, você sofre mais, porque nem todo mundo concorda, você vive em conflito.”

Nas discussões em grupo, R. também posicionou-se desta forma quando questionado por D.:

“D.: Mas e se você tivesse num cargo que, tipo, você ganhasse muito, assim, você tivesse poder sobre os outros, mas tivesse alguém acima de você, você agiria assim, pra ser demitido?”

R.: Se esse acima de mim fizesse alguma coisa que fosse muito contra os meus princípios de vida, com certeza eu ia contra, mesmo que eu fosse mandado embora.”

Como dissemos anteriormente, a individualidade ou a particularidade não se estabelece da mesma forma e com a mesma intensidade em todas as manifestações do indivíduo, afinal, como aponta Heller (2003), não existe uma muralha chinesa que separa esses dois âmbitos. Dessa forma, em cada ação podemos analisar uma tendência para um ou outro âmbito. Apesar das situações acima relatadas denotarem uma tendência para a individualidade, percebemos que R., em algumas outras situações, escolhe não se arriscar na defesa de seus “princípios”. O jovem, nas discussões em grupo, justificou sua passividade na situação em que tentava esclarecer a agressão sofrida por L., em decorrência da homossexualidade⁵⁹ deste, da seguinte forma: *“estavam ameaçando, os moleques, então era medo de apanhar. (...) O medo. É isso aí.”*

A fim de compreender a oscilação entre individualidade e particularidade, resgatamos, abaixo, um trecho da discussão realizada em grupo em que R. disse:

“[meu objetivo] É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora, futuramente, que eu me estruturar, que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso. (...) E também por a gente estar no começo da vida, a gente fica quieto pra certas coisas pra tentar melhorar pra quando crescer, [para quando tiver] um poder maior, tanto aquisitivo, quanto ..., é assim, ter maior controle da situação, poder levar uma vida melhor. Poder tentar seguir o máximo o que pensa, poder não ser induzido, não seguir a ideia dos outros. (...) Só que a gente ‘tá’ sendo impedido de fazer isso, do jeito que ‘tá’ a sociedade hoje em dia, a gente ‘tá’ sendo impedido, a gente não ‘tá’ conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.”

À luz da análise das entrevistas individuais de R., conseguimos aprofundar a compreensão dessas falas do jovem, proferidas nos grupos de discussão. Acreditamos que

⁵⁹ O caso de agressão ao aluno L. foi descrito no Núcleo 6 Medo como norteador das escolhas: “Porque vai ser pior pra quem vai denunciar esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou”, das análises das discussões em grupo.

esse comportamento de “ficar quieto pra algumas coisas” seja necessário para que possa conquistar a estrutura que almeja. Entendemos que essa estrutura seja, entre outros elementos, a obtenção de um emprego, por meio dos estudos, que lhe proporcione ascensão social (“*um poder maior, tanto aquisitivo, quanto ..., é assim, ter maior controle da situação, poder levar uma vida melhor*”) Analisamos que no processo de aquisição dessa “estrutura”, o jovem tenha que se submeter a situações consideradas, por ele, moralmente reprováveis (“*não adianta nada querer ir contra se sou um leigo*”) para que, então, possa de fato “*tentar seguir o máximo o que pensa, poder não ser induzido, não seguir a ideia dos outros.*” Diante de condições desfavoráveis para o exercício da individualidade, a apropriação e compreensão consciente do indivíduo das situações coercitivas e opressoras, de alguma forma, proporciona uma elevação da particularidade para a individualidade, embora em grau restrito.

A necessidade de ser protetor também se configura de outras formas, como, por exemplo, identificando as dificuldades das pessoas e aconselhando-as sobre como enfrentá-las.

“Eu fui vendo que todos os amigos que eu tinha, eram aqueles surrados por todo mundo, que todo mundo pisa. Aí você vai lá e conversa e vê que é uma pessoa maravilhosa, só ‘tá’ faltando um estímulo. (...) Tem o outro V. também que ele é igualzinho eu quando eu tinha a idade dele, idêntico, a gente se dá bem pra caramba. É por isso que diz ele que ele ‘tá’ até melhor depois que me conheceu. Aí esse V., ele era assim meio CDF, a turma tinha meio receio, ainda mais o pessoal daqui, que é tudo meio caipira. (...) Nossa ele ‘tá’ outra pessoa. Os pais dele chegaram para mim e: ‘nossa o que aconteceu com o V. e tal.’ E ele ‘tá’ realmente um moço, um homem, ele era um menino, um moleque assim’, a gente curtia rock, um roqueirinho assim, só que ele ficava na dele, assim, tinha medo da turma. E no ano passado, ele é o mais querido da classe, popular, sabe? Fiquei realmente feliz. Eu via aquele cara que a turma ‘tava’ precisando (...) Foi uma coisa que o V. falou pra mim, ‘eu sou alegre’ (...) Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim. Daí comecei com um amigo meu. (...) O V. é muito mais inteligente que eu, porque eu não tinha ninguém pra ajudar a desenvolver um certo lado, e nossa eu ‘tô’ podendo ajudar ele. Eu ‘tô’ ajudando ele e ele ‘tá’ conseguindo acompanhar e tal.”

R. falou que ao orientar e aconselhar um amigo, o faz de maneira consciente, não esperando agradar a pessoa, mas sim solucionar o problema que esta pessoa enfrenta.

“Que nem, eu não sou criança, se é uma das coisas que eu sei é dar conselho em certas ocasiões, tipo, não dar conselho errado, ideia

errada, ir pelo caminho mais fácil. Tanto é que teve colega meu, amigo meu que eu perdi por causa disso. Tanto é que o S. terminou com a menina. Eu ajudei eles umas duas vezes, mas eu não vou mais ajudar, eu vou ajudar vocês a não ficarem juntos. Que ela não 'tá' fazendo bem pra você.' Ele vivia lá no MSN : 'tô' mal, 'tô'mal. A C. parece que gostava de ver ele sofrer por ela ."

Além disso, R. relatou que é extremamente responsável e isso reveste de confiança as suas ações e conselhos.

"Minha família sempre me ensinou a ser muito responsável e eu sou. Eu acho que uma virtude que posso dizer que eu tenho. Eu nunca fiz besteira nenhuma, nunca cheguei tarde demais, nunca dormi fora sem ter avisado, nunca enchi a cara e cheguei..., bebo, já fiquei bêbado, mas avisei 'ó vou sair, vou encher a cara, vou dormir na casa de tal, porque eu vou chapar o globo', beleza eu 'tô' avisando, por isso que a minha mãe tem tanta credibilidade em, de deixar sair e tal, 'onde você vai e que horas você vai voltar?' Nem quer saber o que eu vou fazer, mas é só se eu sumir ela ter uma noção de onde procurar. (...) Essa cobrança me ajudou a ter responsabilidade e aquele tipo de confiança que eu transmito."

Essa responsabilidade, segundo R., deve-se a uma excessiva cobrança de seus pais desde a sua infância.

"Minha mãe é legal assim, agora, ela sempre pegou muito pesado comigo, ela e meu pai também, sempre colocaram muita coisa em cima de mim, responsabilidade. (...) Cobrança, tudo, cobrança, o que não fazer errado, como ser um ótimo garoto, cobrança de não decepcionar eles, de ser bem apresentável pras visitas, tem que ser num sei o quê. Meu pai tinha muita grana em São Bernardo e sempre em contato com o pessoal, né, bacana, até vim todo mundo pra cá, então como eu era mais velho, eu sempre tinha que ser..."

Esse comportamento protetor é bem visto pelos seus amigos, o que o fortalece ainda mais.

"Porque, geralmente, quem conhece gosta de verdade de mim (...) tenho bastantes irmãos de consideração, como o S. o V. que eu conheço desde que eu mudei pra cá e eles me conhecem e eles gostam bastante de mim e eu gosto muito, deles, assim, minhas ex [namoradas] que, às vezes, ficam bravas de eu não querer falar mais, porque eu sou meio assim, então elas gostam bastante."

Percebemos que essa necessidade de proteger, aconselhar e esforçar-se para que as pessoas sintam-se bem é um grande determinante das escolhas de R. *“Eu direciono tudo o que eu faço assim pensando no bem estar para aquela pessoa ou pessoas (...) O grande foco na minha vida, eu meio que vivo em função de sempre ver quem eu gosto feliz.”*

Acreditamos que atualmente essa necessidade de ser protetor coexista com a de ser protegido. É difícil precisar em que momento elas surgiram, visto que hoje configuram mais uma das características da dualidade de R. Ao analisarmos o relato do adolescente que na sua infância tinha necessidade de “ter com quem contar”, pois era muito solitário (*“parece que não, mas até os seis anos eu fiz as coisas sempre sozinho”*), visto que sentia-se preterido pela mãe, assim como seus vínculos de amizade eram restritos, levantamos a hipótese de que a necessidade de ser protegido preceda a de ser protetor.

“Queria alguém pra conversar, eu sempre senti vontade de ter alguém pra me ouvir, pra me entender, pra poder me dar um conselho, ninguém me deu, até três anos atrás, depois isso começou a acontecer, que era amigo de conversar, dar uns toques. (...) Porque eu não tinha ninguém pra ajudar a desenvolver um certo lado.”

Importante destacar que nas discussões em grupo sobre a infância, R. compartilhava da concepção de que a criança necessita ser protegida por um “líder”, pois seus instintos a impulsionam a fazer o “mal” ao outro, como matar e roubar. *“Então um líder ali tinha a função de cuidar dos mais novos, de igualar todo mundo (...) Porque não tinha ninguém ali pra falar pra eles o que era certo ou errado, eles eram crianças.”* Analisamos que está implícito nessa concepção de infância, a naturalização do ser humano. Dessa forma, a infância é compreendida como um período de aprendizagem, em que se faz necessário que as condições externas favoreçam o “desabrochar das potencialidades humanas internas” e “repressão dos instintos de maldade, perversidade e desajustamento”, pois se tais condições forem precárias, isso prejudicará o seu “desenvolvimento natural”.

Posteriormente à necessidade de ser protegido da solidão sentida quando criança surge a necessidade de ser protegido da depressão desencadeada na infância, que persistiu na adolescência. O surgimento da doença está relacionado a uma predisposição familiar, visto que sua mãe vivenciou alguns episódios depressivos ao longo da vida, mas também ao padrão de interação de R. O adolescente relatou que sentia falta de amigos e do carinho dos pais, principalmente da sua mãe .

“Não tinha amigo nenhum aqui, tinha um ou dois no máximo. (...) Eu nunca me senti querido em casa, eu acho que não é coisa da minha cabeça, tanto é que um monte de vezes minha mãe já pediu desculpa. (...) eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava todo dia e, assim, minha mãe ficava com dó, mas achava que era frescura, meu pai, assim, no início achei que ele me xingava: ‘sai dessa cama não vai adiantar nada isso, não vai dar certo’, apesar disso ser uma doença eu já pesquisei, eu já fui atrás pra ver o que que é, que realmente não tinha motivo pra eu ‘tá’ que, na verdade tinha, né? O que ‘tava’ acontecendo em casa, amizade, assim, que eu não tinha tanto, foi o negócio que acontecia em casa, como eu sempre fui muito receptivo de tudo o que acontece, eu peguei.”

Um dos determinantes centrais para o surgimento desse sentimento de falta de afetividade positiva de seus pais, foi o nascimento do irmão. O jovem relatou que após o nascimento do seu irmão, o relacionamento que tinha com os pais, principalmente com a mãe, se transformou. *“E com seis anos meu irmão nasceu e eu sempre fui filho único né e tal, só que daí mudou muito a atenção e até hoje é assim, sabe? Aí foi meio, meio petrificante, petrificante pode ser meio forte, mas foi meio por esse lado.”* Isso desencadeou um comportamento de isolamento e agressividade.

“Eu me senti nesse negócio de ficar sozinho longe (...) é, ser impenetrável assim, em conversar, em sentimento, que nem quando minha mãe vinha falar eu era estúpido (...) Tipo, fiquei meio estúpido e tal, mas por isso que quando vem falar comigo eu sou meio chato, por isso que eu tenho tão poucos amigos.”

Esse comportamento agressivo era uma resposta à percepção de abandono de sua mãe. No entanto, devido a sua exacerbação, isso se generalizou para outros tipos de relacionamento, dificultando a convivência com amigos. Algo que era para defender-se de um sofrimento tornou-se causa de outra grande dor: a falta de amigos. Dessa forma, R. sentia-se e fazia-se invisível, não apenas na sua família, mas nos relacionamentos com meninos e meninas de sua idade. *“Eu não tinha amigo, eu não tinha com quem conversar, ninguém conversava comigo em casa, não tinha amigo.”* Com a instalação da depressão R. restringiu ainda mais o estabelecimento de relacionamentos interpessoais.

“Olha, a pior fase, foi dos dez aos treze, dos dez aos quatorze, a pior fase. Até hoje eu, a minha autoestima é bem baixa, a pior coisa, horrível, coisa de você pegar e olhar e... não tinha vontade, sabe? Aí eu fui agindo meio individual, parece que não, mas até os seis anos, eu

fiz as coisas sempre sozinho. (...) é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música.”

Acreditamos que diante do isolamento em que R. encontrava-se, o desenho animado japonês era uma das únicas fontes de referências, pois se identificava com as temáticas abordadas em suas tramas, favorecendo o estreitamento de laços entre ele e essa modalidade de desenho. A orfandade e o sofrimento causado pela falta de amigos é um tema rotineiro nos animês. Os desenhos animados japoneses tornam-se, assim, modelos comportamentais e valorativos na vida de R. Além disso, R., inspirado nos animês, encontra na produção de seu próprio mangá a possibilidade de expressar seus sentimentos. Vale notar que a produção de seu desenho, também, está relacionada ao curto período em que passou por psicoterapia. Durante as sessões, a psicóloga utilizava os desenhos de R. como instrumentos para o conhecimento dos sentimentos do jovem, o que dava indícios a ele da possibilidade de se expressar eficientemente por meio deles. *“Era legal, eu conversava, ela tinha uma estagiária que eu fazia desenho lá, daí ela ‘olha o desenho, não sei o quê’, aí no final eu fiquei mais animado, eu estava me animando, aí minha mãe me tirou, e começou tudo de novo.”* As razões para a interrupção das sessões de psicoterapia não são compreendidas por R. *“Depois que começaram a falar, porque... aí eu não sei explicar o porquê.”* No entanto, no âmbito da psicologia clínica é comum que os pais suspendam o tratamento de seus filhos à medida que as intervenções profissionais apontam o quanto a dinâmica familiar contribui para o adoecimento infantil.

Analisamos que ao produzir mangás, R. ia também gestando novas formas de produzir sua subjetividade, pois ao criar as histórias, retratava seus sentimentos e vislumbrava várias possibilidades para a superação de seu sofrimento. Nesse processo, provavelmente criou novas necessidades, assim como, formas de satisfazê-las. Sendo assim, podemos apontar a música como um provável motivo para suas ações, ou seja, R. vê na música a possibilidade de satisfazer algumas de suas necessidades, impulsionando-o para a ação. Da mesma forma como ocorrido com os animês, a música foi determinante para a superação da sua depressão e para a constituição da sua subjetividade como um todo. *“A música mesmo, todo sentimento que eu tinha, eu passava pra música. (...) a música me ajuda a ter muita ideia até seguir a fazer coisas, me orientar quando eu ‘tô’ em dúvida. Tipo eu ‘tô’ ouvindo aquela música daí chega naquela parte, ‘ah eu vou fazer isso’. Sempre ajudou, coisa que eu não vivo sem.”*

Diante disso, a situação de isolamento foi transformando-se, à medida que R. modificava seu padrão de interação, empreendendo-se em conhecer pessoas e deixando-se

conhecer, permitindo que as pessoas “*penetrassem*” no seu mundo, até que se tornou “popular”. “*Eu sou popular, por causa desse meu jeito louco. (...) eu peguei amizade com um monte de gente, fiz muitas amizades.*” Isso também melhorou à medida que seus pais começaram a interagir com R. de maneira mais próxima. “*Minha mãe começou a ver que eu ia começar a me perder, também começou a falar mais, começou a ver que ‘tava’ me perdendo, meu pai percebeu que eu ‘tava’ uma pessoa muito diferente do que eu era, então começou mudar, a conversar mais.*” Com a ampliação das possibilidades de interação R. começa a namorar T.

“Porque com quinze foi quando eu namorei pela primeira vez então, já... então quer dizer eu não sou de todo mal. Deu uma levantada na autoestima. (...) T. mais velha que eu, 19 anos os cara falando: ‘ela vai pegar você pra criar, que bonitinho’, eu falava: ‘pega pra criar mesmo.’”

Considerando sua história de sofrimento com o isolamento, R. vê no namoro a possibilidade de aplacar sua solidão. “*Eu odeio ficar sozinho, pra mim é um terror ficar sozinho, porque eu já fui sozinho e é a pior coisa.*” Dessa forma, o namoro de R. evolui rapidamente para um compromisso mais sério. “*Até por isso que eu com dezoito já noivei um mês, assim, namorei ela quase dois anos.*”

Nesse período de sua adolescência o sentido do namoro, para R., também estava relacionado à necessidade de ser protegido e orientado nas suas dificuldades, entretanto, nos dias de hoje, esse sentido é diferenciado, pois R. encontra no namoro o motivo para satisfazer sua necessidade de proteger as pessoas. Nesse período em que almejava ser protegido e orientado, o jovem passou a estabelecer vínculos com pessoas mais velhas e com mais experiência que ele.

“Só tinha amigos mais velhos do que eu, era difícil ter alguém da minha idade (...) mas as três [namoradas] foram mais velhas, não sei porquê tinha coisa que não batia (...) porque se eu acabo me prendendo num negócio mais sério, aí eu sempre acabo me envolvendo em coisas mais sérias. (...) acho bom conversar com alguém que tem mais experiência, alguém que é mais velho, que tem a mente mais aberta, é tudo, eu adoro conversar com gente que tem a mente mais aberta, que são pessoas que geralmente me entendem, sabe? É bom, sabe?”

Sua afinidade com pessoas mais velhas também pode estar relacionada à dinâmica de seu desenvolvimento, que o colocava à frente das pessoas de sua idade. “*Com treze minha*

mãe levou eu na psicóloga, e fez teste lá, aí ela diagnosticou que talvez eu teria QI a mais.” Importante notar que no início da sua abertura para relacionamentos de amizade ou amorosos, R. procurava pessoas mais velhas e com mais experiência. Apesar de sentir-se despreparado e desorientado, essas experiências demonstraram a ele que poderia contribuir para o desenvolvimento e bem-estar de outras pessoas. Dessa forma, a necessidade de ser protegido, não deixa de existir (*“hoje em dia todos meus amigos são da minha idade, continuo tendo amizade com caras mais velhos, com gente mais velha (...) eu sempre senti vontade de ter alguém pra me ouvir, pra me entender, pra poder me dar um conselho (...) acho bom conversar com alguém que tem mais experiência”*), mas a de ser protetor torna-se mais premente, impulsionando o adolescente a interessar-se por pessoas mais novas.

“Ela [J. menina por quem está apaixonado] tem quinze anos, porque assim, mais velha é bom porque não tem enrolação, já é um negócio mais direto, (...) ela é um pouquinho mais assim, só que ela confia bastante em mim, ela me contou muita coisa, que ela ‘tava’ ruim e o que aconteceu com a família dela, contou pra mim, a primeira vez que eu vi ela (...) e ela falou para mim depois que ela confia bastante que apesar de ser pouco tempo que a gente se conhece ela confia bastante, eu gosto porque eu sei que ela pode confiar em mim que eu nunca vou decepcionar ela, vou fazer de tudo para proteger ela (...) V. também que ele é igualzinho eu quando eu tinha a idade dele, idêntico, a gente se dá bem pra caramba. É por isso que diz ele que ele ‘tá’ até melhor depois que me conheceu.”

A superação do sofrimento causado pela falta de amigos, dificuldade de relacionamento familiar, fatores que possivelmente determinaram sua depressão e isolamento social, demandaram, entre outras coisas, *“coragem, força, vontade de vencer”*. Vale lembrar que a persistência para vencer os problemas e dificuldades é um tema recorrente nos animês. Luyten (2000) afirma que os heróis japoneses diferentemente dos heróis ocidentais não são justiceiros, invencíveis, superpoderosos, ao contrário, são pessoas que se destacam por sua perseverança, pois lutam obstinadamente para atingirem a meta estabelecida. Dessa forma, os heróis são retratados como pessoas comuns que se esforçam para se tornarem melhores naquilo em que se determinam. Em sua história em quadrinhos o dragão, símbolo oriental que representa *“virtude, coragem, força, vontade de vencer”*, está veementemente presente. Assim como os guerreiros da sua ficção biográfica, R. tornou-se persistente, sofrendo com as adversidades da vida. Essa tenacidade está ligada a uma necessidade de superação das dificuldades.

“Sempre me foquei em desenho, sempre me foquei em música, sempre me foquei em ler, quis sempre me focar na academia pra que ser bom em alguma coisa: em luta (...) Eu ‘tava’ fazendo academia, ‘tava’ fazendo musculação, ‘tava’, eu me via mais bonito, me sentindo mais legal, mais à vontade. (...) Foi o que eu falei, focava, procuro focar naquilo que eu sei que vou me dar bem, que eu sei que tenho uma facilidade, negócio de eletrônica e outras e isso que eu pensei em fazer, faculdade de engenharia da computação, sempre gostei de mexer no computador, nunca fiz curso de computador, nunca fiz curso de inglês, sei mexer em computador, sei inglês, desenho, sei tudo isso. Cantar na época que a gente ‘tava’ com a banda, procurava saber cantar e tal, achava gostoso, sempre achei gostoso, de fazer aquela voz (urghhhh) sempre achei legal. Jogar, sabe aquele jogo de tiro Counter-Strike? Eu tinha um time, a gente disputou regional, tipo, a gente ficou em segundo, eu era o líder do time.”

Importante destacar que as habilidades de desenhar, cantar, aprender o idioma inglês e de lidar com informática foram desenvolvidas sem ajuda especializada. Sendo a base para essas aprendizagens, basicamente, a observação e a interação com as ferramentas específicas para cada habilidade (revistas de mangás, computador, videogame, animês), identificamos que R. dedicava-se ao desenvolvimento dessas habilidades à medida que novas necessidades eram criadas em sua vida, processo este constituído afetiva e cognitivamente, nas e pelas atividades por ele realizadas. Dessa forma, ao montar uma banda, na qual era o vocalista, teve necessidade de aprender a cantar, ao empreender-se na produção do seu mangá autobiográfico surgiu a necessidade de aprender a desenhar, nas tentativas de compreender as músicas pelas quais se interessava, assim como, jogar de maneira mais eficiente jogos *on line*, aprendeu o idioma inglês e familiarizou com a informática.

“Eu sempre joguei videogame, jogo on line, coisa que era tudo em inglês, poucas palavras que eu não sabia, ou então, tipo, Tibia, sabe? Eu aprendi bastante, porque nos encartes de cd tinha bastante assim, então o negócio é que eu fui procurando saber as letras das coisas que eu gosto.”

A necessidade de sentir-se bem, de aumentar a autoestima, também o impulsionou a praticar esportes.

“A academia ajudou o problema da minha autoestima (...) E eu treinava jiu-jitsu também (...) era difícil eu perder. É outra coisa que eu quis focar, eu sempre quis focar nas coisas que eu gostava de fazer e que eu sabia fazer, eu nunca gostei da minha aparência e não gosto ate hoje. (...) Eu acho muito legal, ‘da hora’ (...) que nem no jiu-jitsu,

meu professor pegou e falou que eu tinha facilidade, trabalhou jiu-jitsu (...) Fazia pouco tempo que eu 'tava' fazendo academia, uns cinco, quatro meses 'uns grandão' lá, e eu me virando, foi bom pra descarregar raiva e eu fiquei em 2º lugar no campeonato."

Dessa forma, a persistência configura-se para R. como um valor orientador extremamente positivo, sendo uma das suas características yang. Não faltam exemplos de como a persistência norteia sua vida. R. relatou que não desistirá do seu emprego, apesar dele exigir muita força física, o que lhe traz certos prejuízos à saúde.

"É isso que eu falo, eu sou chato, mas chato de persistir numa coisa. Tanto é que eu tinha aberto o meu punho e agora deu uma voltada. 'Tava' com a munhequeira e depois 'tava' com a mão enfaixada, até falaram 'tá' desmunhecando!' Mas não é fácil levantar um tambor de 105 kg no 'muque'. E eu preciso desse emprego, que nem eu falei, deu vontade de desistir, mas eu não ia conseguir [desistir]."

O sentido atribuído ao trabalho também contribui para que R. não desista de seu emprego, apesar das dificuldades enfrentadas. O trabalho foi outro determinante para a superação de suas dificuldades de relacionamento.

"Foi a melhor coisa que aconteceu, tipo, quando eu comecei a trabalhar, com quinze, dezesseis, foi aí quando começou a mudar tudo, que eu 'tô', que ajudou bastante a ser a pessoa que eu sou hoje, eu era bem diferente, nunca que eu ia fazer isso aqui [participar da nossa pesquisa] há uns anos atrás. Por vergonha, por timidez, por não confiar em você (...) Apesar de tudo, de dentro mesmo, eu sempre fui tímido, é um negócio, que nem que eu falei pra você que eu trabalhei, tinha que ir em banco, tinha que ser sociável, nossa, no início... foi aí que mudou bastante a minha vida, é, não me 'sociava' com ninguém, até coisa errada que eu via, alguém cortar, assim, a fila eu: 'deixa quieto', negócio que hoje em dia... nossa mudou bastante!"

O trabalho também vem como forma de atender à necessidade de ser bem visto pelos pais, pelas garotas que namora e como possibilidade de pagar sua faculdade.

"É a necessidade de ter um emprego pra poder pagar no futuro uma faculdade, poder ajudar em casa. Ontem eu levei a minha cesta básica pra casa, e a cesta é boa até, descontam R\$5 e vale uns R\$60 . E até me senti mais importante dentro de casa. Isso é bom e eu gosto, porque eu 'tô' aqui, né? Tenho que ajudar e tal. Minha mãe ficou contente. E eu preciso desse emprego, que nem eu falei, deu vontade de desistir, mas eu não ia conseguir por causa disso e também não ia conseguir"

por causa dela. Por que que nem, menina fica com um cara mais velho, pô, o cara tem emprego, já é outra coisa, até pra chegar nos pais. Você pode ser simpático e tudo mais, mas e aí o que você faz? ‘ah eu terminei a escola e...’ Pelo jeito que ela é, ela é super-rigorosa.”

Além disso, o trabalho aponta uma possibilidade de sair da casa de seus pais e afastar definitivamente a lembrança do sofrimento causado pelo isolamento em que se colocou, acarretado, em parte, pela interação familiar.

“Eu já ‘tava’ querendo muito sair de casa, começar a trabalhar pra sair de casa, querer trabalhar pra sair de casa, falei vou completar a maioridade, agradeço tudo que eles fizeram pra mim, mas eu não consigo viver em paz [com eles], é assim meio chatão (...) mas eu tenho essa ideia ainda quando eu me estabilizar eu quero mais é me virar e viver a minha vida, é morar numa república, alguma coisa assim.”

Junto com a necessidade de proteger-se surge o valor da desconfiança. A desconfiança é vista como um elemento de proteção, pois o afasta de determinados relacionamentos “perigosos”, mas também se torna um impedimento para o estabelecimento de vínculos de amizade. O jovem relata que a desconfiança está presente desde a sua infância e, assim como os poderes sobrenaturais dos heróis e vilões da ficção, constituem-se um instrumento praticamente infalível para avaliar as intenções humanas.

“Eu sempre tive isso, quando eu era pequenininho, eu entrando no ônibus, com a minha mãe, ‘tava’ no colo e tinha uma mulher na frente e eu odiei essa mulher, eu xingava: ‘tira eu daqui, eu não vou entrar no mesmo ônibus que ela.’ Duas semanas depois, quando a gente voltou, a minha tia contou que aquela mulher tinha sido presa, eu tinha quatro anos, três, quatro anos, eu não queria ela perto de mim, né? Eu não fui boca suja, então eu falei que não queria ela perto de mim. (...) É esse negócio de desconfiar, dizer na cara da pessoa, é, eu sempre fui assim desde pequeno e eu sempre acertei. A S., lembra, que eu falei lá, que a minha mãe me largou por causa da menina? Aí quando o Spa⁶⁰ ‘tava’ quase fechando, indo à falência o negócio lá, o Dr. M., falou lá com a mulher dele e, pessoalmente, ele ofereceu um emprego pra minha mãe começar a ‘trampá’ lá, só que como ela era mais nova foi e passou na frente da minha mãe, nunca gostei dela, não é porque a minha mãe me trocava por ela, é desde... Outra mulher lá também, amiga da minha mãe, da nossa família e tal e eu sempre ficava meio assim, a mulher é maior golpista, sabe? Não sei por que eu sempre fui assim, sempre, até que o cara do A. R [nome da escola] mesmo, um colega nosso que vivia falando pra a gente: ‘vamos sair, vamos sair e tal’, aí eu falei, viu: ‘o

⁶⁰ Spa era o local de trabalho da sua mãe.

cara, eu não sei e tal’, no fim ele ‘tava’ usando droga, entendeu? É um negócio que eu sempre tive.”

Questionado sobre como consegue realizar a avaliação das pessoas, R. disse que utiliza basicamente o “olhar”. *“Hoje em dia é assim, eu pego e olho pra pessoa, não sei como (...) sabe aquela coisa de você olhar na cara da pessoa e já saber? É a mesma coisa pra ter amizade.”* Fazer um julgamento pautando-se no “olhar” é uma característica da esfera cotidiana, visto que nela operamos realizando julgamentos prévios, antes do conhecimento da totalidade da situação ou das pessoas. Agimos fundamentados em experiências empíricas anteriores e as generalizamos para nossa vida como um todo. Esse processo é chamado por Heller (2003) de ultrageneralização. *“Toda ultrageneralização é um juízo provisório ou uma regra provisória de comportamento: provisória porque se antecipa à atividade possível e nem sempre, muito pelo contrário, encontra confirmação no infinito processo da prática.”* (p. 64-65) No entanto, observamos que R, nos primórdios da sua infância, obteve sucesso com o julgamento de algumas situações, e isso, provavelmente, foi fortalecendo esse comportamento de julgar pelo olhar. Sendo assim, essa aprendizagem passou a ser vista com uma capacidade natural. *“É um negócio que eu sempre tive.”*

R. para provar a infalibilidade desse critério de julgamento disse: *“Eu me enganei, assim, três vezes.”* Nessas situações em que seu olhar falhou, julgou positivamente pessoas que não mereciam sua confiança. Uma das situações descritas é a traição de uma ex-namorada. Segundo R. a traição desencadeou *“uma coisa muito ruim, eu guardo muito rancor, é um negócio, é difícil perdoar alguém, muito difícil.”* Esse sentimento é transportado para o seu desenho autobiográfico, dessa forma, a partir da traição da personagem amada, o herói torna-se “do mal” e toda a história toma um rumo diferenciado. *“O ápice do desenho é aquele negócio lá, você vê nos episódios, ele chorando por ela, ele lutando por ela morta, ela revive e fala que era tudo mentira, aí é como se ele perdesse a alma.”* Essa traição trouxe muito sofrimento para R.: *“é sempre assim eu tinha medo de me relacionar com as pessoas e quando eu me relaciono com a pessoa eu dou tudo de mim, isso [traição] acabou comigo.”* Uma das formas encontradas por R. para aplacar sua raiva e rancor gerados pelas mais distintas situações é a prática da luta. *“Fiz quase um ano Vale tudo, então eu descontava toda a raiva na luta, né? Ficava bem calminho. (...) Eu acho muito legal, ‘da hora’ você descarregar.”*

O “olhar” também o enganou quando julgou pessoas negativamente e ao longo da convivência percebeu que a avaliação não se confirmou. *“Achar que aquele cara lá, ele é*

meio mau, mas assim, querer se aproximar e acabar dando certo aquela amizade, já aconteceu isso, tinha um amigo que eu vivia dando chute nele na escola e hoje em dia a gente se tornou amigo.” Percebemos que a desconfiança pautada, apenas, no olhar tornava R. extremamente seletivo em seus relacionamentos, restringindo suas possibilidades de interação. Os julgamentos inadequados e a necessidade de conhecer outras pessoas flexibilizaram a crença de que apenas o olhar basta para julgar as pessoas, acarretando o estabelecimento de outros critérios.

“Hoje eu conheço, eu procuro saber certinho pra poder dar um veredicto final mesmo, né? Antes eu fazia isso só de olhar pra... Por um lado é bom esse negócio, pega e distingue as pessoas, mas... mas, por outro lado era ruim, muito ruim, que eu não tinha amizade, eu não me sentia querido, sabe?”

No entanto, apesar de considerar a possibilidade de conhecer as pessoas antes de dar um “veredicto final”, a crença, fortemente arraigada, de que o “olhar” é suficiente para julgar as pessoas, persiste. Fundamentamos essa hipótese no fato de R. não conseguir explicar claramente o que faz para conhecer as pessoas.

“Olha eu hoje em dia procuro..., eu quero conhecer a pessoa, pode ser que não vai aprontar, mas, tipo... hoje em dia é assim, eu pego e olho pra pessoa, não sei como, meu pai é assim também, pega, às vezes, até pega amizade, mas pra se safar na hora certa ou então pra livrar alguém que você sabe que vai se prejudicar. Eu sempre tive isso, desde pequenininho.”

No relato acima, percebemos que o modelo de interação paterna, também, favoreceu a produção do sentido de que a desconfiança é eficaz na orientação dos relacionamentos. Vale destacar que a figura paterna é tida como referência no que diz respeito à educação. *“Meu pai, apesar dele ser ‘cuzão’, ele é legal, tipo, ele, do jeito mais doloroso, mas ele ensina bastante coisa, (...) ele procura sempre empurrar, fazer você sempre ir calejando.”* Avaliamos que a consideração positiva dos métodos educacionais do pai esteja relacionada aos métodos, sempre eficazes, dos mestres mentores dos heróis nos animês. Geralmente, esses mestres maltratam seus aprendizes a fim de fortalecê-los, preparando-os para o combate contra o mal. Além disso, o pai compartilha, assim como R., de alguns princípios orientais. Embora

desaprove alguns comportamentos do pai, a sua descendência japonesa⁶¹ e o cultivo de alguns princípios orientais, fazem com que R. o considere um exemplo a ser seguido.

A mentira, a habilidade de iludir e magoar as pessoas, também são lembradas por R. como descritivas de sua subjetividade.

“Eu sei magoar, eu sei mentir, sei iludir, fazia muito isso, brincava e até que eu pensei ‘tá’ errado, pelo menos ao ver da maioria, que nem o filme lá da Fábrica de chocolate, ‘até eu sou comestível, mas isso não é bem visto pra certas comunidades’, se você quiser você faz, mas a maioria [não aceita].”

Novamente, aparece implícita na fala de R. o princípio do Yin e Yang, pois a mentira, a capacidade de iludir e magoar as pessoas, não são, de antemão, nem boas nem ruins, mas dependem do julgamento das pessoas que estão ao seu redor (*“tá’ errado, pelo menos ao ver da maioria, se você quiser você faz, mas a maioria [não aceita].”*) Dessa forma, mentir, iludir e magoar no contexto em que ocorreu a traição da ex-namorada, são vistos como comportamentos defensivos, imprescindíveis para aplacar o sofrimento de R. *“Aí eu fiquei com a amiga dela, na frente dela, ela ficou... aí ela falou ‘ai, pra que fazer isso?’, mas eu ‘tava’ ruim, sabe?”* Essa tendência em orientar-se, apenas, para atender às próprias necessidades, desconsiderando o sentimento do “outro” como, por exemplo, da menina usada para fazer ciúmes à ex-namorada, assim como, rejeitar o interesse da maioria (*tá’ errado, pelo menos ao ver da maioria, se você quiser você faz, mas a maioria [não aceita].*), aproxima-se de um comportamento pautado na particularidade.

R. reconhece *“Já mentiram pra mim, já me iludiram e eu não gosto e se eu não gosto que façam comigo...”*, no entanto, não fica explícito que se oriente pelo princípio da reciprocidade *“não fazer aos outros o que não quer que façam a você.”* Acreditamos que isso exemplifique a existência de significações contraditórias acerca da mesma questão. Sendo assim, apesar de considerar correto o princípio da reciprocidade, na prática R. nem sempre consegue aplicá-lo. *“Só que eu era, era não, ainda eu sou, bem menos, vingativo, pisou feio na bola, cara, pode ter certeza que aí eu vou dar em dobro, eu ‘tô’ completamente errado, mas nossa, é bem menos que antes, eu vou pagar na mesma moeda.”* Interessante notar que a vingança é um tema frequente nos animês. Nessas histórias o sentimento de vingança do herói, no qual se alicerça toda a sua trajetória, está associado ao desejo de reparar uma

⁶¹ O avô paterno biológico de R. tem descendência japonesa, no entanto, o pai de R. não conhece seu pai biológico e até casar-se com a mãe de R. não sabia da sua existência, pois foi criado pelo padrasto, cuja descendência é alemã, como seu filho natural.

injustiça brutal praticada contra sua família ou alguém muito querido. Nesse caso a vingança é revestida de nobreza que a justifica e a legitima como necessária.

Assim como sua banda preferida, *Slipknot*, canta na música *Duality*, R. disse “*Você não pode matar o que você não criou*”, aludindo ao fato de que não se pode transformar situações ou características que estão arraigadas dentro de si, como a vingança e o julgamento das outras pessoas pelo olhar. Essa percepção demonstra uma visão naturalizada do ser humano, na qual o homem é visto como pré-determinado com algumas características imutáveis. Essa imutabilidade somente pode ser alterada pelo seu criador, visto que independe das ações humanas. Outro indicativo da existência dessa crença de naturalização do humano é a justificativa dada para sua tendência de fazer piada nas mais diversas situações. “*A palhaçada ‘tá’ dentro de mim, acho que em outra encarnação eu fui palhaço de circo ou comediante. Numa delas com certeza eu fui isso aí, porque eu não tiro essas porcarias do nada.*” Talvez, fundamentado em princípios de reencarnação presentes na filosofia oriental, R. acredite que determinadas características que lhe parecem inexplicáveis sejam decorrentes de resquícios de traços de vidas passadas e como não foram ‘criadas’ por ele, não podem ser combatidas por suas ações. Essa visão naturalizada do humano esteve presente nas várias discussões em grupo, no entanto R. tendia a posicionar-se defendendo a crença de que é possível ocorrerem algumas transformações no indivíduo, apesar dele trazer consigo “algumas tendências” inatas. Percebemos a intensidade da concepção naturalizada do humano de R., pois apesar da crença na possibilidade de transformação dos indivíduos, o adolescente compartilhou da solução de que o melhor pra o futuro de nossa sociedade seria “*acabar tudo, morrerem todos e começar tudo de novo*”.

O jovem utiliza, frequentemente, o humor como meio para sair de situações difíceis ou para conquistar amigos.

“No ano passado eu fui à Japão Expo Fest (...) Eu fui, fui de ninja, eu e um amigo meu, a gente se apresentou lá no palco. Nós dois fazemos muay thai, então a gente improvisou uns golpes, ficou bacana (...) foi, foi bacana, ainda que, e comigo sempre acontece alguma coisa errada, aí eu ‘tava’ com a espada uma espadinha de plástico, né? (...) Aí no chute aéreo que a gente deu a minha espada voou e eu não vi (...) Aí eu fui tirar, de ninja tudo bonitinho, né? [e o pessoal] achando que era comédia, aí eu fui lá e peguei a espada do chão, cocei a cabeça, aí eu fiz o que eu sei fazer, ser palhaço. Ah, é assim que eu conquisto bastante gente, aí nisso tem muita, muita gente, hoje em dia, tem muito colega, tanto é que eu trabalhei com vendas, meu pai conhecia bastante gente, bastante amigo, amigo da firma que eu trabalhei,

escola então é isso, uma brincadeira que eu faço. (...) que até em briga eu zoo, sabe?”

Apesar das pessoas, de um modo geral, perceberem R. como bem-humorado, o jovem se percebe de forma diferente.

“É assim eu sou bem-humorado, assim eu mesmo, eu assim comigo sou uma pessoa muito mal-humorada, sabe ‘tá’ sempre de mal-humor, quando eu acordo eu odeio que fale comigo, odeio que fale comigo quando eu acordo, eu gosto de silêncio, pra dormir eu odeio que fale comigo, eu gosto de silêncio. (...) cara não parece, mas eu sou muito mal-humorado (...) Eu acordo sempre de ovo virado, eu odeio que falem comigo. E eu sou muito mal-humorado, apesar de brincar com todo mundo assim.”

Essa percepção de que, no seu íntimo, é mal-humorado, aproxima-se da dualidade presente no ying e yang. Parece que o mal-humor consegue ser controlado com as “palhaçadas”, trazendo equilíbrio à subjetividade de R. Esse princípio do controle do lado negro, em favor do equilíbrio do indivíduo está muito presente nos animês.

Além da capacidade de utilizar o humor para enfrentar situações difíceis, a autocura é outra capacidade de R. O jovem definiu essa capacidade de recuperação da seguinte forma: *“tem gente que tem muito poder de autocura, que nem ‘tá’ doente e se recupera rápido”* utilizando, apenas, recursos internos. Relacionado a essa questão, transcrevemos abaixo o relato de R., no qual contou sobre como enfrentou a depressão vivida recentemente.

“Eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava todo dia (...) Há um tempo atrás quase me deu de novo, só que eu fiquei pensando: não vai acontecer nada, eu não vou passar por isso de novo e tal, pensamento positivo.”

A crença no poder do pensamento positivo, utilizando-o como instrumento para curar doenças ou atrair coisas boas para a sua vida está alicerçada nos animês e no seu forte apreço pela cultura oriental que, de um modo geral, considera a intuição e o poder da mente como fontes de desenvolvimento do ser humano; apóia-se, ainda, na consideração das orientações paternas.

“Pensamento positivo, que é um negócio que eu e meu pai, a gente tem bastante, assim, que realmente a gente consegue, tudo certinho (...) É um negócio que é o subconsciente, eu acho que tem a ver, esse negócio de energia positiva, pra ver o que vai dar certo, tem tudo a ver, né? Eu

acho bom, tem o negócio meio oriental, meu pai sempre carregou isso e me passou, sabe?”

A crença de que o pensamento positivo e outras técnicas de autoajuda podem curar e conquistar o sucesso pessoal e profissional está amplamente presente na esfera cotidiana de nosso tempo. Livros de autoajuda com receitas de como usar “poderes internos” figuram a lista dos mais vendidos e, a cada dia, surgem mais autores com fórmulas mágicas, prometendo que o sucesso só depende do indivíduo, basta ser otimista e utilizar lados adormecidos do cérebro. Muitas dessas “teorias do sucesso” trazem, entre outros elementos, argumentos parcialmente científicos para justificar suas afirmações. No entanto, ao se apropriarem de parte de formulações científicas, destituem suas “teorias do sucesso” de qualquer possibilidade de comprovação da ciência. Tornam-se ideológicas, pois embora seus argumentos partam de elementos com credibilidade científica, omitem, distorcem e os decompõem em princípios totalmente distintos, transformando-se numa pseudociência, que apregoa a possibilidade do aumento da capacidade de ter, comprar e possuir. Não podemos deixar de mencionar que se trata de um “pseudoconhecimento” muito pertinente num mundo regido pelo neoliberalismo, em que o indivíduo é visto como livre para obter sucesso e se este não se concretiza, deve-se, portanto, a dificuldades e falhas no próprio indivíduo, desconsiderando-se, assim, a totalidade concreta em que ele está inserido. Identificamos que R. não escapa dessa determinação e atribui a conquista de seu atual emprego à força do pensamento positivo.

“Pensamento positivo, que é um negócio que eu e meu pai, a gente tem bastante, assim, que realmente a gente consegue tudo certinho, até que a minha mãe fala: ‘ai, fala que você vai achar uma nota de R\$100 que você consegue’. Eu e meu pai sempre, nossa, na K. [empresa em que trabalha], a semana em que me chamaram, eu já tinha feito o teste lá, eu pensei: ‘seria bom se me chamassem’, dois dias depois eu comecei a trabalhar. Meu pai também, ele vende moto: ‘bem que eu podia vender uma Twister, tal’, daí ligam pra ele: ‘viu, eu vi seu panfleto que você deixou comigo no ponto de venda.’”

O adolescente descreve-se como “altamente seletivo”, tanto pelo uso de seu “olhar” avaliador, descrito anteriormente, quanto pela eleição de um perfil ideal de amigos.

“Porque a maioria das pessoas tem mente fraca, se você se mostra mais forte em certo assunto, em certa opinião, a pessoa acaba seguindo você. Ou então a pessoa resiste ou impõe a sua ideia, mostra

um outro lado que você não viu, geralmente, esses são os meus amigos. Gente que não vai na minha ideia, pega vê um lado que eu não vi e me ajuda. Amigo meu tem que ser assim.”

Essa seletividade, por meio da eleição de determinado perfil para o estabelecimento de amizades, está intrinsecamente ligada à necessidade de obter referências valorativas por meio de amizades, mas relaciona-se, principalmente, a outro determinante de suas escolhas: a reflexão.

“Eu nunca vou pelo que os outros falam, eu sempre procuro ver um outro lado. (...) É isso que eu procuro fazer, ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante. É mais difícil, você sofre mais, porque nem todo mundo concorda, você vive em conflito, toda hora você tem que fazer escolhas, pelo menos pra mim, toda hora eu tenho que fazer escolhas.”

Realmente a todo o momento temos que realizar escolhas, no entanto nem todas as escolhas de nosso cotidiano exigem o exercício da reflexão. Como dissemos anteriormente, usamos ultrageneralizações, muitas vezes, estereotipadas para orientar nossas ações, a fim de manter a dinamicidade e urgência cotidiana. Contudo, esse tipo de orientação quando utilizada em situações que ultrapassam a esfera cotidiana torna-se alienada, pois diminui a possibilidade de apropriação consciente dos determinantes da realidade e das escolhas. Analisamos que R. esforça-se por refletir sobre as suas escolhas, buscando seus determinantes e suas consequências. *“Todo negócio eu procuro saber até pra jogar na cara de quem gosta, isso eu não gosto, é, até gosto, quer provar ‘fala então’, o que eu gosto e o que eu não gosto eu procuro saber, entender.”* Isso nem sempre é tarefa fácil, como ele próprio reconheceu:

“É isso que eu procuro fazer, ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante. É mais difícil, você sofre mais, porque nem todo mundo concorda, você vive em conflito. (...) É muito mais fácil pra você, você acordar de manhã, você ir trabalhar, ir aceitando o que a turma fala, porque você vê que não muda nada, na pior das hipóteses você vai morrer, porque você vai trabalhar, vai voltar pra casa, vai comer, se você é casado ou não, rotina é aquilo lá, ou então você é Emo, daí você acorda com aquele cabelo bem louco, (...) então é muito fácil acordar de manhã, pegar, ligar o computador, ver o NX0 lá, e ver que a sua vida é muito ruim de pensar naquilo, de querer sofrer, daí pega chora de manhã, daí vai lá passa uns ‘barato’ no cabelo pra ele ficar no queixo, aí com aquelas roupas xadrez bem lindas, parece um corvo com aneurisma, daí pega e sai com os colegas pra ir não sei onde, é mais fácil e eu não gosto de nada fácil (...) O moleque não ‘tá’ com vontade de fazer aquilo, ele faz porque ele quer ser Emo, a mídia

impôs isso. Apareceu, existe, 'ah então eu vou ser emo.' Uma pessoa que tem ideia na cabeça, que pensa não vai ser emo, não vai se propor a fazer isso aí, esse papelão."

A prática de refletir sobre diversos pontos de vista rompe com a estereotipia, com o rotineiro e põe em xeque o paradigma cotidiano que valida como verdadeiro o que é aceito pela maioria. *"Negócio de sociedade, você tem que 'tá' dentro dela, você tem que fazer parte, mas não quer dizer que você tem que seguir tudo aquilo que a turma fala, quer dizer que a gente não tem que seguir regras, toda regra tem sua exceção."* A reflexão provoca a instalação do conflito, rompe com o pragmatismo do cotidiano e possibilita a abertura para uma suspensão cotidiana. Sabemos que esses momentos não são rotineiros, pois exigem a concentração total de energia na realização de determinada tarefa, a liberdade (relativa) de escolha e consciência das suas consequências. Apesar da escassez desses momentos na vida da maioria das pessoas, acreditamos que R. apresente indicativos de que realize, se não suspensões cotidianas completas, suspensões parciais, de modo que essas experiências reflexivas determinam a constituição do sentido da escolha que *"procura ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante."* Segundo Heller (2003)

"Decisões desse tipo já transformam, mais ou menos amplamente, o homem inteiro, apresentando efeitos posteriores: embora sem predominar, manifesta-se já a homogeneização que abre caminho para o humano genérico: nesse ponto, tem início a 'saída' da cotidianidade, sem chegar a consumir-se." (p. 45)

O adolescente tem consciência de que se diferencia, nesse aspecto reflexivo, de muitos jovens de sua idade.

"O S. vai no grupo mais fácil. 'Vou andar com os caras tal, que assim eu vou ficar mais bem visto.' Não tem personalidade. Eu não, vou andar de tal jeito, se as meninas acharem legal é bônus pra mim, agora se não acharem também, se eu 'tô' me sentindo bem, nada a ver."

Dessa forma, interpretamos o fato de R. ter poucos amigos verdadeiros, não como um mero clichê, pois o amigo verdadeiro para R. não pode ser alguém que "vá no mais fácil", uma vez que tem que eleger a reflexão como orientadora das suas ações. Acreditamos que não tenha encontrado muitas pessoas que não escolham o "caminho mais fácil" e que, portanto, aceitem entrar em conflito ao realizarem suas escolhas.

“Eu era altamente, altamente seletivo, ainda sou, pra amizades, porque amigos, assim, eu tenho vários, vários (...) mas pessoas que eu posso confiar, aí são poucas (...) Procuro achar essas pessoas que pensam igual a mim pra poder ‘tá’ perto de mim, que sempre uma coisa que outro já passou e eu não passei pode me ajudar.”

Esse processo de reflexão, em alguns momentos, é visto por R. como prejudicial, pois acarreta certo desassossego mental, além de alguns constrangimentos.

“Foi o que eu falei, que eu tenho dificuldade, que vem muita coisa na cabeça, eu não consigo parar pra ver o que eu tenho pra dizer pra mim mesmo, é estranho, mas é isso aí, sabe? Tem hora que, no meu almoço, eu tenho 1 hora, aí eu vou descansar ou eu vou pensar naquilo pra, só que daí começa vim um negócio, ‘puts’ eu vou receber, daí eu vou comprar um negócio que eu ‘tô’ precisando, aí é tanta coisa que vem que eu não consigo, aí quando eu vejo já ‘tá’ na hora de voltar, é o que eu falei pra você, viver como todo mundo é muito mais fácil, só que eu não consigo. (...) Eu sempre fui assim, muito avoado, eu pensava numa coisa tal, e acabava não percebendo no que eu ia fazendo, aí, quando eu ia ver, já aconteceu, até tem gente que fica louca comigo, porque fala, fala, fala comigo e eu ‘tô’ ‘an, an, an.’ Teve um amigo que falou que ficou 5 minutos falando comigo, me chamando, e cutucando no ponto de ônibus lá e eu nem aí. Daí eu falei pra ele: ‘desculpa, meu, você quer um abraço, quer um beijinho’ mancada, né? Daí falam: o cara é ‘cuzão’. É isso, né? Eu sou avoado por causa disso. Eu não consigo processar, eu não consigo fazer o que eu quero.”

O sentido acerca da reflexão é contraditório, pois da mesma forma que disse que não “vai pelo caminho mais fácil”, também deu exemplo em que desistiu de realizar o exercício da reflexão. R. frustrou-se ao não conseguir chegar a nenhuma conclusão quando se empreendeu a refletir sobre determinados aspectos religiosos.

“Fui buscar o que era Deus, o que era religião, fui buscar qual era a ideia de Deus e o que ele representava, o porquê da gente existir (...) Porque sempre foi assim, quero porque quero entender, um tempo atrás eu ‘tava’ querendo entender essa questão de religiosidade, eu ‘tava’ atrás de todas as igrejas que tinha colega, eu ia pra ver como que é, eu ‘tava’ procurando uma religião, tenho fé em Deus, atualmente não tenho uma religião fixa. (...) Ah, isso foi ajudando a eu procurar saber menos.”

Importante destacar que após R. apaixonar-se por J., essa questão da religiosidade parece ter tomado outro rumo. Segundo o relato de R., J. adota princípios da religião evangélica, os quais o jovem está disposto a aceitar e compartilhar, para que o namoro entre

eles se concretize. *“Ela ainda que está meio assim por causa da religião, ela é evangélica, então tem um monte de coisa que impede, só que eu estou disposto a tudo pra ficar com ela, conhecer a igreja, ir lá, tudo mais.”* Analisamos que nessa situação o forte determinante é a emoção, estando a reflexão em segundo plano.

Diante dos aspectos negativos da reflexão (afastamento de seus pares, impedimento de ações eficientes no cotidiano, desencadeamento de um tormento mental) percebemos que R. está num processo de ressignificação do papel da reflexão.

“Mas é sei lá, é isso só, de um tempo pra cá foi mudando, fui crescendo, fui aceitando mais as coisas e eu fui procurando não entender, porque quanto mais a gente procura resposta pra tudo, a gente fica louco.”

Esse movimento de “procurar não entender e aceitar as coisas”, à medida em está “crescendo”, converge com a posição de R. na discussão travada no grupo, de que a juventude é um período em que ainda é possível ter atitudes de contestação, contudo, ao longo da vida adulta, essa atitude vai esmorecendo.

“Deve ter um monte de gente adulto que quando era da nossa idade pensava do mesmo jeito, acho que é a sociedade onde você convive que muda os seus princípios assim (...) A gente se conforma com o tempo, tem que se conformar.” (Q.) “Então é a mesma coisa assim, se acostumem a ter regras, se acostumem a ser do jeito que a sociedade impõe (...) E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram, entendeu?” (L.)

Sabemos que uma dose de conformidade é requerida para mantermos nossa sobrevivência, pois para que seja possível estabelecer relações com outras pessoas, precisamos nos orientar por normas e regras sociais. (Heller, 2003) No entanto, acreditamos que essa ressignificação do papel da reflexão indique que a totalidade concreta em que R. está inserido favoreça modos de pensar, sentir e agir massificados, em que a reflexão torna-se desnecessária, abrindo caminho para a instalação do conformismo. Heller (2003) diz que a

“Conformidade converte-se em conformismo quando o indivíduo não aproveita as possibilidades individuais de movimento, objetivamente presentes na vida cotidiana de sua sociedade, caso em que as motivações de conformidade da vida cotidiana penetram nas formas não cotidianas de atividade, sobretudo nas decisões morais e políticas,

fazendo com que essas percam o seu caráter de decisões individuais.”
(p. 67)

A escola constitui-se como um dos elementos pouco favorecedores da reflexão dessa totalidade concreta. Segundo R., na escola “*você aprende a ser cidadão, a ter uma certa ética, a cumprimentar, a ser educado, a ser sociável pra poder falar, agora, pra vida assim, porcaria nenhuma.*” O jovem considera que a “*a escola, tirando as amizades que eu fiz, que mudou bastante, não me ajudou em nada.*” Descreve, ainda, algumas situações escolares que reforçam algumas hipóteses, levantadas anteriormente, sobre a dinâmica escolar vivenciada ser pautada, fundamentalmente, na cópia de conteúdos e dispor de poucos espaços e situações que favoreçam a reflexão e a discussão.⁶²

“Em inglês, eu não fazia nada chegava na hora eu tirava 10, eu pronunciava melhor que ela [professora] um monte de coisa, todo mundo falava: ‘vai lá na frente’, ela pegava e me dava 2, aí: ‘viu 10 aqui, nos trabalhos tudo 10, só porque eu não copiei o negócio’, eu odeio copiar, se eu leio, eu entendo, não tem que copiar, eu odeio escrever. (...) [sobre a professora substitua de geografia] Daí entrou um lixo lá, ela passava a matéria, eu não copiava nada e chegava na prova tirava 10, e ela tinha que ficar quieta, ela olhava pra mim e falava: ‘você colou, né?’, eu falei: ‘você quer que faça a prova aqui na sua frente da próxima vez?’ É um defeito meu, eu sou muito de enfrentar na hora errada, mas eu não aguento. Com essa profa. nova de geografia, ela falou pode fazer, daí eu peguei respondi até o que não tinha que responder na prova, só pra mostrar e ela: ‘é, mas procura fazer lição’ ‘tá’ bom pode deixar’. Ai eu fico louco com essas coisas.”

Apesar dessas situações, alguns professores são lembrados como pessoas determinantes no aprendizado “*tirando aqueles professores que, 1,2 ou 3 que ensina mesmo, ‘tá’ sempre te dando conselho, te dando um toque, tirando eles, que é professor mesmo.*” Entre esses professores R. destacou a primeira professora de geografia do 3º ano do ensino médio.

“A professora de geografia, a E., foi a que realmente mais... ela mudou bastante coisa, ela me dava conselho, ela me ajudava. Ela despertava o interesse no assunto, política e também coisa de planeta. (...) E na geografia que ela foi passando, foi me ajudando e ela passava realmente o que a gente usava, que nem, sabe o PIB, essas coisas, era uma matéria atual que ajudava a entender o mundo e, realmente, enquanto eu ‘tava’ tendo a matéria, eu entendia até ela sair. (...) Tanto

⁶² Vide Núcleo 1 da análise individual do sujeito D e o Núcleo 2 da análise das discussões grupais.

é que a professora de geografia eu não copiava a lição, eu trocava ideia com ela, tanto é que eu sempre tirei 10 na prova, raramente eu recebi um 9,5 ou um 8.”

O relato de R. sugere que o método utilizado pela profa. de geografia, E., era mais produtivo que o de copiar o conteúdo, pois possibilitava a “troca de ideias” que lhe permitiam compreender o mundo em que vive. No entanto, não temos elementos para avaliar porque essa aprendizagem não permaneceu após a saída dessa professora da escola (*era uma matéria atual que ajudava a entender o mundo e, realmente, enquanto eu ‘tava’ tendo a matéria eu entendia, até ela sair*). Porém, percebemos que essa situação denuncia que a alta rotatividade de professores prejudica o processo ensino-aprendizagem. Por meio do relato de R. e da coordenadora pedagógica percebemos que, assim como, em outras escolas públicas a escola de R. passa pelo problema da alta rotatividade de professores, situação que prejudica a continuidade do planejamento pedagógico. Na escola de R., no mesmo ano, em alguns casos até, no mesmo semestre, alterou-se o quadro de professores das disciplinas: geografia, filosofia e matemática.

R. percebe que aprende mais com a “troca de ideias”, que com a cópia de conteúdos. Mais que uma reflexão acerca dos métodos pedagógicos utilizados, analisamos que o jovem acredite que isso se deva ao fato de ter inteligência acima do normal. *“Com treze [anos] minha mãe levou eu na psicóloga, e fez teste lá, aí ela diagnosticou que talvez eu teria QI a mais, aí fez teste de raciocínio, aí eu fiz, aí constou que deu um pouco acima.”* Isso justificaria a facilidade que tem de aprender sem “fazer lição”, “copiar” ou “estudar para as provas”. Outro elemento que reforça nossa hipótese está na seguinte fala: *“Nossa, o pessoal da minha classe era excepcional, assim, os mais tranqueiras eram eu e o S., de não fazer lição ficar conversando e chegar na hora tirar nota.”*

Esse comportamento de conversar e não realizar algumas atividades se deve, entre outras coisas, ao fato de ser rotulado pelos alunos de CDF⁶³.

“Eu sempre fui CDF, eu sempre me dediquei, eu sempre fui o melhor aluno da classe, e sempre me zuavam, aí eu cansei, agora eu parei, larguei, sempre tirei nota boa, mas não tomava a frente do jeito que eu tomava, só quando tinha esse negócio em grupo, aí falavam: ‘vai R.’, ‘você vai falar’, não nunca liguei, sempre gostei de expor as minhas ideias, é isso.”

⁶³ CDF ou *Nerds* são apelidos dados aos alunos dedicados ao estudo e com excelente desempenho acadêmico, geralmente com um tipo físico fora dos padrões de beleza (excessivamente magros ou obesos, usam óculos com lentes grossas) que por se diferenciarem do grupo dos “populares”, geralmente, são vítimas de humilhação e agressões físicas.

Interessante ressaltar que nos grupos de discussão a descrição que fazem sobre as pessoas “boas”, demonstra que essas se assemelham ao perfil que comumente se traça dos CDFs ou “nerds”. Nessas discussões concluíram que as pessoas “boas” normalmente se interessam pelo coletivo, no entanto, ao se engajarem em causas para o bem de outros, sofrem consequências negativas. Talvez a “aceitação de certas coisas”, de que fala R., se deva, também, a essas consequências negativas (“*eu já me ferrei tanto por causa disso*”), enfrentadas nos mais diversos âmbitos de sua vida.

Nesse núcleo tentamos, por meio do exercício analítico, apreender a gênese dos determinantes da subjetividade de R. Inicialmente, havíamos organizado, assim como nas análises dos grupos de discussão e do sujeito D., vários núcleos para apresentarmos os diversos aspectos interpretados. No entanto, optamos por integrar esses conteúdos num único núcleo, visto que estes, ao serem destacados e integrados no todo, se mostraram extremamente interligados, de forma que a separação comprometeria a compreensão das interpretações, assim como a profundidade das discussões. Dadas estas explicações, apresentaremos de forma sintetizada os principais aspectos encontrados nessa análise. Estes se referem à constituição da subjetividade de R. sob os signos dos animês, da música, das dificuldades de relacionamento familiar, da depressão e do isolamento social do jovem em decorrência desses últimos. Descrevemos o surgimento e a coexistência das necessidades de se constituir como protegido e protetor, assim como os meios encontrados pelo jovem para satisfazer a tais necessidades. Identificamos, ainda, o papel que a reflexão, assim como, o de outros valores, como a persistência e a amizade ocupam nas escolhas de R. Ficou explícito que R. busca o equilíbrio entre os aspectos considerados positivos e negativos da sua subjetividade, assim como, percebemos que o seu bem-estar está intimamente relacionado à necessidade de proteger e ser protegido pelos seus relacionamentos interpessoais. Gostaríamos de encerrar esse núcleo com um trecho da entrevista de R. que consideramos emblemático da sua singularidade. “*Se você não tiver um foco pessoal pra direcionar tudo, pra que que você vai ter dinheiro e se formar? Uhu eu sou fodão! Não tem porque você se sacrificar e não ter ninguém pra dividir isso. (...) Eu só quero alguém pra dividir meus sonhos e minhas conquistas.*”

Considerações Finais

Com o objetivo de analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, apresentamos nesse último tópico de nossa pesquisa, um esforço analítico para articularmos as análises dos grupos de discussão com as interpretações das entrevistas individuais. Nesse processo de articulação, constatamos que o conhecimento adquirido por meio das entrevistas com os dois jovens permitiu uma melhor compreensão dos movimentos e contradições vividos por eles no grupo de discussão. O movimento reverso também se produziu, visto que a análise da situação de grupo permitiu-nos compreender melhor alguns elementos surgidos nas entrevistas individuais. Dessa forma, não pretendemos, a seguir, apresentar uma síntese dos principais elementos analisados, mas sim produzir um ensaio analítico que demonstre como a compreensão da constituição da dimensão subjetiva possibilita o entendimento do movimento peculiar do sujeito no grupo, assim como, evidenciar de que modo a compreensão dos movimentos grupais nos auxilia na compreensão das subjetividades individuais. Vale lembrar, como descrito anteriormente, que esse processo de integração consistiu num movimento analítico que partiu do todo para o particular e do particular para o todo. Nesse movimento, recorreremos às informações analíticas da singularidade que auxiliaram a compreensão da participação do sujeito no processo grupal, assim como, às análises dos processos grupais que permitiram a compreensão da singularidade daquele sujeito.

Dessa forma, as análises dos núcleos de significação do grupo de discussão e das entrevistas individuais nos permitem dizer que os sujeitos da pesquisa apresentam uma visão naturalizada do ser humano. A concepção de infância desses sujeitos traz implícita a noção de que a criança é tomada por instintos apriorísticos, corruptíveis, necessitando, assim, de uma intervenção externa, que pode ser da família ou da educação de um modo geral, que favoreça o desabrochar de suas potencialidades internas. Fica explícita esta concepção ao lembrarmos da crença de R. de que todos temos um lado negro e outro branco; no entanto, devemos esforçarmo-nos para atingir o equilíbrio entre eles, pois as “características negras” precisam ser superadas e transformadas, a fim de garantir o bem-estar do indivíduo. Assim como, na percepção de D. , em que a família é responsável pela transmissão de premissas morais, consideradas por ela necessárias para todo indivíduo, como não matar, não roubar, não julgar etc.

Além disso, da análise das discussões em grupo, apreendemos a crença de que há

indivíduos portadores do bem e outros portadores do mal, reafirmando a crença da existência de uma 'essência' apriorística que determina o caráter e as escolhas do homem. Importante destacar que R. vislumbra a existência das duas naturezas, mas a ideia de uma natureza pré-existente permanece. D. mencionou que tem "uma coisa sua" anterior às suas escolhas que as determinam. "Essa coisa" determina tanto a escolha de um parceiro amoroso, como uma escolha profissional. Tentando escolher adequadamente uma profissão, D. recorre aos testes vocacionais, acreditando que estes instrumentos "captariam" sua suposta essência, orientadora de suas escolhas. Tanto R., como D. apontam a existência de uma capacidade quase instintiva de escolher as relações pautando-se no "olhar". Analisamos que essa capacidade de escolher utilizando apenas o olhar, indica a existência da crença de que o homem carrega em si algumas pré-determinações inalteráveis, das quais não pode escapar, tratando-se, portanto, da crença de um homem naturalizado. O indivíduo parece, então, ter poucas possibilidades de modificar-se diante desse conteúdo apriorístico. R. considera que essa impossibilidade de transformação deva-se ao fato de que só é possível transformar aquilo criado por você mesmo, visto crer que o homem seja uma criação divina, não pode ser transformado, exceto por Deus.

A fatalização também surge quando concebem o homem como sendo totalmente determinado pelo meio em que está inserido. Isso fica evidente quando citam que a mídia é uma forte influência negativa, não podendo servir senão, para a constituição da alienação do homem. R. acredita que a televisão, nos tempos atuais, seja extremamente prejudicial ao desenvolvimento humano. D. relatou que pessoas, quando expostas aos conteúdos ruins da mídia, tornam-se "cabeças fracas", pois esses conteúdos são de tal forma impingidos ao indivíduo, que este não consegue rejeitá-los. Sendo assim, desconsideram o movimento do homem na relação homem-mídia, como se o indivíduo não pudesse exercer a reflexão e o questionamento sobre aquilo que vê e ouve, como se fosse, portanto, um ser passivo frente à realidade. Importante destacar que D. e R., ao analisarem essas determinações nas entrevistas individuais, apresentam posições diferentes das apresentadas no grupo. R. ao mencionar a "influência" da TV na sua vida, analisa que na infância, a mídia exercia "influências" positivas, contudo, atualmente considera que a mídia é prejudicial ao indivíduo. Percebemos que o jovem acredita que independentemente da qualidade dessa "influência" midiática, ela afetará diretamente a vida do indivíduo, sem que a subjetividade exerça mediação para o estabelecimento desse processo. D., por sua vez, em alguns momentos da entrevista individual dá indícios de flexibilização na crença de que a mídia é apenas interiorizada e que, portanto, dispensa o movimento psicológico do sujeito.

Verificamos, também, que o grupo de adolescentes percebe o homem como totalmente

determinado pela realidade externa, quando trazem a ideia de que todos têm que se conformar com a realidade, visto que sempre foi assim no processo histórico. Naturaliza-se o homem e o social, como se a história já estivesse pré-determinada, independentemente da ação humana e da relação do homem com a totalidade social. Diante da concepção de homem naturalizado, como ficam as questões relativas às mudanças sociais? Os jovens desta pesquisa percebem a necessidade de algumas mudanças sociais, no entanto, não conseguem visualizar formas concretas para sua efetivação. De um modo geral, o grupo recorre a iniciativas individuais para a implementação de ações que levem à mudança, como, por exemplo, economia doméstica do uso da água, para combater a degradação ambiental. Ainda restringindo-se ao âmbito individual, R. tenta proteger as pessoas que estão ao seu redor e D. diz-se solidária. As possibilidades de transformação social são, ainda, legadas a uma entidade abstrata, como o Estado ou políticos. R. deposita na implementação de um regime ditatorial a possibilidade de resgatar a tradição e, assim, modificar o mundo em que vivemos. D. em alguns momentos atribui a um ser abstrato e sobrenatural a única possibilidade de transformação da realidade. Nessa situação o homem não é visto como agente sobre o meio em que vive e o mundo parece ser regido por leis criadas por uma instituição abstrata ou sobrenatural que independem da ação humana. Desconsidera-se, portanto, a relação dialética de determinação homem-mundo. Ao permanecerem nas iniciativas individuais ou delegarem essa responsabilidade a entidades abstratas ou sobrenaturais, as soluções pensadas não abrangem os vários determinantes para a constituição da atual realidade e, conseqüentemente, os para a sua transformação. Dessa forma, não aparecem na discussão dos sujeitos elementos que vão além da aparência dos problemas, que revelem suas contradições. A absolutização dessa crença favorece a alienação da vida cotidiana, visto que os homens assumem como naturais e imutáveis situações que poderiam ser transformadas pelas suas ações. A mudança também é vista como um processo linear e sem contradições, de modo que o novo não pode coexistir com o já existente, assim como o já existente não pode gerar o novo. Sendo assim, a melhor solução identificada pelo grupo para resolver os problemas sociais seria “acabar com o mundo e começar tudo de novo”.

Essa percepção de que deveriam existir mudanças, mas, que na prática, dificilmente se efetivam, deve-se a subjetividades que estão sendo constituídas frente a condições sociais e econômicas, tanto as mais amplas, quanto as mais restritas, que impelem o indivíduo a atuar, predominantemente, no âmbito da particularidade, em busca da sobrevivência imediata. O indivíduo, ao focalizar suas energias para atender ao imediato, naturaliza a vida cotidiana, ou seja, perde a noção de processo, da construção histórica do presente e do futuro, não se

percebendo parte integrante deste movimento de constituição da realidade. A manutenção das necessidades particulares, de que todos os indivíduos são portadores, demanda grande parte das energias do homem, acarretando assim uma diminuição da reflexão sobre as consequências dos seus atos e sobre os valores adotados em suas ações. Isso gera uma moral alienada, ou seja, a interiorização de valores distintos, que coexistem harmonicamente, sem provocar conflitos e questionamentos no indivíduo. Nesse processo, em que a busca pela subsistência consome boa parte do tempo e das energias desse indivíduo, o grupo percebe o individualismo como a forma mais adequada para enfrentar essas condições adversas. Visando atender somente às necessidades particulares, o indivíduo orienta-se de modo cotidiano, em que a não-reflexão é característica principal, em situações em que se exige uma escolha consciente e a assunção das consequências das mesmas. A necessidade do “eu” sobrepõe-se à “consciência do nós”, sendo portanto, considerada válida a adoção de valores que aviltem uma coletividade, mas que ao mesmo tempo contribuam para a manutenção da sobrevivência do “eu”.

Ao orientarem-se mais sob a égide da particularidade, que da individualidade esses adolescentes produzem significações em que a democracia e os interesses de uma coletividade são valorados como ideais, porém não aconselháveis, visto que envolvem riscos das mais diversas naturezas, desde a perda de um emprego, até mesmo à perda da garantia da própria vida. Disso decorre o pouco interesse desses adolescentes pelo coletivo, pois aqueles que o fazem sofrem consequências negativas ao apresentarem comportamentos democráticos, pacificadores e engajados. R. relatou que ao posicionar-se, no seu trabalho, em favor de uma amiga que estava sendo, injustamente, acusada, foi demitido. Assim, insere-se o medo nas significações sobre a realidade e torna-se o norteador das escolhas nos mais diversos âmbitos da vida dos adolescentes dessa pesquisa. Vale ressaltar que o medo está pautado numa situação cotidiana real, visto que essa violência não é uma possibilidade remota, mas parte integrante do cotidiano desses jovens. Vale destacar que até mesmo R., um dos únicos a pensar de forma diferenciada no que se refere a posicionar-se em favor de outra pessoa, também é afetado pelo sentimento de medo, pois apesar de exemplificar vários episódios em que se comportou em favor de outros, na situação em que o colega L, foi agredido por ser homossexual, reconheceu não se posicionar em seu favor por temor. Isso remete-nos a pensar que o grupo aproxima-se mais do âmbito da particularidade, que do da individualidade, pois nessa disputa entre o “querer fazer”, o “poder fazer” e o “dever fazer”, na idealização predomina o “querer”, mas na prática prevalece o “poder”.

Sabemos que as nossas condições são pouco favoráveis para a constituição do humano-

genérico, como diz Singer (2005), pois antes de contribuir para alguma mudança, a juventude precisa ser ajudada. Contudo, diante das restrições, é possível e necessário que o indivíduo compreenda e se aproprie dos determinantes das situações coercitivas e opressoras e isso, de alguma forma, proporciona uma elevação da particularidade para a individualidade, embora em grau restrito. Frente a essas condições concretas de existência, o indivíduo, a fim de garantir a sobrevivência, tende a atuar mais no âmbito particular. Constituem-se, portanto, subjetividades em que a individualidade, ou seja, a busca pelos interesses coletivos mais amplos, tem pouco espaço de efetivação. Sendo assim, fomenta-se um terreno propício para a naturalização do humano e dos determinantes sociais, desconsiderando a historicidade envolvida nesse processo. Dessa forma, não nos surpreende que se observe no grupo a crença de que individualismo é a melhor resposta, assim como, a de que o esforço próprio é capaz de garantir a ascensão social, ou ainda, a de que haverá uma “solução mágica”, independente da mobilização da sociedade.

A família e os amigos são lembrados pelo grupo como determinantes de suas escolhas. A família é vista como uma instituição com grande força moralizadora, no sentido de ensinar o adequado cumprimento das regras sociais. Importante destacar que tanto D. quanto R. não atribuem a eleição de seus valores norteadores à família, mas gostariam de ter tido a instituição familiar como referência. D. fala que aprendeu com a família o básico, como dito anteriormente, princípios como não matar e não roubar. A adolescente julga que sua família é incapaz de oferecer orientações para sua vida, devido à suposta ignorância do pai e do isolamento social em que ele se coloca. R. disse que a família pouco contribuiu para o desenvolvimento de suas referências valorativas, restringindo-se a ensinar as regras para ser um bom menino. Identificamos que o grupo tem um papel importante na constituição dos adolescentes da pesquisa, principalmente, no que se refere à adoção de valores e condutas distintos dos de suas famílias. Os grupos de pares parecem ser determinantes na constituição da subjetividade de D., visto que a adolescente encontra nesses agrupamentos a possibilidade de diferenciar-se de seu pai. Para R. os grupos configuram-se em motivo, ou seja, são significados como sendo capazes de atender suas necessidades de ser protegido e de ser protetor.

A significação da adolescência do grupo também traz em seu bojo a ideia de um homem naturalizado, que tem uma essência que o predestina a ser problemático nessa etapa do desenvolvimento, assim como, percebem o adolescente como um ser despreparado para assumir-se como protagonista social. D., fazendo menção a sua adolescência, diz que não foi uma jovem problemática e R. não viveu uma adolescência “normal” porque sempre foi “meio

adulto para sua idade”. Apesar de D. e R. trabalharem, exercerem o direito ao voto na escolha de representantes políticos, de se engajarem em movimentos musicais e de realizarem diversas atividades consideradas do mundo adulto, a ideia de adolescência como despreparo persiste. Sobre o significado da adolescência para esse grupo, cabe ainda destacar que, concomitante à ideia de que a adolescência é um período de preparação para o exercício social está a de que, exatamente por isso, os adolescentes podem realizar ações de reivindicações de mudanças, visto que ainda não têm um status social valorizado a pôr em risco. Dessa forma, R. um dos únicos a apresentar algumas ações em favor de outro, disse que tem procurado aceitar as "coisas" à medida em que está “crescendo”. Outro aspecto a ser destacado sobre a significação da adolescência nesse grupo é a percepção de que as gerações jovens passadas eram mais conscientes e participativas que as dos tempos atuais. D., por exemplo, tem como referências musicais apenas artistas de gerações passadas, considerando que apenas eles eram capazes de produzir boa música. R. lembra dos Caras pintadas como símbolo de contestação. Essa percepção é ideológica, pois alguns grupos minoritários de jovens do passado são tidos como expressão de toda uma geração. É igualmente ideológica ao transmitir a mensagem de que, apesar de existir uma juventude contestadora, esta não é capaz de mobilizar mudanças efetivas, visto que se vive hoje num contexto social repleto de situações que necessitam ser modificadas. Isso reafirma a naturalização dos acontecimentos, das relações e das condições sociais, deixando implícita a ideia de que, independentemente da ação humana, o mundo seguirá um curso pré-determinado.

Associada a essa concepção naturalizada de indivíduo, encontramos a crença numa concepção liberal de homem, a qual acredita que o oferecimento de oportunidades proporciona igualdade entre todos os indivíduos de uma sociedade, tornando-os, portanto, aptos para o sucesso. O estudo, nessa conjuntura, aparece vinculado a uma concepção liberal de homem, pois se constitui como a principal ferramenta para garantir a igualdade de oportunidades. Nesse contexto o desemprego é analisado como uma falta de competência individual e não como um problema social. Essa crença na falta de competência individual pode ser percebida, não apenas como uma inabilidade para exercer determinada função, mas, como aponta D., na incapacidade de escolher acertadamente uma profissão. Em ambos os casos persiste a ideia de que está no indivíduo a falha e não no social e reforça-se a crença de que o estudo e o esforço pessoal bastam para conquistar o almejado sucesso profissional. Disso decorre a confiança exagerada depositada na educação, que é vista como o grande instrumento para a ascensão pessoal. Visando ascender socialmente, por meio dos estudos, os jovens dessa pesquisa percebem o conhecimento escolar como um instrumento para obter um

emprego. Dessa forma, o conhecimento é destituído de seu caráter mediador para uma ação mais consciente e efetiva no mundo. R. relatou que apenas conseguiu entender a realidade política e econômica com uma professora de geografia, no entanto, esse entendimento se dissipou com a saída da professora. A compreensão do mundo declinou, mas as notas permaneceram altas. D. e R. esperam que o trabalho possibilite o financiamento da faculdade e depositam nele a satisfação da necessidade de independência. Apesar de depositarem tantas expectativas nos estudos, para a aquisição de um emprego e de uma condição social e econômica melhor, os sujeitos de nossa pesquisa não se interessam pela escola. O objetivo escolar fica restrito a tirar notas boas, “passar de ano” e obter um diploma, acreditando serem estas as exigências para se conquistar um emprego. Além disso, esperam que a educação seja a panaceia para os problemas sociais, demonstrando um otimismo exagerado nessa instituição, atribuindo-lhe poderes que não possui. Vale destacar que D. e R., assim como o demais adolescentes do grupo de discussão, não consideram que a escola tenha sido determinante no desenvolvimento de seus sistemas valorativos. D. e R., apesar de mencionarem professores que exerceram papel fundamental na constituição de subjetividades reflexivas, percebem que, de um modo geral, a escola não está preocupada com a formação de pessoas que compreendam e promovam questionamentos sobre a realidade em que estão inseridas. D. percebe a escola como um meio para aquisição de um trabalho, enquanto que para R. a escola é um local para fazer amizades e aprender alguns princípios de sociabilidade.

Acreditamos que a escola possa dar inegáveis contribuições para a formação do indivíduo, no que tange à constituição de princípios éticos e morais, pois está inserida na cotidianidade, esfera em que prevalecem a mesmice e a não-reflexão, mas também onde circulam os afetos e as contradições. Essa contradição pode gestar a possibilidade de ações humanas inovadoras, assim como o questionamento que favorece a desnaturalização desse modo de relacionar-se na cotidianidade e, portanto, a elevação das ações para além dessa cotidianidade. No entanto, para esse grupo de adolescentes, a escola figura um papel secundário na constituição de valores orientadores da escolha moral. Atribuímos isso à realidade específica da comunidade escolar em que estes jovens estão inseridos, que oferece poucos espaços de discussão e participação discente, assim como, privilegia métodos educacionais em que a reflexão é pouco exigida. Sendo assim, essa escola mais reproduz as situações cotidianas e os modelos de interação dessa esfera, do que favorece a criação de novas possibilidades de enfrentamento, menos cristalizadas e estereotipadas, que denotem uma suspensão da cotidianidade.

Frente a situações de violência, miséria e descrença na possibilidade de um mundo

melhor, a religiosidade surge como um elemento que ameniza o sofrimento. A religiosidade é um fator bastante importante na constituição das subjetividades dos adolescentes da pesquisa. As igrejas são vistas como instituições de contestação dessa realidade cruel, devido aos princípios cristãos que veicula. Identificamos vários princípios religiosos nos relatos de D. e R., e muitos deles orientadores das suas escolhas; como não julgar o próximo e tratar o outro “como a ti mesmo”. Ou ainda, não tentar mudar aquilo que Deus criou.

O prazer é outro orientador das escolhas, e estando no âmbito do particular, visto que nos remete ao imediato, ao “aqui-e-agora”, implica numa despreocupação com o depois, com as consequências. Pautar-se apenas pelo prazer, também favorece a instalação de uma alienação da moral, pois valores antagônicos podem ser assimilados sem que isso cause conflito ao indivíduo. Das entrevistas com D. e R. depreendemos que o prazer é preponderante em alguns processos decisórios, configurando-se como figura, enquanto que a razão parece ser o fundo. Enquanto D. escolhe os grupos de pares, fundamentando-se basicamente no prazer que eles lhe proporcionam, R. dirige grande parte de suas ações para garantir o bem-estar das outras pessoas, o que por sua vez, lhe traz muito prazer. A orientação, pautando-se basicamente no prazer, aproxima-se da concepção de que a criança tem uma natureza instintiva corruptível, pois não é guiada por sua razão e sim pelos sentidos. Sendo a adolescência o período imediatamente posterior ao da infância, pode significar que presente, ainda, resquícios dessa natureza infantil. Apesar do prazer, na maioria das vezes, ser preponderante, não podemos deixar de mencionar que, tanto D., quanto R. percebem a importância do exercício da reflexão. Além disso, apontam situações em que a reflexão torna-se figura no processo decisório. Os dois adolescentes relataram que procuram ter vários pontos de vista acerca de determinadas situações, vislumbrando as várias possibilidades de ação. Importante destacar que a reflexão na vida de R., tem sofrido uma ressignificação, pois seu uso o tem afastado de seus pares, também tem impedido o estabelecimento de ações eficientes no cotidiano e desencadeado um tormento mental. Acreditamos que esse processo esteja intimamente relacionado ao meio em que R. está inserido, que favorece significações de que a reflexão é desnecessária e até, mesmo, prejudicial para sua vida.

Ao término dessa pesquisa consideramos ser possível contribuir nos aspectos teórico e metodológico para posteriores produções de conhecimentos científicos. Acreditamos que, ao ampliar a compreensão do real, ou seja, ao produzir conhecimento fundamentado em categorias teóricas que possibilitam, não apenas descrever a realidade, mas principalmente explicá-la, seja possível proporcionar formas de intervenções mais efetivas, junto à população adolescente. Além disso, consideramos que esta pesquisa também possa fornecer contribuição

metodológica, visto que as estratégias utilizadas nos grupos de discussão, associadas às entrevistas individuais, mostraram-se extremamente fecundas para estudar o fenômeno da subjetividade, em sua historicidade. Por meio dessa metodologia foi possível resgatar a gênese de algumas determinações das escolhas morais dos sujeitos pesquisados, transcendendo à aparência desse fenômeno psicológico, assim como, pudemos aproximarmos de algumas zonas de sentido que, segundo González Rey (2005), são “*espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica.*” Assim, ao produzirmos alguns espaços de inteligibilidade acerca da dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, articulando-os com a teoria, acreditamos que não finalizamos as múltiplas possibilidades desse estudo, no entanto, avançamos na produção de novos conhecimentos acerca dessa temática.

Bibliografia

- Aberastury, A. (1980) *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A. e Knobel, M. (1981) *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abramo, H. W. (1997) Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, **5**(6): 25-36.
- Abramo, H. W. e Branco, P. P. (orgs.) (2005) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo.
- Adorno, T. W. (1995) Educação e Emancipação. In: Adorno, T. W. *A Educação contra barbárie*. (pp.155-168) Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- Aguiar, W. M. J. (2007 a) Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. (pp. 95-110) In: Bock, A. M. B., Gonçalves, M. da G. M. e Furtado, O. (orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Aguiar, W. M. J. (2007 b) A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico. (pp. 129-140) In: Bock, A. M. B., Gonçalves, M. da G. M. e Furtado, O. (orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Aguiar W. M. J. e Ozella, S. (2006) Núcleos de Significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*. **26**(2) 222-245.
- Aguiar, W. M. J., Bock, A. M. e Ozella, S. (2007) A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. (pp. 163-178) In: Bock, A. M., Gonçalves, M. G. M. e Furtado, O. (orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Aguiar, W. M. J. e Ozella, S. (2008) Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*. **38**(133): 97-125.
- Althusser, L. (s/d) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. São Paulo: Martins Fontes.
- Alvez-Mazzotti, A. J. (2001) Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. *Cadernos de pesquisa*. **113**:39-49.
- André, M. E. D. de (2001) Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, **113**:51-64.
- Aragão, E. M. A. (2001) Recorte de uma Realidade: em Busca da Construção de Cidadania. (pp. 43-59) In: Novo, H. A., Souza, L, Andrade, A. N. (orgs.) *Ética, Cidadania e Participação debates no campo da Psicologia*. Vitória: Edufes: CCHN Publicações.
- Ariès, P. (1978) *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.

Baño, R e Krischeke, P. et.al. (2000). Debates: desafios da ecologia e da juventude para o novo século. In: Krischeke, P. (org.) *Ecologia, juventude e cultura política*. Florianópolis: EDUFSC.

Barbosa, C. L. A. (2006) A fundamentação da felicidade em Marx. *Educação e Filosofia*, **20**(39):147-162.

Barrere, A. e Martuccelli, D. (2001) A escola entre a agonia moral e a renovação ética. *Educação & Sociedade*. **22**(76): 258-277.

Baudelot, C. e Estabelet, R. (1977) *La escuela capitalista*. México: Siglo Veinteuno.

Bock, A. M. B. (1999) *Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia*. São Paulo: Educ: Cortez.

Bock, S. D. (2001) *Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica*. Dissertação de mestrado da Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Brasil, 209 pp.

Bourdieu, P. & Passeron, J. (1975) *A reprodução: elementos para uma teoria de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Brasil (1998) Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental e Secretaria da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF.

Brown, D. F. (2006) *Autonomia e reciprocidade no desenvolvimento da identidade: Um olhar sobre a educação não formal*. Dissertação de Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil. 106 pp.

Campos, A. de O. (2007) *Identidade ativista e autonomia: O Movimento de resistência global e a emancipação dos sujeitos em um mundo dominado*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil. 152 pp.

Cardia, N. (1994) Percepção dos direitos humanos: ausência de cidadania e exclusão moral. In: Spink, M. J. P. (org.) *A cidadania em construção – uma reflexão disciplinar*. São Paulo: Cortez Ed.

Charlot, B. (1979) *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro: Zahar.

Charlot, B. (2005) Relação com a escola e o saber nos bairros populares. In: Charlot, B *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. (pp. 59-72) Porto Alegre: Artmed.

Coraggio, J. L. (1998) Proposta do Banco Mundial para a Educação: sentido oculto ou problemas de concepção? (pp. 75-123) In: Tommasi, L. De, Warde, M. J., Haddad, S. (orgs.) *O Banco Mundial e as políticas educacionais*. São Paulo: Cortez.

Cortella, M. S. (2003) *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.

- Cortella, M. S. (2005) Entrevista publicada por *Pueri Domus Escolas Associadas*. Individualismo: a ausência do outro. **1**(3):10-13.
- Cortella, M. S. e La Taille, Y. (2005) *Nos labirintos da moral*. Campinas: Papirus.
- Cortella, M. S. (2008) *Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. Petrópolis: Vozes.
- Cury, C. R. J. (1985) *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- Debesse, M. (1946) *A adolescência*. São Paulo: Europa-América
- Dessandre, S. de A. B. (2003) *A educação moral possível: o conflito como estratégia para a autonomia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil. 90 pp.
- Dias, A. A. (2001) *A autonomia enquanto fundamento da Educação Moral na Educação Infantil: concepções e práticas*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. Brasil. 195 pp.
- Dranka, R. A. P. (2001) Linguagem como mediação entre a vontade do eu e do outro. *Revista Linguagem em (Dis)curso* **1**(2) Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/05.htm>>. Acessado em: 04/04/2008.
- Duarte, N. (1992) *A formação do indivíduo e a objetivação do gênero humano (categorias iniciais de uma reflexão sobre o processo de formação do indivíduo numa perspectiva histórico-social)*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual De Campinas. Campinas. Brasil. 243 pp.
- Erickson, E. (1976) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus: Ed. Campinas-SP.
- Fernandes, A. H. (2003) *As mediações na produção de sentido das crianças sobre os desenhos animados*. Dissertação de Mestrado do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil. 178 pp.
- Fernandes, A. H. (2003) *As mediações na produção de sentido das crianças sobre os desenhos animados*. Dissertação de Mestrado do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasil. 178 pp.
- Fernandes, S.; Costa, J. da; Camino, L. e Mendoza, R. (2007) Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. **20**(3): 490-498.
- Fischer, R. M. B. (2008) Mídia, juventude e memória cultural. *Educação e Sociedade*, **29** (104): 667-686.

Fleck, C. M. (2004) *Autonomia na educação segundo Paulo Freire*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Regional de Blumenau – FURB. Blumenau. Brasil. 96 pp.

Franco, L. B. Z.e Bahia, N. P. (2008) Professor e computador: Afinal, como é essa relação? Comunicação Oral apresentada na *V Mostra de Pesquisa em Educação do PEPG Educação: Psicologia da Educação - PUC-SP*. Disponível em http://www.pucsp.br/pos/ped/vmostra/caderno_resumos.pdf. Acessado em 23/01/2009.

Frei Betto e Cortella, M. S. (2007) *Sobre a esperança: Diálogo*. Campinas: Papyrus.

Gatti, B. A. (2001) Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, **113**:65-81.

Goergen, P. (2001) Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa? *Educação & Sociedade*, **22**(76): 147-174.

González Rey, F. (1997) *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo: EDUC.

González Rey, F. (1999) *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC.

González Rey, F. (2003) *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo: Ed.Thomson.

González Rey, F. (2004) A emergência do sujeito e a subjetividade: suas implicações para a psicologia social. (pp 123-140) In: González Rey, F. *O social na psicologia e a psicologia social*. São Paulo: Ed. Vozes.

González Rey, F. (2005) O compromisso Ontológico na Pesquisa Qualitativa. (pp 1-16) In: González Rey, F. (org.) *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de constituição da informação*. São Paulo: Ed.Thomson.

Gramsci, Antônio (1968) *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira,

Guará, I. M. F. R. (1997) Modernidade, adolescência e cidadania. (pp. 43-71) In: Baptista, D; Soria, M.; Silveira, M. L.; Silva, M.R.; Storni, M. O. T.; Manfroi, V.M. (orgs.) *Cidadania e Subjetividade novos contornos e múltiplos sujeitos*. São Paulo: Imaginário.

Guedes, L. e Depieri, A. (2006). Educação e resistência: relato de experiência. *Educação e Pesquisa*, **32**(2):311-324.

Heller, A. (1970) *O cotidiano e a história*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.

Heller, A. (1985) *Teoria de los sentimientos*. Ed. Fontamara S. A.: Barcelona.

Heller, A. (1991) *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ed. Península.

Heller, A. (2003) *O cotidiano e a história*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.

Kellner, D. e Share, J. (2008) Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educação e Sociedade* [online]. 29(104):687-715. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0101-7330. doi: 10.1590/S0101-73302008000300004. Acessado em 23/01/2009.

La Taille, Y.; Souza, L. S. e Vizioli, L. (2004) Ética e Educação: uma revisão da literatura educacional. *Educação e Pesquisa*, 30(1): 91-108.

Leontiev, A. (1978) O Homem e a cultura. In: Leontiev, A. *Desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Lipovetsky, G. (1989) *A era do vazio - ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Antropos.

Louro, A. S. (2005) *Os sentidos e significados atribuídos pelo professor sobre o valor de autonomia na sua prática pedagógica*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil. 104 pp.

Luyten, S. B. (2000) *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. Hedra: São Paulo.

Machado, L. D. (2001) Ética: Exercícios de Resistência em meio à indiferença. (pp. 71-80) In: Novo, H. A., Souza, L., Andrade, A. N. (Org), *Ética, Cidadania e Participação debates no campo da Psicologia*. Vitória: Edufes: CCHN Publicações.

Martinez, A. M. (2005) A teoria da Subjetividade de González Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. (pp 1-25) In: González Rey (org.) *Subjetividade, Complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Ed.Thomson.

Martins, A. M. (2002) Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. *Cadernos de Pesquisa*, 115:207-232.

Mészáros, I. (2005). *A educação para além do capital*. São Paulo: Ed. Boitempo.

Muñoz, M. A. D. (2006) *Educar para a paz: análise de fatores favorecedores de comportamentos pró-sociais na aplicação de um programa psicopedagógico de intervenção com adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Religião e Educação. São Leopoldo. Brasil. 175 pp.

Novaes, R. (2005) Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? (pp. 263-290) In: Abramo, H. W. e Branco, P. P. M. (2005) *Retratos da Juventude Brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. Ed. Fundação Perseu Abramo: São Paulo.

Novo, H. A. (1996). *A dimensão ético-afetiva dos discursos sobre a violência – implicações para os processos de convivência social*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil. pp. 188.

Novo, H. A. (2001). Construindo implicações: (des)caminhos de uma sociedade democrática. (pp. 61-70) In: Novo, H. A., Souza, L., Andrade, A. N. (Org), *Ética, Cidadania e Participação debates no campo da Psicologia*. Vitória: Edufes: CCHN Publicações.

Novo, H. A.; Ramos, F. P.; Goldner, D.; Nolasco, L. (1998) Concepções de violência e direitos humanos: um estudo intergeracional. Relatório de pesquisa. Universidade Federal do Espírito Santo.

Osório, L. C. (1992) *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ozella, S. (2002) Adolescência: uma perspectiva crítica. (pp. 16-24) In: Contini, M. de L. J. (coord.), Koller, S. H. (orgs.) *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

Palangana, I. C. e Inumar, I. Y. (2001) A individualidade no âmbito da sociedade industrial. *Psicologia em Estudo*, 6(2): 21-28.

Patto, M. H. de S. (1999) A Teoria e a pesquisa. (pp. 163-190) In: Patto, M. H. de S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Paulilo, M. A. S. (1999) A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço Social em Revista*, 2(2): 135-148.

Peres, F. e Rosenburg, C. P. (1998) Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. *Saúde e Sociedade*, 7(1):53-86.

Pérez, A. L. (2006) A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 2(12):179-206. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-3132006000100007&lng=pt&nrm=iso . ISSN 0104-9313. doi: 10.1590/S0104-93132006000100007. Acessado em: 21/01/09.

Pino, A. (2002) A Psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. (pp. 33-61) In: Placco, V. M. N. S. (org.) *Psicologia e Educação: Revendo Contribuições*. São Paulo: EDUC/FAPESP.

Raspe, R. E. (s/d) *As aventuras do Barão de Münchhausen*. Tradução de Norberto de Paula Lima, São Paulo: Hemus Ed.

Rezende, C. C. (2005) Ética na formação do educando: a concepção de ética a partir do olhar do jovem. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Disponível em: http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/resafe/numero002/textos/oficina_claudiacabralrezende.htm. Acessado em: 27/04/08.

Rios, T. A. (1993) *Ética e competência*. São Paulo: Cortez.

Rodrigues, N. (2001) Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação & Sociedade*, 22(76): 234-257.

Sabino, C. , Luz, M. T. (2006) Tatuagem, gênero e lógica da diferença. *Physis* [online]. 16(92):251-272. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

73312006000200007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-7331. doi: 10.1590/S0103-73312006000200007. Acessado em 21/01/2009.

Sánchez Vázquez, A. (2003) *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Santos, B. (1996) *A emergência da concepção moderna da infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexões sobre as principais teorias*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil. 200 pp.

Santos, B. S. (1995) *Pelas mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.

Severino, A. J. (1998) O projeto político pedagógico: a saída para a escola. *Revista de Educação AEC*, **27**(107): 85-91.

Severino, A. J. (2001) *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água.

Severino, A. J. (2006) A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*, **32**(3): 619-634.

Shimizu, A. de M, Cordeiro, A. P. e Menin, M. S. de S (2006) Ética, preconceito e educação: características das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003. *Revista Brasileira de Educação*, **11**(31): 167-202.

Silva, N. P. (2004) Estudo sobre a fidelidade à palavra empenhada entre os estudantes. *Psicologia em Estudo*, **9**(2): 229-242.

Singer, P. (2005) Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. (p.27-36) In: Abramo, H. W. e Branco, P. P. M. (orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto da Cidadania/Ed. Fundação Perseu Abramo.

Snyders, G. (1984) *Não é fácil amar os nossos filhos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Sousa, J. T. P. de e Durand, O. C. (2002) Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. *Perspectiva*, **20**: 163-181.

Souza, F. de P. (2007) Der Fühler's Face: o desenho animado como ferramenta ideológica *História, imagem e narrativas*, **5**(3). Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br>. Acessado em: 02/03/09

Souza, M. P. R. de (2006) Políticas públicas e educação: desafios, dilemas e possibilidades. (pp. 229-243) In: Viégas, L. de S. e Angelucci, C. B. (orgs.) *Políticas públicas em educação & psicologia escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sposito, M. (2005) Algumas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. (pp. 87-128) In: Abramo, H. W.; Branco, P. P. M. (orgs.) *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto de Cidadania/Ed. Fundação Perseu Abramo.

Sposito, M. P. (1993) *A Instituição Escolar e a Violência*. Disponível em www.iea.usp.br/artigos/spositoescolaeviolenca.pdf. Acessado em 02/12/2008.

Tamayo, A. (2007) Hierarquia de Valores Transculturais e Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **23**:7-15.

Tonet, I. (2003). A Educação numa encruzilhada. *Revista de estudos da educação*, **11**(19): 33-53.

Venturi, G. e Bokan, V (2005) Maiorias adaptadas, minorias progressistas. (pp. 351-446) In: Abramo, H. W. e Branco, P. P. M. (orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto de Cidadania/Ed. Fundação Perseu Abramo.

Vigotski, L. S. (1995) Domínio de la propia conducta. (pp. 285-302) In: *Obras escogidas III*. Madrid: Visor.

Vigotski, L. S. (2001) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2007) *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

SUMÁRIO

<i>Anexo I</i>	2
<i>Anexo II</i>	3
<i>Anexo III</i>	4
<i>Anexo IV</i>	33
<i>Anexo V</i>	78
<i>Anexo VI</i>	80
<i>Anexo VII</i>	82
<i>Anexo VIII</i>	85
<i>Anexo IX</i>	87
<i>Anexo X</i>	108
<i>Anexo XI</i>	128
<i>Anexo XII</i>	152
<i>Anexo XIII</i>	183
<i>Anexo XIV</i>	199
<i>Anexo XV</i>	225
<i>Anexo XVI</i>	239
<i>Anexo XVII</i>	254
<i>Anexo XVIII</i>	256
<i>Anexo XIX</i>	258
<i>Anexo XX</i>	274

Anexo I¹

Dinâmica: E aí ...

O coordenador do grupo solicita aos participantes que façam um círculo, orientando que cada integrante deverá relatar um trecho do filme assistido anteriormente, finalizando-o com a expressão: “E aí...”, para que o participante seguinte inicie seu relato.

¹ Todos os conteúdos dos anexos não seguem as alterações da reforma ortográfica da Língua Portuguesa de 2009.

Anexo II

Dinâmica: Pinga-Fogo

O coordenador divide o grupo em 2 subgrupos e apresenta uma mesma situação para ambos os grupos, no entanto um deles deverá levantar argumentos a favor desta situação, enquanto o outro deverá argumentar contra. Cada grupo tem 15 minutos para realizar essa tarefa e posteriormente abre-se um debate para a exposição dos argumentos levantados. Ao final da discussão o coordenador pergunta se algum membro do grupo se convenceu com argumentos expostos pelo outro grupo e se desejaria mudar de posição.

Situações propostas ao grupo:

- Na situação do filme, o melhor seria submeter-se ao grupo do Jack.
- As tragédias ocorridas no filme foram acidentais.
- As pessoas nascem com uma tendência para a realização dos seus atos.
- Não há possibilidade de mudar nossa sociedade.

Anexo III

Pré-indicadores da 1ª discussão em grupo

Falás grupo	Pré-indicadores
N.: A parte do Porquinho. A hora que ele 'tá' 'cá' galera e caiu o pedregulho na cabeça dele. Foi a parte que mais marcou. E aí mata o Porquinho.	Porquinho
R.: Eu ia fazer igual ao Ralph lá, ia procurar abrigo, manter a sanidade até chegar alguém. D.: Uma coisa que eu notei, assim, é que fora dali era o Ralph que era o líder, porque logo de início elegeram o Ralph como líder e tal, mas naquele ambiente acho que acharam mais necessário o Jack. D.: O Ralph nem argumentou, assim? R.: Argumentou, ele argumentou, só não argumentou certo. A.: É ele aceitava o que... A.: Como o pacificador, né?	Ralph características do bem
R.: No Ralph e dava um pau naqueles lá, pra largarem de ser besta.	Ficariam com Ralph
N.: A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o malzinho. R.: E aí que apesar deles serem crianças, eles começaram a agir com os instintos e não com a cabeça. D.: Eles começaram ter atitudes sem tomar consciência. Assim, e matavam os amigos e aí é isso. R.: Eu ia fazer igual ao Ralph lá, ia procurar abrigo, manter a sanidade até chegar alguém. D.: A atitude... das pessoas, eles não estavam civilizadamente, eles estavam agindo como animais. A.: A imposição do Jack sobre o grupo do Ralph, a pressão psicológica dele, abalou, né, ele? Tanto que ele conseguiu trazer as pessoas pro grupo dele, né? D.: Seria assim animais.	Pensam no coletivo/ bonzinhos Instintos/ perda da razão
D.: Mas acho que eles 'tavam' fazendo isso mais pela sensação. D. Cada grupo assim que eu passei. Ali eles gostam muito de	Escolhas pela sensação/ sentimentos

<p>cinema, e aquilo me agradou, daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características, assim, de cada grupo que me agradam que vai.</p> <p>R.: Do negócio dos amigos, que você acha certo ou errado, você tem que ver com quem você se identifica, você vai pela, como que se fala, pelo que você sente, que você 'tá' se sentido bem por causa disso ou acho que isso não 'tá' legal. Ou então, 'ai legal! Fiz alguém feliz' ou então, vai depender de pessoa pra pessoa.</p>	positivos
<p>R. Só tinha um só molequinho que 'tava' querendo o melhor pra todo mundo e 'tava' pensando na frente que seria o amanhã, já tinha um outro lá que queria caçar, preferia a comida a prestar atenção na fogueira.</p> <p>Q.: Um queria ser salvo da ilha o outro só se preocupava em comer e caçar não 'tava' nem aí se ia ou não sair daquele lugar.</p> <p>A.: É tipo o <i>skinhead</i> não rola muito conhecimento, tipo que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá têm as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica tipo meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela 'tá' lá dentro, que ela 'tá' tipo privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.</p>	Hoje x amanhã
<p>A.: E aí que o outro 'tava' realmente acreditando que ia ser salvo, lutando por isso e o outro já tinha entregado os pontos.</p> <p>Q.: Pra pior mesmo, eu não vejo solução, não tenho esperança nenhuma de que melhore, cada vez 'tá' pior, Há alguns anos, tipo quando a minha mãe era criança, se for ver não tinha tanta violência assim, tão explícita, tão normal...</p> <p>M.: Matar pai e mãe.</p> <p>L.: Acho que é isso mesmo, que cada um vai pensar em si mesmo, mas não pelo fato de: 'ai só penso em mim', mas pelo fato de se proteger mesmo, não tem como, como a D. falou que tem sua família, sabendo que têm seus filhos, né?</p> <p>R.: E o rumo que vai tomar, se vai melhorar é a gente ou as crianças que tão vindo agora, né? Só que a gente tá sendo impedido de fazer isso, do jeito que 'tá' a sociedade hoje em dia, a gente 'tá' sendo impedido, a gente não tá conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.</p> <p>Q.: Hoje o que manda é o dinheiro e o poder.</p> <p>L.: É manifestação. Têm outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando, sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente.</p>	Esperança x desesperança

<p>D.: Eu já penso assim, que não tem que começar do governo, pelos que 'tão' lá em cima tem que começar pelos que estão do seu lado. A corrente do bem, precisava fazer aquilo.</p> <p>A.: Acho que isso é o certo, mas eu acho... Muito ilusório. Isso nunca vai acontecer.</p> <p>L.: Parece redação que a gente faz na 4^a. Série, que tem que ajudar o amigo, mas nunca dá certo, porque toda criança escreve isso, mas quando ela cresce ela vai...</p> <p>L.: Mas o que está a sua volta, né? Não muda assim...</p> <p>R.: Falando desse negócio de começar de cima, porque criando escola, projetos que tentem igualar, sempre que tentar criar igual pra todo mundo o que 'tá' lá em cima sempre vai subir e o que 'tá' embaixo vai subir na mesma linha de tempo, na mesma posição. Agora se você cria que nem o sistema de cotas pra facilitar quem 'tá' lá embaixo, daí pra ficar igual pra fazer isso, porque daí desde pequeno, educação, emprego, pra não precisar fazer isso, pra usar modos mais fáceis, mas também para os alunos certos, que é o que acontece hoje em dia.</p> <p>R.: Ela falou da corrente do bem, não vai igualar isso aí.</p> <p>D.: É isso que a L. falou a sociedade é individualista, não 'tá' nem aí.</p>	
<p>L.: É uma sociedade individualista.</p> <p>L.: Acho que é isso mesmo, que cada um vai pensar em si mesmo, mas não pelo fato de: 'ai só penso em mim', mas pelo fato de se proteger mesmo, não tem como, como a D. falou que tenha sua família, sabendo que têm seus filhos, né?</p> <p>L.: É manifestação. Têm outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando, sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente.</p> <p>Q.: Todo mundo sabe que a água vai acabar, mas o que adianta eu ficar em casa economizando, economizando, economizando e um monte de gente gastando? Daí você pode falar, “mas você não pode pensar nos outros, você tem que pensar em você”, só que é muito difícil. Esses dias eu passei aí e tinha uma mulher limpando a calçada, lavando as folhinhas, tentando jogar as folhinhas num negocinho assim, dá vontade de falar: “minha senhora dá pra pegar uma vassoura, ao invés de ficar gastando um monte de água?” Acontece que ela é tão velha que a hora que acabar a água ela não vai estar mais viva. Ela não 'tá' preocupada. Então é assim, depende da gente mesmo mudar. Mas eu não vou mudar o mundo inteiro, não tem como.</p>	Individualismo

<p>A.: Vai depender de quem 'tá' lá em cima querer. Quem tem muito, pelo contrário além de não ligar pra quem não tem, quer ter mais.</p> <p>D.: É isso que a L. falou a sociedade é individualista, não 'tá' nem aí.</p>	
<p>Q.: Acho que bem pior.</p> <p>R.: Nessa base do medo mesmo.</p> <p>Q.: Pra pior mesmo, eu não vejo solução, não tenho esperança nenhuma de que melhore, cada vez 'tá' pior, Há alguns anos, tipo quando a minha mãe era criança, se for ver não tinha tanta violência assim, tão explícita, tão normal..</p> <p>M.: Matar pai e mãe.</p> <p>L.: Acho que é isso mesmo, que cada um vai pensar em si mesmo, mas não pelo fato de: 'ai só penso em mim', mas pelo fato de se proteger mesmo, não tem como, como a D. falou que tem sua família, sabendo que têm seus filhos, né?</p> <p>R.: E o rumo que vai tomar se vai melhorar é a gente ou as crianças que tão vindo agora, né? Só que a gente 'tá' sendo impedido de fazer isso, do jeito que 'tá' a sociedade hoje em dia, a gente 'tá' sendo impedido, a gente não 'tá' conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.</p> <p>Q.: Hoje o que manda é o dinheiro e o poder.</p> <p>L.: Hoje não tem como, você ... como se diz quando você vai querer lutar por alguma coisa?</p> <p>M.: Manifestação.</p> <p>L.: É manifestação. Têm outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando, sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente.</p> <p>R.: Ah, esse esquema aí, desde esse pessoal mais alto, do poder mais alto aí que é o judiciário, o governo, que comanda o país. É claro que tem isso que ele falou, né? As facções e tudo mais, que às vezes é o que move. Também tem que nas favelas, o pessoal os traficantes ajudam.</p> <p>A.: Eu já penso assim, que não tem que começar do governo, pelos que 'tão' lá em cima tem que começar pelos que estão do seu lado. A corrente do bem, precisava fazer aquilo.</p> <p>A.: Acho que isso é o certo, mas eu acho... Muito ilusório. Isso</p>	<p>Futuro da nossa sociedade</p>

nunca vai acontecer.

L.: Parece redação que a gente faz na 4ª. Série, que tem que ajudar o amigo, mas nunca dá certo, porque toda criança escreve isso, mas quando ela cresce ela vai...

Q.: Todo mundo sabe que a água vai acabar, mas o que adianta eu ficar em casa economizando, economizando, economizando e um monte de gente gastando? Daí você pode falar, “mas você não pode pensar nos outros, você tem que pensar em você”, só que é muito difícil. Esses dias eu passei aí e tinha uma mulher limpando a calçada, lavando as folhinhas, tentando jogar as folhinhas num negocinho assim, dá vontade de falar: “minha senhora dá pra pegar uma vassoura, ao invés de ficar gastando um monte de água?” Acontece que ela é tão velha que a hora que acabar a água ela não vai estar mais viva. Ela não 'tá' preocupada. Então é assim, depende da gente mesmo mudar. Mas eu não vou mudar o mundo inteiro, não tem como.

R.: Você trazer pessoas que estão perto de você pra agir do modo certo, pra mudar entendeu, foi o que eu falei.

L.: Mas o que está a sua volta, né? Não muda assim...

R.: É lógico, né? Pessoas com quem eu converso...

L.: Chega lá no traficante, não tem como.

M.: Pára de vender drogas...

A.: Eu conheço um lá que vendia drogas a um bom tempo, escondido do pai e da mãe, daí o pai ficou desempregado, daí ele começou bancar comida dentro da casa, daí a mãe dele até chorou uma vez pra gente, porque a gente ia na igreja, lá: 'Ele é meu filho'. Você vai e fala pro cara: 'pára de vender droga' e aí ele fala: 'você vai colocar comida dentro da minha casa?'

R.: Falando desse negócio de começar de cima, porque criando escola, projetos que tentem igualar, sempre que tentar criar igual pra todo mundo o que 'tá' lá em cima sempre vai subir e o que 'tá' embaixo vai subir na mesma linha de tempo, na mesma posição. Agora se você cria que nem o sistema de cotas pra facilitar quem 'tá' lá embaixo, daí pra ficar igual pra fazer isso, porque daí desde pequeno, educação, emprego, pra não precisar fazer isso, pra usar modos mais fáceis, mas também para os alunos certos, que é o que acontece hoje em dia.

Pesq.: Você acha que... que tem possibilidade de igualar?

R.: Tem. Vai depender...

<p>A.: Vai depender de quem 'tá' lá em cima querer. Quem tem muito, pelo contrário além de não ligar pra quem não tem, quer ter mais.</p> <p>R.: Ela falou da corrente do bem, não vai igualar isso aí.</p> <p>D.: É isso que a L. falou a sociedade é individualista, não tá nem aí.</p>	
<p>D.: Eu acho que por serem meninos eu acho que já tem uma diferença. Eu acho que menino nessa questão de poder tem um ego mais aguçado assim, até pela questão física deles.</p> <p>D.: Dá pra notar assim que... o Jack sofre uma mudança. De início quando eles matam o primeiro porco já vem aquela sensação deles serem guerreiros, poderosos. Eles têm né? O Jack já se sente o maior, assim.</p> <p>D.: 'Tá', mas é como o Ralph falou era mais fácil, também aquela questão de orgulho, 'não vou lá pedir'.</p> <p>R.: O orgulho pega, principalmente os homens, é bastante isso, muitas vezes você sabe que 'tá' errado, e você não dá o braço a torcer.</p> <p>Pesq.: Vocês acham que é coisa de homem?</p> <p>L.: Não, não. É porque ele é homem.</p> <p>D.: É mas, tipo, eu acho que os homens são mais orgulhosos. Um homem jamais aceitaria ser mandado por uma mulher, ainda mais naquela situação.</p>	Orgulho
<p>D.: Mas acho que eles "tavam" fazendo isso mais pela sensação.</p> <p>A.: O orgulho.</p> <p>R.: Eles precisavam daquilo.</p> <p>D.: 'Tá' mas é como o Ralph falou era mais fácil, também aquela questão de orgulho, 'não vou lá pedir'.</p> <p>R.: O orgulho pega, principalmente os homens, é bastante isso muitas vezes você sabe que 'tá' errado, e você não dá o braço a torcer.</p> <p>Pesq.: Vocês acham que é coisa de homem?</p> <p>L.: Não, não. É porque ele é homem.</p> <p>D.: É mas, tipo, eu acho que os homens são mais orgulhosos. Um homem jamais aceitaria ser mandado por uma mulher, ainda mais naquela situação.</p>	Motivação das ações erradas

<p>A.: Os 2 ter voz, eu acho que até rolaria, mas igual a D. falou da mulher dominar, eu acho que não.</p> <p>Q.: Até, tipo, os dois que eram mais velhos, não respeitavam que era homem.</p> <p>D.: Ainda mais eles que foram criados em escola militar. Em escola militar, tipo, eu 'sou homem', machismo.</p>	<p>Masculino x feminino</p>
<p>L.: E aí chegou... é isso, eles falaram ah... eu não consigo... foram tentar matar o outro, o do mal.</p> <p>R.: Eles se sentiam protegidos com o outro porque o outro tinha lança.</p> <p>A.: Era mais agressivo.</p> <p>N.: É. No outro grupo tinha comida proteção. Eles falam até naquela dança, aqui é minha 2a. casa é...</p> <p>D.: Uma coisa que eu notei, assim, é que fora dali era o Ralph que era o líder, porque logo de início elegeram o Ralph como líder e tal, mas naquele ambiente acho que acharam mais necessário o Jack.</p> <p>M.: As pessoas tinham medo dele.</p> <p>Q.: E tentar convencer o outro, porque o Jack não fazia nada, ele só mandava nos outros, tanto que o outro o Ralph falou: 'ele vai ficar mandando em vocês pra sempre. ' A hora que ele 'tava' lá escondido, e aí os meninos viram ele e eles sabiam que era verdade. O Jack só mandava, só.</p> <p>A.: A imposição do Jack sobre o grupo do Ralph, a pressão psicológica dele, abalou, né? Ele. Tanto que ele conseguiu trazer as pessoas pro grupo dele, né?</p>	<p>Jack características do mal</p>
<p>L.: Não sei né? É difícil você saber o que passa né? Mas acho que isso mesmo por medo ou até mesmo porque... ou porque queriam viver longe.</p> <p>D.: O 1º. grupo lá dos caçadores, o amigo dele, o loirinho também tinha o mesmo pensamento que o Jack.</p> <p>R.: Tinham os que desde o começo...</p> <p>D.: Tinham os que gostavam de brincar e daí depois foram pro lado deles, os que tinham medo.</p>	<p>Escolheram Jack por afinidade e compartilha-vam das suas atitudes</p>
<p>D.: Eles agiram assim por medo, né? Os outros grupos tinham lança, tinham..., alguns ali foram pro outro lado por medo mesmo.</p> <p>R.: Eles se sentiam protegidos com o outro porque o outro tinha</p>	<p>Escolheram Jack por medo de morrer (ele matar ou não)</p>

<p>lança.</p> <p>D.: Eu acho que os outros do grupo não acreditavam no monstro mesmo. Eles tinham medo é dos amigos dele. Eles sim poderiam fazer mal pra eles. Até os gêmeos comentam lá: “você acredita que o moleque pode fazer mal pra nós?”</p> <p>N.: Medo, ele achou que poderia fica melhor com o outro grupo.</p> <p>Pesq.: Medo de morrer como disse a M.?</p> <p>N.: É. No outro grupo tinha comida proteção. Eles falam até naquela dança, aqui é minha 2a. casa.</p> <p>L.: Não sei né? É difícil você saber o que passa né? Mas acho que isso mesmo por medo ou até mesmo porque... ou porque queriam viver longe.</p> <p>M.: As pessoas tinham medo dele, do Jack. As pessoas foram pro Jack, eles tinham medo do Jack.</p> <p>D.: Tinham os que gostavam de brincar e daí depois foram pro lado deles, os que tinham medo.</p> <p>R.: Eles foram meio na idéia do Ralph. Eles acreditavam no Ralph, mas estavam com Jack pela sobrevivência.</p>	<p>conseguirem comida)</p>
<p>N.: Eu acho ali que não. No momento ali seria melhor ficar com o Jack.</p> <p>N.: Porque parecia mais seguro. Agora com os outros lá seria atacado.</p> <p>Q.: Na vida real é bem diferente. É lógico, eu ia ficar do lado do Jack pra sobreviver, né?</p>	<p>Ficariam com Jack</p>
<p>R.: No caso do <i>Skinhead</i> é mais por religião, também eles são nazistas, eles vêm, quem nem pessoas ... asiáticos, pessoas diferentes como monstros assim, eles querem exterminar, eles acham que a raça deles é a melhor. Agora eu assim, depende do emo, se ele fica quieto, no canto dele tudo bem , agora se ele começar a encher o saco deixa a gente nervoso, aquela coisa esquisitinha.</p> <p>D.: Mas ali tipo... A gente assistiu um filme de <i>Skinhead</i>, daí, tipo, ali alguns ali são até forçados pelo que R. falou mesmo pela religião, têm alguns ali que não gostam de fazer aquilo.</p> <p>R.: Teve um lá que matou o melhor amigo, o cara lá. Tanto que ele mata o líder lá, porque gosta do...</p> <p>Pesq.: Parece que é meio o que aconteceu com o Jack e com o</p>	<p>Skinhead</p>

<p>Ralph, apesar de não compartilhar dos atos eu vou por outros motivos que não é a minha crença. Pensando no exemplo do <i>skinhead</i>, é tão engessado que a pessoa não consegue sair?</p> <p>R.: É, também você é punido, né?</p> <p>L.: Mas eu acho, na ilha eles não tinham pra onde ir, eu acho que são casos diferentes, é claro que a pessoa ela, como é que se diz...</p> <p>A.: Não podia ficar neutra ali no meio dos 2 tinha que escolher.</p> <p>D.: Você acha, assim, que no caso do <i>skinhead</i> eles podiam escolher?</p> <p>L.: Eu acho que sim.</p> <p>D.: Mas ali no caso se eles fossem contra os pais, eles tinham medo.</p> <p>L.: Mas que pais é esse que aceita que o filho mate alguém?</p> <p>D.: Mas os pais geralmente não... de alguns ali não sabem, né? E daí se você vai embora e matam o seu pai e sua mãe.</p>	
<p>A.: É tipo o <i>skinhead</i> não rola muito conhecimento, tipo, que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá têm as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica tipo meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela 'tá' lá dentro, que ela 'tá' tipo privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.</p> <p>R.: Aí que entra a questão do certo e do errado.</p> <p>A.: É uma consequência de... Vira uma bola de neve, né?</p> <p>R.: Às vezes a pessoa não vê mal nenhum, mas dentro das regras da sociedade não pode.</p>	PCC
<p>D.: Até que a gente fala, fala: “eu vou lá, vou fazer um monte de coisa, vou me impor”, mas chega na hora todo mundo se cala. Aqui na escola mesmo várias vezes de tomarem atitude... a questão do S., por exemplo, lembra?</p> <p>L.: Ninguém foi lá na diretoria reclamar, ele não foi lá na diretoria reclamar.</p> <p>D.: O S. é um amigo e teve um grupinho aqui que bateu nele, porque ele era gay, fora da escola. E o meu amigo veio aqui denunciar e ninguém quis tipo denunciar junto com ele, ele veio sozinho aqui, daí foram mais forte que ele, começaram a ameaçar ele.</p>	Caso S.: passividade ou medo?

<p>M.: Não foi só gente da nossa sala que não quis ajudar ele, foi toda a escola, diretora, pessoas que trabalham na escola, ninguém quis se envolver.</p> <p>D.: Eu andava com ele, ele é bem próximo, tipo o meu melhor amigo, eu andava com ele na rua e ele era ameaçado.</p> <p>A.: O medo. É isso aí.</p> <p>M.: Na escola, professores, todo mundo falava que era contra, mas na hora ninguém falava nada, ninguém tinha voz.</p> <p>L.: Chegava na direção da escola, falava que não era dentro da escola, entendeu?</p> <p>R.: Estavam ameaçando os moleques, então era medo de apanhar.</p> <p>D.: E os professores? Eles não têm como perder o emprego, mas era o cargo deles.</p> <p>D.: Acabou que ele parou de estudar.</p> <p>L.: Daí os meninos que bateram nele são tão, assim vagabundos, não faziam nada que são... já foram expulsos, entendeu?</p> <p>D.: Na época a direção não quis expulsar os meninos.</p> <p>L.: E o menino que apanhou teve que sair.</p> <p>D.: E falaram assim pra ele: “se você vier na escola é porque você quer arrumar briga”. Olha que absurdo!</p>	
<p>R.: O bairro lá onde... é meio sossegado, entendeu? Eu moro há seis anos lá, nunca ninguém mexeu comigo, mas...</p> <p>L.: Eu 'tava' contando a história lá do vizinho dele, a gente 'tava' passando lá do lado da casa dele saiu um menino e deu chute, do nada.</p> <p>M.: Eu morava ali no meio.</p> <p>R.: Ele acabou chutando porque parece que não pode falar alto. Ali também tem o seguinte: a gente não pode chegar e... Tem uma viela lá e a gente 'tava' conversando e o cara achou que fosse com ele, só que tem o seguinte o cara é o maior... só que não tem essas coisas de denunciar, entendeu? Porque vai ser pior pra quem vai denunciar, esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou. Comigo nunca ninguém fez nada, também nunca dei motivo, mas é complicado, no país de hoje em dia você pode apanhar.</p>	<p>Bairro violento: silêncio por medo e conveniência</p>

<p>A.: Daí é tipo muito sério. Você vai lá denunciar o cara, só que..., eu moro no mesmo lugar que ele, só que tipo eu conheço todos os bandidos ali, têm uns psicopatas ali.</p> <p>M. Você sabe que é o errado ali, um monte de coisa.</p> <p>D.: Que nem você acha o cara tem ali uma família pra cuidar. Pra mim é fácil me impor, mas o cara que tem uma responsabilidade, cuidar dos filhos.</p> <p>A.: Que nem eu conheço lá, pra mim, tipo, eles são pessoas normais, são amigos, assim, não oferecem perigo nenhum, pelo contrário é até proteção pra quem mora ali, porque vai de eu andar na rua, porque eu nunca vendi droga, eu nunca fiz nada e já apanhei de polícia à toa. Então você fica meio... Quem é o bandido da história?</p> <p>M.: Eu também já tomei geral, voltando da escola.</p> <p>R.: Eu também.</p> <p>A.: Já tomei vários colão e nunca...</p> <p>R.: E também por morar bastante tempo ali.</p> <p>M.: Eu também, eu andava sossegada, mas eu sabia quem era certo e quem era errado.</p> <p>A.: Tipo assim, que nem as pessoas dessa vila, as pessoas daqui roubam aqui mesmo, lá não eles dão proteção, se alguém de lá roubar lá, apanha e, tipo assim, e lá só arruma briga, tipo assim, quem usa droga, quem é traficante é entre bandidos a guerra ali mesmo.</p> <p>M.: Teve uma época que rolou uma chacina ali, né? Em menos de um mês morreu um monte de gente ali.</p> <p>R.: E também por a gente estar no começo da vida, a gente fica quieto pra certas coisas pra tentar melhorar pra quando crescer ter um poder maior tanto aquisitivo quanto... é assim ter maior controle da situação poder levar uma vida melhor. Poder tentar seguir o máximo o que pensa, poder não ser induzido, não seguir a idéia dos outros.</p>	
<p>D.: Mas ali tipo... A gente assistiu um filme de <i>Skinhead</i>, daí tipo ali alguns ali são até forçados pelo que R. falou mesmo pela religião, têm alguns ali que não gostam de fazer aquilo.</p> <p>Pesq.: Parece que é meio o que aconteceu com o Jack e com o Ralph, apesar de não compartilhar dos atos eu vou por outros motivos que não é a minha crença. Pensando no exemplo do</p>	<p>Filiação ao <i>skinhead</i> por força</p>

<p><i>skinhead</i>, é tão engessado que a pessoa não consegue sair?</p> <p>R.: É, também você é punido, né?</p> <p>D.: Mas ali no caso se eles fossem contra os pais, eles tinham medo</p> <p>L.: Mas que pais é esse que aceita que o filho mate alguém?</p> <p>D.: Mas os pais geralmente não... de alguns ali não sabem, né? E daí se você vai embora e matam o seu pai e sua mãe.</p>	
<p>L.: Hoje não tem como, você... como se diz quando você vai querer lutar por alguma coisa?</p>	<p>Não há necessidade de lutar</p>
<p>Q.: Se todo mundo... que nem aqui todo mundo 'tá' tendo uma visão assim bem racional, porque que nem tem um monte de jovem, o que acontece quando eles ficarem adultos? O que acontece nesse espaço de tempo que muda do nada? Deve ter um monte de gente adulto que quando era da nossa idade pensava do mesmo jeito, acho que é a sociedade, onde que você convive que muda os seus princípios assim.</p> <p>Q.: A gente se conforma com o tempo, tem que se conformar.</p> <p>A.: Você luta, luta, luta e não dá em nada, aí você cansa e fala: 'ah eu desisto, eu joga a toalha, eu sozinho não consigo'.</p> <p>R.: É também religião, quem vai na igreja também tem essa. Jesus foi perseguido, por quê? Porque defendia um ideal que ia contra imperadores e reis.</p> <p>L.: Parece redação que a gente faz na 4ª. Série, que tem que ajudar o amigo, mas nunca dá certo, porque toda criança escreve isso, mas quando ela cresce ela vai...</p>	<p>Sociedade conforma/ conformismo</p>
<p>D.: Até que a gente fala fala: “eu vou lá, vou fazer um monte de coisa, vou me impor”, mas chega na hora todo mundo se cala. Aqui na escola mesmo várias vezes de tomarem atitude... a questão do S., por exemplo, lembra?</p> <p>L.: Ninguém foi lá na diretoria reclamar, ele não foi lá na diretoria reclamar.</p> <p>L.: Eu acho que por isso que 'tá' essa questão da violência, porque as pessoas ficam meio neutras, né? Eles nem, né? Se não acontece com elas 'tá' tudo bem.</p> <p>Q.: Esse negócio que acontece que as pessoas ficam neutras, que nem esses dias, esqueci o nome do senador ele é contra a pedofilia, esse monte de coisa, apareceu um negócio assim que as igrejas iam poder, os homossexuais, a igreja não pode ser contra... A</p>	<p>Passividade</p>

<p>bíblia é contra isso, não é contra as pessoas, é contra você praticar o ato assim, com pessoas do mesmo sexo, né? As pessoas do mesmo sexo, ter assim envolvimento. Daí a igreja ela não vai poder, eu sou evangélica, na minha igreja não pode nunca daí aparece um casal homossexual e diz: 'quero casar aqui', a igreja vai ter que fazer o casamento ou senão o líder lá da minha igreja vai ser preso. É foi o Magno Malta lá que fez isso aí, que foi contra essa lei. Daí o Silas Malafaia, uma pessoa importante assim, um líder ele foi contra, assim, foi lá no senado, fez manifestações, junto com outras igrejas, católicas evangélicas foram lá protestaram e aí conseguiu que não fosse aceito essa lei, né? Agora apareceu naquele jornal lá do Datena que o senador 'tá' sendo ameaçado de morte, ele a filha dele. Por quê? Porque ele tá contra a pedofilia, esses negócio aí da violência, e aí as pessoas tão indo contra ele, porque ele não ficou neutro. Isso que acontece, a gente fica neutro porque a gente 'tá' com medo de acontecer alguma coisa, vai que eu vou entrar lá e vai usar droga, isso vai vir contra mim, então como eu tenho medo, eu tenho que ficar neutra. Daí gera mais violência, mais coisa.</p>	
<p>R.: Pra alguém que coordenasse.</p> <p>D.: Também sei lá, porque tinham criancinhas mais novas, sei lá.</p> <p>Pesq.: Então um líder ali tinha a função de cuidar dos mais novos, de igualar todo mundo?</p> <p>D.: É mais pela proteção.</p> <p>Pesq.: Quais características vocês acham que era ideal naquela situação?</p> <p>A.: Persuasão.</p> <p>R.: Você viu que até depois começou a dar problemas, roubaram e tal.</p> <p>A.: Levar o pessoal junto com ele sem dispersar.</p> <p>Pesq.: Nesse sentido o Ralph falhou.</p> <p>A.: Mas o outro lá não ajudava tanto. O outro era mais persuasivo.</p> <p>D.: O poder de convencimento, assim forte, não que ele seja...</p>	<p>características positivas de um líder</p>
<p>Q.: Porque era assim quando falaram que tinha roubado no do Ralph e falaram o que a gente vai fazer com eles e não fazia nada, ficava por isso mesmo, no outro grupo eles percebiam respeito, porque se eles fizessem alguma coisa errada eles iam arcar com as conseqüências, agora o Ralph não fazia nada de mais.</p> <p>Pesq.: Vocês acham que seria certo ter uma conseqüência?</p>	<p>conseqüências</p>

<p>Q.: É não tão forte como foi.</p> <p>A.: Porque também não tinha tanta atitude a ser tomada.</p> <p>R.: Poderia colocar para realizar algum trabalho mais difícil, não deixar se divertir, que a galera gostava disso, entendeu?</p> <p>A.: Se ele já cometeu o que ia gerar o castigo, provavelmente ele não ia cumprir o castigo, entendeu?</p> <p>L.: É eu acho que tipo não brincar ninguém ia cumprir.</p> <p>A.: É tipo o <i>skinhead</i> não rola muito conhecimento, tipo que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá têm as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica tipo meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela 'tá' lá dentro, que ela 'tá' tipo privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.</p> <p>R.: Aí que entra a questão do certo e do errado.</p> <p>A.: É uma conseqüência de... Vira uma bola de neve, né?</p>	
<p>L.: Eles precisavam de regras.</p> <p>Pesq.: Eles não sabiam o que era certo ou errado?</p> <p>L.: Sabiam, mas não tinha quem falasse pra eles.</p> <p>R.: Porque não tinha ninguém ali pra falar pra eles o que era certo ou errado, eles eram crianças.</p> <p>R.: Porque virava um caos, as regras são criadas pra tentar manter a paz, assim, vamos dizer.</p> <p>D.: Seria assim animais.</p> <p>R.: Seria o grupo do Jack, mais ou menos.</p> <p>R.: Às vezes a pessoa não vê mal nenhum, mas dentro das regras da sociedade não pode.</p>	Regras
<p>D.: Ah é porque tipo as pessoas não querem se candidatar representantes.</p> <p>R.: Eu acho assim, não elege, assim, que não tem uma atenção ao representante de classe, porque ninguém leva muito a sério essa coisa de representante de sala, porque até mesmo a maioria não leva a sério a escola, não tem o total interesse de representar mesmo a sala, sendo que nem 'tá' aí pro que vai acontecer.</p>	Desinteresse pela escola

R.: O certo era falar alguma coisa que acha de errado, que o professor 'tá' fazendo alguma coisa.

L.: Mas não depende só dele também, depende da sala querer alguma coisa.

R.: Então por isso que eu falei que não tem vontade de ninguém e acabou elegendo o D.

A.: Tipo assim, se discorda do modo do professor 'tá' tratando os alunos, seria a nossa voz pra falar com a direção, só que chega aqui fala e não muda nada.

Q. Eu já fiz parte do grêmio no 1º colegial, mas também não mudou nada. Só participava de reunião que tinha nas outras escolas, mas nada de mais assim. Mas, pra mudar alguma coisa assim, só sendo diretor.

A.: Numa época teve um projeto legal, assim, da escola da família. Que era eleger um grupo, assim, pra ver tudo assim, se a escola tinha extintor, várias coisas assim, pra ir falar junto ao governo. A inspetora que tomava conta, mas também não deu em nada.

Pesq.: Os projetos acabam por quê?

A.: Esse aí eu acho que acabou por falta de interesse dos alunos mesmo.

Pesq. Para R.: Daí que você falou que os alunos não estão interessados.

R.: O aluno não 'tá' interessado na escola, não 'tá' interessado no projeto que a escola faz. Por quê? Porque isso vem desde o começo.

L.: Por exemplo, eles sempre reclamam que não tem nada, mas quando tem alguma coisa todo mundo mata aula.

R.: Isso vem desde o começo, entendeu?

M.: Ela faz passeio pra gente, ela fala que a gente reclama que a escola não faz nada diferente, mas ninguém quer ir.

Pesq.: Por que têm esses alunos que não se interessam dentro da escola?

L.: É que às vezes não são coisas interessantes.

R.: Sem contar que às vezes a cabeça da pessoa 'tá'... que nem no trabalho, 'tá' com uma atenção voltada pra outra coisa. Não vai

<p>querer dar bola pra um projeto de escola.</p> <p>A.: Que nem se eu trabalho você não gosta, mas você tem que fazer. Aqui ninguém é obrigado a nada.</p> <p>R.: A escola serve pra você suprir alguma coisa, que nem trabalho essas coisas, você pode fazer outro dia. Agora trabalho não. Você tem... daí a atenção vai toda pro serviço.</p>	
<p>R.: O aluno não 'tá' interessado na escola, não 'tá' interessado no projeto que a escola faz. Por quê? Porque isso vem desde o começo.</p> <p>L.: Por exemplo, eles sempre reclamam que não tem nada, mas quando tem alguma coisa todo mundo mata aula.</p> <p>R.: Isso vem desde o começo, entendeu?</p> <p>M.: Ela faz passeio pra gente, ela fala que a gente reclama que a escola não faz nada diferente, mas ninguém quer ir.</p> <p>Pesq.: Por que têm esses alunos que não se interessam dentro da escola?</p> <p>L.: É que às vezes não são coisas interessantes.</p> <p>R.: Sem contar que às vezes a cabeça da pessoa 'tá'... que nem no trabalho, 'tá' com uma atenção voltada pra outra coisa. Não vai querer dar bola pra um projeto de escola.</p> <p>A.: Que nem se eu trabalho você não gosta, mas você tem que fazer. Aqui ninguém é obrigado a nada.</p> <p>R.: A escola serve pra você suprir alguma coisa, que nem trabalho essas coisas, você pode fazer outro dia. Agora trabalho não. Você tem... daí a atenção vai toda pro serviço.</p>	Escola
<p>R.: Ah! eu to achando bacana é o único espaço que a gente tem pra conversar.</p> <p>M.: É porque dizem: 'para de sonhar, põe o pé no chão. '</p> <p>Q.: É também porque a gente é de sala diferente e eu nunca parei pra conversar com elas.</p>	Avaliação da realização do grupo
<p>D.: Eu não seria tão passiva quanto o Ralph foi.</p> <p>R.: Eu também.</p> <p>D. Talvez se o Ralph, sei lá, não fosse assim, sei lá. Se impusesse.</p> <p>R.: Castigasse antes de acontecer.</p>	Ficariam com Ralph, mas não aceitariam algumas coisas

<p>A.: Ele acabou perdendo a autoridade.</p> <p>D.: É ele foi aceitando, né?</p> <p>D.: Eu ia tentar ter voz ali. Eu ia levar uma pedrada.</p> <p>D.: Eu ali ia tentar ter voz, controlar aquela situação, entendeu?</p> <p>D.: E teria que ter alguém pra enfrentar o Jack. Porque mesmo dando função ninguém ia querer. Precisava se impor.</p> <p>D.: O Ralph nem argumentou, assim...</p> <p>R.: Argumentou ele argumentou, só não argumentou certo.</p> <p>D. É ele aceitava o que o...</p>	
<p>Q.: Lógico que eu assistindo, eu ficaria do lado do Ralph, que é o certo. Só que no momento ali é diferente, porque precisava de comida, precisava ser salvo e se ele nunca fosse salvo? Se o moço não chegasse ali os meninos iam avançar, iam matar ele também, ele não ia sobreviver. No momento eu ia querer sobreviver, ia querer ficar do lado do Jack. Só que nenhum dos 2 grupos 'tava' tão certo assim. Igual, eu não ia aceitar ficar matando meus companheiros, meus amigos. Eu não acho certo matar meus amigos, mas também ficar ali só esperando alguém chegar, salvar? Pode ver que foi bem filme, porque bem na hora que iam matar ele, os moços ali chegaram e salvaram ele.</p> <p>Q.: Na vida real é bem diferente. É lógico eu ia ficar do lado do Jack pra sobreviver, né?</p> <p>L.: Eu ficaria, assim, não sei, é difícil. Mas, foi o que a Q. falou, ficaria do lado do Ralph, né? Porque vê que tudo que 'tá' fazendo 'tá' certo, só que é difícil você 'tá' lá, só 'tá' eu e ele. Mas como ela disse também não mataria pra sobreviver, porque acho que não tinha necessidade. Então não sei é isso.</p>	<p>Ficariam com Jack, mas não aceitariam algumas coisas</p>
<p>Q.: Faria um 3º. grupo ali.</p> <p>D.: Eu ali ia tentar ter voz, controlar aquela situação, entendeu? Não precisava ter o grupo dos caçadores, dos que não fazem nada, tipo, vai você e caça.</p> <p>R.: Você não gosta de caçar, põe outro pra procurar comida. Por isso que mostra... que deu a cagada que deu.</p> <p>A.: Eu concordo com a D., eu ia tentar unir todo mundo e dividir (tarefas) também.</p> <p>L.: Mas, o que ela falou tem muita razão, né? De unir o grupo, porque o Ralph mesmo ele tendo o pensamento certo, ele queria</p>	<p>3º. Grupo</p>

<p>fazer as coisas do jeito dele, entendeu? Então eu acho que seria mais certo dividir mesmo. Como os outros pensavam na fogueira.</p>	
<p>R.: Tem, sempre tem.</p> <p>D.: Mas, também quando morrem vira líder, assim como o Nelson... Mandela.</p> <p>A.: Martinho Lutero.</p> <p>R.: Onde tem algum tipo de poder, sempre têm as pessoas que vão contra.</p> <p>L.: Eu acho que por isso que 'tá' essa questão da violência, porque as pessoas ficam meio neutras, né? Eles nem, né? Se não acontece com elas 'tá' tudo bem.</p> <p>A.: Acho que a única coisa que contesta bastante assim é a religião. A religião contesta bastante assim.</p> <p>A.: Q que, tipo assim, vamos imaginar que ainda que Deus não existisse, que tipo assim, a bíblia fosse levada só como uma filosofia de vida, seria perfeito, não matar, não roubar, não adulterará, não mentir.</p> <p>Q.: Esse negócio que acontece que as pessoas ficam neutras, que nem esses dias, esqueci o nome do senador ele é contra a pedofilia, esse monte de coisa, apareceu um negócio assim que as igrejas iam poder, os homossexuais, a igreja não pode ser contra... A bíblia é contra isso, não é contra as pessoas, é contra você praticar o ato assim, com pessoas do mesmo sexo, né? As pessoas do mesmo sexo, ter assim envolvimento. Daí a igreja ela não vai poder, eu sou evangélica, na minha igreja não pode nunca daí aparece um casal homossexual e diz: 'quero casar aqui', a igreja vai ter que fazer o casamento ou senão o líder lá da minha igreja vai ser preso. É foi o Magno Malta lá que fez isso aí, que foi contra essa lei. Daí o Silas Malafaia, uma pessoa importante assim, um líder ele foi contra, assim, foi lá no senado, fez manifestações, junto com outras igrejas, católicas evangélicas foram lá protestaram e aí conseguiu que não fosse aceito essa lei, né? Agora apareceu naquele jornal lá do Datena que o senador 'tá' sendo ameaçado de morte, ele a filha dele. Por quê? Porque ele tá contra a pedofilia, esses negócio aí da violência, e aí as pessoas tão indo contra ele, porque ele não ficou neutro. Isso que acontece, a gente fica neutro porque a gente 'tá' com medo de acontecer alguma coisa, vai que eu vou entrar lá e vai usar droga, isso vai vir contra mim, então como eu tenho medo, eu tenho que ficar neutra. Daí gera mais violência, mais coisa.</p> <p>A.: Esse pastor que ela citou aí é um líder, só que ele não é leigo, ele não foi só lá e falou: "eu sou contra o homossexualismo", ele</p>	<p>Grupos de resistência</p>

<p>provou que essa lei ia liberar o rapaz a assumir tipo: “eu sou pedófilo e quero casar com a menininha de 11, 12 anos”, ia ser com..., a lei ia dar condição também, bater, de você ir contra, mas você não pode ir como um leigo você tem que saber o ‘tá’ fazendo</p> <p>Q.: Isso. E o senador 'tava' do lado deles, ele era contra, daí ele tinha que ir lá pros outros senadores não assinarem essa lei, pra ser contra pra não acontecer isso aí. Não é só porque 'eu não concordo com isso que eu sou contra', não é isso, também tem que saber, tem que 'tá' entendendo do assunto, isso aí é muito sério, super errado.</p> <p>R.: Ah 'teve' os caras pintada.</p> <p>D.: Quando chega no extremo assim.</p> <p>R.: Todo mundo aqui vai concordar comigo, até mesmo pais, responsáveis, tem hora que você fala coisas que eles não tão concordando e dizem: “ah estamos pensando no seu bem” , ah 'tá' errado, entendeu? O meu irmão muito mais problemático que eu, é bem mais diferente que eu, é mais sensível, muito mais. Tanto é que eu vou fazer 18 anos agora esse mês eu vou sair de casa. Não que eu não seja grato por tudo que fez, mas na minha cabeça não dá mais.</p> <p>R.: Participar nas aulas, ou até mesmo no serviço, né? Você contestar alguma coisa que o chefe fala, não fica só naquela coisa... 'Honra o que você 'tá' fazendo seu idiota.'</p>	
<p>R.: Participar nas aulas, ou até mesmo no serviço, né? Você contestar alguma coisa que o chefe fala, não fica só naquela coisa... 'Honra o que você 'tá' fazendo seu idiota.'</p> <p>D.: Você contesta assim seu...?</p> <p>R.: Eu falo, eu sempre falo, eu trabalhei de <i>office boy</i> em banco, ficava a tarde inteira em banco.</p> <p>D.: Mas e se você tivesse num cargo que tipo você ganhasse muito, assim, você tivesse poder sobre os outros, mas tivesse alguém acima de você, você agiria assim, pra ser demitido?</p> <p>R.: Se esse acima de mim fizesse alguma coisa que fosse muito contra os meus princípios de vida, com certeza eu ia contra, mesmo que eu fosse mandado embora.</p> <p>Q.: Talvez o importante seja abaixar a cabeça pra certas coisas.</p> <p>D.: Claro que se roubassem... eu não ia querer me envolver, né? Mas, qualquer coisinha que acontecesse assim, tipo, ele ‘tá’ xingando alguém assim, por exemplo.</p>	conseqüência de não ser neutro

<p>A.: Eu me colocaria que nem o R., se, tipo assim, vem contra, se eu, tipo assim, concordar com ele eu 'tô' me corrompendo também, da mesma forma que eu achei que ele 'tava' errado eu vou estar sendo. Quem cala consente!</p> <p>R. É isso que eu falei.</p> <p>D.: Que nem você acha o cara tem ali uma família pra cuidar. Pra mim é fácil me impor, mas o cara que tem uma responsabilidade, cuidar dos filhos.</p> <p>R.: Ele acabou chutando porque parece que não pode falar alto. Ali também tem o seguinte: a gente não pode chegar e... Tem uma viela lá e a gente 'tava' conversando e o cara achou que fosse com ele, só que tem o seguinte o cara é o maior... só que não tem essas coisas de denunciar, entendeu? Porque vai ser pior pra quem vai denunciar, esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou. Comigo nunca ninguém fez nada, também nunca dei motivo, mas é complicado, no país de hoje em dia você pode apanhar.</p> <p>A.: Daí é tipo muito sério. Você vai lá denunciar o cara, só que..., eu moro no mesmo lugar que ele, só que, tipo, eu conheço todos os bandidos ali, têm uns psicopatas ali.</p>	
<p>R.: E o rumo que vai tomar se vai melhorar é a gente ou as crianças que tão vindo agora, né? Só que a gente 'tá' sendo impedido de fazer isso, do jeito que 'tá' a sociedade hoje em dia, a gente 'tá' sendo impedido, a gente não 'tá' conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.</p> <p>Q.: Todo mundo sabe que a água vai acabar, mas o que adianta eu ficar em casa economizando, economizando, economizando e um monte de gente gastando? Daí você pode falar, “mas você não pode pensar nos outros, você tem que pensar em você”, só que é muito difícil. Esses dias eu passei aí e tinha uma mulher limpando a calçada, lavando as folhinhas, tentando jogar as folhinhas num negocinho assim, dá vontade de falar: “minha senhora dá pra pegar uma vassoura, ao invés de ficar gastando um monte de água?” Acontece que ela é tão velha que a hora que acabar a água ela não vai estar mais viva. Ela não 'tá' preocupada. Então é assim, depende da gente mesmo mudar. Mas eu não vou mudar o mundo inteiro, não tem como.</p> <p>R.: Falando desse negócio de começar de cima, porque criando escola, projetos que tentem igualar, sempre que tentar criar igual pra todo mundo o que 'tá' lá em cima sempre vai subir e o que 'tá' embaixo vai subir na mesma linha de tempo, na mesma posição. Agora se você cria que nem o sistema de cotas pra facilitar quem 'tá' lá embaixo, daí pra ficar igual pra fazer isso, porque daí desde</p>	<p>Jovens e crianças/ educação/ voto responsáveis pelas mudanças</p>

<p>pequeno, educação, emprego, pra não precisar fazer isso, pra usar modos mais fáceis, mas também para os alunos certos, que é o que acontece hoje em dia.</p>	
<p>R.: Onde tem algum tipo de poder, sempre têm as pessoas que vão contra.</p> <p>Q.: Esse negócio que acontece que as pessoas ficam neutras, que nem esses dias, esqueci o nome do senador ele é contra a pedofilia, esse monte de coisa, apareceu um negócio assim que as igrejas iam poder, os homossexuais, a igreja não pode ser contra... A bíblia é contra isso, não é contra as pessoas, é contra você praticar o ato assim, com pessoas do mesmo sexo, né? As pessoas do mesmo sexo, ter assim envolvimento. Daí a igreja ela não vai poder, eu sou evangélica, na minha igreja não pode nunca daí aparece um casal homossexual e diz: 'quero casar aqui', a igreja vai ter que fazer o casamento ou senão o líder lá da minha igreja vai ser preso. É foi o Magno Malta lá que fez isso aí, que foi contra essa lei. Daí o Silas Malafaia, uma pessoa importante assim, um líder ele foi contra assim, foi lá no senado, fez manifestações, junto com outras igrejas, católicas evangélicas foram lá protestaram e aí conseguiu que não fosse aceito essa lei, né? Agora apareceu naquele jornal lá do Datena que o senador 'tá' sendo ameaçado de morte, ele a filha dele. Por quê? Porque ele tá contra a pedofilia, esses negócio aí da violência, e aí as pessoas tão indo contra ele, porque ele não ficou neutro. Isso que acontece, a gente fica neutro porque a gente tá com medo de acontecer alguma coisa, vai que eu vou entrar lá e vai usar droga, isso vai vir contra mim, então como eu tenho medo, eu tenho que ficar neutra. Daí gera mais violência, mais coisa.</p> <p>A.: Esse pastor que ela citou aí é um líder, só que ele não é leigo, ele não foi só lá e falou: “eu sou contra o homossexualismo”, ele provou que essa lei ia liberar o rapaz a assumir tipo: ‘eu sou pedófilo e quero casar com a menininha de 11, 12 anos’, ia ser com..., a lei ia dar condição... Também bate de você ir contra, mas você não pode ir como um leigo você tem que saber o 'tá' fazendo.</p> <p>Q.: Isso. E o senador 'tava' do lado deles, ele era contra daí ele tinha que ir lá pros outros senadores não assinarem essa lei, pra ser contra pra não acontecer isso aí. Não é só porque eu não concordo com isso que eu sou contra, não é isso, também tem que saber, tem que 'tá' entendendo do assunto, isso aí é muito sério, super errado.</p> <p>D.: Quando chega no extremo assim.</p> <p>R.: Todo mundo aqui vai concordar comigo, até mesmo pais, responsáveis, tem hora que você fala coisas que eles não tão concordando e dizem: “ah estamos pensando no seu bem”, ah 'tá' errado, entendeu? O meu irmão muito mais problemático que eu, é bem mais diferente que eu, é mais sensível, muito mais. Tanto é</p>	<p>Pessoas posicionadas que pensam no coletivo</p>

<p>que eu vou fazer 18 anos agora esse mês eu vou sair de casa. Não que eu não seja grato por tudo que fez, mas na minha cabeça não dá mais.</p> <p>R.: Participar nas aulas, ou até mesmo no serviço, né? Você contestar alguma coisa que o chefe fala, não fica só naquela coisa... 'Honra o que você 'tá' fazendo seu idiota.'</p>	
<p>S.: Só uma parte assim... Ali pelo meu modo de vista o que tinha mais cabeça era o Ralph, então eu ia ficar do lado dele, né?</p> <p>S.: Tipo o Jack 'tava' indo atrás de comida, o Ralph nem 'tava' tão preocupado com isso, ele queria ir pra casa, daí nisso eu ficaria com o Jack.</p>	Indecisos
<p>R.: E o rumo que vai tomar se vai melhorar é a gente ou as crianças que tão vindo agora, né? Só que a gente 'tá' sendo impedido de fazer isso, do jeito que 'tá' a sociedade hoje em dia, a gente 'tá' sendo impedido, a gente não 'tá' conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.</p> <p>Q.: Hoje o que manda é o dinheiro e o poder.</p> <p>L.: Hoje não tem como, você ... como se diz quando você vai querer lutar por alguma coisa?</p> <p>M.: Manifestação.</p> <p>L.: É manifestação. Têm outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando, sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente.</p> <p>R.: Ah esse esquema aí, desde esse pessoal mais alto, do poder mais alto aí que é o judiciário, o governo, que comanda o país. É claro que tem isso que ele falou né? As facções e tudo mais, que às vezes é o que move. Também tem que nas favelas, o pessoal os traficantes ajudam.</p> <p>R.: Você trazer pessoas que estão perto de você pra agir do modo certo, pra mudar entendeu, foi o que eu falei.</p> <p>L.: Mas o que está a sua volta, né? Não muda assim...</p> <p>R.: É lógico, né? Pessoas com quem eu converso...</p> <p>L.: Chega lá no traficante, não tem como.</p> <p>M.: Pára de vender drogas...</p> <p>A.: Eu conheço um lá que vendia drogas a um bom tempo, escondido do pai e da mãe, daí o pai ficou desempregado, daí ele começou bancar comida dentro da casa, daí a mãe dele até chorou</p>	Impedimentos para resistência

<p>uma vez pra gente, porque a gente ia na igreja, lá: 'Ele é meu filho'. Você vai e fala pro cara: 'pára de vender droga' e aí ele fala: "você vai colocar comida dentro da minha casa?"</p> <p>R.: Ela falou da corrente do bem, não vai igualar isso aí.</p> <p>A.: Você luta, luta, luta e não dá em nada, aí você cansa e fala: 'ah eu desisto, eu joga a toalha, eu sozinho não consigo.'</p> <p>D.: Tipo, entra lá no governo e é bom eles não vencem, eles não vencem.</p> <p>Q.: Todo mundo sabe que a água vai acabar, mas o que adianta eu ficar em casa economizando, economizando, economizando e um monte de gente gastando? Daí você pode falar, "mas você não pode pensar nos outros, você tem que pensar em você", só que é muito difícil. Esses dias eu passei aí e tinha uma mulher limpando a calçada, lavando as folhinhas, tentando jogar as folhinhas num negocinho assim, dá vontade de falar: "minha senhora dá pra pegar uma vassoura, ao invés de ficar gastando um monte de água?" Acontece que ela é tão velha que a hora que acabar a água ela não vai estar mais viva. Ela não 'tá' preocupada. Então é assim, depende da gente mesmo mudar. Mas eu não vou mudar o mundo inteiro, não tem como.</p> <p>L.: Percebe que às vezes começa dentro da própria religião dela, entendeu? Não sei se vocês já viram que tinha uma religião que na, na ... que de frente do banquinho tinha uma maquininha pra passar cartão, então se você não tinha dinheiro, você levava seu cartão e passava e como que as pessoas querem mudar se elas fazem esse tipo de coisa? Parece que não pensam. Daí eles pegam se você der sua casa, der o se carro, entendeu?</p>	
<p>M.: É a mesma coisa que aconteceu a igreja Quadrangular, que tinham pastores que queriam ajudar a igreja, que eram pastores que pensavam no bem de todo mundo e tinha o cara que era o chefe que não era pastor que não era nada, era um deputado que rolou um voto aí, pessoas colocaram um deputado no poder.</p> <p>A.: Ele sabotou na verdade, ele concorreu contra ele mesmo.</p> <p>M.: É. Ele é um deputado, não é pastor não é nada e ele conseguiu, ele ganhou, ele conseguiu o dízimo da igreja, que o pessoal doa pra igreja, pra ajudar tipo na luz, água, ajudar a construir a catedral.</p> <p>L.: Percebe que às vezes começa dentro da própria religião dela, entendeu? Não sei se vocês já viram que tinha uma religião que na, na ... que de frente do banquinho tinha uma maquininha pra passar cartão, então se você não tinha dinheiro, você levava seu cartão e passava e como que as pessoas querem mudar se elas fazem esse</p>	<p>Corrupção na igreja</p>

<p>tipo de coisa? Parece que não pensam. Daí eles pegam se você der sua casa, der o se carro, entendeu?</p> <p>R.: 'Você irmão que tem 300 reais, Jesus vai te abençoar, por causa disso'. Não tem nada a ver. Se você tem dinheiro você vai ser abençoado, não é isso.</p> <p>Q.: Acho que isso é um absurdo, eu acho que o dízimo 'tá' escrito sim na bíblia que é você quem dá, eu acho assim que Deus não precisa do seu dinheiro, só que a igreja tem ali o prédio, tem que pagar água, luz, têm pessoas que precisam de dinheiro ali na igreja, famílias carentes. Passar cartão já é demais, é absurdo.</p> <p>M.: Esse dinheiro 'tá' é pra limpar a igreja, 'meu, irmão cada um pode trazer desinfetante, uma vassoura, uma coisa', se a igreja inteira fizer tudo isso. Se tem a família que 'tá' passando fome, cada um pode trazer um kilo de alimento.</p> <p>A.: No fundo da minha casa, tipo, mora uma família lá, que, tipo assim, é de classe baixa. Daí, tipo, a igreja deles doa, tipo, 3 ou 4 cestas básicas por mês pra eles, vai dá uma quantia de dinheiro na mão deles, dá uniforme pros filhos da mulher tudo. A igreja também sustenta muitos missionários pelo mundo, então, tipo, não dá pra você mandar um kilo de alimento pro cara lá.</p> <p>M.: Não 'tô' generalizando todas as igrejas são assim, mas bastante delas são. A maioria é.</p> <p>A.: Se fosse pra ser... se todo mundo que tivesse lá dentro, fosse, tipo, crente ou católico de verdade, seria perfeito, agora sempre tem no meio laranjas podres.</p> <p>L.: Quanto padre pedófilo existe, né?</p> <p>A.: Eu conheci, tipo tem a igreja lá de São Paulo que eu freqüentava, tinha um bruxo na igreja, tipo, ele nunca tinha assumido que era bruxo, só que ele entrou, tipo, lógico eles não se batizam nunca, ele entrou, tipo, pra destruir a igreja e ele, tipo, fofocava mesmo, tipo o irmãozinho lá falou que: 'você é isso, isso e aquilo', daí eles descobriram que o carinha era bruxo daí eles foram e conversaram daí o cara assumiu, ele era bruxo, bruxo, bruxo.</p>	
<p>R.: Pra alguém que coordenasse.</p> <p>D.: Também sei lá, porque tinha criancinhas mais novas, sei lá.</p> <p>R.: Você viu que até depois começou a dar problemas, roubaram e tal.</p> <p>Pesq.: Então um líder ali tinha a função de cuidar dos mais novos,</p>	Criança

<p>de igualar todo mundo.</p> <p>D.: É mais pela proteção.</p> <p>R.: E aí que apesar deles serem crianças eles começaram a agir com os instintos e não com a cabeça. Só tinha um só molequinho que 'tava' querendo o melhor pra todo mundo e 'tava' pensando na frente que seria o amanhã, já tinha um outro lá que queria caçar, preferia a comida a prestar atenção na fogueira.</p> <p>D.: Eu acho que a questão deles serem crianças não interfere em nada.</p> <p>R.: Não, não tem nada a ver, podia ser adultos também.</p> <p>Q.: Até ele ficou bravo dos mais novos que queriam se divertir ele ficou bravo. Criança não vai querer ficar trabalhando, deixasse um tempo pra eles se divertirem.</p> <p>R.: Porque não tinha ninguém ali pra falar pra eles o que era certo ou errado, eles eram crianças.</p>	
<p>A.: No nosso caso pesa muito, as pessoas falam: 'ah vocês não são mais crianças', mas também não somos adultos, tipo, não temos voz de criança, mas também não temos voz de adulto.</p> <p>R.: Não pode fazer um monte de coisa, mas tem que fazer um monte de coisa.</p> <p>Q.: É uma idade assim. 'Você já é adulto', ser adulto pra mim não significa nada, eu vou fazer 18 anos e é tão assim...</p> <p>M.: Falam ai: ' você não é adulto pra fazer isso.'</p> <p>L.: Aí, tipo, se você faz alguma coisa infantil, você é criança.</p> <p>M.: Daí você se confunde, sou um adulto ou uma criança?</p> <p>L.: E quando é que a gente sabe? Não tem... será que tem uma hora da sua vida que...?</p> <p>N.: Se tá aqui e passou é... ?Não!</p> <p>Q.: Quando eu era criança eu pensava: 'ah quando eu tiver 18 anos!'</p> <p>A.: Eu acho que a responsabilidade chega, tipo assim, quando você arruma um trabalho, uma família pra cuidar, daí, tipo, eu acho que você tem que se tocar.</p> <p>R.: Por isso, assim, que nessa base você tem que ter consciência do</p>	<p>Adolescência x infância x vida adulta</p>

<p>que vai fazer e o caráter como é que 'tá'. Foi que, né eu falei tem amigo meu de 13, 14 anos.</p> <p>L.: Minha irmã tem 22 e eu me acho mais adulta do que ela.</p>	
<p>R.: É também por a gente estar no começo da vida, a gente fica quieto pra certas coisas pra tentar melhorar pra quando crescer ter um poder maior tanto aquisitivo quanto... é assim ter maior controle da situação poder levar uma vida melhor. Poder tentar seguir o máximo o que pensa, poder não ser induzido, não seguir a idéia dos outros.</p>	Estrutura para mudar
<p>N.: A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o malzinho.</p> <p>L.: No filme também quis mostrar essa idéia do que é certo e do que errado, né?</p> <p>R.: Aí depende da situação, tanto é que nessa fase que a gente 'tá' passando é isso mesmo que pega, você vê, tipo, não vou fazer isso porque não 'tá' certo.</p> <p>L.: Mesmo você não tendo alguém pra falar você não vai sair matando, porque você pensa que não 'tá' certo.</p> <p>R.: Roubaram a faca, o óculos do Porquinho, ao invés deles tentaram criar consciência... pior coisa que a gente pode fazer é ir lá e roubar.</p> <p>M.: Ai sei lá, a gente 'tá' com gente ao redor, cresce com o pai falando o que a gente pode ou não pode fazer. Tipo, mais por criação mesmo, tipo, cresce num lugar que tem pai que mata, que usa droga, vende droga. Ele 'tá' crescendo ali, aprendendo com os pais dele, ou como pode não fazer isso, pode achar errado o que os pais fazem, pode ter pais bons, irmãos e partir pra coisa errada.</p> <p>Q.: Acho que um pai e uma mãe criam os filhos todos iguais, nenhum irmão é parecido, irmão que foi criado na mesa casa, educado da mesma forma.</p> <p>L.: É o que ela 'tá' dizendo, às vezes eles educam 2 ou 3 filhos da mesma maneira e eles crescem de maneira diferente, né?</p> <p>A.: Tem a influência psicológica do pai e da mãe, mas também cada um.</p> <p>L.: Já nasce com aquilo.</p> <p>R.: Tem uma tendência a ter uma certa idéia.</p> <p>D.: Mas acho, tipo, o que educa é a relação que você tem fora de casa.</p>	Certo x errado

<p>A.: É eu acho isso, a que você adquire fora da casa é a diferença, até aí todo mundo aprende a mesma coisa, daí cada um anda com um tipo de pessoas, cada um conhece lugares, daí a influência do...</p> <p>D.: Eu sou totalmente diferente dos meus pais. Eu sou muito diferente.</p> <p>Pesq.: O grupo de amigos exerce uma influência forte, é isso, todo mundo concorda com a D.?</p> <p>D. Cada grupo assim que eu passei. Ali eles gostam muito de cinema e aquilo me agradou, daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características assim de cada grupo que me agradam que vai...</p> <p>R.: Do negócio dos amigos, que você acha certo ou errado você tem que ver com quem você se identifica, você vai pela, como que se fala? Pelo que você sente, que você 'tá' se sentido bem por causa disso ou acho que isso não tá legal. Ou então, 'ai legal fiz alguém feliz' ou então, vai depender de pessoa pra pessoa.</p> <p>A.: É tipo o <i>skinhead</i> não rola muito conhecimento, tipo, que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá têm as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica, tipo, meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela 'tá' lá dentro, que ela 'tá' tipo privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.</p> <p>R.: Aí que entra a questão do certo e do errado.</p>	
<p>R.: A mesma coisa que a religião isso que ela 'tá' falando. Porque teve um tempo que, que teve um tempo, uma época, faz pouco tempo que... minha família é católica e sempre falou pra eu ter uma religião que é bom, eu faço a minha, já fui na católica, quadrangular, do sétimo dia lá... Adventista, achei bacana, aí eu fui pegando a idéia que eu achei que era certo. A mesma coisa que... Eu tenho um monte de amigo diferente, desde classes sociais, até cabeça, tem amigo de 13, 14 anos que tem, nossa tem cabeça de... pensamento de muito mais que gente da minha classe, entendeu?</p> <p>Q.: Eu acho que religião é uma coisa muito difícil de discutir. Porque pra mim a minha religião é a certa, a dela é a dela, religião não tem como discutir, o que é certo e o que é errado, cada um tem a sua idéia você não vai saber nunca qual é a certa e qual é a errada, então se eu acredito numa coisa, então eu vou seguir aquilo lá, então pra mim serve uma coisa, então eu vou ir naquela lá, não tem que discutir a outra, cada um tem a sua opção, e você acha o que é certo e o que é errado.</p>	Religião

<p>M.: Ai sei lá, a gente 'tá' com gente ao redor, cresce com o pai falando o que a gente pode ou não pode fazer. Tipo, mais por criação mesmo, tipo, cresce num lugar que tem pai que mata, que usa droga, vende droga. Ele 'tá' crescendo ali, aprendendo com os pais dele, ou como pode não fazer isso, pode achar errado o que os pais fazem, pode ter pais bons, irmãos e partir pra coisa errada.</p> <p>Q.: Acho que um pai e uma mãe criam os filhos todos iguais, nenhum irmão é parecido, irmão que foi criado na mesmo casa, educado da mesmo forma.</p> <p>L.: É o que ela 'tá' dizendo, às vezes eles educam 2 ou 3 filhos da mesmo maneira e eles crescem de maneira diferente, né?</p> <p>A.: Eu sou totalmente diferente dos meus pais. Eu sou muito diferente.</p>	Família: grande influência
<p>M.: Ai sei lá, a gente 'tá' com gente ao redor, cresce com o pai falando o que a gente pode ou não pode fazer. Tipo, mais por criação mesmo, tipo, cresce num lugar que tem pai que mata, que usa droga, vende droga. Ele 'tá' crescendo ali, aprendendo com os pais dele, ou como pode não fazer isso, pode achar errado o que os pais fazem, pode ter pais bons, irmãos e partir pra coisa errada.</p> <p>Q.: Acho que um pai e uma mãe criam os filhos todos iguais, nenhum irmão é parecido, irmão que foi criado na mesmo casa, educado da mesmo forma.</p> <p>Pesq.; Tem 2 idéias que eu estou entendendo. A M. tá dizendo assim: “Tem a influência dos pais, mas nem tanto, porque pode acontecer de ter um pai não tão legal e ter valores que sejam mais corretos” e a A. tá dizendo: “Já nasce assim”.</p> <p>L.; É o que ela 'tá' dizendo, às vezes eles educam 2 ou 3 filhos da mesma maneira e eles crescem de maneira diferente, né?</p> <p>A.: Tem a influência psicológica do pai e da mãe, mas também cada um.</p> <p>L.: Já nasce com aquilo.</p> <p>R.: Tem uma tendência a ter uma certa idéia.</p> <p>A.: Mas acho, tipo, o que educa é a relação que você tem fora de casa.</p> <p>A.: É eu acho isso, a que você adquire fora da casa é a diferença, até aí todo mundo aprende a mesma coisa, daí cada um anda com um tipo de pessoas, cada um conhece lugares, daí a influência do...</p> <p>A.: Eu sou totalmente diferente dos meus pais. Eu sou muito</p>	Inato x Influência

<p>diferente.</p> <p>Pesq.: O grupo de amigos exerce uma influência forte, é isso, todo mundo concorda com a A.?</p> <p>D. Cada grupo assim que eu passei. Ali eles gostam muito de cinema e aquilo me agradou, daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características assim de cada grupo que me agradam que vai.</p> <p>R.: A mesma coisa que a religião isso que ela 'tá' falando. Porque teve um tempo que, que teve um tempo, uma época, faz pouco tempo que... minha família é católica e sempre falou pra eu ter uma religião que é bom, eu faço a minha, já fui na católica, quadrangular, do sétimo dia lá... Adventista, achei bacana, aí eu fui pegando a idéia que eu achei que era certo. A mesma coisa que... Eu tenho um monte de amigo diferente, desde classes sociais, até cabeça, tem amigo de 13, 14 anos que tem, nossa tem cabeça de... pensamento de muito mais que gente da minha classe, entendeu?</p>	
<p>D.: O S. é um amigo e teve um grupinho aqui que bateu nele, porque ele era gay, fora da escola. E o meu amigo veio aqui denunciar e ninguém quis, tipo, denunciar junto com ele, ele veio sozinho aqui, daí foram mais forte que ele, começaram a ameaçar ele.</p>	Homossexualidade
<p>A.: Tipo entra lá no governo e é bom eles não vencem, eles não vencem.</p>	Política

Anexo IV

Pré-indicadores 2ª discussão em grupo

Falas	Pré- indicadores
<p>R.: De dividir, que nem tinha aqueles que gostavam de se divertir de caçar, então deixava eles lá fazer a parte deles, o Porquinho já era mais inteligente então ele ficava sempre junto com o Ralph, cada um dividir as tarefas.</p> <p>R: Ele viu que 'tava' fora de controle, porque até quando ele morreu ele 'tá' com a concha lá que ele queria falar, né? Ele queria colocar na cabeça daquela molecada lá que eles 'tavam' agindo irracionalmente. E 'tavam' mesmo tanto que jogaram uma pedra na cabeça.</p> <p>A.: É eles tipo batiam no Porquinho.</p>	Porquinho
<p>D.: Bem no início a maioria das pessoas gostavam mais do Ralph. Se o Ralph tivesse tomado uma posição mais forte assim em relação ao Jack, com certeza as pessoas iam ficar do lado dele assim.</p> <p>A.: Quem desacreditou no salvamento assim foi pro lado do Jack, porque do Ralph certamente se não fosse um filme e demorasse mais um dia, duas horas eles não iam nem 'tá' vivos.</p> <p>R.: Pra ser sincero eu não concordo com nada do Jack não, foi só pra definir.</p> <p>L.: Fica difícil, né? Porque eles só usavam força, né? Então como ele poderia enfrentar sozinho um grupo, né? A hora que eles foram falar com eles um morreu. Acho que é difícil. Se ele fosse... agora não tinha como, mas se ele tivesse se imposto desde o começo, porque agora não tinha como, entendeu?</p> <p>A.: Porque o Ralph saiu perdendo ele ficou só com os medrosos.</p> <p>R.: Se você colocar na nossa realidade como fosse a gente mesmo, eu por exemplo, tomaria outro tipo de decisão. A idéia do Ralph era muito certa assim dele ser salvo, mas o jeito que ele colocou aquilo foi completamente errada, entendeu?</p> <p>R.: De dividir, que nem tinha aqueles que gostavam de se divertir de caçar, então deixava eles lá fazer a parte deles, o Porquinho já era mais inteligente então ele ficava sempre junto com o Ralph, cada um dividir as tarefas.</p> <p>D.: Acho que ele foi até muito democrático todo mundo 'tava' ali</p>	Ralph característic as do bem

<p>procurando um líder ele queria dar a concha pros outros. É isso, né tomar atitude?</p> <p>A.: No meio da guerra ele queria ser único pacificador.</p> <p>L.: Ele não tinha pessoas que davam opinião nas coisas que ele fazia, mas também ele não impunha nada, as pessoas não faziam obrigadas, tinha alguns, né?</p> <p>R.: Seria aquela indução que a gente falou. Ele tinha a resposta certa pra aquele tipo de situação, tentar juntar o máximo de gente possível a favor da idéia dele.</p>	
<p>R.: Pra ser sincero eu não concordo com nada do Jack não, foi só pra definir.</p> <p>A.: É. A reunião passada tava todo mundo do mesmo lado.</p>	Ficariam com Ralph
<p>A.: Quem desacreditou no salvamento assim foi pro lado do Jack, porque do Ralph certamente se não fosse um filme e demorasse mais um dia, duas horas eles não iam nem tá vivos.</p> <p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo, eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim, por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...</p> <p>Pesq.: Alguém na semana passada falou: “é bem filme”, acho que foi você Q. , porque bem na hora que o Ralph ia morrer chegou o resgate. Isso dá a impressão que no final o bonzinho sempre se ferra, porque lá ele não se ferrou porque era um filme. Mas vocês estão dizendo: chega na hora eu vou pensar em mim, porque o que vai adiantar pensar no outro? O caso que vocês me contaram do S., chegou na hora o que aconteceu? Cada um foi se proteger, ninguém foi pensar no próximo. Vocês acreditam nisso, que no fim o bonzinho o que pensa no coletivo, que é menos individualista, ele se dá mal?</p> <p>R.: Na situação de hoje em dia de como ‘tá’ a sociedade não.</p> <p>Pesq.: Não se dá mal?</p>	Pensam no coletivo/ bonzinhos

<p>R.: Não. Não se dá bem.</p> <p>A.: Alguns casos se dá bem, mas a grande maioria não.</p> <p>L.: Eu vi uma reportagem que uma psicóloga ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que 'tavam' na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então como que a pessoa vai pensar no outro? Então é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.</p>	
<p>A.: Esse próprio medo acredito que levaria todo mundo pro lado dele, talvez ele não matasse todo mundo, talvez não chegasse a tal ponto de matar todo mundo do grupo do Ralph o próprio grupo do Jack tomaria uma atitude contra ele, de tirar ele da liderança, seja lá como fosse, tipo, ali no momento a fome o medo, tudo, impedia um pouco o raciocino deles. Era uma pressão psicológica. Daí, tipo, todo mundo, tipo, na hora com fome vai, tipo, 'vou comer'. Das estatísticas mostram que de 10 pessoas que se perdem só uma é encontrada nesses casos. Seria bem mais fácil ficar no grupo do Jack.</p> <p>A.: É então porque ali estavam agindo mais por um instinto animal mesmo, muito próximo, sem pensar assim, a pressão ali era muito grande, assim, pra eles conseguirem raciocinar, assim tipo que a gente raciocina aqui.</p> <p>D.: Então acho que por essa pressão mesmo eles iam se matar entre eles.</p> <p>R.: A gente defende a causa que não foi acidente pela indução mental de querer sempre ser mais forte e até mesmo no começo que queriam matar o outro que 'tava' louco, o capitão e se não o Jack não fosse querer ser do estilo caçador assim, não teria acontecido o acidente. Porque o outro matou no susto lá. Então se ele tivesse ido lá sem arma sem nada ele ia assustar claro, porque o cara 'tava' lá, o capitão, que ele acabou matando. Se não fosse eles 'tá' lá na reunião deles lá todo nervoso lá e o outro veio com a espadinha lá, não teriam matado. E o exemplo principal que a gente 'tá' falando é a pedrada na cabeça do outro lá. Porque aquilo com certeza não foi acidental. Eles já tinham matado o capitão, já tinham matado o Simon. Eu acho que ele pensou: 'o que será matar esse a mais'.</p> <p>R.: A indução do Jack causou ...</p> <p>D.: Essa indução do Jack realmente existe, o que existe também é eles quererem mostrar uma postura de forte.</p> <p>D.: E se você prestar a atenção na 1a. morte, 'tava' escuro ele pensava que era monstro mesmo aquilo. A 2a. morte do Simon também pensavam que era o monstro e a do Porquinho, eles não sabiam nem o que eles 'tavam' fazendo, que aquilo era mesmo morte e a gravidade que aquilo tem que aquilo teria, quando eles empurraram a pedra na cabeça do Porquinho, realmente eu acho que não foi pra matar, eu acho que foi pra dar um susto.</p>	<p>Instintos, perda da razão</p>

<p>D.: Eles só olharam pra cara do Jack assim, pra ver se o Jack, tipo, tomava alguma atitude assim de alegria, de festividade daquilo que eles tinham feito ou não, quer dizer eles não sabiam.</p> <p>D.: Eu acho que todas as atitudes que eles ‘tavam’ tomando lá eram irracionais.</p> <p>R.: Desse instinto de querer ser forte que quiseram assustar ele com a pedrona.</p> <p>D.: ... eles tinham medo de 'tá' lá.</p> <p>L.: Todos eles tinham medo de 'tá' lá.</p> <p>A.: A hora que entram dois na caverna saem correndo.</p> <p>D.: Do monstro, monstro mesmo não, mas eles tinham medo da situação de 'tá' lá mesmo.</p> <p>L.: Da 1a vez que eles mataram o Simon, mataram porque se sentiram ameaçados.</p> <p>R.: O monstro podia ser um perigo pra eles.</p> <p>R.: Seria aquela indução que a gente falou. Ele tinha a resposta certa pra aquele tipo de situação, tentar ajuntar o máximo de gente possível a favor da idéia dele.</p> <p>D.: Eles não tinham noção da atitude que eles estavam tomando.</p> <p>R.: Até porque irracionalmente eles estarem seguindo o Jack que aconteceu isso aí.</p> <p>R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? “Tem algum movimento que vocês fizeram contra...”, o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.</p>	
<p>M.: Fizeram isso por diversão, não fizeram isso porque tipo tinham que dar um castigo pra alguém.</p>	<p>Morte como diversão</p>

<p>M.: Fizeram isso por diversão, não fizeram isso porque tipo tinham que dar um castigo pra alguém.</p>	
<p>L.: Da 1ª vez que eles mataram , o Simon, mataram porque se sentiram ameaçados.</p>	<p>Morte por estarem assustados</p>
<p>R.: A gente defende a causa que não foi acidente pela indução mental de querer sempre ser mais forte e até mesmo no começo que queriam matar o outro que 'tava' louco o capitão e se não o Jack não fosse querer ser do estilo caçador assim, não teria conseguido acidente. Porque o outro matou no susto lá. Então se ele tivesse ido lá sem arma sem nada, ele ia assustar claro, porque o cara 'tava' lá, o capitão, que ele acabou matando. Se não fosse, eles 'tá' lá na reunião deles lá todo nervoso lá e o outro veio com a espadinha lá, não teriam matado. E o exemplo principal que a gente ta falando é a pedrada na cabeça do outro lá. Porque aquilo com certeza não foi acidental. Eles já tinham matado o capitão, já tinham matado o Simon. Eu acho que ele pensou: 'o que será matar esse a mais'?</p> <p>A.: É o grupo, né? Que se deixaram levar pelo Jack, né? Como um líder, são cúmplices.</p> <p>D.: E se você prestar a atenção na 1a. morte, tava escuro ele pensava que era monstro mesmo aquilo. A 2a. morte do Simon também pensavam que era o monstro e a do Porquinho, eles não sabiam nem o que eles 'tavam' fazendo, que aquilo era mesmo morte e a gravidade que aquilo tem que aquilo teria, quando eles empurraram a pedra na cabeça do Porquinho, realmente eu acho que não foi pra matar, eu acho que foi pra dar um susto.</p> <p>L.: Porque, por exemplo, você pode ver que depois que ele morre a expressão deles não é de eh!.</p> <p>D.: eh!.</p> <p>L.: Eles mandam ele embora. Não foi tão intencional assim, foi um ...</p> <p>R.: Esse negócio da expressão, foi porque eles eram crianças e acho que eles nunca tinham matado ninguém antes.</p> <p>L.: Então, mas da outra vez que eles mataram com lança e o Jack falou que vai castigar quem matou , né? Eles ainda batem no menino, aquele foi o mais sem noção de que eles iam matar. Porque se você vê no meio da praia alguém correndo com uma espadinha na mão você, você não sabe o quê é.</p> <p>A.: Isso eu concordo, mas tipo a gente já acha, tipo, que devia acabar com o problema antes de chegar a tal ponto, tipo se o Jack não vai contra a liderança do Ralph.</p> <p>R.: Se eles não tivessem afiado a lança com o Jack, eles não iam ter arma</p>	<p>Tragédias: intencionalidade x inconseqüência</p>

desde o começo pra matar o menino.

F.: Mas você não falou a hora que mataram o Porquinho a pedrada, tijolada eles não comemoraram depois que eles mataram começaram a tacar pedra no outro também.

L.: Não, não, porque eles queriam que ele saísse dali, entendeu porque eles agiram como um grupo, eles 'tavam' pensando neles, e outra não era do grupo deles, ele não tinha que 'tá' ali pra impor alguma coisa elas já tinham um líder eles não precisavam de outro.

D.: Eles queriam mostrar que eles seriam forte, que eles são fortes que eles são guerreiros.

D.: Eles só olharam pra cara do Jack assim, pra ver se o Jack tipo tomava alguma atitude assim de alegria, de festividade daquilo que eles tinham feito ou não, quer dizer eles não sabiam.

A.: Pode ser que eles não soubessem a consequência, mas tipo ninguém: 'ai tropecei e empurrei e bati na pedra sem querer.'

D.: Mas não foi com a intenção de matar. Foi com a intenção de assustar. Eles não sabiam a consequência.

A.: É eles tipo batiam no Porquinho.

D.: Mas eles não sabiam a consequência.

R.: Desse instinto de querer ser forte que quiseram assustar ele com a pedrona.

M.: Eu não acho que foi sem querer.

R.: Você pode até falar que foi acidente da espada luminosa, mas ia ter mesmo essa contradição na morte do Porquinho, entendeu?

L.: Eu concordo meio que com o R. assim, as outras mortes sim, mas a do Porquinho eles desejavam ela, eu fico meio assim em dúvida

D.: Eu acho que todas as atitudes que eles 'tavam' tomando lá eram irracionais.

F.: Fica aqui embaixo que eu vô lá em cima jogar uma pedra em você. Sem querer!!

R.: O modo de ver livre daquela situação foi aprendida ao longo do tempo com a liderança do Jack.

A.: Eles não são assassinos, um matador de aluguel, eles mataram tipo daí pesa, daí tipo se tocaram do tamanho do problema que eles tavam causando.

<p>L.: Da 1a vez que eles mataram , o Simon, mataram porque se sentiram ameaçados.</p>	
<p>R.: Mas nem todo mundo tem cabeça pra tentar organizar tudo. E esse é o princípio do governo só que não tá acontecendo isso. Aparentemente 'tá'. Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento. Eu tenho uma idéia, o seguinte, estudar bastante passar numa faculdade e ganhar na vida e tal, mas a gente começa a ver coisas que não é bem assim. Tem situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano.</p> <p>R.: Mudou muita coisa 'vê' o mundo desse jeito, eu achei que era tudo mais fácil, agora a gente 'vê' que emprego não é tão fácil, entendeu? Emprego até tem, mas gente qualificada, tem que estudar bastante, às vezes as condições que você tem em casa, financeira ou psicológica, não ajuda você a estudar, só que se tivesse alguma e é o que 'tá' acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que 'tá' aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que 'tá' mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.</p> <p>R.: Até não acontecer alguma coisa na vida daquela pessoa que mude.</p> <p>Q.: Igual quando têm aquelas passeatas pela paz lá, aí tem aquelas pessoas que participam, daí o outro só vai participar quando morreu o filho dele assim, só quando é aquilo muito perto, uma coisa muito próxima. Igual pra mim não interessa esse negócios, digamos, daí algum parente meu morre (ai tomara que não) por causa disso, daí eu vou começar a ir com eles, vou começar a fazer passeata da paz, contra a violência.</p> <p>A.: Tipo um acontecimento na vida da pessoa muda a vida dela totalmente, tipo pode mudar pra melhor ou pra pior.</p>	<p>Escolhas pela sensação/sentimentos positivos</p>
<p>R.: Que nem ela falou lá da favela que não tinha que pagar água que é o que eles pensam que é bom é o pensamento do Jack, a curto prazo ali 'tá' sendo bom viver ali, mas não 'tá' pensando depois pra frente como vai ser.</p> <p>A.: A gente pensou assim em trabalhar numa conscientização assim das crianças, dos jovens, enfim de quem 'tá' crescendo agora, que nem o R. falou o ser humano não tem vida eterna, uma hora as pessoas morrem, daí se a gente conseguir educar essas pessoas, tipo filhos dessas pessoas que moram na favela, tipo de que a casa é melhor, vamos ser honesto pagar tudo, tipo é mais complicado, mas lá 'tá' todo mundo junto, dá pra melhorar só que tipo a longo prazo a gente acredita que há uma mudança sim, se tipo assim houver um investimento na conscientização assim</p> <p>A.: “Tipo o traficante 'tá' protegendo a nossa favela aqui não sei o quê, mas o meu filho tá crescendo e se meu filho resolve querer proteger a</p>	<p>Hoje x amanhã</p>

favela também?” Começa a andar aí com uma arma na mão.

R.: Mostra (mídia) o que a população quer ver momentaneamente.

A.: Tipo assim de hoje pra manhã vamos viver num mundinho, num paraíso não tem como mesmo. Era como a gente falou só se derrubar e começar tudo de novo, mas como não dá pra gente fazer isso, a gente tipo acredita numa mudança sim, difícil mas, acredita sim. Tipo há possibilidades, mas tem que partir de cada um. Que nem a gente falou tipo nunca vai mudar se todo mundo pensar o que o grupo deles ficou pra defender tipo: 'Ah! não tem mudança.' Se a gente entregar os pontos quem vai lutar por nós?

R.: Porque a grande maioria no Brasil é de classe média, classe média baixa, certo? Porque o que comanda mesmo hoje em dia é isso que ele falou tráfico essas coisas que até move bastante dinheiro. Que foi o que ele falou também esse dinheiro ajuda quem? O filho dessa família, mas o filho dessa família que tá vendendo droga, tem consequência a droga não é boa, vai matar a pessoa, a pessoa vai roubar pra ...

R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? “Tem algum movimento que vocês fizeram contra...”, o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.

A.: Pode ser assim D., mas não, tipo assim, não que nem a gente' tava' discutindo, acreditar numa mudança na semana que vem, mês que vem, ano que vem vai 'tá' tudo bom.

Q.: É mais a água tá acabando, “ai meu Deus não vai ter mais água”, mas a pessoa vai tomar um banho toma um banho de 20 minutos. Porque ela quer pensar no desperdício da água por exemplo?

A.: Tipo assim que nem aquilo que eu disse se todo mundo pensar assim, não tem, não tem mudança, vamos nos matar então, porque é daqui pra pior. Por isso a gente tem que acreditar mesmo que tipo seja longe ou que nem aconteça, mas a gente tem que acreditar. É algo assim, eu preciso de um sonho pra mover a minha vida. Eu preciso de esperança pra continuar. 'Vô' pensar “nossa o que vai ser do meu filho”?

<p>R.: É isso que eu falando, me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.</p> <p>D.: Futuramente é muito longe.</p> <p>Q.: Então, mas a curto prazo não tem solução, né?</p> <p>Q.: É mais o daqui a pouco dele é o ...</p> <p>D.: O futuro. O seu futuro, não é o seu futuro?</p> <p>A.: Você falou tipo os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mais se a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola os professores... tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na Globo, lá, o que que ela mostra pra você? O Créu, daí tem tipo assim a população.</p>	
<p>A.: Quem desacreditou no salvamento assim foi pro lado do Jack, porque do Ralph certamente se não fosse um filme e demorasse mais um dia, duas horas eles não iam nem 'tá' vivos.</p> <p>R.: Se você colocar na nossa realidade como fosse a gente mesmo, eu por exemplo tomaria outro tipo de decisão. A idéia do Ralph era muito certa assim dele ser salvo, mas o jeito que ele colocou aquilo foi completamente errada, entendeu?</p> <p>Q.: É bem do filme mesmo, igual o Ralph no caso tinha aquela esperança de que mudasse, agora o Jack não tinha esperança de nada, ele achou que dali ia pra pior.</p> <p>A.: E ele acabou piorando a situação.</p> <p>D.: Eu concordo que tem que ter esperança, tem que ter, mas no momento não tem como.</p> <p>D.: No encontro passado que nós tivemos, você até fez uma pergunta assim sobre a solução e o R. disse que devia começar dos governantes, mas sem uma solução assim, uma solução concreta. Eu confesso que eu disse que era pela corrente e tal ele até argumentou, disse concordar também e a partir daí nós chegamos a nenhuma conclusão real de solução.</p> <p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar,</p>	<p>Esperança x desesperanç a</p>

entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...

D.: Elas não têm uma vontade assim...

A.: Tipo assim de hoje pra manhã vamos viver num mundinho, num paraíso não tem como mesmo. Era como a gente falou só se derrubar e começar tudo de novo, mas como não dá pra gente fazer isso, a gente tipo acredita numa mudança sim, difícil mas, acredita sim. Tipo há possibilidades, mas tem que partir de cada um. Que nem a gente falou tipo nunca vai mudar se todo mundo pensar o que o gp deles ficou pra defender tipo: Ah não tem mudança. Se a gente entregar os pontos quem vai lutar por nós?

A.: A gente pensou assim em trabalhar numa conscientização assim das crianças, dos jovens, enfim de quem 'tá' crescendo agora, que nem o R. falou o ser humano não tem vida eterna, uma hora as pessoas morrem, daí se a gente conseguir educar essas pessoas, tipo filhos dessas pessoas que moram na favela, tipo de que a casa é melhor, vamos ser honesto pagar tudo, tipo é mais complicado, mas lá 'tá' todo mundo junto, dá pra melhorar só que tipo a longo prazo a gente acredita que há uma mudança sim, se tipo assim houver um investimento na conscientização assim.

R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? “Tem algum movimento que vocês fizeram contra...”, o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.

L.: Então esse é o problema porque no passado, né? N época da ditadura eles lutavam a favor tipo, por exemplo, tipo, que pudessem ouvir Caetano Veloso, entendeu? Mas hoje eles vão lutar o quê? A favor do Créu,

entendeu? Porque hoje do jeito que 'tá', que a criança nasce ouvindo esse tipo de música, como que ela vai querer uma mudança, por isso que eu não penso em alguma mudança, entendeu? Ela já nasce com...com... é, eles não tem porque lutar, eu acredito assim que antes era totalmente diferente não podia tocar assim uma música pra falar assim.

D.: A realidade, né?

L.: Era uma coisa, vamos dizer, certa pra se lutar. Só que agora não tem porque lutar.

D.: Vocês acham que exista uma possibilidade de mudança a partir, tipo de uma corrente do bem, assim?

R.: Não. Não se dá bem.

A.: Não isso, tipo assim, tem que ter a base na educação.

D.: Mas a corrente é isso. É as pessoas começarem a tomar atitudes e ali querer mudanças e uma ajudar a outra.

A.: Pode ser assim D., mas não tipo assim não que nem a gente 'tava' discutindo, acreditar numa mudança na semana que vem, mês que vem, ano que vem vai tá tudo bom.

R.: Vai juntar todo mundo e vai mudar, não.

D.: E outra o governo também não quer que as pessoas mudem. Tem que ter sempre alguém mais fraco pra eles mandarem, tem que ter sim sempre o cara mais pobre, tem que ter. Até nos EUA que é uma potência tem, tem isso têm as pessoas que moram num lugar que é mais propício pra ter enchente e, e, e... furacão e depois de tudo aquilo que aconteceu o governo nem foi reconstruir lá e 'tá' propício de acontecer tudo aquilo de novo e olha a gente vê, a gente pensa a gente ... 'tá' olhando o Brasil, lá estão muito, muito mais a frente e não tomam providência porque tem que ser.

L.: Porque se todo mundo for... a mesma coisa viver num mundinho feliz, pra que vai precisar do governo?

R.: Mas nem todo mundo tem cabeça pra tentar organizar tudo. E esse é o princípio do governo só que não 'tá' acontecendo isso. Aparentemente 'tá'. Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento. Eu tenho uma idéia, o seguinte, estudar bastante passar numa faculdade e ganhar na vida e tal, mas a gente começa a ver coisas que não é bem assim. Tem situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano.

R.: Mudou muita coisa 'vê' o mundo desse jeito, eu achei que era tudo mais fácil, agora a gente 'vê' que emprego não é tão fácil, entendeu?

Emprego até tem, mas gente qualificada, tem que estudar bastante, às vezes as condições que você tem em casa, financeira ou psicológica, não ajuda você a estudar, só que se tivesse alguma e é o que 'tá' acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que 'tá' aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que 'tá' mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.

Q.: É mais a água tá acabando, “ai meu Deus não vai ter mais água”, mas a pessoa vai tomar um banho toma um banho de 20 minutos. Porque ela quer pensar no desperdício da água, por exemplo?

D.: Todo mundo pensa assim questão do meio ambiente. É aquela minoria que não toma atitude assim, a vizinhança inteira assim.

R.: Até não acontecer alguma coisa na vida daquela pessoa que mude.

D.: Você se comove com a dor do outro? Ninguém.

R.: Eu não sei no que que vai mudar D., mas a população vai ser tão grande daqui um tempo, vai ser uma coisa tão alarmante uma coisa que vai chamar tanto a atenção, a tendência é que vai piorar tanto que uma hora vai ter que te solução.

L.: Você pode ver antigamente e hoje, mudou muito, entendeu? E de agora pra frente também vai ser muito diferente. E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram, entendeu?

R.: Por isso que eu falei que tem que ter a base já desde pequeno. Que nem que você falou nasce dançando o Créu.

A.: Se a família se conscientizasse e não deixasse ela dançar o Créu...

Pesq.: Quem vai conscientizar a família dela?

A.: A gente que é filho, tipo, chega na casa , tipo, eu tenho sobrinha na minha casa tipo eu conversava com a minha irmã várias vezes, minha irmã deixava minha sobrinha, tipo, assistir, tipo, eu estudei, tipo, a criança até os 6 anos ela não tem a psique dela totalmente formada, né? E ela não sabe definir o que é real do que não é real. Daí eu conversei com a minha irmã tipo porque você 'tá' deixando a criança assistir tal coisa e tal coisa e ela não é ... É assim, assim assado. Daí tipo ela cortou várias coisas da minha sobrinha.

Q.: É igual esse negócio de família na escola, na escola que tinha né? Pras crianças não ficar na rua, né? No final de semana você vinha, aí tinha programa, projeto, ficava aí jogando bola, pra não ficarem na rua entendeu, agora não tem, entendeu?

L.: Que nem o R. falou da educação. Ela deveria começar na escola,

agora você vem na escola e você não recebe assim uma educação pra mudar as coisas, entendeu?

D.: Tipo os Cara pintadas, por exemplo, eles tiveram filhos e o que os filhos deles tão fazendo agora? Então, não tem como passar, como você falou que desde criança.

Q.: Ah eu fico, assim, tipo dos 2 lados eu vejo é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança, pelo menos eu 'vô' fazer a minha parte, por exemplo, os meus filhos eu 'vô' educar do jeito certo, se tiver errado, tipo, tem pai mesmo que chega uma certa idade diz... não eu, igual minha mãe fala tipo, eu vou fazer 18 anos esse mês, né? Minha mãe fala assim... eu falo: 'mãe agora eu posso fazer o que eu quiser', minha mãe fala: "não, enquanto você tiver dependendo de mim, morar na minha casa vai ser do meu jeito". Agora só porque eu fiz 18 anos eu 'vô' fazer o que eu quiser, vou tomar minha decisão do jeito que eu quiser? Não. Eu 'vô' ter que impor minha condição. Eu não vejo solução, mas, eu vou fazer a minha parte pra que possa acontecer alguma coisa tem que ter esperança, né?

R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.

L.: Mas isso não acontece, tanto que o Enéas ganhou um monte de eleição.

R.: Você conhece o Enéas?

L.: você conhece?

M.: O Maluf se candidatou de novo.

A.: A burguesia vota nele, porque ele rouba, mas faz.

A.: E ele vai ter voto pode ter certeza.

D.: Eu também tenho esperança, mas não posso ser hipócrita de dizer que eu vou mudar alguma coisa.

A.: Tipo assim que nem aquilo que eu disse se todo mundo pensar assim, não tem, não tem mudança, vamos nos matar então, porque é daqui pra pior. Por isso a gente tem que acreditar mesmo que tipo seja longe ou que nem aconteça, mas a gente tem que acreditar. É algo assim, eu preciso de um sonho pra mover a minha vida. Eu preciso de esperança pra continuar. 'Vô' pensar "nossa o que vai ser do meu filho".

Q.: É bem do filme mesmo, igual o Ralph no caso tinha aquela esperança

<p>de que mudasse, agora o Jack não tinha esperança de nada ele achou que dali ia pra pior.</p> <p>A.: E ele acabou piorando a situação.</p> <p>L.: É que isso a gente sempre ouve, entendeu? Sempre ouve. Foi o que eu falei na outra ..., isso é redação de escola, entendeu? Temos que começar, tananam, tananam, isso você sempre ouve, você ouve desde a sua casa, só que você não aprende, você não cresce com isso.</p> <p>D.: Eu concordo que tem que ter esperança, tem que ter mas, no momento não tem como.</p> <p>Pesq.: Mas de verdade vocês acreditam que não tem solução?</p> <p>L.: Eu acredito.</p> <p>S.: Ham Ham. Cada um tem que viver a sua vida e deixar o mundo.</p> <p>D.: Teria que acabar o mundo outra vez.</p> <p>D.: Então eu acho que é isso, porque não tem solução.</p> <p>R.: Eu posso fazer mudar ...</p> <p>A.: Escovar os dentes, tipo de torneira fechada.</p> <p>R.: É isso que eu falando, me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.</p> <p>D.: Eu 'tô' com 18 anos, e vocês acham quê? A gente não fez nada, daqui a pouco a gente vai entrar numa faculdade, a gente vai, vai trabalhar, se Deus quiser tal, e depois vamos ter filhos, vamos ficar presos ao emprego.</p> <p>A.: Você falou tipo os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mais se a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola os professores... tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na Globo, lá, o que que ela mostra pra você? O Créu, daí tem tipo assim a população.</p>	
<p>L.: Não, não, porque eles queriam que ele saísse dali, entendeu porque eles agiram como um grupo, eles 'tavam' pensando neles, e outra não era do grupo deles, ele não tinha que 'tá' ali pra impor alguma coisa elas já tinham um líder eles não precisavam de outro.</p> <p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem</p>	Individualismo

<p>como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...</p> <p>Q.: É mais a água tá acabando, “ai meu Deus não vai ter mais água”, mas a pessoa vai tomar um banho toma um banho de 20 minutos. Porque ela quer pensar no desperdício da água, por exemplo?</p> <p>D.: Você se comove com a dor do outro? Ninguém.</p> <p>L.: Eu vi uma reportagem que uma psicóloga ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que 'tavam' na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então como que a pessoa vai pensar no outro? Então é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.</p> <p>S.: Ham, Ham. Cada um tem que viver a sua vida e deixar o mundo.</p>	
<p>D.: No encontro passado que nós tivemos, você até fez uma pergunta assim sobre a solução e o R. disse que devia começar dos governantes, mas sem uma solução assim, uma solução concreta. Eu confesso que eu disse que era pela corrente e tal ele até argumentou, disse concordar também e a partir daí nós chegamos a nenhuma conclusão real de solução.</p> <p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...</p>	<p>Futuro da nossa sociedade</p>

D.: Elas não têm uma vontade assim...

A.: Tipo assim de hoje pra manhã vamos viver num mundinho, num paraíso não tem como mesmo. Era como a gente falou só se derrubar e começar tudo de novo, mas como não dá pra gente fazer isso, a gente tipo acredita numa mudança sim, difícil mas, acredita sim. Tipo há possibilidades, mas tem que partir de cada um. Que nem a gente falou tipo nunca vai mudar se todo mundo pensar o que o grupo deles ficou pra defender tipo: 'Ah! não tem mudança.' Se a gente entregar os pontos quem vai lutar por nós?

R.: Que nem ela falou lá da favela que não tinha que pagar água que é o que eles pensam que é bom é o pensamento do Jack, a curto prazo ali 'tá' sendo bom viver ali, mas não 'tá' pensando depois pra frente como vai ser.

A.: A gente pensou assim em trabalhar numa conscientização assim das crianças, dos jovens, enfim de quem 'tá' crescendo agora, que nem o R. falou o ser humano não tem vida eterna, uma hora as pessoas morrem, daí se a gente conseguir educar essas pessoas, tipo filhos dessas pessoas que moram na favela, tipo de que a casa é melhor, vamos ser honesto pagar tudo, tipo é mais complicado, mas lá 'tá' todo mundo junto, dá pra melhorar só que tipo a longo prazo a gente acredita que há uma mudança sim, se tipo assim houver um investimento na conscientização assim.

R.: Porque a grande maioria no Brasil é de classe média, classe média baixa, certo? Porque o que comanda mesmo hoje em dia é isso que ele falou tráfico essas coisas que até move bastante dinheiro. Que foi o que ele falou também esse dinheiro ajuda quem? O filho dessa família, mas o filho dessa família que 'tá' vendendo droga, tem consequência, a droga não é boa, vai matar a pessoa, a pessoa vai roubar pra ...

A.: “Tipo o traficante tá protegendo a nossa favela aqui não sei o quê, mas o meu filho 'tá' crescendo e se meu filho resolve querer proteger a favela também?” Começa a andar aí com uma arma na mão.

R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? “Tem algum movimento que vocês fizeram contra...”, o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até

porque pra querer tentar.

L.: Então esse é o problema porque no passado, né? N época da ditadura eles lutavam a favor tipo, por exemplo, tipo, que pudessem ouvir Caetano Veloso, entendeu? Mas hoje eles vão lutar o quê? A favor do Créo, entendeu? Porque hoje do jeito que 'tá', que a criança nasce ouvindo esse tipo de música, como que ela vai querer uma mudança, por isso que eu não penso em alguma mudança, entendeu? Ela já nasce com...com... é, eles não tem porque lutar, eu acredito assim que antes era totalmente diferente não podia tocar assim uma música pra falar assim.

D.: A realidade né?

L.: Era uma coisa, vamos dizer, certa pra se lutar. Só que agora não tem porque lutar.

D.: Vocês acham que exista uma possibilidade de mudança a partir tipo de uma corrente do bem, assim?

R.: Não.

A.: Não isso, tipo assim, tem que ter a base na educação

D.: Mas a corrente é isso. É as pessoas começarem a tomar atitudes e ali querer mudanças e uma ajudar a outra.

A.: Pode ser assim D., mas não tipo assim não que nem a gente 'tava' discutindo, acreditar numa mudança na semana que vem, mês que vem, ano que vem vai tá tudo bom.

R.: Vai juntar todo mundo e vai mudar, não.

D.: E outra o governo também não quer que as pessoas mudem. Tem que ter sempre alguém mais fraco pra eles mandarem, tem que ter sim sempre o cara mais pobre, tem que ter. Até nos EUA que é uma potência tem, tem isso têm as pessoas que moram num lugar que é mais propício pra ter enchente e, e, e... furacão e depois de tudo aquilo que aconteceu o governo nem foi reconstruir lá e 'tá' propício de acontecer tudo aquilo de novo e olha a gente vê, a gente pensa a gente ... 'tá' olhando o Brasil, lá estão muito, muito mais a frente e não tomam providência porque tem que ser.

L.: Porque se todo mundo for... a mesma coisa viver num mundinho feliz, pra que vai precisar do governo?

M.: É como a China nos jogos Olímpicos, só mostra a parte bonita

R.: Mas nem todo mundo tem cabeça pra tentar organizar tudo. E esse é o princípio do governo só que não 'tá' acontecendo isso. Aparentemente 'tá'. Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na

sua vida pode mudar o seu pensamento. Eu tenho uma idéia, o seguinte, estudar bastante passar numa faculdade e ganhar na vida e tal, mas a gente começa a ver coisas que não é bem assim. Tem situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano.

R.: Mudou muita coisa 'vê' o mundo desse jeito, eu achei que era tudo mais fácil, agora a gente 'vê' que emprego não é tão fácil, entendeu? Emprego até tem, mas gente qualificada, tem que estudar bastante, às vezes as condições que você tem em casa, financeira ou psicológica, não ajuda você a estudar, só que se tivesse alguma e é o que 'tá' acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que 'tá' aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que 'tá' mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.

Q.: É mais a água tá acabando, “ai meu Deus não vai ter mais água”, mas a pessoa vai tomar um banho toma um banho de 20 minutos. Porque ela quer pensar no desperdício da água, por exemplo?.

D.: Todo mundo pensa assim questão do meio ambiente. É aquela minoria que não toma atitude assim, a vizinhança inteira assim.

R.: Até não acontecer alguma coisa na vida daquela pessoa que mude.

D.: Minha vó tem que morrer, sua vó tem que morrer, agora todo mundo tem que morrer.

R.: Eu não falei que tinha que morrer.

A.: É nisso que a gente acredita, uma hora eles vão ter que morrer.

R.: Vai ter que acontecer.

D.: Mas não acontece R. com todo mundo não.

A.: Mas tipo assim não precisa acontecer com todo mundo. Mas uma maioria poder lutar por isso.

D.: Você se comove com a dor do outro? Ninguém.

Q.: Igual quando têm aquelas passeatas pela paz lá, aí tem aquelas pessoas que participam, daí o outro só vai participar quando morreu o filho dele assim, só quando é aquilo muito perto, uma coisa muito próxima. Igual pra mim não interessa esse negócios, digamos, daí algum parente meu morre (ai tomara que não) por causa disso, daí eu vou começar a ir com eles, vou começar a fazer passeata da paz, contra a violência.

R.: Eu não sei no que que vai mudar D., mas a população vai ser tão grande daqui um tempo, vai ser uma coisa tão alarmante uma coisa que

vai chamar tanto a atenção, a tendência é que vai piorar tanto que uma hora vai ter que te solução.

L.: Você pode ver antigamente e hoje, mudou muito, entendeu? E de agora pra frente também vai ser muito diferente. E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram, entendeu?

R.: Por isso que eu falei que tem que ter a base já desde pequeno. Que nem que você falou nasce dançando o Créu.

A.: Se a família se conscientizasse e não deixasse ela dançar o Créu...

Pesq.: Quem vai conscientizar a família dela?

A.: A gente que é filho, tipo, chega na casa , tipo, eu tenho sobrinha na minha casa tipo eu conversava com a minha irmã várias vezes, minha irmã deixava minha sobrinha, tipo, assistir, tipo, eu estudei, tipo, a criança até os 6 anos ela não tem a psique dela totalmente formada, né? E ela não sabe definir o que é real do que não é real. Daí eu conversei com a minha irmã tipo porque você 'tá' deixando a criança assistir tal coisa e tal coisa e ela não é ... É assim, assim assado. Daí tipo ela cortou várias coisas da minha sobrinha.

Q.: É igual esse negócio de família na escola, na escola que tinha né? Pras crianças não ficar na rua, né? No final de semana você vinha, aí tinha programa, projeto, ficava aí jogando bola, pra não ficarem na rua entendeu, agora não tem, entendeu?

L.: Que nem o R. falou da educação. Ela deveria começar na escola, agora você vem na escola e você não recebe assim uma educação pra mudar as coisas, entendeu?

D.: Tipo os Cara pintadas, por exemplo, eles tiveram filhos e o que os filhos deles tão fazendo agora? Então, não tem como passar, como você falou que desde criança.

Q.: Ah eu fico, assim, tipo dos 2 lados eu vejo é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança, pelo menos eu 'vô' fazer a minha parte, por exemplo, os meus filhos eu 'vô' educar do jeito certo, se tiver errado, tipo, tem pai mesmo que chega uma certa idade diz... não eu, igual minha mãe fala tipo, eu vou fazer 18 anos esse mês, né? Minha mãe fala assim... eu falo: 'mãe agora eu posso fazer o que eu quiser', minha mãe fala: "não, enquanto você tiver dependendo de mim, morar na minha casa vai ser do meu jeito". Agora só porque eu fiz 18 anos eu 'vô' fazer o que eu quiser, vou tomar minha decisão do jeito que eu quiser? Não. Eu 'vô' ter que impor minha condição. Eu não vejo solução, mas, eu vou fazer a minha parte pra que possa acontecer alguma coisa tem que ter esperança, né?

R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é

muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.

L.: Mas isso não acontece, tanto que o Enéas ganhou um monte de eleição.

R.: Você conhece o Enéas?

L.: Você conhece?

M.: O Maluf se candidatou de novo.

A.: A burguesia vota nele, porque ele rouba, mas faz.

L.: E ele vai ter voto pode ter certeza.

D.: Eu também tenho esperança, mas não posso ser hipócrita de dizer que eu vou mudar alguma coisa.

A.: Tipo assim que nem aquilo que eu disse se todo mundo pensar assim, não tem, não tem mudança, vamos nos matar então, porque é daqui pra pior. Por isso a gente tem que acreditar mesmo que tipo seja longe ou que nem aconteça, mas a gente tem que acreditar. É algo assim, eu preciso de um sonho pra mover a minha vida. Eu preciso de esperança pra continuar. 'Vô' pensar "nossa o que vai ser do meu filho".

Q.: É bem do filme mesmo, igual o Ralph no caso tinha aquela esperança de que mudasse, agora o Jack não tinha esperança de nada ele achou que dali ia pra pior.

A.: E ele acabou piorando a situação.

L.: É que isso a gente sempre ouve, entendeu? Sempre ouve. Foi o que eu falei na outra ..., isso é redação de escola, entendeu? Temos que começar, tananam, tananam, isso você sempre ouve, você ouve desde a sua casa, só que você não aprende, você não cresce com isso.

D.: Eu concordo que tem que ter esperança, tem que ter mas, no momento não tem como.

Pesq.: Mas de verdade você acreditam que não tem solução?

L.: Eu acredito.

S.: Ham Ham. Cada um tem que viver a sua vida e deixar o mundo.

D.: Teria que acabar o mundo outra vez.

Q.: Você não vai ajudar, não vai ajudar em nada .

D.: O que você tá fazendo pra mudar.

L.: É.

D.: O que que eu não 'tô' fazendo que você 'tá' fazendo?

L.: Não, é que eles não deram uma solução forte.

D.: Então eu acho que é isso, porque não tem solução.

A.: Tipo um acontecimento na vida da pessoa muda a vida dela totalmente, tipo pode mudar pra melhor ou pra pior.

S.: Vocês tão falando isso que, vocês falam isso aqui, fora daqui tipo vocês vão e não fazem nada, não tomam atitude, entendeu?

L.: Porque foi justamente o que ele falou que ele não acreditava em mudança e o R. falou 'ah por isso que não muda'. Então o que você pode fazer pra mudar?

R.: Eu posso fazer mudar ...

A.: Escovar os dentes, tipo de torneira fechada.

R.: É isso que eu falando, me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.

D.: Futuramente é muito longe.

Q.: Então, mas a curto prazo não tem solução, né?

D.: Eu 'tô' com 18 anos, e vocês acham quê? A gente não fez nada, daqui a pouco a gente vai entrar numa faculdade, a gente vai, vai trabalhar, se Deus quiser tal, e depois vamos ter filhos, vamos ficar presos ao emprego.

R.: Isso o que você pensa.

D.: Ah então você não vai ter filho, não vai fazer faculdade e você vai se revolucionar daqui a pouco e vai sair daqui mudando tudo?

R.: Ela tá mudando tudo o que a gente falou. O que que a gente falou?

Q.: É mais o daqui a pouco dele é o ...

<p>D.: O futuro. O seu futuro, não é o seu futuro?</p> <p>A.: Você falou tipo os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mais se a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola os professores... tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na Globo, lá, o que que ela mostra pra você? O Créu, daí tem tipo assim a população.</p>	
<p>A.: Até, tipo, por orgulho, mataram o monstro e, tipo, não tem mais monstro, até pra que não pudessem voltar pro grupo do Ralph, tipo eu não vou ceder sair de lá e não vou voltar e não vou perder.</p>	Orgulho, gênero masculino
<p>A.: Se eles, tipo, 'tá' a favor do Jack, tipo, já 'tava' dividido ali que nem ela tá dizendo, o grupo dividido entre si. Acho que não ia rolar porque, tipo, querendo ou não, errado ou não, ele controlava todo mundo então acho que não tinha esse perigo de alguém de dentro do grupo.</p> <p>D.: Você até entrou numa contradição, porque de início eles deveriam encontrar o Jack e agora você disse que não que o Jack liderava e...</p> <p>A.: É então, tipo, de todo mundo a hora que matasse todo mundo. Ah! Matou 1, 2 do grupo dele, mas também eu não acredito que o Jack mataria alguém do grupo.</p> <p>R.: Eles até puniram o moleque lá que falou que tinha matado, não chegaram a matar e ele era o menorzinho e era amigo do Ralph.</p> <p>M.: Alguém ia discordar do que o Jack falasse ia discutir com ele e ia morrer.</p> <p>L.: Fica difícil, né? Porque eles só usavam força, né? Então como ele poderia enfrentar sozinho um grupo, né? A hora que eles foram falar com eles, um morreu. Acho que é difícil. Se ele fosse agora não tinha como, mas se ele tivesse se imposto desde o começo, porque agora não tinha como, entendeu?</p> <p>R.: A gente defende a causa que não foi acidente pela indução mental de querer sempre ser mais forte e até mesmo no começo que queriam matar o outro que 'tava' louco, o capitão e se não o Jack não fosse querer ser do estilo caçador assim, não teria acontecido o acidente. Porque o outro matou no susto lá. Então se ele tivesse ido lá sem arma sem nada ele ia assustar claro, porque o cara 'tava' lá, o capitão, que ele acabou matando. Se não fosse eles 'tá' lá na reunião deles lá todo nervoso lá e o outro veio com a espadinha lá, não teriam matado. E o exemplo principal que a gente ta falando é a pedrada na cabeça do outro lá. Porque aquilo com certeza não foi acidental. Eles já tinham matado o capitão, já tinham matado o Simon. Eu acho que ele pensou: 'o que será matar esse a mais'.</p> <p>R.: A indução do Jack causou ...</p>	Jack características do mal

<p>D.: Essa indução do Jack realmente existe, o que existe também é eles quererem mostrar uma postura de forte.</p> <p>D.: Eles queriam mostra que eles seriam forte, que eles são fortes que eles são guerreiros.</p> <p>R.: O modo de ver livre daquela situação foi aprendida ao longo do tempo com a liderança do Jack.</p> <p>Q.: Não é que depois eu lembrei da caverna, eu ia falar que tinha, né? Não que ele tivesse, mas ela fazia com que os outros tivessem pra que... era uma forma pros outros estarem do lado deles, era uma forma de prender eles, eles acreditavam no monstro era uma forma de prender ele e trazer mais segurança pra eles.</p> <p>R.: Seria aquela indução que a gente falou. Ele tinha a resposta certa pra aquele tipo de situação, tentar ajuntar o máximo de gente possível a favor da idéia dele.</p> <p>A.: Eu acho que não porque tipo o Jack era a cabeça ali tipo era o centro a coluna se voltasse o Jack voltava todo mundo.</p> <p>A.: Precisaria de alguém que, tipo, entendeu? Que nem ela 'tava' falando eles precisavam de um líder, ninguém aparentemente assistindo, tipo, tinha capacitação de liderança tão grande quanto do Jack, mais que o Jack.</p>	
<p>D.: Então, mas a questão que a gente colocou é que depois que, a gente defendia que se o Ralph tomasse um pouco de posição tal depois que matassem o Ralph eles iam se matar entre eles, entendeu?</p> <p>A.: É então, tipo, de todo mundo a hora que matasse todo mundo 'ah matou 1, 2 do grupo dele, mas também eu não acredito que o Jack mataria alguém do grupo.</p> <p>D.: Então acho que por essa pressão mesmo eles iam se matar entre eles.</p> <p>M.: Alguém ia discordar do que o Jack falasse ia discutir com ele e ia morrer.</p> <p>R.: Até chegar naquele grupinho, acho que do Jack mesmo 4 ou 5 eles que começaram tudo acho que entre eles não ia se acabar eles que coordenavam tudo.</p> <p>R.: Eu acredito nesse negócio, de que quando chegasse só no grupinho (Jack, aquele que matou o Porquinho e mais uns 2, lá) deles eles não iam se matar.</p> <p>A.: Mas eu acredito que esses 4 morreriam porque tipo 4 pessoas pra sobreviver na ilha?</p>	Futuro do grupo do Jack

<p>D.: Então eles iam matar quem? As pessoas que não foi de início, que simpatizaram iam matar eles.</p> <p>L.: Tinham os gêmeos eles não avisaram que viram Ralph. Será que eles não poderiam ser mortos?</p>	
<p>D.: Eu acho, tipo, que eles não, ai não vem nada na cabeça. Tinham umas pessoas lá que desde início simpatizaram com o Jack tudo o que Jack fazia, eles faziam igual, tipo afiavam a lança , porque eles viam no Jack um líder e eles precisavam de um líder.</p> <p>L.: Pra alguns ele não precisava impor, eles iam por eles, simplesmente porque eles queriam, entendeu?</p> <p>D.: Tinha uma porcentagem do grupo dele que não 'tava' ali, que 'tava' ali por causa do medo mesmo, não pela simpatia então eles seriam os primeiros que aquele outro grupo ia acabar.</p> <p>L.: Vocês não acham que se alguns tivessem que voltar alguns não sairiam nesse grupo do Ralph porque, por exemplo, alguns 'tavam' gostando daquela vida, então se o Jack voltasse talvez, né? Se o Jack falasse: 'vamos voltar', alguns poderiam falar: 'não a gente vai ficar'.</p>	<p>Escolheram Jack por afinidade e compartilhavam das suas atitudes</p>
<p>R.: Até chegar naquele grupinho, acho que do Jack mesmo 4 ou 5 eles que começaram tudo acho que entre eles não ia se acabar eles que coordenavam tudo.</p> <p>R.: Eu acredito nesse negócio, de que quando chegasse só no grupinho (Jack, aquele que matou o Porquinho e mais uns 2, lá) deles eles não iam se matar.</p> <p>A.: Mas eu acredito que esses 4 morreriam porque tipo 4 pessoas pra sobreviver na ilha?</p> <p>R.: 4 crianças.</p> <p>D.: Então eles iam matar quem? As pessoas que não foi de início, que simpatizaram iam matar eles.</p> <p>L. Tinham os gêmeos eles não avisaram que viram Ralph. Será que eles não poderiam ser mortos?</p> <p>D.: Então por isso eles deviam ter ficado do lado do Ralph e enfrentado o Jack.</p>	<p>Quem sobreviveria</p>
<p>A.: A imposição do Jack sobre o grupo do Ralph, a pressão psicológica dele, abalou, né? Ele. Tanto que ele conseguiu trazer as pessoas pro grupo dele, né?</p> <p>A.: Esse próprio medo acredito que levaria todo mundo pro lado dele, talvez ele não matasse todo mundo, talvez não chegasse a tal ponto de matar todo mundo do grupo do Ralph, o próprio grupo do Jack tomaria uma atitude contra ele, de tirar ele da liderança, seja lá como fosse, tipo</p>	<p>Escolheram Jack por medo de morrer (ele matar ou não conseguir comida)</p>

<p>ali no momento a fome o medo, tudo, impedia um pouco o raciocínio deles. Era uma pressão psicológica. Daí tipo todo mundo, tipo, na hora com fome, vai ,tipo, 'vou comer'. Das estatísticas mostram que de 10 pessoas que se perdem só uma é encontrada nesses casos. Seria bem mais fácil ficar no grupo do Jack.</p> <p>D.: Tinha uma porcentagem do grupo dele que não 'tava' ali, que 'tava' ali por causa do medo mesmo, não pela simpatia então eles seriam os primeiros que aquele outro grupo ia acabar.</p> <p>R.: A indução do Jack causou ...</p> <p>Q.: Não é que depois eu lembrei da caverna, eu ia falar que tinha, né? Não que ele tivesse, mas ela fazia com que os outros tivessem pra que... era uma forma pros outros estarem do lado deles, era uma forma de prender eles, eles acreditavam no monstro era uma forma de prender ele e trazer mais segurança pra eles.</p> <p>R.: Seria aquela indução que a gente falou. Ele tinha a resposta certa pra aquele tipo de situação, tentar ajuntar o máximo de gente possível a favor da idéia dele.</p> <p>L.: Fica difícil né? Porque eles só usavam força, né? Então como ele poderia enfrentar sozinho um grupo, né? A hora que eles foram falar com eles um morreu. Acho que é difícil. Se ele fosse agora não tinha como, mas se ele tivesse se imposto desde o começo, porque agora não tinha como, entendeu?</p>	
<p>A.: Esse próprio medo acredito que levaria todo mundo pro lado dele, talvez ele não matasse todo mundo, talvez não chegasse a tal ponto de matar todo mundo do grupo do Ralph o próprio grupo do Jack tomaria uma atitude contra ele, de tirar ele da liderança, seja lá como fosse, tipo ali no momento a fome o medo, tudo, impedia um pouco o raciocínio deles. Era uma pressão psicológica. Daí, tipo, todo mundo, tipo, na hora com fome vai, tipo, 'vou comer'. Das estatísticas mostram que de 10 pessoas que se perdem só uma é encontrada nesses casos. Seria bem mais fácil ficar no grupo do Jack.</p>	Ficariam com Jack
<p>A.: O caso do S. ainda 'tá' entalado pra mim.</p>	Caso S.: passividade ou medo?
<p>R.: Porque a grande maioria no Brasil é de classe média, classe média baixa, certo? Porque o que comanda mesmo hoje em dia é isso que ele falou tráfico essas coisas que até move bastante dinheiro. Que foi o que ele falou também esse dinheiro ajuda quem? O filho dessa família, mas o filho dessa família que tá vendendo droga, tem consequência a droga não é boa, vai matar a pessoa, a pessoa vai roubar pra ...</p> <p>A.: “Tipo o traficante 'tá' protegendo a nossa favela aqui não sei o quê, mas o meu filho tá crescendo e se meu filho resolve querer proteger a favela também?” Começa a andar aí com uma arma na mão.</p>	Bairro violento: silêncio por medo e conveniência

<p>L.: Então esse é o problema porque no passado, né? Na época da ditadura eles lutavam a favor tipo, por exemplo, tipo, que pudessem ouvir Caetano Veloso, entendeu? Mas hoje eles vão lutar o quê? A favor do Créu, entendeu? Porque hoje do jeito que 'tá', que a criança nasce ouvindo esse tipo de música, como que ela vai querer uma mudança, por isso que eu não penso em alguma mudança, entendeu? Ela já nasce com...com... é, eles não tem porque lutar, eu acredito assim que antes era totalmente diferente não podia tocar assim uma música pra falar assim.</p> <p>D.: A realidade, né?</p> <p>L.: Era uma coisa, vamos dizer, certa pra se lutar. Só que agora não tem porque lutar.</p> <p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...</p> <p>R.: Que nem ela falou lá da favela que não tinha que pagar água que é o que eles pensam que é bom é o pensamento do Jack, a curto prazo ali 'tá' sendo bom viver ali, mas não ta pensando depois pra frente como vai ser.</p>	<p>Não há necessidade de lutar</p>
<p>L.: Absurdo! Se viu que absurdo! Porque que a direção vai querer assim, por exemplo, que lute pelos seus direitos porque senão o povo da escola começa se rebelar contra a diretoria, entendeu? Então é a mesma coisa assim, 'se acostumem a ter regras, se acostumem a ser do jeito que a sociedade impõe.'</p> <p>L.: Você pode ver antigamente e hoje, mudou muito, entendeu? E de agora pra frente também vai ser muito diferente. E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram, entendeu?</p>	<p>Sociedade conforma/c onformismo</p>
<p>L.: É muito mais difícil você ser aceito como homossexual, quero ser gay, quero ser discriminado, quero apanhar dentro da escola.</p> <p>M.: Ah eu quero ser gay e ser discriminado por todo mundo! Ninguém vai querer isso, ninguém vai querer pensar dessa forma. Pra mim nasce assim, pode até rolar esse negócio de influência, igual a irmã da V. pra mim a pessoa nasce com a sua opinião.</p>	<p>Medo de assumir-se homossexua l</p>

<p>D.: Ou ela ficava com menino, só pra...</p> <p>M.: É lógico né?</p> <p>D.: Por esse medo da sociedade ai.</p> <p>D.: A gente 'tava' falando que talvez ela tinha medo.</p>	
<p>A.: Mas porque que, tipo assim, na China nasce todo mundo budista? Ninguém nasce cristão, por exemplo.</p> <p>D.: Claro que tem cristão.</p> <p>A.: Tem tipo, mas, são cassados, a igreja lá são subterrâneas.</p> <p>D.: Por isso. Porque são cassados. Você disse que dentro da igreja têm pessoas que realmente pra crer em Deus, não pra e outras vão lá só pra fazer intrigas, não acreditam.</p>	<p>Não assumem religião por medo</p>
<p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então....</p> <p>D.: Elas não têm uma vontade assim...</p> <p>R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? "Tem algum movimento que vocês fizeram contra...", o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.</p>	<p>Passividade</p>

<p>D.: Eu também tenho esperança, mas não posso ser hipócrita de dizer que eu vou mudar alguma coisa.</p> <p>S.: Vocês tão falando isso que, vocês falam isso aqui, fora daqui tipo vocês vão e não fazem nada, não tomam atitude, entendeu?</p>	
<p>A.: Precisaria de alguém que, tipo, entendeu? Que nem ela tava falando eles precisavam de um líder, ninguém aparentemente assistindo tipo tinha capacitação de liderança tão grande quanto do Jack, mais que o Jack.</p>	Características positivas de um líder
<p>A.: Não tão importante pra vida deles, mas alguém que saiba liderar no meio deles e comandar facilmente em ninguém com força suficiente assim pra ter controle o suficiente pra seguir em frente.</p> <p>R.: De dividir, que nem tinha aqueles que gostavam de se divertir de caçar, então deixava eles lá fazer a parte deles, o Porquinho já era mais inteligente então ele ficava sempre junto com o Ralph, cada um dividir as tarefas.</p> <p>D.: Acho que ele foi até muito democrático todo mundo 'tava' ali procurando um líder ele queria dar concha pros outros, é isso, né? Tomar atitude.</p> <p>L.: Ele não tinha pessoas que davam opinião nas coisas que ele fazia, mas também ele não impunha nada, as pessoas não faziam obrigadas, tinha alguns, né?</p> <p>R.: Ele viu que 'tava' fora de controle, porque até quando ele morreu ele 'tá' 'cá' concha lá que ele queria falar, né? Ele queria colocar na cabeça daquela molecada lá que eles 'tavam' agindo irracionalmente. E 'tavam' mesmo tanto que jogaram uma pedra na cabeça.</p>	Características negativas de um líder
<p>R.: Eles até puniram o moleque lá que falou que tinha matado, não chegaram a matar e ele era o menorzinho e era amigo do Ralph.</p>	consequências
<p>L.: Então, mas da outra vez que eles mataram com lança e o Jack falou que vai castigar quem matou, né? Eles ainda batem no menino, aquele foi o mais sem noção de que eles iam matar. Porque se você vê no meio da praia alguém correndo com uma espadinha na mão você, você não sabe o quê...</p>	Regras
<p>L.: Que nem o R. falou da educação. Ela deveria começar na escola, agora você vem na escola e você não recebe assim uma educação pra mudar as coisas, entendeu?</p> <p>Q.: Tem violência na escola.</p> <p>L.: Absurdo! Se viu que absurdo! Porque que a direção vai querer assim, por exemplo, que lute pelos seus direitos porque senão o povo da escola começa se rebelar contra a diretoria, entendeu? Então é a mesma coisa assim, 'se acostumem a ter regras, se acostumem a ser do jeito que a sociedade impõe.'</p>	escola

<p>A.: Você falou tipo os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mais se a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola os professores... tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na Globo, lá, o que que ela mostra pra você? O Créu, daí tem tipo assim a população.</p>	
<p>D: A gente não tem um espaço, assim, pra discutir.</p> <p>R: Isso 'tá' sendo mais proveitoso do que ficar na aula.</p>	<p>Avaliação da realização do grupo</p>
<p>D.: Então mas a questão que a gente colocou é que depois que, a gente defendia que se o Ralph tomasse um pouco de posição tal depois que matassem o Ralph eles iam se matar entre eles, entendeu?</p> <p>R.: Se você colocar na nossa realidade como fosse a gente mesmo eu, por exemplo, tomaria outro tipo de decisão. A idéia do Ralph era muito certa assim dele ser salvo, mas o jeito que ele colocou aquilo foi completamente errada, entendeu?</p>	<p>Ficariam com Ralph, mas não aceitariam algumas coisas</p>
<p>L.: E foi como ela falou se tivesse ... devia ter dividido, entendeu? Dividido pra não dividir.</p> <p>R.: De dividir, que nem tinha aqueles que gostavam de se divertir de caçar, então deixava eles lá fazer a parte deles, o Porquinho já era mais inteligente então ele ficava sempre junto com o Ralph, cada um dividir as tarefas.</p>	<p>3º. Grupo</p>
<p>R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? “Tem algum movimento que vocês fizeram contra...”, o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.</p>	<p>Grupos de resistência</p>
<p>L.: Eu vi uma reportagem que uma psicóloga ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que 'tavam' na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então como que a pessoa vai pensar no outro? Então é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.</p>	<p>Consequência de não ser neutro</p>
<p>A.: Tipo assim de hoje pra manhã vamos viver num mundinho, num paraíso não tem como mesmo. Era como a gente falou só se derrubar e começar tudo de novo, mas como não dá pra gente fazer isso, a gente tipo acredita numa mudança sim, difícil mas, acredita sim. Tipo há possibilidades, mas tem que partir de cada um. Que nem a gente falou tipo nunca vai mudar se todo mundo pensar o que o grupo deles ficou pra</p>	<p>Jovens e crianças/educação/voto responsáveis pelas mudanças</p>

defender tipo: 'Ah! não tem mudança.' Se a gente entregar os pontos quem vai lutar por nós?

A.: A gente pensou assim em trabalhar numa conscientização assim das crianças, dos jovens, enfim de quem 'tá' crescendo agora, que nem o R. falou o ser humano não tem vida eterna, uma hora as pessoas morrem, daí se a gente conseguir educar essas pessoas, tipo filhos dessas pessoas que moram na favela, tipo de que a casa é melhor, vamos ser honesto pagar tudo, tipo é mais complicado, mas lá 'tá' todo mundo junto, dá pra melhorar só que tipo a longo prazo a gente acredita que há uma mudança sim, se tipo assim houver um investimento na conscientização assim.

R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? "Tem algum movimento que vocês fizeram contra...", o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.

A.: Não isso tipo assim tem que ter a base na educação.

R.: Por isso que eu falei que tem que ter a base já desde pequeno. Que nem que você falou nasce dançando o Créu.

A.: Se a família se conscientizasse e não deixasse ela dançar o Créu...

Pesq.: Quem vai conscientizar a família dela?

A.: A gente que é filho, tipo, chega na casa , tipo, eu tenho sobrinha na minha casa tipo eu conversava com a minha irmã várias vezes, minha irmã deixava minha sobrinha, tipo, assistir, tipo, eu estudei, tipo, a criança até os 6 anos ela não tem a psique dela totalmente formada, né? E ela não sabe definir o que é real do que não é real. Daí eu conversei com a minha irmã tipo porque você 'tá' deixando a criança assistir tal coisa e tal coisa e ela não é ... É assim, assim assado. Daí tipo ela cortou várias coisas da minha sobrinha.

Q.: É igual esse negócio de família na escola, na escola que tinha, né? Pras crianças não ficar na rua, né? No final de semana você vinha, aí tinha programa, projeto, ficava aí jogando bola, pra não ficarem na rua entendeu, agora não tem, entendeu?

<p>R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.</p> <p>A.: Você falou tipo os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mais se a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola os professores... tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na Globo, lá, o que que ela mostra pra você? O Créu, daí tem tipo assim a população.</p>	
<p>L.: Porque o pai dessa menina, o pai dela sempre foi muito rígido, entendeu? E vai saber também se ...</p> <p>M.: Se não pela revolta com o próprio pai. Mas pra mim a pessoa nasce com a sua opinião feita.</p>	Homossexual para afrontar o pai
<p>D.: Acho que ele foi até muito democrático todo mundo 'tava' ali procurando um líder ele queria dar concha pros outros, é isso, né? Tomar atitude.</p> <p>L.: Eu vi uma reportagem que uma psicóloga ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que 'tavam' na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então como que a pessoa vai pensar no outro? Então é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.</p>	Pessoas posicionadas que pensam no coletivo
<p>L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... E quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu? Porque, por exemplo, ai não sei, não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam, tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...</p> <p>D.: Elas não têm uma vontade assim...</p> <p>R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá'</p>	Impedimentos para resistência

vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? "Tem algum movimento que vocês fizeram contra...", o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.

L.: Então esse é o problema porque no passado, né? Na época da ditadura eles lutavam a favor tipo, por exemplo, tipo, que pudessem ouvir Caetano Veloso, entendeu? Mas hoje eles vão lutar o quê? A favor do Crú, entendeu? Porque hoje do jeito que 'tá', que a criança nasce ouvindo esse tipo de música, como que ela vai querer uma mudança, por isso que eu não penso em alguma mudança, entendeu? Ela já nasce com...com... é, eles não tem porque lutar, eu acredito assim que antes era totalmente diferente não podia tocar assim uma música pra falar assim.

D.: E outra o governo também não quer que as pessoas mudem. Tem que ter sempre alguém mais fraco pra eles mandarem, tem que ter sim sempre o cara mais pobre, tem que ter. Até nos EUA que é uma potência tem, tem isso têm as pessoas que moram num lugar que é mais propício pra ter enchente e, e, e... furacão e depois de tudo aquilo que aconteceu o governo nem foi reconstruir lá e 'tá' propício de acontecer tudo aquilo de novo e olha a gente vê, a gente pensa a gente ... 'tá' olhando o Brasil, lá estão muito, muito mais a frente e não tomam providência porque tem que ser.

L.: Porque se todo mundo for... a mesma coisa viver num mundinho feliz, pra que vai precisar do governo?

L.: Que nem o R. falou da educação. Ela deveria começar na escola, agora você vem na escola e você não recebe assim uma educação pra mudar as coisas, entendeu?

Q.: Tem violência na escola

L.: Absurdo! Se viu que absurdo! Porque que a direção vai querer assim, por exemplo, que lute pelos seus direitos porque senão o povo da escola começa se rebelar contra a diretoria, entendeu? Então é a mesma coisa assim, 'se acostumem a ter regras, se acostumem a ser do jeito que a sociedade impõe.'

D.: Tipo os Cara pintadas, por exemplo, eles tiveram filhos e o que os filhos deles tão fazendo agora? Então, não tem como passar, como você falou que desde criança.

R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.

L.: Mas isso não acontece, tanto que o Enéas ganhou um monte de eleição.

R.: Você conhece o Enéas?

L.: Você conhece?

M.: O Maluf se candidatou de novo.

A.: A burguesia vota nele, porque ele rouba, mas faz.

L.: E ele vai ter voto pode ter certeza.

A.: Tipo assim que nem aquilo que eu disse se todo mundo pensar assim, não tem, não tem mudança, vamos nos matar então, porque é daqui pra pior. Por isso a gente tem que acreditar mesmo que tipo seja longe ou que nem aconteça, mas a gente tem que acreditar. É algo assim, eu preciso de um sonho pra mover a minha vida. Eu preciso de esperança pra continuar. 'Vô' pensar "nossa o que vai ser do meu filho"..

L.: Eu vi uma reportagem que uma psicóloga ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que 'tavam' na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então como que a pessoa vai pensar no outro? Então é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.

L.: É que isso a gente sempre ouve, entendeu? Sempre ouve. Foi o que eu falei na outra ..., isso é redação de escola, entendeu? Temos que começar, tananam, tananam, isso você sempre ouve, você ouve desde a sua casa, só que você não aprende, você não cresce com isso.

R.: É isso que eu falando, me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.

A.: O que que você acha? Você acha que a gente consegue mais ou menos chegar lá no plenário: 'oh eu tenho mais ou menos essa idéia, o que 'tá' acontecendo aqui? Eu trouxe essa idéia aqui'. Eles vão esnobar a gente. Agora se eu tivesse um doutor antes do meu nome, eles vão ter que me ouvir, no mínimo me ouvir. Então é essa estrutura que a gente tá buscando.

D.: Eu 'tô' com 18 anos, e vocês acham quê? A gente não fez nada, daqui a pouco a gente vai entrar numa faculdade, a gente vai, vai trabalhar, se Deus quiser tal, e depois vamos ter filhos, vamos ficar presos ao emprego.

<p>D.: ah então você não vai ter filho, não vai fazer faculdade e você vai se revolucionar daqui a pouco e vai sair daqui mudando tudo?</p> <p>Pesq.: Você acha que assistindo Tv Câmara, Tv Justiça é uma forma de conscientização?</p> <p>R.: Não que eu vá assistir, mas eu acho que sim, que seria o certo. Eu acho que seria o certo.</p> <p>D.: Você falou, mas assiste? Você deu o exemplo, mas você assiste então?</p> <p>R.: Não.</p> <p>D.: Então o que vai adiantar, então? Você tem que falar você tem que assistir, pras pessoas assistam, mas não faz.</p> <p>R.: Eu tô falando que seria o certo. Não adianta nada eu não vou adiantar.</p> <p>R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.</p>	
<p>D.: E se você prestar a atenção na 1a. morte, tava escuro ele pensava que era monstro mesmo aquilo. A 2a. morte do Simon também pensavam que era o monstro e a do Porquinho, eles não sabiam nem o que eles 'tavam' fazendo, que aquilo era mesmo morte e a gravidade que aquilo tem que aquilo teria, quando eles empurraram a pedra na cabeça do Porquinho, realmente eu acho que não foi pra matar, eu acho que foi pra dar um susto.</p> <p>L.: Porque, por exemplo, você pode ver que depois que ele morre a expressão deles não é de eh.</p> <p>R.: Esse negócio da expressão, foi porque eles eram crianças e acho que eles nunca tinham matado ninguém antes.</p>	Criança
<p>Q.: Ah eu fico, assim, tipo dos 2 lados eu vejo é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança, pelo menos eu 'vô' fazer a minha parte, por exemplo, os meus filhos eu 'vô' educar do jeito certo, se tiver errado, tipo, tem pai mesmo que chega uma certa idade diz... não eu, igual minha mãe fala tipo, eu vou fazer 18 anos esse mês, né? Minha mãe fala assim... eu falo: 'mãe agora eu posso fazer o que eu quiser', minha mãe fala: “não, enquanto você tiver dependendo de mim, morar na minha casa vai ser do meu jeito”. Agora só porque eu fiz 18 anos eu 'vô' fazer o que eu quiser, vou tomar minha decisão do jeito que eu quiser? Não. Eu 'vô' ter que impor minha condição. Eu não vejo solução, mas, eu vou fazer a minha parte pra que possa acontecer alguma coisa tem que ter esperança, né?</p>	Adolescência x infância x vida adulta

<p>R.: É isso que eu falando, me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.</p> <p>A.: O que que você acha? Você acha que a gente consegue mais ou menos chegar lá no plenário: 'oh eu tenho mais ou menos essa idéia, o que 'tá' acontecendo aqui? Eu trouxe essa idéia aqui'. Eles vão esnobar a gente. Agora se eu tivesse um doutor antes do meu nome, eles vão ter que me ouvir, no mínimo me ouvir. Então é essa estrutura que a gente 'tá' buscando.</p> <p>D.: Eu 'tô' com 18 anos, e vocês acham quê? A gente não fez nada, daqui a pouco a gente vai entrar numa faculdade, a gente vai, vai trabalhar, se Deus quiser tal, e depois vamos ter filhos, vamos ficar presos ao emprego.</p>	
<p>R.: É isso que eu falando, me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente agora falando sério é o que eu quero fazer. É tentar me estruturar tanto, é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei, que eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.</p> <p>Pesq.: Que tipo de estrutura você pensa?</p> <p>R.: De querer estudar, de querer saber, querer estudar o que 'tá' sendo de errado de querer saber ao certo o que que 'tão' mexendo que, vamos supor, não 'tá' indo verba pra tal setor, escola, tanto é que o pessoal fala.</p> <p>A.: O que que você acha? Você acha que a gente consegue mais ou menos chegar lá no plenário: 'oh eu tenho mais ou menos essa idéia, o que 'tá' acontecendo aqui? Eu trouxe essa idéia aqui'. Eles vão esnobar a gente. Agora se eu tivesse um doutor antes do meu nome, eles vão ter que me ouvir, no mínimo me ouvir. Então é essa estrutura que a gente tá buscando.</p>	Estrutura para mudar
<p>D.: Eles só olharam pra cara do Jack assim, pra ver se o Jack tipo tomava alguma atitude assim de alegria, de festividade daquilo que eles tinham feito ou não, quer dizer eles não sabiam.</p> <p>A.: Pode ser que eles não soubessem a consequência, mas tipo ninguém: 'ai tropecei e empurrei e bati na pedra sem querer'.</p> <p>D.: Mas não foi com a intenção de matar. Foi com a intenção de assustar. Eles não sabiam a consequência.</p> <p>A.: É eles, tipo, batiam no Porquinho.</p> <p>D.: Mas eles não sabiam a consequência.</p>	Certo x errado

<p>A.: Mas então...</p> <p>R.: Desse instinto de querer ser forte que quiseram assustar ele com a pedrona.</p> <p>A.: Eles não são assassinos, um matador de aluguel, eles mataram, tipo, daí pesa, daí, tipo, se tocaram do tamanho do problema que eles 'tavam' causando.</p> <p>R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração 'tá' sendo criada é claro, 'tá' sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que 'tá' sendo, do que 'tá' acontecendo de continuar aquilo que já 'tá' vindo, é o errado. 'Tá' roubando dinheiro? 'Tá'. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria, quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você gente falou, lembra? "Tem algum movimento que vocês fizeram contra...", o cara pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar.</p> <p>A.: Uma pessoa que acha errado roubar, daí ela entra na política, tipo, e aí ela rouba 2 milhões em uma semana, daí, tipo, você acha que ela vai achar ruim roubar?</p>	
<p>Q.: É igual esse negócio de família na escola, na escola que tinha né? Pras crianças não ficar na rua, né? No final de semana você vinha, aí tinha programa, projeto, ficava aí jogando bola, pra não ficarem na rua entendeu, agora não tem, entendeu?</p> <p>A.: Se a família se conscientizasse e não deixasse ela dançar o Créu...</p> <p>A.: A gente acredita que a pessoa nasça com alguma tendência pra algo, tipo assim, pra uma especialidade. Que nem o R. falou, tipo, o pai dele é piloto, ele nasce, tipo, talvez ali ele já leve jeito pra coisa, agora vai dele se desenvolver, mas, tipo, o pai dele dá uma grande influência na vida dele, tipo, que normalmente o filho tem o pai como exemplo aí, tipo, ele o meu pai é um piloto eu vou ser um piloto. Daí tipo a gente acredita bastante nisso. Também aquilo que eu falei até os 6 anos a psique não tá formada e, tipo, eu vi na Internet um vídeo de mensagens subliminares, tipo acusando a Disney de formar homossexuais, pra não envolver religião, tipo, o Álvaro disse tipo que ele acredita nisso sim porque seriam um grande pão capitalista, formar um novo grupo de consumidor pra poder vender bastante, porque daí não tem como provar a ciência, ninguém nasce homossexual, não existe células masculinas, células femininas e células homossexuais, ou nasce masculina ou feminina ou, tipo, recebe a influência. Nos EUA, esse negócio de homossexualismo</p>	<p>Família: grande influência</p>

<p>surgiu numa pesquisa que provou que era um distúrbio comportamental, tipo vício em bebida, coisa assim. A gente acredita que é bastante influenciável.</p> <p>A.: Lá em casa foi imposto o cristianismo pra mim.</p> <p>A.: Daí eu contestei porque eu não concordava com muitas coisas.</p>	
<p>R.: O modo de ver livre daquela situação foi aprendida ao longo do tempo com a liderança do Jack.</p> <p>R.: Mas nem todo mundo tem cabeça pra tentar organizar tudo. E esse é o princípio do governo só que não 'tá' acontecendo isso. Aparentemente 'tá'. Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento. Eu tenho uma idéia, o seguinte, estudar bastante passar numa faculdade e ganhar na vida e tal, mas a gente começa a ver coisas que não é bem assim. Tem situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano.</p> <p>D.: Tipo os Cara pintadas, por exemplo, eles tiveram filhos e o que os filhos deles tão fazendo agora? Então, não tem como passar, como você falou que desde criança.</p> <p>A.: Tipo, um acontecimento na vida da pessoa muda a vida dela totalmente, tipo pode mudar pra melhor ou pra pior.</p> <p>A.: A gente acredita que a pessoa nasce com alguma tendência pra algo, tipo assim, pra uma especialidade. Que nem o R. falou, tipo, o pai dele é piloto, ele nasce, tipo, talvez ali ele já leve jeito pra coisa, agora vai dele se desenvolver, mas, tipo, o pai dele dá uma grande influência na vida dele, tipo, que normalmente o filho tem o pai como exemplo aí, tipo, ele o meu pai é um piloto eu vou ser um piloto. Daí tipo a gente acredita bastante nisso. Também aquilo que eu falei até os 6 anos a psique não tá formada e, tipo, eu vi na Internet um vídeo de mensagens subliminares, tipo acusando a Disney de formar homossexuais, pra não envolver religião, tipo, o Álvaro disse tipo que ele acredita nisso sim porque seriam um grande pão capitalista, formar um novo grupo de consumidor pra poder vender bastante, porque daí não tem como provar a ciência, ninguém nasce homossexual, não existe células masculinas, células femininas e células homossexuais, ou nasce masculina ou feminina ou, tipo, recebe a influência. Nos EUA, esse negócio de homossexualismo surgiu numa pesquisa que provou que era um distúrbio comportamental, tipo vício em bebida, coisa assim. A gente acredita que é bastante influenciável.</p> <p>M.: Eu já não acho, tipo, o M. O M. aqui da escola, o veadinho, ele é assim meio abilolado desde pequenininho desde sempre foi meio afeminado. A irmã da V., a menina pegava um monte de moleque aqui na escola, era... a gente encontrava ela em show pegando um monte de moleque, do nada ela vira pegar mulher. 'Tava' se agarrando com mulher na esquina da minha casa. Pra mim isso é frescura ficou modinha isso.</p>	<p>Inato x Influência</p>

Não, tudo bem daí eu 'tô' partindo pro lado da influência. Mas pra mim a pessoa que é gay ela nasce assim. O M., M. nasceu assim, ele já é assim desde pequeno não teve a influência de ninguém, ele não anda com homem, só se ele andar com a irmã dele na rua, a irmã dele não tem nada a ver com isso, pra mim ele nasceu, ele já é assim já.

L.: Porque o pai dessa menina, o pai dela sempre foi muito rígido, entendeu? E vai saber também se ...

M.: Se não pela revolta com o próprio pai. Mas pra mim a pessoa nasce com a sua opinião feita.

A.: Mas porque que, tipo assim, na China nasce todo mundo budista, ninguém nasce cristão, por exemplo.

D.: Claro que tem cristão.

L.: Tem tipo, mas, são cassados, a igreja lá são subterrâneas.

D.: Por isso porque são cassados. Você disse que dentro da igreja têm pessoas que realmente pra crer em Deus não pra e outras vão lá só pra fazer intrigas, não acreditam.

Pesq.: Vocês acreditam que as pessoas nascem budistas.

D.: Ah... não.

D.: Nasce com uma ... crença.

R.: Com uma tendência, mas a influência que faz com que a pessoa, tipo, a pessoa não em como, entendeu?

L.: Você olha pra cara de um nenezinho de 1 mês.

D.: Meus pais são da Cristã .

F.: Ah tem um cara de bichinha.

L.: É.

Q.: Uma criança não tem noção do que que é ela já nasceu com gene de homossexual.

R.: Pelo lado científico nada ficou provado que a pessoa já nasce assim.

A.: Pelo contrário ficou provado que pela pesquisa que é um distúrbio comportamental. Agora querer puxar pra um lado religioso ou daí não.

D.: Vocês que falaram do budismo. Eu realmente acho, eu por exemplo, minha mãe é da Congregação Cristã e eu sou mais voltada pro lado do

espiritismo do que pra esse lado cristão.

R.: 'Tá' e você descobriu isso sozinha?

A.: Alguma influência você teve que ter.

D.: Porque tipo eu me interessei e fui procurar.

R.: Como?

D.: Porque dentro de mim tinham várias coisas que eu contestava da bíblia que eu queria uma resposta, então o que que eu fui fazer? Então daí que eu fui pesquisar. Que era uma coisa critica dentro mim, entendeu? De eu não 'tá' concordando com aquilo.

D.: Lá em casa foi imposto o cristianismo pra mim.

D.: Daí eu contestei porque eu não concordava com muitas coisas.

D.: Era uma coisa minha já.

R.: Daí você sabia já o que era espiritismo ou aquilo bacana?

D.: Eu fui procurar uma resposta.

F.: Você foi procurar.

L.: Aí você foi influenciada por um livro. Tipo, você pesquisando você acaba achando a influência de alguém. você não concordava com seus pais, certo?

D.: Mas por que, por quê?

L.: Ela já tinha os conceitos dela formado, entendeu? Então, ela foi procurar alguma coisa que se encaixasse com o dela e o que se encaixou foi o Espiritismo, entendeu? Não é influência, ela já nasceu assim.

R.: Então é influência.

D.: Era uma coisa minha antes.

D.: Eu acho que assim é uma coisa mista.

A.: É, tem a tendência e 95 % de influência.

M.: Eu acho que a pessoa já nasce com o caráter formado, já com opinião própria, mas pode assim...

A.: Se já nasce com caráter formado não tem como mudar o mundo.

<p>L.: Mas eu acho que a pessoa já nasce com isso também, entendeu?</p> <p>A.: Mas se a pessoa já nasce com isso não tipo assim, vamos parar tudo.</p> <p>L.: Mas eu acho que tem tanta gente que nasce e é influenciada que quando cresce muda.</p> <p>R.: A grande influência hoje em dia é o dinheiro. Muda opinião das pessoas, assim a maioria.</p> <p>A.: Uma pessoa que acha errado roubar, daí ela entra na política, tipo, e ai ela rouba 2 milhões em uma semana, daí, tipo, você acha que ela vai achar ruim roubar?</p> <p>D.: Acho que tem os dois mesmo.</p> <p>Pesq.: Mas tem algum que tem um peso maior?</p> <p>R.: A influência.</p> <p>A.: Eu gosto de cinema, mas eu poderia não gostar é uma coisa minha também.</p> <p>M.: A M. adora axé. Eu não suporto, fico ouvido e tenho vontade de bater nela. Eu não tive influência dela.</p> <p>R.: Mas não precisa seguir a influência de ninguém.</p> <p>A.: Que é um grande exemplo de influência, volta aí um ano atrás, quanto <i>rapper</i> tinha aqui na escola, agora é todo mundo <i>clubber</i>.</p> <p>D.: Eles gostavam naquela época de ser <i>rapper</i>.</p> <p>R.: Eu acho que todo caso tem a sua exceção, mas a grande maioria é influenciada.</p> <p>M.: Ai sei lá, a gente 'tá' com gente ao redor, cresce com o pai falando o que a gente pode ou não pode fazer. Tipo, mais por criação mesmo, tipo cresce num lugar que tem pai que mata, que usa droga, vende droga. Ele 'tá' crescendo ali, aprendendo com os pais dele, ou como pode não fazer isso, pode achar errado o que os pais fazem, pode ter pais bons, irmãos e partir pra coisa errada.</p> <p>Q.: Acho que um pai e uma mãe criam os filhos todos iguais, nenhum irmão é parecido, irmão que foi criado na mesmo casa, educado da mesmo forma.</p> <p>L.: É o que ela tá dizendo, às vezes eles educam 2 ou 3 filhos da mesmo maneira e eles crescem de maneira diferente, né?</p>	
---	--

<p>A.: Tem a influência psicológica do pai e da mãe, mas também cada um.</p> <p>L.: Já nasce com aquilo.</p> <p>R.: Tem uma tendência a ter uma certa idéia.</p> <p>D.: Mas acho tipo o que educa é a relação que você tem fora de casa</p> <p>A.: É eu acho isso, a que você adquire fora da casa é a diferença , até aí todo mundo aprende a mesma coisa, daí cada um anda com um tipo de pessoas, cada um conhece lugares, daí a influência do...</p> <p>D.: Eu sou totalmente diferente dos meus pais. Eu sou muito diferente</p> <p>Pesq.: O grupo de amigos exerce uma influência forte, é isso, todo mundo concorda com a D.?</p> <p>D. Cada grupo assim que eu passei. Ali eles gostam muito de cinema, e aquilo me agradou,daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características assim de cada grupo que me agradam que vai.</p> <p>R.: Do negócio dos amigos, que você acha certo ou errado você tem que ver com quem você se identifica, você vai pela, como que se fala, pelo que você sente, que você 'tá' se sentido bem por causa disso ou acho que isso não tá legal. Ou então, 'ai legal fiz alguém feliz' ou então, vai depender de pessoa pra pessoa.</p> <p>R.: O modo de ver livre daquela situação foi aprendida ao longo do tempo com a liderança do Jack.</p>	
<p>A.: A gente acredita que a pessoa nasça com alguma tendência pra algo, tipo assim, pra uma especialidade. Que nem o R. falou, tipo, o pai dele é piloto, ele nasce, tipo, talvez ali ele já leve jeito pra coisa, agora vai dele se desenvolver, mas, tipo, o pai dele dá uma grande influência na vida dele, tipo, que normalmente o filho tem o pai como exemplo aí, tipo, ele o meu pai é um piloto eu vou ser um piloto. Daí tipo a gente acredita bastante nisso. Também aquilo que eu falei até os 6 anos a psique não tá formada e, tipo, eu vi na Internet um vídeo de mensagens subliminares, tipo acusando a Disney de formar homossexuais, pra não envolver religião, tipo, o Álvaro disse tipo que ele acredita nisso sim porque seriam um grande pão capitalista, formar um novo grupo de consumidor pra poder vender bastante, porque daí não tem como provar a ciência, ninguém nasce homossexual, não existe células masculinas, células femininas e células homossexuais, ou nasce masculina ou feminina ou, tipo, recebe a influência. Nos EUA, esse negócio de homossexualismo surgiu numa pesquisa que provou que era um distúrbio comportamental, tipo vício em bebida, coisa assim. A gente acredita que é bastante influenciável.</p> <p>M.: Eu já não acho, tipo, o M. O M. aqui da escola, o veadinho, ele é</p>	Homossexualidade

assim meio abilolado desde pequenininho desde sempre foi meio afeminado. A irmã da V., a menina pegava um monte de moleque aqui na escola, era... a gente encontrava ela em show pegando um monte de moleque, do nada ela vira pegar mulher. 'Tava' se agarrando com mulher na esquina da minha casa. Pra mim isso é frescura ficou modinha isso. Não, tudo bem daí eu 'tô' partindo pro lado da influência. Mas pra mim a pessoa que é gay ela nasce assim. O M., M. nasceu assim, ele já é assim desde pequeno não teve a influência de ninguém, ele não anda com homem, só se ele andar com a irmã dele na rua, a irmã dele não tem nada a ver com isso, pra mim ele nasceu, ele já é assim já.

L.: É muito mais difícil você ser aceito como homossexual, 'quero ser gay, quero ser discriminado, quero apanhar dentro da escola.'

M.: 'Ah eu quero ser gay e ser discriminado por todo mundo', ninguém vai querer isso, ninguém vai querer pensar dessa forma. Pra mim nasce assim, pode até rolar esse negócio de influência, igual a irmã da V., pra mim a pessoa nasce com a sua opinião.

D.: Ou ela ficava com menino, só pra.

M.: É lógico, né?

D.: Por esse medo da sociedade aí.

L.: Porque o pai dessa menina, o pai dela sempre foi muito rígido, entendeu? E vai saber também se ...

M.: Se não pela revolta com o próprio pai. Mas pra mim a pessoa nasce com a sua opinião feita.

D.: A gente 'tava' falando que talvez ela tinha medo.

L.: E agora ela assumiu essa coisa que ela já tinha.

M.: Ai! Mudei de opinião de novo.

L.: Você olha pra cara de um nenezinho de 1 mês.

F.: 'Ah tem um cara de bichinha.

L.: É.

Q.: Uma criança não tem noção do que que é ela já nasceu com gene de homossexual.

R.: Pelo lado científico nada ficou provado que a pessoa já nasce assim.

A.: Pelo contrário ficou provado que pela pesquisa que é um distúrbio comportamental. Agora querer puxar pra um lado religioso ou daí não.

<p>D.: O caso do S. ainda 'tá' entalado pra mim.</p>	
<p>A.: Você falou tipo os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mais se a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola os professores... tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na Globo, lá, o que que ela mostra pra você? O Créu, daí tem tipo assim a população.</p> <p>R.: Mostra o que a população quer ver momentaneamente.</p> <p>A.: Agora você assiste lá a Cultura, tipo é chato e tal você assiste lá sobre os bichos, os animais, cultura de outros estados.</p> <p>R.: Quem que tem tv a cabo e assiste tv câmara? Ninguém.</p> <p>M.: O canal sobre os bichos eu vejo, como sobreviver na floresta.</p> <p>D.: Eu assisto coisa mais sobre cinema e jornalismo.</p> <p>Pesq.: E você acha que assistindo essa programação você tem condições de se posicionar no mundo?</p> <p>D.: Pra solucionar alguma coisa assim? Eu faço isso porque eu gosto.</p> <p>A.: A gente que é filho, tipo, chega na casa , tipo, eu tenho sobrinha na minha casa tipo eu conversava com a minha irmã várias vezes, minha irmã deixava minha sobrinha, tipo, assistir, tipo, eu estudei, tipo, a criança até os 6 anos ela não tem a psique dela totalmente formada, né? E ela não sabe definir o que é real do que não é real. Daí eu conversei com a minha irmã tipo porque você 'tá' deixando a criança assistir tal coisa e tal coisa e ela não é ... É assim, assim assado. Daí tipo ela cortou várias coisas da minha sobrinha.</p> <p>R.: Mudou muita coisa 'vê' o mundo desse jeito, eu achei que era tudo mais fácil, agora a gente 'vê' que emprego não é tão fácil, entendeu? Emprego até tem, mas gente qualificada, tem que estudar bastante, às vezes as condições que você tem em casa, financeira ou psicológica, não ajuda você a estudar, só que se tivesse alguma e é o que 'tá' acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que 'tá' aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que 'tá' mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.</p> <p>R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.</p>	<p>Mídia</p>

Pesq.: Você acha que assistindo Tv Câmara, Tv Justiça é uma forma de conscientização?

R.: Não que eu vá assistir, mas eu acho que sim que seria o certo. Eu acho que seria o certo.

D.: Você falou, mas assiste? Você deu o exemplo., mas você assiste, então?

R.: Não.

D.: Então o que vai adiantar então? você tem que falar você tem que assistir, pras pessoas assistam, mas não faz.

R.: Eu tô falando que seria o certo. Não adianta nada eu não vou adiantar.

A.: A gente acredita que a pessoa nasça com alguma tendência pra algo, tipo assim, pra uma especialidade. Que nem o R. falou, tipo, o pai dele é piloto, ele nasce, tipo, talvez ali ele já leve jeito pra coisa, agora vai dele se desenvolver, mas, tipo, o pai dele dá uma grande influência na vida dele, tipo, que normalmente o filho tem o pai como exemplo aí, tipo, ele o meu pai é um piloto eu vou ser um piloto. Daí tipo a gente acredita bastante nisso. Também aquilo que eu falei até os 6 anos a psique não tá formada e, tipo, eu vi na Internet um vídeo de mensagens subliminares, tipo acusando a Disney de formar homossexuais, pra não envolver religião, tipo, o Álvaro disse tipo que ele acredita nisso sim porque seriam um grande pão capitalista, formar um novo grupo de consumidor pra poder vender bastante, porque daí não tem como provar a ciência, ninguém nasce homossexual, não existe células masculinas, células femininas e células homossexuais, ou nasce masculina ou feminina ou, tipo, recebe a influência. Nos EUA, esse negócio de homossexualismo surgiu numa pesquisa que provou que era um distúrbio comportamental, tipo vício em bebida, coisa assim. A gente acredita que é bastante influenciável.

Pesq.: Mais alguém? Vocês colocaram a mídia como uma forte influência, vocês concordam?

A.: Pra algumas coisas sim, pra outras não.

M.: Pra melhores não tem.

A.: A grande massa pro capitalismo, né?

Q.: Você viu aquele comercial lá a moda agora é peixe e aí todo mundo corre atrás do peixe, brócolis, brócolis, daí todo mundo larga o peixe e vai atrás vai correr atrás do brócolis.

R.: Depende da influência.

<p>A.: Hoje a maioria é negativa, porque a formadora de opinião é a mídia.</p> <p>Pesq.: Vocês concordam?</p> <p>sim</p>	
<p>A.: Você não fala de política na sua casa.</p> <p>M.: Na minha casa fala.</p> <p>A.: Raramente alguém vai se interessar por política. você ouve lá tem oh maneiras. Ninguém fala você política vê se alguém vai se interessar por política você ouve lá, tipo, meu nome é Enéas.</p> <p>R.: Aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.</p> <p>L.: Mas isso não acontece, tanto que o Enéas ganhou um monte de eleição.</p> <p>R.: Você conhece o Enéas?</p> <p>L.: Você conhece?</p> <p>M.: O Maluf se candidatou de novo.</p> <p>A.: A burguesia vota nele, porque ele rouba, mas faz.</p> <p>L.: E ele vai ter voto pode ter certeza.</p>	Política
<p>R.: Mudou muita coisa 'vê' o mundo desse jeito, eu achei que era tudo mais fácil, agora a gente 'vê' que emprego não é tão fácil, entendeu? Emprego até tem, mas gente qualificada, tem que estudar bastante, às vezes as condições que você tem em casa, financeira ou psicológica, não ajuda você a estudar, só que se tivesse alguma e é o que 'tá' acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que 'tá' aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que 'tá' mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.</p>	Sucesso depende só de mim

Anexo V

Indicadores das duas discussões em grupo

Pré-indicadores 1ª e 2ª discussão	Indicadores
<ul style="list-style-type: none"> • Porquinho • Ralph características do bem • Ficariam com Ralph 	Estereótipo do bonzinho: valores pautados na individualidade
<ul style="list-style-type: none"> • Instintos, perda da razão • Escolhas pela sensação/sentimentos positivos 	Emoção como perturbadora da razão-desresponsabilização
<ul style="list-style-type: none"> • Hoje x amanhã • Esperança x desesperança • Individualismo • Futuro da nossa sociedade 	Sociedade: hoje e amanhã
<ul style="list-style-type: none"> • Orgulho, gênero masculino 	Orgulho e gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Jack características do mal • Escolheram Jack por afinidade e compartilhavam das atitudes 	Estereótipo do mal
<ul style="list-style-type: none"> • Escolheram Jack por medo de morrer • Ficariam com Jack • Caso S.: passividade ou medo? • Bairro violento: silêncio por medo e conveniência 	Medo como norteador das escolhas
<ul style="list-style-type: none"> • Não há necessidade de lutar • Sociedade conforma/conformismo • passividade • Impedimentos para a resistência 	Pessoas neutras
<ul style="list-style-type: none"> • Características positivas de um líder • Conseqüências • Regras 	Liderança
<ul style="list-style-type: none"> • Escola • Avaliação da realização do grupo 	Ambiente escolar
<ul style="list-style-type: none"> • Ficariam com Ralph, mas não aceitariam algumas coisas. 	Pessoas que assumem uma posição

<ul style="list-style-type: none"> • Tentariam se impor • Não ser neutro. • 3º grupo • Grupos de resistência • Conseqüência de não ser neutro • Jovens e crianças/educação/voto responsáveis pelas mudanças • Pessoas posicionadas que pensam no coletivo 	
<ul style="list-style-type: none"> • Criança • Adolescência x infância x vida adulta • Estrutura para mudar 	Adolescência e Infância: moratória social
<ul style="list-style-type: none"> • Certo x errado • Família grande influência • Inato x Influência • Homossexualidade • Política 	Gênese das escolhas: inato ou aprendido

Anexo VI

Núcleos de significação dos grupos de discussão

Pré-indicadores	Indicadores	Núcleos de Significação
<ul style="list-style-type: none"> • Porquinho • Ralph características do bem • Ficariam com Ralph • Pensam no coletivo/bonzinhos • Futuro do grupo do Jack • Quem sobreviveria • Jack: características do mal • Escolheram Jack por afinidade e porque compartilhavam das suas atitudes • Características positivas de um líder • Características negativas de um líder 	<ul style="list-style-type: none"> • Estereótipo do bonzinho • Estereótipo do mal • Liderança 	Estereótipos do bem e do mal: uma disputa entre particularidade e individualidade “A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o mauzinho”
<ul style="list-style-type: none"> • Instintos, perda da razão • Morte como diversão • Morte por estarem assustados • Tragédias: intencionalidade x inconseqüência • Escolhas pela sensação/sentimento positivos • Orgulho, gênero masculino • Motivação das ações erradas • Masculino x feminino • Hoje x amanhã • Esperança x desesperança • Individualismo • Futuro da nossa sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Emoção como perturbadora da razão • Orgulho e gênero 	Emoção como obstáculo para a razão: “agir com os instintos e não com a cabeça”
<ul style="list-style-type: none"> • Escolheram Jack por medo de morrer • Ficariam com Jack • <i>Skinhead</i> • Caso S.: passividade ou medo? • Bairro violento: silêncio por medo e conveniência • Filiação ao <i>skinhead</i> por força • Medo de assumir-se homossexual • Não assumem religião por medo 	<ul style="list-style-type: none"> • Medo como norteador das escolhas 	Medo como norteador das escolhas: “Porque vai ser pior pra quem vai denunciar esse negócio aí, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou”.

<ul style="list-style-type: none"> • Certo x errado • Família grande influência • Inato x Influência • Sucesso depende só de si mesmo • Homossexualidade • Consequências • Mídia • Regras 	<ul style="list-style-type: none"> • Gênese das escolhas: inato ou aprendido 	<p>Inato ou aprendido? “tem a tendência e 95 % de influência”</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade conforma/conformismo • Passividade • Indecisos • Impedimentos para resistência • Corrupção na igreja • Não ser neutro • Ficariam com Jack, mas não aceitariam algumas coisas • 3º grupo • Grupos de resistência • Consequência de não ser neutro • Jovens e crianças/educação/voto: responsáveis pelas mudanças • Homossexual para afrontar o pai • Pessoas posicionadas que pensam no coletivo • Política 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas neutras • Pessoas que assumem uma posição 	<p>Neutralidade x posicionamento “talvez o importante seja abaixar a cabeça pra certas coisas” x “se eu tipo assim concordar com ele eu ‘tô’ me corrompendo também, da mesma forma que eu achei que ele estava errado eu vou estar sendo”</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Desinteresse pela escola • Escola • Avaliação da realização do grupo 	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente escolar 	<p>Desinteresse pela escola: “a maioria não leva a sério a escola” e “você vem à escola e você não recebe, assim, uma educação pra mudar as coisas”</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Criança • Adolescência x infância x vida adulta • Estrutura para mudar 	<ul style="list-style-type: none"> • Adolescência e Infância: moratória social 	<p>Adolescência e Infância: período preparatório para o exercício social “a gente ‘tá’ no começo da vida, a gente fica quieto pra certas coisas pra tentar melhorar”</p>

Anexo VII

Demonstração de aprofundamento e/ou reiteração das informações na 2ª discussão em grupo

1ª discussão em grupo	2ª discussão em grupo	1ª e 2ª discussão em grupo	Aprofundamento de dados no grupo 2	Reiteração dos dados grupo 2
		Porquinho	X	
		Ralph características do bem	X	
		Ficariam com Ralph		X
	Pensam no coletivo/bonzinhos			
		Instintos, perda da razão	X	
	Morte como diversão			
	Morte por estarem assustados			
	Tragédias: intencionalidade x inconseqüência			
		Escolhas pela sensação/sentimento positivos	X	
		Hoje x amanhã	X	
		Esperança x desesperança	X	
		Individualismo	X	
		Futuro da nossa sociedade	X	
		Orgulho, gênero masculino		X
Motivação das ações erradas				
Masculino x feminino				
		Jack características do mal	X	
	Futuro do grupo do Jack			
		Escolheram Jack por afinidade e compartilhavam das	X	

		suas atitudes		
	Quem sobreviveria?			
		Escolheram Jack por medo de morrer	X	
		Ficariam com Jack		X
<i>Skinhead</i>				
		Caso S.: passividade ou medo?		X
		Bairro violento: silêncio por medo e conveniência		X
Filiação ao <i>skinhead</i> por força				
	Medo de assumir-se homossexual			
	Não assumem religião por medo			
		Não há necessidade de lutar	X	
		Sociedade conforma/conformismo	X	
		Passividade	X	
indecisos				
		Impedimentos para resistência	X	
Corrupção na igreja				
		Características positivas de um líder		X
	Características negativas de um líder			
		Conseqüências		X
		Regras		X
Desinteresse pela escola e na participação				
		Escola	X	
		Avaliação da realização do grupo	X	
		Ficariam com Ralph, mas não aceitariam algumas coisas. Tentaria se impor. Não ser neutro.		X
Ficariam				

com Jack, mas não aceitariam algumas coisas				
		3º grupo		X
		Grupos de resistência		X
		Conseqüência de não ser neutro	X	
		Jovens e crianças/educação/ voto: responsáveis pelas mudanças	X	
	Homossexual para afrentar o pai			
		Pessoas posicionadas que pensam no coletivo	X	
		Criança	X	
		Adolescência x infância x vida adulta	X	
		Estrutura para mudar	X	
		Certo x errado	X	
		Família grande influência	X	
		Inato x Influência	X	
		Homossexualidade	X	
	Mídia			
		Política	X	
	Sucesso depende só de si mesmo			

Anexo VIII

Questões norteadoras das discussões em grupo

- O que fariam se estivessem na mesma condição que os adolescentes do filme?
- Naquela condição, havia necessidade de um líder? Se sim, como realizariam essa escolha? Quais os critérios utilizam ou utilizariam na situação real de escolha de representantes?
- O que pensam acerca dos roubos cometidos entre os grupos? O que fariam acerca dessa situação? Vivenciam o roubo na vida real, como posicionam-se?
- O que fariam com o adulto doente? E na vida real como agiriam se fossem responsáveis por idosos ou incapazes?
- Como resolveriam as situações do não cumprimento das regras estabelecidas? Exemplo: situação em que a fogueira apagou-se e ninguém percebeu e isto acarretou o impedimento do resgate.
- Inicialmente em qual acampamento ficariam (Jack ou Ralph)? Mudariam de idéia ao longo da convivência?
- O que acham das brincadeiras realizadas com o menino “Porquinho”? Há brincadeiras desse tipo na vida real? Quais são as motivações para que elas ocorram? Se elas ocorrem, de que forma participam delas?
- Como analisariam a morte de Simon? É um acidente? Têm responsáveis?
- Acreditam que se Jack morresse seria diferente?
- Seria melhor Ralph juntar-se a Jack?
- O determinou a escolha e a permanência de cada garoto em cada um dos acampamentos?
- Após a morte do Porquinho, que fariam no lugar do Ralph?
- O que levou os garotos obedecerem ao Jack? O que leva as pessoas submeter-se a outras? Vocês vivem alguma situação semelhante?
- Jack teria a mesma força sozinho?
- Quem são os responsáveis pelas mortes e tragédias ocorridas na ilha?
- Na vida real os “bons” se dão bem? Vale a pena ser do “bem”?
- Na nossa vida precisamos de regras?

- O que aconteceria se não houvesse resgate?

Anexo IX

Transcrição da 1ª discussão em grupo

Dinâmica de aquecimento: E aí

N.: A parte do Porquinho. A hora que ela tá cá galera e caiu o pedregulho na cabeça dele. Foi a parte que mais marcou.

S.: Eu lembro da parte que eles começaram tipo...

R.: E aí que apesar deles serem crianças eles começaram a agir com os instintos e não com a cabeça. Só tinha um só molequinho que tava querendo o melhor pra todo mundo e tava pensando na frente que seria o amanhã, já tinha um outro lá que queria caçar, preferia a comida a prestar atenção na fogueira.

Q.: Falou o que eu ia falar. É isso aí mesmo. Um queria ser salvo da ilha o outro só se preocupava em comer e caçar não tava nem aí se ia ou não sair daquele lugar.

A.: E aí que o outro tava realmente acreditando que ia ser salvo, lutando por isso e o outro já tinha entregado os pontos. E aí...

F.: E aí o quê? E aí acabou, veio o moleque balançando assim o negocinho verde no escuro e aí aconteceu né, sapecaram ele né?

D.: Eles começaram ter atitudes sem tomar consciência. Assim e matavam os amigos e aí é isso.

L.: E aí chegou... é isso, eles falaram ah... eu não consigo... foram tentar matar o outro, o do mal.

M.: E aí mata o Porquinho

Pesq.: Uma 1ª. questão que eu queria colocar pra vocês é se vocês estivessem na mesma situação que os meninos, se estivessem caído no mar e parassem numa ilha deserta.

R.: Mas nós ou só homens?

Pesq.: Vocês, esse grupo.

R.: Eu ia fazer igual ao Ralph lá, ia procurar abrigo, manter a sanidade até chegar alguém.

Pesq.: Quem mais?

D.: Eu acho que a questão deles serem crianças não interfere em nada

R.: Não, não tem nada a ver, podia ser adultos também.

D.: Eu acho que por serem meninos eu acho que já tem uma diferença. Eu acho que menino nessa questão de poder tem um ego mais aguçado assim, até pela questão física deles.

Pesq.: Vocês acham que ali o físico, a força física auxiliou um grupo ou outro?

R.: Não. Prejudicou, em partes. Porque o Jack só aqui com força queriam matar o bicho mataram 2 moleques, uns usavam pra sobreviver, pra fazer cabana, pegar frutas essas coisas. É isso.

D.: Eles agiram assim por medo, né? Os outros grupos tinham lança, tinham ... alguns ali foram pro outro lado por medo mesmo.

Pesq.: A D. tocou num ponto que algumas pessoas tinham isso, iam pra um grupo por medo, o que vocês acham? Que motivos tinham, pra ir pra um ou pra outro grupo?

R.: Eles se sentiam protegidos com o outro porque o outro tinha lança, tinha...

A.: Era mais agressivo.

R.: Eles sabiam que se ficassem junto com o outro lá não sei. Tinha o monstro.

D.: Eu acho que os outros do grupo não acreditavam no monstro mesmo. Eles tinham medo é dos amigos dele. Eles sim poderiam fazer mal pra eles. Até os gêmeos comentam lá: “você acredita que o moleque pode fazer mal pra nós?”

Pesq.: O que vocês acham? O que você acha N.?

N.: Medo, ele achou que poderia ficar melhor com o outro grupo.

Pesq.: Medo de morrer como disse a M.?

N.: É. No outro grupo tinha comida proteção. Eles falam até naquela dança, aqui é minha 2^a, casa é pá... Lugar.

Pesq.: E aí L. o que você acha?

L.: Não sei, né? É difícil você saber o que passa, né? Mas acho que isso mesmo por medo ou até mesmo porque... ou porque queriam viver longe.

Pesq.: Alguém tem alguma idéia pra acrescentar sobre os motivos que levaram a se juntar a um ou outro grupo?

D.: Uma coisa que eu notei assim, é que fora dali era o Ralph que era o líder, porque logo de início elegeram o Ralph como líder e tal, mas naquele ambiente acho que acharam mais necessário o Jack.

Pesq.: Legal isso que você falou D.. Tinha necessidade de um líder naquela situação? Por quê?

R.: Pra alguém que coordenasse

D.: também sei lá, porque tinha criancinhas mais novas, sei lá.

R.: Você viu que até depois começou a dar problemas, roubaram e tal.

Pesq.: Então um líder ali tinha a função de cuidar dos mais novos, de igualar todo mundo.

D.: É mais pela proteção.

Pesq.: Quais características vocês acham que era ideal naquela situação?

A. Persuasão

Pesq.: Precisaria ter uma visão mais ampla do que estava acontecendo, ter conhecimento. O que você ta chamando de persuasão A.?

A.: Levar o pessoal junto com ele sem dispersar.

Pesq.: Nesse sentido o Ralph falhou?

A.: Mas o outro lá não ajudava tanto. O outro era mais persuasivo.

D.: O poder de convencimento, assim forte, não que ele seja...

M.: As pessoas tinham medo dele.

D.: Ralph ou Jack?

M.: Jack. As pessoas foram pro Jack, eles tinham medo do Jack.

D.: O 1º grupo lá dos caçadores, o amigo dele, o loirinho também tinha o mesmo pensamento que o Jack.

R.: Tinham os que desde o começo...

D.: Tinham os que gostavam de brincar e daí depois foram pro lado deles, os que tinham medo.

R.: ... Tinham necessidade do Ralph, de sobreviver.

Pesq.: A princípio o Jack montou um grupo com pessoas que pensavam mais ou menos como ele, que queriam se divertir, que queriam procurar comida, depois conforme a situação foi mudando, quem estava com o Ralph mudou de lado de medo de morrer ou de não conseguir sobreviver na ilha.

D.: Dá pra notar assim que... o Jack sofre uma mudança. De início quando eles matam o primeiro porco já vem aquela sensação deles serem guerreiros, poderosos. Eles têm, né? O Jack já se sente o maior, assim.

Pesq.: Na nossa realidade, quando a gente vai escolher um líder (prefeito, vereador, presidente, representante de sala) alguém que represente nossos interesses. Vocês trabalham com representante de sala?

R.: Trabalha, mas não na linha do Ralph.

Pesq.: É mais na do Jack?

R.: Não, também não. Eu discordo completamente dessa de representante de sala, mas...

D.: Ah é porque, tipo, as pessoas não querem se candidatar representantes.

Pesq.: Acaba sendo eleito alguém que não quer.

Pesq.: Que critérios vocês utilizam?

R.: Eu acho assim, não elege assim que não tem uma atenção ao representante de classe, porque ninguém leva muito a sério essa coisa de representante de sala, porque até mesmo a maioria não leva a sério a escola, não tem o total interesse de representar mesmo a sala, sendo que nem tá aí pro que vai acontecer.

Pesq.: Por que não tem função?

R.: Até já tive vontade de fazer alguma coisa, até tenho entendeu?

Pesq.: Que tipo de função teria o representante de sala?

L.: Acho que esse é problema, não tem função.

R.: O certo era falar alguma coisa que acha de errado, que o professor tá fazendo alguma coisa.

L.: Mas não depende só dele também, depende da sala querer alguma coisa.

R.: Então por isso que eu falei que não tem vontade de ninguém e acabou elegendo o I.

A.: Tipo assim, se discorda do modo do professor tá tratando os alunos, seria a nossa voz pra falar com a direção, só que chega aqui fala e não muda nada.

Pesq.: Tem algum outro meio que vocês podem se expressar, o que estão querendo e pensando sobre a escola?

Q.: Eu já fiz parte do grêmio no 1º colegial, mas também não mudou nada. Só participava de reunião que tinha nas outras escolas, mas nada de mais assim. Mas, pra mudar alguma coisa assim, só sendo diretor.

A.: Numa época teve um projeto legal, assim da escola da família. Que era eleger um grupo assim pra ver tudo assim, se a escola tinha extintor, várias coisas assim, pra ir falar junto ao governo. A inspetora que tomava conta, mas também não deu em nada.

Pesq.: Os projetos acabam por quê?

A. Esse aí eu acho que acabou por falta de interesse dos alunos mesmo.

Pesq.: (Para R.) Daí que você falou que os alunos não estão interessados.

R.: O aluno não tá interessado na escola, não tá interessado no projeto que a escola faz. Por quê? Porque isso vem desde o começo.

L.: Por ex. eles sempre reclamam que não tem nada, mas quando tem alguma coisa todo mundo mata aula.

Pesq.: Entendi.

R.: Isso vem desde o começo entendeu?

M.: ... ela faz passeio pra gente, ela fala que a gente reclama, que a escola não faz nada diferente, mas ninguém quer ir.

Pesq.: Por quê? Por que esses alunos não se interessam dentro da escola?

L.: É que às vezes não são coisas interessantes.

R.: Sem contar que às vezes a cabeça da pessoa tá... que nem no trabalho, tá com uma atenção voltada pra outra coisa. Não vai querer dar bola pra um projeto de escola.

A.: Que nem se eu trabalho você não gosta, mas você tem que fazer. Aqui ninguém é obrigado a nada.

R.:...escola pra você suprir alguma coisa, que nem trabalho essas coisas, você pode fazer outro dia. Agora trabalho não. Você se tem ...daí a atenção vai toda pro serviço.

Pesq.: Você trabalha R.?

R.: Trabalhava.

Pesq.: A gente já viu os motivos, 1º por afinidade, depois por medo. E se vocês tivessem nessa situação e tivesse já montado os 2 grupos, que lado vocês ficariam?

R.: No Ralph e dava um pau naqueles lá, pra largarem de ser besta.

D.: Eu não seria tão passiva quanto o Ralph foi.

R.: Eu também.

D.: Talvez se o Ralph, sei lá, não fosse assim, sei lá. Se imposse.

R.: Castigasse antes de acontecer.

D.: E que o Jack, o restante das pessoas iam também ficar do lado dele.

A.: Ele acabou perdendo a autoridade.

D.: È ele foi aceitando, né?

R.: Os 2 cabeças dali era o Jack e o Ralph certo? ...ia meio que ... pra ver quem era mais forte ali e pareceu o Jack.

Pesq.: Todo mundo ficaria do lado do Ralph?

N.: Eu acho ali que não. No momento ali seria melhor ficar com o Jack.

Pesq.: Por quê?

N.: Porque parecia mais seguro. Agora com os outros lá seria atacado...

Pesq.: E você S.?

S.: Só uma parte assim... Ali pelo meu modo de vista o que tinha mais cabeça era o Ralph, então eu ia ficar do lado dele, né?

Pesq.: Mesmo que fosse mais seguro com Jack?

S.: Tipo o Jack tava indo atrás de comida, o Ralph nem tava tão preocupado com isso, ele queria ir pra casa, daí nisso eu ficaria com o Jack.

Q.: Lógico que eu assistindo, eu ficaria do lado do Ralph, que é o certo. Só que no momento ali é diferente, porque precisava de comida, precisava ser salvo e se ele nunca fosse salvo? Se o moço não chegasse ali os meninos iam avançar, iam matar ele também, ele não ia sobreviver. No momento eu ia querer sobreviver, ia querer ficar do lado do Jack. Só que nenhum dos 2 grupos tava tão certo assim. Igual, eu não ia aceitar ficar matando meus companheiros, meus amigos. Eu não acho certo matar meus amigos, mas também ficar ali só esperando alguém chegar, salvar? Pode ver que foi bem filme, porque bem na hora que iam matar ele, os moços ali chegaram e salvaram ele.

D.: Eu acho que ia levar uma pedrada na cabeça.

Q.: Na vida real é bem diferente. É lógico eu ia ficar do lado do Jack pra sobreviver, né?

D.: Eu ia tentar ter voz ali. Eu ia levar uma pedrada.

Q.: Faria um 3º grupo ali.

D.: Eu ali ia tentar ter voz, controlar aquela situação, entendeu? Não precisava ter o grupo dos caçadores, dos que não fazem nada...tipo vai você e caça.

R.: Você não gosta de caçar, põe outro pra procurar comida. Por isso que mostra... que deu a cagada que deu.

A.: Eu concordo com a D., eu ia tentar unir todo mundo e dividir (tarefas) também.

Pesq.: Então ali o ideal era um grupo só, com divisão de tarefas.

F.: Tipo assim, o N. falou que ficaria com o Jack, porque tipo assim, o Jack tava matando os outros do grupo e na hora que acabasse o outro grupo, o que aconteceria?

N.: Tipo no começo assim

F.: No começo, tipo assim, mataram o Ralph ali você poderia morrer também.

D.:E teria que ter alguém pra enfrentar o Jack. Porque mesmo dando função ninguém ia querer. Precisava se impor.

Q.: E tentar convencer o outro, porque o Jack não fazia nada, ele só mandava nos outros, tanto que o outro o Ralph falou: “ele vai ficar mandando em vocês pra sempre.” A hora que ele tava lá escondido, e aí os meninos viram ele e eles sabiam que era verdade. O Jack só mandava, só.

R.: Eles foram meio na idéia do Ralph... Eles acreditavam no Ralph, mas estavam com Jack pela sobrevivência.

D.: O Ralph nem argumentou, assim...

R.: Argumentou ele argumentou, só não argumentou certo.

D.: É ele aceitava o que o

L.: Eu ficaria assim, não sei, é difícil mas, foi o que a Q. falou, ficaria do lado do Ralph, né? Porque vê que tudo que tá fazendo tá certo, só que é difícil você tá lá, só tá eu e ele...Mas, como ela disse, também não mataria pra sobreviver, porque acho que não tinha necessidade. Então não sei é isso.

M.: Só passando pra saber.

L.: Mas, o que ela falou tem muita razão, né? De unir o grupo, porque o Ralph mesmo ele tendo o pensamento certo, ele queria fazer as coisas do jeito dele, entendeu? Então eu acho que seria mais certo dividir mesmo. Como os outros pensavam na fogueira.

R.: É e o outro invés de fazer isso aí ficou bravo e ...

M.: Matou o Porquinho. Eu concordo.

Q.: Até ele ficou bravo dos mais novos que queriam se divertir ele ficou bravo. Criança não vai querer ficar trabalhando, deixasse um tempo pra eles se divertirem.

Pesq.: A L., a M. e a Q. falaram uma coisa que chamou a atenção. Olhando a gente vê que tem um certo ou errado. O que leva uma coisa ser certa ou errada? O certo, vocês tão dizendo que é o grupo do Ralph.

N.: A gente tende a achar que sempre tem que ter o bonzinho e o malzinho.

L.: No filme também quis mostrar essa idéia do que é certo e do que errado, né?

D.: A atitude ... das pessoas, eles não estavam agindo civilizadamente, eles estavam agindo como animais.

Pesq.: Você tava dizendo que é desde criança R., fale mais.

R.: A gente vai aprendendo a fazer ... O Ralph, né, a gente aprende.

A.: Como o pacificador, né?

Pesq.: E hoje assim vocês analisando, isso que a gente aprende como certo, é o certo mesmo?

R.: Aí depende da situação, tanto é que nessa fase que a gente tá passando é isso mesmo que pega, você vê tipo não vou fazer isso porque não tá certo.

L.: Mesmo você não tendo alguém pra falar você não vai sair matando, porque você pensa que não tá certo.

Pesq.: Uma outra coisa que vocês pensam que não é certo além de não matar?

A.: A imposição do Jack sobre o grupo do Ralph, a pressão psicológica dele, abalou né ele tanto que ele conseguiu trazer as pessoas pro grupo dele, né?

R.: Roubaram a faca, o óculos do Porquinho ao invés deles tentaram criar consciência, ... pior coisa que a gente pode fazer é ir lá e roubar.

A.: ... o orgulho

D.: Mas acho que eles tavam fazendo isso mais pela sensação.

R.: Eles precisavam daquilo.

D.: Tá mas é como o Ralph falou era mais fácil, também aquela questão de orgulho, não vou lá pedir.

Pesq.: Apesar de acontecer lá na ilha é uma situação que acontece na vida real o que vocês acham disso?

R.: O orgulho pega, principalmente os homens, é bastante isso muitas vezes você sabe que tá errado, e você não dá o braço a torcer.

Pesq.: Vocês acham que é coisa de homem?

L.: Não, não é porque ele é homem.

D.: É mas, tipo, eu acho que os homens são mais orgulhosos. Um homem jamais aceitaria ser mandado por uma mulher, ainda mais naquela situação.

A.: Os 2 ter voz, eu acho que até rolaria, mas igual a D. falou da mulher dominar, eu acho que não.

Q.: Até tipo os dois que eram mais velhos não respeitava, que era homem.

D.: Ainda mais eles que foram criados em escola militar. Em escola militar, tipo eu sou Homem, machismo.

Pesq.: Vocês falaram no começo da nossa conversa que eles deveriam ter sido mais firmes, tipo o roubo, por exemplo, deveria ter tido uma consequência, aconteceram várias coisas que passou em branco, acho que era isso que você tava dizendo no começo R.

R.: É.

Pesq.: O que deveria acontecer então quando alguém fosse contra aquilo que vocês tão chamando de certo. O roubo, quando a pessoa responsável não foi cuidar da fogueira.

Q.: O Jack eles judiaram do menino.

L.: Falaram que ele que tinha matado o outro, né?

Q.: Porque era assim quando falaram que tinha roubado no do Ralph e falaram o que a gente vai fazer com eles e não fazia nada, ficava por isso mesmo, no outro grupo eles percebiam respeito porque se eles fizessem alguma coisa errada eles iam arcar com as consequências, agora o Ralph não fazia nada de mais.

Pesq.: Vocês acham que seria certo ter uma consequência?

Q.: É não tão forte como foi.

A. Porque também não tinha tanta atitude a ser tomada.

R.: Poderia colocar para realizar algum trabalho mais difícil, não deixar se divertir, que a galera gostava disso, entendeu?

A.: Se ele já cometeu o que ia gerar o castigo, provavelmente ele não ia cumprir o castigo, entendeu?

L.: É eu acho, que tipo não brincar ninguém ia cumprir.

Pesq.: Isso me fez lembrar o que a gente acabou de discutir, então a gente faz o que é certo não porque alguém vai dizer: “olha é errado matar”, lá eles não tinham isso, eles precisavam de alguém de fora pra dizer.

L.: Eles precisavam de regras.

Pesq.: Eles não sabiam o que era certo ou errado?

L.: Sabiam, mas não tinha quem falasse pra eles.

R.: Porque não tinha ninguém ali pra falar pra eles o que era certo ou errado, eles eram crianças.

Pesq.: Vocês disseram assim: “eu não preciso mais que alguém fale pra mim o que é certo ou errado” Eu sei que não é legal sair por aí matando meus amigos”. Quando é que isso acontece, quando a gente adquire essa noção do que é certo ou errado?

M.: Ai sei lá, a gente tá com gente ao redor, cresce com o pai falando o que a gente pode ou não pode fazer. Tipo, mais por criação mesmo, tipo cresce num lugar que tem pai que mata, que usa droga, vende droga. Ele tá crescendo ali, aprendendo com os pais dele, ou como pode não fazer isso, pode achar errado o que os pais fazem, pode ter pais bons, irmãos e partir pra coisa errada.

Q.: Acho que um pai e uma mãe criam os filhos todos iguais, nenhum irmão é parecido, irmão que foi criado na mesma casa, educado da mesma forma.

Pesq.: Tem 2 idéias que eu tô entendendo. A M. tá dizendo assim: “Tem a influência dos pais, mas nem tanto, porque pode acontecer de ter um pai não tão legal e ter valores que sejam mais corretos” e a D. tá dizendo: “Já nasce assim”.

L.: É o que ela tá dizendo, às vezes eles educam 2 ou 3 filhos da mesma maneira e eles crescem de maneira diferente, né?

A.: Tem a influência psicológica do pai e da mãe, mas também cada um.

L.: Já nasce com aquilo.

R.: Tem uma tendência a ter uma certa idéia.

D.: Mas acho tipo o que educa é a relação que você tem fora de casa

A.: É eu acho isso, a que você adquire fora da casa é a diferença, até aí todo mundo aprende a mesma coisa, daí cada um anda com um tipo de pessoas, cada um conhece lugares, daí a influência do...

D.: Eu sou totalmente diferente dos meus pais. Eu sou muito diferente.

Pesq.: O grupo de amigos exerce uma influência forte, é isso, todo mundo concorda com a D.?

D.: Cada grupo assim que eu passei. Ali eles gostam muito de cinema, e aquilo me agradou, daí o outro grupo gosta de música aquilo também me agradou, são características assim de cada grupo que me agradam que vai.

R.: A mesma coisa que a religião isso que ela tá falando. Porque teve um tempo que, que teve um tempo, uma época, faz pouco tempo que minha família é católica e sempre falou pra eu ter uma religião que é bom, eu faço a minha fui já na católica, quadrangular, do sétimo dia lá... adventista, achei bacana, aí eu fui pegando a idéia que eu achei que era certo. A mesma coisa que... Eu tenho um monte de amigo diferente, desde classes sociais, até cabeça, tem amigo de 13, 14 anos que tem nossa, tem cabeça de, pensamento de muito mais que gente da minha classe, entendeu?

Q.: Eu acho que religião é uma coisa muito difícil de discutir. Porque pra mim a minha religião é a certa, a dela é a dela, religião não tem como discutir, o que é certo e o que é errado, cada um tem a sua idéia você não vai saber nunca qual é a certa e qual é a errada, então se eu acredito numa coisa, então eu vou seguir aquilo lá, então pra mim serve uma coisa, então eu vou ir naquela lá, não tem que discutir a outra, cada um tem a sua opção, e você acha o que é certo e o que é errado.

R.: Do negócio dos amigos, que você acha certo ou errado você tem que ver com quem você se identifica, você vai pela, como que se fala, pelo que você sente, que você tá se sentido bem por causa disso ou acho que isso não tá legal. Ou então, ai legal fiz alguém feliz ou então, vai depender de pessoa pra pessoa.

Pesq.: Vocês deram ex. de cinema, religião, de identificações positivas e o que vocês me dizem de grupos que tenham comportamentos do que a gente tá chamando de errado, que se reúnem pra matar ou por ex. emo e punk. O que vocês acham que levam pessoas a se unirem a esse grupos?

R.: No caso do Skinhead é mais por religião também eles são nazistas, eles vem, quem nem pessoas asiáticos, pessoas diferentes como monstros assim, eles querem exterminar, eles acham que a raça deles é a melhor. Agora eu assim, depende do emo, se ele fica quieto, no canto dele tudo bem, agora se ele começar a encher o saco deixa a gente nervoso, aquela coisa esquisitinha.

D.: Mas ali tipo... A gente assistiu um filme de Skinhead, daí tipo ali alguns ali são até forçados pelo que R. falou mesmo pela religião, tem alguns ali que não gostam de fazer aquilo.

R.: Teve um lá que matou o melhor amigo, o cara lá. Tanto que ele mata o líder lá, porque gosta do...

Pesq.: Parece que é meio o que aconteceu com o Jack e com o Ralph, apesar de não compartilhar dos atos eu vou por outros motivos que não é a minha crença. Pensando no ex. do skinhead, é tão engessado que a pessoa não consegue sair?

R.: É, também se é punido, né?

.

Pesq.: Daí entra o medo que vocês colocaram

L.: Mas eu acho, na ilha eles não tinham pra onde ir, eu acho que são casos diferentes, é claro que a pessoa ela, como é que se diz...

A. Não podia ficar neutra ali no meio dos 2 tinha que escolher.

D.: Você acha assim que no caso do skinhead eles podiam escolher?

L.: Eu acho que sim.

D.: Mas ali no caso se eles fossem contra os pais , eles tinham medo.

L.: Mas que pais é esse que aceita que o filho mate alguém.

D.: Mas os pais geralmente não... de alguns ali não sabem, né? E daí se você vai embora e matam o seu pai e sua mãe.

A. É tipo o *skinhead* não rola muito conhecimento, tipo que nem o PCC mesmo, a pessoa cai na cadeia, daí lá tem as facções, se ela não escolher nenhuma ela fica tipo meio prejudicada lá dentro, só que enquanto ela tá lá dentro que ela tá tipo privilegiada, daí depois ela sai na rua e vem a ordem pra ela matar o melhor amigo, se você não mata o seu melhor amigo eles matam você.

Pesq.; E aí?

N.: Mulherzinha do cara lá...

Pesq.; Daí também rola a questão do medo, da pressão tal. Essa é uma situação super atual, passível de acontecer.

R.: ... Aí que entra a questão do certo e do errado.

A. É uma consequência de... Vira uma bola de neve, né?

R.: Às vezes a pessoa não vê mal nenhum, mas dentro das regras da sociedade não pode.

Pesq.: Você já parou pra pensar porque que não pode?

R.: Porque virará um caos, as regras são criadas pra tentar manter a paz, assim, vamos dizer.

D.: Seria assim animais.

R.: Seria o grupo do Jack, mais ou menos.

Pesq.: A D. falou que seria o Porquinho, aquela que levaria pedrada. Vocês acham que na nossa sociedade que existem os que manifestam que vão contra, apesar do medo, dessa situação do PCC, que vão contra a um grupo que é mais forte, maior, porque acredita que esse grupo tá errado?

R.: Tem, sempre tem.

D.: Mas, também quando morrem vira líder assim como o Nelson ... Mandela

A. Martinho Lutero.

R.: Onde tem algum tipo de poder, sempre tem as pessoas que vão contra.

Pesq.: Vocês fazem parte de algum grupo que contesta alguma coisa?

R.: Ah eu faço, mas se eu falar vou ter que te matar.

Pesq.: Ah tudo bem, tudo pelo amor à ciência, pode falar.

Não geral.

L.: Eu acho que por isso que tá essa questão da violência, porque as pessoas ficam meio neutras, né? Eles nem, né, se não acontece com elas tá tudo bem.

A. Acho que a única coisa que contesta bastante assim é a religião. A religião contesta bastante assim.

Pesq.: O que vocês percebem que a religião faz, que tipo de ação?

A. Que tipo assim, vamos imaginar que ainda que Deus não existisse, que tipo assim a bíblia fosse levada só como uma filosofia de vida, seria perfeito, não matar, não roubar, não adulterará, não mentir.

Pesq.: Você acha assim, que os princípios cristãos que a Igreja prega de um modo geral é um movimento de contestação.

Q.: Esse negócio que acontece que as pessoas ficam neutras, que nem esses dias, esqueci o nome do senador ele é contra a pedofilia, esse monte de coisa, apareceu negócio assim que as igrejas iam poder, os homossexuais, a igreja não pode ser contra e a bíblia é contra isso, não é contra as pessoas, é contra você praticar o ato assim, com pessoas do mesmo sexo, né? As pessoas do mesmo sexo, ter assim envolvimento. Daí a igreja ela não vai poder, eu sou evangélica, na minha igreja não pode nunca daí aparece um casal homossexual e diz quero casar aqui, a igreja vai ter que fazer o casamento ou senão o líder lá da minha igreja vai ser preso. É foi o Magno Malta lá que fez isso aí, que foi contra essa lei. Daí o Silas Malafaia, uma pessoa importante assim, um líder ele foi contra assim, foi lá no senado, fez manifestações, junto com outras igrejas, católicas, evangélicas foram lá protestaram e aí conseguiu que não fosse aceito essa lei, né? Agora apareceu naquele jornal lá do Datena que o senador tá sendo ameaçado de morte, ele a filha dele. Por quê? Porque ele tá contra a pedofilia, esses negócios aí da violência, e aí as pessoas tão indo contra ele, porque ele não ficou neutro. Isso que acontece, a gente fica neutro porque a gente tá com medo de acontecer alguma coisa, vai que eu vou entrar lá e vai usar droga, isso vai vir contra mim, então como eu tenho medo, eu tenho que ficar neutra. Daí gera mais violência, mais coisa.

A.: Esse pastor que ela citou aí é um líder, só que ele não é leigo, ele não foi só lá e falou eu sou contra o homossexualismo, ele provou que essa lei ia liberar o rapaz a assumir tipo eu sou pedófilo e quero casar com a menininha de 11, 12 anos ia ser com a lei ia dar condição. Também bate de você ir contra, mas você não pode ir como um leigo você tem que saber o tá fazendo.

Pesq.: Teve a liderança das igrejas, mas tiveram pessoas?

Q.: Isso. E o senador tava do lado deles, ele era contra daí ele tinha que ir lá pro outros senadores não assinarem essa lei, pra ser contra pra não acontecer isso aí. Não é só porque eu não concordo com isso que eu sou contra, não é isso, também tem que saber, tem que tá entendendo do assunto, isso aí é muito sério, super errado.

Pesq.: Nesse caso a gente vê um exemplo concreto de que as pessoas se posicionaram. Vocês conseguem ver outros exemplos em que as pessoas se posicionam, não ficam neutras?

R.: Ah teve Os caras pintada...

D.: Quando chega no extremo assim.

R.: Todo mundo aqui vai concordar comigo, até mesmo pais, responsáveis, tem hora que você fala coisas que eles não tão concordando e dizem: “ah estamos pensando no seu bem”, ah tá errado entendeu? O meu irmão muito mais problemático que eu é bem mais diferente que eu, é mais sensível, muito mais ...Tanto é que eu vou fazer 18 aos agora esse mês eu vou sair de casa. Não que eu não seja grato por tudo que fez, mas na minha cabeça não dá mais.

Pesq.: Pra não ser neutro, o R. tá me dizendo, veja se eu estou entendendo, também não precisa realizar um grande movimento, isso que você tá fazendo, diz respeito a você, você está se posicionando perante a sua vida. No nosso dia a dia, o que é não ser neutro? Uma pessoa que se posiciona, pensa no que é certo e no que é errado?

R.: Participar nas aulas, ou até mesmo no serviço, né? Você contestar alguma coisa que o chefe fala, não fica só naquela coisa ... Honra o que você tá fazendo seu idiota.

D.: Você contesta assim seu...

R.: Eu falo eu sempre falo, eu trabalhei de office boy em banco, ficava a tarde inteira em banco.

D.: Mas e se você tivesse num cargo que tipo você ganhasse muito, assim, você tivesse poder sobre os outros, mas tivesse alguém acima de você, você agiria assim, pra ser demitido?

R.: Se esse acima de mim fizesse alguma coisa que fosse muito contra os meus princípios de vida, com certeza eu ia contra, mesmo que eu fosse mandado embora.

Q.: Talvez o importante seja abaixar a cabeça pra certas coisas.

D.: Claro que se roubassem... eu não ia querer me envolver, né? Mas, qualquer coisinha que acontecesse assim, tipo ele tá xingando alguém assim, por ex.

A. Eu me colocaria que nem o R., se tipo assim vem contra, se eu tipo assim concordar com ele eu tô me corrompendo também, da mesmo forma que eu achei que ele tava errado eu vou estar sendo. Quem cala consente!

R.: É isso que eu falei.

Pesq.; Tem 2 posições:se eu for conivente com a pessoa que está fazendo algo inadequado, eu vou ser tão errado quanto ela e a D. tá dizendo olha de repente eu vou perder muito se eu for, se eu comprar essa briga, não sei se vale a pena é isso D.?

D.: Até que a gente fala fala, eu vou lá, vou fazer um monte de coisa, vou me impor, mas chega na hora todo mundo se cala. Aqui na escola mesmo várias vezes de tomarem atitude... a questão do S., por ex ., lembra?

L.; Ninguém foi lá na diretoria reclamar, ele não foi lá na diretoria reclamar.

D.: O S. é um amigo e teve um grupinho aqui que bateu nele porque ele era gay fora da escola. E o meu amigo veio aqui denunciar e ninguém quis tipo denunciar junto com ele, ele veio sozinho aqui, daí foram mais forte que ele, começaram a ameaçar ele.

Pesq.: Esse é um exemplo é bem próximo da nossa vida. O que vocês acham que fazem as pessoas a se posicionarem dessa forma?

M.: Não foi só gente da nossa sala que não quis ajudar ele, foi toda a escola, diretora, pessoas que trabalham na escola, ninguém quis se envolver.

D.: Eu andava com ele, ele é bem próximo, tipo o meu melhor amigo, eu andava com ele na rua e ele era ameaçado.

A. O medo, é isso aí.

M.: Na escola, professores, todo mundo falava que era contra, mas na hora ninguém falava nada, ninguém tinha voz.

L.: Chegava na direção da escola , falava que não era dentro da escola, entendeu?

R.: Estavam ameaçando os moleques, então era medo de apanhar.

D.: E os professores? Eles não têm como perder o emprego, mas era o cargo deles.

R.: O bairro lá onde... é meio sossegadão, entendeu? Eu moro há seis anos lá, nunca ninguém mexeu comigo, mas ...

L.: Eu tava contando a história lá do vizinho dele, a gente tava passando lá do lado da casa dele saiu um menino e deu chute, do nada.

M.: Eu morava ali no meio.

R.: Ele acabou chutando porque parece que não pode falar alto. Ali também tem o seguinte a gente não pode chegar e... Tem uma viela lá e a gente tava conversando e o cara achou que você com ele, só que tem o seguinte o cara é o maior... só que não tem essas coisas de denunciar entendeu? Porque vai se pior pra quem vai denunciar, esse negócio ai, porque aí vai sobrar pra pessoa que falou. ...Comigo nunca ninguém fez nada, também nunca dei motivo, mas é complicado, no país de hoje em dia você pode apanhar.

Pesq.: Tem que se preocupar com a integridade pessoal, porque ninguém garante isso pra você. É isso que você tá dizendo. E como acabou essa situação D.?

D.: Acabou que ele parou de estudar.

L.: Daí os meninos que bateram nele são tão, assim vagabundos, não faziam nada que são já foram expulsos, entendeu?

D.: Na época a direção não quis expulsar os meninos.

L.: E o menino que apanhou teve que sair.

D.: E falaram assim pra ele: “se você vier na escola é porque você quer arrumar briga”. Olha que absurdo!

A.: Daí é tipo muito sério. Você vai lá denunciar o cara, só que..., eu moro no mesmo lugar que ele, só que tipo eu conheço todos os bandidos ali, te uns psicopatas ali.

M.: Você sabe que é o errado ali, um monte de coisa.

D.: Que nem você acha o cara tem ali uma família pra cuidar. Pra mim é fácil me impor, mas o cara que tem uma responsabilidade, cuidar dos filhos.

A.: Que nem eu conheço lá, pra mim tipo eles são pessoas normais, são amigos assim não oferecem perigo nenhum, pelo contrário é até proteção pra quem mora ali, porque vai de eu andar na rua, porque eu nunca vendi droga, eu nunca fiz nada e já apanhei de polícia à toa. Então se fica meio... Quem é o bandido da história?

M.: Eu também já tomei geral, voltando da escola.

R.: Eu também.

A.: Já tomei vários colão e nunca.

R.: E também por morar bastante tempo ali.

M.: Eu também eu andava sossegada, mas eu sabia quem era certo e quem era errado.

A. Tipo assim, que nem as pessoas dessa vila, as pessoas daqui roubam aqui mesmo, lá não eles dão proteção, se alguém de lá roubar lá apanha e, tipo assim, e lá só arruma

briga, tipo assim, quem usa droga, quem é traficante é entre bandidos a guerra ali mesmo.

M.: Teve uma época que rolou uma chacina ali, né? Em menos de um mês morreu um monte de gente ali.

Pesq.: Então as pessoas por medo, tentando se preservar elas acabam abrindo mão daquilo que elas pensam pra não ter uma consequência maior.

R.: E também por a gente estar no começo da vida, a gente fica quieto pra certas coisas pra tentar melhorar pra quando crescer ter um poder maior tanto aquisitivo, quanto é assim ter maior controle da situação poder levar uma vida melhor. Poder tentar seguir o máximo o que pensa, poder não ser induzido, não seguir a idéia dos outros.

A. No nosso caso pesa muito, as pessoas falam: “ah vocês não são mais crianças” mas também não somos adultos, tipo não temos voz de criança, mas também não temos voz de adulto.

R.: Não pode fazer um monte de coisa, mas tem que fazer um monte de coisa.

Q.: É uma idade assim. “você já é adulto”, ser adulto pra mim não significa nada, eu vou fazer 18anos e é tão assim...

Pesq.: Vocês acreditam que estão em que fase da vida? Não são crianças e não são adultos, o que é essa fase?

M.: Falam ai você não é adulto pra fazer isso.

L.: Aí tipo se você faz alguma coisa infantil, você é criança.

M.: Daí você se confunde, sou um adulto ou uma criança?

L.: E quando é que a gente sabe, não tem... será que tem uma hora da sua vida que...

Pesq.: Será que tem uma hora?

Alan: Se tá aqui e passou é... ?Não!

Q.: Quando eu era criança eu pensava; “ah quando eu tiver 18 anos!”

A. Eu acho que a responsabilidade chega, tipo assim, quando você arruma um trabalho, uma família pra cuidar, daí tipo eu acho que você tem que se tocar.

R.: Por isso assim que nessa base você tem que ter consciência do que vai fazer e o caráter como é que tá. Foi que né eu falei tem amigo meu de 13, 14 anos.

L.: Minha irmã tem 22 e eu me acho mais adulta do que ela.

Pesq.: E do jeito que tá indo, das pessoas estarem muito mais voltadas pra si mesmos, por medo de sofrer represálias físicas ou perder emprego. Como vocês acham que vai ficar a nossa sociedade daqui pra frente?

Q.: Acho que bem pior.

R.: Nessa base do medo mesmo.

L.: É uma sociedade individualista.

Q.: Pra pior mesmo, eu não vejo solução, não tenho esperança nenhuma de que melhore, cada vez tá pior, Há alguns anos, tipo quando a minha mãe era criança se for ver não tinha tanta violência assim, tão explícita, tão normal...

M.: Matar pai e mãe.

A. É só pegar na nossa vida, tipo volta uns 3 anos atrás o que você ouvia disso?

Pesq.: A L. falou de sociedade individualista. O que você chama de individualista?

L.: Acho que é isso mesmo, que cada um vai pensar em si mesmo, mas não pelo fato de ai só penso em mim, mas pelo fato de se proteger mesmo, não tem como, como a D. falou que tenha sua família, sabendo que tem seus filhos, né?

R.: E o rumo que vai tomar se vai melhorar é gente ou as crianças que tão vindo agora, né? Só que a gente tá sendo impedido de fazer isso, do jeito que tá a sociedade hoje em dia, a gente tá sendo impedido, a gente não tá conseguindo crescer e conseguindo mudar tudo.

Q.: Hoje o que manda é o dinheiro e o poder.

L.: Hoje não tem como, você ... como se diz quando você vai querer lutar por alguma coisa?

M.: Manifestação.

L.: É manifestação. Tem outras pessoas querendo entrar no seu lugar, então não tem como você querer ficar lutando, sendo que têm pessoas que podem acabar passando na sua frente.

Pesq.: Você tá dizendo as crianças e nós é que deveriam mudar, mas estamos sendo impedidos. Se vocês pudessem mudar o que vocês mudariam?

R.: Ah esse esquema aí, desde esse pessoal mais alto, do poder mais alto aí que é o judiciário, o governo, que comanda o país. É claro que tem isso que ele falou, né? As facções e tudo mais, que às vezes é o que move. Também tem que nas favelas, o pessoal os traficantes ajudam.

Q.: Se todo mundo ... que nem aqui todo mundo tá tendo uma visão assim bem racional, porque que nem tem um monte de jovem, o que acontece quando eles ficarem adultos,

o que acontece nesse espaço de tempo que muda do nada. Deve ter um monte de gente adulto que quando era da nossa idade pensava do mesmo jeito, acho que é a sociedade, onde que você convive que muda os seus princípios assim.

D.: Eu já penso assim, que não tem que começar do governo, pelos que tão lá em cima tem que começar pelos que estão do seu lado. A corrente do bem, precisava fazer aquilo.

A.: Acho que isso é o certo, mas eu acho ... muito ilusório . Isso nunca vai acontecer.

L.: Parece redação que a gente faz na 4ª. Série, que tem que ajudar o amigo, mas nunca dá certo, porque toda criança escreve isso, mas quando ela cresce ela vai ...

Q.: Todo mundo sabe que a água vai acabar, mas o que adianta eu ficar em casa economizando, economizando, economizando e um monte de gente gastando. Daí se pode falar, mas você não pode pensar nos outros, você tem que pensar em você, só que é muito difícil. Esses dias eu passei aí e tinha uma mulher limpando a calçada, lavando as folhinhas, tentando jogas as folhinhas num negocinho assim, dá vontade de falar: “minha senhora dá pra pegar uma vassoura, ao invés de ficar gastando um monte de água?” Acontece que ela é tão velha que a hora que acabar a água ela não vai estar mais viva. Ela não tá preocupada. Então é assim, depende da gente mesmo mudar. Mas eu não vou mudar o mundo inteiro, não tem como.

R.: Você trazer pessoas que estão perto de você pra agir do modo certo, pra mudar entendeu, foi o que eu falei.

L.: Mas o que está a sua volta, né, não mudar assim...

R.: É lógico, né? Pessoas com quem eu converso...

L.: Chega lá no traficante, não tem como.

M.: Pára de vender drogas...

A.: Eu conheço um lá que vendia drogas a um bom tempo, escondido do pai e da mãe, daí o pai ficou desempregado, daí ele começou bancar comida dentro da casa, daí a mãe dele até chorou uma vez pra gente, porque a gente ia na igreja, lá Ele é meu filho. Você vai e fala pro cara, pára de vender droga e aí ele fala: “você vai colocar comida dentro da minha casa?”

R.: Falando desse negócio de começar de cima, porque criando escola, projetos que tentem igualar, sempre que tentar criar igual pra todo mundo o que tá lá em cima sempre vai subir e o que tá embaixo vai subir na mesma linha de tempo, na mesma posição. Agora se você cria que nem o sistema de cotas pra facilitar quem tá lá embaixo, daí pra ficar igual pra fazer isso, porque daí desde pequeno, educação, emprego, pra não precisar fazer isso, pra usar modos mais fáceis, mas também para os alunos certos, que é o que acontece hoje em dia.

Pesq.: Você acha que que tem possibilidade de igualar?

R.: Tem. Vai depender...

A.: Vai depender de quem tá lá em cima querer. Quem tem muito, pelo contrário além de não ligar pra quem não tem, quer ter mais.

R.: Ela falou da corrente do bem, não vai igualar isso aí.

D.: É isso que a L. falou a sociedade é individualista, não tá nem aí.

Q.: A gente se conforma com o tempo, tem que se conformar.

Pesq.: Você acha que é isso que acaba acontecendo?

Q.: É.

A. Você luta, luta, luta e não dá em nada, aí você cansa e fala ah eu desisto, eu joga a toalha, eu sozinho não consigo.

D.: Tipo entra lá no governo e é bom eles não vencem, eles não vencem.

R.: É também religião, quem vai na igreja também tem essa. Jesus foi perseguido, por quê? Porque defendia um ideal que ia contra imperadores e reis.

M.: É a mesma coisa que aconteceu a igreja Quadrangular, que tinham pastores que queriam ajudar a igreja, que eram pastores que pensavam no bem de todo mundo e tinha o cara que era o chefe que não era pastor que não era nada, era um deputado que rolou um voto aí pessoas colocaram um deputado no poder.

A.: Ele sabotou na verdade, ele concorreu contra ele mesmo.

M.: É. Ele é um deputado, não é pastor não é nada e ele conseguiu ele ganhou, ele conseguiu o dízimo da igreja, que o pessoal doa pra igreja, pra ajudar tipo na luz, água, ajudar a construir a catedral.

L.: Percebe que às vezes começa dentro da própria religião dela, entendeu? Não sei se vocês já viram que tinha uma religião que na, na ... que de frente do banquinho tinha uma maquininha pra passar cartão, então se você não tinha dinheiro você levava seu cartão e passava e como que as pessoas querem mudar se elas fazem esse tipo de coisa, parece que não pensam. Daí eles pegam se você der sua casa, der o seu carro, entendeu?

R.: “Você irmão que tem 300 reais, Jesus vai te abençoar, por causa disso”. Não tem nada a ver. Se você tem dinheiro você vai ser abençoado, não é isso.

Q.: Acho que isso é um absurdo, eu acho que o dízimo tá escrito sim na bíblia que é você quem dá, eu acho assim que Deus não precisa do seu dinheiro, só que a igreja tem ali o prédio, tem que pagar água, luz, tem pessoas que precisam de dinheiro ali na igreja, famílias carentes. Passar cartão já é demais, é absurdo.

M.: Esse dinheiro tá é pra limpar a igreja, meu, irmão cada um pode trazer desinfetante, uma vassoura, uma coisa, se a igreja inteira fizer tudo isso. Se tem a família que tá passando fome, cada um pode trazer um kilo de alimento.

A.: No fundo da minha casa tipo mora uma família lá, que tipo assim é de classe baixa. Daí tipo a igreja deles doa tipo 3 ou 4 cestas básica por mês pra eles, vai dá uma quantia de dinheiro na mão deles, dá uniforme pros filhos da mulher tudo. A igreja também sustenta muitos missionários pelo mundo, então tipo não dá pra você mandar um kg de alimento pro cara lá.

M.: Não to generalizando todas as igrejas são assim, mas bastante delas são, a maioria são.

A. Se fosse pra ser... se todo mundo que tivesse lá dentro, fosse tipo crente ou católico de verdade, seria perfeito, agora sempre tem no meio laranjas podres.

Pesq.: Você tá me dizendo assim, até mesmo a igreja que é uma das instituições que vai contra, porque têm os princípios não mate, não roube... que têm os princípios cristãos, elas também estão se corrompendo.

L.: Quanto padre pedófilo existe, né?

A. Eu conheci, tipo tem a igreja lá de São Paulo que eu freqüentava, tinha um bruxo na igreja, tipo ele nunca tinha assumido que era bruxo, só que ele entrou tipo lógico eles não se batizam nunca, ele entrou tipo pra destruir a igreja e ele tipo fofocava mesmo, tipo o irmãozinho lá falou que você é isso, isso e aquilo, daí eles descobriram que o carinha era bruxo, daí eles foram e conversaram, daí o cara assumiu, ele era bruxo, bruxo, bruxo.

Pesq.: Tem muitas coisas que eu gostaria de conversar com vocês, acho que é um assunto que não se esgota. Vocês são pessoas bem bacanas, que conversam. O N. e o S. estão quietinhos, mas eu vejo pela expressão quando concordam ou não. O Rafael estava mais falante, depois parou, tá com sono? Eu entendo que tem pessoas que tem mais facilidade pra falar que outras. Achei super positiva nossa discussão, com elementos muito ricos e queria ouvir um pouquinho de vocês o que vocês estão achando de participar.

R.: Ah eu to achando bacana é o único espaço que a gente tem pra conversar.

M.: É porque dizem para de sonhar, põe o pé no chão.

Q.: É também porque a gente é de sala diferente e eu nunca parei pra conversar com elas.

Anexo X

Transcrição 2ª discussão em grupo

Pesq.: instruções.

1ª situação: Submissão x enfrentamento ao grupo do Jack

R, A., Q., F. - grupo 1 submissão

D., L., M., S. – grupo 2 enfrentamento (escolheram)

S.: ...o grupo do Jack por causa que...

D.: Bem no início a maioria das pessoas gostavam mais do Ralph. Se o Ralph tivesse tomado uma posição mais forte, assim, em relação ao Jack, com certeza as pessoas iam ficar do lado dele assim...

L.: Acho que esse é o argumento mais forte, você seria morto se você não...

A.: Esse próprio medo acredito que levaria todo mundo pro lado dele, talvez ele não matasse todo mundo, talvez não chegasse a tal ponto de matar todo mundo do grupo do Ralph o próprio grupo do Jack tomaria uma atitude contra ele, de tirar ele da liderança, seja lá como fosse, tipo ali no momento a fome o medo, tudo, impedia um pouco o raciocínio deles. Era uma pressão psicológica. Daí, tipo, todo mundo, tipo, na hora com fome vai, tipo, vou comer. Das estatísticas mostram que de 10 pessoas que se perdem só uma é encontrada nesses casos. Seria bem mais fácil ficar no grupo do Jack.

Pesq.: O outro grupo se convence com esses argumentos?

D.: Eu acho tipo que eles não, ai não vem nada na cabeça. Tinham umas pessoas lá que desde início simpatizaram com o Jack tudo o que Jack fazia, eles faziam igual, tipo afixavam a lança, porque eles viam no Jack um líder e eles precisavam de um líder.

L.: Pra alguns ele não precisava impor, eles iam por eles, simplesmente porque eles queriam, entendeu?

D.: Tinha uma porcentagem do grupo dele que não tava ali, que tava ali por causa do medo mesmo, não pela simpatia então eles seriam os primeiros que aquele outro grupo ia acabar.

Pesq.: Se convencem?

R.: Não.

A.: Se eles tipo tá a favor do Jack, tipo já tava dividido ali que nem ela tá dizendo, o grupo dividido entre si. Acho que não ia rolar porque tipo querendo ou não, errado ou não ele controlava todo mundo então acho que não tinha esse perigo de alguém de dentro do grupo.

Pesq.: E o importante nesse caso é que tenha alguém que saiba liderar?

A.: Não tão importante pra vida deles, mas alguém que saiba liderar no meio deles e comandar facilmente em ninguém com força suficiente assim pra ter controle o suficiente pra seguir em frente.

A.: Quem desacreditou no salvamento assim foi pro lado do Jack, porque do Ralph certamente se não fosse um filme e demorasse mais um dia duas horas eles não iam nem tá vivos.

D.: Então, mas a questão que a gente colocou é que depois que, a gente defendia que se o Ralph tomasse um pouco de posição tal depois que matassem o Ralph eles iam se matar entre eles, entendeu?

D.: Você até entrou numa contradição, porque de início eles deveriam encontrar o Jack e agora você disse que não, que o Jack liderava e...

A.: É então, tipo de todo mundo a hora que matasse todo mundo ah matou 1, 2 do grupo dele, mas também eu não acredito que o Jack mataria alguém do grupo dele.

R.: Eles até puniram o moleque lá que falou que tinha matado, não chegaram a matar e ele era o menorzinho e era amigo do Ralph.

M.: Fizeram isso por diversão, não fizeram isso porque tipo tinham que dar um castigo pra alguém.

A.: É então porque ali estavam agindo mais por um instinto animal mesmo, muito próximo sem pensar assim, a pressão ali era muito grande assim pra eles conseguirem raciocinar, assim tipo que a gente raciocina aqui.

D.: Então acho que por essa pressão mesmo eles iam se matar entre eles.

M.: Alguém ia discordar do que o Jack falasse ia discutir com ele e ia morrer.

Pesq.: E a solução seria a violência.

M.: Com certeza.

R.: Até chegar naquele grupinho, acho que do Jack mesmo 4 ou 5 eles que começaram tudo acho que entre eles não ia se acabar eles que coordenavam tudo.

Pesq.: Os 2 grupos mantêm a posição? Vocês acreditam no que vocês falaram?

A.: Não

risos

R.: Eu acredito nesse negócio, de que quando chegasse só no grupinho (Jack, aquele que matou o Porquinho e mais uns 2, lá) deles eles não iam se matar.

A.: mas eu acredito que esses 4 morreriam porque tipo 4 pessoas pra sobreviver na ilha

R.: 4 crianças

D.: Então eles iam matar quem? As pessoas que não foi de início, que simpatizaram iam matar eles.

L. Tinham os gêmeos, eles não avisaram que viram Ralph. Será que eles não poderiam ser mortos?

D.: Então por isso eles deviam ter ficado do lado do Ralph e enfrentado o Jack.

R.: Pra ser sincero eu não concordo com nada do Jack não, foi só pra definir.

A.: É. A reunião passada tava todo mundo do mesmo lado.

Pesq.: Foi bom você tocar nessa ponto. Na reunião passada eu senti que todo mundo achava certo o Ralph, porém a necessidade, a situação fazia com que algumas pessoas achassem mais conveniente ficar com o Jack, a D., por exemplo e o R pareciam que eram os que mais defendiam que não. D. dizia que o Ralph teria que ter voz e enfrentar o Jack, mas vocês conseguem ver uma possibilidade de enfrentamento? O que efetivamente vocês poderiam fazer?

R.: A gente aqui?

L.: Fica difícil, né? Porque eles só usavam força, né? Então como ele poderia enfrentar sozinho um grupo, né? A hora que eles foram falar com eles um morreu. Acho que é difícil. Se ele fosse agora não tinha como, mas se ele tivesse se imposto desde o começo, porque agora não tinha como. entendeu?

A.: Porque o Ralph saiu perdendo ele ficou só com os medrosos

L.: E foi como ela falou se tivesse, devia ter dividido, entendeu? Dividido pra não dividir.

R.: Se você colocar na nossa realidade como fosse a gente mesmo, eu por exemplo tomaria outro tipo de decisão. A idéia do Ralph era muito certa assim dele ser salvo, mas o jeito que ele colocou aquilo foi completamente errada, entendeu?

Pesq.: Você até colocou que precisava de... ele teve argumentos mas não teve os argumentos corretos pra liderar o grupo. Que argumentos corretos seriam esses?

R.: De dividir, que nem tinha aqueles que gostavam de se divertir de caçar, então deixava eles lá fazer a parte deles, o Porquinho já era mais inteligente então ele ficava sempre junto com o Ralph, cada um dividir as tarefas.

D.: Acho que ele foi até muito democrático todo mundo tava ali procurando um líder ele queria dar concha pros outros, é isso né tomar atitude.

A.: No meio da guerra ela queria ser único pacificador.

L.: Ele não tinha pessoas que davam opinião nas coisas que ele fazia, mas também ele não impunha nada, as pessoas não faziam obrigadas, tinha alguns, né?

R.: Ele viu que tava fora de controle, porque até quando ele morreu ele tá cá concha lá que ele queria falar né. Ele queria colocar na cabeça daquela molecada lá que eles tavam agindo irracionalmente. E tavam mesmo, tanto que jogaram uma pedra na cabeça.

D.: A única coisa que não roubaram foi a concha.

Pesq.: Por que não tinha muito significado né pra eles.

Pesq.: instrução

Situação: Acidente x Jack culpado

R, A., Q., F. - grupo 1 Jack culpado (escolheram)

D., L., M., S. – grupo 2 Acidente

R.: A gente defende a causa que não foi acidente pela indução mental de querer sempre ser mais forte e até mesmo no começo que queriam matar o outro que tava louco o capitão e se não o Jack não fosse querer ser do estilo caçador assim, não teria acontecido o acidente. Porque o outro matou no susto lá. Então se ele tivesse ido lá sem arma sem nada ele ia assustar claro, porque o cara tava lá, o capitão, que ele acabou matando. Se não fosse eles tá lá na reunião deles lá todo nervoso lá e o outro veio com a espadinha lá, não teriam matado. E o exemplo principal que a gente ta falando é a pedrada na cabeça do outro lá. Porque aquilo com certeza não foi acidental. Eles já tinham matado o capitão já tinham matado o Simon. Eu acho que ele pensou o que será matar esse a mais.

A.: E se o Jack não tivesse ido contra a liderança do Ralph não ia ocasionar nenhuma situação pra ter um acidente, no caso.

R.: A indução do Jack causou ...

Pesq.: E vocês acham que nessa situação é o Jack sozinho ou o grupo o culpado.

A.: É o grupo né que se deixaram levar pelo Jack né como um líder, são cúmplices.

D.: Essa indução do Jack realmente existe, o que existe também é eles quererem mostrar uma postura de forte.

R.: Foi o que eu falei.

D.: E se você prestar a atenção na 1ª morte, tava escuro ele pensava que era monstro mesmo aquilo. A 2ª morte do Simon também pensavam que era o monstro e a do Porquinho, eles não sabiam nem o que eles tavam fazendo, que aquilo era mesmo morte e a gravidade que aquilo tem que aquilo teria, quando eles empurraram a pedra na cabeça do Porquinho, realmente eu acho que não foi pra matar, eu acho que foi pra dar um susto.

L.: Porque por exemplo você pode ver que depois que ele morre a expressão deles não é de eh.

D.: eh.

L.: Eles mandam ele embora. Não foi tão intencional assim, foi um ...

R.: Esse negócio da expressão, foi porque eles eram crianças e acho que eles nunca tinham matado ninguém antes.

L.: Então, mas da outra vez que eles mataram com lança e o Jack falou que vai castigar quem matou, né eles ainda batem no menino, aquele foi o mais sem noção de que eles iam matar. Porque se você vê no meio da praia alguém correndo com uma espadinha na mão você, você não sabe o quê é.

A.: Isso eu concordo, mas tipo a gente já acha tipo que devia acabar com o problema antes de chegar a tal ponto, tipo se o Jack não vai contra a liderança do Ralph.

R.: Se eles não tivessem afiado a lança com o Jack, eles não iam ter arma desde o começo pra matar o menino.

D.: Mas a questão não é isso é a morte. Mas isso de desde o início a questão é a morte você acha que foi intencional?

F.: Mas você não falou a hora que mataram o Porquinho à pedrada, tijolada eles não comemoraram depois que eles mataram começaram a tacar pedra no outro também.

L.: Não, não, porque eles queriam que ele saísse dali, entendeu porque eles agiram como um grupo, eles tavam pensando neles, e outra não era do grupo deles ele não tinha que tá ali pra impor alguma coisa elas já tinham um líder eles não precisavam de outro.

D.: Eles queriam mostrar que eles seriam fortes, que eles são fortes que eles são guerreiros.

R.: Isso que ela falou...

D.: Eles só olharam pra cara do Jack assim, pra ver se o Jack tipo tomava alguma atitude assim de alegria, de festividade daquilo que eles tinham feito ou não, quer dizer eles não sabiam.

A.: Pode ser que eles não soubessem a consequência, mas tipo ninguém ai tropecei e empurrei e bati na pedra sem querer.

D.: Mas não foi com a intenção de matar. Foi com a intenção de assustar. Eles não sabiam a consequência.

A.: É eles tipo batiam no Porquinho.

D.: Mas eles não sabiam a consequência.

A.: Mas então

R.: Desse instinto de querer ser forte que quiseram assustar ele com a pedrona.

Pesq.: Vocês mudam de idéia. Você muda M.?

M.: Eu não acho que foi sem querer.

R.: Você pode até falar que foi acidente da espada luminosa, mas ia ter mesmo essa contradição na morte do Porquinho, entendeu?

L.: Eu concordo meio que com o R assim, as outras mortes sim, mas a do Porquinho eles desejavam ela, eu fico meio assim em dúvida.

D.: Eu acho que todas as atitudes que eles tavam tomando lá eram irracionais.

F.: Fica aqui embaixo que eu vô lá em cima jogar uma pedra em você. Sem querer!!

Pesq.: Vocês entenderam o argumento da D.?

R. F.: Entendemos.

Pesq.: D. você entendeu os argumentos deles também? São posições diferentes que poderá sim acontecer, acho tem essa posição de vocês que não foi acidente, porque era uma pedra imensa, como você tá falando não é um tijolinho, mas também ao mesmo tempo a D. tá colocando um elemento que assim, que eles não tinham essa intenção que eles na verdade queriam se ver livres daquela situação, não necessariamente matar.

R.: O modo de ver livre daquela situação foi aprendida ao longo do tempo com a liderança do Jack.

A.: Eles não são assassinos, um matador de aluguel, eles mataram tipo daí pesa, daí tipo se tocaram do tamanho do problema que eles tavam causando.

Pesq.: No grupo passado surgiu a questão do monstro, alguém de vocês falou: ah eles mesmo não acreditavam no monstro, os gêmeos mesmo fazem um comentário que não acreditam no monstro. Vocês acham que o Jack, que era bem espertinho, ele acreditava no monstro?

acho que eles acreditavam que era um bicho.

D.: ... eles tinham medo de tá lá.

L.: Todos eles tinham medo de ta lá.

A.: A hora que entra dois na caverna, saem correndo.

D.: Do monstro, monstro mesmo não, mas eles tinham medo da situação de tá lá mesmo.

L.: Da 1ª vez que eles mataram, o Simon, mataram porque se sentiram ameaçados.

R.: O monstro podia ser um perigo pra eles .

D.: Eles não tinham noção da atitude que eles estavam tomando.

R.: Porque o Jack ainda falou o bicho tinha dente? Tinha pelo? Ele falou não.

Pesq.: Q. você ia falar alguma coisa?

Q.: Não é que depois eu lembrei da caverna, eu ia falar que tinha né, não que ele tivesse, mas ele fazia com que os outros tivessem pra que... era uma forma pros outros estarem do lado deles, era uma forma de prender eles, eles acreditavam no monstro era uma forma de prender ele e trazer mais segurança pra eles.

Pesq.: O que vocês acham disso que a Q. falou? Porque tem uma fala que depois que eles matam o Simom, o Jack fala não ele pode voltar sob a forma de qualquer criatura. Vocês acham que pode ser isso que a Q. tá dizendo que poderia ser um argumento a mais pra intimidar o grupo?

R.: Seria aquela indução que a gente falou. Ele tinha a resposta certa pra aquele tipo de situação tentar ajuntar o máximo de gente possível a favor da idéia dele.

A.: A tal ponto tipo que não importa como que eu vô ter que seguir .

R.: Até porque irracionalmente eles tarem seguindo o Jack que aconteceu isso aí.

A.: Até tipo por orgulho, mataram o monstro e tipo não tem mais monstro, até pra que não pudessem voltar pro grupo do Ralph, tipo eu não vou ceder sair de lá e não vou voltar e não vou perder.

L.: Vocês não acham que se alguns tivessem que voltar alguns não sairiam nesse grupo do Ralph porque, por exemplo, alguns tavam gostando daquela vida, então se o Jack voltasse talvez né, se o Jack falasse vamos voltar alguns poderiam falar não a gente vai ficar

A.: Eu acho que não porque tipo o Jack era a cabeça ali tipo era o centro a coluna se voltasse o Jack voltava todo mundo.

L.: Eu sei é isso que eu tô falando, se o Jack voltasse pro grupo do Ralph.

Pesq.: Acho que o que a L. tá dizendo, veja L. se é isso? Bom não ia ter motivo pra ter medo, pra ficar com o Jack, ninguém ia acreditar no monstro porque acabou, na verdade o que ia prevalecer era só a afinidade, já que teriam pessoas que gostavam mais de se divertir do que ter divisão de tarefas, então poderia ser que alguns não voltassem pro grupo do Ralph.

A.: Mas eu acredito que se o Jack voltasse.

Pesq.: Todo mundo voltaria.

R.: Porque tipo ficaria difícil.

A.: Precisaria de alguém que tipo, entendeu? Que nem ela tava falando eles precisavam de um líder, ninguém aparentemente assistindo tipo tinha capacitação de liderança tão grande quanto do Jack, mais que o Jack.

Pesq.: Instrução

Situação: possibilidade de mudança na sociedade x impossibilidade

R, A., Q., F. - grupo 1 Jack possibilidade

D., L., M., S. – grupo 2 impossibilidade (escolheram)

D.: No encontro passado que nós tivemos, você até fez uma pergunta assim sobre a solução e o R disse que devia começar dos governantes, mas sem uma solução assim, uma solução concreta. Eu confesso que eu disse que era pela corrente e tal, ele até argumentou disse concordar também e a partir daí nós chegamos a nenhuma conclusão real de solução.

R.: Acho que não era a solução, era mais a nossa opinião de alguma coisa ou não, agora que a gente parou pra argumentar se tem alguma solução.

L.: Como você acabou de dizer todo mundo pensa em si, então não tem como... e quando pensa também não tem como continuar, entendeu? Isso, então não tem como, entendeu? Também porque não tem como continuar entendeu, porque, por exemplo, aí não sei não dá pra explicar, entendeu? São poucas as pessoas que pensam no coletivo, as próprias pessoas que pensam tipo eu penso no grupo, mas o grupo não quer ser ajudado, não precisa da minha colaboração, não tem como mudar alguma coisa, entendeu? Às vezes falta vontade das pessoas serem ajudadas mesmo, entendeu? Tipo, na favela, assim, por exemplo, entendeu? O povo ganha casa e vende a casa e volta pra favela, entendeu? Não quer ser ajudado, então não tem como melhorar, entendeu? Eu moro do lado da favela, já deram casa para eles, eles voltam pra favela, porque é uma vida boa pra eles, eles não pagam água, eles não pagam nada, então acho que é meio difícil, né? As pessoas ficam cômodas ao que elas estão acostumadas, então...

D.: Elas não têm uma vontade assim...

Pesq.: S. que falar alguma coisa?

S.: Ah não...

A.: Tipo, assim, de hoje pra manhã vamos viver num mundinho, num paraíso não tem como mesmo. Era como a gente falou só se derrubar e começar tudo de novo, mas como não dá pra gente fazer isso, a gente tipo acredita numa mudança sim, difícil, mas acredita sim. Tipo há possibilidades, mas tem que partir de cada um. Que nem a gente falou tipo nunca vai mudar se todo mundo pensar o que o grupo deles ficou pra defender tipo: Ah não tem mudança. Se a gente entregar os pontos quem vai lutar por nós?

R.: Que nem ela falou lá da favela que não tinha que pagar água, que é o que eles pensam que é bom é o pensamento do Jack, a curto prazo, ali, tá sendo bom viver ali, mas não tá pensando depois pra frente como vai ser.

A.: A gente pensou, assim, em trabalhar numa conscientização, assim das crianças, dos jovens, enfim de quem tá crescendo agora, que nem o R falou, o ser humano não tem vida eterna, uma hora as pessoas morrem, daí se a gente conseguir educar essas pessoas, tipo filhos dessas pessoas que moram na favela, tipo de que a casa é melhor, vamos ser honesto pagar tudo, tipo é mais complicado, mas lá tá todo mundo junto, dá pra melhorar só que tipo a longo prazo, a gente acredita que há uma mudança sim, se, tipo assim, houver um investimento na conscientização assim.

R.: Porque a grande maioria no Brasil é de classe média, classe média baixa, certo? Porque o que comanda mesmo hoje em dia é isso que ele falou tráfico, essas coisas que até move bastante dinheiro. Que foi o que ele falou também esse dinheiro ajuda quem? O filho dessa família, mas o filho dessa família que tá vendendo droga, tem consequência a droga não é boa, vai matar a pessoa, a pessoa vai roubar pra...

A.: “Tipo o traficante tá protegendo a nossa favela aqui não sei o quê, mas o meu filho tá crescendo e se meu filho resolve querer proteger a favela também?” Começa a andar aí com uma arma na mão.

R.: Como a grande população é essa, que não tem uma base assim muito boa e depende daquilo momentaneamente pra tentar viver e não acaba pensando no amanhã, porque na hora fica desesperada, até um pouco igual ao filme. Uma hora esses governantes vão ter que morrer, concorda? Uma nova geração vai ter que vim. Essa nova geração tá sendo criada é claro, tá sendo induzida pela cabeça deles de continuar o que tá sendo, do que tá acontecendo de continuar aquilo que já tá vindo, é o errado, tá roubando dinheiro, tá. Então se tivesse uma mobilização dessa grande população, que é minoria quem é rico e tal, os grandes capitalistas se movessem contra isso a idéia é que, até que você, a gente falou, lembra “tem algum movimento que vocês fizeram contra...”, os caras pintada e tal que conseguiram, então se tivesse esse tipo de mobilização de novo, é que o pessoal não tá pensando muito nisso até porque pra querer tentar...

L.: Então esse é o problema porque no passado né, na época da ditadura eles lutavam a favor tipo, por exemplo, tipo, que pudessem ouvir Caetano Veloso, entendeu? Mas hoje eles vão lutar o quê a favor do Creu, entendeu? Porque hoje do jeito que tá, que a criança nasce ouvindo esse tipo de música, como que ela vai querer uma mudança, por isso que eu não penso em alguma mudança, entendeu? Ela já nasce com...com... é, Eles não tem porque lutar eu acredito assim que antes era totalmente diferente não podia tocar assim uma música pra falar assim.

D.: A realidade, né?

L.: Era uma coisa, vamos dizer, certa pra se lutar. Só que agora não tem porque lutar.

D.: Vocês acham que exista uma possibilidade de mudança a partir tipo de uma corrente do bem, assim?

R.: Não.

A.: Não, isso, tipo assim, tem que ter a base na educação

D.: Mas a corrente é isso. É as pessoas começarem a tomar atitudes e ali querer mudanças e uma ajudar a outra.

A.: Pode ser assim D., mas não, tipo assim não que nem a gente tava discutindo, acreditar numa mudança na semana que vem, mês que vem, ano que vem vai tá tudo bom.

R.: Vai juntar todo mundo e vai mudar, não.

D.: E outra o governo também não quer que as pessoas mudem. Tem que ter sempre alguém mais fraco pra eles mandarem, tem que ter sim sempre o cara mais pobre, tem que ter. Até nos EUA que é uma potência tem, tem isso tem as pessoas que moram num lugar que é mais propício pra ter enchente e e e furacão e depois de tudo aquilo que aconteceu o governo nem foi reconstruir lá e tá propício de acontecer tudo aquilo de novo e olha a gente vê, a gente pensa a gente ... tá olhando o Brasil, lá estão muito muito mais a frente e não tomam providência porque tem que ser.

L.: Porque se todo mundo for... a mesma coisa viver num mundinho feliz, pra que vai precisar do governo?

M.: É como a China nos jogos Olímpicos só mostra a parte bonita.

R.: Mas nem todo mundo tem cabeça pra tentar organizar tudo. E esse é o princípio do governo só que não tá acontecendo isso. Aparentemente tá. Mas tem como mudar, o ser humano muda, uma coisa que aconteça na sua vida pode mudar o seu pensamento. Eu tenho uma idéia, o seguinte, estudar bastante passar numa faculdade e ganhar na vida e tal, mas a gente começa a ver coisas que não é bem assim. Tem situações que acontecem que podem mudar o pensamento do ser humano

Pesq.: O que você tá vendo que mudou a sua idéia?

R.: Mudou muita coisa ver o mundo desse jeito, eu achei que era tudo mais fácil, agora a gente vê que emprego não é tão fácil, entendeu? Emprego até tem, mas gente qualificada, tem que estudar bastante, às vezes, as condições que você tem em casa financeira ou psicológica, não ajuda você a estudar, só que se tivesse alguma e é o que tá acontecendo agora, bastante programa bastante coisa que tá aparecendo na televisão, até essa coisa do Green Peace que tá mostrando caindo árvore e coisa e tal, se parasse mais pra ver aquilo, às vezes, um sentimento, uma coisa que acontece pode mudar.

Q.: É mais a água tá acabando, ai meu Deus não vai ter mais água, mas a pessoa vai tomar um banho, toma um banho de 20 minutos. Porque ela quer pensar no desperdício da água, por exemplo.

D.: Todo mundo pensa assim questão do meio ambiente. É aquela minoria que não toma atitude assim, a vizinhança inteira assim.

R.: Até não acontecer alguma coisa na vida daquela pessoa que mude.

D.: Minha vó tem que morrer, sua vó tem que morrer, agora todo mundo tem que morrer?

R.: Eu não falei que tinha que morrer.

A.: É nisso que a gente acredita, uma hora eles vão ter que morrer.

R.: Vai ter que acontecer

D.: Mas não acontece R com todo mundo não.

A.: Mas tipo assim não precisa acontecer com todo mundo. Mas uma maioria poder lutar por isso.

D.: Você se comove com a dor do outro? Ninguém.

Q.: Igual quando tem aquelas passeatas pela paz lá, aí tem aquelas pessoas que participam, daí o outro só vai participar quando morreu o filho dele assim, só quando é aquilo muito perto, uma coisa muito próxima. Igual pra mim não interessa esse negócios, digamos, daí algum parente meu morre (ai tomara que não) por causa disso, daí eu vou começar a ir com eles, vou começar a fazer passeata da paz, contra a violência.

R.: Eu não sei no que que vai mudar D., mas a população vai ser grande daqui um tempo vai ser uma coisa tão alarmante uma coisa que vai chamar tanto a atenção a tendência é que vai piorar tanto que uma hora vai ter que te solução.

L.: Você pode ver antigamente e hoje, mudou muito, entendeu? E de agora pra frente também vai ser muito diferente. E as pessoas vão se acostumar como se acostumaram entendeu?

R.: Por isso que eu falei que tem que ter a base já desde pequeno. Que nem que você falou nasce dançando o Creu.

A.: Se a família se conscientizasse e não deixasse ela dançar o Creu...

Pesq.: Quem vai conscientizar a família dela?

A.: A gente que é filho, tipo chega na casa, tipo eu tenho sobrinha na minha casa, tipo eu conversava com a minha irmã várias vezes, minha irmã deixava minha sobrinha, tipo assistir tipo, eu estudei tipo, a criança até os 6 anos ela não tem a psique dela totalmente formada , né? E ela não sabe definir o que é real do que não é real. Daí eu conversei com a minha irmã tipo porque você tá deixando a criança assistir tal coisa e tal coisa e ela não é ... é assim, assim assado. Daí tipo ela cortou várias coisas da minha sobrinha.

Pesq.: Tá. Deixa eu ver se eu tô entendendo, porque rolou bastante coisa. Vocês tão me dizendo que essa nova geração, vocês e as crianças, vocês teriam que conscientizar a sociedade e isso pelo que eu entendi, que o R falou é por meio da educação

R.: Também

Pesq.: Fora a educação seria como?

Q.: É igual esse negócio de família na escola na escola que tinha, né? Pras crianças não ficar na rua, né? No final de semana você vinha aí tinha programa, projeto, ficava aí jogando bola, pra não ficarem na rua entendeu, agora não tem, entendeu?

L.: Que nem o R falou da educação. Ela deveria começar na escola, agora você vem na escola e você não recebe assim uma educação pra mudar as coisas, entendeu?

Q.: Tem violência na escola .

L.: Absurdo se viu que absurdo! Porque que a direção vai querer assim, por exemplo, que lute pelos seus direitos porque senão o povo da escola começa se rebelar contra a diretoria, entendeu? Então é a mesma coisa, assim, se acostumem a ter regras se acostumem a ser do jeito que a sociedade impõe.

Pesq.: Então tá. Vocês tão dizendo que não tem jeito, tudo que vocês têm percebido, todos esses movimentos são meio irrealis, ilusórios, não funciona e que é algo muito mais forte por trás. Você tá trazendo o exemplo da escola, que lutar com uma instituição mais forte não tem muita solução.

D.; Tipo os Cara pintadas, por exemplo, eles tiveram filhos e o que os filhos deles tão fazendo agora? Então não tem como passar, como você falou que desde criança.

Pesq.: Vou fazer aquela pergunta: Alguém muda de idéia?

R.: Não

A.: Não.

Q.: Ah eu fico, assim, tipo dos 2 lados eu vejo é difícil enxergar alguma solução, só que eu tenho que ter esperança, pelo menos eu vou fazer a minha parte, por exemplo, os meus filhos eu vou educar do jeito certo, se tiver errado, tipo tem pai mesmo que chega uma certa idade diz... não eu, igual minha mãe fala tipo, eu vou fazer 18 anos esse mês né? Minha mãe fala assim eu falo: “mãe agora eu posso fazer o que eu quiser”, minha mãe fala: “não, enquanto você tiver dependendo de mim, morar na minha casa vai ser do meu jeito.” Agora só porque eu fiz 18 anos eu vou fazer o que eu quiser, vou tomar minha decisão do jeito que eu quiser? Não, eu vou ter que impor minha condição. Eu não vejo solução, mas eu vou fazer a minha parte pra que possa acontecer alguma coisa tem que ter esperança, né?

R.: aquilo que até aquele comercial que tem na televisão que 4 anos é muito tempo. Ao meu ver já é um modo de querer mudar meio que a base da população que gente falou é por meio do voto. Se conhecesse o político e votasse em alguém que não fosse errado, que não fosse roubar, entendeu? Já ia ser uma grande mudança.

L.: Mas isso não acontece, tanto que o Enéas ganhou um monte de eleição.

R.: Você conhece o Enéas?

L.: Você conhece?

M.: O Maluf se candidatou de novo.

A.: A burguesia vota nele, porque ele rouba, mas faz.

L.: E ele vai ter voto pode ter certeza.

D.: Eu também tenho esperança, mas não posso ser hipócrita de dizer que eu vou mudar alguma coisa.

A.: Tipo, assim, que nem aquilo que eu disse se todo mundo pensar assim, não tem, não tem mudança, vamos nos matar então, porque é daqui pra pior. Por isso, a gente tem que acreditar mesmo que tipo seja longe ou que nem aconteça, mas a gente tem que acreditar. É algo assim, eu preciso de um sonho pra mover a minha vida. Eu preciso de esperança pra continuar. Vou pensar: nossa o que vai ser do meu filho?

Q.: É bem do filme mesmo, igual o Ralph no caso tinha aquela esperança de que mudasse, agora o Jack não tinha esperança de nada ele achou que dali ia pra pior.

A.: E ele acabou piorando a situação.

Pesq.: Alguém na semana passada falou: “é bem filme”, acho que foi você Q. , porque bem na hora que o Ralph ia morrer chegou o resgate, dá a impressão que no final o bonzinho sempre se ferra , porque lá ele não se ferrou porque era um filme. Mas vocês tão dizendo aqui chega na hora eu vou pensar em mim, porque o que vai adiantar pensar no outro? O caso que vocês me contaram do S., chegou na hora o que aconteceu? Cada um foi se proteger, ninguém foi pensar no próximo. Vocês acreditam nisso, que no fim o bonzinho, o que pensa no coletivo, que é menos individualista ele se dá mal?

R.: Na situação de hoje em dia de como tá a sociedade não.

Pesq.: Não se dá mal?

R.: Não. Não se dá bem.

A.: Alguns casos se dá bem, mas a grande maioria não.

L.: Eu vi uma reportagem que uma psicóloga ela queria, a vontade dela era entender a cabeça dos jovens que tavam na Febem, era o sonho dela, ela queria ajudar as pessoas e ela foi lá no presídio e ela foi violentada, entendeu? Então, como que a pessoa vai pensar no outro? Então é difícil você pensar assim que as pessoas que mais tentam ajudar vão se dar bem.

Pesq.: Esse grupo S., M., D. e L. vocês mudam de idéia com os argumentos... Não?

D.: Se eles tivessem falado umas coisas assim que...

L.: É que isso a gente sempre ouve, entendeu? Sempre ouve. Foi o que eu falei na outra ... isso é redação de escola, entendeu? Temos que começar tananam, tananam isso você sempre ouve, você ouve desde a sua casa, só que você não aprende, você não cresce com isso.

D.: Eu concordo que tem que ter esperança, tem que ter, mas no momento não tem como.

Pesq.: Mas de verdade vocês acreditam que não tem solução?

L.: Eu acredito.

S.: Ham Ham. Cada um tem que viver a sua vida e deixar o mundo

D.: Teria que acabar o mundo outra vez.

Q.: Você não vai ajudar, não vai ajudar em nada .

D.: O que você tá fazendo pra mudar?

L.: É.

D.: O que que eu não tô fazendo, que você tá fazendo?

Pesq.: Você falou que tem uma coisa que eles não falaram. Que você acha que pode ser uma solução?

L.: Não, é que eles não deram uma solução forte.

D.: Então eu acho que é isso, porque não tem solução.

A.: Tipo um acontecimento na vida da pessoa muda a vida dela totalmente, tipo pode mudar pra melhor ou pra pior.

S.: Vocês tão falando isso que, vocês falam isso aqui, fora daqui, tipo, vocês vão e não fazem nada, não tomam atitude, entendeu?

L.: Porque foi justamente o que ele falou que ele não acreditava em mudança e o R falou ah por isso que não muda. Então o que você pode fazer pra mudar?

R.: Eu posso fazer mudar ...

A.: Escovar os dentes, tipo de torneira fechada.

R.: É isso que eu falei me estruturar pra tentar fazer aquilo que eu quero fazer, pra depois, pessoalmente, agora falando sério é o que eu quero fazer. È tentar me estruturar tanto é querer saber, porque não adianta nada querer ir contra alguém, sendo que eu não sei que, eu sou leigo. Agora futuramente que eu me estruturar que eu for ter uma base pra poder ir contra, com certeza eu vou fazer isso. Eu vou fazer isso.

D.: Futuramente é muito longe.

Pesq.: Que tipo de estrutura você pensa?

R.: De querer estudar, de querer saber, querer estudar o que tá sendo de errado, de querer saber ao certo o que que tão mexendo que, vamos supor não tá indo verba pra tal setor, escola, tanto é que o pessoal fala.

Q.: Então, mas a curto prazo não tem solução, né?

A.: O que que você acha? Você acha que a gente consegue, mais ou menos, chegar lá no plenário: “oh eu tenho mais ou menos essa idéia, o que tá acontecendo aqui? Eu trouxe essa idéia aqui” Eles vão esnober a gente. Agora se eu tivesse um doutor antes do meu nome, eles vão ter que me ouvir, no mínimo me ouvir. Então é essa estrutura que a gente tá buscando.

D.: Eu tô com 18 anos, e vocês acham que, a gente não fez nada, daqui a pouco a gente vai entrar numa faculdade, a gente vai trabalhar, se Deus quiser tal, e depois vamos ter filhos, vamos ficar presos ao emprego.

R.: Isso o que você pensa .

D.: Ah então você não vai ter filho, não vai fazer faculdade e você vai se revolucionar daqui a pouco e vai sair daqui mudando tudo?

R.: Ela tá mudando tudo o que a gente falou. O que que a gente falou?

Q.: É mais o daqui a pouco dele é o...

D.: O futuro. O seu futuro, não é o seu futuro?

A.: Você falou, tipo, os Cara Pintadas, aqui no caso é 1, 2 contra a imensa maioria, mas a gente tipo conseguir formar opinião a favor da gente. Ser formadores de opinião, tipo que nem os professores, tipo a gente tem professores quando deveria ter educadores na escola, os professores..., tipo hoje em dia a mídia é formadora de opinião, daí se vai na globo lá o que que ela mostra pra você? O Creu, daí tem tipo assim a população.

R.: Mostra o que a população quer ver momentaneamente.

A.: Agora você assiste lá a Cultura, tipo é chato e tal você assiste lá sobre os bichos, os animais, cultura de outros estados.

R.: Quem que tem tv a cabo e assiste tv câmara? Ninguém.

F.: Canal ecologia pessoal.

M.: O canal sobre os bichos eu vejo, como sobreviver na floresta.

Pesq.: Depois do filme então é programa preferido.

D.: Eu assisto coisa mais sobre cinema e jornalismo.

Pesq.: E você acha que assistindo essa programação você tem condições de se posicionar no mundo?

D.: Pra solucionar alguma coisa ,assim? Eu faço isso porque eu gosto.

Pesq.:.Você acha que assistindo Tv Câmara Tv Justiça é ma forma de conscientização?

R.: Não que eu vá assistir, mas eu acho que sim, que seria o certo Eu acho que seria o certo.

D.: Você falou, mas assiste? Você deu o exemplo, mas você assiste então.

R.: Não.

D.; Então o que vai adiantar. então? Você tem que falar .você tem que assistir, pras pessoas assistam, mas não faz.

R.: Eu tô falando que seria o certo. Não adianta nada eu não vou adiantar.

A.: Você não fala de política na sua casa.

M.: Na minha casa fala.

A.: Raramente alguém vai se interessar por política. Você ouve lá tem oh maneiras. Ninguém fala, você, política, vê se alguém vai se interessar por política você ouve lá tipo ... meu nome é Enéas

Pesq.: Instrução

Situação: inato x social

R, A., Q., F., Alan - grupo 1 social (escolheram)

D., L., M., S. – grupo 2 inato

COMENTÁRIOS: homossexualidade: causa religiosa. No espiritismo é porque em outras vidas a pessoa foi daquele sexo.

A.: A gente acredita que a pessoa nasça com alguma tendência pra algo tipo assim pra uma especialidade. Que nem o R falou, tipo, o pai dele é piloto ele nasce, tipo, talvez ali ele já leve jeito pra coisa, agora vai dele se desenvolver, mas tipo o pai dele dá uma grande influência na vida dele, tipo que normalmente o filho tem o pai como exemplo, aí tipo ele o meu pai é um piloto eu vou ser um piloto. Daí tipo a gente acredita bastante nisso. Também aquilo que eu falei, até os 6 anos a psique não tá formada e tipo eu vi na Internet um vídeo de mensagens subliminares, tipo acusando a Disney de formar homossexuais, pra não envolver religião tipo o Álvaro disse tipo que ele acredita nisso sim, porque seriam um grande pão capitalista, formar um novo grupo grande de consumidor pra poder vender bastante, porque daí não tem como provar, a ciência ninguém nasce homossexual, não existe células masculinas, células femininas e células

homossexuais ou nasce masculina ou feminina ou tipo recebe a influência. Nos EUA esse negócio de homossexualismo surgiu numa pesquisa que provou que era um distúrbio comportamental, tipo vício em bebida, coisa assim. A gente acredita que é bastante influenciável.

M.: Eu já não acho, tipo o M.. O M. aqui da escola o veadozinho ele é assim meio abilolado desde pequenininho, desde sempre foi meio afeminado. A irmã da V., a menina pegava um monte de moleque aqui na escola, era... a gente encontrava ela em show pegando um monte de moleque, do nada ela vira pegar mulher. Tava se agarrando com mulher na esquina da minha casa. Pra mim isso é frescura, ficou modinha isso. Não, tudo bem daí eu tô partindo pro lado da influência. Mas pra mim a pessoa que é gay ela nasce assim. O M., M. nasceu assim, ele já é assim desde pequeno não teve a influência de ninguém, ele não anda com homem, só se ele andar com a irmã dele na rua, a irmã dele não tem nada a ver com isso, pra mim ele nasceu, ele já é assim já.

L.: É muito mais difícil você ser aceito como homossexual, quero ser gay, quero ser discriminado, quero apanhar dentro da escola.

M.: Ah eu quero ser gay e ser discriminado por todo mundo, ninguém vai querer isso, ninguém vai querer pensar dessa forma. Pra mim nasce assim, pode até rolar esse negócio de influência, igual a irmã da V., pra mim a pessoa nasce com a sua opinião.

D.: Ou ela ficava com menino, só pra.

M.: É lógico, né?

D.: Por esse medo da sociedade aí.

L.: Porque o pai dessa menina, o pai dela sempre foi muito rígido, entendeu? E vai saber também se ...

M.: Se não pela revolta com o próprio pai. Mas pra mim a pessoa nasce com a sua opinião feita.

D.: A gente tava falando que talvez ela tinha medo.

L.: E agora ela assumiu essa coisa que ela já tinha.

M.: Ai mudei de opinião de novo.

Pesq.: Não tem problema, mudar de opinião é super saudável.

A.: Mas porque que tipo assim, na China nasce todo mundo budista, ninguém nasce cristão, por exemplo.

D.: Claro que tem cristão.

A.: Tem tipo, mas são cassados, a igreja lá são subterrâneas.

D.: Por isso, porque são cassados. Você disse que dentro da igreja tem pessoas que realmente pra crer em Deus não pra e outras vão lá só pra fazer intrigas, não acreditam.

Pesq.: Vocês acreditam que as pessoas nascem budistas.

D.: Ah... não.

D.: Nasce com uma ... crença,

R.: Com uma tendência, mas a influência que faz com que a pessoa, tipo a pessoa não tem como, entendeu?

L.: Você olha pra cara de um nenezinho de 1 mês.

D.: Meus pais são da Cristã .

F.: Ah tem uma cara de bichinha.

L.: É.

Q.: Uma criança não tem noção do que que é, ela já nasceu com gene de homossexual.

R.: Pelo lado científico nada ficou provado que a pessoa já nasce assim.

A.: Pelo contrário, ficou provado que, pela pesquisa, que é um distúrbio comportamental. Agora querer puxar pra um lado religioso ou daí não.

D.: Vocês que falaram do budismo. Eu realmente acho eu, por exemplo, minha mãe é da Congregação Cristã e eu sou mais voltada pro lado do espiritismo do que pra esse lado cristão.

R.: Tá e você descobriu isso sozinha?

A.: Alguma influência você teve que ter.

D.: Porque tipo eu me interessei e fui procurar.

R.: Como?

D.: Porque dentro de mim tinham várias coisas que eu contestava da bíblia, que eu queria uma resposta, então o que que eu fui fazer? Então, daí que eu fui pesquisar. Que era uma coisa critica dentro mim, entendeu? De eu não tá concordando com aquilo.

D.: Lá em casa foi imposto o cristianismo pra mim.

R.: tá , tá foi imposto.

D.: Daí eu contestei porque eu não concordava com muitas coisas.

R.: tá.

D.: Era uma coisa minha já.

R.: Daí você sabia já o que era espiritismo ou aquilo bacana.

D.: Eu fui procurar uma resposta.

F.: Você foi procurar.

A.: Aí você foi influenciada por um livro. Tipo você pesquisando, você acaba achando a influência de alguém. Você não concordava com seus pais, certo?

D.: Mas porque, porque...

L.: Ela já tinha os conceitos dela formado, entendeu? Então ela foi procurar alguma coisa que se encaixasse com o dela e o que se encaixou foi o Espiritismo, entendeu? Não é influência, ela já nasceu assim.

R.: Então é influência.

D.: Era uma coisa minha antes.

Pesq.: Eu vou agilizar um pouquinho. Vocês mudam de opinião? Lembrando que, assim, não é um jogo de ganhar ou perder.

D.: Eu acho que assim é uma coisa mista.

A.: É, tem a tendência e 95 % de influência.

M.: Eu acho que a pessoa já nasce com o caráter formado já com opinião própria, mas pode assim...

A.: Se já nasce com caráter formado não tem como mudar o mundo.

L.: Mas eu acho que a pessoa já nasce com isso também, entendeu?

A.: Mas se a pessoa já nasce com isso não, tipo assim, vamos parar tudo.

L.: Mas eu acho que tem tanta gente que nasce e é influenciada que quando cresce muda.

R.: A grande influência hoje em dia é o dinheiro. Muda opinião das pessoas, assim a maioria.

A.: Uma pessoa que acha errado roubar, daí ela entra na política tipo e ai ela rouba 2 milhões em uma semana, daí tipo você acha que ela vai achar ruim roubar?

D.: Acho que tem os dois mesmo.

Pesq.: Mas tem algum que tem um peso maior?

R.: A influência.

Pesq.: Mais alguém? Vocês colocaram a mídia como uma forte influência, vocês concordam?

D.: Pra algumas coisas sim, pra outras não.

M.: Pra melhores não tem.

A.: A grande massa pro capitalismo, né?

Q.: Você viu aquele comercial lá? A moda agora é peixe e aí todo mundo corre atrás do peixe, brócolis, brócolis, daí todo mundo larga o peixe e vai atrás, vai correr atrás do brócolis.

D.: Eu gosto de cinema, mas eu poderia não gostar é uma coisa minha também.

M.: A M. adora axé. Eu não suporto, fico ouvido e tenho vontade de bater nela. Eu não tive influência dela.

R.: Mas não precisa seguir a influência de ninguém.

A.: Que é um grande exemplo de influência? Volta aí um ano atrás, quanto rapper tinha aqui na escola, agora é todo mundo clubber.

D.: Eles gostavam naquela época de ser rapper.

R.: Eu acho que todo caso tem a sua exceção, mas a grande maioria é influenciada.

A.: A vida não é...

Pesq.: E isso é positivo ou negativo, ser influenciado.

R.: Depende da influência.

A.: Hoje a maioria é negativa, porque a formadora de opinião é a mídia.

Pesq.: Vocês concordam?

sim

Anexo XI

Transcrição entrevista de história de vida com D.

Eu sou uma menina diferente assim, eu sou diferente das minhas irmãs, eu sou diferente dos meus pais. Eu não sei se é fase, mas eu sinto isso aqui em casa, no estilo de música que eu ouço, em qualquer outra coisa que eu faça, assim. Eu vejo semelhança entre a minha irmã e os meus pais, mas eu não tenho qualquer coisa, assim, que possa parecer com eles, então, assim, eu sou uma pessoa diferente. Sou uma pessoa que gosta de ter amigos, sou uma pessoa que tem bastantes amigos, assim. Meu pai até fala: “Nossa, onde eu ando com você, você conhece pessoas”. E meu pai é muito fechado. Pra falar de mim tenho que falar dele, assim. Ele não sai de casa, ele é anti-social, ele é diferente, é bem diferente mesmo, ele não tem amigos, ele deve ter algum problema, assim, ele deve ter sofrido, assim, com isso. E ele fala assim pra mim: “Não é bom ter amigos, assim, seja individualista”. Só que eu não concordo com as coisas que ele fala, assim. Minha mãe nem tanto, minha mãe é até mais parecida comigo. Mas, tipo, eu não concordo com as coisas que ele quer “ditar”, assim. Eu sei que no que resto do mundo não é certo, assim, entendeu? Nem tipo... pra mim também não é certo o fato dele não ter amigo e ficar trancado em casa, ele não sai, nunca viaja. Aqui em casa tem um pouco de conflito, assim, de debater isso. Ele tem uma cabeça muito arcaica e a minha cabeça é mais aberta, totalmente liberal pra tudo, tem essa filosofia aí de vida e mais uma coisa que gente entra em conflito aqui em casa. Têm essas desavenças com meus pais. Em relação às minhas irmãs eu me dou bem com elas, com a minha irmã que é mãe da menininha eu me dou melhor, a outra é chatinha tenho problemas também. Eu sou a mais nova, tem uma com 33 e a outra com 30, minha mãe teve eu com 39. Tem uma diferença grande aí entre nós. Como eu sou agora. Sou uma pessoa que sai bastante, que não gosta de ficar em casa, não porque eu não goste dos meus pais, assim, eu gosto deles e tal. Eu não sou uma pessoa que briga muito, assim, eu sou quieta, quando eu levo xingo eu prefiro ficar quieta. É que eu gosto de estar cercada de amigos, assim, eu não gosto de ficar sozinha. Até um momento da minha vida que eu fiquei meio... um pouco pirada assim. Ficava ouvindo Cazuzza assim, um pouco depressiva, assim. Então eu gosto de ficar cercada de amigos, gosto de conversar, sou extrovertida. Eu sou..., eu sou... eu sou engraçada pra eles assim.

Peq.: Você falou que é bem diferente dos seus pais, em relação aos amigos e o que mais?

D.: Então como eu falei, meus pais têm uma cabeça bem atrasada. Meu pai não entra em contato, ele fica trancado aqui e ele se reserva, ele realmente não vive o que tem lá fora em pensar nas coisas que realmente existem, ele vive num mundo dele, assim, fechado. Fica difícil, assim, pra ele perceber e aceitar, assim, esse meu jeito que é mais aberto e que, tipo, sabe um pouco de tudo, assim. E daí que entra em conflito. Na verdade é mais com ele assim. E a minha mãe é, tipo assim, quem ‘tá’ ganhando na discussão ela ‘tá’ do lado. Então às vezes ela me apóia, às vezes apóia ele, não tem uma opinião formada. Ela só não quer que a gente discuta, ela quer que a gente fique calmo, assim. É esse ponto só, assim, no mais a gente vive bem, assim. É meio distante, assim, a relação que eu tenho com eles, mas a gente se gosta. Tipo, eu não sou brigada com eles. A única coisa que ele tem de mal, assim, é isso daí mesmo... é o meu pai. Às vezes eu fico muito nervosa com ele, mas é uma coisa de momento e depois volta tudo aquilo. No mais, assim, eu não tenho problema, eu não sou uma pessoa muito difícil de lidar, assim. Sou uma pessoa que até eu levo xingo, falam alguma coisa, assim, e eu prefiro ficar quieta. Não faço muita encrenca. Em casa e fora de casa, em casa eu sou mais quieta ainda. Às vezes eu acho que meus amigos conhecem mais eu do que a minha família, acho que acontece com bastantes pessoas assim, tipo, dos meus amigos saberem mais da minha vida.

Eu sempre, desde pequenininha assim... eu comecei jogar vôlei com 14 anos, daí, tipo, esporte, eu gosto de esporte, assim. No esporte você conhece um time, você não conhece uma pessoa só, você conhece várias. Eu procuro, assim, em cada pessoa que eu conheço pegar alguma coisa, entendeu? Se eu gostei, eu quero aquilo, entendeu? Aquela característica, daquele grupo, entendeu? Daí... em algumas coisas. Daí, tipo, comecei a conhecer bastante gente e também tem os meus amigos que fazem dança e gostam dessa parte da arte, daí, tipo, eu me identifiquei bastante, que é música diferente, que eu gosto bastante, assim, de música boa. Cinema, eu sou apaixonada por cinema, eu sou cinéfila. Agora eu jogo futsal. Daí eu também tenho amizade com as meninas, tipo, agora eu saio com elas, saio com os meus amigos do teatro e saio com os meus amigos do vôlei. Acho que é por isso que meu pai fala: “Nossa! Quanta gente.”, assim. Cada grupinho eu tenho uma coisa, assim.

Na escola, assim, eu era aquela aluna que, tipo, até na 8ª. Série eu era aquela aluna super dedicada. Meu histórico até a 8ª série é legal, assim. Daí chegou no 3º minhas notas ficaram 7 mais pra 8 e 9 assim, não era mais aquela aluna de só A. Eu sou

aquela aluna assim, que tipo, eu faço lição, mas eu converso também. Fico conversando, daí quando dá eu copio tudo correndo, mas faço, assim, e deixo de fazer também, pelo menos no 3º ano, ninguém ‘tá’ nem aí no 3º ano. E também, acho que no começo, não no final do 3º ano acho que eu pirei assim, esse negócio de fazer faculdade já, ou não fazer faculdade. Daí eu decidi organizar um pouco assim, parar um pouco. Eu decidi a faculdade que eu vou fazer faz 5 dias, eu estava na casa da minha amiga e eu entrei no *site* é da Usp, não que eu vá fazer Usp, mas entrei ‘nuns’ *sites* legais e depois fiz um teste vocacional e deu tudo aquilo que eu gosto, daí eu falei: ‘É isso daí’. Eu ficava muito preocupada em, tipo, ganhar bem é... Seria difícil entrar no mercado porque, tipo, o que eu ‘tô’ escolhendo eu acho que é bastante concorrido, envolve jornalismo, comunicação áudio-visual, isso que é comunicação social. Daí eu fiquei um pouco com medo, assim, de tipo eu fazer 4 anos de faculdade e eu não conseguir fazer aquilo que eu gosto. E por outro lado eu vi meu amigo, assim, que ele vai começar fazer... Vai ser um arte-educador, vai fazer essa faculdade aí e ele se lançou, assim, aí vai encarar assim. E é pior que a minha, assim, sabe? Daí acho que foi uma coisa que ajudou, assim, a escolher. Observei, assim, e vi que... Também tem uma amiga minha que fez, que parou em fisioterapia no 4º ano pra fazer gestão ambiental. Eu vi que não adiantava, assim, fazer o que não gosta porque depois, assim, de um tempo fazendo faculdade você pira, não aquilo que você gosta. Também tem a pressão dos pais. Agora aqui em casa é sossegado, meu pai não pressiona eu a nada, não quer, tipo... Ele falou: “Não precisa nem trabalhar se não quiser, só que você vai ter que aceitar as condições que eu posso ‘te’ dar”. É o que ele sempre fala. Eu tenho que trabalhar porque eu gasto muito, sou uma menina que gasta muito e quer sair sempre, eu não gosto de ficar em casa, quero sair sempre, daí cada vez que eu vou sair, cada final de semana gasto 50, 60 e o meu pai não pode ficar me mantendo, então eu tenho que trabalhar. E faculdade é assim, aqui em casa só faz se quer, se não quer não faz. Não tem aquela coisa do pai ficar cobrando e nem vai me ajudar assim, ele pode me dar uma ajuda, mas quem vai ter que bancar, assim, sou eu. Eu também não gostaria que meu pai tivesse que pagar se ele tivesse condição, de ter que privar eles, que nem minha mãe gosta de viajar e ter que privar eles de bastante coisa, entendeu? E me privar também, eu sou uma pessoa que gosta de sair. Eu acho que se eu ficar aqui dentro de casa porque ‘tá’ pagando faculdade e não tem como eu ‘tá’ saindo e tal eu também não ficaria legal. Então eu prefiro trabalhar e fazer, tipo, as bolsas que eu posso conquistar e sei lá, ‘tá’ eu mesmo custeando e me mantendo assim. Daí acho que talvez eu dessa forma, assim, eu dê mais

valor também pro meu estudo ‘pro’ que eu vou fazer depois. Procurar ser independente... Eu até penso que, tipo, depois de algum tempo, assim, eu começar a planejar a minha vida, comprar meu carro, com o tempo, já começar a pensar em comprar meu apartamento pra sair de casa, assim, ter mais essa liberdade. Eu tenho vontade de fazer muita coisa e eu não faço, tipo, eu tenho vontade de fazer uma tatuagem e meu pai é aquela cabeça fechada, ele acha que... Não sei se é assim, eu acho que não, mas que aquela coisa, que ai você tem tatuagem e vão fazer uma seletiva quando você tiver arrumando emprego e você não vai ser aceita porque você tem uma tatuagem, não pela sua capacidade. Você pode ser até capaz, mas tendo a tatuagem eles vão te rejeitar. Eu acho que agora não é mais assim. Daí tipo eu prefiro, tipo, quero cobrir minha costa de tatuagem, tipo, vou cobrir, mas, não enquanto eu estiver aqui em casa, porque, tipo, ele não aceita. Eu quero, tipo, ter as minhas coisas. Até minha mãe fala, tipo: “Nós somos velhos, daqui a pouco talvez você não tenha mais nós aqui.” A maioria dos pais são mais novos. Minha mãe é doente e tal, tem uma doença que não tem cura, chagas. Meu pai, assim, até tenho medo que minha mãe faleça, assim, e eu fique com o meu pai. Ela que equilibra a casa assim. Não que eles vão morrer amanhã, mas eu já penso nisso. Às vezes, tipo, eu brigo um pouquinho com a minha irmã que ela casou e, tipo, tem uma outra casa no fundo que antes meu pai ia até fazer piscina e deixar lá, mas ela foi lá morar. Daí tem a mãe dessa menininha que você conheceu que mora na casa em frente, atravessando a rua, tudo muito perto, assim, sabe? Tipo, eu vejo minhas irmãs, casaram e estão aqui perto dos meus pais e eu querendo me ver longe, não que eu não vá ver eles, tipo, eu venho visito, mas eu não sei como elas conseguem viver tão perto assim, sabe? Não tem aquela liberdade, porque querendo ou não a minha mãe ‘tá’ dentro do casamento delas, né? Minha mãe que acaba tipo ai: “Não é querendo mal, mas quero que você case rápido” Acho que ela quer um pouco sentir aquela coisa de viver ela e o meu pai e eu falei pra ela: “Ah, então você vai esperar, porque se eu for casar eu vou casar só depois que eu conquistar tudo que eu quero, assim, e isso talvez demore, eu vou casar com 35 por aí, vai demorar um pouquinho aí.” Não sou aquela menina que sonha em ter filhos, que sonha em casar, entrar na igreja, eu não sonho com isso. Filhos, se eu tiver um filho vai ser, talvez, muito bem planejado, talvez eu vá ter muito velha, não sei, não é uma coisa que eu quero pelo menos. Eu quero aquilo pra minha vida, quero conquistar tudo que eu conseguir, assim, eu tenho essa meta.

Eu era muito esquisitinha quando eu era... Eu era muito fechada. Eu sou um pouco ainda, mas agora nem tanto. Era até estranho, porque eu era aquela menininha... Ah, eu era fechada, eu tinha amizade, mas brincava mais com os meninos, assim, da sala, mas eu era fechada. Eu era muito feinha, ninguém ligava muito pra mim, assim, isso era muito triste, aquela coisa, assim, eu era pequeninha, feia, era muito 'largadinha'. Não era aquela menininha toda arrumadinha que a mãe coloca aqueles vestidinhos, até quando eu era daminha das minhas vizinhas elas me arrumavam, assim, mas... Vivia com o cabelinho preso aqui em baixo, muito estranhinho porque eu não tinha tipo... Eu brincava de *Barbie*, mas eu era muito moleca, brincava na rua, assim, jogava bola, vôlei que eu sempre gostei, eu era mais aquela criança, tipo, largada, até porque os meus trabalhavam, assim, também e não tinha como eles ficarem ali, entendeu? Eu ficava mais com a minha irmã, que é a minha irmã do meio, a outra não era casada ainda? A outra também trabalhava. Eu vivia, tipo, minha irmã pegava e eu ia à casa de uma amiga pegava e levava ficava conversando ou deixava eu brincando na rua. Na escola eu tinha amigos, mas nunca tinha uma amiga assim, acho que eu nunca tive, nunca gostei, agora que eu tenho mais, aquela amiga que sempre anda junto, sabe? Eu procurava conversar com todo mundo, mas não me envolvia numa amizade profunda, tipo uma coisa mais pessoal ou profunda, eu só conversava com todo mundo, mas... Daí na 7ª série eu conheci o meu amigo L., acho que eu mudei a partir daí, ele tem uma cabeça bem legal, assim, eu fui melhorando assim, não era mais estranhinha, eu fui me olhando de outra forma pra pessoas, assim, que... me relacionar com as pessoas, de conversar, tipo, de outra forma, de outros assuntos, não só aquela coisa de brincar. Foi quando eu comecei a crescer mesmo, a partir da 7ª. A gente é muito precoce, assim, desde pequena, assim, a gente ouvia coisas que as outras crianças não ouviam, assim, a gente assistia filme mais... tipo a gente assistia *Laranja Mecânica*, enquanto as outras assistiam filmes da Disney ainda, entendeu? Daí desde aí a gente já teve uma coisa muito precoce, nossos amigos também. Daí que eu comecei mais a andar com eles, aquela relação mais de amizade mesmo e aí a gente tinha um grupo de amigos que eram mais velhos, assim, que a gente. Até agora eu tenho amigos mais velhos, eu acho que se eu tenho 3 amigas mais novas que eu é muito, assim, pouca diferença de idade. Daí, tipo, é um grupo de pessoas mais velhas que a gente tinha amizade e aceitava a gente numa boa, talvez por a gente ser precoce. Daí comecei a me envolver com esse negócio de artes, assim, e começar a conhecer cada vez mais coisas, assim tipo, banda, desde banda, desde filme, tipo agora eu sei... Meus amigos fazem

dança e hoje eu sei de dança contemporânea. Isso é bom pra mim, porque eu vou conhecendo. Agora se você me perguntar sobre esporte eu sei também, agora se você me perguntar sobre o que ‘tá’ acontecendo, assim, no mundo eu sei também, porque gosto, assim, eu pesquiso na internet, eu uso a internet pra coisas legais, assim. Eu sou aquela menina que, assim, que assiste *Big Brother*, mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assiste também Café Filosófico. Não sou uma pessoa que lê muito, eu gosto de ler coisa mais informativa, tipo jornal e revista, talvez porque eu nunca criei o hábito, eu lia quando era criança, mas as coisas que os professores impunham, assim, “ai, preciso ler um livro pra fazer aquela prova”, sempre foi assim, nunca peguei um livro talvez porque eu nunca achei um estilo, assim, que me interessasse, uma linha assim. Eu também gosto de ver sobre 2ª guerra, eu acho uma coisa legal, aquela coisa do Hitler .

A minha última é que agora eu não como mais no Mac, eu coloquei isso pra mim. Ah, tem tudo aquilo que é capitalista, eu acho um roubo também pagar R\$16 num lanche que eu acho que não vale nem R\$ 5. Eu tenho essa linha de pensamento. Eu até ‘tava’ no aniversário de uma das minhas amigas que foi no Mac, que gosta do Mac, ‘patricinhas’. Eu sou a diferente do grupo de novo. Talvez eu seja a diferente do grupo nesse sentido, são ‘patricinhas’. Eu ‘tava’ tendo uma conversa uma vez dentro do Mac, ela tipo: “quer Mac” e eu tipo: “ah, não vou comer” e elas: “ah, porque não vai comer”, ficam perguntando e eu acho chato e eu; “ah acho muito roubo” e daí elas: “ah já vem com aquela história de capitalismo, com todas aquelas coisas e tal. E esse Adidas que você ‘tá’ aí no pé?” daí eu falei: “Ah então esse Adidas que ‘tô’ no pé eu uso ele um ano inteiro, né? Ele dura, entendeu? Agora eu vou comer 1 Mac de R\$16 e eu não gosto do lanche ainda, porque as pessoas na maioria das vezes só comem Mac porque é Mac. Ela até falou assim pra mim”: “Ah, Mac é Mac” daí tipo: “Esse é o argumento que você quer usar pra mim? Mac é Mac.” Não é uma coisa legal. Ainda assim, não é que eu tenha uma cabeça assim... bebo Coca, não bebo Coca, bebo Fanta, não gosto de Coca também, bebo Fanta, assim, ainda acho cabível pagar R\$ 2, 3 numa garrafa de refrigerante, mas pagar R\$16. Eu tenho uma cabeça, assim, roupa também, eu pago o que eu acho que vale, tipo, eu gostei bastante, muito, muito, mas é muito caro, entendeu? Eu gostei pra caramba daquilo, mas eu acho que não vale, que ‘tá’ muito caro, ainda se eu gostar muito e estiver caro é proporcional uma coisa com a outra, eu

até pago, mas é muito difícil. Eu sou bem assim com as coisas. Não sei de onde veio. Acho... meus pais têm essa coisa, tipo, eu nunca fico devendo uma conta, não sou do tipo que gasta compulsivamente, mais do que pode, foi uma coisa que meus pais ensinaram. Minha mãe nunca ficou devendo pra ninguém, nunca atrasou uma conta na vida dela, ela é uma pessoa bem certinha nesse sentido. Ela é certinha. Então eu gosto disso e também adotei, daqui de casa. Quando eu era mais nova até tinha mais dinheiro, assim, agora meus pais são aposentados Eu até tinha mais dinheiro, podia até gastar mais, mas minha mãe sempre deu essa linha, assim, pra gente de não gastar... de não ir pelas pessoas, comprar alguma coisa só porque é de marca, pagar a marca, entendeu? Ela sempre foi mais pelo produto, pelo que acha que é bom, entendeu? Daí isso daí eu gosto, daí eu também adotei isso daí.

Os lugares que eu gosto de sair. Eu acompanho, assim, as minhas amigas, elas gostam de pagode. Eu acompanho elas, mas eu nunca, tipo, faz o quê que eu ando com ela? 2 anos e eu não sei uma música. Eu 'tô' ali por causa das pessoas. Daí quando é pra eu sair em algum lugar eu gosto de lugar mais alternativo, que toca Rock, eu vou pro Pub ou pro 3º Andar, eu vou pro barzinho. Se for fazer o que eu gosto mesmo é isso. Daí as amizades mais próximas que eu tenho são esses meus amigos da arte, da dança tal que eles têm uma cabeça bem diferente, mas eu saio mais com as meninas, daí eu tenho que ir em lugar que eu não gosto, só pelas pessoas que eu preservo e tal. Talvez se eu brigasse com esse grupo eu não ia ficar mal, porque eu tenho um outro grupo pra ficar assim. Sou uma pessoa que se adapta bem aos ambientes, sabe? Eu sempre vou ter a minha opinião, a minha forma de viver, mas também eu não sou aquela pessoa com aquele preconceito, eu procuro ver o que tem de legal ali, entendeu? Acho que eu nunca tive um preconceito, assim, de um lugar, eu procuro ver o que tem de legal ali e me divirto independente do meu gosto, assim, sabe? Sou uma pessoa, assim, que, tipo, acho que deu pra você perceber, que discute bastante que gosta de impor as idéias, até lá no grupo, não sei se, tipo, quando você fez aquela coisa de colocar a idéia de debater, é que realmente eu quero expor a minha idéia, eu acabo achando argumentos até pra mim, que me convencem de tão convincentes que são os argumentos que me convencem, às vezes de início eu até tenho dúvidas mesmo do que eu acho, daí eu começo a achar argumentos que realmente confirmam que é aquilo mesmo e acabam me convencendo e aí eu acho que eu convenço as pessoas também. Eu sou uma pessoa que gosta de discutir. Tipo, no início eu sou tímida pra tudo, mas depois eu me solto e tenho essa característica aí, sou extrovertida e gosto de debater

tudo. Tão falando um assunto aí, tipo, uma amiga solta um assunto e eu conheço bastante coisa e tal, daí eu vou e quero discutir, as pessoas nem tão a fim de discutir, mas eu vou e quero discutir. Eu sou um pouco chata por causa disso. Daí eu discuto, tipo assim, quero colocar minha opinião, mas também aceito, eu ouço, às vezes eu vejo que as pessoas tão ficando meio... aí eu fico quieta. Chega não quero mais falar disso. Como eu falei eu sou tímida, assim, qualquer lugar que eu chegue, eu sou tímida de início, até sair uma ou duas vezes. Às vezes eu não me solto, assim, com o grupo, tipo, amigos me convidam assim: “Vamos sair com a minha galera”, assim sei lá, com um determinado amigo daí eu falo: “Vamos, né?” Sempre “vamos”. Daí eu saio, mas não bate assim... Apesar de eu ser receptiva eu não consigo me entrosar assim rápido. Daí eu até paro de andar assim. Foi o que aconteceu ultimamente com umas pessoas que eu ‘tava’ andando, eu até tentei, mas o jeito deles...Eu vejo o que tem de melhor nas pessoas, mas era muita futilidade, assim. Tenho as minhas amigas ‘patricinhas’, mas apesar de algumas coisas elas na são fúteis, assim. Daí nem conversa, eu não conseguia dialogar legal, assim, com eles, talvez no futuro eu conviva de novo e eu ache coisas que dá pra conversar e tal, mas até então eu não achei nada que me entrosasse assim, entendeu? Daí eu parei, assim de andar com eles, era mais um grupo, né? Até perdi onde que eu ‘tava’... Ah! Essa coisa tímida minha. Até uma coisa que aconteceu comigo, foi no Reveillon do ano passado, eu ‘tava’ na casa de um amigo meu e uma amiga dele ligou e falou se podia ir à casa dele com uma galera, porque os pais do amigo dela chegaram na casa onde eles estavam. Daí foi, era uma rua sem saída, quando chegou eram 10 carros, assim, com 50 pessoas, foi um fato interessante que aconteceu. Tipo, assim, as pessoas ... assim, eu acho que naquele dia, lá, eu não ‘tava’ tímida, foi um dia excepcional, assim, entendeu? Tipo, foi uma exceção, tipo, eu não ‘tava’ tímida, ‘tava’ bem comunicativa. Tipo, eu lembro que fez uma roda eu era o centro da roda. Eu tinha muitas coisas pra falar, com pessoas que eu nem conhecia, tipo, eu até estranhei de acontecer como grupo e tal. Eu tinha muitas coisas pra falar com pessoas que eu nunca tinha visto, talvez eu tinha coisas em comum, assim, não sei, mas eu me senti o centro, sabe, daquilo. É estranho, faz quanto? 1 ano, fez um ano que eu não vejo essas pessoas, porque eu não vi, gostei, até converso com algumas no *Msn*, mas é aquilo *Msn*, às vezes não tem mais, não acha mais coisa pra falar. Aí tem mais 2 pessoas que eu converso ainda, mas quando eu encontro, assim, tipo têm amigos iguais que se vêem com frequência, falam: “Ah, eles falam de mim”, tipo, é engraçado. Um amigo comentou que nessa festa de Reveillon deste ano eles juntaram a mesma galera

só que eu não tinha contato assim, aí eles ficaram falando de mim, assim, até eu me senti especial, “tipo aí, legal eu sou marcante.” Não que eu seja uma pessoa popular, que eu não sou e nem quero isso pra mim. Agora eu gosto de ser a esquisitinha, eu gosto de ser esquisita, que agora ‘tá’ na moda, também ‘tá’ na moda ser alternativa, ‘tá’ na moda, não também que eu me preocupe muito com moda, com essa coisa de moda, porque eu sempre fui assim, mas é que agora ‘tá’ na moda ser esquisito. As pessoas se forçam a ser esquisito, pelo menos agora que eu ‘tô’ conhecendo assim, às vezes, essa coisa de ser diferente, a pessoa se força a ser aquilo pra que vejam ela assim. Olha que bom, eu não preciso forçar pra que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que ‘tô’ na moda. Como eu contei pra você, quando eu era pequenininha, eu não era muito bem aceita, né? Mas isso não me incomodava, eu conto assim, porque é mais o que as pessoas me falam, entendeu? Até o L., meu amigo, eu estudei com ele desde a 5^a, mas eu fui fazer amizade com ele na 7^a, ele até falou assim pra mim: “Nossa eu achava você muito estranhinha, assim”. Porque eu era muito obsessiva assim, eu era aquela aluna muito focada assim, tipo, eu estudava, eu nunca estudei assim, sabe? Tipo, eu estudava antes das provas, assim, mas era aquela aluna obsessiva por nota, assim. Tipo, eu levava um B e eu achava que eu merecia um A, eu ia lá debater com o professor, às vezes eles mudavam, porque eu tenho argumentos convincentes assim, e às vezes não. Eu era assim: “quero o meu visto”, aquela aluna que não... que ‘tá’ preocupada com a nota. Eu era muito assim, eu me preocupava muito em ‘tá’ muito focada, assim, querer a nota assim e tipo, tirava um A assim e tipo: “olha tirei um A.” Eu era muito focada nisso e eu era muito chata, às vezes eu me sentia chata assim, também. Até esse meu amigo falou pra mim: “você era muito estranhinha, porque só se preocupava...” Eu nem me preocupava com as pessoas, eu só me preocupava em ‘tá’ estudando. Tipo eu ‘tô’ na escola e eu vou me relacionar com as pessoas, eu ‘tô’ na escola, tipo, eu vou estudar também, eu vou aprender, mas não é só isso, entendeu? Não é só estudo, é você conviver em grupo, porque tem coisa da escola que eu não vou usar pra minha vida, mas essa convivência que eu tenho com as pessoas ali, realmente eu vou precisar muito, porque em qualquer ambiente de trabalho, qualquer coisa que eu vá fazer na minha vida eu tenho que ter aquilo, entendeu? Aquela relação que talvez seja mais necessário isso do que se aprendeu alguma coisa ou ter deixado de aprender. Daí eu fui começar a perceber isso numa determinada fase, assim, né? Por isso que... essa coisa de se preocupar ou não com isso, e não é que eu me preocupava ou não é que eu mudei mesmo. Foi até uma coisa bem

chocante assim, porque eu mudei muito rápido. Essa coisa de eu amadurecer, sei lá, veio de uma hora... é claro que tem aquela coisa que eu comecei a pensar, tal, mas a mudança mesmo eu sou radical, mudei de uma hora pra outra. Eu sou aquela metamorfose ambulante, vivo em constantes mudanças. Até agora acontece... tanto que eu posso mudar, mudo assim bastante, conforme eu vou aprendendo eu mudo assim, agora eu não tenho aquele choque que foi aquela coisa, tipo eu mudei assim, na 7ª série, e parei, a partir daquele momento eu parei e continuo mudando. Daí aquilo eu marquei como um ponto, assim, da minha vida que 'tá' proporcionando tudo o que 'tá' acontecendo na minha vida. E conforme eu vou aprendendo também, eu posso ir mudando as minhas opiniões, eu vou aprendendo e posso 'tá' mudando as minhas opiniões. Daqui a algum tempo eu posso pensar o que eu 'tô' pensando agora, não que tipo eu não tenha... eu argumento bastante, mas não esteja acreditando naquilo. Não, é porque eu 'tô' aprendendo, 'tô' mudando porque agora eu sei coisas novas.

Ah, eu coloquei um *piercing* na nuca, 'tá'? Eu coloquei um *piercing* na nuca na semana passada. Caiu minha pressão. Eu sempre quis colocar, só não coloquei porque uma amiga minha tinha. Daí outro dia eu 'tava' pensando assim: "Ai, ela tem, mas... o meu é mais diferente, assim". Eu queria tanto colocar que daí eu fui lá e coloquei. Eu tenho um outro *piercing* também no mamilo. Eu gosto só de *piercing* em lugar alternativo, sei lá, não sei por quê. Realmente eu não gosto dessa coisa de todo mundo 'tá' com *piercing* no nariz, sabe? Daí eu não quero ter um *piercing* no nariz, entendeu? 'Tá' com um *piercing* no umbigo, eu não quero ter um *piercing* no umbigo, quero ter um *piercing* na nuca. Foi essa coisa de moda. Então não sou ligada na moda. Foi o que eu falei, eu 'tô' na moda porque agora o meu jeito é moda. Mas então, daí eu decidi colocar e é isso aí, é estranho. Meu pai não gosta, só que tipo, pelo *piercing* não ser uma coisa mais radical, porque tipo, ele acha que a tatuagem não é aceita mesmo, ele nem se relaciona com a sociedade, mas ele acha que a tatuagem não é aceita pela sociedade. Então eu só não fiz tatuagem por causa disso, por causa do meu pai, mas *piercing* como eu nem pedi autorização, porque agora eu sou 'de maior'. Eu sou 'de maior' e agora eu posso. Eu 'tava' com o cabelo preso e acho que foi no dia mesmo, eu fiz a bobagem de prender assim o cabelo e ele falou: "O que isso aí na sua nuca". Isso porque eu tinha tido uma conversa antes com meu pai dizendo não é porque ele queria ou não, eu já estava preparando ele se eu aparecesse com uma tatuagem, que eu sei que uma grande... eu nem ia querer chocar ele tanto, mas que vou fazer depois, quando eu não estiver aqui em casa, mas se eu aparecer com uma pequena, quando eu já estiver

trabalhando, com meu dinheiro, era pra ele aceitar, porque não adiantava ele brigar, porque eu já estou preparando ele antes, já estou tendo essa discussão antes, que é a 2ª discussão sobre isso, 'tô' tendo essa discussão antes com ele, que eu já vou fazer uma tatuagem pequena pra não chocar. Eu vou fazer num lugar escondido, não vou fazer no braço, vou fazer aqui na costa que eu só vou mostrar, tipo, quando eu quiser, pra ele ir se preparando já, eu estou tendo essa conversa antes. É claro que eu quero fazer um dragão nas minhas costas, quero, mas não agora eu vou fazer depois, quando eu tiver casa. Então daí eu já preparei meu pai quando eu começar a trabalhar de novo. Tipo o meu ex-patrão até deu uma 'deixa' de: 'Tá' pronta pra voltar a trabalhar?' Daí eu falei: "Tô", 'tô' só esperando me chamarem." Que ele 'tá' vendo coisas com o escritório, tal. Daí tipo, já até penso o meu 1º salário de uma coisa mais efetiva vou fazer uma tatuagem, já preparei o meu pai pra isso. Não que eu vá mostrar, eu vou fazer a tatuagem e deixar, daí quando ele perceber: "Ah, lembra que eu tinha te preparado" Eu até menti pra ele do *piercing*... Eu tenho medo de agulha, quando eu vou tirar sangue, que aconteceu na última vez pelo menos. Ah! Aconteceu uma fase na minha vida que eu tive pneumonia e eu quase morri, assim, eu tinha 7 ou 8 anos. Eu perdi a 1ª série, eu terminei com 18 anos a escola por causa disso, eu tive pneumonia num ano, eu fiquei 16 dias internada e depois que eu sarei os meus pais resolveram não mandar mais eu pra aquela escola, esperar um pouquinho e no outro ano eu voltar estudar. Foi um choque assim, uma pneumonia muito séria, o médico queria colocar dreno, assim, pra mim andar, mas graças a Deus não precisou colocar e eu consegui me recuperar e tal. De tanto o meu pai falar quando eu era pequena... ai meu pai é neurótico: "Não pisa no chão, não sai no vento, não faz isso"... e eu fazia, era criança, né? Daí eu tive essa pneumonia e fiquei 1 ano sem estudar. Aí eles me furavam bastante e eu não tinha mais como pegar veia e tinha que pegar. Tanto lugar que furavam e a minha veia é fina, é difícil, estoura eu lembro que usava aquela pulseirinha, eu lembro que tinha uma injeção que por onde passava o líquido doía. Daí, tipo, isso marcou também. Ia a minha vizinha ler gibi pra mim, eu gosto bastante, assim. Daí quando eu fui tirar sangue a última vez, eu vi a agulha, tipo eu fiquei nervosa, daí tiraram meu sangue e eu desmaiei na cadeira e a agulha entrou no meu braço, daí ficou pingando sangue no chão do lugar que eu fui tirar sangue e ficou pingando assim, aí a enfermeira teve que tirar a agulha, me acordar e eu estava sozinha, fui tirar sangue sozinha. Aí tive que ligar pra irem me buscar. Isso branca que eu 'tava', pálida. Daí agora que eu fui colocar o *piercing*, quando eu senti o 2º furo... tipo eu fiquei muito nervosa antes. Eu já tinha feito antes

num lugar mais sensível e eu tinha sentido dor, mas sei lá, ‘tava’ tão na gana que... Não que nesse eu não tivesse, mas sabe aquela empolgação? Então eu ‘tava’ naquela empolgação no 1º. Daí eu fui coloquei o *piercing* e tal e daí, tipo, mas sossegado, porque eu ‘tava’ deitada também. Esse aqui eu fiquei sentada. Daí eu lembro que têm uns espelhos lá no estúdio, daí talvez eu fiquei nervosa de ficar me olhando, fui vendo eu ficando branca e segurava na cadeira assim, fiquei tensa. Realmente eu me preparo pra uma dor maior do que eu vou sentir, sempre assim porque se me preparar pra uma dor maior e sentir uma menor, daí não tem tanto problema, o 1º foi assim. Mas eu fiquei nervosa, tão nervosa, daí minha pressão caiu e ele começou a me abanar, parei bem no meio, já tinha feito o furo pra colocar o *piercing*, parei no meio me abanou um pouquinho, bebi água e tal e colocou, esperei um pouquinho pra levantar, eu ‘tava’ branca. Quero ver na tatuagem, só que é a vontade, né? Que você teve, que você tem de ter isso, daí você acaba fazendo essa loucura. Ah, eu sei, tipo, daqui um tempo eu posso não querer mais, talvez seja por isso que meu pai ache que o *piercing* não seja tão complicado quanto a tatuagem, pra tirar tatuagem é bem complicado. Por isso eu quero tatuagem, é que tatuagem eu penso desde os meus 14 anos que eu vou fazer agora, entendeu? É uma coisa que eu quero fazer faz tempo, que é a frase de uma música, não o título de uma música “*I like a Rolling Stones*”, do Bob Dylan que tem uma filosofia legal, uma música legal que ainda gosto, entendeu? Passaram 4 anos, mas eu gosto ainda daquilo, entendeu? E eu quero tatuar isso no meu corpo. Tem que ser uma coisa importante, eu acho ridículo as pessoas tatuarem... talvez pra elas não seja, né? Umás coisas muito bobinhas assim no corpo, você faz um tribal ou uma estrela porque ‘tá’ na moda, daí eu acho complicado mesmo. Quando é uma coisa que você ‘tá’ faz tempo assim, pensando, você sabe que você vai gostar, então daí não tem problema. Tipo Like a Rolling Stones, gosto como as pedras rolam, o que seria? Gosto como as coisas acontecem, o movimento que a vida faz, tipo, essa coisa de mudança também, entendeu? A música fala de uma mulher, que ele fala: “Lembra quando ela era rica ou quando você fazia aquilo pra mim, então like a rolling stones, as coisas aconteceram, as pedras rolaram e olha onde você está agora?” Ele tem bastante letra bonita, assim se você quiser pegar pra ver qualquer dia. Então, “olha onde você ‘tá’ agora, você viu uma coisa que... pensa bem o que você vai fazer agora, porque daqui a algum tempo, essas atitudes suas, você pode estar por baixo” é isso que a música... você pode estar por baixo. Daí a música fala isso daí é uma coisa que eu acho que tem a ver comigo, assim. Bastante. Daí eu quero tatuar. Eu sempre gostei de coisas bastante coloridas, o dragão

eu vou fazer, é recente a vontade, daí por isso que eu nem vou fazer agora e depois por causa do meu pai, um pouco de empolgação. Talvez seja mais pelo desenho, porque sempre eu quis ser muito branca, na verdade eu queria ter a sua cor, não que eu seja morena, eu não sou morena, eu queria ser branca porque eu acho bonito, eu vejo no outro e acho bonito, e isso é diferente já. Eu quero uma coisa bem colorida pra destacar, entendeu? E por ser diferente também, porque é difícil você ver uma mulher com um dragão nas costas e ser colorido, assim. Sentir essa coisa de querer ser diferente assim, não tem gente assim, entendeu? Não têm meninas assim. Eu tenho essa necessidade de não ser igual a todo mundo. Daí eu queria, por causa das cores, eu queria ser mais branca, queria destacar mais em mim, assim. É por isso mesmo, essa coisa de querer ser diferente e fazer uma coisa bem colorida mesmo. Eu acho bonito, eu vejo nos outros e acho bonito e querer pra mim assim, diferente da frase, que a frase nem seria tão bonito, não tem uma beleza esteticamente não seria uma coisa... escrever uma frase assim, eu quero ainda uma coisa mais simples, tipo uma coisa bem simples, uma letra normal em preto mesmo, mas por causa do significado, até se uma pessoa venha perguntar pra mim, assim, aquilo é legal.

Ah eu vou contar sobre a minha parte de conquistas. Eu era estranhinha e tal, ninguém notava... Tinha uns menininhos que, tipo, na 4ª série, depois eu fiquei feia, daí, tipo, não tinha muitos admiradores. Agora tenho mais, assim, mas sei lá, aquela coisa de ficar, mas eu sou aquela pessoa que fica uma vez, mas não quer nada sério. Talvez porque eu não queira me prender, eu quero fazer faculdade e eu não quero nada que me prenda, sabe? Também não sou aquela menina que fica constantemente, um atrás do outro. É difícil eu ficar com um menino, assim. E quando eu fico eu fico uma vez com eles e eles ficam me ligando e me mandando mensagens, daí eu não respondo, quero ser amiga daí. Eu não tenho muita coisa pra contar, nunca namorei. Mas é assim minha vida, tipo eu fico um dia, daí até a pessoa pode vir atrás de mim, daí eu já vou... tipo, já mudo de assunto e já falo: “Ah, não quero nada com você, sabe. Eu quero ser sua amiga, até por isso que eu fiquei com você, acho você uma pessoa muito legal”. Então eu sou assim, diferente das minhas amigas da escola, a M., a C. A M., contando dos outros, olha que feio, então a M. ela gosta de ter namorado, assim, ela nunca fica sozinha, sempre namora tal. Agora a C. fica por um bom tempo com uma pessoa, até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação pra mim e eu não. É difícil elas me verem com alguém, assim. “Tipo, ai só te vi uma vez assim, sabe?” Mas eu não quero me prender, elas pensam diferente de ver essa parte de relação, têm um jeito diferente

de me ver. Eu não me prendo assim. Sou muito independente, daí não me prendo, assim. Talvez, sei lá, eu me apaixone e vire aquela coisa melosa, me apaixone e case e tenha filhos, mas isso é a vida que vai trazer, não eu que vou procurar. Vai trazer mesmo, tem que impor pra mim, porque não tem nada a ver comigo de ficar atrás, difícil eu ficar atrás de alguém. Daí tipo, se a vida me trazer mesmo, tipo: “Ai toma”, daí eu vou ter que aceitar, me casar, ter filhos. Mas, pra mim isso aí não é uma coisa que está nos meus planos. Eu planejo, assim, a minha vida, sabe? Minha parte de conquistas é isso aí.

Eu já falei que às vezes eu assisto algum filme, eu assisti uma vez, eu ‘tava’ sozinha e eu não gosto de assistir sozinha, eu sempre gosto de estar com o meu amigo L., porque assim, no final do filme a gente sempre debate, o que aconteceu, por quê? E tudo e tal, a idéia do diretor. Por eu gostar bastante de cinema, eu gosto até de assistir o extra, aquela coisa de DVD, dos bastidores, tudo, tudo, eu gosto de explorar. Então uma vez eu ‘tava’ em casa sozinha, assim, à noite e passou um filme na TV, sobre 2ª Guerra e eu comecei a assistir, era o diário de Anne Frank, que a história é linda e tal do livro aí eu comecei chorar e como não tinha ninguém eu comecei a falar sozinha assim, tipo, indignada com aquilo que ‘tava’ acontecendo com a menina, né? Poxa! Daí eu comecei a me revoltar sozinha ali na sala, foi engraçado. Isso aconteceu há alguns anos, há uns 2 anos. Eu comecei a ficar revoltada com aquilo que acontecia com a menina, aí eu comecei a fazer um questionamento, falava sozinha, assim na sala. Daí a minha mãe falou: “Ah, venha dormir.” Eu fiquei tão indignada que não tinha com quem falar que eu tive que falar sozinha. Eu não consegui me conter. Por eu gostar mais de filme eu ainda não peguei esse livro pra ler, mas esse livro eu quero ler. Ah, faz tempo, acho que há uns 6 anos, eu vou falar de filme agora, eu assisti o filme da Björk, meus amigos eram muito fãs dela, nossa a Björk, ela é a maior de todas as cantoras, daí tipo eu ouvia a Björk cantando, tipo... eu gosto dela agora, é uma coisa que você ouve e você começa a gostar com o tempo, eu gosto dela agora. Eu lembro que o filme era super triste, que ela tinha um problema que ficava cega e aí o filho dela ‘tava’ com o mesmo problema, era musical, que ela cantava. Daí sei que vi meus amigos chorando, porque a última cena era trágica, você vai assistir? Posso contar? Que ela ‘tava’ com um cara e ele rouba o dinheiro do tratamento do filho dela e ela é enforcada. Eu sei tipo, aquilo era chocante, mas por ser aquela coisa, não gostei, não gostei dela mesmo, da cantora. Por eles idolatrarem demais, eu não gostei deles, não que ela fosse ruim, deles quererem dar um título, assim, a ela que ela não merecia. Daí eu comecei a dar risada, assim, no

filme, todo mundo chorando. O Exorcista que eu assisti, dá até pra conhecer de mim assim pelos filmes, todo mundo diz: “Ai que medo”, eu achava aquele filme super engraçado. É a maior comédia que já fizeram. Eu de madrugada também aqui assistindo O Exorcista, ai coloca medo em todo mundo. Aquela menina, né? Muito engraçada. Legal, eu ficava dando risada de madrugada. Minha mãe: “Vem dormir” Eu dou muita risada com esses filmes de terror, de terror asiático. Eu odeio aqueles ‘besteiróis americanos’, ainda têm alguns que são engraçados, a maioria é chato, então eu prefiro assistir terror, esse terror “trash”, assim, é muito ridículo, é muito ‘trash’ assim. Daí eu fico dando risada dessas coisas assim. Eu gosto também de documentários, mas é que aqui é difícil, até quando eu tiver a minha moto, meu carro eu posso ir até a locadora, mas é complicado, né, eu depender pra ficar indo e alugando. O A., professor da escola, a gente ficava conversando sobre filme, ele é bem cinéfilo e daí ele ficava indicando filme pra mim, mas eu ficava com raiva porque não tinha como alugar, ele me deu um cd do Bob Dylan também. Eu assisti um documentário que pegava a idéia de cada diretor sobre o que ‘tá’ acontecendo no mundo, é mostrar a visão do diretor. Eu assisti um documentário que era bem isso, eram curtas da visão de cada diretor de uma parte do mundo, assim, sobre o atentado de 11 de setembro e tem um que é de um país do Oriente Médio, tem um que é na Europa, um nos EUA, daí mostrava a idéia de cada diretor, falando isso aí, tipo do Oriente Médio que eu achei que foi bem legal, assim. E também gosto de curta, assim, um que se você puder assistir é Escada, que mostra só o cara subindo uma escada, é só o cara subindo a escada o curta inteiro, só que você fica agonizada porque não tem fim aquela escada, você sobe, sobe, sobe, tem um super esforço e você olha e não chega, entendeu? Não leva a nada, entendeu? Tem um outro também que é Palímero, você sabe, né? Aquelas palavras que dá pra ler de trás pra frente, então tem um curta que é assim também. Voltando, começa do fim. Ficar falando de filme... é que dá pra me conhecer bastante assim... Sobre o que eu assisto, o que eu gosto dá pra pegar bastante.

‘Tô’ nervosa... (pesquisadora: Não fique! Sobre a 2ª. Guerra, como você passou a se interessar?) Por meio de filmes também, partes na escola também, eu acho Hitler assim uma figura a ser entendida, porque por um lado eu acho legal assim, a idéia, eu acho que ele se perdeu. Não que ele tenha se perdido, mas eu entendo ele, mas é errado o que ele quer fazer, ele é louco, que é aquela coisa de querer purificar, é o jeito dele, dele querer um mundo melhor, mas é um jeito muito radical, não tem como ele querer matar as pessoas doentes ou ... sabe? Não é por aí que você vai conquistar um mundo

melhor, sabe? Se dá pra ter um mundo melhor, entendeu? Eu acho que essa coisa de Hitler é muito marcante assim. Que a 2ª Guerra é ele assim. A 2ª Guerra inteira é ele. Quando começaram a ensinar isso aí na escola eu me interessei bastante assim, por ser essa coisa mais, de sei lá, filosofia essa parte da 2ª Guerra, não que eu saiba certinho tudo assim, mas começou pelo interesse por Hitler, assim. Daí tipo filme, assim, eu assisti Anne Frank e fiquei sabendo mais da 2ª guerra, O pianista, todos aqueles filmes de 2ª Guerra, filmes de 2ª Guerra que eu assisti assim, me fez ter mais interesse, mas primeiro assim foi na escola, quando começaram a ensinar e despertou meu interesse por Hitler, assim.

Tudo que eu... tipo, a pessoa que eu acho legal de entender, assim, eu procuro saber sobre ela. Fica passando, assim, na minha cabeça o porquê da pessoa ter feito isso ou por que ela 'tá' assim. Eu gosto de *The Doors*, daí eu gostava do *Jim Morinson*, eu gosto do *Jim Morinson*, daí tem toda aquela história dele ser um xamã, tudo aquilo, né? De tudo aquilo, daí eu fico pensando, tentando entender. Da *Janie Joplin* é outra que eu gosto, de tentar entender de por que que foi acabar tudo assim. Agora eu gosto de *Amy Anyhouse*, eu sei que ela vai morrer esse ano, eu também tento entender ela, entendeu? Por que que ela está se acabando? No caso da *Amy* eu acho que ela deve ter bastante influência assim, tipo ela é meio perdida, bem perdida. De influência, pelo estilo musical dela ela deve gostar bastante de *Janie Joplin*, tem o mesmo estilo, eu acho até que a voz das duas é parecida. Daí ela deve ter essa coisa de "Ai vou viver o máximo que eu posso, independente do que aconteça", aquela filosofia que eu acho que algumas pessoas adotam: "é melhor eu viver constantemente, mesmo que... viver tudo o que eu posso assim, mesmo que eu morra antes, tal." Não ficar administrando a vida. Talvez seja isso o que ela pensa, assim. Também ela se perdeu com esse problema de droga que tem um pouco a ver com o viver intensamente. Eu acho que todas as pessoas, Cazuza também eu gosto. O *Fred*, eu gosto de *Queen*, o *Fred* é assim, se ele... se é isso que ele quis, se era esse desejo. Às vezes eu discuto assim, acho que eu nasci na época errada, porque eu só gosto de coisa que não é da minha época. Sei lá, daqui a algum tempo, pode ser que as pessoas gostem das coisas que estão acontecendo agora. Tem um amigo que fala que nasci na época errada, sei lá, né? Talvez, se a gente tivesse naquela época, a gente não desse tanto valor para o que 'tava' acontecendo, todo aquele movimento. (pesq.; Por que você acha que tem essa tendência de voltar ao passado? Dos símbolos do passado terem mais sentido hoje, do que os símbolos do presente) Ah, sei lá, você pega a história inteira, né? Geralmente dessas pessoas você pega a história

inteira, você já sabe da vida dela, o início, o meio e o fim, talvez esse início, esse meio e esse fim traga mais interesse que se você... tipo o cara fez uma música agora e você vai esperar algum tempo pra ter uma outra coisa, agora não, tipo você pega *Queen*, ou sei lá, outro cantor que já passou, você pega a trajetória inteira. Tem *Rolling Stones*, por exemplo, assim, eles estão aí, ainda e tal, mas não é tão interessante, talvez, quando eles morrerem o povo fale mais. Talvez seja por causa disso, quando está tudo pronto é mais fácil pra você digerir. Essa coisa de não dar valor também, o que viveram era mais legal que o seu ou o que você não pode ter é mais legal, talvez é também isso. Talvez seja isso, as pessoas querem muito o que elas não podem ter. Por elas não poderem 'tá' vivendo naquela época elas querem. E também porque o que a gente 'tá' vivendo agora, a gente 'tá' pegando, então surge mais interesse para o que vai acontecer ou pelo que já aconteceu. Mesma coisa a questão de história. Vamos procurar ver o que já aconteceu ou o que vai acontecer. Mas no meu caso, deixa eu ver por que eu gosto mais, o meu foi bem influência, mas eu gosto do que tem também, eu gosto de Maria Rita, mas é essa coisa não pude ir a um show nunca vou poder ir a um show deles, daí eu volto e dou uma mexida no que eles já fizeram. Eu gosto de Pato Fu também, eu gosto de *Los Hermanos*, apesar de já terem se separados. Tipo Cássia Heller, eu não gosto de Cássia Heller, na época que ela cantava ninguém olhava muito pra ela, coitada, ninguém dava muito valor pra ela, depois que ela morreu. Daí depois que acontece tudo aquilo, quem não conhecia passou a conhecer, porque daí conta no jornal tudo que aconteceu com a pessoa e ela tem uma história de vida muito marcante, também tem isso, esses caras todos que a gente já pegou a vida deles inteira têm uma história de vida muito bacana. Além de serem bons artistas ter uma história de vida legal. Ainda no caso o Bob Dylan não morreu, mas vem desde a época de Elvis e 'tá' aí até agora, apresentando isso pras pessoas como eu e 'tá' criando coisas novas, fez um cd aí agora.

Eu vou voltar em casa... Meu pai eu acho, não que ele tenha culpa, eu acho que ele tem um pouco de ignorância. Eu queria ter alguém aqui em casa, tipo: "Eu quero ser assim!" Ter uma referência aqui em casa, porque não tem em quem se espelhar aqui em casa. Eu criei essa minha personalidade, sei lá, talvez se eu tivesse uma pessoa, uma figura forte aqui em casa que me espelhasse aqui em casa não teria que ouvir, ficar procurando o Bob Dylan, sei lá. Não ia ter que admirar outras coisas, entendeu? Realmente, aqui não tem uma figura muito forte pra mim, é até fraca. Eu admiro, assim, a luta que eles tiveram, mas aquela coisa que te ensina, sabe? Não tem o que aprender com eles e eu queria ter uma pessoa que pudesse me dar isso, entendeu? Eu queria ter

na minha família alguém que tivesse uma cabeça, sei lá, talvez parecida com a minha. Não tem na minha família inteira. Ter conhecimento, assim, pra que a gente possa trocar idéia e tal, mas tipo, uma coisa bem familiar, de ‘tá’ numa reunião de família assim, que aqui raramente acontece em casa. Porque meu pai, minha mãe ainda sim, ele é, tipo, não ‘tá’, nem aí, até a minha avó morreu no ano passado, eu conheci a minha avó desde pequenininha, mas eu não senti a morte dela, não chorei, meu avô morreu, tipo, não chorei. Daí tipo, eu não chorei, não senti e não sinto falta, sabe? Não que eu seja um monstro, assim, insensível, eu sou sensível, sabe? Mas talvez pelo meu pai que não dá valor pros pais deles, eu também não dê valor pros meus avós, entendeu? E também porque eu ouvi várias histórias e minha avó não era lá uma pessoa muito legal. Eu tenho até medo se acontecer algo com o meu pai eu não sentir também, eu não quero, mas por ele ser assim fechado e tal. Por ele ser dessa forma, assim, fechado e tal e não conversar, talvez ele até tenha sentido a morte dos meus avós, mas não tenha falado nada e tal. Só que ele precisa passar um pouco pra gente, porque é muito, muito, muito chato. Ele precisa passar alguma coisa pra gente eu só sei que a minha avó morreu e eu, tipo, fui ao velório dela, acabou e tudo bem. Não é igual a relação que eu vejo com os meus amigos, são mais amigos dos avós, eles gostam mais dos avós. Eu nunca tive isso na minha família. Também não é uma família muito... meu pai e a minha mãe não são muito afetivos, eles são bem fechados. Meu pai quando era com as minhas irmãs, a minha irmã do meio, elas não podiam fazer nada, meu pai não deixava. Tipo, ela ia num *trailer* aqui, ela chegava de madrugada e tipo, meu pai fazia a maior guerra com ela, isso eu presenciei um pouco. Minha irmã que é casada e tal, a mais velha ele intimou, assim... Agora comigo, não sei se é por eu abrir esse espaço as coisas são diferente, realmente, apesar de eu ainda achar que as coisas são muito chatas, que ele ainda é muito preconceituoso com alguns amigos meus, até de cor de pele e eu tenho essa cabeça totalmente... Eu posso fazer mais coisas que as minhas irmãs. Minha irmã do fundo fala: “Na minha época não podia nem fazer isso”, ela apóia ele, porque na época dela ela não podia fazer isso, isso é um pouco de inveja. Mas, daí eu penso que eu abri um pouco a cabeça dele, assim, com as coisas, assim, com o meu jeito de ser. Acho que ele até sentiu que se ele não desse essa liberdade pra mim as coisas não seriam legal em casa e tal ou eu tenha conseguido mudar um pouco o pensamento dele, por causa de eu ser argumentativa, porque as minhas irmãs talvez na hora dele xingar, por elas estarem voltando tarde, elas tipo, ou aceitavam ou partiam pra ignorância, assim. A única coisa que tem com as minhas irmãs, principalmente a do meio, é que

elas não aceitam o fato do meu pai ser diferente do que foi com elas. Porque se eu deixasse o meu pai me prender assim eu ficaria muito mal. Porque agora eu vejo a diferença, porque eu chego tarde assim e aí tudo bem, no outro dia ‘tá’ normal, não briga, assim. Eu lembro que antes a minha irmã brigava com ele, era até agressiva. E comigo realmente, nesse aspecto é diferente, é preconceituoso com meus amigos tudo, tenho amigos como todo mundo tem, tenho amigos gays, amigas negras e ele tem um pouco de preconceito. Ele não gosta, mas eu trago, mas ele não gosta e ele fala muito de eu trazer meninos, amigos homens pra minha casa ou meninos gays, sei lá. Ele não gosta que traga meninos em casa, tipo, não pode entrar, mas eu trago. Tipo, quando ‘tá’ aqui a pessoa ele não fala, mas depois ele fica me enchendo muito, fica xingando muito, daí eu prefiro evitar, mas eu trago. Ele tem muito medo do que os vizinhos vão falar se eu trazer um amigo gay, só que ele não conversa com os vizinhos, os vizinhos conhecem ele, do jeito que ele é, por isso que realmente dá mais o que falar. “Tipo o que aconteceu com o J. que a D. pode fazer tudo agora, né?” eles acompanham a vida da minha família faz tempo, porque são vizinhos antigos, faz 25 anos que a gente mora aqui. “As irmãs dela não podiam fazer isso, ele ‘tá’ mudando agora, ele é fechado.” Eu até falo com ele: “Ah que bobagem, você fala tanto que não se importa com os vizinhos, que nem tem amizade com eles e, tipo, vai se importar com o que eles falam.” E nem falam por mal, eles sabem que algum tempo atrás meu pai não aceitaria que entrasse aqui, entendeu? “E o que que ela ‘tá’ fazendo que ‘tá’ mudando, assim? Às vezes isso é um ponto de discussão aqui em casa, não que eu grite, às vezes até ele fala: “Ai que má educação”, mas é só porque eu ‘tô’ argumentando com ele, discutindo, não que eu seja mal educada, que eu não sou, mas tem essa discussão. Ele tem vergonha, assim, do que as pessoas falam, mas ele não vive, né? Daí eu fico nessa discussão com ele, que ele é fechado e tal. Mas daí que você vê as manias dele, se ele lavou louça, foi guardada a louça, certo ele vai tirar a louça pra usar, ele quer passar uma água, ‘tá’ tudo bem, só que tem que passar uma água filtrada, como se aquilo fosse fazer muita diferença, tem que secar com papel, não pode ser guardanapo. Meu pé é até sensível, porque nunca pode pisar no chão, ele é meio neurótico com essas coisas. ‘Tá’ aquele calor e tem que fechar as janelas quando você sai do banho, tem que fechar tudo, se ele estiver perto então, daí tem que fechar, tem que fechar todas as janelas, os vidros pra poder sair do banho pra não pegar ventinho. Sempre foi assim, mesmo antes de eu ficar doente, agora ainda está melhor. Conforme eu vou crescendo eu acho que ele vai ficando melhor, eu vou fazendo algumas mudanças. É muito neurótico, sabe? São

coisas absurdas, assim, que ele faz. Cozinhar, também, é só água filtrada, tipo, ele vai ferver a água, né, tipo não tem perigo. Eu já cansei de falar, assim, tipo, ele vê na TV as coisas, só que ele não entende, ele tem uma certa dificuldade, só que ele pega as coisas sem entender e ele quer passar isso pra gente da TV, Fantástico, Jornal Nacional, do que aconteceu com uma família lá, e ele não entende ou ele pega a notícia pela metade e ele quer passar aquilo pra gente. E daí é complicado porque ele não entende as coisas e quer passar aquilo pra gente, só que eu sei que não tem nada a ver e eu entro em conflito com ele por causa disso. Outro dia eu ‘tava’ assistindo jornal com a minha mãe e eu na sala e ele chega daí ele fala: “Viu eu falei pra você” só que era uma notícia pela metade e não tinha nada a ver o que ele ‘tava’ falando. Então eu acho que ele não entende as coisas que ele vê na TV, porque ele é muito precário, fica na TV o dia inteiro, não trabalha mais, ou vai ao mercado, o máximo e ele quer passar pra gente uma coisa que não entendeu, eu sei que eu tenho razão disto e eu questiono. É também um conflito que tem, o jeito que ele leva a vida é o que eu mais questiono, porque não tem como a pessoa ser feliz assim e eu quero que o meu pai seja feliz, claro. Ele fala: “Eu sou feliz, eu tenho meus sobrinhos, eu tenho minha família.” Mas o tempo que ele passa com a família dele ou com os sobrinhos dele é muito curto porque quando tem reunião de família aqui em casa, tipo ele come e depois ele se tranca no mundo dele. Ele têm problemas, deve ter tido problemas no passado, ele não gosta de ficar comentando. Ele é, tipo, uma pessoa que viajou muito, eu até não sei por que ele ser assim, quando ele trabalhava, ele era chefe de um setor de alguma coisa, eu nem sei, porque ele não comenta, mas eu sei que ele viajou a América do Sul inteira, ele conhece tudo aqui, ele conhece a Argentina, ele conhece Paraguai, ele conhece Chile, Venezuela ele conhece tudo, não sei uma pessoa que viajou tanto assim, pegou tantas coisas de tantos lugares assim, ou ele passou em vão, pode ter sido isso também, e agora ser uma pessoa tão presa. Daí eu questiono isso dele, porque eu me vejo diferente, porque se eu tivesse feito tudo isso eu seria uma pessoa tão mais pra acrescentar, uma pessoa que queria sair pro mundo e contar, agora ele não. Olha que absurdo eu não sei das histórias das viagens deles, porque ele nunca contou, ele fica preso no mundo dele. Ele pode ‘tá’ cobrando algumas coisas de mim e eu não acho certo, daí eu entro nessa coisa de questionar e de brigar com ele por causa disso, por causa desse jeito de vida que ele leva. É a aquela coisa, tipo, uma pessoa que não vive e quer me ensinar sobre a vida. Eu não discuto porque eu sei o jeito dele, mas um pouco do que ele me fala eu presto a atenção, ele pode ‘tá’ me xingando, ele tem uma mania

estranha, quando ele ‘tá’ brigando, dele repetir a mesma coisa, às vezes ele foi pro quarto dele e desce e fala a mesma coisa. Ele discute, ‘tá’ discutindo, discutindo, discutiu, ‘tá’ já chegou, mas não, ele desce, porque deve ter pensado alguma coisa, ele desce e continua a mesma coisa e eu quieta. Ah! Ele é louco, realmente é uma pessoa pra se entender. É difícil, então o problema é esse. E minha mãe é o que eu te falei ela pega muito o que as pessoas falam. Por exemplo, minhas irmãs, ah a minha irmã falou alguma coisa do que eu devo fazer da minha vida, daí a minha mãe vem: “Ai a sua irmã R. falou isso e também eu acho...” daí ela começa a achar. Ou o meu pai ‘tá’ falando alguma coisa e ela vê que eu ‘tô’ quieta, que eu fico quieta às vezes e tal e começa a apoiar ele. Às vezes ela me apóia na briga, daí vem as minhas irmãs falarem alguma coisa e ela muda. Daí eu acabo discutindo com ele por causa disso, não porque eu seja uma menina problemática, uma adolescente problemática, porque eu não acho que eu seja, sou calma até. Mas eu acho que a minha família é muito... Não sei. Eu acho que eu vou me sentir bem quando eu tiver morando em outro lugar assim, eu vou fazer isso quando eu estiver mais madura, claro. Eu moraria em outro lugar e viria visitá-los de vez em quando, daí a recepção vai ser outra. Meu pai ainda tem essa, eu vou estar morando em outro lugar e “não vai levar não sei quem na sua casa”, na sua casa, eu nem fiz nada, a casa nem existe ainda, isso porque eu vou ‘tá’ morando sozinha, na minha casa. Tipo o meu pai até fala em vender a casa aqui, porque é uma casa muito grande pra 3 pessoas, eu até acho também, porque fica muito separado, um em cada canto, minha mãe no quarto dela, ele no dele e eu no meu, ou um na sala lá embaixo, não sei, sabe? Daí eu falei “Ah! Mãe você vai vender? Então compra uma pra mim.” Minha mãe até concorda. Porque ela vê que eu me sinto, que devo me sentir presa, que eu não vou me adaptar nunca ao sistema dele. Também não sei se eu me daria bem morando com amigos Eu quero ter a minha casa se meus amigos quiserem morar comigo, podem ir, mas é a minha casa.

Ah, olha os meus momentos de tiéte ali (aponta cd dos Rebeldes). Totalmente contraditório, assim, porque eu sempre gostei de música boa, assim. Como eu não tinha nada pra fazer eu pegava e ficava assistindo televisão, daí eu gostava, eu achava bonitinho, meu amigos, né me crucificavam. E é muito ruim, realmente é muito ruim e eu sei que é muito ruim, mas eu gosto. Eu não tenho preconceito com nada, pode ser a música mais... eu não tenho preconceito mais eu não gosto, eu não tenho preconceito com pagode, mas eu não gosto, mas tipo, eu ouço aquilo (Rebeldes) de vez em quando entendeu? Eu não tenho preconceito, mas eu ouço, é estranho. Uma coisa diferente que

aconteceu é que eu fui ao show lá em SP, fui ao Morumbi, paguei caro no Vip, muito caro, pensa numa coisa muito cara, não sei se daria pra pagar o show da Madona, mas era caro. Agora acho que eu não faria, apesar de eu gostar, talvez se tivesse dinheiro sobrando, assim, faria, mas acho que gastaria o dinheiro com outras coisas. Porque antes eu era muito trancadinha eu até saia, mas não ia pra balada, porque daí sobrava mais dinheiro pra mim, sabe? Eu gostava dinheiro com bobagem, agora ainda é bobagem sair e gastar com isso, só que, tipo, não tinha com que gastar. Sabe aquela pessoa que vai e compra chocolate, eu era assim. Eu vivia muito presa, daí aquilo já era uma coisa excepcional. Eu tinha 15, 16 e fui sozinha com o meu amigo L. comprar o ingresso. Eu nem sabia por onde começar. Eu só fui ao show porque tinha dinheiro, não porque meus pais iam deixar, me dar dinheiro pra ir a um show em SP no meio de milhões, várias pessoas, foram o quê? 75 mil pessoas. Fui sozinha, mas pra comprar, olha como eu tenho amigos. Fui com o L. tal comprar ingresso, só que eu cheguei um dia antes, de madrugada e eu tinha amigos em SP, era um casal gay, daí eu fui dormir no apartamento deles, com o L., daí eu fui assistir uma peça de teatro, que meu amigo é ator e o outro trabalhava em produção, mas o meu amigo mesmo é ator, daí tipo fui assistir a peça dele no teatro, daí, tipo, aproveitei, dei uma volta. Daí, tipo, a gente ficou no apartamento deles, daí já de madrugada, 5 horas da manhã eu já fui pra fila, loucura, né? Não sei como a minha mãe deixou. É que era muita gana de querer ir e eu sou argumentativa, eu convenço os meus pais, sabe? Foi uma coisa bem assim: “Ah, eu vou ficar doente se você não deixar eu ir.” Daí no dia que eu fui comprar eu fiz amizade na fila já, com um pessoal de SP. Não tinha só criança no show. Não tinha criança no show. Daí eu fiz amizade com uma turminha. Foi no dia do show, na fila da Vip, foi como daqui, nem como daqui até a esquina, porque eu tinha feito amizade e essa turma acampou e eu cortei fila. Com aquela turma que eu tinha feito amizade quando eu fui comprar. Eles acamparam e eu cortei fila. Daí eu fiquei pertinho, daí emoção, né? No Morumbi, aquela turma fazendo “ola”, no campo, eu sou corintiana, mas no campo do São Paulo. O povo fazendo aquelas coisas era gostoso. Eu fiquei na pista, esperando eles passarem, assim. Eu era fã da ruivinha, só que ela não foi até o final da pista. Sei todas as músicas deles, eu nunca gostei em português, pelo menos isso. Eu sabia todas as músicas em espanhol, foi bom porque eu fui um pouco autodidata, aprendi um pouco de espanhol sozinha. Daí eu sabia e cantava todas as musiquinhas. A galera queria sentar no final da pista, tinha um palco e aí tinha uma passarela, queria sentar pra ver eles no final vindo da passarela, daí quem eu queria ver

ficava só no palco, que coisa. Eu gostava dos outros também. Foi o único momento que eu fui tiéte assim. Talvez porque todos que gosto morreram. Mas, se a *Amy* vir para o Brasil eu vou. Não sei se eu faria ao mesmo esforço, mas eu iria. Não acamparia, porque eu acho bobagem. Eu não quis ir ao show da Madonna e ia pagar barato. Apesar de ter todo esse movimento: “Ai Madonna vai vir pro Brasil” Eu prefiro pagar pra ir ao show do Freja em SP, do que pra ir ao da Madonna. Apesar de eu não achar a Madonna ruim, a Madonna ela revolucionou tudo isso, não também que ela seja boa, eu não acho que ela cante bem, ela é uma boa dançarina, pra idade dela, mas não gosto, até acho legal algumas músicas antigas, aquelas que colam na cabeça, não tenho no meu computador, mas ouço de vez em quando, tenho amigos que gostam, mas não pagaria, apesar de ser pouquinho que eu ia pagar porque eu tenho uma amiga que, a Heller estava patrocinando o show e eu tenho uma amiga que é gerente, daí ela ofereceu pra ver se eu queria ir. (pesq. Questiona como começou o gosto pelos Rebeldes e o que levou ao interesse) É que no início, assim, não tinha muita gente, mas eu comecei desde o início, assim, é legal, assim, é bobinho, mas era legal, assim, era uma coisa bem jovem, apesar de eu ser precoce e gostar de coisas nada ver com a idade eu também era menina, era garota, daí eu acho que foi uma coisa que tocou esse meu lado, tipo, ai sou criança. Daí foi uma coisa que eu me interessei, como eu disse, com esse meu lado e tem também esse negócio da propaganda, tinha uma propaganda absurda, mas eu sei que eu gosto, porque agora acabou a propaganda e eu ainda gosto, agora eu sei que eu gosto, mas tinha muita gente que era só por propaganda. Desde que eu era pequena eu gostava dessa coisa de México, eu acho bonito, acho interessante. E é mexicano, né? Eu achei legal, eu gosto de espanhol. Foi gostoso eu pegava o “cdzinho” e ficava lendo, assim. Porque eu não comprei nenhum pirata, cada vez que eu ia comprar um cd, sabe aquela menininha que guardava? Os cds deles eram caros, 30, 35. Não sei agora não compro mais, até tinha vontade de ter a coleção, porque é uma coisa que marca uma fase da sua vida. Eu tenho isso como uma coisa que marcou uma fase da minha vida, tenho pôster essas coisas, gastava dinheiro com muita bobagem, mas eu gosto sim, acho eles bonitos, não acompanho mais fielmente. Antes eu entrava todo dia e via *sites* da internet, agora eu não entro mais, mas se toca alguma música que eu ache legal eu ouço, assim. E tem aquilo que você falou da propaganda. (pesq.: E os seus amigos que têm estilos totalmente diferentes o que falam?) Eles ficavam falando: “Ai, pare com isso, não escute isso que não tem nada a ver com você.” E realmente tocou um outro lado meu que nem eu sabia, é uma coisa bem doce, pura. Nenhum amigo meu gosta,

nunca gostaram, mas por eu ser argumentativa, eles pararam de me encher, eles viram, tipo, que: “Ai ela gosta, ah, ‘tá’ bom então, tem um sentido pra ela” E eles pararam então, de encher o saco. Eles encheram, encheram meu saco, talvez foi bom, porque eles encheram e eu gostava mesmo, por isso que eu não deixei de ouvir, eles viram que não adiantava “Ah, ela gosta mesmo.” Marcou bastante isso daí, é legal ter ido pra São Paulo, sozinha, assim. Lá é uma coisa assim, que fica meio pirado, lá é meio pirante, um outro estilo de vida, aqui é muito calmo, muito calmo. O meu amigo L. fala: “Ai quero ir pra São Paulo” eu falo: “ Ah, não sei se eu quero ir pra São Paulo, eu gosto assim, de um pouco de paz.” Apesar que lá tem um pouco de coisa pra aprender, pra mostrar pra mim, eu ainda vou pegar uns anos e morar lá. Minha vó é italiana, eu tenho vontade de pegar visto e ir pra Itália, conhecer a Europa. Porque eu tenho essa necessidade de expandir assim, de querer conhecer tudo assim, porque por enquanto eu conheço, eu penso o que eu posso, a partir do momento que eu possa conhecer novas coisas eu vou, eu quero ir adquirir mais conhecimento.

Anexo XII

Pré-indicadores da entrevista de história de vida de D.

Falas	Pré-Indicadores
<p>Eu sou uma menina diferente, assim, eu sou diferente das minhas irmãs, eu sou diferente dos meus pais. Eu não sei se é fase, mas eu sinto isso aqui em casa, no estilo de música que eu ouço, em qualquer outra coisa que eu faça, assim. Eu vejo semelhança entre a minha irmã e os meus pais, mas eu não tenho qualquer coisa, assim, que possa parecer com eles, então, assim, eu sou uma pessoa diferente.</p> <p>Pra falar de mim tenho que falar dele, assim.</p> <p>e a minha cabeça é mais aberta, totalmente liberal pra tudo, tem essa filosofia aí de vida e mais uma coisa que gente entra em conflito aqui em casa.</p> <p>Eu sou a mais nova, tem uma com 33 e a outra com 30, minha mãe teve eu com 39. Tem uma diferença grande aí entre nós.</p> <p>Então eu gosto de ficar cercada de amigos, gosto de conversar, sou extrovertida. Eu sou..., eu sou... eu sou engraçada pra eles assim.</p> <p>Como eu falei eu sou tímida, assim, qualquer lugar que eu chegue, eu sou tímida de início, até sair uma ou duas vezes. Às vezes eu não me solto, assim, com o grupo... Apesar de eu ser receptiva eu não consigo me entrosar assim rápido.</p> <p>Como eu sou agora. Sou uma pessoa que sai bastante, que não gosta de ficar em casa, não porque eu não goste dos meus pais, assim, eu gosto deles e tal. Eu não sou uma pessoa que briga muito, assim, eu sou quieta, quando eu levo xingo eu prefiro ficar quieta.</p> <p>esse meu jeito que é mais aberto e que, tipo, sabe um pouco de tudo, assim.</p> <p>Às vezes eu fico muito nervosa com ele, mas é uma coisa de momento e depois volta tudo aquilo. No mais, assim, eu não tenho problema, eu não sou uma pessoa muito difícil de lidar, assim. Sou uma pessoa que até eu levo xingo, falam alguma coisa, assim, e eu prefiro ficar quieta. Não faço muita encrenca. Em casa e fora de casa, em casa eu sou mais quieta ainda.</p> <p>Eu tenho que trabalhar porque eu gasto muito, sou uma menina que gasta muito e quer sair sempre, eu não gosto de ficar em casa, quero sair sempre, daí cada vez que eu vou sair, cada final de semana gasto</p>	<p>Quem sou eu?</p>

50, 60 e o meu pai não pode ficar me mantendo, então eu tenho que trabalhar.

E faculdade é assim, aqui em casa só faz se quer, se não quer não faz. Não tem aquela coisa do pai ficar cobrando e nem vai me ajudar assim, ele pode me dar uma ajuda, mas quem vai ter que bancar, assim, sou eu. Eu também não gostaria que meu pai tivesse que pagar se ele tivesse condição, de ter que privar eles, que nem minha mãe gosta de viajar e ter que privar eles de bastante coisa, entendeu? E me privar também, eu sou uma pessoa que gosta de sair. Eu acho que se eu ficar aqui dentro de casa porque 'tá' pagando faculdade e não tem como eu 'tá' saindo e tal eu também não ficaria legal. Então eu prefiro trabalhar e fazer, tipo, as bolsas que eu posso conquistar e sei lá, 'tá' eu mesmo custeando e me mantendo assim. Daí acho que talvez eu dessa forma, assim, eu dê mais valor também pro meu estudo 'pro' que eu vou fazer depois. Procurar ser independente... Eu até penso que, tipo, depois de algum tempo, assim, eu começar a planejar a minha vida, comprar meu carro, com o tempo, já começar a pensar em comprar meu apartamento pra sair de casa, assim, ter mais essa liberdade. Eu tenho vontade de fazer muita coisa e eu não faço, tipo, eu tenho vontade de fazer uma tatuagem e meu pai é aquela cabeça fechada, ele acha que... Não sei se é assim, eu acho que não, mas que aquela coisa, que ai você tem tatuagem e vão fazer uma seletiva quando você tiver arrumando emprego e você não vai ser aceita porque você tem uma tatuagem, não pela sua capacidade. Você pode ser até capaz, mas tendo a tatuagem eles vão te rejeitar. Eu acho que agora não é mais assim. Daí tipo eu prefiro, tipo, quero cobrir minha costa de tatuagem, tipo, vou cobrir, mas, não enquanto eu estiver aqui em casa, porque, tipo, ele não aceita. Eu quero, tipo, ter as minhas coisas.

Daí tem a mãe dessa menininha que você conheceu que mora na casa em frente, atravessando a rua, tudo muito perto, assim, sabe? Tipo, eu vejo minhas irmãs, casaram e estão aqui perto dos meus pais e eu querendo me ver longe, não que eu não vá ver eles, tipo, eu venho visito, mas eu não sei como elas conseguem viver tão perto assim, sabe? Não tem aquela liberdade, porque querendo ou não a minha mãe 'tá' dentro do casamento delas, né?

Minha mãe que acaba tipo ai: "Não é querendo mal, mas quero que você case rápido" Acho que ela quer um pouco sentir aquela coisa de viver ela e o meu pai e eu falei pra ela: "Ah, então você vai esperar, porque se eu for casar eu vou casar só depois que eu conquistar tudo que eu quero, assim, e isso talvez demore, eu vou casar com 35 por aí, vai demorar um pouquinho aí." Não sou aquela menina que sonha em ter filhos, que sonha em casar, entrar na igreja, eu não sonho com isso. Filhos, se eu tiver um filho vai ser, talvez, muito bem planejado, talvez eu vá ter muito velha, não sei, não é uma coisa que eu quero pelo menos. Eu quero aquilo pra minha vida, quero conquistar tudo que eu conseguir, assim, eu tenho essa meta.

Agora se você me perguntar sobre esporte eu sei também, agora se você me perguntar sobre o que 'tá' acontecendo, assim, no mundo eu sei também, porque gosto, assim, eu pesquiso na internet, eu uso a internet pra coisas legais, assim. Eu sou aquela menina que, assim, que assiste *Big Brother*, mas que também 'tá' ligada na Cultura assim, 'tô' assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assiste também Café Filosófico. Não sou uma pessoa que lê muito, eu gosto de ler coisa mais informativa, tipo jornal e revista, talvez porque eu nunca criei o hábito, eu lia quando era criança, mas as coisas que os professores impunham, assim, "ai, preciso ler um livro pra fazer aquela prova", sempre foi assim, nunca peguei um livro talvez porque eu nunca achei um estilo, assim, que me interessasse uma linha assim. Eu também gosto de ver sobre 2ª guerra, eu acho uma coisa legal, aquela coisa do Hitler .

A minha última é que agora eu não como mais no Mac, eu coloquei isso pra mim. Ah, tem tudo aquilo que é capitalista, eu acho um roubo também pagar R\$16 num lanche que eu acho que não vale nem R\$ 5. Eu tenho essa linha de pensamento. Eu até 'tava' no aniversário de uma das minhas amigas que foi no Mac, que gosta do Mac, 'patricinhas'. Eu sou a diferente do grupo de novo. Talvez eu seja a diferente do grupo nesse sentido, são 'patricinhas'. Eu 'tava' tendo uma conversa uma vez dentro do Mac, ela tipo: "quer Mac" e eu tipo: "ah, não vou comer" e elas: 'ah, porque não vai comer", ficam perguntando e eu acho chato e eu; "ah acho muito roubo" e daí elas: "ah já vem com aquela história de capitalismo, com todas aquelas coisas e tal. E esse Adidas que você 'tá' aí no pé?" daí eu falei: "Ah então esse Adidas que 'tô' no pé eu uso ele um ano inteiro, né? Ele dura, entendeu? Agora eu vou comer 1 Mac de R\$16 e eu não gosto do lanche ainda, porque as pessoas na maioria das vezes só comem Mac porque é Mac. Ela até falou assim pra mim": "Ah, Mac é Mac" daí tipo: "Esse é o argumento que você quer usar pra mim? Mac é Mac." Não é uma coisa legal. Ainda assim, não é que eu tenha uma cabeça assim... bebo Coca, não bebo Coca, bebo Fanta, não gosto de Coca também, bebo Fanta, assim, ainda acho cabível pagar R\$ 2, 3 numa garrafa de refrigerante, mas pagar R\$16. Eu tenho uma cabeça, assim, roupa também, eu pago o que eu acho que vale, tipo, eu gostei bastante, muito, muito, mas é muito caro, entendeu? Eu gostei pra caramba daquilo, mas eu acho que não vale, que 'tá' muito caro, ainda se eu gostar muito e estiver caro é proporcional uma coisa com a outra, eu até pago, mas é muito difícil. Eu sou bem assim com as coisas. Não sei de onde veio. Acho... meus pais têm essa coisa, tipo, eu nunca fico devendo uma conta, não sou do tipo que gasta compulsivamente, mais do que pode, foi uma coisa que meus pais ensinaram. Minha mãe nunca ficou devendo pra ninguém, nunca atrasou uma conta na vida dela, ela é uma pessoa bem certinha nesse sentido. Ela é certinha. Então eu gosto disso e também adotei, daqui

de casa. Quando eu era mais nova até tinha mais dinheiro, assim, agora meus pais são aposentados Eu até tinha mais dinheiro, podia até gastar mais, mas minha mãe sempre deu essa linha, assim, pra gente de não gastar... de não ir pelas pessoas, comprar alguma coisa só porque é de marca, pagar a marca, entendeu? Ela sempre foi mais pelo produto, pelo que acha que é bom, entendeu? Daí isso daí eu gosto, daí eu também adotei isso daí.

Os lugares que eu gosto de sair. Eu acompanho, assim, as minhas amigas, elas gostam de pagode. Eu acompanho elas, mas eu nunca, tipo, faz o quê que eu ando com ela? 2 anos e eu não sei uma música. Eu 'tô' ali por causa das pessoas. Daí quando é pra eu sair em algum lugar eu gosto de lugar mais alternativo, que toca Rock, eu vou pro Pub ou pro 3º Andar, eu vou pro barzinho. Se for fazer o que eu gosto mesmo é isso.

Sou uma pessoa que se adapta bem aos ambientes, sabe? Eu sempre vou ter a minha opinião, a minha forma de viver, mas também eu não sou aquela pessoa com aquele preconceito, eu procuro ver o que tem de legal ali, entendeu? Acho que eu nunca tive um preconceito, assim, de um lugar, eu procuro ver o que tem de legal ali e me divirto independente do meu gosto, assim, sabe? Sou uma pessoa, assim, que, tipo, acho que deu pra você perceber, que discute bastante que gosta de impor as idéias, até lá no grupo, não sei se, tipo, quando você fez aquela coisa de colocar a idéia de debater, é que realmente eu quero expor a minha idéia, eu acabo achando argumentos até pra mim, que me convencem de tão convincentes que são os argumentos que me convencem, às vezes de início eu até tenho dúvidas mesmo do que eu acho, daí eu começo a achar argumentos que realmente confirmam que é aquilo mesmo e acabam me convencendo e aí eu acho que eu convengo as pessoas também. Eu sou uma pessoa que gosta de discutir. Tipo, no início eu sou tímida pra tudo, mas depois eu me solto e tenho essa característica aí, sou extrovertida e gosto de debater tudo. Tão falando um assunto aí, tipo, uma amiga solta um assunto e eu conheço bastante coisa e tal, daí eu vou e quero discutir, as pessoas nem tão a fim de discutir, mas eu vou e quero discutir. Eu sou um pouco chata por causa disso. Daí eu discuto, tipo assim, quero colocar minha opinião, mas também aceito, eu ouço, às vezes eu vejo que as pessoas tão ficando meio... aí eu fico quieta. Chega não quero mais falar disso. Como eu falei eu sou tímida, assim, qualquer lugar que eu chegue, eu sou tímida de início, até sair uma ou duas vezes.

Não que eu seja uma pessoa popular, que eu não sou e nem quero isso pra mim. Agora eu gosto de ser a esquisitinha, eu gosto de ser esquisita, que agora 'tá' na moda, também 'tá' na moda ser alternativa, 'tá' na moda, não também que eu me preocupe muito com moda, com essa coisa de moda, porque eu sempre fui assim, mas é que agora 'tá' na moda ser esquisito. As pessoas se forçam a ser esquisito, pelo menos agora que eu 'tô' conhecendo assim, às

vezes, essa coisa de ser diferente, a pessoa se força a ser aquilo pra que vejam ela assim. Olha que bom, eu não preciso forçar pra que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que 'tô' na moda.

Eu sou aquela metamorfose ambulante, vivo em constantes mudanças. Até agora acontece... tanto que eu posso mudar, mudo assim bastante, conforme eu vou aprendendo eu mudo assim, agora eu não tenho aquele choque que foi aquela coisa, tipo eu mudei assim, na 7ª série, e parei, a partir daquele momento eu parei e continuo mudando. Daí aquilo eu marquei como um ponto, assim, da minha vida que 'tá' proporcionando tudo o que 'tá' acontecendo na minha vida. E conforme eu vou aprendendo também, eu posso ir mudando as minhas opiniões, eu vou aprendendo e posso 'tá' mudando as minhas opiniões. Daqui a algum tempo eu posso pensar o que eu 'tô' pensando agora, não que tipo eu não tenha... eu argumento bastante, mas não esteja acreditando naquilo. Não, é porque eu 'tô' aprendendo, 'tô' mudando porque agora eu sei coisas novas.

Ah, eu coloquei um *piercing* na nuca, 'tá'? Eu coloquei um *piercing* na nuca na semana passada. Caiu minha pressão. Eu sempre quis colocar, só não coloquei porque uma amiga minha tinha. Daí outro dia eu 'tava' pensando assim: "Ai, ela tem, mas... o meu é mais diferente, assim". Eu queria tanto colocar que daí eu fui lá e coloquei. Eu tenho um outro *piercing* também no mamilo. Eu gosto só de *piercing* em lugar alternativo, sei lá, não sei por quê. Realmente eu não gosto dessa coisa de todo mundo 'tá' com *piercing* no nariz, sabe? Daí eu não quero ter um *piercing* no nariz, entendeu? 'Tá' com um *piercing* no umbigo, eu não quero ter um *piercing* no umbigo, quero ter um *piercing* na nuca. Foi essa coisa de moda. Então não sou ligada na moda. Foi o que eu falei, eu 'tô' na moda porque agora o meu jeito é moda. Mas então, daí eu decidi colocar e é isso aí, é estranho.

Então eu só não fiz tatuagem por causa disso, por causa do meu pai, mas *piercing* como eu nem pedi autorização, porque agora eu sou 'de maior'. Eu sou 'de maior' e agora eu posso. Eu 'tava' com o cabelo preso e acho que foi no dia mesmo, eu fiz a bobagem de prender assim o cabelo e ele falou: "O que isso aí na sua nuca". Isso porque eu tinha tido uma conversa antes com meu pai dizendo não é porque ele queria ou não, eu já estava preparando ele se eu aparecesse com uma tatuagem, que eu sei que uma grande... eu nem ia querer chocar ele tanto, mas que vou fazer depois, quando eu não estiver aqui em casa, mas se eu aparecer com uma pequena, quando eu já estiver trabalhando, com meu dinheiro, era pra ele aceitar, porque não adiantava ele brigar, porque eu já estou preparando ele antes, já estou tendo essa discussão antes, que é a 2ª discussão sobre isso, 'tô' tendo essa discussão antes com ele, que eu já vou fazer uma tatuagem pequena pra não chocar. Eu vou fazer num lugar escondido, não vou

fazer no braço, vou fazer aqui na costa que eu só vou mostrar, tipo, quando eu quiser, pra ele ir se preparando já, eu estou tendo essa conversa antes. É claro que eu quero fazer um dragão nas minhas costas, quero, mas não agora eu vou fazer depois, quando eu tiver casa. Então daí eu já preparei meu pai quando eu começar a trabalhar de novo.

Daí tipo, já até penso o meu 1º salário de uma coisa mais efetiva vou fazer uma tatuagem, já preparei o meu pai pra isso. Não que eu vá mostrar, eu vou fazer a tatuagem e deixar, daí quando ele perceber: “Ah, lembra que eu tinha te preparado” Eu até menti pra ele do *piercing*... Eu tenho medo de agulha, quando eu vou tirar sangue, que aconteceu na última vez pelo menos.

Daí agora que eu fui colocar o *piercing*, quando eu senti o 2º furo... tipo eu fiquei muito nervosa antes. Eu já tinha feito antes num lugar mais sensível e eu tinha sentido dor, mas sei lá, ‘tava’ tão na gana que... Não que nesse eu não tivesse, mas sabe aquela empolgação? Então eu ‘tava’ naquela empolgação no 1º. Daí eu fui coloquei o *piercing* e tal e daí, tipo, mas sossegado, porque eu ‘tava’ deitada também. Esse aqui eu fiquei sentada. Daí eu lembro que têm uns espelhos lá no estúdio, daí talvez eu fiquei nervosa de ficar me olhando, fui vendo eu ficando branca e segurava na cadeira assim, fiquei tensa. Realmente eu me preparo pra uma dor maior do que eu vou sentir, sempre assim porque se me preparar pra uma dor maior e sentir uma menor, daí não tem tanto problema, o 1º foi assim. Mas eu fiquei nervosa, tão nervosa, daí minha pressão caiu e ele começou a me abanar, parei bem no meio, já tinha feito o furo pra colocar o *piercing*, parei no meio me abanou um pouquinho, bebi água e tal e colocou, esperei um pouquinho pra levantar, eu ‘tava’ branca. Quero ver na tatuagem, só que é a vontade, né? Que você teve, que você tem de ter isso, daí você acaba fazendo essa loucura. Ah, eu sei, tipo, daqui um tempo eu posso não querer mais, talvez seja por isso que meu pai ache que o *piercing* não seja tão complicado quanto a tatuagem, pra tirar tatuagem é bem complicado. Por isso eu quero tatuagem, é que tatuagem eu penso desde os meus 14 anos que eu vou fazer agora, entendeu? É uma coisa que eu quero fazer faz tempo, que é a frase de uma música, não o título de uma música “*I like a Rolling Stones*”, do Bob Dylan que tem uma filosofia legal, uma música legal que ainda gosto, entendeu? Passaram 4 anos, mas eu gosto ainda daquilo, entendeu? E eu quero tatuar isso no meu corpo. Tem que ser uma coisa importante, eu acho ridículo as pessoas tatuarem... talvez pra elas não seja, né? Umás coisas muito bobinhas assim no corpo, você faz um tribal ou uma estrela porque ‘tá’ na moda, daí eu acho complicado mesmo. Quando é uma coisa que você ‘tá’ faz tempo assim, pensando, você sabe que você vai gostar, então daí não tem problema. Tipo Like a Rolling Stones, gosto como as pedras rolam, o que seria? Gosto como as coisas acontecem, o movimento que a vida faz, tipo, essa coisa de mudança também, entendeu? A música fala de uma mulher, que ele fala:

“Lembra quando ela era rica ou quando você fazia aquilo pra mim, então like a rolling stones, as coisas aconteceram, as pedras rolaram e olha onde você está agora?” Ele tem bastante letra bonita, assim se você quiser pegar pra ver qualquer dia. Então, “olha onde você ‘tá’ agora, você viu uma coisa que... pensa bem o que você vai fazer agora, porque daqui a algum tempo, essas atitudes suas, você pode estar por baixo” é isso que a música... você pode estar por baixo. Daí a música fala isso daí é uma coisa que eu acho que tem a ver comigo, assim. Bastante. Daí eu quero tatuar. Eu sempre gostei de coisas bastante coloridas, o dragão eu vou fazer, é recente a vontade, daí por isso que eu nem vou fazer agora e depois por causa do meu pai, um pouco de empolgação. Talvez seja mais pelo desenho, porque sempre eu quis ser muito branca, na verdade eu queria ter a sua cor, não que eu seja morena, eu não sou morena, eu queria ser branca porque eu acho bonito, eu vejo no outro e acho bonito, e isso é diferente já. Eu quero uma coisa bem colorida pra destacar, entendeu? E por ser diferente também, porque é difícil você ver uma mulher com um dragão nas costas e ser colorido, assim. Sentir essa coisa de querer ser diferente assim, não tem gente assim, entendeu? Não têm meninas assim. Eu tenho essa necessidade de não ser igual a todo mundo. Daí eu queria, por causa das cores, eu queria ser mais branca, queria destacar mais em mim, assim. É por isso mesmo, essa coisa de querer ser diferente e fazer uma coisa bem colorida mesmo. Eu acho bonito, eu vejo nos outros e acho bonito e querer pra mim assim, diferente da frase, que a frase nem seria tão bonito, não tem uma beleza esteticamente não seria uma coisa... escrever uma frase assim, eu quero ainda uma coisa mais simples, tipo uma coisa bem simples, uma letra normal em preto mesmo, mas por causa do significado, até se uma pessoa venha perguntar pra mim, assim, aquilo é legal.

Eu vou voltar em casa... Meu pai eu acho, não que ele tenha culpa, eu acho que ele tem um pouco de ignorância. Eu queria ter alguém aqui em casa, tipo: “Eu quero ser assim!” Ter uma referência aqui em casa, porque não tem em quem se espelhar aqui em casa. Eu criei essa minha personalidade, sei lá, talvez se eu tivesse uma pessoa, uma figura forte aqui em casa que me espelhasse aqui em casa não teria que ouvir, ficar procurando o Bob Dylan, sei lá. Não ia ter que admirar outras coisas, entendeu? Realmente, aqui não tem uma figura muito forte pra mim, é até fraca. Eu admiro, assim, a luta que eles tiveram, mas aquela coisa que te ensina, sabe? Não tem o que aprender com eles e eu queria ter uma pessoa que pudesse me dar isso, entendeu? Eu queria ter na minha família alguém que tivesse uma cabeça, sei lá, talvez parecida com a minha. Não tem na minha família inteira. Ter conhecimento, assim, pra que a gente possa trocar idéia e tal, mas tipo, uma coisa bem familiar, de ‘tá’ numa reunião de família assim, que aqui raramente acontece em casa. Porque meu pai, minha mãe ainda sim, ele é, tipo, não ‘tá’, nem aí, até a minha avó morreu no ano passado, eu conheci a minha avó desde pequenininha, mas eu não senti a morte dela, não chorei, meu avô morreu, tipo, não chorei. Daí tipo, eu não chorei, não senti e não sinto falta, sabe? Não

que eu seja um monstro, assim, insensível, eu sou sensível, sabe? Mas talvez pelo meu pai que não dá valor pros pais deles, eu também não dê valor pros meus avós, entendeu? E também porque eu ouvi várias histórias e minha avó não era lá uma pessoa muito legal.

Eu tenho até medo se acontecer algo com o meu pai eu não sentir também, eu não quero, mas por ele ser assim fechado e tal. Por ele ser dessa forma, assim, fechado e tal e não conversar, talvez ele até tenha sentido a morte dos meus avós, mas não tenha falado nada e tal. Só que ele precisa passar um pouco pra gente, porque é muito, muito, muito chato. Ele precisa passar alguma coisa pra gente eu só sei que a minha avó morreu e eu, tipo, fui ao velório dela, acabou e tudo bem. Não é igual a relação que eu vejo com os meu amigos, são mais amigos dos avós, eles gostam mais dos avós. Eu nunca tive isso na minha família.

por causa de eu ser argumentativa

Porque se eu deixasse o meu pai me prender assim eu ficaria muito mal

Mas, daí eu penso que eu abri um pouco a cabeça dele, assim, com as coisas, assim, com o meu jeito de ser. Acho que ele até sentiu que se ele não desse essa liberdade pra mim as coisas não seriam legal em casa e tal ou eu tenha conseguido mudar um pouco o pensamento dele, por causa de eu ser argumentativa, porque as minhas irmãs talvez na hora dele xingar, por elas estarem voltando tarde, elas tipo, ou aceitavam ou partiam pra ignorância, assim

Daí eu acabo discutindo com ele por causa disso, não porque eu seja uma menina problemática, uma adolescente problemática, porque eu não acho que eu seja, sou calma até. Mas eu acho que a minha família é muito... Não sei. Eu acho que eu vou me sentir bem quando eu tiver morando em outro lugar assim, eu vou fazer isso quando eu estiver mais madura, claro. Eu moraria em outro lugar e viria visitá-los de vez em quando, daí a recepção vai ser outra.

Também não sei se eu me daria bem morando com amigos Eu quero ter a minha casa se meus amigos quiserem morar comigo, podem ir, mas é a minha casa.

Ah, não sei se eu quero ir pra São Paulo, eu gosto assim, de um pouco de paz.” Apesar que lá tem um pouco de coisa pra aprender, pra mostrar pra mim, eu ainda vou pegar uns anos e morar lá. Minha vó é italiana, eu tenho vontade de pegar visto e ir pra Itália, conhecer a Europa. Porque eu tenho essa necessidade de expandir assim, de querer conhecer tudo assim, porque por enquanto eu conheço, eu penso o que eu posso, a partir do momento que eu possa conhecer novas coisas eu vou, eu quero ir adquirir mais conhecimento.

<p>Não sei como a minha mãe deixou. É que era muita gana de querer ir e eu sou argumentativa, eu convenco os meus pais, sabe? Foi uma coisa bem assim: “Ah, eu vou ficar doente se você não deixar eu ir.”</p> <p>Eu sempre, desde pequenininha assim... eu comecei jogar vôlei com 14 anos, daí, tipo, esporte, eu gosto de esporte, assim.</p> <p>Eu procuro, assim, em cada pessoa que eu conheço pegar alguma coisa, entendeu? Se eu gostei, eu quero aquilo, entendeu? Aquela característica, daquele grupo, entendeu?</p> <p>eu me identifiquei bastante, que é música diferente, que eu gosto bastante, assim, de música boa. Cinema, eu sou apaixonada por cinema, eu sou cinéfila. Agora eu jogo futsal.</p> <p>E realmente tocou um outro lado meu que nem eu sabia, é uma coisa bem doce, pura (Rebeldes)</p> <p>Eu planejo, assim, a minha vida, sabe?</p> <p>A gente é muito precoce, assim, desde pequena, assim, a gente ouvia coisas que as outras crianças não ouviam, assim, a gente assistia filme mais... tipo a gente assistia Laranja Mecânica, enquanto as outras assistiam filmes da Disney ainda, entendeu? Daí desde aí a gente já teve uma coisa muito precoce, nossos amigos também</p> <p>tenho amigos como todo mundo tem, tenho amigos gays, amigas negras</p>	
<p>Então eu gosto de ficar cercada de amigos, gosto de conversar, sou extrovertida. Eu sou..., eu sou... eu sou engraçada pra eles assim.</p> <p>Sou uma pessoa que gosta de ter amigos, sou uma pessoa que tem bastantes amigos, assim. Meu pai até fala: “Nossa, onde eu ando com você, você conhece pessoas”</p> <p>É que eu gosto de estar cercada de amigos, assim, eu não gosto de ficar sozinha.</p> <p>Às vezes eu acho que meus amigos conhecem mais eu do que a minha família, acho que acontece com bastantes pessoas assim, tipo, dos meus amigos saberem mais da minha vida.</p> <p>No esporte você conhece um time, você não conhece uma pessoa só, você conhece várias. Eu procuro, assim, em cada pessoa que eu conheço pegar alguma coisa, entendeu? Se eu gostei, eu quero aquilo, entendeu? Aquela característica, daquele grupo, entendeu? Daí... em algumas coisas. Daí, tipo, comecei a conhecer bastante gente e também têm os meus amigos que fazem dança e gostam dessa parte da arte, daí, tipo, eu me identifiquei bastante, que é música diferente, que eu gosto bastante, assim, de música boa.</p>	<p>Eu e meus amigos</p>

Cinema, eu sou apaixonada por cinema, eu sou cinéfila. Agora eu jogo futsal. Daí eu também tenho amizade com as meninas, tipo, agora eu saio com elas, saio com os meus amigos do teatro e saio com os meus amigos do vôlei. Acho que é por isso que meu pai fala: “Nossa! Quanta gente.”, assim. Cada grupinho eu tenho uma coisa, assim.

E por outro lado eu vi meu amigo, assim, que ele vai começar fazer... Vai ser um arte-educador, vai fazer essa faculdade aí e ele se lançou, assim, aí vai encarar assim. E é pior que a minha, assim, sabe? Daí acho que foi uma coisa que ajudou, assim, a escolher. Observei, assim, e vi que... Também tem uma amiga minha que fez, que parou em fisioterapia no 4º ano pra fazer gestão ambiental. Eu vi que não adiantava, assim, fazer o que não gosta porque depois, assim, de um tempo fazendo faculdade você pira, não aquilo que você gosta.

Até agora eu tenho amigos mais velhos, eu acho que se eu tenho 3 amigas mais novas que eu é muito, assim, pouca diferença de idade.

Meus amigos fazem dança e hoje eu sei de dança contemporânea. Isso é bom pra mim, porque eu vou conhecendo.

Eu até ‘tava’ no aniversário de uma das minhas amigas que foi no Mac, que gosta do Mac, ‘patricinhas’. Eu sou a diferente do grupo de novo. Talvez eu seja a diferente do grupo nesse sentido, são ‘patricinhas’.

Os lugares que eu gosto de sair. Eu acompanho, assim, as minhas amigas, elas gostam de pagode. Eu acompanho elas, mas eu nunca, tipo, faz o quê que eu ando com ela? 2 anos e eu não sei uma música. Eu ‘tô’ ali por causa das pessoas.

Daí as amizades mais próximas que eu tenho são esses meus amigos da arte, da dança tal que eles têm uma cabeça bem diferente, mas eu saio mais com as meninas, daí eu tenho que ir em lugar que eu não gosto, só pelas pessoas que eu preservo e tal. Talvez se eu brigasse com esse grupo eu não ia ficar mal, porque eu tenho um outro grupo pra ficar assim.

Como eu falei eu sou tímida, assim, qualquer lugar que eu chegue, eu sou tímida de início, até sair uma ou duas vezes. Às vezes eu não me solto, assim, com o grupo, tipo, amigos me convidam assim: “Vamos sair com a minha galera”, assim sei lá, com um determinado amigo daí eu falo: “Vamos, né?” Sempre “vamos”. Daí eu saio, mas não bate assim... Apesar de eu ser receptiva eu não consigo me entrosar assim rápido. Daí eu até paro de andar assim. Foi o que aconteceu ultimamente com umas pessoas que eu ‘tava’ andando, eu até tentei, mas o jeito deles...Eu vejo o que tem de melhor nas pessoas, mas era muita futilidade, assim. Tenho as minhas amigas ‘patricinhas’, mas apesar de algumas coisas elas na são fúteis, assim. Daí nem conversa,

<p>eu não conseguia dialogar legal, assim, com eles, talvez no futuro eu conviva de novo e eu ache coisas que dá pra conversar e tal, mas até então eu não achei nada que me entrosasse assim, entendeu? Daí eu parei, assim de andar com eles, era mais um grupo, né? Até perdi onde que eu ‘tava’... Ah! Essa coisa tímida minha. Até uma coisa que aconteceu comigo, foi no Reveillon do ano passado, eu ‘tava’ na casa de um amigo meu e uma amiga dele ligou e falou se podia ir à casa dele com uma galera, porque os pais do amigo dela chegaram na casa onde eles estavam. Daí foi, era uma rua sem saída, quando chegou eram 10 carros, assim, com 50 pessoas, foi um fato interessante que aconteceu. Tipo, assim, as pessoas ... assim, eu acho que naquele dia, lá, eu não ‘tava’ tímida, foi um dia excepcional, assim, entendeu? Tipo, foi uma exceção, tipo, eu não ‘tava’ tímida, ‘tava’ bem comunicativa. Tipo, eu lembro que fez uma roda eu era o centro da roda. Eu tinha muitas coisas pra falar, com pessoas que eu nem conhecia, tipo, eu até estranhei de acontecer como grupo e tal. Eu tinha muitas coisas pra falar com pessoas que eu nunca tinha visto, talvez eu tinha coisas em comum, assim, não sei, mas eu me senti o centro, sabe, daquilo. É estranho, faz quanto? 1 ano, fez um ano que eu não vejo essas pessoas, porque eu não vi, gostei, até converso com algumas no <i>Msn</i>, mas é aquilo <i>Msn</i>, às vezes não tem mais, não acha mais coisa pra falar. Aí tem mais 2 pessoas que eu converso ainda, mas quando eu encontro, assim, tipo têm amigos iguais que se vêm com frequência, falam: “Ah, eles falam de mim” , tipo, é engraçado. Um amigo comentou que nessa festa de Reveillon deste ano eles juntaram a mesma galera só que eu não tinha contato assim, aí eles ficaram falando de mim, assim, até eu me senti especial, “tipo aí, legal eu sou marcante.”</p> <p>Ah, olha os meus momentos de tiéte ali (aponta cd dos Rebeldes). Totalmente contraditório, assim, porque eu sempre gostei de música boa, assim. Como eu não tinha nada pra fazer eu pegava e ficava assistindo televisão, daí eu gostava, eu achava bonitinho, meu amigos, né me crucificavam</p> <p>Eles ficavam falando: “Ai, pare com isso, não escute isso que não tem nada a ver com você.” E realmente tocou um outro lado meu que nem eu sabia, é uma coisa bem doce, pura. Nenhum amigo meu gosta, nunca gostaram, mas por eu ser argumentativa, eles pararam de me encher, eles viram, tipo, que: “Ai ela gosta, ah, ‘tá’ bom então, tem um sentido pra ela” E eles pararam então, de encher o saco. Eles encheram, encheram meu saco, talvez foi bom, porque eles encheram e eu gostava mesmo, por isso que eu não deixei de ouvir, eles viram que não adiantava “Ah, ela gosta mesmo.”</p>	
<p>Na escola, assim, eu era aquela aluna que, tipo, até na 8ª série eu era aquela aluno super dedicada. Meu histórico até a 8ª série é legal, assim. Daí chegou no 3º minhas notas ficaram 7 mais pra 8 e 9 assim, não era mais aquela aluna de só A. Eu sou aquela aluna assim, que tipo, eu faço lição, mas eu converso também. Fico conversando, daí quando dá eu copio tudo correndo, mas faço, assim, e deixo de fazer</p>	<p>Minha relação com a escola</p>

<p>também, pelo menos no 3º ano, ninguém ‘tá’ nem aí no 3º ano.</p> <p>Tipo eu ‘tô’ na escola e eu vou me relacionar com as pessoas, eu ‘tô’ na escola, tipo, eu vou estudar também, eu vou aprender, mas não é só isso, entendeu? Não é só estudo, é você conviver em grupo, porque tem coisa da escola que eu não vou usar pra minha vida, mas essa convivência que eu tenho com as pessoas ali, realmente eu vou precisar muito, porque em qualquer ambiente de trabalho, qualquer coisa que eu vá fazer na minha vida eu tenho que ter aquilo, entendeu? Aquela relação que talvez seja mais necessário isso do que se aprendeu alguma coisa ou ter deixado de aprender.</p> <p>Porque eu era muito obsessiva assim, eu era aquela aluna muito focada assim, tipo, eu estudava, eu nunca estudei assim, sabe? Tipo, eu estudava antes das provas, assim, mas era aquela aluna obsessiva por nota, assim. Tipo, eu levava um B e eu achava que eu merecia um A, eu ia lá debater com o professor, às vezes eles mudavam, porque eu tenho argumentos convincentes assim, e às vezes não. Eu era assim: “quero o meu visto”, aquela aluna que não... que ‘tá’ preocupada com a nota. Eu era muito assim, eu me preocupava muito em ‘tá’ muito focada, assim, querer a nota assim e tipo, tirava um A assim e tipo: “olha tirei um A.” Eu era muito focada nisso e eu era muito chata, às vezes eu me sentia chata assim, também</p> <p>Eu nem me preocupava com as pessoas, eu só me preocupava em ‘tá’ estudando.</p>	
<p>Não tinha muitos admiradores. Agora tenho mais, assim, mas sei lá, aquela coisa de ficar, mas eu sou aquela pessoa que fica uma vez, mas não quer nada sério. Talvez porque eu não queira me prender, eu quero fazer faculdade e eu não quero nada que me prenda, sabe? Também não sou aquela menina que fica constantemente, um atrás do outro. É difícil eu ficar com um menino, assim. E quando eu fico eu fico uma vez com eles e eles ficam me ligando e me mandando mensagens, daí eu não respondo, quero ser amiga daí. Eu não tenho muita coisa pra contar, nunca namorei. Mas é assim minha vida, tipo eu fico um dia, daí até a pessoa pode vir atrás de mim, daí eu já vou... tipo, já mudo de assunto e já falo: “Ah, não quero nada com você, sabe. Eu quero ser sua amiga, até por isso que eu fiquei com você, acho você uma pessoa muito legal”. Então eu sou assim, diferente das minhas amigas da escola, a M., a C. A M., contando dos outros, olha que feio, então a M. ela gosta de ter namorado, assim, ela nunca fica sozinha, sempre namora tal. Agora a C. fica por um bom tempo com uma pessoa, até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação pra mim e eu não. É difícil elas me verem com alguém, assim. “Tipo, ai só te vi uma vez assim, sabe?” Mas eu não quero me prender, elas pensam diferente de ver essa parte de relação, têm um jeito diferente de me ver. Eu não me prendo assim. Sou muito independente, daí não me prendo, assim. Talvez, sei lá, eu me apaixone e vire aquela coisa melosa, me apaixone e case e tenha filhos, mas isso é a vida que vai trazer, não eu que vou procurar. Vai</p>	<p>Eu e minhas conquistas amorosas</p>

<p>trazer mesmo, tem que impor pra mim, porque não tem nada a ver comigo de ficar atrás, difícil eu ficar atrás de alguém. Daí tipo, se a vida me trazer mesmo, tipo: “Ai toma”, daí eu vou ter que aceitar, me casar, ter filhos. Mas, pra mim isso aí não é uma coisa que está nos meus planos. Eu planejo, assim, a minha vida, sabe? Minha parte de conquistas é isso aí.</p>	
<p>Cinema, eu sou apaixonada por cinema, eu sou cinéfila</p> <p>Eu já falei que às vezes eu assisto algum filme, eu assisti uma vez, eu ‘tava’ sozinha e eu não gosto de assistir sozinha, eu sempre gosto de estar com o meu amigo L., porque assim, no final do filme a gente sempre debate, o que aconteceu, por quê? E tudo e tal, a idéia do diretor. Por eu gostar bastante de cinema, eu gosto até de assistir o extra, aquela coisa de DVD, dos bastidores, tudo, tudo, eu gosto de explorar. Então uma vez eu ‘tava’ em casa sozinha, assim, à noite e passou um filme na TV, sobre 2ª Guerra e eu comecei a assistir, era o diário de Anne Frank, que a história é linda e tal do livro aí eu comecei chorar e como não tinha ninguém eu comecei a falar sozinha assim, tipo, indignada com aquilo que ‘tava’ acontecendo com a menina, né? Poxa! Daí eu comecei a me revoltar sozinha ali na sala, foi engraçado. Isso aconteceu há alguns anos, há uns 2 anos. Eu comecei a ficar revoltada com aquilo que acontecia com a menina, aí eu comecei a fazer um questionamento, falava sozinha, assim na sala. Daí a minha mãe falou: “Ah, venha dormir.” Eu fiquei tão indignada que não tinha com quem falar que eu tive que falar sozinha. Eu não consegui me conter. Por eu gostar mais de filme eu ainda não peguei esse livro pra ler, mas esse livro eu quero ler. Ah, faz tempo, acho que há uns 6 anos, eu vou falar de filme agora, eu assisti o filme da Björk, meus amigos eram muito fãs dela, nossa a Björk, ela é a maior de todas as cantoras, daí tipo eu ouvia a Björk cantando, tipo... eu gosto dela agora, é uma coisa que você ouve e você começa a gostar com o tempo, eu gosto dela agora. Eu lembro que o filme era super triste, que ela tinha um problema que ficava cega e aí o filho dela ‘tava’ com o mesmo problema, era musical, que ela cantava. Daí sei que vi meus amigos chorando, porque a última cena era trágica, você vai assistir? Posso contar? Que ela ‘tava’ com um cara e ele rouba o dinheiro do tratamento do filho dela e ela é enforcada. Eu sei tipo, aquilo era chocante, mas por ser aquela coisa, não gostei, não gostei dela mesmo, da cantora. Por eles idolatrem demais, eu não gostei deles, não que ela fosse ruim, deles quererem dar um título, assim, a ela que ela não merecia. Daí eu comecei a dar risada, assim, no filme, todo mundo chorando. O Exorcista que eu assisti, dá até pra conhecer de mim assim pelos filmes, todo mundo diz: “Ai que medo”, eu achava aquele filme super engraçado. É a maior comédia que já fizeram. Eu de madrugada também aqui assistindo O Exorcista, ai coloca medo em todo mundo. Aquela menina, né? Muito engraçada. Legal, eu ficava dando risada de madrugada. Minha mãe: “Vem dormir” Eu dou muita risada com esses filmes de terror, de terror asiático. eu prefiro assistir terror, esse terror “trasch”, assim, é muito</p>	<p>Eu e os filmes</p>

<p>ridículo, é muito ‘trasch’ assim Eu odeio aqueles ‘besteiróis americanos’, ainda têm alguns que são engraçados, a maioria é chato, então eu prefiro assistir terror, esse terror “trasch”, assim, é muito ridículo, é muito ‘trasch’ assim. Daí eu fico dando risada dessas coisas assim. Eu gosto também de documentários, mas é que aqui é difícil, até quando eu tiver a minha moto, meu carro eu posso ir até a locadora, mas é complicado, né, eu depender pra ficar indo e alugando. O A., professor da escola, a gente ficava conversando sobre filme, ele é bem cinéfilo e daí ele ficava indicando filme pra mim, mas eu ficava com raiva porque não tinha como alugar, ele me deu um cd do Bob Dylan também. Eu assisti um documentário que pegava a idéia de cada diretor sobre o que ‘tá’ acontecendo no mundo, é mostrar a visão do diretor. Eu assisti um documentário que era bem isso, eram curtas da visão de cada diretor de uma parte do mundo, assim, sobre o atentado de 11 de setembro e tem um que é de um país do Oriente Médio, tem um que é na Europa, um nos EUA, daí mostrava a idéia de cada diretor, falando isso aí, tipo do Oriente Médio que eu achei que foi bem legal, assim. E também gosto de curta, assim, um que se você puder assistir é Escada, que mostra só o cara subindo uma escada, é só o cara subindo a escada o curta inteiro, só que você fica agonizada porque não tem fim aquela escada, você sobe, sobe, sobe, tem um super esforço e você olha e não chega, entendeu? Não leva a nada, entendeu? Tem um outro também que é Palímero, você sabe, né? Aquelas palavras que dá pra ler de trás pra frente, então tem um curta que é assim também. Voltando, começa do fim. Ficar falando de filme... é que dá pra me conhecer bastante assim... Sobre o que eu assisto, o que eu gosto dá pra pegar bastante.</p> <p>Daí tipo filme, assim, eu assisti Anne Frank e fiquei sabendo mais da 2ª guerra, O pianista, todos aqueles filmes de 2ª Guerra, filmes de 2ª Guerra que eu assisti assim, me fez ter mais interesse</p> <p>Gosto de ver os filmes que vão concorrer ao Oscar</p>	
<p>Eu era muito esquisitinha quando eu era... Eu era muito fechada. Eu sou um pouco ainda, mas agora nem tanto. Era até estranho, porque eu era aquela menininha... Ah, eu era fechada, eu tinha amizade, mas brincava mais com os meninos, assim, da sala, mas eu era fechada. Eu era muito feinha, ninguém ligava muito pra mim, assim, isso era muito triste, aquela coisa, assim, eu era pequeninha, feia, era muito ‘largadinha’. Não era aquela menininha toda arrumadinha que a mãe coloca aqueles vestidinhos, até quando eu era daminha das minhas vizinhas elas me arrumavam, assim, mas... Vivia com o cabelinho preso aqui em baixo, muito estranhinho porque eu não tinha tipo... Eu brincava de <i>Barbie</i>, mas eu era muito moleca, brincava na rua, assim, jogava bola, vôlei que eu sempre gostei, eu era mais aquela criança, tipo, largada, até porque os meus trabalhavam, assim, também e não tinha como eles ficarem ali, entendeu? Eu ficava mais com a minha irmã, que é a minha irmã do meio, a outra não era casada ainda? A outra também trabalhava. Eu vivia, tipo, minha irmã pegava e eu ia à casa de uma amiga pegava e levava ficava</p>	<p>Quem eu era</p>

conversando ou deixava eu brincando na rua. Na escola eu tinha amigos, mas nunca tinha uma amiga assim, acho que eu nunca tive, nunca gostei, agora que eu tenho mais, aquela amiga que sempre anda junto, sabe? Eu procurava conversar com todo mundo, mas não me envolvia numa amizade profunda, tipo uma coisa mais pessoal ou profunda, eu só conversava com todo mundo, mas... Daí na 7ª série eu conheci o meu amigo L., acho que eu mudei a partir daí, ele tem uma cabeça bem legal, assim, eu fui melhorando assim, não era mais estranhinha, eu fui me olhando de outra forma pra pessoas, assim, que... me relacionar com as pessoas, de conversar, tipo, de outra forma, de outros assuntos, não só aquela coisa de brincar. Foi quando eu comecei a crescer mesmo, a partir da 7ª. A gente é muito precoce, assim, desde pequena, assim, a gente ouvia coisas que as outras crianças não ouviam, assim, a gente assistia filme mais... tipo a gente assistia Laranja Mecânica, enquanto as outras assistiam filmes da Disney ainda, entendeu? Daí desde aí a gente já teve uma coisa muito precoce, nossos amigos também. Daí que eu comecei mais a andar com eles, aquela relação mais de amizade mesmo e aí a gente tinha um grupo de amigos que eram mais velhos, assim, que a gente.

Daí comecei a me envolver com esse negócio de artes, assim, e começar a conhecer cada vez mais coisas, assim tipo, banda, desde banda, desde filme, tipo agora eu sei...

eu lia quando era criança, mas as coisas que os professores impunham, assim, “ai, preciso ler um livro pra fazer aquela prova”, sempre foi assim

Como eu contei pra você, quando eu era pequenininha, eu não era muito bem aceita, né? Mas isso não me incomodava, eu conto assim, porque é mais o que as pessoas me falam, entendeu?

Porque eu era muito obsessiva assim, eu era aquela aluna muito focada assim, tipo, eu estudava, eu nunca estudei assim, sabe? Tipo, eu estudava antes das provas, assim, mas era aquela aluna obsessiva por nota, assim. Tipo, eu levava um B e eu achava que eu merecia um A, eu ia lá debater com o professor, às vezes eles mudavam, porque eu tenho argumentos convincentes assim, e às vezes não. Eu era assim: “quero o meu visto”, aquela aluna que não... que ‘tá’ preocupada com a nota. Eu era muito assim, eu me preocupava muito em ‘tá’ muito focada, assim, querer a nota assim e tipo, tirava um A assim e tipo: “olha tirei um A.” Eu era muito focada nisso e eu era muito chata, às vezes eu me sentia chata assim, também

Eu nem me preocupava com as pessoas, eu só me preocupava em ‘tá’ estudando.

Foi até uma coisa bem chocante assim, porque eu mudei muito rápido. Essa coisa de eu amadurecer, sei lá, veio de uma hora... é claro que tem aquela coisa que eu comecei a pensar, tal, mas a

<p>mudança mesmo eu sou radical, mudei de uma hora pra outra.</p> <p>tipo eu mudei assim, na 7ª série, e parei, a partir daquele momento eu parei e continuo mudando. Daí aquilo eu marquei como um ponto, assim, da minha vida que ‘tá’ proporcionando tudo o que ‘tá’ acontecendo na minha vida.</p> <p>Ah! Aconteceu uma fase na minha vida que eu tive pneumonia e eu quase morri, assim, eu tinha 7 ou 8 anos. Eu perdi a 1ª série, eu terminei com 18 anos a escola por causa disso, eu tive pneumonia num ano, eu fiquei 16 dias internada e depois que eu sarei os meus pais resolveram não mandar mais eu pra aquela escola, esperar um pouquinho e no outro ano eu voltar estudar. Foi um choque assim, uma pneumonia muito séria, o médico queria colocar dreno, assim, pra mim andar, mas graças a Deus não precisou colocar e eu consegui me recuperar e tal. De tanto o meu pai falar quando eu era pequena... ai meu pai é neurótico: “Não pisa no chão, não sai no vento, não faz isso”... e eu fazia, era criança, né? Daí eu tive essa pneumonia e fiquei 1 ano sem estudar. Aí eles me furavam bastante e eu não tinha mais como pegar veia e tinha que pegar. Tanto lugar que furavam e a minha veia é fina, é difícil, estoura eu lembro que usava aquela pulseirinha, eu lembro que tinha uma injeção que por onde passava o líquido doía. Daí, tipo, isso marcou também. Ia a minha vizinha ler gibi pra mim, eu gosto bastante, assim.</p> <p>Eu era estranhinha e tal, ninguém notava... Tinha uns menininhos que, tipo, na 4ª série, depois eu fiquei feia, daí, tipo, não tinha muitos admiradores.</p> <p>Porque antes eu era muito trancadinha eu até saia, mas não ia pra balada, porque daí sobrava mais dinheiro pra mim, sabe? Eu gostava dinheiro com bobagem , agora ainda é bobagem sair e gastar com isso, só que, tipo, não tinha com que gastar. Sabe aquela pessoa que vai e compra chocolate, eu era assim. Eu vivia muito presa, daí aquilo já era uma coisa excepcional.</p> <p>Eu tenho isso como uma coisa que marcou uma fase da minha vida, tenho pôster essas coisas, gastava dinheiro com muita bobagem</p>	
<p>E meu pai é muito fechado.</p> <p>Ele não sai de casa, ele é anti-social, ele é diferente, é bem diferente mesmo, ele não tem amigos, ele deve ter algum problema, assim, ele deve ter sofrido, assim, com isso. E ele fala assim pra mim: “Não é bom ter amigos, assim, seja individualista”. Só que eu não concordo com as coisas que ele fala, assim.</p> <p>Mas, tipo, eu não concordo com as coisas que ele quer “ditar”, assim. Eu sei que no que resto do mundo não é certo, assim, entendeu? Nem tipo... pra mim também não é certo o fato dele não ter amigo e ficar trancado em casa, ele não sai, nunca viaja.</p>	<p>Meu pai</p>

Ele tem uma cabeça muito arcaica.

Então como eu falei, meus pais têm uma cabeça bem atrasada. Meu pai não entra em contato, ele fica trancado aqui e ele se reserva, ele realmente não vive o que tem lá fora em pensar nas coisas que realmente existem, ele vive num mundo dele, assim, fechado. Fica difícil, assim, pra ele perceber e aceitar, assim, esse meu jeito que é mais aberto e que, tipo, sabe um pouco de tudo, assim. E daí que entra em conflito.

É meio distante, assim, a relação que eu tenho com eles, mas a gente se gosta. Tipo, eu não sou brigada com eles. A única coisa que ele tem de mal, assim, é isso daí mesmo... é o meu pai. Às vezes eu fico muito nervosa com ele, mas é uma coisa de momento e depois volta tudo aquilo. No mais, assim, eu não tenho problema.

(faculdade) Também tem a pressão dos pais. Agora aqui em casa é sossegado, meu pai não pressiona eu a nada, não quer, tipo... Ele falou: “Não precisa nem trabalhar se não quiser, só que você vai ter que aceitar as condições que eu posso ‘te’ dar”. É o que ele sempre fala.

E faculdade é assim, aqui em casa só faz se quer, se não quer não faz. Não tem aquela coisa do pai ficar cobrando e nem vai me ajudar assim, ele pode me dar uma ajuda, mas quem vai ter que bancar, assim, sou eu.

Até minha mãe fala, tipo: “Nós somos velhos, daqui a pouco talvez você não tenha mais nós aqui.” A maioria dos pais são mais novos.

Eu tenho vontade de fazer muita coisa e eu não faço, tipo, eu tenho vontade de fazer uma tatuagem e meu pai é aquela cabeça fechada, ele acha que... Não sei se é assim, eu acho que não, mas que aquela coisa, que ai você tem tatuagem e vão fazer uma seletiva quando você tiver arrumando emprego e você não vai ser aceita porque você tem uma tatuagem, não pela sua capacidade. Você pode ser até capaz, mas tendo a tatuagem eles vão te rejeitar. Eu acho que agora não é mais assim. Daí tipo eu prefiro, tipo, quero cobrir minha costa de tatuagem, tipo, vou cobrir, mas, não enquanto eu estiver aqui em casa, porque, tipo, ele não aceita.

Acho... meus pais têm essa coisa, tipo, eu nunca fico devendo uma conta, não sou do tipo que gasta compulsivamente, mais do que pode, foi uma coisa que meus pais ensinaram

agora meus pais são aposentados

Meu pai não gosta, só que tipo, pelo *piercing* não ser uma coisa mais radical, porque tipo, ele acha que a tatuagem não é aceita mesmo, ele nem se relaciona com a sociedade, mas ele acha que a tatuagem não

é aceita pela sociedade.

ai meu pai é neurótico: “Não pisa no chão, não sai no vento, não faz isso”...

Ah, eu sei, tipo, daqui um tempo eu posso não querer mais, talvez seja por isso que meu pai ache que o *piercing* não seja tão complicado quanto a tatuagem, pra tirar tatuagem é bem complicado.

Meu pai eu acho, não que ele tenha culpa, eu acho que ele tem um pouco de ignorância. Eu queria ter alguém aqui em casa, tipo: “Eu quero ser assim!” Ter uma referência aqui em casa, porque não tem em quem se espelhar aqui em casa. Eu criei essa minha personalidade, sei lá, talvez se eu tivesse uma pessoa, uma figura forte aqui em casa que me espelhasse aqui em casa não teria que ouvir, ficar procurando o Bob Dylan, sei lá. Não ia ter que admirar outras coisas, entendeu? Realmente, aqui não tem uma figura muito forte pra mim, é até fraca. Eu admiro, assim, a luta que eles tiveram, mas aquela coisa que te ensina, sabe? Não tem o que aprender com eles e eu queria ter uma pessoa que pudesse me dar isso, entendeu? Eu queria ter na minha família alguém que tivesse uma cabeça, sei lá, talvez parecida com a minha. Não tem na minha família inteira. Ter conhecimento, assim, pra que a gente possa trocar idéia e tal, mas tipo, uma coisa bem familiar, de ‘tá’ numa reunião de família assim, que aqui raramente acontece em casa. Porque meu pai, minha mãe ainda sim, ele é, tipo, não ‘tá’, nem aí, até a minha avó morreu no ano passado, eu conheci a minha avó desde pequenininha, mas eu não senti a morte dela, não chorei, meu avô morreu, tipo, não chorei. Daí tipo, eu não chorei, não senti e não sinto falta, sabe? Não que eu seja um monstro, assim, insensível, eu sou sensível, sabe? Mas talvez pelo meu pai que não dá valor pros pais deles, eu também não dê valor pros meus avós, entendeu? E também porque eu ouvi várias histórias e minha avó não era lá uma pessoa muito legal.

Também não é uma família muito... meu pai e a minha mãe não são muito afetivos, eles são bem fechados. Meu pai quando era com as minhas irmãs, a minha irmã do meio, elas não podiam fazer nada, meu pai não deixava. Tipo, ela ia num *trailer* aqui, ela chegava de madrugada e tipo, meu pai fazia a maior guerra com ela, isso eu presenciei um pouco. Minha irmã que é casada e tal, a mais velha ele intimou, assim... Agora comigo, não sei se é por eu abrir esse espaço as coisas são diferente, realmente, apesar de eu ainda achar que as coisas são muito chatas, que ele ainda é muito preconceituoso com alguns amigos meus, até de cor de pele e eu tenho essa cabeça totalmente...

Mas, daí eu penso que eu abri um pouco a cabeça dele, assim, com as coisas, assim, com o meu jeito de ser. Acho que ele até sentiu que se ele não desse essa liberdade pra mim as coisas não seriam legal em casa e tal ou eu tenha conseguido mudar um pouco o pensamento

dele, por causa de eu ser argumentativa, porque as minhas irmãs talvez na hora dele xingar, por elas estarem voltando tarde, elas tipo, ou aceitavam ou partiam pra ignorância, assim

E comigo realmente, nesse aspecto é diferente, é preconceituoso com meus amigos tudo, tenho amigos como todo mundo tem, tenho amigos gays, amigas negras e ele tem um pouco de preconceito. Ele não gosta, mas eu trago, mas ele não gosta e ele fala muito de eu trazer meninos, amigos homens pra minha casa ou meninos gays, sei lá. Ele não gosta que traga meninos em casa, tipo, não pode entrar, mas eu trago. Tipo, quando 'tá' aqui a pessoa ele não fala, mas depois ele fica me enchendo muito, fica xingando muito, daí eu prefiro evitar, mas eu trago. Ele tem muito medo do que os vizinhos vão falar se eu trazer um amigo gay, só que ele não conversa com os vizinhos, os vizinhos conhecem ele, do jeito que ele é, por isso que realmente dá mais o que falar. "Tipo o que aconteceu com o J. que a D. pode fazer tudo agora, né?" eles acompanham a vida da minha família faz tempo, porque são vizinhos antigos, faz 25 anos que a gente mora aqui. "As irmãs dela não podiam fazer isso, ele 'tá' mudando agora, ele é fechado." Eu até falo com ele: "Ah que bobagem, você fala tanto que não se importa com os vizinhos, que nem tem amizade com eles e, tipo, vai se importar com o que eles falam." E nem falam por mal, eles sabem que algum tempo atrás meu pai não aceitaria que entrasse aqui, entendeu? "E o que que ela 'tá' fazendo que 'tá' mudando, assim?"

Ele tem vergonha, assim, do que as pessoas falam, mas ele não vive, né? Daí eu fico nessa discussão com ele, que ele é fechado e tal. Mas daí que você vê as manias dele, se ele lavou louça, foi guardada a louça, certo ele vai tirar a louça pra usar, ele quer passar uma água, 'tá' tudo bem, só que tem que passar uma água filtrada, como se aquilo fosse fazer muita diferença, tem que secar com papel, não pode ser guardanapo. Meu pé é até sensível, porque nunca pode pisar no chão, ele é meio neurótico com essas coisas. 'Tá' aquele calor e tem que fechar as janelas quando você sai do banho, tem que fechar tudo, se ele estiver perto então, daí tem que fechar, tem que fechar todas as janelas, os vidros pra poder sair do banho pra não pegar ventinho. Sempre foi assim, mesmo antes de eu ficar doente, agora ainda está melhor. Conforme eu vou crescendo eu acho que ele vai ficando melhor, eu vou fazendo algumas mudanças. É muito neurótico, sabe? São coisas absurdas, assim, que ele faz. Cozinhar, também, é só água filtrada, tipo, ele vai ferver a água, né, tipo não tem perigo. Eu já cansei de falar, assim, tipo, ele vê na TV as coisas, só que ele não entende, ele tem uma certa dificuldade, só que ele pega as coisas sem entender e ele quer passar isso pra gente da TV, Fantástico, Jornal Nacional, do que aconteceu com uma família lá, e ele não entende ou ele pega a notícia pela metade e ele quer passar aquilo pra gente. E daí é complicado porque ele não entende as coisas e quer passar aquilo pra gente, só que eu sei que não tem nada a ver e eu entro em conflito com ele por causa disso.

<p>Outro dia eu ‘tava’ assistindo jornal com a minha mãe e eu na sala e ele chega daí ele fala: “Viu eu falei pra você” só que era uma notícia pela metade e não tinha nada a ver o que ele ‘tava’ falando. Então eu acho que ele não entende as coisas que ele vê na TV, porque ele é muito precário, fica na TV o dia inteiro, não trabalha mais, ou vai ao mercado, o máximo e ele quer passar pra gente uma coisa que não entendeu, eu sei que eu tenho razão disto e eu questiono</p> <p>ele pode ‘tá’ me xingando, ele tem uma mania estranha, quando ele ‘tá’ brigando, dele repetir a mesma coisa, às vezes ele foi pro quarto dele e desce e fala a mesma coisa. Ele discute, ‘tá’ discutindo, discutindo, discutiu, ‘tá’ já chegou, mas não, ele desce, porque deve ter pensado alguma coisa, ele desce e continua a mesma coisa e eu quieta. Ah! Ele é louco, realmente é uma pessoa pra se entender. É difícil, então o problema é esse</p> <p>Meu pai ainda tem essa, eu vou estar morando em outro lugar e “não vai levar não sei quem na sua casa”, na sua casa, eu nem fiz nada, a casa nem existe ainda, isso porque eu vou ‘tá’ morando sozinha, na minha casa. Tipo o meu pai até fala em vender a casa aqui, porque é uma casa muito grande pra 3 pessoas, eu até acho também, porque fica muito separado, um em cada canto, minha mãe no quarto dela, ele no dele e eu no meu, ou um na sala lá embaixo, não sei, sabe?</p> <p>Ele fala: “Eu sou feliz, eu tenho meus sobrinhos, eu tenho minha família.” Mas o tempo que ele passa com a família dele ou com os sobrinhos dele é muito curto porque quando tem reunião de família aqui em casa, tipo ele come e depois ele se tranca no mundo dele. Ele têm problemas, deve ter tido problemas no passado, ele não gosta de ficar comentando. Ele é, tipo, uma pessoa que viajou muito, eu até não sei por que ele ser assim, quando ele trabalhava, ele era chefe de um setor de alguma coisa, eu nem sei, porque ele não comenta, mas eu sei que ele viajou a América do Sul inteira, ele conhece tudo aqui, ele conhece a Argentina, ele conhece Paraguai, ele conhece Chile, Venezuela ele conhece tudo, não sei uma pessoa que viajou tanto assim, pegou tantas coisas de tantos lugares assim, ou ele passou em vão, pode ter sido isso também, e agora ser uma pessoa tão presa. Daí eu questiono isso dele, porque eu me vejo diferente, porque se eu tivesse feito tudo isso eu seria uma pessoa tão mais pra acrescentar, uma pessoa que queria sair pro mundo e contar, agora ele não. Olha que absurdo eu não sei das histórias das viagens deles, porque ele nunca contou, ele fica preso no mundo dele.</p>	
<p>Minha mãe nem tanto, minha mãe é até mais parecida comigo.</p> <p>Então como eu falei, meus pais têm uma cabeça bem atrasada.</p> <p>E a minha mãe é, tipo assim, quem ‘tá’ ganhando na discussão ela ‘tá’ do lado. Então às vezes ela me apóia, às vezes apóia ele, não tem</p>	<p>Minha mãe</p>

uma opinião formada. Ela só não quer que a gente discuta, ela quer que a gente fique calmo, assim.

É meio distante, assim, a relação que eu tenho com eles, mas a gente se gosta. Tipo, eu não sou brigada com eles.

que nem minha mãe gosta de viajar e ter que privar eles de bastante coisa, entendeu?

Até minha mãe fala, tipo: “Nós somos velhos, daqui a pouco talvez você não tenha mais nós aqui.” A maioria dos pais são mais novos. Minha mãe é doente e tal, tem uma doença que não tem cura, chagas. Meu pai, assim, até tenho medo que minha mãe faleça, assim, e eu fique com o meu pai. Ela que equilibra a casa assim. Não que eles vão morrer amanhã, mas eu já penso nisso.

Tipo, eu vejo minhas irmãs, casaram e estão aqui perto dos meus pais e eu querendo me ver longe, não que eu não vá ver eles, tipo, eu venho visito, mas eu não sei como elas conseguem viver tão perto assim, sabe? Não tem aquela liberdade, porque querendo ou não a minha mãe ‘tá’ dentro do casamento delas, né? Minha mãe que acaba tipo ai: “Não é querendo mal, mas quero que você case rápido” Acho que ela quer um pouco sentir aquela coisa de viver ela e o meu pai

Acho... meus pais têm essa coisa, tipo, eu nunca fico devendo uma conta, não sou do tipo que gasta compulsivamente, mais do que pode, foi uma coisa que meus pais ensinaram. Minha mãe nunca ficou devendo pra ninguém, nunca atrasou uma conta na vida dela, ela é uma pessoa bem certinha nesse sentido. Ela é certinha.

agora meus pais são aposentados Eu até tinha mais dinheiro, podia até gastar mais, mas minha mãe sempre deu essa linha, assim, pra gente de não gastar... de não ir pelas pessoas, comprar alguma coisa só porque é de marca, pagar a marca, entendeu? Ela sempre foi mais pelo produto, pelo que acha que é bom, entendeu? Daí isso daí eu gosto, daí eu também adotei isso daí.

Também não é uma família muito... meu pai e a minha mãe não são muito afetivos, eles são bem fechados

E minha mãe é o que eu te falei ela pega muito o que as pessoas falam. Por exemplo, minhas irmãs, ah a minha irmã falou alguma coisa do que eu devo fazer da minha vida, daí a minha mãe vem: “Ai a sua irmã R. falou isso e também eu acho...” daí ela começa a achar. Ou o meu pai ‘tá’ falando alguma coisa e ela vê que eu ‘tô’ quieta, que eu fico quieta às vezes e tal e começa a apoiar ele. Às vezes ela me apóia na briga, daí vem as minhas irmãs falarem alguma coisa e ela muda.

<p>Tipo o meu pai até fala em vender a casa aqui, porque é uma casa muito grande pra 3 pessoas, eu até acho também, porque fica muito separado, um em cada canto, minha mãe no quarto dela, ele no dele e eu no meu, ou um na sala lá embaixo, não sei, sabe? Daí eu falei “Ah! Mãe você vai vender? Então compra uma pra mim.” Minha mãe até concorda. Porque ela vê que eu me sinto, que devo me sentir presa, que eu não vou me adaptar nunca ao sistema dele.</p>	
<p>e a minha cabeça é mais aberta, totalmente liberal pra tudo, tem essa filosofia aí de vida e mais uma coisa que gente entra em conflito aqui em casa.</p> <p>“Não é bom ter amigos, assim, seja individualista”. Só que eu não concordo com as coisas que ele fala, assim. Mas, tipo, eu não concordo com as coisas que ele quer “ditar”, assim. Eu sei que no que resto do mundo não é certo, assim, entendeu? Nem tipo... pra mim também não é certo o fato dele não ter amigo e ficar trancado em casa, ele não sai, nunca viaja. Aqui em casa tem um pouco de conflito, assim, de debater isso.</p> <p>Ele tem uma cabeça muito arcaica e a minha cabeça é mais aberta, totalmente liberal pra tudo, tem essa filosofia aí de vida e mais uma coisa que gente entra em conflito aqui em casa. Têm essas desavenças com meus pais.</p> <p>Em relação às minhas irmãs eu me dou bem com elas, com a minha irmã que é mãe da menininha eu me dou melhor, a outra é chatinha tenho problemas também.</p> <p>Então como eu falei, meus pais têm uma cabeça bem atrasada. Meu pai não entra em contato, ele fica trancado aqui e ele se reserva, ele realmente não vive o que tem lá fora em pensar nas coisas que realmente existem, ele vive num mundo dele, assim, fechado. Fica difícil, assim, pra ele perceber e aceitar, assim, esse meu jeito que é mais aberto e que, tipo, sabe um pouco de tudo, assim. E daí que entra em conflito. Na verdade é mais com ele assim.</p> <p>É meio distante, assim, a relação que eu tenho com eles, mas a gente se gosta. Tipo, eu não sou brigada com eles. A única coisa que ele tem de mal, assim, é isso daí mesmo... é o meu pai. Às vezes eu fico muito nervosa com ele, mas é uma coisa de momento e depois volta tudo aquilo. No mais, assim, eu não tenho problema.</p> <p>Às vezes, tipo, eu brigo um pouquinho com a minha irmã que ela casou e, tipo, tem uma outra casa no fundo que antes meu pai ia até fazer piscina e deixar lá, mas ela foi lá morar.</p> <p>Eu posso fazer mais coisas que as minhas irmãs. Minha irmã do fundo fala: “Na minha época não podia nem fazer isso”, ela apóia ele, porque na época dela ela não podia fazer isso, isso é um pouco de inveja.</p>	<p>Conflitos</p>

A única coisa que tem com as minhas irmãs, principalmente a do meio, é que elas não aceitam o fato do meu pai ser diferente do que foi com elas.

E comigo realmente, nesse aspecto é diferente, é preconceituoso com meus amigos tudo, tenho amigos como todo mundo tem, tenho amigos gays, amigas negras e ele tem um pouco de preconceito. Ele não gosta, mas eu trago, mas ele não gosta e ele fala muito de eu trazer meninos, amigos homens pra minha casa ou meninos gays, sei lá. Ele não gosta que traga meninos em casa, tipo, não pode entrar, mas eu trago. Tipo, quando 'tá' aqui a pessoa ele não fala, mas depois ele fica me enchendo muito, fica xingando muito, daí eu prefiro evitar, mas eu trago. Ele tem muito medo do que os vizinhos vão falar se eu trazer um amigo gay, só que ele não conversa com os vizinhos, os vizinhos conhecem ele, do jeito que ele é, por isso que realmente dá mais o que falar. "Tipo o que aconteceu com o J. que a D. pode fazer tudo agora, né?" eles acompanham a vida da minha família faz tempo, porque são vizinhos antigos, faz 25 anos que a gente mora aqui. "As irmãs dela não podiam fazer isso, ele 'tá' mudando agora, ele é fechado." Eu até falo com ele: "Ah que bobagem, você fala tanto que não se importa com os vizinhos, que nem tem amizade com eles e, tipo, vai se importar com o que eles falam." E nem falam por mal, eles sabem que algum tempo atrás meu pai não aceitaria que entrasse aqui, entendeu? "E o que que ela 'tá' fazendo que 'tá' mudando, assim? Às vezes isso é um ponto de discussão aqui em casa, não que eu grite, às vezes até ele fala: "Ai que má educação", mas é só porque eu 'tô' argumentando com ele, discutindo, não que eu seja mal educada, que eu não sou, mas tem essa discussão.

Eu já cansei de falar, assim, tipo, ele vê na TV as coisas, só que ele não entende, ele tem uma certa dificuldade, só que ele pega as coisas sem entender e ele quer passar isso pra gente da TV, Fantástico, Jornal Nacional, do que aconteceu com uma família lá, e ele não entende ou ele pega a notícia pela metade e ele quer passar aquilo pra gente. E daí é complicado porque ele não entende as coisas e quer passar aquilo pra gente, só que eu sei que não tem nada a ver e eu entro em conflito com ele por causa disso.

fica na TV o dia inteiro, não trabalha mais, ou vai ao mercado, o máximo e ele quer passar pra gente uma coisa que não entendeu, eu sei que eu tenho razão disto e eu questiono. É também um conflito que tem, o jeito que ele leva a vida é o que eu mais questiono, porque não tem como a pessoa ser feliz assim e eu quero que o meu pai seja feliz, claro. Ele fala: "Eu sou feliz, eu tenho meus sobrinhos, eu tenho minha família." Mas o tempo que ele passa com a família dele ou com os sobrinhos dele é muito curto porque quando tem reunião de família aqui em casa, tipo ele come e depois ele se tranca no mundo dele. Ele tem problemas, deve ter tido problemas no passado,

<p>ele não gosta de ficar comentando. Ele é, tipo, uma pessoa que viajou muito, eu até não sei por que ele ser assim, quando ele trabalhava, ele era chefe de um setor de alguma coisa, eu nem sei, porque ele não comenta, mas eu sei que ele viajou a América do Sul inteira, ele conhece tudo aqui, ele conhece a Argentina, ele conhece Paraguai, ele conhece Chile, Venezuela ele conhece tudo, não sei uma pessoa que viajou tanto assim, pegou tantas coisas de tantos lugares assim, ou ele passou em vão, pode ter sido isso também, e agora ser uma pessoa tão presa. Daí eu questiono isso dele, porque eu me vejo diferente, porque se eu tivesse feito tudo isso eu seria uma pessoa tão mais pra acrescentar, uma pessoa que queria sair pro mundo e contar, agora ele não. Olha que absurdo eu não sei das histórias das viagens deles, porque ele nunca contou, ele fica preso no mundo dele.</p> <p>Ele pode ‘tá’ cobrando algumas coisas de mim e eu não acho certo, daí eu entro nessa coisa de questionar e de brigar com ele por causa disso, por causa desse jeito de vida que ele leva. É a aquela coisa, tipo, uma pessoa que não vive e quer me ensinar sobre a vida Eu não discuto porque eu sei o jeito dele, mas um pouco do que ele me fala eu presto a atenção</p> <p>Ou o meu pai ‘tá’ falando alguma coisa e ela vê que eu ‘tô’ quieta, que eu fico quieta às vezes e tal e começa a apoiar ele. Daí eu acabo discutindo com ele por causa disso, não porque eu seja uma menina problemática, uma adolescente problemática, porque eu não acho que eu seja, sou calma até.</p>	
<p>Até um momento da minha vida que eu fiquei meio... um pouco pirada assim. Ficava ouvindo Cazuza assim, um pouco depressiva, assim.</p> <p>E também, acho que no começo, não no final do 3º ano acho que eu pirei assim, esse negócio de fazer faculdade já, ou não fazer faculdade. Daí eu decidi organizar um pouco assim, parar um pouco. Eu decidi a faculdade que eu vou fazer faz 5 dias, eu estava na casa da minha amiga e eu entrei no <i>site</i> é da Usp, não que eu vá fazer Usp, mas entrei ‘nuns’ <i>sites</i> legais e depois fiz um teste vocacional e deu tudo aquilo que eu gosto, daí eu falei: ‘É isso daí’. Eu ficava muito preocupada em, tipo, ganhar bem é... Seria difícil entrar no mercado porque, tipo, o que eu ‘tô’ escolhendo eu acho que é bastante concorrido, envolve jornalismo, comunicação áudio-visual, isso que é comunicação social. Daí eu fiquei um pouco com medo, assim, de tipo eu fazer 4 anos de faculdade e eu não conseguir fazer aquilo que eu gosto. E por outro lado eu vi meu amigo, assim, que ele vai começar fazer... Vai ser um arte-educador, vai fazer essa faculdade aí e ele se lançou, assim, aí vai encarar assim. E é pior que a minha, assim, sabe? Daí acho que foi uma coisa que ajudou, assim, a escolher. Observei, assim, e vi que... Também tem uma amiga minha que fez, que parou em fisioterapia no 4º ano pra fazer gestão ambiental. Eu vi que não adiantava, assim, fazer o que não gosta porque depois, assim, de um tempo fazendo faculdade você pira, não</p>	<p>Momentos “pirantes”</p>

<p>aquilo que você gosta. Também tem a pressão dos pais. Agora aqui em casa é sossegado, meu pai não pressiona eu a nada, não quer, tipo... Ele falou: “Não precisa nem trabalhar se não quiser, só que você vai ter que aceitar as condições que eu posso ‘te’ dar”.</p> <p>Lá é uma coisa assim, que fica meio pirado, lá é meio pirante, um outro estilo de vida, aqui é muito calmo, muito calmo. O meu amigo L. fala: “Ai quero ir pra São Paulo” eu falo: “ Ah, não sei se eu quero ir pra São Paulo, eu gosto assim,de um pouco de paz.</p>	
<p>Eu também gosto de ver sobre 2ª guerra, eu acho uma coisa legal, aquela coisa do Hitler</p> <p>Por meio de filmes também, partes na escola também, eu acho Hitler assim uma figura a ser entendida, porque por um lado eu acho legal assim, a idéia, eu acho que ele se perdeu. Não que ele tenha se perdido, mas eu entendo ele, mas é errado o que ele quer fazer, ele é louco, que é aquela coisa de querer purificar, é o jeito dele, dele querer um mundo melhor, mas é um jeito muito radical, não tem como ele querer matar as pessoas doentes ou ... sabe? Não é por aí que você vai conquistar um mundo melhor, sabe? Se dá pra ter um mundo melhor, entendeu? Eu acho que essa coisa de Hitler é muito marcante assim. Que a 2ª Guerra é ele assim. A 2ª Guerra inteira é ele. Quando começaram a ensinar isso aí na escola eu me interessei bastante assim, por ser essa coisa mais, de sei lá, filosofia essa parte da 2ª Guerra, não que eu saiba certinho tudo assim, mas começou pelo interesse por Hitler, assim. Daí tipo filme, assim, eu assisti Anne Frank e fiquei sabendo mais da 2ª guerra, O pianista, todos aqueles filmes de 2ª Guerra, filmes de 2ª.Guerra que eu assisti assim, me fez ter mais interesse, mas primeiro assim foi na escola, quando começaram a ensinar e despertou meu interesse por Hitler, assim.</p>	2ª. Guerra
<p>Meu pai eu acho, não que ele tenha culpa, eu acho que ele tem um pouco de ignorância. Eu queria ter alguém aqui em casa, tipo: “Eu quero ser assim!” Ter uma referência aqui em casa, porque não tem em quem se espelhar aqui em casa. Eu criei essa minha personalidade, sei lá, talvez se eu tivesse uma pessoa, uma figura forte aqui em casa que me espelhasse aqui em casa não teria que ouvir, ficar procurando o Bob Dylan, sei lá. Não ia ter que admirar outras coisas, entendeu? Realmente, aqui não tem uma figura muito forte pra mim, é até fraca. Eu admiro, assim, a luta que eles tiveram, mas aquela coisa que te ensina, sabe? Não tem o que aprender com eles e eu queria ter uma pessoa que pudesse me dar isso, entendeu? Eu queria ter na minha família alguém que tivesse uma cabeça, sei lá, talvez parecida com a minha. Não tem na minha família inteira. Ter conhecimento, assim, pra que a gente possa trocar idéia e tal, mas tipo, uma coisa bem familiar, de ‘tá’ numa reunião de família assim, que aqui raramente acontece em casa. Porque meu pai, minha mãe ainda sim, ele é, tipo, não ‘tá’, nem aí</p> <p>Tudo que eu... tipo, a pessoa que eu acho legal de entender, assim, eu procuro saber sobre ela. Fica passando, assim, na minha cabeça o</p>	Ídolos

porquê da pessoa ter feito isso ou por que ela 'tá' assim. Eu gosto de *The Doors*, daí eu gostava do *Jim Morrison*, eu gosto do *Jim Morrison*, daí tem toda aquela história dele ser um xamã, tudo aquilo, né? De tudo aquilo, daí eu fico pensando, tentando entender. Da *Janis Joplin* é outra que eu gosto, de tentar entender de por que que foi acabar tudo assim. Agora eu gosto de *Amy Winehouse*, eu sei que ela vai morrer esse ano, eu também tento entender ela, entendeu? Por que que ela está se acabando? No caso da *Amy* eu acho que ela deve ter bastante influência assim, tipo ela é meio perdida, bem perdida. De influência, pelo estilo musical dela ela deve gostar bastante de *Janis Joplin*, tem o mesmo estilo, eu acho até que a voz das duas é parecida. Daí ela deve ter essa coisa de "Ai vou viver o máximo que eu posso, independente do que aconteça", aquela filosofia que eu acho que algumas pessoas adotam: "é melhor eu viver constantemente, mesmo que... viver tudo o que eu posso assim, mesmo que eu morra antes, tal." Não ficar administrando a vida. Talvez seja isso o que ela pensa, assim. Também ela se perdeu com esse problema de droga que tem um pouco a ver com o viver intensamente. Eu acho que todas as pessoas, Cazuza também eu gosto. O *Fred*, eu gosto de *Queen*, o *Fred* é assim, se ele... se é isso que ele quis, se era esse desejo. Às vezes eu discuto assim, acho que eu nasci na época errada, porque eu só gosto de coisa que não é da minha época. Sei lá, daqui a algum tempo, pode ser que as pessoas gostem das coisas que estão acontecendo agora. Tem um amigo que fala que nasci na época errada, sei lá, né? Talvez, se a gente tivesse naquela época, a gente não desse tanto valor para o que 'tava' acontecendo, todo aquele movimento. (pesq.: Por que você acha que tem essa tendência de voltar ao passado? Dos símbolos do passado terem mais sentido hoje, do que os símbolos do presente) Ah, sei lá, você pega a história inteira, né? Geralmente dessas pessoas você pega a história inteira, você já sabe da vida dela, o início, o meio e o fim, talvez esse início, esse meio e esse fim traga mais interesse que se você... tipo o cara fez uma música agora e você vai esperar algum tempo pra ter uma outra coisa, agora não, tipo você pega *Queen*, ou sei lá, outro cantor que já passou, você pega a trajetória inteira. Tem *Rolling Stones*, por exemplo, assim, eles estão aí, ainda e tal, mas não é tão interessante, talvez, quando eles morrerem o povo fale mais. Talvez seja por causa disso, quando está tudo pronto é mais fácil pra você digerir. Essa coisa de não dar valor também, o que viveram era mais legal que o seu ou o que você não pode ter é mais legal, talvez é também isso. Talvez seja isso, as pessoas querem muito o que elas não podem ter. Por elas não poderem 'tá' vivendo naquela época elas querem. E também porque o que a gente 'tá' vivendo agora, a gente 'tá' pegando, então surge mais interesse para o que vai acontecer ou pelo que já aconteceu. Mesma coisa a questão de história. Vamos procurar ver o que já aconteceu ou o que vai acontecer. Mas no meu caso, deixa eu ver por que eu gosto mais, o meu foi bem influência, mas eu gosto do que tem também, eu gosto de Maria Rita, mas é essa coisa não pude ir a um show nunca vou poder ir a um show deles, daí eu volto e dou uma mexida no que eles já fizeram. Eu gosto de

Pato Fu também, eu gosto de *Los Hermanos*, apesar de já terem se separados. Tipo Cássia Heller, eu não gosto de Cássia Heller, na época que ela cantava ninguém olhava muito pra ela, coitada, ninguém dava muito valor pra ela, depois que ela morreu. Daí depois que acontece tudo aquilo, quem não conhecia passou a conhecer, porque daí conta no jornal tudo que aconteceu com a pessoa e ela tem uma história de vida muito marcante, também tem isso, esses caras todos que a gente já pegou a vida deles inteira têm uma história de vida muito bacana. Além de serem bons artistas ter uma história de vida legal. Ainda no caso o Bob Dylan não morreu, mas vem desde a época de Elvis e 'tá' aí até agora, apresentando isso pras pessoas como eu e 'tá' criando coisas novas, fez um cd aí agora.

Ah, olha os meus momentos de tiéte ali (aponta cd dos Rebeldes). Totalmente contraditório, assim, porque eu sempre gostei de música boa, assim. Como eu não tinha nada pra fazer eu pegava e ficava assistindo televisão, daí eu gostava, eu achava bonitinho, meu amigos, né me crucificavam E é muito ruim, realmente é muito ruim e eu sei que é muito ruim, mas eu gosto. Eu não tenho preconceito com nada, pode ser a música mais... eu não tenho preconceito mais eu não gosto, eu não tenho preconceito com pagode, mas eu não gosto, mas tipo, eu ouço aquilo (Rebeldes) de vez em quando, entendeu? Eu não tenho preconceito, mas eu ouço, é estranho. Uma coisa diferente que aconteceu é que eu fui ao show lá em SP, fui ao Morumbi, paguei caro no Vip, muito caro, pensa numa coisa muito cara, não sei se daria pra pagar o show da Madona, mas era caro. Agora acho que eu não faria, apesar de eu gostar, talvez se tivesse dinheiro sobrando, assim, faria, mas acho que gastaria o dinheiro com outras coisas. Porque antes eu era muito trancadinha eu até saia, mas não ia pra balada, porque daí sobrava mais dinheiro pra mim, sabe? Eu gostava dinheiro com bobagem, agora ainda é bobagem sair e gastar com isso, só que, tipo, não tinha com que gastar. Sabe aquela pessoa que vai e compra chocolate, eu era assim. Eu vivia muito presa, daí aquilo já era uma coisa excepcional. Eu tinha 15, 16 e fui sozinha com o meu amigo L. comprar o ingresso. Eu nem sabia por onde começar. Eu só fui ao show porque tinha dinheiro, não porque meus pais iam deixar, me dar dinheiro pra ir a um show em SP no meio de milhões, várias pessoas, foram o quê? 75 mil pessoas. Fui sozinha, mas pra comprar, olha como eu tenho amigos. Fui com o L. tal comprar ingresso, só que eu cheguei um dia antes, de madrugada e eu tinha amigos em SP, era um casal gay, daí eu fui dormir no apartamento deles, com o L., daí eu fui assistir uma peça de teatro, que meu amigo é ator e o outro trabalhava em produção, mas o meu amigo mesmo é ator, daí tipo fui assistir a peça dele no teatro, daí, tipo, aproveitei, dei uma volta. Daí, tipo, a gente ficou no apartamento deles, daí já de madrugada, 5 horas da manhã eu já fui pra fila, loucura, né? Não sei como a minha mãe deixou. É que era muita gana de querer ir e eu sou argumentativa, eu convenço os meus pais, sabe? Foi uma coisa bem assim: "Ah, eu vou ficar doente se você não deixar eu ir." Daí no dia que eu fui comprar eu fiz amizade

na fila já, com um pessoal de SP. Não tinha só criança no show. Não tinha criança no show. Daí eu fiz amizade com uma turminha. Foi no dia do show, na fila da Vip, foi como daqui, nem como daqui até a esquina, porque eu tinha feito amizade e essa turma acampou e eu cortei fila. Com aquela turma que eu tinha feito amizade quando eu fui comprar. Eles acamparam e eu cortei fila. Daí eu fiquei pertinho, daí emoção, né? No Morumbi, aquela turma fazendo “ola”, no campo, eu sou corintiana, mas no campo do São Paulo. O povo fazendo aquelas coisas era gostoso. Eu fiquei na pista, esperando eles passarem, assim. Eu era fã da ruivinha, só que ela não foi até o final da pista. Sei todas as músicas deles, eu nunca gostei em português, pelo menos isso. Eu sabia todas as músicas em espanhol, foi bom porque eu fui um pouco autodidata, aprendi um pouco de espanhol sozinha. Daí eu sabia e cantava todas as musiquinhas. A galera queria sentar no final da pista, tinha um palco e aí tinha uma passarela, queria sentar pra ver eles no final vindo da passarela, daí quem eu queria ver ficava só no palco, que coisa. Eu gostava dos outros também. Foi o único momento que eu fui tiéte assim. Talvez porque todos que gosto morreram. Mas, se a *Amy* vir para o Brasil eu vou. Não sei se eu faria ao mesmo esforço, mas eu iria. Não acamparia, porque eu acho bobagem. Eu não quis ir ao show da Madona e ia pagar barato. Apesar de ter todo esse movimento: “Ai Madona vai vir pro Brasil” Eu prefiro pagar pra ir ao show do Freja em SP, do que pra ir ao da Madona. Apesar de eu não achar a Madona ruim, a Madona ela revolucionou tudo isso, não também que ela seja boa, eu não acho que ela cante bem, ela é uma boa dançarina, pra idade dela, mas não gosto, até acho legal algumas músicas antigas, aquelas que colam na cabeça, não tenho no meu computador, mas ouço de vez em quando, tenho amigos que gostam, mas não pagaria, apesar de ser pouquinho que eu ia pagar porque eu tenho uma amiga que, a Heller estava patrocinando o show e eu tenho uma amiga que é gerente, daí ela ofereceu pra ver se eu queria ir. (pesq. Questiona como começou o gosto pelos Rebeldes e o que levou ao interesse) É que no início, assim, não tinha muita gente, mas eu comecei desde o início, assim, é legal, assim, é bobinho, mas era legal, assim, era uma coisa bem jovem, apesar de eu ser precoce e gostar de coisas nada ver com a idade eu também era menina, era garota, daí eu acho que foi uma coisa que tocou esse meu lado, tipo, ai sou criança. Daí foi uma coisa que eu me interessei, como eu disse, com esse meu lado e tem também esse negócio da propaganda, tinha uma propaganda absurda, mas eu sei que eu gosto, porque agora acabou a propaganda e eu ainda gosto, agora eu sei que eu gosto, mas tinha muita gente que era só por propaganda. Desde que eu era pequena eu gostava dessa coisa de México, eu acho bonito, acho interessante. E é mexicano, né? Eu achei legal, eu gosto de espanhol. Foi gostoso eu pegava o cdzinho e ficava lendo assim. Porque eu não comprei nenhum pirata, cada vez que eu ia comprar um cd, sabe aquela menininha que guardava? Os cds deles eram caros, 30, 35. Não sei agora não compro mais, até tinha vontade de ter a coleção, porque é uma coisa que marca uma fase da sua vida.

<p>Eu tenho isso como uma coisa que marcou uma fase da minha vida, tenho pôster essas coisas, gastava dinheiro com muita bobagem, mas eu gosto sim, acho eles bonitos, não acompanho mais fielmente. Antes eu entrava todo dia e via <i>sites</i> da internet, agora eu não entro mais, mas se toca alguma música que eu ache legal eu ouço, assim. E tem aquilo que você falou da propaganda. (pesq.: E os seus amigos que têm estilos totalmente diferentes o que falam?) Eles ficavam falando: “Ai, pare com isso, não escute isso que não tem nada a ver com você.” E realmente tocou um outro lado meu que nem eu sabia, é uma coisa bem doce, pura. Nenhum amigo meu gosta, nunca gostaram, mas por eu ser argumentativa, eles pararam de me encher, eles viram, tipo, que: “Ai ela gosta, ah, ‘tá’ bom então, tem um sentido pra ela” E eles pararam então, de encher o saco. Eles encheram, encheram meu saco, talvez foi bom, porque eles encheram e eu gostava mesmo, por isso que eu não deixei de ouvir, eles viram que não adiantava “Ah, ela gosta mesmo.” Marcou bastante isso daí, é legal ter ido pra São Paulo, sozinha, assim. Lá é uma coisa assim, que fica meio pirado, lá é meio pirante, um outro estilo de vida, aqui é muito calmo, muito calmo.</p>	
<p>Eu sou uma menina diferente, assim, eu sou diferente das minhas irmãs, eu sou diferente dos meus pais. Eu não sei se é fase, mas eu sinto isso aqui em casa, no estilo de música que eu ouço, em qualquer outra coisa que eu faça, assim. Eu vejo semelhança entre a minha irmã e os meus pais, mas eu não tenho qualquer coisa, assim, que possa parecer com eles, então, assim, eu sou uma pessoa diferente.</p> <p>A minha última é que agora eu não como mais no Mac, eu coloquei isso pra mim. Ah, tem tudo aquilo que é capitalista, eu acho um roubo também pagar R\$16 num lanche que eu acho que não vale nem R\$ 5. Eu tenho essa linha de pensamento. Eu até ‘tava’ no aniversário de uma das minhas amigas que foi no Mac, que gosta do Mac, ‘patricinhas’. Eu sou a diferente do grupo de novo. Talvez eu seja a diferente do grupo nesse sentido, são ‘patricinhas’. Eu ‘tava’ tendo uma conversa uma vez dentro do Mac, ela tipo: “quer Mac” e eu tipo: “ah, não vou comer” e elas: ‘ah, porque não vai comer”, ficam perguntando e eu acho chato e eu; “ah acho muito roubo” e daí elas: “ah já vem com aquela história de capitalismo, com todas aquelas coisas e tal. E esse Adidas que você ‘tá’ aí no pé?” daí eu falei: “Ah então esse Adidas que ‘tô’ no pé eu uso ele um ano inteiro, né? Ele dura, entendeu? Agora eu vou comer 1 Mac de R\$16 e eu não gosto do lanche ainda, porque as pessoas na maioria das vezes só comem Mac porque é Mac. Ela até falou assim pra mim”: “Ah, Mac é Mac” daí tipo: “Esse é o argumento que você quer usar pra mim? Mac é Mac.” Não é uma coisa legal.</p> <p>Não que eu seja uma pessoa popular, que eu não sou e nem quero isso pra mim. Agora eu gosto de ser a esquisitinha, eu gosto de ser esquisita, que agora ‘tá’ na moda, também ‘tá’ na moda ser</p>	<p>Necessidade de se afirmar diferente</p>

<p>alternativa, ‘tá’ na moda, não também que eu me preocupe muito com moda, com essa coisa de moda, porque eu sempre fui assim, mas é que agora ‘tá’ na moda ser esquisito. As pessoas se forçam a ser esquisito, pelo menos agora que eu ‘tô’ conhecendo assim, às vezes, essa coisa de ser diferente, a pessoa se força a ser aquilo pra que vejam ela assim. Olha que bom, eu não preciso forçar pra que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que ‘tô’ na moda.</p> <p>Ah, eu coloquei um <i>piercing</i> na nuca, ‘tá’? Eu coloquei um <i>piercing</i> na nuca na semana passada. Caiu minha pressão. Eu sempre quis colocar, só não coloquei porque uma amiga minha tinha. Daí outro dia eu ‘tava’ pensando assim: “Ai, ela tem, mas... o meu é mais diferente, assim”.</p> <p>(tatuagem de dragão) Eu quero uma coisa bem colorida pra destacar, entendeu? E por ser diferente também, porque é difícil você ver uma mulher com um dragão nas costas e ser colorido, assim. Sentir essa coisa de querer ser diferente assim, não tem gente assim, entendeu? Não têm meninas assim. Eu tenho essa necessidade de não ser igual a todo mundo.</p> <p>Então eu sou assim, diferente das minhas amigas da escola, a M., a C. A M., contando dos outros, olha que feio, então a M. ela gosta de ter namorado, assim, ela nunca fica sozinha, sempre namora tal. Agora a C. fica por um bom tempo com uma pessoa, até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação pra mim e eu não. É difícil elas me verem com alguém, assim. “Tipo, ai só te vi uma vez assim, sabe?” Mas eu não quero me prender, elas pensam diferente de ver essa parte de relação, têm um jeito diferente de me ver. Eu não me prendo assim. Sou muito independente, daí não me prendo, assim.</p> <p>Daí eu questiono isso dele, porque eu me vejo diferente, porque se eu tivesse feito tudo isso eu seria uma pessoa tão mais pra acrescentar, uma pessoa que queria sair pro mundo e contar, agora ele não. Olha que absurdo eu não sei das histórias das viagens deles, porque ele nunca contou, ele fica preso no mundo dele.</p> <p>É que no início, assim, não tinha muita gente, mas eu comecei desde o início, assim, é legal, assim, é bobinho, mas era legal, assim, era uma coisa bem jovem, apesar de eu ser precoce e gostar de coisas nada ver com a idade eu também era menina, era garota, daí eu acho que foi uma coisa que tocou esse meu lado, tipo, ai sou criança.</p> <p>eu me identifiquei bastante, que é música diferente, que eu gosto bastante, assim, de música boa.</p> <p>Daí as amizades mais próximas que eu tenho são esses meus amigos da arte, da dança tal que eles têm uma cabeça bem diferente.</p>	
<p>Tipo, eu lembro que fez uma roda eu era o centro da roda. Eu tinha muitas coisas pra falar, com pessoas que eu nem conhecia, tipo, eu</p>	<p>Necessidade de ser marcante</p>

<p>até estranhei de acontecer como grupo e tal. Eu tinha muitas coisas pra falar com pessoas que eu nunca tinha visto, talvez eu tinha coisas em comum, assim, não sei, mas eu me senti o centro, sabe, daquilo. É estranho, faz quanto? 1 ano, fez um ano que eu não vejo essas pessoas, porque eu não vi, gostei, até converso com algumas no <i>Msn</i>, mas é aquilo <i>Msn</i>, às vezes não tem mais, não acha mais coisa pra falar. Aí tem mais 2 pessoas que eu converso ainda, mas quando eu encontro, assim, tipo têm amigos iguais que se vêem com frequência, falam: “Ah, eles falam de mim” , tipo, é engraçado. Um amigo comentou que nessa festa de Reveillon deste ano eles juntaram a mesma galera só que eu não tinha contato assim, aí eles ficaram falando de mim, assim, até eu me senti especial, “tipo aí, legal eu sou marcante.”</p>	
<p>Pra falar de mim tenho que falar dele, assim.</p> <p>Então eu sou assim, diferente das minhas amigas da escola, a M., a C. A M., contando dos outros, olha que feio, então a M. ela gosta de ter namorado, assim, ela nunca fica sozinha, sempre namora tal. Agora a C. fica por um bom tempo com uma pessoa, até mesmo prestando atenção, pra fazer a comparação pra mim e eu não. É difícil elas me verem com alguém, assim. “Tipo, ai só te vi uma vez assim, sabe?” Mas eu não quero me prender, elas pensam diferente de ver essa parte de relação, têm um jeito diferente de me ver. Eu não me prendo assim. Sou muito independente, daí não me prendo, assim.</p>	<p>Fala do outro para falar de si mesmo</p>

Anexo XIII

Transcrição da entrevista de história de vida com R.

Pesq.: Eu queria saber como você é, como é a sua vida, como é a sua história, como você chegou a ser como você é hoje. Não precisa ter ordem, conforme você for lembrando você pode ir falando, fica a seu critério e conforme eu for tendo dúvida eu vou te perguntando.

R: Ah, eu nasci em São Bernardo do Campo, aí meu pai vendia carro, a minha mãe trabalhava no banco antes de eu nascer, aí ela largou o serviço pra cuidar de mim, né? Aí eu morei lá até uns cinco anos, até uns cinco, seis, aí em 96 nasceu o meu irmão, aí deu uns probleminhas lá e a gente veio pro interior, saímos de São Bernardo que era um lugar São Paulo e São Bernardo, que eu tinha muita vontade de voltar até um tempinho atrás, antes de eu começar a ter amigos de verdade, que nem eu tenho hoje, entendeu? Aí viemos pra Boituva, meu irmão nasceu em São Bernardo, aí fui pra Boituva, aí depois eu fui pra Sorocaba, e depois pra Votorantim, isso já faz 8 ou 9 anos, aí nesse meio tempo, aconteceu, tipo, muita coisa que me deixa chateado de uma certa forma, que nem é... eu era meio mimado e tal, só que eu nunca me vi assim, nunca me liguei, minha mãe sempre falou que fui meio adulto pra minha idade, sabe? E, e de certas brincadeiras eu não gostava, que fazia, e tem gente que não gostava de mim, porque eu era assim. E com seis anos meu irmão nasceu e eu sempre fui filho único né e tal, só que daí mudou muito a atenção e até hoje é assim, sabe? Aí foi meio, meio petrificante, petrificante pode ser meio forte, mas foi meio por esse lado, aí viemos pra cá e não tinha amigo nenhum aqui, tinha um ou dois no máximo.

Pesq.: Você tinha que idade?

R: Olha a pior fase, foi dos dez aos treze, dos dez aos quatorze, a pior fase. Até hoje eu, a minha auto-estima é bem baixa, a pior coisa, horrível, coisa de você pegar e olhar e... não tinha vontade, sabe? Aí eu fui agindo meio individual, parece que não, mas até os seis anos eu fiz as coisas sempre sozinho e até hoje é assim, apesar de ter dois irmãos, eu sempre faço tudo sozinho, alguma coisa com amigo, sabe? Mas é bem difícil, aí é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música, aí também isso já foi mudando, provei de tudo, aí conheci rock-metal, achei mais legal, aí eu já fui pegando e hoje em dia eu escuto assim nesse nível, só não curto pagode essas coisas assim, não suporto mesmo, só se eu estiver num lugar com a namorada aí vai, aí vai. Aí aos treze, catorze, já, já fui descobrindo coisas novas, sabe? Tipo, eu achei que foi um pouco cedo, acho que até por isso que eu com dezoito já, noivei um mês, assim, namorei ela quase dois anos, ela era mestiça, eu adoro japonesa, aí ela foi pro Japão, minha idéia era ir junto com ela, casaria pra pode ficar lá, meu sonho é ir pra lá, mas aí não deu certo, então a pior idade foi dos treze aos catorze. Com treze minha mãe levou eu na psicóloga, e fez teste lá, aí ela diagnosticou que talvez eu teria QI a mais, aí fez teste de raciocínio, aí eu fiz, aí constou que deu um pouco acima, eu sempre achei nada a ver, mas é fiz. Daí minha mãe foi lá e me tirou, eu até que 'tava' achando legal, era um negócio meio assim, que ela fazia, teve uma vez que ela pegou e "hoje a gente vai pegar e vai doar não sei o quê pra uma instituição, quem não quiser dar alguma coisa, dá o que quiser" e tipo, 'tava' na cara que não ai ter, sabe? E eu já, né? Tudo aí eu peguei e tirei a minha sandália e deixei assim, aí ela: "ai você é

muito, muito, ai sabe você não se prende a certas coisas” né, né nada a ver, é só pra testar, mas no fim era legal, eu conversava, ela tinha uma estagiária que eu fazia desenho lá, daí ela “olha o desenho não sei o quê” aí no final eu fiquei mais animado, eu estava me animando, aí minha mãe me tirou, e começou tudo de novo.

Pesq.: E você sabe por que sua mãe te tirou?

R: Não, depois que começaram a falar, porque, ai eu não sei explicar o porquê, que minha mãe é legal assim, agora, ela sempre pegou muito pesado comigo, ela e meu pai também, sempre colocaram muita coisa em cima de mim, responsabilidade, foi parar em 2007, quando eu ‘tava’ no segundo ano, que, que parece que eles, assim, que os problemas de casa aumentou um pouco, que problema todo mundo tem, e acho que viram, viram que eu não ia fazer besteira, usar nada, sabe? Eu sempre achei que... eu nunca vou querer isso, e, e o meu pai nossa, o meu pai nossa, o meu pai na minha idade fazia de tudo. Mas sempre caiu muita responsabilidade em cima de mim, hoje não cai tanto, mas, assim, é porque eu compartilho, eu ajudo em casa quando eu posso financeiramente, vou faço alguma tarefa, mas difícil, agora que ‘tá’ mais fácil com meu irmão, porque meu irmão é diferente de mim, eu aprendi cedo, que nem sair pros lugares e comprar pão, assim, sabe? De não ter vergonha, sempre fui desinibido, meu irmão não, ele é bem tímido, também tem a coisa que a minha mãe prende ele. Porque a idéia do meu pai é assim, ama a gente acima de tudo, isso ‘tá’ eu sei, mas ele procura sempre empurrar, fazer você sempre ir calejando. Já, minha mãe não, ela quer, quer prender a gente e tal, mas não foi o que ela fez comigo, porque ele não deixou, eu saía trabalhar com ele, quando ele saía trabalhar, ele saía vendia água ardente, bebida, é quando ele saía em Boituva, eu tinha dez, oito, nove, sete anos, eu sempre ia com ele, eu ai aprendendo a malícia de falar e tal. Apesar de tudo, de dentro mesmo, eu sempre fui tímido, é um negócio, que nem que eu falei pra você que eu trabalhei, tinha que ir em banco, tinha que ser sociável, nossa no inicio... foi ai que mudou bastante a minha vida, é não me ‘sociava’ com ninguém até coisa errada que eu via, alguém cortar, assim, a fila eu: ‘deixa quieto’, negócio que hoje em dia... nossa mudou bastante! ‘Tava’ na mesma classe do A. R. (escola 2º grau) dos meus amigos, dos meus amigos do A.(escola 1º grau) desde a quarta série, até o, até o primeiro, chegou, daí eu mudei pra noite, aí eu comecei a trabalhar, aí fui mandado embora, bem no ano que eu ia fazer dezoito, aliás no ano que eu ia fazer dezessete, e eles estavam vendo aquele negócio do alistamento, e eles estavam com medo e só pegaram maior de dezoito, aí eu voltei pra de manhã, só que em outra classe, e bem numa turma que não gostava de mim, por eu ser quieto, tinha um ou dois amigos. Os outros acharam que eu era ‘cusão’, chato, é nojento, sabe? Negócio que eu não sou, sabe? Eu pelo menos não me sinto, quem me conhece sabe que eu não sou, ai eu peguei amizade com um monte de gente, fiz muitas amizades, só tinha amigos mais velhos do que eu, era difícil ter alguém da minha idade, hoje em dia todos meus amigos são da minha idade, continuo tendo amizade com caras mais velhos, com gente mais velha, minha namorada era mais velha, eu namorei três vezes, bom essa é a quarta agora, bom tá no comecinho, nem sei... essa é mais novinha, mas as três foram mais velhas, não sei porquê tinha coisa que não batia, mas agora nesse ano 2008, eu ‘tô’ ficando com gente mais nova do que eu, e fui vendo, né, porque se eu acabo me prendendo num negócio mais sério, aí eu sempre acabo me envolvendo em coisas mais sérias, eu quero ser amigo só de quem quer ser meu amigo mesmo, só que não é bem assim, eu sofria às vezes, às vezes você tem um colega e ele pode até vir a ser, como já aconteceu, um amigo. Já me decepcionei com muita gente, mas eu já fui pegando, agora eu já tenho uma certa malícia, agora já dá pra perceber tal, mas foi a

melhor coisa que aconteceu, tipo, quando eu comecei a trabalhar, com quinze, dezesseis, foi ai quando começou a mudar tudo, que eu ‘tô’, que ajudou bastante a ser a pessoa que eu sou hoje, eu era bem diferente, nunca que eu ia fazer isso aqui há uns anos atrás.

Pesq.: Por vergonha, por timidez?

R: Por vergonha, por timidez, por não confiar em você, por não saber o que ia acontecer, por não ver nexos no que você ia fazer. Hoje eu vejo, você falou do seu trabalho e tal, eu gosto de conversar, acho bom conversar com alguém que tem mais experiência, alguém que é mais velho, que tem a mente mais aberta, é tudo, eu adoro conversar com gente que tem a mente mais aberta, que são pessoas que geralmente me entendem, sabe? É bom, sabe? Então foi isso que mudou bastante e agora com a vinda da minha irmãzinha também, eu comecei a ver mais o lado de pai e mãe, sabe? O que sente quando é pequenininho, certas coisas que eu sinto, também, que eu fui estúpido que eu vejo puts “eu fui estúpido”, eu era desse tamanho e depois e tal, eu fui crescendo, conhecendo, né a vida, mas, assim, ‘teve’ muita, muita, muita coisa que eu vi que foi errado, que já pediram desculpa pra mim. Uma vez minha mãe trabalhava, sabe naquele SPA Sorocaba? Trabalhava num consultório odontológico, aí tinha uma menina que o SPA tinha contratado pra ser atendente e tal, S., uma coisa que eu tenho é memória fotográfica, eu não esqueço de nada, o que marca e o que não marca eu lembro. E minha mãe, né? Queria ser jovem de novo, lá em casa pra ir trabalhar fazia maquiagem e tal, e era ela e meu irmão, fui radicalmente esquecido nessa época, tinha uns catorze, catorze ou treze anos, foi logo depois do negócio do psicólogo lá e isso acabou comigo, o negócio, aí eu peguei uma... um negócio, assim, sabe da minha mãe, que agora que eu ‘tô’ voltando, uma coisa muito ruim, eu guardo muito rancor é um negócio, é difícil perdoar alguém, muito difícil, por causa da minha ex lá, que ela ficou com outro cara lá, e ela: “não ele me agarro sem eu querer”, quem não quer, né? Daí ferrou tudo, eu não tenho amizade com ela mais, não converso com ela mais, mas era pior, eu fazia isso sem conhecer a pessoa, hoje eu conheço, eu procuro saber certinho pra poder dar um veredicto final mesmo, né? Antes eu fazia isso só de olhar pra... era um idiota, pensava assim... era um idiota, você acredita que eu só me ferrava? Por um lado é bom esse negócio, pega e distingue as pessoas mas... mas, por outro lado era ruim, muito ruim, que eu não tinha amizade, eu não me sentia querido, sabe? Que era um negócio que eu nunca me senti querido em casa eu acho que não é coisa da minha cabeça, tanto é que um monte de vezes minha mãe já pediu desculpa. Já separei muitas vezes, tipo meu pai e minha mãe, tipo, meu pai nunca partiu pra agressão física, mas o meu pai tem o gênio, muito, muito forte, então assim separei os dois quando brigavam, gritavam e tal e eu ficava acordado a noite, pra tentar impor o negócio e por eu... só acontecia até 2006, então eu sempre tive que ‘tá’ assim um pouquinho sempre mais a frente pra poder tentar acalmar as coisas em casa, aí esse negócio eu não tenho mais, eu comecei a ficar intolerante, começou a brigar eu também já rasgava, eu falava “ó”, eu já ‘tava’ querendo muito sair de casa, começar a trabalhar pra sair de casa, querer trabalhar pra sair de casa, falei vou completar a maioridade, agradeço tudo que eles fizeram pra mim, mas eu não consigo viver em paz, é assim meio chatão, mas hoje em dia... mas eu tenho essa idéia ainda quando eu me estabilizar eu quero mais é me virar e viver a minha vida, é morar numa república alguma coisa assim, mas nunca deixando assim, sempre indo, porque eu gosto tanto da minha irmã do meu irmão, eu sinto que eu tenho que proteger eles, até a minha mãe, que ‘tá’ ficando velha já, aí eu fico .. , tanto é que esse horário é bom de manhã, de manhã é bom, porque de manhã ninguém faz nada, ninguém faz nada de manhã, né? Aí vai acordar tarde. À noite minha rua é uma

rua bem tranqüila, lá ninguém mexe, ninguém faz nada, é porque faz uns sete anos que eu moro lá, mas é tudo traficante ali, ali do lado de casa, no muro atrás de casa, no meu quintal é assim, até que um dia pulou a policia lá em casa, disseram que tinham achado droga lá e perguntaram se tinha pulado em casa. O meu pai é amigo de policial, né? Sempre teve, ia viatura lá né e tal, lá em casa me mandavam de viatura lá na escola, meu pai assim, eu saia meio escondido, nunca mexeram comigo, mas eu não do motivo pra eles mexerem Se eu pudesse trocar, eu trocava de casa, entendeu? Mas é sei lá, é isso só, de um tempo pra cá foi mudando, fui crescendo, fui aceitando mais as coisas e eu fui procurando não entender, porque quanto mais a gente procura resposta pra tudo, a gente fica louco. Porque sempre foi assim, quero porque quero entender, um tempo atrás eu ‘tava’ querendo entender essa questão de religiosidade, eu ‘tava’ atrás de todas as igrejas que tinha colega eu ia pra ver como que é, eu ‘tava’ procurando uma religião, tenho fé em Deus, atualmente não tenho uma religião fixa, um pouco de cada ainda contradiz algumas coisas, na idéia que eu tenho de Deus e tal, sei que ele existe, pelo menos eu creio, agora que nem católico, eu não seria católico, tentaram colocar eu na catequese duas vezes e eu não fiquei, uma porque eu acho essa que essa professora era ridícula, e o outro lá, o cara era gente boa, mas não é por aí eu sentia: “isso ‘tá ‘errado. É um negócio que eu vou buscando aos poucos e nossa ‘tava’ muita confuso, aí eu fui na igreja Adventista, eu achei bacana a idéia, achei legal, achei que até agora é a que mais eu achei não dá... tanto é que o guitarrista da minha banda era adventista, minha ex era a baixista, o outro foi pra São Paulo, outro virou adventista, ficou eu. Ah isso foi ajudando a eu procurar saber menos, e fui aceitando, fui sabendo aos poucos.

Pesq.: E você não chegou à conclusão nenhuma, na questão da religião?

R: Por enquanto não, creio em Deus, rezo toda noite, rezei pra que conseguisse emprego, falei que seja feita a Sua vontade, inclusive, eu ouço uns rocks pesados, do lado mal aí, é um negócio que a turma tem idéia errada, tem muita banda que os caras usam máscara, maior negócio “aaahh”, só que não fala nada de religiosidade, não fala nada de anticristo, de ateu, sabe? Não tem nada disso.

Pesq.: O que é metal do mal?

R: Não os caras usam máscara, a letra das músicas são pesadas, aí as pessoas falam “ai nossa!”, sabe? Não é do demônio. E não é tudo isso, fala do sentimento, sabe? E porque eu gosto do inglês, eu sempre fui o melhor da classe em inglês, esse ano eu não fiz nada o ano inteiro, eu não estudei, eu só fiz inglês, no inglês eu sempre tirei dez, ela dava a prova e eu fazia, e eu sempre joguei vídeo game, jogo *on line*, coisa que era tudo em inglês, poucas palavras que eu não sabia, ou então tipo, Tíbia, sabe? Eu aprendi bastante, porque nos encartes de cd tinha bastante assim, então o negócio é que eu fui procurando saber as letras, das coisas que eu gosto que não tem nada a ver disso, tem banda que eu acho legal que fala pra que deus? Daí eu nem ouço e tal, mas é isso aí muita coisa me influenciou, amizade, a música mesmo, eu fui, todo sentimento que eu tinha eu passava pra musica, tocando eu cantava, mesmo tendo a voz feia eu cantava, eu desenho, eu pensei até em trazer um desenho pra você ver, que eu fiz, mas eu gosto bastante de desenhar, tem uns ‘par’ de desenho no meu quarto, tem pôster do Jack Chen, por exemplo, eu gosto bastante do Jack Chen eu acho legal, por isso que eu fui passando, pro papel e pra música, tudo que eu sentia ajudou e muito pra mim, as coisas quando falavam, e quando eu tinha quinze, quinze, dezesseis, eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava todo dia e, assim,

minha mãe ficava com dó, mas achava que era frescura, meu pai, assim, no início achei que ele me xingava: “sai dessa cama não vai adiantar nada isso, não vai dar certo”, apesar disso ser uma doença eu já pesquisei eu já fui atrás pra ver o que que é, que realmente não tinha motivo pra eu ‘tá’ que, na verdade tinha, né? O que tava acontecendo em casa, amizade, assim, que eu não tinha tanto, foi o negócio que acontecia em casa, como eu sempre fui muito receptivo de tudo o que acontece, eu peguei. E ele sempre falando: “sai daí”, né e ajudou? Ajudou. Há um tempo quase me deu de novo, só que eu fiquei pensando não vai acontecer nada, eu não vou passar por isso de novo e tal, pensamento positivo, que é um negócio que eu e meu pai a gente tem bastante, assim, que realmente a gente consegue, tudo certinho, até que a minha mãe fala: “ai, fala que você vai achar uma nota de R\$100 que você consegue”. Eu e meu pai sempre, nossa na S. (empresa em que trabalha), a semana em que me chamaram, eu já tinha feito o teste lá, eu pensei: “seria bom se me chamassem”, 2 dias depois eu comecei a trabalhar. Meu pai também, ele vende moto: “bem que eu podia vender uma twister, tal”, daí ligam pra ele: “viu eu vi seu panfleto que você deixou comigo no ponto de venda.” É um negócio que, é o subconsciente, eu acho que tem a ver, esse negócio de energia positiva, pra ver o que vai dar certo, tem tudo a ver, né? Eu acho bom, tem o negócio meio oriental, meu pai sempre carregou isso e me passou, sabe? Meu pai, apesar dele ser ‘cusão’, mas ele é legal, tipo, ele do jeito mais doloroso, mas ele ensina bastante coisa. Tento enfrentar isso numa forma boa, que era horrível, é o negócio que não acontece com meu irmão, sabe? Não é que eu tinha raiva, eu já senti, mas eu tenho dó dele, porque ele tem 13 anos. Tanto é que eu com treze era bem diferente, eu não fazia as coisas assim, tanto é que me levavam na psicóloga, era bem diferente, sabe? Ai é incrível, como isso aconteceu, ai depois que acabou a banda, né?

Pesq.: Por que acabou?

R.: É assim, terminei com a menina que era baixista, ‘tá’ bom um baixista a gente arranja, ai o outro começou a ir à Igreja Adventista daí ele, tipo, parou de ouvir música e coisa e tal. O nome era Ivetur, porque eu e o meu amigo a gente trocava, eu tocava e cantava, e o amigo meu tocava e cantava também, ai ficou nos dois e agora? Aí ele falou: ‘cara eu vou pra São Paulo’, tipo, vou montar um banda com meu gato, minha irmã, o que eu vou fazer? Tocar reco-reco? Aí até me chamaram e tal, pra tocar numa banda de uns amigos meus, mas acabou não dando certo. Também, nossa! Minha cabeça vivia meio confusa, porque quanto mais a gente ‘tá’ parado, mais a mente é oficina do capeta, não de fazer besteira que eu nunca fiz, mas de, de pensar coisa errada. Ai de ficar parado, como eu ‘tava’ esses tempos, ai é horrível eu odeio ficar parado, sempre ‘tô’ procurando alguma coisa pra fazer, meus amigos iam em casa conversar, se eu ficar quieto, sabe? Não funciona, não dá certo, eu penso em muitas, muitas coisas. Minhas idéias não batem bem, isso é normal, então isso é ruim eu não agüento ficar quieto, ficar parado. Assim tem amigos que me entendem e tal e nossa ajudo pra caramba um monte de colega meu que ‘tá’ com namorada, que ‘tá’ com uns problemas lá, aí vem falar comigo, a ‘é que num sei o quê’ e eu ‘calma vai dar tudo certo’, ‘mas como você sabe?’. Nossa! Sabe o Samuel, sabe o Samuel? Vixi! Nossa! Quantas vezes ele ‘tá’ ruim com a mina dele, ai ó, ó, quando for o casamento eu vou ter que ser o padrinho, a madrinha, tudo, só falta eu ser o padre. Ah eu ‘tô’ contente, ‘tá’ tudo certo, começou dar tudo certo esse ano, comecei trabalhando, com essa crise e eu ‘tô’ trabalhando, achei uma menina bacana eu ‘tô’ com ela, até foi a namorada do Samuel que arranjou tudo, sabe? Ela tem quinze anos, nunca deu certo de eu me relacionar com gente mais nova, mas ela é bem madura assim, parece muito comigo

assim, por isso que eu gostei, ela até que é bonitinha e tal, não é japonesa mas tudo bem, meu sonho é casar com uma japonesa.

Pesq.: De onde vem esse gosto por japonesas?

R.: Agora você tocou num negócio maldito, a tara por japonesa, eu nunca soube explicar, quando eu era pequeno eu vivia na casa do meu primo, meu primo, irmão da minha mãe, ele casou com uma japa, e teve o Gabriel, ele casou com ela por causa disso Meu primo sempre foi um dos meus melhores amigos, hoje 'tá' mais difícil de eu ver ele, porque ele mora lá em São Paulo, mora em São Bernardo do Campo e também ele 'tá' com esse negócio do vestibular, ele não passa é o segundo ano dele tentando medicina e ele não quer fazer medicina, só que os avós dele *batcham* e *ditcham* são, são fogo. E eu vivia nesse meio, porque meu pai também, os parentes do meu pai, meu pai é mestiço também, eu via as fotos lá em casa e 'nossa que 'da hora', eu era pequenininho também, eu não sei eu acho que isso ficou. Porque era mais grave esse negócio a, todas as namoradas que eu tive, todas foram japonesas, as meninas que eu ficava assim, que me atraía, assim, era japonesa ou morena eu gosto, sabe? E, é engraçado, eu não vejo nenhuma graça em loira de olho claro, assim. É uma coisa que eu acho engraçado, assim, uma vez eu sai com o meu primo, fui eu e três amigas dele, uma ruiva, uma loira de olho azul linda a mina também, e uma japonesinha, todos acharam ela sem graça e eu achei a menina mais linda a japonesa. A japonesa gostou do meu primo, a loira gostou de mim e a ruiva gostou dos dois. Aí a ruiva ficou chupando o dedo e eu também, porque a japonesa gostou do meu primo, mas ele não gostou dela, porque ele não gosta de japonês, porque ele convive só com japonês e ele queria a loirinha, gamou na loirinha, e, eu não vi tanta coisa assim. Da minha historia que eu contei o que falta assim? Que eu falei o essencial, que eu falei assim.

Pesq.: Não, pode falar tudo que vier a cabeça, fica a vontade.

R: Ah, então, isso só foi crescendo, tanto é que se você vê meu orkut lá, meus amigos falam que é uma colônia japonesa no orkut, os únicos que eu adicionei no meu orkut que não são japoneses são os meus amigos, o resto é tudo de olhinho puxado, a e só meus parentes também, não sei eu sempre gostei.

Pesq.: E você falou que você gosta, gosta também de um ídolo japonês.

R.: Tem. A cultura a comida, tudo me atrai, tudo, tudo, tudo, a comida a cultura deles, a idéia do modo de expressar, aquela certa ingenuidade que elas tem, a mente aberta, que nem tipo, a gente vê desenhos aqui, aparece coisas no Brasil que lá é proibido. Tipo é um negócio que a minha namorada falou quando 'tava' no Japão, quando ela 'tava' lá, ela não queria voltar, então a gente ficava duas horas no telefone, ela me contando que as japas lá são tudo meio taradadonas, só que os caras lá são tudo tímido, então o estrangeiro que vai pra lá se dá muito bem, então é por isso que eu fiquei tão indignado de 'tá' aqui. Não sei tudo me atrai nesse lugar, no Japão. Algumas coisas da cultura chinesa, também, tanto luta, dragão. O Japão roubou muita coisa da China, ai é por isso que eu procuro saber, porque eu o que gosto mesmo eu procuro saber, geralmente eu sei, agora que nem matemática, essa professora não é legal, essa professora não é bacana, se não soube falar, posso até entender o que 'tá' passando, mas eu não faço de ruim. Então, ai eu sempre gostei meu sonho é ir pra lá e eu vou pra lá ainda, não sei quando, mas eu vou, eu acho muito legal.

Pesq.: E na sua casa, pelo seu pai ser mestiço, vocês preservam a cultura os costumes, ou não?

R: Não. Meu pai, aliás, sempre fala: ‘deixe tudo arrumado’ que trouxesse aquela planta, nossa isso pra mim traz muita energia positiva eu gosto, verde é uma cor que acalma, já a minha cor preferida é preta e azul, por isso que é aquele negócio. Minha mãe é maior bagunceira que você possa imaginar ela e meu irmão, eu organizo o meu quarto ai o meu irmão vai lá e bagunça tudo, daí eu fico p. da vida e daí a culpa é minha, normal ‘tô’ acostumado já. Só que faz tempo que eu não vejo a família do meu pai, desde quando a gente saiu de lá, eu tenho contato assim pela internet, eu tenho contato bastante, assim, com minha prima que ‘tá’ em Nova York , ela casou e tal. Que nem na parte da minha mãe é italiano, minha vó é italianona e eu faço ela fazer *yakisoba*, e tem que fazer, eu falo: ‘você tem que fazer isso daqui’, mas ninguém assim segue nada, alguma idéia tipo do que seria... ser organizado, não falar palavrão que atrai, eu e meu pai, pelo menos procuramos fazer isso. E também é fogo hoje em dia, não dá pra você... tem sempre um problema atrás do outro, então, como eu acabo involuntariamente participando dos problemas de casa, eu também fico meio na pilha, agora eu ‘tô’ conseguindo ficar melhor, eu pretendo seguir, eu pretendo trabalhar, juntar uma grana e ir morar sozinho, Eu tenho uma história de mangá que ‘tô’ fazendo desde os 12 anos e eu tava passando no papel até um tempo atrás, é que meu desenho é bem amador ainda eu venho aprimorando, a idéia era ter mandado ele pra pode fazer projeto, ai tem eventos e eu sempre vou pra levar e pra mostrar, sabe? Porque se é bom o negócio a editora vem, cai matando, sempre quer coisa nova. É uma idéia, que é uma historia bacana, uma certa parte da historia conta meio que a minha vida, sabe? Pra quem eu contei, achou a história bacana. Agora a minha idéia é trabalhar, juntar uma grana, tanto é que faculdade vai ser só ano que vem, vou dar um tempo pra estudar, vou trabalhar. Apesar de me achar feio, baixinho e gordo, eu quero servir de companheiro, e eu acho que deu certo assim, por enquanto, ‘tá’ dando. Quero trabalhar, consegui alguém pra ficar junto, vou pensar em faculdade, alguma coisa assim só ano que vem, isso é uma coisa tão que é, no começo eu estava querendo, ciência da computação, então eu vou esperar esse ano pra vê o que vou fazer, pra vê se eu vou pegar e acostumar a trabalhar e estudar, pra fazer uma faculdade, vamos vê o que acontece.

Geralmente quando eu saio com amigo assim, que nem finalzinho de 2008, ‘tava’ voltando lá da casa de um de um amigo meu, dois ‘pobrão’ a pé, voltando pra casa, aí para uma Ecosport com duas loiras dentro: ‘viu vocês sabem onde é a 31 de março?’ Daí eu falei: ‘é só seguir essa avenida’, daí o meu amigo falou: ‘não, você conhece o posto?’ Ficou parecendo àquela cena do Deb e Lóide, sabe quando para o ônibus? Aí ele falou: ‘não, vira aqui uma ruinha que já sai no Abimael já’, só que eu falei: ‘elas não conhecem nada aqui em Votorantim’ , dai elas perguntaram: ‘vocês tão indo pra onde?’, ‘estamos indo aqui perto, né?’, aí ‘sobe aí que eu levo vocês’, bom é que a gente começou a conversar e tal, aí: ‘a gente vai lá no canecão gelado’ uma coisa assim, é um bar lá eu nunca fui, não tem perigo só fica um pessoalzinho, ai eu pensei, ‘cara aqui a gente ‘tá’ no interior, se fosse em São Paulo... eu não queria entrar no carro, eu pensei, não, vão roubar nossos órgãos, ai ele: ‘cara pô vamos’, ai ele queria ir no lugar, mas é assim eu sô muito desconfiado, ai eu falei: ‘viu segue até a metade do caminho, ai é só descer e virar à direita, ai tem um posto lá’ e: ‘ah, gente já conhece ali’, ai: ‘então ‘tá’ bom, pare aqui na academia a deixa a gente aqui’, foi difícil, mas sei lá qual era a intenção, parecia pegadinha, ai saiu de lá, ai o moleque: ‘é legal né? falta oportunidade e quando tem você blá blá’ eu: ‘para vai’.

Ah, outra coisa, eu sou muito esquisito, que nem eu não durmo, não, não tenho sono, eu deito durmo, posso até dormir, mas que nem eu pra trabalhar eu acordo quatro horas da manhã, eu dormi ontem o dia inteiro eu dormi a tarde das duas até quatro e meia, que eu ‘tava’ um pouco cansado, que eu ‘tava’ com dor na costa dor no ombro, que faz tempo que eu parei com a academia, não parece, mas eu fazia academia. Ai perdi o que eu ‘tava falando mesmo?

Pesq.: Você falou que não gostava de dormir.

R.: Ah é, então, isso é estranho, eu não gosto de dormir, pra mim é perda de tempo, eu não gosto de dormir, é meio tonto, mas eu não gosto de dormi, é, e esse negócio de desconfiar, dizer na cara da pessoa é eu sempre fui assim desde pequeno, e eu sempre acertei. A Suzana, lembra que eu falei lá, que a minha mãe me largou por causa da menina, aí quando o *Spa* ‘tava’ quase fechando, indo à falência o negócio lá, o Dr. Miguel, falou lá com a mulher dele, e pessoalmente, ele ofereceu um emprego pra minha mãe começar a ‘trampá’ lá, só que ela pegou, como ela era mais nova foi e passou na frente da minha mãe, nunca gostei dela, não é porque a minha mãe me trocava por ela, é desde... Outra mulher lá também, amiga da minha mãe, da nossa família e tal e eu sempre ficava meio assim, a mulher é maior golpista, sabe? Não sei porque eu sempre fui assim, sempre, até que o cara do A. R (escola) mesmo, um colega nosso que vivia falando pra a gente: ‘vamos sair, vamos sair e tal’, aí eu falei viu: ‘o cara eu não sei e tal’, no fim ele ‘tava’ usando droga, entendeu? É um negócio que eu sempre tive.

Pesq.: E o que, que você faz, tipo, você observa a pessoa, o que, que desperta em você a desconfiança.

R.: Olha, eu, hoje em dia, procuro, eu quero conhecer a pessoa, pode ser que não vai aprontar, mas, tipo, era só... hoje em dia é assim eu pego e olho pra pessoa, não sei como, meu pai é assim também, pega, às vezes, até pega amizade, mas pra se safar na hora certa ou então pra livrar alguém que você sabe que vai se prejudicar. Eu sempre tive isso, desde pequenininho. Teve uma vez, eu era pequenininho e fui pra Bagé visitar a minha tia, o marido dela é do exercito e é sempre transferido, né? Então, conhece bastantes estados, eu já fui pra Brasília, o lugar mais idiota que ela vai morar, ela me chama, paga o avião, ela já morou no Rio de Janeiro, em Cuiabá, e quando ela mora em Brasília, eu sô um cara azarado, é de praxe, Brasília, não tem nada em Brasília, é um negócio assim plano, completamente plano, mas tudo bem eu fui né, tirei foto lá, eu vi o Lula, eu prefiro o Rio de Janeiro, apesar de não gostar... da cor porque eu sô muito branco, bom é... eu sempre tive isso, quando eu era pequenininho, eu entrando no ônibus, com a minha mãe, ‘tava’ no colo e tinha uma mulher na frente e eu odiei essa mulher, eu xingava: ‘tira eu daqui eu não vou entrar no mesmo ônibus que ela’. Duas semanas depois, quando a gente voltou, a minha tia contou que aquela mulher tinha sido presa, eu tinha quatro anos, três, quatro anos, eu não queria ela perto de mim né, eu não fui boca suja, então eu falei que não queria ela perto de mim. Agora quando eu fiquei sabendo tipo, que a minha tia me contou, né?

Pesq.: E você, nunca se enganou, assim desconfiou e depois a pessoa se revelou uma pessoa bacana.

R. Eu já desconfiei assim, de sentir e querer se aproximar de uma certa pessoa, tipo, de achar bonita a menina ou então achar que aquele cara lá, ele é meio mal, mas assim, querer se aproximar e acabar dando certo aquela amizade, já aconteceu isso, tinha um amigo que eu vivia dando chute nele na escola e hoje em dia a gente se tornou amigo e ele 'tá' no Paraná e ele ganhou a fazenda do vô dele, bacana. Eu me enganei, assim três vezes, são pessoas que eu não esperava assim, teve um negócio de falsidade muito grande, que eu fiquei admirado porque geralmente eu não... uma colega minha lá, que nossa, 'tava' fazendo minha caveira pra uns amigos meu, mas eles sabiam que não era assim, não acreditaram, e hoje em dia eu vejo nossa, ela 'tá' na mira de um monte de gente todo mundo quer bater nela. O que a pessoa pensa que é? Quer falar dos outros pelas costas e um colega meu uma vez, fez assim também e eu não perdôo, não perdoava, mas agora eu 'tô' melhor.

R: E um outro lá, foi um colega meu que a gente saiu junto, eu e mais uns amigos, fomos ao *shopping* e depois numa *lan house*, daí tinha um cara que queria bater nele por causa de um negócio lá, ai coisa idiota de jogo, sabe? Ai acabou que na hora eu não queria apanhar e eu quase apanhei. Depois nós batemos nele, uns 15, mas eu não parto pra porrada, ainda mais, que antes eu fazia luta. Não faço agora, parei um pouquinho agora, no começo do ano, fim do ano, porque acabou a grana, antes eu fazia desde o começo do ano fiz quase um ano Vale tudo, então eu descontava toda a raiva na luta, né? Ficava bem calminho. Tem coisa que a gente aprende que o professor fala: 'se vocês fizerem isso com um cara que não sabe nada, vocês machucam feio e se eu ficar sabendo, além de tirar vocês da academia eu parto vocês no meio.' O meu professor parece um ...tem 1,98m, gigante careca, nossa. E eu treinava jiu-jitsu também e o campeão era difícil tirar aquilo e eu conseguia era difícil eu perder. É outra coisa que eu quis focar, eu sempre quis focar nas coisas que eu gostava de fazer e que eu sabia fazer, eu nunca gostei da minha aparência e não gosto ate hoje.

Pesq.: O que, que incomoda?

R: Tudo eu procuro me supri, a única coisa que eu gosto em mim é o olho, eu acho a cor verde bacana, eu gosto porque eu não consigo ser frio porque eu não consigo ser frio, sabe? Eu sempre fui assim, de ir num lugar todo mundo ficar se divertindo e (faz uma careta de enfezado) Até quem não me conhece sabe, tipo, me vê andando na rua, quando eu 'tô' voltando do trabalho eu sempre (faz cara de enfezado), 'que cara nojento', mas é um negócio que dá pra perceber também quando eu 'tô' triste, quando eu 'tô' legal, eu acho uma coisa bacana. Meu cabelo, o cabelo eu não gosto do meu cabelo, motivo, meu pai é descendente de japonês e eu sempre quis ter cabelo de japonês, eu sou baixinho eu não gosto, sempre, eu era todo raquítico, daí com 13, 12 eu dei uma engordada daí agora que sai da academia que emagreci tal peguei um certo porte, agora também já 'tô' uma porcaria de novo. Mas a academia ajudou o problema da minha auto-estima, mas eu nunca gostei, procuro que nem, uso camiseta que eu gosto, que nem eu gosto de usar, que nem eu não coloquei agora, porque eu 'tava' deitado, mas eu gosto de usar corrente acho bacana pra caramba, curto pra caramba, se eu 'tô' com alguma coisa que eu gosto eu me sinto bem, mas eu nunca me achei bonito, é difícil eu me achar, sempre fui assim comigo. Antes eu tinha cabelo comprido ele era até aqui, na época que eu tocava e tal. Aquele cabelão lisão não parava, ficava caindo no rosto, primeiro nossa eu sentava e ficava três assim mexendo. Sei que é foda e nunca gostei, nunca fui com a minha cara.

Pesq.: Desde sempre ou agora você melhorou a auto-estima?

R: Em parte, mas nunca gostei, não sei por que eu nunca fui com a minha cara, olha eu aqui (mostra uma foto no celular)

Pesq.: Nossa olha o seu cabelo liso, liso, liso.

R: Essa era de quando eu era bem pequenininho, essa quando eu tinha treze.

Pesq.: Cabelo curtinho era escuro ou é por causa da foto?

R: É a foto. Quer ver vai vindo pra direita e você vai ver como eu era.

Pesq.: Nossa aqui você criança.

R.: Aí eu tinha uns onze anos.

Pesq.: Nosso loiríssimo, o que, que é isso aqui?

R.: É um jaiseman, sempre gostei de seriado japonês. Hoje em dia o único seriado que tem é o Power Rangers que imita sabe, e nossa eu sempre gostei de Jaspion, Jyiraia tinha tudo.

Pesq.: Aqui você devia estar imitando algum deles.

R: É eu tinha quatro anos, ai nessa foto eu tava ruim, ruim, ruim eu peguei catapora, ai como abaixou a minha resistência, eu fiquei muito doente, eu 'tava' muito doente, ai eu peguei tiraram essa foto, eu amarrei o pano e "iaaah", ruim, ruim, ate os seis, sete anos eu era bem, e ainda sou assim bem animado, eu saio, não fico quieto eu zôo todo mundo, ate com quem eu não conheço, tomo 'ergue' do segurança do shopping porque eu sou escandaloso, agora como eu te falei, aqui é o Bart que tinha ate pouco tempo atrás, antes de eu retalhar.

Pesq.: Que legal, o que é isso, o que representa isso.

R: É uma estrela ninja que eu comprei, na verdade é uma arma, usada em luta. Porque é assim, vamos resumir, antigamente mil e trezentos, mil e quatrocentos e cinquenta, quando tinha o império japonês, a grande guerra entre Japão e China, os grandes soldados eram samurais, como era chamado de império, império, que impunha muita coisa, o que eles fizeram? Teve muita família que começou a criar um tipo de luta que eram chamados de assassinos, uma técnica ninjutsu que vinha do nome ninja que tinha na família de japoneses e que não haviam briga entre famílias de ninjas, que nem eles matavam os samurais, matavam a família inteira e era um negócio de morte rápida, pescoço, cabeça, articulação, por isso se ele for atingir ele pega no ponto exato, pra paralisar, isso eu acho legal, e paralisa o braço, torce o braço, o braço fica imóvel é um negócio bacana, esquema de morte rápida, mas isso foi só para testar (mostra a foto da estrela ninja cravada na porta).

Pesq.: É só de enfeite ou é pra treinar?

R.: Eu já cravei na parede assim, na porta de madeira, tipo pra vê se funcionava, mas nunca testei em ninguém, meu irmão não deixou (risos).

Pesq.: É você R.?

R.: É de boné.

Pesq.: Que diferente, aqui seu olho 'tá' bem claro.

R.: É que a idéia era de, a é outra coisa bacana quando eu 'tô' muito, muito, muito nervoso ou muito apreensivo com alguma coisa, quando eu 'tô' preocupado, meu olho clareia bastante, ou doente, quando eu 'to' ruim, é difícil eu ficar doente, mas quando eu 'tô' doente nossa, é muito difícil eu ficar doente, no máximo uma vez por ano, mas quando eu fico... meu olho fica bem claro.

Pesq.: E aqui yamato?

R.: Ai é umas pulseiras dos eventos que eu fui. Esse é um dos meus mangás, fazia muito. Esse mangá comprei, no primeiro dia que eu fui à psicóloga, é, tipo, 'tava' meio assim, e 'tava' meio, assim, de não me interessar, não me interessar em nada ai eu peguei e comprei, ah e foi daí que eu comecei a curtir mais mangá, assim sempre eu gostei, mas nunca peguei porque é preto e branco, né? E é sem graça né, eu sempre não gostei de ler, ai eu ia via Dragon ball, ai eu comecei, ai eu comecei a colecionar mangá, isso é interessante, aí foi crescendo até hoje, hoje em dia eu gosto, e sempre vou gostar. O negócio era bem restrito, o primeiro evento que teve em 98, foram oitenta e três pessoas, hoje em dia vão...o último que teve, foram quase duzentas mil, foi muita gente, não dava pra andar, é ai que entra outra coisa que eu odeio, um negócio que eu odeio, é *poser*, sabe o que é *poser*?

Pesq.: Não.

R: Por exemplo, o cara fala que é fã do Slipknot, 'puta eu sô fã', 'fala cinco músicas', fala duas, tipo, moda, fala três nomes de integrantes na banda, eu odeio *poser*. É um negócio que, é tem muito, muito, muito anime, muito desenho, antes era muito restrito tinha o ??? e cavaleiros do zodíaco, nossa, agora é muito... Então, pode ser um pouquinho bonitinho que nossa, 'ai eu adoro anime', 'nossa eu quero' 'amo, nossa eu sou fã dele', nossa isso me irrita demais. E vai muito emo, nossa eu odeio emo, e vai aqueles 'emão' lá, aquela franjona 'ai que lindo' não sabem nem o que quer dizer. Psai, quem sabe o que quer dizer? Eu sei é uma dança indiana. Todo negócio eu procuro saber até pra jogar na cara de quem gosta, isso eu não gosto, é até gosto, quer provar 'fala então', o que eu gosto eu procuro saber, entender, e eu nossa, essa turma que vai lá... No ano passado eu fui à Japão Expo Fest, sabe aquela festa que teve ano passado? Eu fui, fui de ninja eu e um amigo meu, a gente se apresentou lá no palco. Nós 2 fazemos muay thai, então a gente improvisou uns golpes, ficou bacana, naquela época eu estava bem, hoje em dia eu não consigo espacar nem que... eu 'tava' isso aqui do chão, vixe hoje em dia eu 'tô' mais duro que... foi, foi bacana, ainda que, e comigo sempre acontece alguma coisa errada, ai eu 'tava' com a espada uma espadinha de plástico, né? Pra fazer, né? Aí no chute aéreo que a gente deu a minha espada voou e eu não vi, ai na parte de traz a espada, que eram 2, ai ninguém viu, né? A eu fui tirar, de ninja tudo bonitinho, né? Achando que era comédia, ai eu fui lá e peguei a espada do chão, cocei a cabeça, ai eu fiz o que eu sei fazer, ser palhaço.

Pesq.: Você sabe ser palhaço?

R.: A é assim que eu conquisto bastante gente, ai nisso tem muita, muita gente, hoje em dia tem muito colega, tanto é que eu trabalhei com vendas, meu pai conhecia bastante gente, bastante amigo, amigo da firma que eu trabalhei, escola então isso é uma brincadeira que eu faço. É assim eu sou bem humorado, assim eu mesmo, eu assim comigo sou uma pessoa muito mal-humorado, sabe 'tá' sempre de mau-humor, quando eu acordo eu odeio que fale comigo, odeio que fale comigo quando eu acordo, eu gosto de silêncio, pra dormir eu odeio que fale comigo, eu gosto de silêncio, é acho que puxei esse meu lado oriental. Bom aí entre uma brincadeira e outra, o pessoal vai me conhecendo, ai depois que vai conhecendo tipo o R., sabe? Vai saber o que eu gosto, como eu me sinto com certas coisas, porque geralmente quem conhece gosta de verdade de mim, aí é meu amigo meu colega, tenho bastantes irmãos de consideração, como o S. o V. que eu conheço desde que eu mudei pra cá e eles me conhecem e eles gostam bastante de mim e eu gosto muito deles assim, minhas ex que, às vezes, ficam bravas de eu não querer falar mais porque eu sou meio assim, então elas gostam bastante. E é isso eu sei que é engraçado, eu sei cativar a pessoa, como eu sei magoar, eu sei mentir, sei iludir, fazia muito isso, brincava e até que eu pensei 'tá' errado, pelo menos ao ver da maioria, que nem o filme lá da Fábrica de chocolate, 'até eu sou comestível mas isso não é bem visto pra certas comunidades', se você quiser você faz, mas a maioria.

Pesq.: Mas você, você acha que é errado é mentir, iludir?

R.: Já mentiram pra mim, já me iludiram e eu não gosto e se eu não gosto que façam comigo... só que eu era, era não, ainda eu sou, bem menos, vingativo, pisou feio na bola cara, pode ter certeza que ai eu vou dar em dobro, eu 'tô' completamente errado mas nossa, é bem menos que antes, eu vou pagar na mesma moeda. Que nem a primeira namorada que eu tive, ela tinha quinze anos, eu 'tava' com esse cabelo (mostra foto do cabelo comprido) uma japa, aí a gente ficou por quatro meses, daí ela foi pra Curitiba no final do ano de dois mil e cinco, mandava mensagem, ligava: 'ai eu não consigo esquecer de você', até teve uma amiga dela que gostava meio de mim, sabe? Uma outra japinha, sabe? E eu de boa. Aí ela pegou e voltou, voltou estranha, ai ela falou: 'ai é que eu fiquei com um cara lá e acho que vai dar certo', falou sabe, acabou comigo, e é sempre assim eu tinha medo de me relacionar com as pessoas e quando eu me relaciono com a pessoa eu dou tudo de mim, isso acabou comigo, aí eu fiquei com a amiga dela, na frente dela, ela ficou... aí ela falou 'ai pra que fazer isso', mas eu 'tava' ruim, sabe? Então faz tempo que eu não faço essa tipo de coisa, nunca me deram motivo, foi o que eu falei é a gente 'tá' preparado pra alguma coisa quando acontecer, que nem nunca mexeram comigo, nunca fui de briga, mas eu gostava de fazer luta, eu achava legal, acho bacana, may thai, hoje eu não sinto mais nada na canela, coxa, minha coxa é dura por causa do chute, eu não fazia perna na academia, barriga nossa eu acho muito legal, 'da hora' você descarregar, faz amizade, que nem no jiu-jítsu, meu professor pegou e falou que eu tinha facilidade, trabalhou jiu-jítsu, em cima, em cima, eu tenho noção, eu sei lutar, só que nossa os caras 'grandão', acaba que deitava no chão, eu lutei no campeonato que teve 'lá' na academia, eu ganhei dos brutos montes, só que eu era do Vale Tudo, levava tudo pro chão, eu ganhava no chão, tenho muita força no chão, os caras 'grandão' que fazia academia com a gente não conseguiam me pegar', e eu achei né, fazia pouco tempo que eu tava fazendo academia uns cinco, quatro meses uns

grandão lá, e eu me virando, foi bom pra descarregar raiva e eu fiquei em 2º lugar no campeonato, agora se alguém mexer comigo, se mexer mesmo, eu arreberto, nunca tive nenhum motivo. E esse negócio também, depois da segunda namorada eu fiquei maior tempo, assim, só saindo, aí bebi, assim nunca, nunca fui de encher a cara, já fiquei bêbado algumas vezes, mas assim eu bebi só pra saber o que ia acontecer, mas não bebia que nem alcoólatra, coisa que meu pai, meu pai não pode ingerir álcool, meu pai fica assim roxo, prende a respiração dele, meu irmão também, eu graças a Deus não. Aí saia, saia, saia, aí eu conheci a T. mais velha que eu, 19 os cara falando ‘ela vai pegar você pra criar, que bonitinho’, eu falava: ‘pega pra criar mesmo’, aí deu errado também. Agora ano passado, quanto mais você corre atrás de alguém aí mesmo que você não consegue, só achava tranqueira, é difícil achar uma mulher certinha, aí agora parece que apareceu uma garota legal, ‘tá’ dando certo, né? Faz umas duas semanas, mas é isso, ‘tô’ procurando me relacionar bem com quem eu quero. Eu odeio ficar sozinho, pra mim é um terror ficar sozinho, porque eu já fui sozinho e é a pior coisa.

Pesq.: Como era essa época que você falou que foi bem difícil.

R.: Eu não tinha amigo, eu não tinha com quem conversar, ninguém conversava comigo em casa, não tinha amigo nessa fase dos 12 aos 14 anos

Pesq.: Foi nessa fase que você entrou em depressão?

R: Foi. É foi nessa fase dos 14 aos 15, é foi, porque com quinze foi quando eu namorei pela primeira vez então, já... então quer dizer eu não sou de todo mal. Deu uma levantada na auto-estima. Mas era horrível, porque, tipo, eu tinha amigo pra jogar bola, pra empinar pipa coisa que eu sempre achei a coisa mais idiota do mundo, pegar lá um pedaço de papel, as varetas no ar, idiota, é eu não vejo graça nenhuma, eu sempre gostei de praticar esportes vôlei, basquete, futebol, eu sou uma negação em tudo, mas eu sempre gostei de jogar, tenho algumas coisas boas, que nem futebol eu sempre coloco na frente, dificilmente eu levo um gol, chuto fora, vôlei eu sou baixinho, mas eu sou rápido, única coisa que eu não me dei bem é basquete, só por causa da rapidez mesmo, mas a mira, meu irmão era bom, meu pai também era bom, então família é meio... assim mas, nada promissor sabe nunca, é sempre tive pingue-pongue, pebolim eu brincava de tênis na casa de um amigo meu, ficava jogando lá e tal, sempre gostei de fazer esporte, eu tinha amigo pra fazer isso, mas não era aquilo que eu queria, queria alguém pra conversar, eu sempre senti vontade de ter alguém pra me ouvir, pra me entender, pra poder me dar um conselho, ninguém me deu, até três anos atrás, depois disso começou a acontecer, que era amigo de conversar, dar uns toques, minha mãe começou a ver que eu ia começar a me perder, também começou a falar mais, começou a ver que ‘tava’ me perdendo, meu pai percebeu, que eu ‘tava’ uma pessoa muito diferente do que eu era, então começo mudar, a conversar mas, mas eu nunca tive atenção, pra ensinar, saber certas coisas, que nem quando eu perdi o ‘bv’ ninguém ficou sabendo, quando eu deixei de ser virgem, ninguém ficou sabendo, meu pai percebeu ainda, né? E eu nunca quis falar disso, minha mãe chega e fala, ‘quer falar alguma coisa você ‘tá’ ficando com alguém?’ Que nem essa última agora eu contei, a outra lá um ano e pouco minha mãe ficou sabendo depois de quase um ano que eu ‘tava’ namorando ela.

Pesq.: ‘Tava’ terminando quase.

R.: Praticamente, aí ela foi conhecer a menina, a menina tinha feito curso de cabeleireiro, minha mãe 'ai cabelo', nossa daí era uma boa menina, xingou porque eu terminei, meio brincando. Eu não sei se isso é bom, eu me senti nesse negócio de ficar sozinho longe, era de botar medo, é, ser impenetrável assim, em conversar em sentimento, que nem quando minha mãe vinha falar eu era estúpido, que eu já 'tava' ruim e ela vinha falar e eu era estúpido, 'você vai ficar de castigo', 'tá' bom, 'você vai ficar', então deixaram de ser besta, pararam de coisar, isso ajudou, porque agora eu conto quando eu quero, geralmente eu quero, não tem por que não querer, eu vivo, moro naquela casa, dependo deles pra viver, pra comer, pra sobreviver, nada mais justo do que ajudar e compartilhar a minha vida, eu levo as coisas meio pro lado lógico, que o lado emocional eu já deixei de levar muito tempo, tem isso eu gosto demais, e esse medo de ficar sozinho que começou a me fazer assim, tenho medo assim, sabe? Tipo, fiquei meio estúpido e tal, mas por isso que quando vem falar comigo eu sou meio chato, isso sabe, só se a minha mãe fizer alguma coisa assim aí sim, por isso que eu tenho tão poucos amigos, amigos de verdade eu tenho poucos, mas eu tenho bastante colega, amigo gente que eu posso contar pra certas coisas, mas pra tudo, tudo é pouco, na verdade é amigo de verdade, mas falar de amigos eu tenho bastante, eu acho legal pra caramba.

Pesq.: Não eu acho que eu queria pergunta mais assim do começo, você falou que sua mãe e seu pai davam muita responsabilidade pra você, que tipo de responsabilidade era de cobrança como que é?

R.: Cobrança, tudo, cobrança, o que não fazer errado, como ser um ótimo garoto, cobrança de não decepcionar eles, de ser bem apresentável pras visitas, tem que ser num sei o quê. Meu pai tinha muita grana em São Bernardo e sempre em contato com o pessoal né, bacana até vim todo mundo pra cá, então como eu era mais velho eu sempre tinha que ser... entendeu? E sempre fui muita cobrança assim, mas no fundo eu fiz tudo assim, fiz tudo ou então, coisa de casa, 'aí criança não se preocupa com problema', mas eu via eles discutindo, e sabia, meu eu tinha 10, 11 anos, eu sabia tudo o que acontecia involuntariamente, eles me forçavam a ter ... eu já era meio propício a saber um pouco de mais coisas que uma criança da minha idade não saberia associar, isso já acontecia, e eu sabia, aí quando eles viram que falaram demais, 'agora ele quer saber coisa que ele não vai sentir bem', já foi.

Pesq.: Quando você começou a falar da academia, você falou que é focado, você tem um foco, além da academia que você ficou pra descarregar raiva e tal, o que mais assim que meta você tem, ou que você já teve, ou que você fez.

R.: Em questão da academia?

Pesq.: Não na vida em geral.

R.: A vou começar pela academia, queria como eu falei, queria colocar o R. naquilo que lembra? Sempre me foquei em desenho, sempre me foquei em música, sempre me foquei em ler, quis sempre me focar na academia pra que ser bom em alguma coisa em luta. Eu era bom, eu não vou falar... ser modesto, eu gostava, eu era bom, o professor falava, que era um dos primeiros entre os caras grandão, eu era bom. Eu 'tava' fazendo academia, 'tava' fazendo musculação, 'tava', eu me via mais bonito, me sentindo mais legal, mais a vontade, apesar que eu me olho no espelho 'puta que cara feio', até hoje.

Foi o que eu falei, focava, procuro focar naquilo que eu sei que vou me dar bem, que eu sei que tenho uma facilidade, negócio de eletrônica e outras e isso que eu pensei em fazer, faculdade de engenharia da computação, sempre gostei de mexer no computador, nunca fiz curso de computador, nunca fiz curso de inglês, sei mexer em computador, sei inglês, desenho, sei tudo isso. Cantar na época que a gente ‘tava’ com a banda, procurava saber cantar e tal, achava gostoso, sempre achei gostoso, de fazer aquela voz (urghhhh) sempre achei legal. Jogar, sabe aquele jogo de tiro *conteur strick*? Eu tinha um time, a gente disputou regional, tipo, a gente ficou em segundo, eu era o líder do time, outra coisa acho interessante também você saber, eu sempre fui ... Ah! olha o tamanhinho do meu mestre (mostra uma foto). Capitão, líder, sempre me designavam a isso, e por causa dos da...

Pesq.: E você gosta de ocupar essa posição?

R.: Gosto, porque, às vezes, que sai todo mundo, toda vez, todo mundo vem falar comigo: ‘R. chama o pessoal’, ‘onde nos vamos agora?’ Porque a turma todo dia sempre quer que eu vá, tal, que nem ai ela gosta de num sei o que e lá tem, sei lá é acho que é por isso, daí o time de *conteur strick* tem uma estratégia, não é só um joguinho, tem estratégia né, de combate, fica um aqui cuidando da base e tal, então eu designava via em que cada um era bom, ‘bom aquele é bom em uma tiro à distancia’, então ele fica ali cuidando da base, e eu designava e a gente ficou em 2º, é, é ‘responsa’, mas se a gente você bom ficava em 1º, entendeu? Fazer o quê? Eu dei o eu melhor, os caras eram bons mesmo, os cara já foram os melhores jogadores brasileiros, né?

Pesq.: Você tem muita foto então aí.

R.: Tenho. Tem setecentas. É que eu não apago, a memória dele é grande, ai eu não apago, ai essas daqui são os mangás que eu inventei.

Pesq.: Nossa! Você nunca fez curso?

R.: Não. Eu pegava revista. Meu tio é desenhista profissional, faz tatuagem, minha mãe tem tatuagem, minha família inteira tem tatuagem, ela vai fazer pra mim, mas ele não vem pra cá, ele falou que quando eu fizesse 18, ele faria um dragão nas minhas costas.

Pesq.: Você ‘tava’ falando do símbolo do dragão o que ele representa?

R.: O dragão? Virtude, coragem, força, vontade de vencer.

Pesq.: E esses desenhos são os que estão no seu mangá?

R.: É.

Pesq.: E você se baseou em você? Você falou que era a sua história.

(Esse trecho da entrevista foi suprimido em decorrência do pedido do adolescente)

Pesq.: Você tem mil facetas R.

R.: É isso que eu falei, eu consigo ser muitas coisas.

Pesq.: Muito bacana. Espero que você publique isso. Você que ‘tá’ aí nesse meio, normalmente as pessoas fazem as histórias inspiradas na própria vida ou isso também é original da sua parte.

R.: Tudo é inspirado em desenho que já existe, os famosos covers. Que nem tem o Digmon e o cara lança, monstrinhos mom, ó não é cola também, tem um bichinho com cara de cachorro só que é vermelho. Eu procurei ser o mais original possível, ninguém tem história que nem a minha, pode até ter coisa igual, né? Igual do dragão dos elementos, que nem tem o Avatar, o desenho é dos elementos, eu fiquei puto quando eu assisti o Avatar, eu falei nossa: ‘olha a minha idéia aí’, a idéia era essa aí, era só falar dos elementos lá, o negócio antigo e tal só que daí falei: ‘vou ter que inventar outra coisa, acabou com a minha tese. Mas eu consegui pegar um tema bacana, é que nem eu falei, pra quem eu contei a história tudo certinho, meus amigos que gostam, achou super bacana. O ápice do desenho é aquele negócio lá, você vê nos episódios, ele chorando por ela, ele lutando por ela morta, ela revive e fala que era tudo mentira, aí é como se ele perdesse a alma.

Pesq.: E quem que é a Saiuri da sua vida, o que ela representa?

R.: Aí tem outra história, você não viu na classe uma Yume, uma japonesinha? Meu, eu olhei aquela menina lá desde a 4ª série no A., eu comecei a, quando eu entrei na quarta série, foi paixão, assim, até hoje, assim, foi quem eu mais amei, assim, em toda a minha vida e ela nunca ficou com ninguém até hoje, nunca beijou na boca, assim, sabe? Tem ela na história, mas a idéia que eu quis ter com ela era a Saiuri, sendo que na história ela exerce um outro tipo de papel, na história ela é a outra metade, assim, que foi cedida quando a Saiuri morreu, foi dividido de novo e tal e ela que ajudou, ajudou o Art no negócio, porque é uma historia longa com ela também, a Yume eu sempre gostei dela, e ela nunca gostou de mim, eu tenho amizades com ela desde 2007, aí a gente ficou amigo, mesmo assim, foi muito bacana, eu me abri pra ela, eu sentei com ela uma vez e falei tudo que eu sentia por ela, nossa foi a declaração mais assim que eu já fiz na minha vida, aí ela falou ‘ai eu não sei o que falar’, não tem o que falar ‘me dá um beijo’ e ela, essa menina é a coisa mais linda que eu já vi, mas nunca vai dar certo, agora eu não vejo mais ela, tem que deixar assim agora, já me decidi é a mais inteligente de classe, CDF. Outra coisa eu sempre fui CDF, eu sempre me dediquei eu sempre fui o melhor aluno da classe, e sempre me zuavam, aí eu cansei, agora eu parei, larguei, sempre tirei nota boa, mas não tomava a frente do jeito que eu tomava, só quando tinha esse negócio em grupo, aí falavam: ‘vai R.’, ‘você vai falar’, não nunca liguei, sempre gostei de expor as minhas idéias, é isso, mais alguma pergunta?

Pesq.: Olha R., eu ficaria uns 3 dias conversando, falar que eu não tenho mais pergunta, eu tenho, tenho muita curiosidade, de explorar. Você deve estar cansado também, são quase 2 h falando. Eu só tenho a agradecer a sua disponibilidade.

Anexo XIV

Pré-indicadores entrevista, de história de vida, com R.

Falas	Pré- indicadores
<p>Ah, eu nasci em São Bernardo do Campo, aí meu pai vendia carro, a minha mãe trabalhava no banco antes de eu nascer, ai ela largou o serviço pra cuidar de mim, né? Aí eu morei lá até uns cinco anos, até uns cinco, seis, aí em 96 nasceu o meu irmão, aí deu uns probleminhas lá e a gente veio pro interior, saímos de São Bernardo que era um lugar, São Paulo e São Bernardo que eu tinha muita vontade de voltar até um tempinho atrás, antes de eu começar a ter amigos de verdade, que nem eu tenho hoje, entendeu? Aí viemos pra Boituva, meu irmão nasceu em São Bernardo, aí fui pra Boituva, aí depois eu fui pra Sorocaba, e depois pra Votorantim, isso já faz 8 ou 9 anos, aí nesse meio tempo, aconteceu, tipo, muita coisa que me deixa chateado de uma certa forma, que nem é... eu era meio mimado e tal, só que eu nunca me vi assim, nunca me liguei, minha mãe sempre falou que fui meio adulto pra minha idade, sabe? E, e de certas brincadeiras eu não gostava, que faziam, e tem gente que não gostava de mim, porque eu era assim. E com seis anos meu irmão nasceu e eu sempre fui filho único né e tal, só que daí mudou muito a atenção e até hoje é assim, sabe? Aí foi meio, meio petrificante, petrificante pode ser meio forte, mas foi meio por esse lado, aí viemos pra cá e não tinha amigo nenhum aqui, tinha um ou dois no máximo.</p> <p>Olha a pior fase, foi dos dez aos treze, dos dez aos quatorze, a pior fase. Até hoje eu, a minha auto-estima é bem baixa, a pior coisa, horrível, coisa de você pegar e olhar e... não tinha vontade, sabe? Aí eu fui agindo meio individual, parece que não mais até os seis anos eu fiz as coisas sempre sozinho e até hoje é assim, apesar de ter dois irmãos, eu sempre faço tudo sozinho, alguma coisa com amigo, sabe? Mas é bem difícil, ai é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música. Mas é bem difícil, ai é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música, aí também isso já foi mudando, provei de tudo, aí conheci rock-metal, achei mais legal, aí eu já fui pegando e hoje em dia eu escuto assim nesse nível, só não curto pagode essas coisas assim, não suporto mesmo, só se eu estiver num lugar com a namorada ai vai, ai vai. Aí aos treze, catorze, já, já fui descobrindo coisas novas, sabe?</p> <p>então a pior idade foi dos treze aos catorze. Com treze minha mãe levou eu na psicóloga, e fez teste lá, aí ela diagnosticou que talvez eu teria QI a mais, ai fez teste de raciocínio, ai eu fiz, ai constou que deu um pouco acima, eu sempre achei nada a ver, mas é fiz. Daí minha mãe foi lá e me tirou, eu até que ‘tava’ achando legal, era um</p>	<p>Infância e adolescência</p>

negócio meio assim, que ela fazia: teve uma vez que ela pegou e “hoje a gente vai pegar e vai doar não sei o quê pra uma instituição, quem quiser dar alguma coisa, dá o que quiser” e tipo, ‘tava’ na cara que não ai ter, sabe? E eu já, né? Tudo ai eu peguei e tirei a minha sandália e deixei assim, ai ela: “ai você é muito, muito, ai sabe você não se prende a certas coisas” né, né nada a ver, é só pra testar, mais no fim era legal, eu conversava, ela tinha uma estagiária que eu fazia desenho lá, daí ela “olha o desenho não sei o quê” aí no final eu fiquei mais animado, eu estava me animando, aí minha mãe me tirou, e começou tudo de novo.

Pesq.: E você sabe por que sua mãe te tirou?

R: Não, depois que começaram a falar, porque, ai eu não sei explicar o porquê

Mas sempre caiu muita responsabilidade em cima de mim, hoje não cai tanto, mas, assim, é porque eu compartilho, eu ajudo em casa quando eu posso financeiramente, vou faço alguma tarefa, mas difícil, agora que ‘tá’ mais fácil com meu irmão, porque meu irmão é diferente de mim, eu aprendi cedo, que nem sair pros lugares e comprar pão, assim, sabe? De não ter vergonha, sempre fui desinibido, meu irmão não, ele é bem tímido, também tem a coisa que a minha mãe prende ele

Porque a idéia do meu pai é assim, ama a gente acima de tudo, isso ‘tá’ eu sei, mas ele procura sempre empurrar, fazer você sempre ir calejando. Já, minha mãe não, ela quer, quer prender a gente e tal, mas não foi o que ela fez comigo, porque ele não deixou, eu saía trabalhar com ele, quando ele saía trabalhar, ele saía vendia aguardente, bebida, é quando ele saía em Boituva, eu tinha dez, oito, nove, sete anos, eu sempre ia com ele, eu ai aprendendo a malícia de falar e tal. Apesar de tudo, de dentro mesmo, eu sempre fui tímido, é um negócio, que nem que eu falei pra você que eu trabalhei, tinha que ir em banco, tinha que ser sociável, nossa no inicio... foi ai que mudou bastante a minha vida, é não me ‘sociava’ com ninguém até coisa errada que eu via, alguém cortar, assim, a fila eu: ‘deixa quieto’, negócio que hoje em dia... nossa mudou bastante!

quando eu tinha quinze, quinze, dezesseis, eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava todo dia e, assim, minha mãe ficava com dó, mas achava que era frescura, meu pai, assim, no inicio achei que ele me xingava: “sai dessa cama não vai adiantar nada isso, não vai dar certo”, apesar disso ser uma doença eu já pesquisei eu já fui atrás pra ver o que que é, que realmente não tinha motivo pra eu ‘tá’ que, na verdade tinha, né? O que ‘tava’ acontecendo em casa, amizade, assim, que eu não tinha tanto, foi o negócio que acontecia em casa, como eu sempre fui muito receptivo de tudo o que acontece, eu peguei. E ele sempre falando: “sai daí”, né e ajudou? Ajudou. Há um tempo quase me deu de novo, só que eu fiquei pensando não vai acontecer nada, eu não

<p>vou passar por isso de novo e tal, pensamento positivo</p> <p>Eu não tinha amigo, eu não tinha com quem conversar, ninguém conversava comigo em casa, não tinha amigo nessa fase dos 12 aos 14 anos</p> <p>Outra coisa eu sempre fui CDF, eu sempre me dediquei eu sempre fui o melhor aluno da classe, e sempre me zuavam, aí eu cansei, agora eu parei, larguei, sempre tirei nota boa, mas não tomava a frente do jeito que eu tomava, só quando tinha esse negócio em grupo, aí falavam: ‘vai R.’, ‘você vai falar’, não nunca liguei, sempre gostei de expor as minhas idéias, é isso, mais alguma pergunta?</p> <p>R.: Praticamente, aí ela foi conhecer a menina, a menina tinha feito curso de cabeleireiro, minha mãe ‘ai cabelo’, nossa daí era uma boa menina, xingou porque eu terminei, meio brincando. Eu não sei se isso é bom, eu me senti nesse negócio de ficar sozinho longe, era de botar medo, é, ser impenetrável assim, em conversar em sentimento, que nem quando minha mãe vinha falar eu era estúpido, que eu já ‘tava’ ruim e ela vinha falar e eu era estúpido, ‘você vai ficar de castigo’, ‘tá’ bom, ‘você vai ficar’, então deixaram de ser besta, pararam de coisar, isso ajudou, porque agora eu conto quando eu quero, geralmente eu quero, não tem por que não querer, eu vivo, moro naquela casa, dependo deles pra viver, pra comer, pra sobreviver, nada mais justo do que ajudar e compartilhar a minha vida, eu levo as coisas meio pro lado lógico, que o lado emocional eu já deixei de levar muito tempo, tem isso eu gosto demais, e esse medo de ficar sozinho que começou a me fazer assim, tenho medo assim, sabe?</p>	
<p>Olha a pior fase, foi dos dez aos treze, dos dez aos quatorze, a pior fase. Até hoje eu, a minha auto-estima é bem baixa, a pior coisa, horrível, coisa de você pegar e olhar e... não tinha vontade, sabe? Aí eu fui agindo meio individual, parece que não mais até os seis anos eu fiz as coisas sempre sozinho e até hoje é assim, apesar de ter dois irmãos, eu sempre faço tudo sozinho, alguma coisa com amigo, sabe? Mas é bem difícil, ai é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música, aí também isso já foi mudando, provei de tudo, aí conheci rock-metal, achei mais legal, aí eu já fui pegando e hoje em dia eu escuto assim nesse nível, só não curto pagode essas coisas assim, não suporto mesmo, só se eu estiver num lugar com a namorada ai vai, ai vai.</p> <p>mas é isso ai muita coisa me influenciou, amizade, a música mesmo, eu fui, todo sentimento que eu tinha eu passava pra musica, tocando eu cantava, mesmo tendo a voz feia eu cantava</p> <p>por isso que eu fui passando, pro papel e pra música, tudo que eu sentia ajudou e muito pra mim, as coisas quando falavam, e quando</p>	Música

<p>eu tinha quinze, quinze, dezesseis, eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava todo dia</p> <p>Ai é incrível, como isso aconteceu [depressão], ai depois que acabou a banda, né? É assim, terminei com a menina que era baixista, ‘tá’ bom um baixista a gente arranja, ai o outro começou a ir à Igreja Adventista daí ele, tipo, parou de ouvir música e coisa e tal. O nome era Ivetur, porque eu e o meu amigo a gente trocava, eu tocava e cantava, e o amigo meu tocava e cantava também, ai ficou nós dois e agora? Aí ele falou: ‘cara eu vou pra São Paulo’, tipo, vou montar um banda com meu gato, minha irmã, o que eu vou fazer? Tocar reco-reco? Aí até me chamaram e tal, pra tocar numa banda de uns amigos meus, mas acabou não dando certo.</p>	
<p>nunca me liguei, minha mãe sempre falou que fui meio adulto pra minha idade, sabe? E, e de certas brincadeiras eu não gostava, que faziam, e tem gente que não gostava de mim, porque eu era assim.</p> <p>Tipo, eu achei que foi um pouco cedo, acho que até por isso que eu com dezoito já, noivei um mês, assim, namorei ela quase dois anos, ela era mestiça, eu adoro japonesa, aí ela foi pro Japão, minha idéia era ir junto com ela, casaria pra pode ficar lá, meu sonho é ir pra lá, mais aí não deu certo</p> <p>Com treze minha mãe levou eu na psicóloga, e fez teste lá, aí ela diagnosticou que talvez eu teria QI a mais, ai fez teste de raciocínio, ai eu fiz, ai constou que deu um pouco acima, eu sempre achei nada a ver, mas é fiz.</p> <p>só tinha amigos mais velhos do que eu, era difícil ter alguém da minha idade, hoje em dia todos meus amigos são da minha idade, continuo tendo amizade com caras mais velhos, com gente mais velha, minha namorada era mais velha, eu namorei três vezes, bom essa é a quarta agora, bom tá no comecinho, nem sei... essa é mais novinha, mas as três foram mais velhas, não sei porquê tinha coisa que não batia, mas agora nesse ano 2008, eu ‘tô’ ficando com gente mais nova do que eu, e fui vendo, né, porque se eu acabo me prendendo num negócio mais sério, aí eu sempre acabo me envolvendo em coisas mais sérias</p> <p>acho bom conversar com alguém que tem mais experiência, alguém que é mais velho, que tem a mente mais aberta, é tudo, eu adoro conversar com gente que tem a mente mais aberta, que são pessoas que geralmente me entendem, sabe? É bom, sabe?</p> <p>Que era um negócio que eu nunca me senti querido em casa eu acho que não é coisa da minha cabeça, tanto é que um monte de vezes minha mãe já pediu desculpa. Já separei muitas vezes, tipo meu pai e minha mãe, tipo, meu pai nunca partiu pra agressão física, mas o meu pai tem o gênio, muito, muito forte, então assim separei os dois</p>	Sou precoce

<p>quando brigavam, gritavam e tal e eu ficava acordado a noite, pra tentar impor o negócio e por eu... só acontecia ate 2006, então eu sempre tive que ‘tá’ assim um pouquinho sempre mais a frente pra poder tentar acalmar as coisas em casa</p> <p>Cobrança, tudo, cobrança, o que não fazer errado, como ser um ótimo garoto, cobrança de não decepcionar eles, de ser bem apresentável pras visitas, tem que ser num sei o quê. Meu pai tinha muita grana em São Bernardo e sempre em contato com o pessoal né, bacana até vim todo mundo pra cá, então como eu era mais velho eu sempre tinha que ser... entendeu? E sempre fui muita cobrança assim, mas no fundo eu fiz tudo assim, fiz tudo ou então, coisa de casa, ‘aí criança não se preocupa com problema’, mas eu via eles discutindo, e sabia, meu eu tinha 10, 11 anos, eu sabia tudo o que acontecia involuntariamente, eles me forçavam a ter ... eu já era meio propicio a saber um pouco de mais coisas que uma criança da minha idade não saberia associar, isso já acontecia, e eu sabia, aí quando eles viram que falaram demais, ‘agora ele quer saber coisa que ele não vai sentir bem’, já foi.</p> <p>é o lado do cérebro que a gente não usa, quando você desenvolve esse lado do cérebro, você pode ter, você passa a obter o poder de resistência física, autocura, tem gente que tem muito poder de autocura, que nem ‘tá’ doente e se recupera rápido, ou o poder de telecinese, de poder mover coisas com o pensamento, perceber. E o Art no desenho, ele é diferente, ele tem os dois, é por isso que ele entra sempre entra conflito, sempre meio louco e tal, aí ele descobre que tem sangue de dragões correndo nas veias dele, que o ancestral dele</p>	
<p>Tipo, eu achei que foi um pouco cedo, acho que até por isso que eu com dezoito já, noivei um mês, assim, namorei ela quase dois anos, ela era mestiça, eu adoro japonesa, aí ela foi pro Japão, minha idéia era ir junto com ela, casaria pra pode ficar lá, meu sonho é ir pra lá, mais aí não deu certo</p> <p>tem pôster do Jack Chen, por exemplo, eu gosto bastante do Jack Chen</p> <p>pensamento positivo, que é um negócio que eu e meu pai a gente tem bastante, assim, que realmente a gente consegue, tudo certinho, até que a minha mãe fala: “ai, fala que você vai achar uma nota de R\$100 que você consegue”. Eu e meu pai sempre, nossa na S. (empresa em que trabalha), a semana em que me chamaram, eu já tinha feito o teste lá, eu pensei: “seria bom se me chamassem”, 2 dias depois eu comecei a trabalhar. Meu pai também, ele vende moto: “bem que eu podia vender uma twister, tal”, daí ligam pra ele: “viu eu vi seu panfleto que você deixou comigo no ponto de venda.” É um negócio que, é o subconsciente, eu acho que tem a ver, esse negócio de energia positiva, pra ver o que vai dar certo, tem tudo a ver, né? Eu acho bom, tem o negócio meio oriental, meu pai</p>	<p>Adora o Japão: cultura, mulheres, comida</p>

sempre carregou isso e me passou, sabe?

meu sonho é casar com uma japonesa.

Pesq.: De onde vem esse gosto por japonesas?

R.: Agora você tocou num negócio maldito, a tara por japonesa, eu nunca soube explicar, quando eu era pequeno eu vivia na casa do meu primo, meu primo, o irmão da minha mãe, ele casou com uma japa, e teve o Gabriel, ele casou com ela por causa disso. Meu primo sempre foi um dos meus melhores amigos, hoje 'tá' mais difícil de eu ver ele, porque ele mora lá em São Paulo, mora em São Bernardo do Campo e também ele 'tá' com esse negócio do vestibular, ele não passa é o segundo ano dele tentando medicina e ele não quer fazer medicina, só que os avós dele *batcham* e *ditcham* são, são fogo. E eu vivia nesse meio, porque meu pai também, os parentes do meu pai, meu pai é mestiço também, eu via as fotos lá em casa e 'nossa que 'da hora', eu era pequenininho também, eu não sei eu acho que isso ficou. Porque era mais grave esse negócio, todas as namoradas que eu tive, todas foram japonesas, as meninas que eu ficava assim, que me atraía, assim, era japonesa ou morena eu gosto, sabe? E, é engraçado, eu não vejo nenhuma graça em loira de olho claro, assim. É uma coisa que eu acho engraçado, assim, uma vez eu sai com o meu primo, fui eu e três amigas dele, uma ruiva, uma loira de olho azul linda a mina também, e uma japonesinha, todos acharam ela sem graça e eu achei a menina mais linda a japonesa. A japonesa gostou do meu primo, a loira gostou de mim e a ruiva gostou dos dois. Aí a ruiva ficou chupando o dedo e eu também, porque a japonesa gostou do meu primo, mas ele não gostou dela, porque ele não gosta de japonês, porque ele convive só com japonês e ele queria a loirinha, gamou na loirinha, e, eu não vi tanta coisa assim.

Ah, então, isso só foi crescendo, tanto é que se você vê meu orkut lá, meus amigos falam que é uma colônia japonesa no orkut, os únicos que eu adicionei no meu orkut que não são japoneses são os meus amigos, o resto é tudo de olhinho puxado, a e só meus parentes também, não sei eu sempre gostei.

A cultura a comida, tudo me atrai, tudo, tudo, tudo, a comida a cultura deles, a idéia do modo de expressar, aquela certa ingenuidade que elas têm, a mente aberta, que nem tipo, a gente vê desenhos aqui, aparece coisas no Brasil que lá é proibido. Tipo é um negócio que a minha namorada falou quando 'tava' no Japão, quando ela 'tava' lá, ela não queria voltar, então a gente ficava duas horas no telefone, ela me contando que as japas lá são tudo meio taradadonas, só que os caras lá são tudo tímido, então o estrangeiro que vai pra lá se dá muito bem, então é por isso que eu fiquei tão indignado de 'tá' aqui. Não sei tudo me atrai nesse lugar, no Japão. Algumas coisas da cultura chinesa, também, tanto luta, dragão. O Japão roubou muita coisa da China, ai é por isso que eu procuro saber, porque eu o que

<p>gosto mesmo eu procuro saber</p> <p>Então, aí eu sempre gostei meu sonho é ir pra lá e eu vou pra lá ainda, não sei quando, mas eu vou, eu acho muito legal.</p> <p>Pesq.: E na sua casa, pelo seu pai ser mestiço, vocês preservam a cultura os costumes, ou não?</p> <p>R: Não. Meu pai, aliás, sempre fala: ‘deixe tudo arrumado’ que trouxesse aquela planta, nossa isso pra mim traz muita energia positiva eu gosto, verde é uma cor que acalma</p> <p>Só que faz tempo que eu não vejo a família do meu pai, desde quando a gente saiu de lá, eu tenho contato assim pela internet, eu tenho contato bastante, assim, com minha prima que ‘tá’ em Nova York , ela casou e tal. Que nem na parte da minha mãe é iltaliano, minha vó é italianona e eu faço ela fazer <i>yakisoba</i>, e tem que fazer, eu falo: ‘você tem que fazer isso daqui’, mas ninguém assim segue nada, alguma idéia tipo do que seria... ser organizado, não falar palavrão que atraí, eu e meu pai, pelo menos procuramos fazer isso</p> <p>É um jaiseman, sempre gostei de seriado japonês. Hoje em dia o único seriado que tem é o Power Rangers que imita sabe, e nossa eu sempre gostei de Jaspion, Jyiraia tinha tudo.</p> <p>É uma estrela ninja que eu comprei, na verdade é uma arma, usada em luta. Porque é assim, vamos resumir, antigamente mil e trezentos, mil e quatrocentos e cinqüenta, quando tinha o império japonês, a grande guerra entre Japão e China, os grandes soldados eram samurais, como era chamado de império, império, que impunha muita coisa, o que eles fizeram? Teve muita família que começou a criar um tipo de luta que eram chamados de assassinos, uma técnica ninjutsu que vinha do nome ninja que tinha na família de japoneses e que não haviam briga entre famílias de ninjas, que nem eles matavam os samurais, matavam a família inteira e era um negócio de morte rápida, pescoço, cabeça, articulação, por isso se ele for atingir ele pega no ponto exato, pra paralisar, isso eu acho legal, e paralisa o braço, torce o braço, o braço fica imóvel é um negócio bacana, esquema de morte rápida, mas isso foi só para testar (mostra a foto da estrela ninja cravada na porta).</p> <p>R.: O dragão? Virtude, coragem, força, vontade de vencer.</p>	
<p>Ah, eu nasci em São Bernardo do Campo, aí meu pai vendia carro, a minha mãe trabalhava no banco antes de eu nascer, aí ela largou o serviço pra cuidar de mim, né?</p> <p>sempre fui desinibido, meu irmão não, ele é bem tímido, também tem a coisa que a minha mãe prende ele</p>	<p>Pais</p>

que minha mãe é legal assim, agora, ela sempre pegou muito pesado comigo, ela e meu pai também, sempre colocaram muita coisa em cima de mim, responsabilidade, foi parar em 2007, quando eu ‘tava’ no segundo ano, que, que parece que eles, assim, que os problemas de casa aumentou um pouco, que problema todo mundo tem, e acho que viram, viram que eu não ia fazer besteira, usar nada, sabe? Eu sempre achei que... eu nunca vou querer isso, e, e o meu pai nossa, o meu pai nossa, o meu pai na minha idade fazia de tudo.

Porque a idéia do meu pai é assim, ama a gente acima de tudo, isso ‘tá’ eu sei, mas ele procura sempre empurrar, fazer você sempre ir calejando. Já, minha mãe não, ela quer, quer prender a gente e tal, mas não foi o que ela fez comigo, porque ele não deixou, eu saía trabalhar com ele, quando ele saía trabalhar, ele saía vendia água ardente, bebida, é quando ele saía em Boituva, eu tinha dez, oito, nove, sete anos, eu sempre ia com ele, eu ai aprendendo a malícia de falar e tal.

Então foi isso que mudou bastante e agora com a vinda da minha irmãzinha também, eu comecei a ver mais o lado de pai e mãe, sabe? O que sente quando é pequenininho, certas coisas que eu sinto, também, que eu fui estúpido que eu vejo puts “eu fui estúpido”, eu era desse tamanhinho e depois e tal, eu fui crescendo, conhecendo, né a vida, mas, assim, ‘teve’ muita, muita, muita coisa que eu vi que foi errado, que já pediram desculpa pra mim. Uma vez minha mãe trabalhava, sabe naquele SPA Sorocaba? Trabalhava num consultório odontológico, aí tinha uma menina que o SPA tinha contratado pra ser atendente e tal, S., uma coisa que eu tenho é memória fotográfica, eu não esqueço de nada, o que marca e o que não marca eu lembro. E minha mãe, né? Queria ser jovem de novo, lá em casa pra ir trabalha fazia maquiagem e tal, e era ela e meu irmão, fui radicalmente esquecido nessa época, tinha uns catorze, catorze ou treze anos, foi logo depois do negócio do psicólogo lá e isso acabou comigo, o negócio, aí eu peguei uma... um negócio, assim, sabe da minha mãe, que agora que eu ‘tô’ voltando

Que era um negócio que eu nunca me senti querido em casa eu acho que não é coisa da minha cabeça, tanto é que um monte de vezes minha mãe já pediu desculpa. Já separei muitas vezes, tipo meu pai e minha mãe, tipo, meu pai nunca partiu pra agressão física, mas o meu pai tem o gênio, muito, muito forte, então assim separei os dois quando brigavam, gritavam e tal e eu ficava acordado a noite, pra tentar impor o negócio e por eu... só acontecia até 2006, então eu sempre tive que ‘tá’ assim um pouquinho sempre mais a frente pra poder tentar acalmar as coisas em casa, aí esse negócio eu não tenho mais, eu comecei a ficar intolerante, começou a brigar eu também já rasgava, eu falava “ó “

quando eu tinha quinze, quinze, dezesseis, eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava

todo dia e, assim, minha mãe ficava com dó, mas achava que era frescura, meu pai, assim, no início achei que ele me xingava: “sai dessa cama não vai adiantar nada isso, não vai dar certo”, apesar disso ser uma doença eu já pesquisei eu já fui atrás pra ver o que que é, que realmente não tinha motivo pra eu ‘tá’ que, na verdade tinha, né? O que tava acontecendo em casa, amizade, assim, que eu não tinha tanto, foi o negócio que acontecia em casa, como eu sempre fui muito receptivo de tudo o que acontece, eu peguei. E ele sempre falando: “sai daí”, né e ajudou? Ajudou. Há um tempo atrás quase me deu de novo, só que eu fiquei pensando não vai acontecer nada, eu não vou passar por isso de novo e tal, pensamento positivo, que é um negócio que eu e meu pai a gente tem bastante, assim, que realmente a gente consegue, tudo certinho, até que a minha mãe fala: “ai, fala que você vai achar uma nota de R\$100 que você consegue”. Eu e meu pai sempre, nossa na S. (empresa em que trabalha), a semana em que me chamaram, eu já tinha feito o teste lá, eu pensei: “seria bom se me chamassem”, 2 dias depois eu comecei a trabalhar. Meu pai também, ele vende moto: “bem que eu podia vender uma twister, tal”, daí ligam pra ele: “viu eu vi seu panfleto que você deixou comigo no ponto de venda.” É um negócio que, é o subconsciente, eu acho que tem a ver, esse negócio de energia positiva, pra ver o que vai dar certo, tem tudo a ver, né?

Meu pai, apesar dele ser ‘cusão’, mas ele é legal, tipo, ele do jeito mais doloroso, mas ele ensina bastante coisa

Minha mãe é maior bagunceira que você possa imaginar ela e meu irmão, eu organizo o meu quarto aí o meu irmão vai lá e bagunça tudo, daí eu fico p. da vida e daí a culpa é minha, normal ‘tô’ acostumado já.

mas ninguém assim segue nada, alguma idéia tipo do que seria... ser organizado, não falar palavrão que atrai, eu e meu pai, pelo menos procuramos fazer isso.

E esse negócio também, depois da segunda namorada eu fiquei maior tempo, assim, só saindo, aí bebi, assim nunca, nunca fui de encher a cara, já fiquei bêbado algumas vezes, mais assim eu bebi só pra saber o que ia acontecer, mais não bebia que nem alcoólatra, coisa que meu pai, meu pai não pode ingerir álcool, meu pai fica assim roxo, prende a respiração dele, meu irmão também, eu graças a Deus não

Que nem essa última agora eu contei, a outra lá um ano e pouco minha mãe ficou sabendo depois de quase um ano que eu ‘tava’ namorando ela.

Pesq.: ‘Tava’ terminando quase.

R.: Praticamente, aí ela foi conhecer a menina, a menina tinha feito

curso de cabeleireiro, minha mãe ‘ai cabelo’, nossa daí era uma boa menina, xingou porque eu terminei, meio brincando. Eu não sei se isso é bom, eu me senti nesse negócio de ficar sozinho longe, era de botar medo, é, ser impenetrável assim, em conversar em sentimento, que nem quando minha mãe vinha falar eu era estúpido, que eu já ‘tava’ ruim e ela vinha falar e eu era estúpido, ‘você vai ficar de castigo’, ‘tá’ bom, ‘você vai ficar’, então deixaram de ser besta, pararam de coisar, isso ajudou, porque agora eu conto quando eu quero, geralmente eu quero, não tem por que não querer, eu vivo, moro naquela casa, dependendo deles pra viver, pra comer, pra sobreviver, nada mais justo do que ajudar e compartilhar a minha vida, eu levo as coisas meio pro lado lógico, que o lado emocional eu já deixei de levar muito tempo, tem isso eu gosto demais, e esse medo de ficar sozinho que começou a me fazer assim, tenho medo assim, sabe?

Pesq.: Não eu acho que eu queria pergunta mais assim do começo, você falou que sua mãe e seu pai davam muita responsabilidade pra você, que tipo de responsabilidade era de cobrança como que é?

R.: Cobrança, tudo, cobrança, o que não fazer errado, como ser um ótimo garoto, cobrança de não decepcionar eles, de ser bem apresentável pras visitas, tem que ser num sei o quê. Meu pai tinha muita grana em São Bernardo e sempre em contato com o pessoal né, bacana até vim todo mundo pra cá, então como eu era mais velho eu sempre tinha que ser... entendeu? E sempre fui muita cobrança assim, mas no fundo eu fiz tudo assim, fiz tudo ou então, coisa de casa, ‘aí criança não se preocupa com problema’, mas eu via eles discutindo, e sabia, meu eu tinha 10, 11 anos, eu sabia tudo o que acontecia involuntariamente, eles me forçavam a ter ... eu já era meio propício a saber um pouco de mais coisas que uma criança da minha idade não saberia associar, isso já acontecia, e eu sabia, aí quando eles viram que falaram demais, ‘agora ele quer saber coisa que ele não vai sentir bem’, já foi.

minha mãe começou a ver que eu ia começar a me perder, também começou a falar mais, começou a ver que ‘tava’ me perdendo, meu pai percebeu, que eu ‘tava’ uma pessoa muito diferente do que eu era, então começou mudar, a conversar mais, mas eu nunca tive atenção, pra ensinar, saber certas coisas, que nem quando eu perdi o ‘bv’ ninguém ficou sabendo, quando eu deixei de ser virgem, ninguém ficou sabendo, meu pai percebeu ainda, né? E eu nunca quis falar disso, minha mãe chega e fala, ‘quer falar alguma coisa você ‘tá’ ficando com alguém?’ Que nem essa última agora eu contei, a outra lá um ano e pouco minha mãe ficou sabendo depois de quase um ano que eu ‘tava’ namorando ela.

Olha, eu, hoje em dia, procuro, eu quero conhecer a pessoa, pode ser que não vai aprontar, mas, tipo, era só... hoje em dia é assim eu pego e olho pra pessoa, não sei como, meu pai é assim também, pega, às

<p>vezes, até pega amizade, mas pra se safar na hora certa ou então pra livrar alguém que você sabe que vai se prejudicar. Eu sempre tive isso, desde pequenininho.</p>	
<p>Mas era horrível, porque, tipo, eu tinha amigo pra jogar bola, pra empinar pipa coisa que eu sempre achei a coisa mais idiota do mundo, pegar lá um pedaço de papel, as varetas no ar, idiota, é eu não vejo graça nenhuma, eu sempre gostei de praticar esportes vôlei, basquete, futebol, eu sou uma negação em tudo, mas eu sempre gostei de jogar, tenho algumas coisas boas, que nem futebol eu sempre coloco na frente, dificilmente eu levo um gol, chuto fora, vôlei eu sou baixinho, mas eu sou rápido, única coisa que eu não me dei bem é basquete, só por causa da rapidez mesmo, mas a mira, meu irmão era bom, meu pai também era bom, então família é meio... assim mas, nada promissor sabe nunca, é sempre tive pingue-pongue, pebolim eu brincava de tênis na casa de um amigo meu, ficava jogando lá e tal, sempre gostei de fazer esporte, eu tinha amigo pra fazer isso, mas não era aquilo que eu queria, queria alguém pra conversar, eu sempre senti vontade de ter alguém pra me ouvir, pra me entender, pra poder me dar um conselho, ninguém me deu, até três anos atrás, depois disso começou a acontecer, que era amigo de conversar, dar uns toques,</p> <p>E com seis anos meu irmão nasceu e eu sempre fui filho único né e tal, só que daí mudou muito a atenção e até hoje é assim, sabe? Aí foi meio, meio petrificante, petrificante pode ser meio forte, mas foi meio por esse lado, aí viemos pra cá e não tinha amigo nenhum aqui, tinha um ou dois no máximo.</p> <p>Eu não sei se isso é bom, eu me senti nesse negócio de ficar sozinho longe, era de botar medo, é, ser impenetrável assim, em conversar em sentimento, que nem quando minha mãe vinha falar eu era estúpido, que eu já ‘tava’ ruim e ela vinha falar e eu era estúpido, ‘você vai ficar de castigo’, ‘tá’ bom, ‘você vai ficar’, então deixaram de ser besta, pararam de coisar, isso ajudou, porque agora eu conto quando eu quero, geralmente eu quero, não tem por que não querer, eu vivo, moro naquela casa, dependo deles pra viver, pra comer, pra sobreviver, nada mais justo do que ajudar e compartilhar a minha vida, eu levo as coisas meio pro lado lógico, que o lado emocional eu já deixei de levar muito tempo, tem isso eu gosto demais, e esse medo de ficar sozinho que começou a me fazer assim, tenho medo assim, sabe?</p> <p>Tava’ na mesma classe do A. R. (escola 2º grau) dos meus amigos, dos meus amigos do A.(escola 1º grau) desde a quarta série, até o, até o primeiro, chegou, daí eu mudei pra noite, aí eu comecei a trabalhar, aí fui mandado embora, bem no ano que eu ia fazer dezoito, aliás no ano que eu ia fazer dezessete, e eles estavam vendo aquele negócio do alistamento, e eles estavam com medo e só pegaram maior de dezoito, aí eu voltei pra de manhã, só que em outra classe, e bem numa turma que não gostava de mim, por eu ser</p>	<p>Amigos</p>

<p>quieto, tinha um ou dois amigos. Os outros acharam que eu era ‘cusão’, chato, é nojento, sabe? Negócio que eu não sou, sabe? Eu pelo menos não me sinto, quem me conhece sabe que eu não sou, aí eu peguei amizade com um monte de gente, fiz muitas amizades, só tinha amigos mais velhos do que eu, era difícil ter alguém da minha idade, hoje em dia todos meus amigos são da minha idade, continuo tendo amizade com caras mais velhos, com gente mais velha</p> <p>eu quero ser amigo só de quem quer ser meu amigo mesmo, só que não é bem assim, eu sofria às vezes, às vezes você tem um colega e ele pode até vir a ser, como já aconteceu, um amigo. Já me decepcionei com muita gente, mas eu já fui pegando, agora eu já tenho uma certa malícia, agora já dá pra perceber tal</p> <p>mas era pior, eu fazia isso sem conhecer a pessoa, hoje eu conheço, eu procuro saber certinho pra poder dar um veredicto final mesmo, né? Antes eu fazia isso só de olhar pra... era um idiota, pensava assim... era um idiota, você acredita que eu só me ferrava? Por um lado é bom esse negócio, pega e distingue as pessoas mas.... mas, por outro lado era ruim, muito ruim, que eu não tinha amizade, eu não me sentia querido, sabe</p> <p>Eu não tinha amigo, eu não tinha com quem conversar, ninguém conversava comigo em casa, não tinha amigo nessa fase dos 12 aos 14 anos</p> <p>Outra coisa eu sempre fui CDF, eu sempre me dediquei eu sempre fui o melhor aluno da classe, e sempre me zuavam, aí eu cansei, agora eu parei, larguei, sempre tirei nota boa, mas não tomava a frente do jeito que eu tomava, só quando tinha esse negócio em grupo, aí falavam: ‘vai R.’, ‘você vai falar’, não nunca liguei, sempre gostei de expor as minhas idéias, é isso, mais alguma pergunta?</p> <p>Assim tem amigos que me entendem e tal</p> <p>só tinha amigos mais velhos do que eu, era difícil ter alguém da minha idade, hoje em dia todos meus amigos são da minha idade, continuo tendo amizade com caras mais velhos, com gente mais velha, minha namorada era mais velha</p> <p>acho bom conversar com alguém que tem mais experiência, alguém que é mais velho, que tem a mente mais aberta, é tudo, eu adoro conversar com gente que tem a mente mais aberta, que são pessoas que geralmente me entendem, sabe? É bom, sabe?</p>	
<p>uma coisa muito ruim, eu guardo muito rancor é um negócio, é difícil perdoar alguém, muito difícil, por causa da minha ex lá, que ela ficou com outro cara lá, e ela: “não ele me agarro sem eu querer”, quem não quer, né? Daí ferrou tudo, eu não tenho amizade</p>	<p>Sou rancoroso</p>

<p>com ela mais, não converso com ela mais, mas era pior, eu fazia isso sem conhecer a pessoa, hoje eu conheço, eu procuro saber certinho pra poder dar um veredicto final mesmo, né? Antes eu fazia isso só de olhar pra... era um idiota, pensava assim... era um idiota, você acredita que eu só me ferrava? Por um lado é bom esse negócio, pega e distingue as pessoas mas.... mas, por outro lado era ruim, muito ruim, que eu não tinha amizade, eu não me sentia querido, sabe?</p>	
<p>Apesar de tudo, de dentro mesmo, eu sempre fui tímido, é um negócio, que nem que eu falei pra você que eu trabalhei, tinha que ir em banco, tinha que ser sociável, nossa no início... foi ai que mudou bastante a minha vida, é não me 'sociava' com ninguém até coisa errada que eu via, alguém cortar, assim, a fila eu: 'deixa quieto', negócio que hoje em dia... nossa mudou bastante!</p> <p>mas foi a melhor coisa que aconteceu, tipo, quando eu comecei a trabalhar, com quinze, dezesseis, foi ai quando começou a mudar tudo, que eu 'tô', que ajudou bastante a ser a pessoa que eu sou hoje, eu era bem diferente, nunca que eu ia fazer isso aqui há uns anos atrás. Por vergonha, por timidez, por não confiar em você, por não saber o que ia acontecer</p> <p>eu já 'tava' querendo muito sair de casa, começar a trabalhar pra sair de casa, querer trabalhar pra sair de casa, falei vou completar a maioridade, agradeço tudo que eles fizeram pra mim, mas eu não consigo viver em paz, é assim meio chatão, mas hoje em dia... mas eu tenho essa idéia ainda quando eu me estabilizar eu quero mais é me virar e viver a minha vida, é morar numa república alguma coisa assim, mas nunca deixando assim, sempre indo, porque eu gosto tanto da minha irmã do meu irmão, eu sinto que eu tenho que proteger eles, até a minha mãe, que 'tá' ficando velha já</p> <p>À noite minha rua é uma rua bem tranqüila, lá ninguém mexe, ninguém faz nada, é porque faz uns sete anos que eu moro lá, mas é tudo traficante ali, ali do lado de casa, no muro atrás de casa, no meu quintal é assim, até que um dia pulou a policia lá em casa, disseram que tinham achado droga lá e perguntaram se tinha pulado em casa. O meu pai é amigo de policial, né? Sempre teve, ia viatura lá né e tal, lá em casa me mandavam de viatura lá na escola, meu pai assim, eu saia meio escondido, nunca mexeram comigo, mas eu não do motivo pra eles mexerem Se eu pudesse trocar, eu trocava de casa, entendeu?</p> <p>E também é fogo hoje em dia, não dá pra você... tem sempre um problema atrás do outro, então, como eu acabo involuntariamente participando dos problemas de casa, eu também fico meio na pilha, agora eu 'tô' conseguindo ficar melhor, eu pretendo seguir, eu pretendo trabalhar, juntar uma grana e ir morar sozinho</p> <p>Quero trabalhar, consegui alguém pra ficar junto, vou pensar em</p>	<p>Trabalho</p>

<p>faculdade, alguma coisa assim só ano que vem, isso é uma coisa tão que é, no começo eu estava querendo, engenharia da computação, então eu vou esperar esse ano pra vê o que vou fazer, pra vê se eu vou pegar e acostumar a trabalhar e estudar, pra fazer uma faculdade, vamos ver o que acontece.</p>	
<p>eu gosto tanto da minha irmã do meu irmão, eu sinto que eu tenho que proteger eles, até a minha mãe, que 'tá' ficando velha já</p> <p>Já separei muitas vezes, tipo meu pai e minha mãe, tipo, meu pai nunca partiu pra agressão física, mas o meu pai tem o gênio, muito, muito forte, então assim separei os dois quando brigavam, gritavam e tal e eu ficava acordado a noite, pra tentar impor o negócio</p> <p>aí criança não se preocupa com problema', mas eu via eles discutindo, e sabia, meu eu tinha 10, 11 anos, eu sabia tudo o que acontecia involuntariamente, eles me forçavam a ter</p>	<p>Necessidade de ser protetor</p>
<p>Mas é sei lá, é isso só, de um tempo pra cá foi mudando, fui crescendo, fui aceitando mais as coisas e eu fui procurando não entender, porque quanto mais a gente procura resposta pra tudo, a gente fica louco</p> <p>(busca de igrejas/religiões)Ah isso foi ajudando a eu procurar saber menos, e fui aceitando, fui sabendo aos poucos.</p> <p>Também, nossa! Minha cabeça vivia meio confusa, porque quanto mais a gente 'tá' parado, mais a mente é oficina do capeta, não de fazer besteira que eu nunca fiz, mas de, de pensar coisa errada. Ai de ficar parado, como eu 'tava' esses tempos, ai é horrível eu odeio ficar parado, sempre 'tô' procurando alguma coisa pra fazer, meus amigos iam em casa conversar, se eu ficar quieto, sabe? Não funciona, não dá certo, eu penso em muitas, muitas coisas. Minhas idéias não batem bem, isso é normal, então isso é ruim eu não agüento ficar quieto, ficar parado.</p>	<p>Melhor não entender</p>
<p>Porque sempre foi assim, quero porque quero entender, um tempo atrás eu 'tava' querendo entender essa questão de religiosidade, eu 'tava' atrás de todas as igrejas que tinha colega eu ia pra ver como que é, eu 'tava' procurando uma religião, tenho fé em Deus, atualmente não tenho uma religião fixa, um pouco de cada ainda contradiz algumas coisas, na idéia que eu tenho de Deus e tal, sei que ele existe, pelo menos eu creio, agora que nem católico, eu não seria católico, tentaram colocar eu na catequese duas vezes e eu não fiquei, uma porque eu acho essa que essa professora era ridícula, e o outro lá, o cara era gente boa, mas não 'é por aí eu sentia: "isso 'tá' errado. É um negócio que eu vou buscando aos poucos e nossa 'tava' muita confuso, aí eu fui na igreja Adventista, eu achei bacana a idéia, achei legal, achei que até agora é a que mais eu achei não dá... tanto é que o guitarrista da minha banda era adventista Ah isso foi ajudando a eu procurar saber menos, e fui aceitando, fui sabendo aos poucos.</p> <p>Pesq.: E você não chegou à conclusão nenhuma, na questão da</p>	<p>Religião</p>

<p>religião?</p> <p>R: Por enquanto não, creio em Deus, rezo toda noite, rezei pra que conseguisse emprego, falei que seja feita a Sua vontade, inclusive, eu ouço uns rocks pesados, do lado mal aí, é um negócio que a turma tem idéia errada, tem muita banda que os caras usam máscara, maior negócio “aaahh”, só que não fala nada de religiosidade, não fala nada de anticristo, de ateu, sabe? Não tem nada disso.</p> <p>R: Não os caras usam máscara, a letra das músicas são pesadas, aí as pessoas falam “ai nossa!”, sabe? Não é do demônio. E não é tudo isso, fala do sentimento, sabe? E porque eu gosto do inglês</p> <p>não tem nada a ver disso, tem banda que eu não acho legal que fala pra que deus? Daí eu nem ouço e tal</p>	
<p>eu ouço uns rocks pesados, do lado mal aí, é um negócio que a turma tem idéia errada, tem muita banda que os caras usam máscara, maior negócio “aaahh”, só que não fala nada de religiosidade, não fala nada de anticristo, de ateu, sabe? Não tem nada disso.</p> <p>Não os caras usam máscara, a letra das músicas são pesadas, aí as pessoas falam “ai nossa!”, sabe? Não é do demônio. E não é tudo isso, fala do sentimento, sabe? E porque eu gosto do inglês</p> <p>não tem nada a ver disso, tem banda que eu não acho legal que fala pra que deus? Daí eu nem ouço e tal</p>	Rock Pesado
<p>Aí eu fui agindo meio individual, parece que não mais até os seis anos eu fiz as coisas sempre sozinho e até hoje é assim, apesar de ter dois irmãos, eu sempre faço tudo sozinho, alguma coisa com amigo, sabe? Mas é bem difícil, aí é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música</p> <p>E porque eu gosto do inglês, eu sempre fui o melhor da classe em inglês, esse ano eu não fiz nada o ano inteiro, eu não estudei, eu só fiz inglês, no inglês eu sempre tirei dez, ela dava a prova e eu fazia, e eu sempre joguei vídeo game, jogo <i>on line</i>, coisa que era tudo em inglês, poucas palavras que eu não sabia, ou então tipo, Tíbia, sabe? Eu aprendi bastante, porque nos encartes de cd tinha bastante assim, então o negócio é que eu fui procurando saber as letras das coisas que eu gosto</p> <p>Pesq.; Nossa! Você nunca fez curso?</p> <p>R.: Não. Eu pegava revista. Meu tio é desenhista profissional, faz tatuagem, minha mãe tem tatuagem, minha família inteira tem tatuagem, ela vai fazer pra mim, mas ele não vem pra cá, ele falou que quando eu fizesse 18, ele faria um dragão nas minhas costas.</p>	Autodidata
<p>Aí eu fui agindo meio individual, parece que não mais até os seis</p>	Mangá

anos eu fiz as coisas sempre sozinho e até hoje é assim, apesar de ter dois irmãos, eu sempre faço tudo sozinho, alguma coisa com amigo, sabe? Mas é bem difícil, aí é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar faz tempo, sempre gostei de música. Mas é bem difícil, aí é por isso que eu me dediquei, que eu gosto de desenhar

eu desenho, eu pensei até em trazer um desenho pra você ver, que eu fiz, mas eu gosto bastante de desenhar, tem uns 'par' de desenho no meu quarto

era legal, eu conversava, ela tinha uma estagiária que eu fazia desenho lá, daí ela "olha o desenho não sei o quê" aí no final eu fiquei mais animado, eu estava me animando, aí minha mãe me tirou, e começou tudo de novo.

Eu tenho uma história de mangá que 'tô' fazendo desde os 12 anos e eu 'tava' passando no papel até um tempo atrás, é que meu desenho é bem amador ainda eu venho aprimorando, a idéia era ter mandado ele pra pode fazer projeto, aí tem eventos e eu sempre vou pra levar e pra mostrar, sabe? Porque se é bom o negócio a editora vem, cai matando, sempre quer coisa nova. É uma idéia, que é uma historia bacana, uma certa parte da história conta meio que a minha vida, sabe? Pra quem eu contei, achou a história bacana.

É um jaiseman, sempre gostei de seriado japonês. Hoje em dia o único seriado que tem é o Power Rangers que imita sabe, e nossa eu sempre gostei de Jaspion, Jyiraia tinha tudo.

Ai é umas pulseiras dos eventos que eu fui. Esse é um dos meus mangás, fazia muito. Esse mangá comprei, no primeiro dia que eu fui à psicóloga, é, tipo, 'tava' meio assim, e 'tava' meio, assim, de não me interessar, não me interessar em nada aí eu peguei e comprei, ah e foi daí que eu comecei a curtir mais mangá, assim sempre eu gostei mais nunca peguei porque é preto e branco, né? E é sem graça né, eu sempre não gostei de ler, aí eu ia via Dragon ball, aí eu comecei, aí eu comecei a colecionar mangá, isso é interessante, aí foi crescendo até hoje, hoje em dia eu gosto, e sempre vou gostar. O negócio era bem restrito, o primeiro evento que teve em 98, foram oitenta e três pessoas, hoje em dia vão...o último que teve, foram quase duzentas mil, foi muita gente, não dava pra andar, é aí que entra outra coisa que eu odeio, um negócio que eu odeio, é *poser*, sabe o que é *poser*?

Pesq.: Muito bacana. Espero que você publique isso. Você que 'tá' aí nesse meio, normalmente as pessoas fazem as histórias inspiradas na própria vida ou isso também é original da sua parte.

R.: Tudo é inspirado em desenho que já existe, os famosos covers. Que nem tem o Digmon e o cara lança, monstrinhos mom, ó não é cola também, tem um bichinho com cara de cachorro só que é

<p>vermelho. Eu procurei ser o mais original possível, ninguém tem história que nem a minha, pode até ter coisa igual, né? Igual do dragão dos elementos, que nem tem o Avatar, o desenho é dos elementos, eu fiquei puto quando eu assisti o Avatar, eu falei nossa: ‘olha a minha idéia aí’, a idéia era essa aí, era só falar dos elementos lá, o negócio antigo e tal só que daí falei: ‘vou ter que inventar outra coisa, acabou com a minha tese. Mas eu consegui pegar um tema bacana, é que nem eu falei, pra quem eu contei a história tudo certinho, meus amigos que gostam, achou super bacana. O ápice do desenho é aquele negócio lá, você vê nos episódios, ele chorando por ela, ele lutando por ela morta, ela revive e fala que era tudo mentira, aí é como se ele perdesse a alma.</p>	
<p>Assim tem amigos que me entendem e tal e nossa ajudo pra caramba um monte de colega meu que ‘tá’ com namorada, que ‘tá’ com uns problemas lá, aí vem falar comigo, a ‘é que num sei o quê’ e eu ‘calma vai dar tudo certo’, ‘mas como você sabe?’. Nossa! Sabe o Samuel, sabe o Samuel? Vixi! Nossa! Quantas vezes ele ‘tá’ ruim com a mina dele, ai ó, ó, ó, quando for o casamento eu vou ter que ser o padrinho, a madrinha, tudo, só falta eu ser o padre</p> <p>Bom aí entre uma brincadeira e outra, o pessoal vai me conhecendo, ai depois que vai conhecendo tipo o R., sabe? Vai saber o que eu gosto, como eu me sinto com certas coisas, porque geralmente quem conhece gosta de verdade de mim, aí é meu amigo meu colega, tenho bastantes irmãos de consideração, como o S. o V. que eu conheço desde que eu mudei pra cá e eles me conhecem e eles gostam bastante de mim e eu gosto muito deles assim, minhas ex que, às vezes, ficam bravas de eu não querer falar mais porque eu sou meio assim, então elas gostam bastante.</p> <p>Gosto, porque, às vezes, que sai todo mundo, toda vez, todo mundo vem falar comigo: ‘R. chama o pessoal’, ‘onde nos vamos agora?’ Porque a turma todo dia sempre quer que eu vá, tal, que nem ai ela gosta de num sei o que e lá tem</p>	<p>Sou um bom amigo</p>
<p>Ah eu ‘tô’ contente, ‘tá’ tudo certo, começou dar tudo certo esse ano, comecei trabalhando, com essa crise e eu ‘tô’ trabalhando, achei uma menina bacana eu ‘tô’ com ela, até foi a namorada do Samuel que arranjou tudo, sabe? Ela tem quinze anos, nunca deu certo de eu me relacionar com gente mais nova, mas ela é bem madura assim, parece muito comigo assim, por isso que eu gostei, ela até que é bonitinha e tal, não é japonesa mais tudo bem, meu sonho é casar com uma japonesa.</p>	<p>Minha vida hoje</p>
<p>Tipo, eu achei que foi um pouco cedo, acho que até por isso que eu com dezoito já, noivei um mês, assim, namorei ela quase dois anos, ela era mestiça, eu adoro japonesa, aí ela foi pro Japão, minha idéia era ir junto com ela, casaria pra pode ficar lá, meu sonho é ir pra lá, mais aí não deu certo</p>	<p>Necessidade de namorar</p>

Quero trabalhar, conseguir alguém pra ficar junto, vou pensar em faculdade, alguma coisa assim só ano que vem, isso é uma coisa tão que é, no começo eu estava querendo, ciência da computação, então eu vou esperar esse ano pra vê o que vou fazer, pra vê se eu vou pegar e acostumar a trabalhar e estudar, pra fazer uma faculdade, vamos ver o que acontece.

minha namorada era mais velha, eu namorei três vezes, bom essa é a quarta agora, bom tá no comecinho, nem sei... essa é mais novinha, mais as três foram mais velhas

Ah eu 'tô' contente, 'tá' tudo certo, começou dar tudo certo esse ano, comecei trabalhando, com essa crise e eu 'tô' trabalhando, achei uma menina bacana eu 'tô' com ela, até foi a namorada do Samuel que arranjou tudo, sabe? Ela tem quinze anos, nunca deu certo de eu me relacionar com gente mais nova, mas ela é bem madura assim, parece muito comigo assim, por isso que eu gostei, ela até que é bonitinha e tal

E esse negócio também, depois da segunda namorada eu fiquei maior tempo, assim, só saindo, aí bebi, assim nunca, nunca fui de encher a cara, já fiquei bêbado algumas vezes, mais assim eu bebi só pra saber o que ia acontecer, mais não bebia que nem alcoólatra, coisa que meu pai, meu pai não pode ingerir álcool, meu pai fica assim roxo, prende a respiração dele, meu irmão também, eu graças a Deus não. Aí saia, saia, saia, aí eu conheci a T. mais velha que eu, 19 os cara falando 'ela vai pegar você pra criar, que bonitinho', eu falava: 'pega pra criar mesmo', aí deu errado também. Agora ano passado, quanto mais você corre atrás de alguém ai mesmo que você não consegue, só achava tranqueira, é difícil achar uma mulher certinha, aí agora parece que apareceu uma garota legal, 'tá' dando certo, né? Faz umas duas semanas, mas é isso, 'tô' procurando me relacionar bem com quem eu quero. Eu odeio ficar sozinho, pra mim é um terror ficar sozinho, porque eu já fui sozinho e é a pior coisa.

Pesq.: Foi nessa fase que você entrou em depressão?

R: Foi. É foi nessa fase dos 14 aos 15, é foi, porque com quinze foi quando eu namorei pela primeira vez então, já... então quer dizer eu não sou de todo mal. Deu uma levantada na auto-estima. Mas era horrível, porque, tipo, eu tinha amigo pra jogar bola, pra empinar pipa coisa que eu sempre achei a coisa mais idiota do mundo, pegar lá um pedaço de papel, as varetas no ar, idiota, é eu não vejo graça nenhuma, eu sempre gostei de praticar esportes vôlei, basquete, futebol, eu sou uma negação em tudo, mas eu sempre gostei de jogar, tenho algumas coisas boas, que nem futebol eu sempre coloco na frente, dificilmente eu levo um gol, chuto fora, vôlei eu sou baixinho, mas eu sou rápido, única coisa que eu não me dei bem é basquete, só por causa da rapidez mesmo, mas a mira, meu irmão era bom, meu pai também era bom, então família é meio... assim mas,

<p>nada promissor sabe nunca, é sempre tive pingue-pongue, pebolim eu brincava de tênis na casa de um amigo meu, ficava jogando lá e tal, sempre gostei de fazer esporte, eu tinha amigo pra fazer isso, mas não era aquilo que eu queria, queria alguém pra conversar, eu sempre senti vontade de ter alguém pra me ouvir, pra me entender, pra poder me dar um conselho, ninguém me deu, até três anos atrás, depois disso começou a acontecer, que era amigo de conversar, dar uns toques,</p> <p>R.: Aí tem outra história, você não viu na classe uma Yume, uma japonesinha? Meu, eu olhei aquela menina lá desde a 4ª série no A., eu comecei a, quando eu entrei na quarta serie, foi paixão, assim, até hoje, assim, foi quem eu mais amei, assim, em toda a minha vida e ela nunca ficou com ninguém até hoje, nunca beijou na boca, assim, sabe? Tem ela na história, mas a idéia que eu quis ter com ela era a Saiuri, sendo que na história ela exerce um outro tipo de papel, na história ela é a outra metade, assim, que foi cedida quando a Saiuri morreu, foi dividido de novo e tal e ela que ajudou, ajudou o Art no negócio, porque é uma história longa com ela também, a Y. eu sempre gostei dela, e ela nunca gostou de mim, eu tenho amizade com ela desde 2007, aí a gente ficou amigo, mesmo assim, foi muito bacana, eu me abri pra ela, eu sentei com ela uma vez e falei tudo que eu sentia por ela, nossa foi a declaração mais assim que eu já fiz na minha vida, ai ela falou 'ai eu não sei o que falar', não tem o que falar 'me dá um beijo' e ela, essa menina é a coisa mais linda que eu já vi, mas nunca vai dar certo, agora eu não vejo mais ela, tem que deixar assim agora, já me decidi é a mais inteligente de classe, CDF.</p>	
<p>mas foi a melhor coisa que aconteceu, tipo, quando eu comecei a trabalhar, com quinze, dezesseis, foi aí quando começou a mudar tudo, que eu 'tô', que ajudou bastante a ser a pessoa que eu sou hoje, eu era bem diferente, nunca que eu ia fazer isso aqui há uns anos atrás. Por vergonha, por timidez, por não confiar em você, por não saber o que ia acontecer, por não ver nexos no que você ia fazer. Hoje eu vejo, você falou do seu trabalho e tal, eu gosto de conversar</p> <p>Geralmente quando eu saio com amigo assim, que nem finalzinho de 2008, 'tava' voltando lá da casa de um de um amigo meu, dois 'pobrão' a pé, voltando pra casa, aí para uma Ecosport com duas loiras dentro: 'viu vocês sabem onde é a 31 de março?' Daí eu falei: 'é só seguir essa avenida', daí o meu amigo falou: 'não, você conhece o posto?' Ficou parecendo àquela cena do Deb e Lóide, sabe quando para o ônibus? Aí ele falou: 'não, vira aqui uma ruinha que já sai no Abimael já', só que eu falei: 'elas não conhecem nada aqui em Votorantim', dai elas perguntaram: 'vocês tão indo pra onde?', 'estamos indo aqui perto, né?', aí 'sobe aí que eu levo vocês', bom é que a gente começou a conversar e tal, aí: 'a gente vai lá no canecão gelado' uma coisa assim, é um bar lá eu nunca fui, não tem perigo só fica um pessoalzinho, ai eu pensei, 'cara aqui a gente</p>	Desconfiança

‘tá’ no interior, se fosse em São Paulo... eu não queria entrar no carro, eu pensei, não, vão roubar nossos órgãos, ai ele: ‘cara pô vamos’, ai ele queria ir no lugar, mas é assim eu sô muito desconfiado, ai eu falei: ‘viu segue até a metade do caminho, ai é só descer e virar à direita, ai tem um posto lá’ e: ‘ah, gente já conhece ali’, ai: ‘então "tá" bom, pare aqui na academia a deixa a gente aqui’, foi difícil, mas sei lá qual era a intenção, parecia pegadinha, ai saiu de lá, ai o moleque: ‘é legal né? falta oportunidade e quando tem você blá blá’ eu: ‘pára vai’.

é, e esse negócio de desconfiar, dizer na cara da pessoa é eu sempre fui assim desde pequeno, e eu sempre acertei. A Suzana, lembra que eu falei lá, que a minha mãe me largou por causa da menina, aí quando o *Spa* ‘tava’ quase fechando, indo à falência o negócio lá, o Dr. Miguel, falou lá com a mulher dele, e pessoalmente, ele ofereceu um emprego pra minha mãe começar a ‘trampá’ lá, só que ela pegou, como ela era mais nova foi e passou na frente da minha mãe, nunca gostei dela, não é porque a minha mãe me trocava por ela, é desde... Outra mulher lá também, amiga da minha mãe, da nossa família e tal e eu sempre ficava meio assim, a mulher é maior golpista, sabe? Não sei porque eu sempre fui assim, sempre, até que o cara do A. R (escola) mesmo, um colega nosso que vivia falando pra a gente: ‘vamos sair, vamos sair e tal’, ai eu falei vi: ‘o cara eu não sei e tal’, no fim ele ‘tava’ usando droga, entendeu? É um negócio que eu sempre tive.

R.: Olha, eu, hoje em dia, procuro, eu quero conhecer a pessoa, pode ser que não vai aprontar, mas, tipo, era só... hoje em dia é assim eu pego e olho pra pessoa, não sei como, meu pai é assim também, pega, às vezes, até pega amizade, mas pra se safar na hora certa ou então pra livrar alguém que você sabe que vai se prejudicar. Eu sempre tive isso, desde pequenininho. Teve uma vez, eu era pequenininho e fui pra Bagé visitar a minha tia, o marido dela é do exercito e é sempre transferido, né? Então, conhece bastantes estados, eu já fui pra Brasília, o lugar mais idiota que ela vai morar, ela me chama, paga o avião, ela já morou no Rio de Janeiro, em Cuiabá, e quando ela mora em Brasília, eu sô um cara azarado, é de praxe, Brasília, não tem nada em Brasília, é um negócio assim plano, completamente plano, mas tudo bem eu fui né, tirei foto lá, eu vi o Lula, eu prefiro o Rio de Janeiro, apesar de não gostar... da cor porque eu sô muito branco, bom é... eu sempre tive isso, quando eu era pequenininho, eu entrando no ônibus, com a minha mãe, ‘tava’ no colo e tinha uma mulher na frente e eu odiei essa mulher, eu xingava: ‘tira eu daqui eu não vou entrar no mesmo ônibus que ela’. Duas semanas depois, quando a gente voltou, a minha tia contou que aquela mulher tinha sido presa, eu tinha quatro anos, três, quatro anos, eu não queria ela perto de mim né, eu não fui boca suja, então eu falei que não queria ela perto de mim. Agora quando eu fiquei sabendo tipo, que a minha tia me contou, né?

<p>Eu já desconfie assim, de sentir e querer se aproximar de uma certa pessoa, tipo, de achar bonita a menina ou então achar que aquele cara lá, ele é meio mal, mais assim, querer se aproximar e acabar dando certo aquela amizade, já aconteceu isso, tinha um amigo que eu vivia dando chute nele na escola e hoje em dia a gente se tornou amigo e ele 'tá' no Paraná e ele ganhou a fazenda do vô dele, bacana. Eu me enganei, assim três vezes, são pessoas que eu não esperava assim, teve um negócio de falsidade muito grande, que eu fiquei admirado porque geralmente eu não... uma colega minha lá, que nossa, 'tava' fazendo minha caveira pra uns amigos meu, mas eles sabiam que não era assim, não acreditaram, e hoje em dia eu vejo nossa, ela 'tá' na mira de um monte de gente todo mundo quer bater nela. O que a pessoa pensa que é? Quer falar dos outros pelas costas e um colega meu uma vez, fez assim também e eu não perdôo, não perdoava mais agora eu 'tô' melhor.</p> <p>E um outro lá, foi um colega meu que a gente saiu junto, eu e mais uns amigos, fomos ao <i>shopping</i> e depois numa <i>lan house</i>, daí tinha um cara que queria bater nele por causa de um negócio lá, ai coisa idiota de jogo, sabe? Ai acabou que na hora eu não queria apanhar e eu quase apanhei</p>	
<p>Ah, outra coisa, eu sou muito esquisito, que nem eu não durmo, não, não tenho sono,</p> <p>Ah é, então, isso é estranho, eu não gosto de dormir, pra mim é perda de tempo, eu não gosto de dormir, é meio tonto, mas eu não gosto de dormi</p>	<p>Não gosto de ficar parado</p>
<p>Depois nós batemos nele, uns 15, mas eu não parto pra porrada, ainda mais, que antes eu fazia luta. Não faço agora, parei um pouquinho agora, no começo do ano, fim do ano, porque acabou a grana, antes eu fazia desde o começo do ano fiz quase um ano Vale tudo, então eu descontava toda a raiva na luta, né? Ficava bem calminho. Tem coisa que a gente aprende que o professor fala: 'se vocês fizerem isso com um cara que não sabe nada, vocês machucam feio e se eu ficar sabendo, além de tirar vocês da academia eu parto vocês no meio.' O meu professor parece um ...tem 1,98m, gigante careca, nossa. E eu treinava jiu-jitsu também e o campeão era difícil tirar aquilo e eu conseguia era difícil eu perder. É outra coisa que eu quis focar, eu sempre quis focar nas coisas que eu gostava de fazer e que eu sabia fazer, eu nunca gostei da minha aparência e não gosto ate hoje.</p> <p>É uma estrela ninja que eu comprei, na verdade é uma arma, usada em luta. Porque é assim, vamos resumir, antigamente mil e trezentos, mil e quatrocentos e cinqüenta, quando tinha o império japonês, a grande guerra entre Japão e China, os grandes soldados eram samurais, como era chamado de império, império, que impunha muita coisa, o que eles fizeram? Teve muita família que começou a criar um tipo de luta que eram chamados de assassinos, uma técnica ninjutsu que vinha do nome ninja que tinha na família</p>	<p>Luta</p>

<p>de japoneses e que não haviam briga entre famílias de ninjas, que nem eles matavam os samurais, matavam a família inteira e era um negócio de morte rápida, pescoço, cabeça, articulação, por isso se ele for atingir ele pega no ponto exato, pra paralisar, isso eu acho legal, e paralisa o braço, torce o braço, o braço fica imóvel é um negócio bacana, esquema de morte rápida, mas isso foi só para testar (mostra a foto da estrela ninja cravada na porta).</p> <p>nunca fui de briga, mas eu gostava de fazer luta, eu achava legal, acho bacana, may thai, hoje eu não sinto mais nada na canela, coxa, minha coxa é dura por causa do chute, eu não fazia perna na academia, barriga nossa eu acho muito legal, 'da hora' você descarregar, faz amizade, que nem no jiu-jitsu, meu professor pegou e falou que eu tinha facilidade, trabalhou jiu-jitsu, em cima, em cima, eu tenho noção, eu sei lutar, só que nossa os 'caras grandão', acaba que deitava no chão, eu lutei no campeonato que teve 'lá' na academia, eu ganhei dos brutos montes, só que eu era do Vale Tudo, levava tudo pro chão, eu ganhava no chão, tenho muita força no chão, os 'caras grandão' que fazia academia com a gente não conseguiam me pegar', e eu achei, né? Fazia pouco tempo que eu 'tava' fazendo academia uns cinco, quatro meses 'uns grandão' lá, e eu me virando, foi bom pra descarregar raiva e eu fiquei em 2º lugar no campeonato</p> <p>A vou começar pela academia, queria como eu falei, queria colocar o R. naquilo que lembra? Sempre me foquei em desenho, sempre me foquei em música, sempre me foquei em ler, quis sempre me focar na academia pra que ser bom em alguma coisa em luta. Eu era bom, eu não vou falar... ser modesto, eu gostava, eu era bom, o professor falava, que era um dos primeiros entre os 'caras grandão', eu era bom. Eu 'tava' fazendo academia, 'tava' fazendo musculação, 'tava', eu me via mais bonito, me sentindo mais legal, mais a vontade, apesar que eu me olho no espelho 'puta que cara feio', até hoje. Foi o que eu falei, focava, procuro focar naquilo que eu sei que vou me dar bem</p>	
<p>Até hoje eu, a minha auto-estima é bem baixa</p> <p>Tudo eu procuro me supri, a única coisa que eu gosto em mim é o olho, eu acho a cor verde bacana, eu gosto porque eu não consigo ser frio porque eu não consigo ser frio, sabe? Eu sempre fui assim, de ir num lugar todo mundo ficar se divertindo e (faz uma careta de enfezado) Até quem não me conhece sabe, tipo, me vê andando na rua, quando eu 'tô' voltando do trabalho eu sempre (faz cara de enfezado), 'que cara nojento', mas é um negócio que dá pra perceber também quando eu 'tô' triste, quando eu 'tô' legal, eu acho uma coisa bacana. Meu cabelo, o cabelo eu não gosto do meu cabelo, motivo, meu pai é descendente de japonês e eu sempre quis ter cabelo de japonês, eu sou baixinho eu não gosto, sempre, eu era todo raquítico, daí com 13, 12 eu dei uma engordada daí agora que sai da academia que emagreci tal peguei um certo porte, agora também já</p>	<p>Não gosta da sua aparência/baixa auto-estima</p>

<p>‘tô’ uma porcaria de novo. Mas a academia ajudou o problema da minha auto-estima, mas eu nunca gostei, procuro que nem, uso camiseta que eu gosto, que nem eu gosto de usar, que nem eu não coloquei agora, porque eu ‘tava’ deitado, mas eu gosto de usar corrente acho bacana pra caramba, curto pra caramba, se eu ‘tô’ com alguma coisa que eu gosto eu me sinto bem, mas eu nunca me achei bonito, é difícil eu me achar, sempre fui assim comigo. Antes eu tinha cabelo comprido ele era até aqui, na época que eu tocava e tal. Aquele cabelão lisão não parava, ficava caindo no rosto, primeiro nossa eu sentava e ficava três assim mexendo. Sei que é foda e nunca gostei, nunca fui com a minha cara.</p> <p>É que a idéia era de, a é outra coisa bacana quando eu ‘tô’ muito, muito, muito nervoso ou muito apreensivo com alguma coisa, quando eu ‘tô’ preocupado, meu olho clareia bastante, ou doente, quando eu ‘to’ ruim, é difícil eu ficar doente, mas quando eu ‘tô’ doente nossa, é muito difícil eu ficar doente, no máximo uma vez por ano, mas quando eu fico... meu olho fica bem claro.</p> <p>Pesq.: Desde sempre ou agora você melhorou a auto-estima?</p> <p>R: Em parte, mas nunca gostei, não sei por que eu nunca fui com a minha cara, olha eu aqui (mostra uma foto no celular)</p>	
<p>eu era bem, e ainda sou assim bem animado, eu saio, não fico quieto eu zôo todo mundo, ate com quem eu não conheço, tomo ‘ergue’ do segurança do shopping porque eu sou escandaloso</p> <p>No ano passado eu fui à Japão Expo Fest, sabe aquela festa que teve ano passado? Eu fui, fui de ninja eu e um amigo meu, a gente se apresentou lá no palco. Nós 2 fazemos muay thai, então a gente improvisou uns golpes, ficou bacana, naquela época eu estava bem, hoje em dia eu não consigo espacar nem que... eu ‘tava’ isso aqui do chão, vixe hoje em dia eu ‘tô’ mais duro que... foi, foi bacana, ainda que, e comigo sempre acontece alguma coisa errada, ai eu ‘tava’ com a espada uma espadinha de plástico, né? Pra fazer, né? Aí no chute aéreo que a gente deu a minha espada voou e eu não vi, ai na parte de traz a espada, que eram 2, ai ninguém viu, né? A eu fui tirar, de ninja tudo bonitinho, né? Achando que era comédia, ai eu fui lá e peguei a espada do chão, cocei a cabeça, ai eu fiz o que eu sei fazer, ser palhaço. A é assim que eu conquisto bastante gente, ai nisso tem muita, muita gente, hoje em dia tem muito colega tanto é que eu trabalhei com vendas, meu pai conhecia bastante gente, bastante amigo, amigo da firma que eu trabalhei, escola então isso é uma brincadeira que eu faço</p> <p>É assim eu sou bem humorado, assim eu mesmo, eu assim comigo sou uma pessoa muito mal-humorado, sabe ‘tá’ sempre de mau-humor, quando eu acordo eu odeio que fale comigo, odeio que fale comigo quando eu acordo, eu gosto de silêncio, pra dormir eu odeio que fale comigo, eu gosto de silêncio, é acho que puxei esse meu</p>	Sou palhaço

<p>lado oriental. Bom aí entre uma brincadeira e outra, o pessoal vai me conhecendo, ai depois que vai conhecendo tipo o R., sabe?</p>	
<p>quando eu tinha quinze, quinze, dezesseis, eu tive uma depressão muito, muito, muito forte, eu não conseguia sair da cama, chorava todo dia e, assim, minha mãe ficava com dó, mas achava que era frescura, meu pai, assim, no inicio achei que ele me xingava: “sai dessa cama não vai adiantar nada isso, não vai dar certo”, apesar disso ser uma doença eu já pesquisei eu já fui atrás pra ver o que que é, que realmente não tinha motivo pra eu ‘tá’ que, na verdade tinha, né? O que ‘tava’ acontecendo em casa, amizade, assim, que eu não tinha tanto, foi o negócio que acontecia em casa, como eu sempre fui muito receptivo de tudo o que acontece, eu peguei. E ele sempre falando: “sai daí”, né e ajudou? Ajudou. Há um tempo atrás quase me deu de novo, só que eu fiquei pensando não vai acontecer nada, eu não vou passar por isso de novo e tal, pensamento positivo</p>	Autocura
<p>O negócio era bem restrito, o primeiro evento que teve em 98, foram oitenta e três pessoas, hoje em dia vão...o último que teve, foram quase duzentas mil, foi muita gente, não dava pra andar, é ai que entra outra coisa que eu odeio, um negócio que eu odeio, é <i>poser</i>, sabe o que é <i>poser</i>?</p> <p>Por exemplo, o cara fala que é fã do Slipknot, ‘puta eu sô fã’, ‘fala cinco músicas’, fala duas, tipo, moda, fala três nomes de integrantes na banda, eu odeio <i>poser</i>. É um negócio que, é tem muito, muito, muito anime, muito desenho, antes era muito restrito tinha o ??? e cavaleiros do zodíaco, nossa, agora é muito... Então, pode ser um pouquinho bonitinho que nossa, ‘ai eu adoro anime’, ‘nossa eu quero’ ‘amo, nossa eu sou fã dele’, nossa isso me irrita demais. E vai muito emo, nossa eu odeio emo, e vai aqueles ‘emão’ lá , aquela franjona ‘ai que lindo’ não sabem nem o que quer dizer. Psai, quem sabe o que quer dizer? Eu sei é uma dança indiana. Todo negócio eu procuro saber até pra jogar na cara de quem gosta, isso eu não gosto, é até gosto, quer provar ‘fala então’, o que eu gosto e o que eu não gosto eu procuro saber, entender, e eu nossa, essa turma que vai lá...</p>	Poser
<p>E é isso eu sei que é engraçado, eu sei cativar a pessoa, como eu sei magoar, eu sei mentir, sei iludir, fazia muito isso, brincava e até que eu pensei ‘tá’ errado, pelo menos ao ver da maioria, que nem o filme lá da Fábrica de chocolate, ‘até eu sou comestível mas isso não é bem visto pra certas comunidades’, se você quiser você faz, mas a maioria.</p> <p>Já mentiram pra mim, já me iludiram e eu não gosto e se eu não gosto que façam comigo... só que eu era, era não, ainda eu sou, bem menos, vingativo, pisou feio na bola cara, pode ter certeza que ai eu vou dar em dobro, eu ‘tô’ completamente errado mas nossa, é bem menos que antes, eu vou pagar na mesma moeda. Que nem a primeira namorada que eu tive, ela tinha quinze anos, eu ‘tava’ com esse cabelo (mostra foto do cabelo comprido) uma japa, aí a gente ficou por quatro meses, daí ela foi pra Curitiba no final do ano de</p>	Lado mau: mentir, iludir, ser estúpido

<p>dois mil e cinco, mandava mensagem, ligava: ‘ai eu não consigo esquecer de você’, até teve uma amiga dela que gostava meio de mim, sabe? Uma outra japinha, sabe? E eu de boa. Aí ela pegou e voltou, voltou estranha, ai ela falou: ‘ai é que eu fiquei com um cara lá e acho que vai dar certo’, falou sabe, acabou comigo, e é sempre assim eu tinha medo de me relacionar com as pessoas e quando eu me relaciono com a pessoa eu dou tudo de mim, isso acabou comigo, aí eu fiquei com a amiga dela, na frente dela, ela ficou... aí ela falou ‘ai pra que fazer isso’, mas eu ‘tava’ ruim, sabe? Então faz tempo que eu não faço essa tipo de coisa, nunca me deram motivo, foi o que eu falei é a gente ‘tá’ preparado pra alguma coisa quando acontecer, que nem nunca mexeram comigo agora se alguém mexer comigo, se mexer mesmo, eu arreberto, nunca tive nenhum motivo.</p> <p>Eu não sei se isso é bom, eu me senti nesse negócio de ficar sozinho longe, era de botar medo, é, ser impenetrável assim, em conversar em sentimento, que nem quando minha mãe vinha falar eu era estúpido, que eu já ‘tava’ ruim e ela vinha falar e eu era estúpido, ‘você vai ficar de castigo’, ‘tá’ bom, ‘você vai ficar</p> <p>Tipo, fiquei meio estúpido e tal, mas por isso que quando vem falar comigo eu sou meio chato, isso sabe, só se a minha mãe fizer alguma coisa assim ai sim, por isso que eu tenho tão poucos amigos, amigos de verdade eu tenho poucos, mas eu tenho bastante colega, amigo gente que eu posso contar pra certas coisas, mas pra tudo, tudo é pouco, na verdade é amigo de verdade, mais falar de amigos eu tenho bastante, eu acho legal pra caramba.</p> <p>Pesq.: Você tem mil facetas R.</p> <p>R: É isso que eu falei, eu consigo ser muitas coisas.</p>	
<p>A vou começar pela academia, queria como eu falei, queria colocar o R. naquilo que lembra? Sempre me foquei em desenho, sempre me foquei em música, sempre me foquei em ler, quis sempre me focar na academia pra que ser bom em alguma coisa em luta. Eu era bom, eu não vou falar... ser modesto, eu gostava, eu era bom, o professor falava, que era um dos primeiros entre os caras grandão, eu era bom. Eu ‘tava’ fazendo academia, ‘tava’ fazendo musculação, ‘tava’, eu me via mais bonito, me sentindo mais legal, mais a vontade, apesar que eu me olho no espelho ‘puta que cara feio’, até hoje. Foi o que eu falei, focava, procuro focar naquilo que eu sei que vou me dar bem, que eu sei que tenho uma facilidade, negócio de eletrônica e outras e isso que eu pensei em fazer, faculdade de engenharia da computação, sempre gostei de mexer no computador, nunca fiz curso de computador, nunca fiz curso de inglês, sei mexer em computador, sei inglês, desenho, sei tudo isso. Cantar na época que a gente ‘tava’ com a banda, procurava saber cantar e tal, achava gostoso, sempre achei gostoso, de fazer aquela voz (urghhhh) sempre achei legal. Jogar, sabe aquele jogo de tiro <i>contouer strick</i>? Eu tinha um time, a gente disputou regional, tipo, a gente ficou em</p>	<p>Querida ser bom em alguma coisa</p>

<p>segundo, eu era o líder do time, outra coisa acho interessante também você saber, eu sempre fui ... Ah! olha o tamanhinho do meu mestre (mostra uma foto). Capitão, líder, sempre me designavam a isso, e por causa dos da...</p> <p>, sei lá é acho que é por isso, daí o time de <i>contouer strick</i> tem uma estratégia, não é só um joguinho, tem estratégia né, de combate, fica um aqui cuidando da base e tal, então eu designava via em que cada um era bom, 'bom aquele é bom em uma tiro à distancia', então ele fica ali cuidando da base, e eu designava e a gente ficou em 2º, é, é 'responsa', mas se a gente você bom ficava em 1º, entendeu? Fazer o quê? Eu dei o eu melhor, os caras eram bons mesmo, os cara já foram os melhores jogadores brasileiros, né?</p>	
<p>Outra coisa eu sempre fui CDF, eu sempre me dediquei eu sempre fui o melhor aluno da classe, e sempre me zuavam, aí eu cansei, agora eu parei, larguei, sempre tirei nota boa, mas não tomava a frente do jeito que eu tomava, só quando tinha esse negócio em grupo, aí falavam: 'vai R.', 'você vai falar', não nunca liguei, sempre gostei de expor as minhas idéias, é isso, mais alguma pergunta?</p>	CDF

Anexo XV

Transcrição entrevista semi estruturada com D.

Pesq.: O que eu queria saber hoje, mais especificamente, não sei nem se dá pra ser específico, é saber mais ou menos como é que você se orienta, que tipo de valores orientam a sua vida, como é que você faz as escolhas da sua vida. Desde as escolhas mais complicadas como a da faculdade, até as escolhas mais simples.

D.: Ah, eu sou impulsionada por uma vontade, assim, é eu me oriento a partir das coisas que eu gosto, eu vejo que aquilo me interessa, como a escolha da faculdade, eu vejo que tem a ver comigo daí eu vou e me oriento a partir daquilo que me faz bem, que eu gosto e que eu acho legal. É... É basicamente isso. É o que eu tenho vontade, é o que tem mais a ver comigo. Eu me oriento a partir daí. Eu me oriento a partir daí. Qual seria a outra pergunta embutida que você fez?

Pesq. Que valores? Que valores estão por traz? Se é que dá pra identificar, se é tão claro assim...

D.: De alguma influência, assim?

Pesq.: Pode ser também alguma influência.

D.: Como eu disse assim, na outra conversa. É eu pego um pouco de tudo, valores que eu vou construir, os meus valores a partir da forma que eu for crescendo, assim, ainda vou criar muitos, muitas coisas. É mais os que eu tenho até hoje é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da pessoa com que eu convivi com... até chegar a idade que eu 'tô'. Ainda vou conviver com outras pessoas, vou criar outros valores, outras coisas que vão me interessar, mas é isso conforme eu vou vivendo eu vou criando os meus valores, vou tendo atitudes a partir das minhas vontades e vou seguindo em frente, assim.

Pesq.: Você acha que, assim, a sua família... Você falou bastante da sua família pra mim na outra vez. Você acha que ela influenciou bastante na construção dos seus valores e se influenciou em que sentido?

D.: Aquela base, aquele, aquele valor tradicional que todo mundo tem que ter, de saber o que é certo e errado, que não pode matar, não pode roubar, sabe esses valores tradicionais que todo mundo tem? Que tem que ter, entendeu? Isso veio da minha família. Que eu não posso gastar mais do que eu ganho, que eu não posso dever que é feio, essas coisas minha família tem bastante isso, esse valor vieram da minha família, essa base essa coisa tradicional que eu acho que toda família tem que ter. Mas eu sou muito diferente no restante dos valores que pra mim também são importantes, como não matar, como não roubar, como na questão do preconceito essas coisas que meu pai é muito, é uma pessoa muito preconceituosa com meus amigos, se a pessoa é negra, se a pessoa é gay, é de qualquer jeito. É uma maneira preconceituosa ele é muito ... tem uma cabeça muito antiga, arcaica, muito velha e esses valores não vêm dele, então isso veio a partir do meu convívio com outras pessoas.

Pesq.: E você acha que é mais de amigos?

D.: É mais de amigos assim, não têm muitos aqui de casa. Eu também fui mudando, têm umas coisas que eu criei assim, que ninguém me disse, eu não sei, eu vi uma notícia, eu vi uma coisa, aí eu comecei a pensar sobre aquilo e daí eu a partir... eu já... eu mesma criei aquilo e vai acontecer com bastante gente. Mas é isso o que eu herdei da minha família foram os valores mínimos assim, sabe? Uma coisa tradicional que não tem nada que eu necessite assim, né? Uma coisa tradicional.

Pesq.: E você acha que esses valores tradicionais eles ajudaram você a fazer escolhas, eles te orientam de alguma forma ou você teve que mudar muito, teve que pensar muito a respeito deles?

D.: Não é que então, tipo, de não usar drogas, de não... sabe ajuda, claro! Não vai ajudar nas escolhas dos meus amigos, não que eu tenha preconceito, eu converso com todo mundo, a pessoa pode ser um assaltante, um criminoso, eu converso. Mas, eu não vou andar junto com elas, nesse sentido influencia nas minhas escolhas sim. Eu sei que vou 'tá' me prejudicando tal, mas a partir do momento que eu vejo que não vai me fazer mal, mesmo minha mãe ter falado, meu pai ter me falado eu vou por mim, daí nesse sentido não vou me influenciar e é isso no restante não mudam minhas opiniões, assim.

Pesq.: Você tinha falado pra mim que você é anticapitalista e tal. O que é uma pessoa anticapitalista?

D.: Não. Não é que eu sou anticapitalista e aí tem a influência um pouco de casa, assim. Tipo, se aquilo não 'tá' compensando, se eu 'tô' comprando muito a marca, eu não vou, eu não vou comprar, porque é visível nem a roupa importa, sabe? Pode ser até bonita, não vai interessar, entendeu? Eu vou comprar a marca, um preço absurdo pela marca e daí não que eu seja uma pessoa muito sei lá, que eu leve ao pé da letra, isso que eu sou anticapitalista, não. Não sou. Eu tenho a básica noção do que é futilidade, assim, do que é fútil. Eu não gosto de futilidade, daí a partir daí entra um pouco disso de anticapitalista e tal. No caso do Mac é aquilo, 'tá' muito caro, até antes quando era R\$ 10 eu nunca gostei, na verdade nunca achei que valia a pena o preço que sempre tinha pagado pelo Mac, mas ainda 'tava' pagável, mas agora que aumentou sabe? Isso era há alguns anos atrás, agora nem se diminuísse de novo eu compraria mais. daí já mudou já. Agora conforme vai acontecendo as coisas assim, daí eu vou mudando também, mas é isso, sei lá, é mais pela questão de futilidade, assim, entendeu? Pagar marca se não gosto, minha mãe também ensinou isso também, isso eu também trouxe de casa, é verdade, mas é só por isso não que eu seja mesmo anticapitalista. Não tenho essas frescuras também de: "sou vegetariana", de ser diferente e tal, não sou vegetariana, eu acho bobagem, você entendeu? Não é por questão de eu querer ser diferente é nesse sentido, que em algumas coisas eu quero, mas é questão de eu achar mesmo que não vale a pena, então daí eu vou não por isso, vou pela minha cabeça meio infantil e é só isso.

Pesq.: Você consegue lembrar de um evento, de uma situação mesmo... Você estava falando de uma notícia, que alguém falou alguma coisa assim, e daí: "eu criei uma solução nova, eu pensei a respeito daquilo, da minha cabeça" Ah, ou qualquer outra

coisa, assim, que você criou, entendeu? Que você não consegue falar: “Ah, eu identifico que foi meu pai ou minha mãe quem me ensinou, que eu vi no meu amigo, na verdade surgiu isso porque eu mesma inventei.”

D: Deixa eu ver deixa eu pensar. Eu, eu acho que eu fico nessa questão de... sei lá, e tudo que eu, tudo que eu, ah eu não sei determinar, eu não lembro, assim, entendeu? Mas eu sei que é diferente porque foi eu que criei, tipo em questão de eu gosto de tatuagem, gosto de *piercing*, sabe essas coisas? Eu mesma criei meu conceito, a partir daí eu vi que ah, eu tenho uma mente aberta, e eu vi que é aquilo, entendeu? Tipo, eu vejo uma pessoa de *piercing*, eu acho que é normal, coisa mais normal, coisa mais natural, aí as pessoas vêem na rua e falam: “Nossa você tem um *piercing* no pescoço, você é louca!” Sabe? E eu acho uma coisa tão simples assim, daí talvez seja isso, coisas que as pessoas se chocam por bobagem, eu acho coisa boba sabe, e não me choca. É difícil me chocar, sabe? A não ser que seja uma coisa muito forte assim, mas é, é tudo por coisa diferente, assim, do meu pai assim, do meu pai e da minha mãe, o *piercing*, da tatuagem, o modo de pensar, tipo, dessa minha cabeça aberta sabe? Por isso, tudo que não me choca, porque eu criei alguma coisa, porque o meu conceito, porque é aquilo sabe não me assusta. Se eu andasse à noite pela rua, vejo aqueles travestis ou aquelas coisas não me chocam, eu tenho isso na minha cabeça, eu criei uma coisa de que aquilo é comum, tipo, eu tenho na minha cabeça, sabe? Eu sei o porquê eles fazem isso, tipo, eu não vou ficar falando pra mim julgar, igual a maioria das pessoas fazem, sabe? É que é assim, cada um vive a sua vida, também tem muito perigo, mais acho que isso aí é conforme eu fui vendo, sabe? Ando daí, tipo, as coisas não me assustam mais, eu tenho aquilo na minha cabeça, eu crio aquilo, tipo, aí é uma coisa boba, aí eu procuro ver o motivo, ver, ter uma outra visão. A única coisa que eu me assusto ainda é violência, essas coisas.

Pesq.: E na escola você acha que é um lugar, assim de referencia também, pra atitudes pra valores, pra formar de um jeito de pensar?

D.: A escola, a escola, eu tive professores que me ajudaram, foram dois professores que mudaram assim a minha vida, meu jeito de pensar, um foi agora no terceiro ano, uma outra professora foi da 5ª até agora, sabe? Tipo, é aquilo eles iam explicando a matéria, falando e comentando e mostrando a parte crítica das coisas, que realmente eu tinha que concordar, tinha muito a ver comigo, daí, a partir daí crio, assim. É me ajudou a criar conceito, assim, também, é... mas a escola mesmo, assim, sei lá, a escola com direção essas coisas, assim, não me ajudou em nada. É, tipo, “tô” na escola porque precisa ir pra escola, “tô” tirando nota porque eu quero ter nota boa, porque vai precisar pro meu futuro, mas agora, assim, meu relacionamento com meus amigos, convivo com as pessoas essas coisas também me ajudaram, assim, conforme eu fui... conforme eu fui crescendo eu fui aprendendo a me relacionar melhor e tal, que eu expliquei que era esquisitinha essas coisas assim, mais eu ..., talvez eu penso assim que, tipo, ainda quando eu for fazer uma faculdade vá mudar mais, porque é uma coisa que me interessa, aí vai ter um assunto que vai me interessar, entendeu? Mas quando eu não faço questão assim, também tem aquela coisa da gente também, né? Você querer se esforçar, assim, e, tipo, tem a ver com você. E de algumas coisas que falavam na escola pra mim não fazia... não tem nada a ver, eu debatia ainda, eu nunca fui grosseira com professor, assim, eu nunca falei palavrão essas coisas, mas é que tinha coisa que eles falavam que realmente não tinha nada a ver, e não ia mudar em nada a vida de ninguém. Eles criavam aquele conceito muito bobo, assim, sabe? Daí discutia, tipo,

professor, uma vez um professor eventual foi aplicar prova de 15 anos pra gente na classe, mais acho que ele quis colocar imagem de que ele é o professor, né? Queria respeito porque “eu sou o eventual”, só que ele não soube por aquilo pra classe e começou a gritar com todo mundo, só que a classe ‘tava’ quieta, tipo, “ai não conversem” e começou a gritar: ‘Eu vou pegar a prova de vocês, parem de falar”, sabe? Daí eu, simplesmente, eu não concordava com aquilo, daí eu fiz questão, daí eu sai e falei “o professor eu não quero fazer a prova com o senhor aqui, é eu acho que você ‘tá’ abusando desse poder ai que ‘tão’ te dando, e eu não acho certo só porque você é o professor vai tratar os alunos desse jeito? Sendo que a gente não ‘tava’ fazendo nada pro senhor”, aí ele virou e falou: “é e você pensa que ‘tá’ falando com quem? Com seu pai? Daí eu falei: “não, graças a Deus, não. Meu pai não é igual ao senhor.” Daí eu fui pra direção, aquela coisa... me levaram pra escola, pra, pro, pra coordenação e conversei, falei, eu realmente... eu não concordava com o que ele ‘tava’ fazendo lá na sala e tal. Daí foi uma coisa legal, assim, que aconteceu, a coordenadora me entendeu que, que ‘tava’ sendo abusivo o professor. Ela tirou o professor da classe e colocou outro pra dar a prova, aí a gente chega na classe os alunos “ah, ehh!” tipo, não queria nada daquilo, sabe? Mas a maioria, escola é assim, sabe? Na maioria das vezes a gente não é entendido, na maioria das vezes, assim, me acusaram. “Ai deixa eu pegar o fichário que eu esqueci no pátio? Não. Aí eu fui pegar, porque eu gosto de aprontar também, né? É bem da minha personalidade aprontar. Daí eu fui pega, fui pra direção, sabe por coisa boba. Ai, tipo, tem aquilo a diretora não entende os alunos, como eu expliquei do caso lá do meu amigo, lá que apanhou e tal. Fazem o que é mais fácil, às vezes, e eu não gosto disso, a pessoa não quer lutar pra que aquilo que é melhor, e é isso, não sei se você entendeu porque eu fiquei dando voltas, assim.

Pesq.: O grupo que a gente fez, saiu muito a discussão sobre individualismo, né? E até muitas vezes a solução que vocês chegaram é que não tinha muito outra forma de ser que não fosse o individualismo, que a gente vive hoje, até pra se preservar a gente acaba sendo individualista. Você se considera uma pessoa individualista?

D: Ah, eu me considero um pouco sim, eu penso muito em mim, eu sou individualista. Mas eu sou uma pessoa boa também, solidária, ajudo as pessoas, só se eu, tipo, tiver num ambiente de trabalho, assim, e como o R. tinha falado, assim, ai se discute comigo eu vou e jogo tudo pro ar e saio do trabalho. Não. Eu não vou fazer isso, entendeu? Mas por isso eu não vou ter a mesma atitude, eu preciso daquilo, sabe? Como eu já havia dito eu não vou ter essa mesma atitude boba, a não ser que, que a empresa em que eu trabalhe não seja ética, sabe? Rouba e essas coisas, coisas mínimas que também irá me prejudicar tem, fica essa parte também pessoal, né? E vai sujar pra mim também, eu acho que tudo é individualismo também, acho que o mundo vira nessa questão de individualismo, e os problemas que acontecem são culpa das situações individualistas e a solução também é culpa da situação individualista que parte de uma só pessoa tudo, né? Parte de você, e eu sou assim, eu sou individualista, sou solidária, sou uma pessoa boa, mas acho que não deixo de ser uma pessoa individualista, mas é... acho que, o que eu tinha que falar é isso.

Pesq.: O que é uma pessoa, como é que ela age quando ela não é individualista?

D.: Ah, ela é um anjo, né? Ela vai nascer padre, né? Ela vai viver sua vida pras pessoas, é o único jeito de você não ser individualista, que ou você ‘tá’ lutando ou você é padre você vive a sua vida pras pessoas assim, tipo, ‘ah, eu vou pra África’, apesar de

que tipo a eu “vou pra África e vou ajudar as pessoas só”, mas aquilo você ‘tá’ tendo um pouco do seu lado individualista sim, mesmo você indo ajudar, porque aquilo te faz bem, aquele sentimento pra você subestime, aquele sentimento, entendeu? É pra você, tipo, se aquilo depois de você ajudar as pessoas na África e você não estiver se sentindo bem você não ia ficar ajudando as pessoas na África, tem a ver com você, entendeu? Tipo: “ah, eu me senti bem dentro da África, eu vou me sentir bem de ajudar as pessoas” Tudo, tudo é a partir disso, dessa coisa, eu chego à conclusão de que até o padre deve ser individualista.

Pesq.: Que ele acaba pensando nele mesmo, de que esta fazendo bem pra ele.

D: É, tem individualismo bom e ruim, sabe? Tem “ah, eu vou matar, eu vou assaltar, porque eu preciso de dinheiro” e sei lá, tipo, eu não penso nas outras pessoas, tipo, se vai prejudicar, e tem essa parte de individualismo bom, tipo, vou ajudar pra eu me satisfazer, pra eu ficar bem comigo, mas então chega a conclusão de que todo mundo é individualista, de toda forma, é isso, eu ‘tô’ mais, eu ‘tô’ mais pra ser a individualista boa, eu sou muito boa, mais é.

Pesq.: De modo geral, a gente sabe, você que vai entra nessa área, área de comunicação social, que a mídia de um modo geral tem bastante influencia na vida das pessoas, você acha que na sua vida em particular, ela tem esse peso essa influencia, de influenciar seu modo de agir, de pensar, até de sentir, né? Até algumas pessoas sentem o que a televisão quer que você sinta e o que é moda, você acha que na sua vida você identifica um peso da mídia ou você acha que não.

D: Tem, tem um peso, na área de comunicação tem um peso, eu gosto da informação, tipo, eu ‘tô’ assistindo jornal, ‘tô’ tendo influência sobre mim, eu quero, eu quero fazer comunicação social, porque eu gosto daquilo, eu ‘tô’ assistindo jornal e o modo que o jornalista ‘tá’ tratando o assunto ou falando sobre o mundo, éh... tem influência em mim sim, eu gostei daquilo, e eu quero fazer aquilo. Novela até, tipo, ai essa historia é legal e tal, e ai você começa a pensar sobre a vida daquela família do que ‘tá’ passando na novela, ai você começa a pensar as coisas do mundo, você viaja um pouquinho, é a coisa mais boba pra mim, mais, mais tem influência. Tudo que a mídia vende, assim, eu já fui influenciada pela mídia sim, porque eu sempre fui aquela menina ‘ai eu gosto de coisa boa, eu não vou ouvir isso aí porque é ruim’, e apesar, de “eu não vou ouvir isso aí por que é ruim”, mas eu não criticava as pessoas que ouviam também, até tem uma hora que eu vou gostar daquela bandinha lá toda ruim, que, que eu sou quis, e é aquilo, tipo, eu assistia aquilo e aquilo me tocava de alguma forma, então, mas tem influência. É mentirosa a pessoa que fala que não tem, influência todo mundo tem, porque atrás daquilo não é que é mídia, atrás daquilo têm pessoas também, então uma pessoa influencia a outra, então é uma aliança, é uma corrente, que ‘tando’ na tv ou não, você ‘tá’ lá recebendo carga de influencia de todos os cantos.

Pesq.: Você acha que é ruim, que é negativo isso?

D.: Não, eu não acho que é ruim, não é negativo. Você tem que ver a influência que legal pra você. Você tem que pegar mesmo das coisas ruins as coisas boas. Tem que peneirar tudo aquilo. Você peneira e vê o que valeu a pena, daí você guarda pra você, o que não, você joga fora. Em toda aquela influência tem coisa boa.

Pesq.: Essa peneira... veja se eu estou entendendo, eu 'tô' tentando ligar uma coisa com a outra. Pra você essa peneira, esse filtro é aquilo que te faz se sentir bem, é aquilo que você gosta.

D.: Isso. É aquilo que me faz crescer, que me faz me sentir bem, é isso, o que me toca, assim. Todo o restante, o que não tem a ver comigo, o que não encaixou no meu modo de pensar, aquilo eu não vou querer pra mim. Eu acho que eu sou uma pessoa que tem uma cabeça legal, mas pode ter uma pessoa que tem uma cabeça um pouco fraca e receber uma carga grande de uma coisa muito ruim, tipo apologia a alguma coisa que é lançada pela mídia, daí ela tem essa cabeça fraca e acha legal "nossa, uhhu!" E recebe toda aquela carga negativa, só que é aquilo, né? Têm pessoas por trás, pessoas que são negativas fazendo também. Se tivesse um deus pra fazer uma peneira na mídia, daí seria legal, mas não tem.

Pesq.: Teria que ser alguma coisa sobrenatural, as próprias pessoas não teriam condições de modificar isso?

D.: Eu falo um deus, uma pessoa muito boa que todo mundo amasse e que todo mundo seguisse ele. Que existe o nosso Deus, tal e eu acredito que ele exista, tal, mas não é todo mundo que ouve ele. Então teria que ser um anjo, uma pessoa muito boa que influenciasse a cabeça de todo mundo de uma forma boa. Realmente não existe uma pessoa muito boa, assim. Não tem ninguém que faça isso, então não dá pra ser. E as pessoas são muito bobas na maioria das vezes. Tipo, eu falo uma coisa má mesmo, não ruim, porque você recebe bastante coisa ruim tipo funk, assim, pocotó, essas coisas, tudo bem 'tá' recebendo aquilo não é legal, não é aquela coisa uhhu, mas é questão de algumas coisa más, mesmo, algumas coisas más, mesmo, algumas pessoas jogam carga negativa, coisas más, coisas como apologia e aquilo entra. Se você deixa aquilo entrar faz você pensar, ter pensamentos ruins, ter conceitos negativos demais que não é legal.

Pesq.: Você fala da apologia, você fala droga, nazismo...

D.: É tudo isso que vá prejudicar você e as pessoas a sua volta, e que você pega pra você, e...

Pesq.: Você falou que se considera uma pessoa de cabeça boa, mas tem muita gente de cabeça fraca, o que você acha que faz uma pessoa ter uma cabeça mais fortalecida que consegue se posicionar quando recebe esse tipo de informação e uma pessoa que é mais frágil.

D.: Uma pessoa que é muito nova, já recebeu logo de cara aquela carga negativa, aquela coisa negativa ou uma pessoa que teve o convívio muito negativo, passou pela vida dela só pessoa negativa, só pessoa ruim, daí eu acho que isso vai acarretando, e vai, e vai criando pensamentos ruins, porque, por exemplo, se passassem na sua vida só pessoas ruins, aí como você vai pensar, você ia pensar assim, desde pequena eu 'tô' falando, entende? Então é um processo, por isso que é importante essa coisa da criança, ter cuidado, isso quando é criança você tem que cuidar, tem que mostrar condições boas.

Pesq.: No seu caso, você acha que você teve muitas pessoas boas que passaram na sua vida, e isso você acha que é um privilégio, ou você buscou esse tipo de pessoas, veio meio por acaso ou foi na verdade você que buscou.

D: Foi uma coisa que, que puxou a outra, eu, eu fui por um caminho que eu fiz, eu 'tava' na escola perto de pessoas boas, porque, aí eu tava fazendo uma coisa boa eu 'tava' estudando, eu fui praticar esportes, ao invés de querer, de usar qualquer coisa assim, é, a partir daí eu tinha, é um vício bom, então têm pessoas boas é eu tive sorte da minha primeira escolha ser uma escolha legal e que levou a várias outras escolhas legais, agora vou procurar coisas legais.

Pesq.: E você acha que essa pessoa, que tem a cabeça fraca hoje, né da sua idade assim, e ela tem como mudar isso ou fica muito difícil, pela sua historia desde criança e tal.

D: É, ela tipo, é aquilo, mas é que ela tem a cabeça fraca, daí é complicado, se a pessoa olha, é que é aquilo aí essa pessoa vai quebrando a cara também. Acho que a vida ajuda, vai quebrando, vai quebrando a cara ou uma hora, assim, se entrega, vai ser ruim de vez, mas é aquilo ela vê alguma coisa e ela tem que criar algum conceito, mas quem sabe alguma hora da vida dela ela não cria um conceito bom, e vê que aquilo é errado e vai mudar e surge uma luz na cabeça dela, mais é raro, né? É sobrenatural, não é uma coisa que acontece muitas vezes, mais na maioria das vezes não acontece.

Pesq.: E o processo inverso, você que tem a cabeça bacana e tal, você acha que tem jeito de mudar. Você foi contando que foi fazendo escolhas a partir daquela primeira escolha que foi lá na 7ª série e tal, foi, foi claro que você mudou, mas foi sempre dentro de uma mesma perspectiva, foi crescendo mais dentro de uma perspectiva, você acha que apesar de você ter essa clareza hoje, você pode mudar, você pode ser uma pessoa ruim, por exemplo.

D: Então, eu acho que é, é bem difícil acontecer, né e tal, mas é aquilo, a vida traz coisas, assim... a não ser que aconteça uma tragédia na minha vida, acho que seria, e eu, eu acho que eu, ficaria ruim por algum tempo mais depois eu me levantaria, entendeu? Não que eu fosse ficar vivendo aquilo pra sempre assim, esse ciclo, tipo a eu vou viajar... Não. É assim, eu penso assim, a gente tem um ciclo e dentro desse ciclo tem etapas, daí em cada etapa, cada etapa dessa é um pedacinho da sua vida que você tem que viver, desde quando você nasce até a sua morte. Eu posso ter um pedaço da minha vida que não seja legal, mas o primeiro pedaço que me deu toda a luz da minha vida inteira, não vai deixar o único pedaço, porque é uma questão de equação de porcentagem, eu tenho mais pedaços bons até ali que não, um único pedaço que mesmo ele sendo grande não vai fazer diferença, eu acho que não tem como, eu não entregaria a minha vida, até aí é difícil, é uma pergunta difícil. Mas eu tenho uma cabeça muito, muito informada, assim, eu posso até saber que eu 'tô' fazendo alguma coisa errada mais que eu não vou permanece naquele errado, eu vou buscar saída, entendeu? Sabe, eu 'tô' fazendo uma coisa errada, eu experimentei uma coisa errada, pra criar, pra sabe? Que eu experimentei uma coisa errada, pra saber o que é o errado pra mim não fazer, entendeu?

Pesq.: Isso de verdade já aconteceu? Alguma coisa que você fez e sabia que estava errado.

D.: Ah, já. Ah, não errada, errada, eu não fiz coisas tão erradas. Sou uma pessoa que não fiz coisas muito erradas. Ah, não, eu não fiz muita coisa errada. Chego a conclusão que eu não fiz muita coisa errada. Mas eu faria alguma coisa errada, pra saber se era certo, tipo, não que eu vá me enfiar naquilo, mas se fosse importante mesmo eu saber daquele errado. Tem que ser importante mesmo, ‘tá’ dependendo a vida da minha mãe pra eu saber daquele errado, entendeu? Não é porque: “ah, vou experimentar um errado aí e depois eu volto”

Pesq.: Vou lançar uma situação, por exemplo, está dependendo a vida da sua mãe, você falou que ela tem chagas e tal, você aceitaria, por exemplo, roubar algum remédio ou algum dinheiro pra comprar o remédio que compraria o remédio da sua mãe?

D.: Não, não é isso. Minha mãe não aceitaria essa coisa roubada, até se chegasse no fio, talvez, mas não ia acarretar muita coisa ruim na minha vida.

Pesq.: Você consegue pensar num exemplo de como seria então?

D.: Um amigo meu fez uma coisa, muito amigo meu, ele fez uma burrada, assim, e eu tinha que ir em algum lugar conversar com pessoas que não era pra eu conversar pra tentar ajudar, até me arriscar e tal. Porque, tipo, aí meus amigos fumam, eu já experimentei cigarro, mas, tipo, não é pra mim, entendeu? Não faz a minha cabeça, assim. Nunca cheirei, nunca fiz nada assim, porque eu já sei antes de fazer, então essas coisas eu não fiz. Eu não me envolveria numa coisa muito errada. Mas eu acho que teria cabeça se a vida me jogasse, assim, pra depois sair, entendeu? Como eu sou uma pessoa forte, eu me reergueria de um acidente. Eu penso muito na vida, né? Eu procuraria alternativas, assim. Eu sempre fico procurando alternativas, quando alguma coisa quando alguma coisa ‘tá’ me afligindo, ‘tá’ me fazendo mal. Eu sempre busco alternativas e penso na vida, em coisas que eu poderia fazer pra melhorar aquilo. Não só no errado ou no certo das minhas atitudes, mas em alguma coisa que me deixou mal e eu penso na vida e eu penso que tenho muita coisa pra fazer e o que eu posso fazer pra tirar aquele sentimento ruim.

Pesq.: Você estava falando dos ciclos da vida, né? O que você acha que determina esses ciclos? Como eles são determinados?

D.: O grande e o pequeno.

Pesq.: Você falou que têm etapas, como ocorrem as transições entre essas etapas?

D.: Você toma caminhos, assim. Dependendo do caminho que você toma é um ciclo, assim. Tipo, meus pais, vou dar um exemplo que não tem nada a ver. Aí vou viajar, passei tanto tempo na Itália, ‘tô, lá conhecendo as coisas, daí eu fecho esse ciclo, porque eu volto e posso reabrir e tal, também. Eu volto e vivo a minha vida e nem penso nisso mais, só vem o conhecimento mesmo, porque você vai levar as coisas, né? Só que, tipo, aquilo foi importante, ter acontecido na minha vida e tal, só que aconteceram tantas outras coisas importantes que pesaram mais pra mim, entendeu? Então são outros ciclos, assim, entendeu?

Pesq.: E é você quem determina.

D.: É você quem determina, cada caminho que você segue, cada minuto, assim, tipo, eu posso estar no meu quarto e eu penso uma coisa pra minha vida e eu faço aquilo tudo que eu pensei. Acabou. Daí eu vou pensar em outra coisa. E dentro desses ciclos podem ter pequenos ciclinhos, assim. Você divide a sua vida, né? Você divide o que você quer pra ela. Porque querendo ou não a gente já pensa no futuro já. Porque todo mundo pensa no futuro, ninguém vive só no presente. Mesmo vivendo o presente enlouquecidamente, já pensou no futuro, sabe?

Pesq.: Você é uma pessoa preocupada com o futuro?

D.: Eu sou, eu sou preocupada com o futuro. Eu penso bastante no futuro. Eu fico criando várias alternativas. Daí eu vou vivendo, né? Naquele ciclo que eu 'tô'. Até eu não entrar nesse novo ciclo. Às vezes eu posso ter vivido um ciclo monótono, bem chato até eu entrar naquela outra coisa que eu escolhi, porque eu vou pensar em muitas coisas, assim. Mas eu penso bastante, assim, no meu futuro. Eu planejo o meu futuro. Eu já planejei a minha vida inteira. Eu até sou aquela pessoa que pensa ai hoje é dia 5, o que será que vai acontecer no dia 5 do ano que vem. Daí depois eu 'tô' vivendo o dia 5 do ano que vem e eu lembro o que pensei no dia 5, coisas boas. Eu penso muito no futuro. No que eu quero pra mim e eu vou criando as coisas. Nunca paro.

Pesq.: Você se definiria como uma pessoa mais impulsiva, que vivendo assim, conforme os seus gostos, vai escolhendo conforme vai te dando mais prazer ou como uma pessoa mais reflexiva?

D.: Eu sou reflexiva, apesar de ter o gosto eu pensei antes. Eu sempre penso se aquilo me agrada ou não. Tem toda uma linha na minha cabeça. Eu penso em tudo aquilo, até chegar aquele... o ponto mesmo que eu vejo que não é bom pra mim, que não vai me agradar, que aquilo eu não gosto. Já passou pela minha cabeça e eu já refleti tudo. Não sou impulsiva, assim. Nossa! E quando eu fui impulsiva eu só me ferrei. Tipo, fui nadar com as minhas amigas e, tipo: "pula, pula, pula!" Tipo, não pensei fui lá e pulei. Machuquei, sabe? Se eu tivesse pensado antes, eu até poderia pular, mas eu ia pensar na forma que eu ia pular e como ia funcionar as minhas pernas até cair na água. Até chegar o momento que falo: "eu vou pular, mas vou pular desse jeito" Então sou muito reflexiva, não sou impulsiva. Pode ser que em algumas vezes eu fui impulsiva, mas não é da minha pessoa.

Pesq.: Vou voltar um pouquinho no começo, que você falou do padre, de ser bom e de ser mau, do individualismo. Você acha que é possível que exista esse tipo de pessoa, como o anjo e padre, que venha pra mudar?

D.: Não. Tipo, pode ter um anjo, mas não que o padre seja anjo. É difícil, eu tenho uma visão ruim de padre, não gosto de padre.

Pesq.: Vamos pensar numa pessoa muito boa que pode mudar, como você falou, a cabeça das outras pessoas. Você acha que seria possível existir uma pessoa totalmente boa? Ou com muito mais bondade, que maldade.

D.: Têm pessoas boas, só que é aquilo, pode ter pessoas muito boas, mas a maioria das pessoas é meio a meio. Eu acho que a maioria das pessoas é meio a meio. Pode até chegar numa quantia, assim, mas nunca aquilo que vai revolucionar. Mas eu acho que

'tá' aí, Cristo vai voltar. Eu acredito nisso, eu tive uma infância... fui na igreja Presbiteriana. Não acho tão importante 'tá' lá. Aceito coisas de todas as religiões, já fui no Candomblé, já conheci, até por causa dos meus amigos espíritas, já fui pra algumas igrejas, eu não tenho preconceito nenhum. Tipo, eu fui na Presbiteriana quando eu era pequena, né? Fui pra escola dominical, aprendi sobre a bíblia. Mas tem coisa ali que eu até questiono, porque eu tive outra visão. Mas voltando, pode existir uma pessoa muito boa, mas que não vai ser ouvida por todos, tipo, nem Jesus foi ouvido tal, uma pessoa inteiramente boa. Então eu acho que não vai mudar, pode ser lembrado.

Pesq.: Você 'tá' me falando que na sua infância frequentou a igreja Presbiteriana, esses princípios, mesmo do espiritismo, são princípios cristãos, você acha que eles influenciam a sua vida?

D.: Com os princípios cristãos que eu concordo sim. É que eu acho que tem coisa muito velha na bíblia e apesar de, pode ser pastor, padre muito inteligente pra entender, nem eu entendo. Não 'tô' me colocando nem na altura, nem eu entendo. É, talvez, a bíblia 'tá' ali pra você ler, dar uma referência pra você criar o seu conceito da vida. Mas têm princípios básicos da bíblia, tipo, não matarás, não roubais, essas coisas bem éticas, assim, que é o mais importante que eu acho. Não julgarás o próximo. Trate as pessoas bem como fosse tratar a ti. São coisas que eu concordo e que, realmente, foi desde criança. E eu uso isso na minha vida. Aquilo, meus amigos, deixa eu pensar nos meus amigos que são religiosos e são gays e daí eu vejo que eles sofrem um pouco, sabe? Daí nessa parte eu não concordo. Eu já acho que pela bíblia ser muito antiga tem a ver com época.

Pesq.: A condenação da homossexualidade.

D.: É, eu acho que tem a ver com época. Mas esses princípios básicos da humanidade têm que ser seguidos. Naqueles tempos mais antigos aquele caras podiam maltratar as mulheres, daí sei lá, aquilo não é legal, daí resolveram botar um fim, daí surgiu essa história que não pode ser homossexual. Eu não vejo que não terá caminho pro céu, não sei se fala isso, também, porque eu não tenho conhecimento pleno, assim. Eu acho que as pessoas, isso que eu acho pior, as pessoas pegam parte da bíblia e colocam na frente daquilo que é mais importante, antes, entendeu? Às vezes Deus falou aquilo, mas aquilo não tinha tanta importância como outras coisas, como amai o seu próximo, tipo, Deus também falou isso. Amai o seu próximo e não importa se ele é uma prostituta, gay ou seja de qualquer jeito. E as pessoas distorcem e colocam isso na frente de coisas que realmente valem a pena pra você ter pra você. Cada um cuide da sua vida, nessa parte é você que vai querer, entendeu? Mas que cada um tem que respeitar, tem que colocar esses princípios de respeito que a bíblia traz na frente daquela outra coisa que a bíblia fala, que eu acho que pra e até pra algumas outras pessoas, não tem tanta importância. Mas, às vezes as pessoas colocam...

Pesq.: Quando você têm problemas pra resolver como você buscar resolvê-los. Você conversa com as pessoas? Você pensa? De onde vem a fonte de inspiração pra você tomar uma decisão?

D.: Eu penso muito, muito, muito. Eu fico pensando e depois eu paro. Daí aquilo volta e eu continuo pensando. Às vezes eu 'tô' aqui na rua, 'tá' passando tudo o que 'tá' acontecendo e a minha cabeça 'tá' longe. Eu gosto de conversar com o meu amigo S.

Tipo, eu converso, ele fala umas coisas, mas sou eu que acabo criando tudo pra solucionar o que eu 'tô' vivendo. Mas é aquilo, aquela coisa de desabafar e falar, mas é mais por isso, porque a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você 'tá' falando. Eu, pelo menos, penso no que eu 'tô' falando, vai pensando e daí você mesmo vai criando soluções. Até, tipo, 'tô' lá debatendo com a turma da escola, conforme eu vou falando eu vou pensando e vou criando soluções. Isso daí também funciona. Mesmo você pode pensar antes e tal, mas essa é uma outra forma de resolver.

Pesq.: E quando você 'tá' pensando você lembra das experiências que você já teve relacionadas a isso. Você lembra do que você já ouviu de outras pessoas. Que tipo pensamentos vai compondo isso? Pra você achar uma solução.

D.: Eu penso sim, tipo, no que aconteceu com as outras pessoas, mas não é o que me influencia mais não. As coisas vão surgindo, assim, na minha cabeça, sabe? Eu vejo as alternativas, sabe? Eu fico criando futuros, assim, sabe? O que vai acontecer se eu fizer isso? O que vai acontecer se eu fizer aquilo? Daí eu escolho. Nem sempre eu me saio bem em tudo, assim.

Pesq. Por exemplo, no seu emprego agora, quando o seu dentista te propôs, assim, você pensou pra aceitar?

D.: Eu já tinha pensado antes que 'tava' precisando trabalhar naquele momento. Então ele veio com o emprego e eu falei: 'tá'. Eu já 'tava' pensando antes que... Que uma coisa, tipo assim, eu sai de um emprego, tipo, eu sei que não tenho nada ainda pra fazer, estudar tal, mas por enquanto não tenho nada pra fazer, então quero arrumar outro emprego, que é uma coisa básica, ter um emprego, ganhar dinheiro pra sobreviver. É uma coisa básica que tinha que acontecer, daí ele veio com essa proposta e eu falei: 'tá'. Não precisou pensar.

Pesq.: Da faculdade você me contou um pouquinho, mas eu vou retomar pra gente explorar um pouquinho mais. Você me falou que estava muito em dúvida, daí você pesquisou na internet, fez um teste vocacional, conversou com um amigo que tinha escolhido arte educação que é mais difícil e até te motivou a pensar: "Ah, não é tão difícil assim de eu me estabelecer profissionalmente." Fala um pouquinho mais desse processo pra mim.

D.: Eu já gostava daquilo, sempre me fascinou informações. Eu gostava, só que eu tinha medo, mas conforme você vai pesquisando, você vai criando alternativas que dá pra sobreviver fazendo as coisas que você gosta, vai demorar um pouco, mas também se você escolher uma outra coisa que você não gosta vai demorar também. Então eu fui pesquisando, eu pesquisei lá, depois eu vi onde eu podia trabalhar e eu vi que tem como. Eu fui criando alternativas. O que eu posso fazer pra trabalhar nisso? Eu posso trabalhar naquilo. Daí eu fiz o teste e foi outra coincidência que deu tudo certo, porque o teste deu aquilo que eu gostava. Porque teste vocacional é aquilo. Você coloca tudo o que você gosta, você já sabe que você quer fazer aquilo, mas você coloca tudo aquilo, só pra você ter uma outra resposta de um psicólogo, de sei lá, da pessoa que faz aquele teste, porque aquilo vale mais do que você 'tá' pensando. Mas, você já sabe o que você quer. Daí você vai responder sobre você, tipo, quando você 'tá' numa festa tal. Você sabe que aquilo já tem a ver com você, já tem a ver com o seu jeito de viver e ainda vai

lá e faz teste vocacional, mas é pra isso, pra reafirmar, você quer uma segunda opinião, sei lá.

Pesq.: Você me falou que as conquistas amorosas não é uma parte da sua vida que você dá muita importância, mas pra você escolher uma pessoa quando você 'tá' numa festa, 'tá' num barzinho, o que leva você a escolher?

D.: A pessoa ser diferente assim, tipo, eu vejo... ai tem que ser um pouco bonito, assim, porque eu acho que cada um escolhe o que é equivalente. Se você acha que aquela pessoa é equivalente a você, ou outra coisa eu vou conhecer depois, é equivalente não nas coisas que você gosta, mas alguma coisa que você pense ou conquiste, sei lá, daí você pode ver depois. Mas sempre tem aquilo, você pensa se aquela pessoa é boa, tipo, 'tá' no seu nível ou não. Querendo ou não você sente isso. Ou no seu nível de inteligência, ou no seu nível de beleza, ou no seu nível de ser legal.

Pesq.: Normalmente você faz um balanço de todos esses níveis?

D.: Não eu já sai com pessoas que eu achava legal só, não que achasse que eram equivalentes. Eram legais e eu fiquei porque queria ficar com alguém ou não 'tava' querendo ficar e fiquei. Mas quando a pessoa me conquista mesmo é isso. Se for pra definir, assim, eu gosto de pessoas diferentes, bonitas, mas bonitas de um outro jeito. Uma beleza diferente sabe? Exótica. Uma coisa que não é comum, assim. Tipo, até as outras pessoas podem achar bonito assim, mas tipo, não faz meu tipo. É ... eu me baseio nisso.

Pesq.: E é de momento... Já aconteceu de você pensar: "bom hoje eu fico" mas depois pensar que não ficaria.

D.: É que tipo assim, 'tô' numa balada, 'tô' num lugar, numa festa você vira, assim, e olha as pessoas que estão ao seu redor daí sempre vai ter alguém que tipo você 'ta' olhando e você volta. É aquela coisa do cérebro também, a partir do momento que você olha, bate o olho você define quem vai ser seu amigo, quem... Você definir ali quem te conquistou e as pessoas que não, até à primeira vista. Ou você 'tá' conversando e pode mudar tal, mas ali você já sabe tudo, o cérebro já manda isso pra você, já seleciona, já faz um, faz um processo tão rápido, assim, sabe? Que não dá nem pra pensar, sabe? Já manda e você, você já escolhe.

Pesq.: E daí no outro dia você vê aquilo e faz diferente? É isso?

D.: Das pessoas que eu escolhi? Não, aquilo é fixo, talvez mude porque eu conversei com outras pessoas tal, daí, ah, eu encontrei alguma coisa legal, mas aquela pessoa eu seleciono que já quer... 'tá' numa roda, você seleciona já quem você quer como amigo, ou fica na roda conversando mesmo, conversando com o seu amigo, com quem te conquistou, e quem... entendeu?

Pesq.: Eu queria voltar um pouquinho nessa questão de pensar e ser impulsiva, em ser controlada pela emoção. A gente vê assim muitas histórias, principalmente da juventude e tal, como a emoção orienta e tal, o que, que você acha disso? Você me contou que... o que que você analisa. Por que, que hoje tem tantas pessoas que... por exemplo, a gente tinha conversado um pouco sobre seus ídolos e tal, seu gosto musical

e você estava falando de algumas pessoas que vivem o hoje, muito essa questão de viver o prazeroso, não se importam muito com o que vai acontecer amanhã. O que você pensa disso?

D.: Eu acho que essas pessoas não são impulsivas. Elas são bem reflexivas daí elas adotam essa filosofia. Fazem as coisas, mas sabendo que elas estão fazendo aquilo, ainda mais pessoas, no caso dos meus artistas, eu penso que são pessoas muito inteligentes. Ah, tipo, eu vou me jogar, ah eu vou me jogar, mas eu sei que eu vou me jogar e eu pensei que pra mim é legal me jogar. É uma filosofia de vida minha. Não que seja impulsiva. Ainda mais pessoas que no caso são pessoas inteligentíssimas.

Pesq.: Você acha que tem uma cisão. Pessoas impulsivas usam menos a inteligência?

D.: Eu não acredito que existam muitas pessoas impulsivas, acho que sei lá, ‘tô’ julgando um pouco por mim. Não existem muitas pessoas impulsivas, sempre ‘tá’ pensando. Tem atitudes impulsivas, assim. Eu tenho menos atitudes impulsivas que a maioria dos jovens, claro, mas você pensa e depois pensa também.

Pesq.: E o que você pensa desse modo de se viver? Dessa política de viver o hoje, né dessa política do que é o viver hoje, e porque você fala que planeja tudo e eu achei interessante, porque as pessoas que você citou principalmente as mulheres né, vivem muito o presente né, tipo “a eu não sei nem se ela vai pro Brasil”, a Amy “não sei se ela vai poder, porque não sei nem se ela vai ‘tá’ viva.”

D: Mas ela pensa assim, ela é impulsiva, mas ela pensa, sabe? Pode ter aquele momento ruim também e, tipo, no caso da Amy, ela ‘tá’ voltando, ela ‘tá’ engordando, não vai mais morrer e, e ‘tá’ voltando. Ela é inteligente, ela amava muito uma pessoa, sabe? O marido dela que, sei lá o amor às vezes, talvez quem sabe? Mas. é eu não acho que ela é impulsiva, não sei se ela é impulsiva, mas ela teve atitudes impulsivas, foi isso, teve atitudes, ela pensava no que ‘tava’ fazendo. E tem a questão do vício, ela começou a fazer uma coisa, e eu tenho certeza que ela não largou do vício dela porque não pode largar de uma hora pra outra, aí você sabe, tipo, tem que dar um pouquinho pra pessoa, até ela acabar, então daí é pensando nisso também, né? Que daí eu acho que isso mexe com a cabeça, ela tomou uma atitude na vida dela, numa fase da vida dela, usar droga forte assim, que nem mexe com a cabeça dela, daí isso pode trazer uma vida impulsiva pra pessoa, mas eu acho que toda pessoa pensa, no momento são e tem aquela reflexão é reflexiva.

Pesq.: Queria também perguntar uma coisa, na última entrevista, quando você falou do Hitler, você falou que ele é uma figura que te instiga, que é uma figura a ser estudada, a ser conhecida, né? O que mais te atrai, o que você gostaria de conhecer mais, assim de estudar?

D: Ele era, o Hitler, ele era uma pessoa muito, ele era louco, né? Ele é louco e são ao mesmo tempo, isso que é engraçado, porque ele teve uma idéia que, que é uma idéia legal, né? Só que não dá pra encaixar no mundo, então ele, ele é, é são, porque teve a idéia e é, é louco por querer usar ela numa realidade que não dá pra ser usada, acho que isso, é o que mais me instiga assim, a conhecer, entendeu? Pegar a vida dele, que ainda eu tenho que conhecer muito, porque eu sei o básico, pegar a vida dele e conhecer os momentos são e os loucos.

Pesq.: O que você acha que é aquela boa assim, qual era a, a parte boa e a parte ruim, quais eram os momentos sãos e os loucos?

D: Não ele, o momento são é que, que ele pensou, tipo, ele pensou ‘que eu matando essas pessoas doentes’, matando, sabe? Vai ser uma coisa pura, vai criar pureza, entendeu? Poxa é legal você ter pureza, tipo, se ele usasse isso, em outra, em outra forma, em outra coisa, seria uma coisa extraordinária, entendeu? Mas ele tinha que usar isso com as pessoas, com um ser humano? Então, não dá pra ser usado? Deixa eu ver onde ele poderia usar? Tipo, eu vou acabar com todas as armas. E ele tinha o poder de, pelo menos, ali acabar com todas as armas. E ter aquela coisa nesse sentido. Aquela pureza, sabe?

Anexo XVI

Pré-indicadores entrevista semi-estruturada com D.

Falas	Pré- indicadores
<p>Ah, eu sou impulsionada por uma vontade, assim, é eu me oriento a partir das coisas que eu gosto, eu vejo que aquilo me interessa, como a escolha da faculdade, eu vejo que tem a ver comigo daí eu vou e me oriento a partir daquilo que me faz bem, que eu gosto e que eu acho legal. È... É basicamente isso. É o que eu tenho vontade, é o que tem mais a ver comigo. Eu me oriento a partir daí. Eu me oriento a partir daí.</p> <p>Vou tendo atitudes a partir das minhas vontades e vou seguindo em frente, assim.</p>	<p>Escolho a partir do que me faz sentir-se bem</p>
<p>É eu pego um pouco de tudo, valores que eu vou construir, os meus valores a partir da forma que eu for crescendo, assim, ainda vou criar muitos, muitas coisas. É mais os que eu tenho até hoje é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor, a partir da pessoa com que eu convivi com... até chegar a idade que eu 'tô'. Ainda vou conviver com outras pessoas, vou criar outros valores, outras coisas que vão me interessar, mas é isso conforme eu vou vivendo eu vou criando os meus valores</p> <p>É mais de amigos assim, não têm muitos (valores) aqui de casa. Eu também fui mudando, têm umas coisas que eu criei assim, que ninguém me disse, eu não sei, eu vi uma notícia, eu vi uma coisa, aí eu comecei a pensar sobre aquilo e daí eu a partir... eu já... eu mesma criei aquilo e vai acontecer com bastante gente</p> <p>Não tenho essas frescuras também de: “sou vegetariana”, de ser diferente e tal, não sou vegetariana, eu acho bobagem, você entendeu? Não é por questão de eu querer ser diferente é nesse sentido, que em algumas coisas eu quero, mas é questão de eu achar mesmo que não vale a pena, então daí eu vou não por isso, vou pela minha cabeça meio infantil e é só isso.</p> <p>Tipo, eu vejo uma pessoa de <i>piercing</i>, eu acho que é normal, coisa mais normal, coisa mais natural, aí as pessoas vêem na rua e falam: “Nossa você tem um <i>piercing</i> no pescoço, você é louca!” Sabe? E eu acho uma coisa tão simples assim, daí talvez seja isso, coisas que as pessoas se chocam por bobagem, eu acho coisa boba sabe, e não me choca. É difícil me chocar, sabe? A não ser que seja uma coisa muito forte assim, mas é, é tudo por coisa diferente, assim, do meu pai assim, do meu pai e da minha mãe, o <i>piercing</i>, da tatuagem, o modo de pensar, tipo, dessa minha cabeça aberta sabe? Por isso, tudo que não me choca, porque eu criei alguma coisa, porque o meu conceito, porque é aquilo sabe não me assusta. Se eu andasse à noite pela rua,</p>	<p>Eu crio os meus próprios valores e minhas próprias escolhas</p>

vejo aqueles travestis ou aquelas coisas não me chocam, eu tenho isso na minha cabeça, eu criei uma coisa de que aquilo é comum, tipo, eu tenho na minha cabeça, sabe? Eu sei o porquê eles fazem isso, tipo, eu não vou ficar falando pra mim julgar, igual a maioria das pessoas fazem, sabe? É que é assim, cada um vive a sua vida, também tem muito perigo, mais acho que isso aí é conforme eu fui vendo, sabe? Ando daí, tipo, as coisas não me assustam mais, eu tenho aquilo na minha cabeça, eu crio aquilo, tipo, ai é uma coisa boba, ai eu procuro ver o motivo, ver, ter uma outra visão. A única coisa que eu me assusto ainda é violência, essas coisas.

Pesq.: Pra você essa peneira, esse filtro é aquilo que te faz se sentir bem, é aquilo que você gosta.

Isso. É aquilo que me faz crescer, que me faz me sentir bem, é isso, o que me toca, assim. Todo o restante, o que não tem a ver comigo, o que não encaixou no meu modo de pensar, aquilo eu não vou querer pra mim.

É você quem determina, cada caminho que você segue, cada minuto, assim, tipo, eu posso estar no meu quarto e eu penso uma coisa pra minha vida e eu faço aquilo tudo que eu pensei.

E dentro desses ciclos podem ter pequenos ciclinhos, assim. Você divide a sua vida, né? Você divide o que você quer pra ela.

Eu penso muito, muito, muito. Eu fico pensando e depois eu paro. Daí aquilo volta e eu continuo pensando. Às vezes eu 'tô' aqui na rua, 'tá' passando tudo o que 'tá' acontecendo e a minha cabeça 'tá' longe. Eu gosto de conversar com o meu amigo S. Tipo, eu converso, ele fala umas coisas, mas sou eu que acabo criando tudo pra solucionar o que eu 'tô' vivendo. Mas é aquilo, aquela coisa de desabafar e falar, mas é mais por isso, porque a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você 'tá' falando. Eu, pelo menos, penso no que eu 'tô' falando, vai pensando e daí você mesmo vai criando soluções. Até, tipo, 'tô' lá debatendo com a turma da escola, conforme eu vou falando eu vou pensando e vou criando soluções. Isso daí também funciona. Mesmo você pode pensar antes e tal, mas essa é uma outra forma de resolver.

Eu penso sim, tipo, no que aconteceu com as outras pessoas, mas não é o que me influencia mais não. As coisas vão surgindo, assim, na minha cabeça, sabe? Eu vejo as alternativas, sabe? Eu fico criando futuros, assim, sabe? O que vai acontecer se eu fizer isso? O que vai acontecer se eu fizer aquilo? Daí eu escolho. Nem sempre eu me saio bem em tudo, assim.

eu converso com todo mundo, a pessoa pode ser um assaltante, um criminoso, eu converso. Mas, eu não vou andar junto com elas, nesse sentido influencia nas minhas escolhas sim. Eu sei que vou 'tá' me

<p>prejudicando tal, mas a partir do momento que eu vejo que não vai me fazer mal, mesmo minha mãe ter falado, meu pai ter me falado eu vou por mim, daí nesse sentido não vou me influenciar e é isso no restante não mudam minhas opiniões, assim.</p> <p>A escola, a escola, eu tive professores que me ajudaram, foram dois professores que mudaram assim a minha vida, meu jeito de pensar, um foi agora no terceiro ano, uma outra professora foi da 5^a até agora, sabe? Tipo, é aquilo eles iam explicando a matéria, falando e comentando e mostrando a parte crítica das coisas, que realmente eu tinha que concordar, tinha muito a ver comigo, daí, a partir daí crio, assim. É me ajudou a criar conceito, assim, também,</p> <p>Não, eu não acho que é ruim, não é negativo. Você tem que ver a influência que legal pra você. Você tem que pegar mesmo das coisas ruins as coisas boas. Tem que peneirar tudo aquilo. Você peneira e vê o que valeu a pena, daí você guarda pra você, o que não, você joga fora. Em toda aquela influência tem coisa boa.</p> <p>(Peneira) Isso. É aquilo que me faz crescer, que me faz me sentir bem, é isso, o que me toca, assim. Todo o restante, o que não tem a ver comigo, o que não encaixou no meu modo de pensar, aquilo eu não vou querer pra mim.</p> <p>Eu gosto de conversar com o meu amigo S. Tipo, eu converso, ele fala umas coisas, mas sou eu que acabo criando tudo pra solucionar o que eu 'tô' vivendo. Mas é aquilo, aquela coisa de desabafar e falar, mas é mais por isso, porque a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você 'tá' falando.</p>	
<p>Tipo, eu vejo uma pessoa de <i>piercing</i>, eu acho que é normal, coisa mais normal, coisa mais natural, aí as pessoas vêem na rua e falam: “Nossa você tem um <i>piercing</i> no pescoço, você é louca!” Sabe? E eu acho uma coisa tão simples assim, daí talvez seja isso, coisas que as pessoas se chocam por bobagem, eu acho coisa boba sabe, e não me choca. É difícil me chocar, sabe? A não ser que seja uma coisa muito forte assim, mas é, é tudo por coisa diferente, assim, do meu pai assim, do meu pai e da minha mãe, o <i>piercing</i>, da tatuagem, o modo de pensar, tipo, dessa minha cabeça aberta sabe?</p> <p>Eu sei o porquê eles (prostitutas, travestis) fazem isso, tipo, eu não vou ficar falando pra mim julgar, igual a maioria das pessoas fazem, sabe?</p> <p>Não tenho essas frescuras também de: “sou vegetariana”, de ser diferente e tal, não sou vegetariana, eu acho bobagem, você entendeu? Não é por questão de eu querer ser diferente é nesse sentido, que em algumas coisas eu quero, mas é questão de eu achar mesmo que não vale a pena, então daí eu vou não por isso.</p> <p>Eu tenho menos atitudes impulsivas que a maioria dos jovens, claro,</p>	Sou diferente

<p>mas você pensa e depois pensa também.</p> <p>eu gosto de pessoas diferentes, bonitas, mas bonitas de um outro jeito. Uma beleza diferente sabe? Exótica. Uma coisa que não é comum, assim. Tipo, até as outras pessoas podem achar bonito assim, mas tipo, não faz meu tipo. É ... eu me baseio nisso.</p>	
<p>Aquela base, aquele, aquele valor tradicional que todo mundo tem que ter, de saber o que é certo e errado, que não pode matar, não pode roubar, sabe esses valores tradicionais que todo mundo tem? Que tem que ter, entendeu? Isso veio da minha família. Que eu não posso gastar mais do que eu ganho, que eu não posso dever que é feio, essas coisas minha família tem bastante isso, esse valor vieram da minha família, essa base essa coisa tradicional que eu acho que toda família tem que ter.</p> <p>Mas é isso o que eu herdei da minha família foram os valores mínimos assim, sabe? Uma coisa tradicional que não tem nada que eu necessite assim, né? Uma coisa tradicional.</p> <p>Não é que então, tipo, de não usar drogas, de não... sabe ajuda, claro! Não vai ajudar nas escolhas dos meus amigos, não que eu tenha preconceito, eu converso com todo mundo, a pessoa pode ser um assaltante, um criminoso, eu converso. Mas, eu não vou andar junto com elas, nesse sentido influencia nas minhas escolhas sim. Eu sei que vou 'tá' me prejudicando tal, mas a partir do momento que eu vejo que não vai me fazer mal, mesmo minha mãe ter falado, meu pai ter me falado eu vou por mim, daí nesse sentido não vou me influenciar e é isso no restante não mudam minhas opiniões, assim.</p> <p>Tipo, se aquilo não 'tá' compensando, se eu 'tô' comprando muito a marca, eu não vou, eu não vou comprar, porque é visível nem a roupa importa, sabe? Pode ser até bonita, não vai interessar, entendeu? Eu vou comprar a marca, um preço absurdo pela marca e daí não que eu seja uma pessoa muito sei lá, que eu leve ao pé da letra, isso que eu sou anticapitalista, não. Não sou. Eu tenho a básica noção do que é futilidade, assim, do que é fútil. Eu não gosto de futilidade, daí a partir daí entra um pouco disso de anticapitalista e tal. No caso do Mac é aquilo, 'tá' muito caro, até antes quando era R\$ 10 eu nunca gostei, na verdade nunca achei que valia a pena o preço que sempre tinha pagado pelo Mac, mas ainda 'tava' pagável, mas agora que aumentou sabe? Isso era há alguns anos atrás, agora nem se diminuísse de novo eu compraria mais. Daí já mudou já. Agora conforme vai acontecendo as coisas assim, daí eu vou mudando também, mas é isso, sei lá, é mais pela questão de futilidade, assim, entendeu? Pagar marca se não gosto, minha mãe também ensinou isso também, isso eu também trouxe de casa, é verdade, mas é só por isso não que eu seja mesmo anticapitalista.</p>	<p>Influência da família na constituição de valores</p>
<p>A escola, a escola, eu tive professores que me ajudaram, foram dois professores que mudaram assim a minha vida, meu jeito de pensar, um foi agora no terceiro ano, uma outra professora foi da 5ª até</p>	<p>Influência da escola na constituição de</p>

<p>agora, sabe? Tipo, é aquilo eles iam explicando a matéria, falando e comentando e mostrando a parte crítica das coisas, que realmente eu tinha que concordar, tinha muito a ver comigo, daí, a partir daí crio, assim. É me ajudou a criar conceito, assim, também, é... mas a escola mesmo, assim, sei lá, a escola com direção essas coisas, assim, não me ajudou em nada. É, tipo, “tô” na escola porque precisa ir pra escola, “tô” tirando nota porque eu quero ter nota boa, porque vai precisar pro meu futuro, mas agora, assim</p> <p>Talvez eu penso assim que, tipo, ainda quando eu for fazer uma faculdade vá mudar mais, porque é uma coisa que me interessa, aí vai ter um assunto que vai me interessar, entendeu? Mas quando eu não faço questão assim, também tem aquela coisa da gente também, né? Você querer se esforçar, assim, e, tipo, tem a ver com você. E de algumas coisas que falavam na escola pra mim não fazia... não tem nada a ver, eu debatia ainda, eu nunca fui grosseira com professor, assim, eu nunca falei palavrão essas coisas, mas é que tinha coisa que eles falavam que realmente não tinha nada a ver, e não ia mudar em nada a vida de ninguém. Eles criavam aquele conceito muito bobo, assim, sabe? Daí discutia, tipo, professor, uma vez um professor eventual foi aplicar prova de 15 anos pra gente na classe, mais acho que ele quis colocar imagem de que ele é o professor, né? Queria respeito porque “eu sou o eventual”, só que ele não soube por aquilo pra classe e começou a gritar com todo mundo, só que a classe ‘tava’ quieta, tipo, “ai não conversem” e começou a gritar: ‘Eu vou pegar a prova de vocês, parem de falar’, sabe? Daí eu, simplesmente, eu não concordava com aquilo, daí eu fiz questão, daí eu sai e falei “o professor eu não quero fazer a prova com o senhor aqui, é eu acho que você ‘tá’ abusando desse poder aí que ‘tão’ te dando, e eu não acho certo só porque você é o professor vai tratar os alunos desse jeito? Sendo que a gente não ‘tava’ fazendo nada pro senhor”, aí ele virou e falou: “é e você pensa que ‘tá’ falando com quem? Com seu pai? Daí eu falei: “não, graças a Deus, não. Meu pai não é igual ao senhor.” Daí eu fui pra direção, aquela coisa... me levaram pra escola, pra, pro, pra coordenação e conversei, falei, eu realmente... eu não concordava com o que ele ‘tava’ fazendo lá na sala e tal. Daí foi uma coisa legal, assim, que aconteceu, a coordenadora me entendeu que, que ‘tava’ sendo abusivo o professor. Ela tirou o professor da classe e colocou outro pra dar a prova, aí a gente chega na classe os alunos “ah, ehh!” tipo, não queria nada daquilo, sabe? Mas a maioria, escola é assim, sabe? Na maioria das vezes a gente não é entendido, na maioria das vezes, assim, me acusaram. “Ai deixa eu pegar o fichário que eu esqueci no pátio? Não. Aí eu fui pegar, porque eu gosto de aprontar também, né? É bem da minha personalidade aprontar. Daí eu fui pega, fui pra direção, sabe por coisa boba. Ai, tipo, tem aquilo a diretora não entende os alunos, como eu expliquei do caso lá do meu amigo, lá que apanhou e tal. Fazem o que é mais fácil, às vezes, e eu não gosto disso, a pessoa não quer lutar pra que aquilo que é melhor.</p>	valores
Meu relacionamento com meus amigos, convivo com as pessoas	Influência dos

<p>essas coisas também me ajudaram, assim, conforme eu fui... conforme eu fui crescendo eu fui aprendendo a me relacionar melhor e tal, que eu expliquei que era esquisitinha essas coisas assim, mais eu</p> <p>Mas eu sou muito diferente no restante dos valores (dos meus pais) que pra mim também são importantes, como não matar, como não roubar, como na questão do preconceito essas coisas que meu pai é muito, é uma pessoa muito preconceituosa com meus amigos, se a pessoa é negra, se a pessoa é gay, é de qualquer jeito. É uma maneira preconceituosa ele é muito ... tem uma cabeça muito antiga, arcaica, muito velha e esses valores não vêm dele, então isso veio a partir do meu convívio com outras pessoas.</p> <p>Eu gosto de conversar com o meu amigo S. Tipo, eu converso, ele fala umas coisas, mas sou eu que acabo criando tudo pra solucionar o que eu 'tô' vivendo. Mas é aquilo, aquela coisa de desabafar e falar, mas é mais por isso, porque a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você 'tá' falando.</p>	<p>amigos na constituição de valores</p>
<p>Ah, eu me considero um pouco sim, eu penso muito em mim, eu sou individualista. Mas eu sou uma pessoa boa também, solidária, ajudo as pessoas, só se eu, tipo, tiver num ambiente de trabalho, assim, e como o R. tinha falado, assim, ai se discute comigo eu vou e jogo tudo pro ar e saio do trabalho. Não. Eu não vou fazer isso, entendeu? Mas por isso eu não vou ter a mesma atitude, eu preciso daquilo, sabe? Como eu já havia dito eu não vou ter essa mesma atitude boba, a não ser que, que a empresa em que eu trabalhe não seja ética, sabe? Rouba e essas coisas, coisas mínimas que também irá me prejudicar tem, fica essa parte também pessoal, né? E vai sujar pra mim também, eu acho que tudo é individualismo também, acho que o mundo vira nessa questão de individualismo, e os problemas que acontecem são culpa das situações individualistas e a solução também é culpa da situação individualista que parte de uma só pessoa tudo, né? Parte de você, e eu sou assim, eu sou individualista, sou solidária, sou uma pessoa boa, mas acho que não deixo de ser uma pessoa individualista</p> <p>Eu 'tô' mais, eu 'tô' mais pra ser a individualista boa, eu sou muito boa, mais é.</p>	<p>Sou individualista boa</p>
<p>Ah, ela é um anjo, né? Ela vai nascer padre, né? Ela vai viver sua vida pras pessoas, é o único jeito de você não ser individualista, que ou você 'tá' lutando ou você é padre você vive a sua vida pras pessoas assim, tipo, 'ah, eu vou pra África', apesar de que tipo a eu "vou pra África e vou ajudar as pessoas só", mas aquilo você 'tá' tendo um pouco do seu lado individualista sim, mesmo você indo ajudar, porque aquilo te faz bem, aquele sentimento pra você subestime, aquele sentimento, entendeu? É pra você, tipo, se aquilo depois de você ajudar as pessoas na África e você não estiver se sentindo bem você não ia ficar ajudando as pessoas na África, tem a ver com você, entendeu? Tipo: "ah, eu me senti bem dentro da</p>	<p>Todos somos individualistas</p>

<p>África, eu vou me sentir bem de ajudar as pessoas” Tudo, tudo é a partir disso, dessa coisa, eu chego à conclusão de que até o padre deve ser individualista.</p> <p>É, tem individualismo bom e ruim, sabe? Tem “ah, eu vou matar, eu vou assaltar, porque eu preciso de dinheiro” e sei lá, tipo, eu não penso nas outras pessoas, tipo, se vai prejudicar, e tem essa parte de individualismo bom, tipo, vou ajudar pra eu me satisfazer, pra eu ficar bem comigo, mas então chega a conclusão de que todo mundo é individualista.</p>	
<p>Tipo, eu ‘tô’ assistindo jornal, ‘tô’ tendo influência sobre mim, eu quero, eu quero fazer comunicação social, porque eu gosto daquilo, eu ‘tô’ assistindo jornal e o modo que o jornalista ‘tá’ tratando o assunto ou falando sobre o mundo, éh... tem influência em mim sim, eu gostei daquilo, e eu quero fazer aquilo. Novela até, tipo, ai essa historia é legal e tal, e ai você começa a pensar sobre a vida daquela família do que ‘tá’ passando na novela, ai você começa a pensar as coisas do mundo, você viaja um pouquinho, é a coisa mais boba pra mim, mais, mais tem influência. Tudo que a mídia vende, assim, eu já fui influenciada pela mídia sim, porque eu sempre fui aquela menina ‘ai eu gosto de coisa boa, eu não vou ouvir isso aí porque é ruim’, e apesar, de “eu não vou ouvir isso aí por que é ruim”, mas eu não criticava as pessoas que ouviam também, até tem uma hora que eu vou gostar daquela bandinha lá toda ruim, que, que eu só quis, e é aquilo, tipo, eu assistia aquilo e aquilo me tocava de alguma forma, então, mas tem influência. É mentirosa a pessoa que fala que não tem, influência todo mundo tem, porque atrás daquilo não é que é mídia, atrás daquilo têm pessoas também, então uma pessoa influencia a outra, então é uma aliança, é uma corrente, que ‘tando’ na TV ou não, você ‘tá’ lá recebendo carga de influencia de todos os cantos.</p> <p>Não, eu não acho que é ruim, não é negativo. Você tem que ver a influência que legal pra você. Você tem que pegar mesmo das coisas ruins as coisas boas. Tem que peneirar tudo aquilo. Você peneira e vê o que valeu a pena, daí você guarda pra você, o que não, você joga fora. Em toda aquela influência tem coisa boa.</p> <p>(Peneira) Isso. É aquilo que me faz crescer, que me faz me sentir bem, é isso, o que me toca, assim. Todo o restante, o que não tem a ver comigo, o que não encaixou no meu modo de pensar, aquilo eu não vou querer pra mim. Eu acho que eu sou uma pessoa que tem uma cabeça legal, mas pode ter uma pessoa que tem uma cabeça um pouco fraca e receber uma carga grande de uma coisa muito ruim, tipo apologia a alguma coisa que é lançada pela mídia, daí ela tem essa cabeça fraca e acha legal “nossa, uhhu!” E recebe toda aquela carga negativa, só que é aquilo, né? Têm pessoas por trás, pessoas que são negativas fazendo também. Se tivesse um deus pra fazer uma peneira na mídia, daí seria legal, mas não tem.</p> <p>Tipo, eu falo uma coisa má mesmo, não ruim, porque você recebe bastante coisa ruim tipo funk, assim, pocotó, essas coisas, tudo bem</p>	<p>Influência da mídia na constituição do seu modo de pensar</p>

<p>‘tá’ recebendo aquilo não é legal, não é aquela coisa uhuu, mas é questão de algumas coisas más, mesmo, algumas coisas más, mesmo, algumas pessoas jogam carga negativa, coisas más, coisas como apologia e aquilo entra. Se você deixa aquilo entrar faz você pensar, ter pensamentos ruins, ter conceitos negativos demais que não é legal.</p> <p>Pesq.: Você fala da apologia, você fala droga, nazismo...</p> <p>D: É tudo isso que vá prejudicar você e as pessoas a sua volta, e que você pega pra você, e...</p>	
<p>Se tivesse um deus pra fazer uma peneira na mídia, daí seria legal, mas não tem.</p> <p>Eu falo um deus, uma pessoa muito boa que todo mundo amasse e que todo mundo seguisse ele. Que existe o nosso Deus, tal e eu acredito que ele exista, tal, mas não é todo mundo que ouve ele. Então teria que ser um anjo, uma pessoa muito boa que influenciasse a cabeça de todo mundo de uma forma boa. Realmente não existe uma pessoa muito boa, assim. Não tem ninguém que faça isso, então não dá pra ser. E as pessoas são muito bobas na maioria das vezes.</p> <p>Têm pessoas boas, só que é aquilo, pode ter pessoas muito boas, mas a maioria das pessoas é meio a meio. Eu acho que a maioria das pessoas é meio a meio. Pode até chegar numa quantia, assim, mas nunca aquilo que vai revolucionar</p> <p>pode existir uma pessoa muito boa, mas que não vai ser ouvida por todos, tipo, nem Jesus foi ouvido tal, uma pessoa inteiramente boa. Então eu acho que não vai mudar, pode ser lembrado</p> <p>Ah, ela é um anjo, né? Ela vai nascer padre, né? Ela vai viver sua vida pras pessoas, é o único jeito de você não ser individualista, que ou você ‘tá’ lutando ou você é padre você vive a sua vida pras pessoas assim, tipo, ‘ah, eu vou pra África’, apesar de que tipo a eu “vou pra África e vou ajudar as pessoas só”, mas aquilo você ‘tá’ tendo um pouco do seu lado individualista sim, mesmo você indo ajudar, porque aquilo te faz bem, aquele sentimento pra você subestime, aquele sentimento, entendeu? É pra você, tipo, se aquilo depois de você ajudar as pessoas na África e você não estiver se sentindo bem você não ia ficar ajudando as pessoas na África, tem a ver com você, entendeu? Tipo: “ah, eu me senti bem dentro da África, eu vou me sentir bem de ajudar as pessoas” Tudo, tudo é a partir disso, dessa coisa, eu chego à conclusão de que até o padre deve ser individualista.</p>	<p>Ser sobrenatural como única possibilidade de mudança/ de bondade</p>
<p>Uma pessoa que é muito nova, já recebeu logo de cara aquela carga negativa, aquela coisa negativa ou uma pessoa que teve o convívio muito negativo, passou pela vida dela só pessoa negativa, só pessoa ruim, daí eu acho que isso vai acarretando, e vai, e vai criando pensamentos ruins, porque, por exemplo, se passassem na sua vida só</p>	<p>Pessoas com cabeça fraca</p>

<p>peessoas ruim, ai como você vai pensar, você ia pensar assim, desde pequena eu 'tô' falando, entende? Então é um processo, por isso que é importante essa coisa da criança, ter cuidado, isso quando é criança você tem que cuidar, tem que mostrar condições boas.</p> <p>É, ela tipo, é aquilo, mas é que ela tem a cabeça fraca, daí é complicado, se a pessoa olha, é que é aquilo ai essa pessoa vai quebrando a cara também. Acho que a vida ajuda, vai quebrando, vai quebrando a cara ou uma hora, assim, se entrega, vai ser ruim de vez, mas é aquilo ela vê alguma coisa e ela tem que criar algum conceito, mas quem sabe alguma hora da vida dela ela não cria um conceito bom, e vê que aquilo é errado e vai mudar e surge uma luz na cabeça dela, mais é raro, né? É sobrenatural, não é uma coisa que acontece muitas vezes, mais na maioria das vezes não acontece.</p>	
<p>Eu acho que eu sou uma pessoa que tem uma cabeça legal,</p> <p>Pesq.: No seu caso, você acha que você teve muitas pessoas boas que passaram na sua vida, e isso você acha que é um privilégio, ou você buscou esse tipo de pessoas, veio meio por acaso ou foi na verdade você que buscou.</p> <p>D.: Foi uma coisa que, que puxou a outra, eu, eu fui por um caminho que eu fiz, eu 'tava' na escola perto de pessoas boas, porque, ai eu tava fazendo uma coisa boa eu 'tava' estudando, eu fui praticar esportes, ao invés de querer, de usar qualquer coisa assim, é, a partir daí eu tinha, é um vício bom, então têm pessoas boas é eu tive sorte da minha primeira escolha ser uma escolha legal e que levou a várias outras escolhas legais, agora vou procurar coisas legais.</p> <p>Então, eu acho que é, é bem difícil acontecer, né e tal, mas é aquilo, a vida traz coisas, assim... a não ser que aconteça uma tragédia na minha vida, acho que seria, e eu, eu acho que eu, ficaria ruim por algum tempo mais depois eu me levantaria, entendeu? Não que eu fosse ficar vivendo aquilo pra sempre assim, esse ciclo, tipo a eu vou viajar... Não. É assim, eu penso assim, a gente tem um ciclo e dentro desse ciclo tem etapas, daí em cada etapa, cada etapa dessa é um pedacinho da sua vida que você tem que viver, desde quando você nasce até a sua morte. Eu posso ter um pedaço da minha vida que não seja legal, mas o primeiro pedaço que me deu toda a luz da minha vida inteira, não vai deixar o único pedaço, porque é uma questão de equação de porcentagem, eu tenho mais pedaços bons até ali que não, um único pedaço que mesmo ele sendo grande não vai fazer diferença, eu acho que não tem como, eu não entregaria a minha vida, ate aí é difícil, é uma pergunta difícil. Mas eu tenho uma cabeça muito, muito informada, assim, eu posso até saber que eu 'tô' fazendo alguma coisa errada mais que eu não vou permanece naquele errado, eu vou buscar saída, entendeu? Sabe, eu 'tô' fazendo uma coisa errada, eu experimentei uma coisa errada, pra criar, pra sabe? Que eu experimentei uma coisa errada, pra saber o que é o errado pra mim não fazer, entendeu?</p>	<p>Eu tenho cabeça boa</p>

Você toma caminhos, assim. Dependendo do caminho que você toma é um ciclo, assim. Tipo, meus pais, vou dar um exemplo que não tem nada a ver. Ai vou viajar, passei tanto tempo na Itália, ‘tô, lá conhecendo as coisas, daí eu fecho esse ciclo, porque eu volto e posso reabrir e tal, também. Eu volto e vivo a minha vida e nem penso nisso mais, só vem o conhecimento mesmo, porque você vai levar as coisas, né? Só que, tipo, aquilo foi importante, ter acontecido na minha vida e tal, só que aconteceram tantas outras coisas importantes que pesaram mais pra mim, entendeu? Então são outros ciclos, assim, entendeu?

Ah, já. Ah, não errada, errada, eu não fiz coisas tão erradas. Sou uma pessoa que não fiz coisas muito erradas. Ah, não, eu não fiz muita coisa errada. Chego a conclusão que eu não fiz muita coisa errada. Mas eu faria alguma coisa errada, pra saber se era certo, tipo, não que eu vá me enfiar naquilo, mas se fosse importante mesmo eu saber daquele errado. Tem que ser importante mesmo, ‘tá’ dependendo a vida da minha mãe pra eu saber daquele errado, entendeu? Não é porque: “ah, vou experimentar um errado aí e depois eu volto”

Pesq.: Vou lançar uma situação, por exemplo, está dependendo a vida da sua mãe, você falou que ela tem chagas e tal, você aceitaria, por exemplo, roubar algum remédio ou algum dinheiro pra comprar o remédio que compraria o remédio da sua mãe?

D.: Não, não é isso. Minha mãe não aceitaria essa coisa roubada, até se chegasse no fio, talvez, mas não ia acarretar muita coisa ruim na minha vida.

Pesq.: Você consegue pensar num exemplo de como seria então?

Um amigo meu fez uma coisa, muito amigo meu, ele fez uma burrada, assim, e eu tinha que ir em algum lugar conversar com pessoas que não era pra eu conversar pra tentar ajudar, até me arriscar e tal. Porque, tipo, ai meus amigos fumam, eu já experimentei cigarro, mas, tipo, não é pra mim, entendeu? Não faz a minha cabeça, assim. Nunca cheirei, nunca fiz nada assim, porque eu já sei antes de fazer, então essas coisas eu não fiz. Eu não me envolveria numa coisa muito errada. Mas eu acho que teria cabeça se a vida me jogasse, assim, pra depois sair, entendeu? Como eu sou uma pessoa forte, eu me reergueria de um acidente. Eu penso muito na vida, né? Eu procuraria alternativas, assim. Eu sempre fico procurando alternativas, quando alguma coisa quando alguma coisa ‘tá’ me afligindo, ‘tá’ me fazendo mal. Eu sempre busco alternativas e penso na vida, em coisas que eu poderia fazer pra melhorar aquilo. Não só no errado ou no certo das minhas atitudes, mas em alguma coisa que me deixou mal e eu penso na vida e eu penso que tenho muita coisa pra fazer e o que eu posso fazer pra tirar aquele

sentimento ruim.	
<p>Eu penso muito, muito, muito. Eu fico pensando e depois eu paro. Daí aquilo volta e eu continuo pensando. Às vezes eu 'tô' aqui na rua, 'tá' passando tudo o que 'tá' acontecendo e a minha cabeça 'tá' longe. Eu gosto de conversar com o meu amigo S. Tipo, eu converso, ele fala umas coisas, mas sou eu que acabo criando tudo pra solucionar o que eu 'tô' vivendo. Mas é aquilo, aquela coisa de desabafar e falar, mas é mais por isso, porque a partir do momento que você começa a falar, você vai pensando, já, no que você 'tá' falando. Eu, pelo menos, penso no que eu 'tô' falando, vai pensando e daí você mesmo vai criando soluções. Até, tipo, 'tô' lá debatendo com a turma da escola, conforme eu vou falando eu vou pensando e vou criando soluções. Isso daí também funciona. Mesmo você pode pensar antes e tal, mas essa é uma outra forma de resolver.</p> <p>Eu penso muito na vida, né? Eu procuraria alternativas, assim. Eu sempre fico procurando alternativas, quando alguma coisa quando alguma coisa 'tá' me afligindo, 'tá' me fazendo mal. Eu sempre busco alternativas e penso na vida, em coisas que eu poderia fazer pra melhorar aquilo. Não só no errado ou no certo das minhas atitudes, mas em alguma coisa que me deixou mal e eu penso na vida e eu penso que tenho muita coisa pra fazer e o que eu posso fazer pra tirar aquele sentimento ruim.</p> <p>É você quem determina, cada caminho que você segue, cada minuto, assim, tipo, eu posso estar no meu quarto e eu penso uma coisa pra minha vida e eu faço aquilo tudo que eu pensei. Acabou. Daí eu vou pensar em outra coisa</p> <p>Eu sou reflexiva, apesar de ter o gosto eu pensei antes. Eu sempre penso se aquilo me agrada ou não. Tem toda uma linha na minha cabeça. Eu penso em tudo aquilo, até chegar aquele... o ponto mesmo que eu vejo que não é bom pra mim, que não vai me agradar, que aquilo eu não gosto. Já passou pela minha cabeça e eu já refleti tudo. Não sou impulsiva, assim. Nossa! E quando eu fui impulsiva eu só me ferrei. Tipo, fui nadar com as minhas amigas e, tipo: "pula, pula, pula!" Tipo, não pensei fui lá e pulei. Machuquei, sabe? Se eu tivesse pensado antes, eu até poderia pular, mas eu ia pensar na forma que eu ia pular e como ia funcionar as minhas pernas até cair na água. Até chegar o momento que falo: "eu vou pular, mas vou pular desse jeito" Então sou muito reflexiva, não sou impulsiva. Pode ser que em algumas vezes eu fui impulsiva, mas não é da minha pessoa.</p> <p>Eu tenho menos atitudes impulsivas que a maioria dos jovens, claro, mas você pensa e depois pensa também.</p>	<p>Eu penso muito/ eu sempre penso</p>
<p>Mas eu acho que 'tá' aí, Cristo vai voltar. Eu acredito nisso, eu tive uma infância... fui na igreja Presbiteriana. Não acho tão importante 'tá' lá. Aceito coisas de todas as religiões, já fui no Candomblé, já conheci, até por causa dos meus amigos espíritas, já fui pra algumas igrejas, eu não tenho preconceito nenhum. Tipo, eu fui na</p>	<p>Religião</p>

<p>Presbiteriana quando eu era pequena, né? Fui pra escola dominical, aprendi sobre a bíblia. Mas tem coisa ali que eu até questiono, porque eu tive outra visão.</p> <p>Pesq.; Você ‘tá’ me falando que na sua infância frequentou a igreja Presbiteriana, esses princípios, mesmo do espiritismo, são princípios cristãos, você acha que eles influenciam a sua vida?</p> <p>D.: Com os princípios cristãos que eu concordo sim. É que eu acho que tem coisa muito velha na bíblia e apesar de, pode ser pastor, padre muito inteligente pra entender, nem eu entendo. Não ‘tô’ me colocando nem na altura, nem eu entendo. É, talvez, a bíblia ‘tá’ ali pra você ler, dar uma referência pra você criar o seu conceito da vida. Mas têm princípios básicos da bíblia, tipo, não matarás, não roubais, essas coisas bem éticas, assim, que é o mais importante que eu acho. Não julgarás o próximo. Trate as pessoas bem como fosse tratar a ti. São coisas que eu concordo e que, realmente, foi desde criança. E eu uso isso na minha vida. Aquilo, meus amigos, deixa eu pensar nos meus amigos que são religiosos e são gays e daí eu vejo que eles sofrem um pouco, sabe? Daí nessa parte eu não concordo. Eu já acho que pela bíblia ser muito antiga tem a ver com época.</p> <p>É, eu acho que tem a ver com época. Mas esses princípios básicos da humanidade têm que ser seguidos. Naqueles tempos mais antigos aquele caras podiam maltratar as mulheres, daí sei lá, aquilo não é legal, daí resolveram botar um fim, daí surgiu essa história que não pode ser homossexual. Eu não vejo que não terás caminho pro céu, não sei se fala isso, também, porque eu não tenho conhecimento pleno, assim. Eu acho que as pessoas, isso que eu acho pior, as pessoas pegam parte da bíblia e colocam na frente daquilo que é mais importante, antes, entendeu? Às vezes Deus falou aquilo, mas aquilo não tinha tanta importância como outras coisas, como amai o seu próximo, tipo, Deus também falou isso. Amai o seu próximo e não importa se ele é uma prostituta, gay ou seja de qualquer jeito. E as pessoas distorcem e colocam isso na frente de coisas que realmente valem a pena pra você ter pra você. Cada um cuide da sua vida, nessa parte é você que vai querer, entendeu? Mas que cada um tem que respeitar, tem que colocar esses princípios de respeito que a bíblia traz na frente daquela outra coisa que a bíblia fala, que eu acho que pra e até pra algumas outras pessoas, não tem tanta importância. Mas, às vezes as pessoas colocam...</p>	
<p>Eu penso sim, tipo, no que aconteceu com as outras pessoas, mas não é o que me influencia mais não. As coisas vão surgindo, assim, na minha cabeça, sabe? Eu vejo as alternativas, sabe? Eu fico criando futuros, assim, sabe? O que vai acontecer se eu fizer isso? O que vai acontecer se eu fizer aquilo? Daí eu escolho. Nem sempre eu me saio bem em tudo, assim.</p> <p>Porque querendo ou não a gente já pensa no futuro já. Porque todo mundo pensa no futuro, ninguém vive só no presente. Mesmo</p>	<p>Penso no futuro</p>

<p>vivendo o presente enlouquecidamente, já pensou no futuro, sabe?</p> <p>Eu sou, eu sou preocupada com o futuro. Eu penso bastante no futuro. Eu fico criando várias alternativas. Daí eu vou vivendo, né? Naquele ciclo que eu 'tô'. Até eu não entrar nesse novo ciclo. Às vezes eu posso ter vivido um ciclo monótono, bem chato até eu entrar naquela outra coisa que eu escolhi, porque eu vou pensar em muitas coisas, assim. Mas eu penso bastante, assim, no meu futuro. Eu planejo o meu futuro. Eu já planejei a minha vida inteira. Eu até sou aquela pessoa que pensa aí hoje é dia 5, o que será que vai acontecer no dia 5 do ano que vem. Daí depois eu 'tô' vivendo o dia 5 do ano que vem e eu lembro o que pensei no dia 5, coisas boas. Eu penso muito no futuro. No que eu quero pra mim e eu vou criando as coisas. Nunca paro.</p>	
<p>Eu já tinha pensado antes que 'tava' precisando trabalhar naquele momento. Então ele veio com o emprego e eu falei: 'tá'. Eu já 'tava' pensando antes que... Que uma coisa, tipo assim, eu sai de um emprego, tipo, eu sei que não tenho nada ainda pra fazer, estudar tal, mas por enquanto não tenho nada pra fazer, então quero arrumar outro emprego, que é uma coisa básica, ter um emprego, ganhar dinheiro pra sobreviver. É uma coisa básica que tinha que acontecer, daí ele veio com essa proposta e eu falei: 'tá'. Não precisou pensar.</p>	Emprego
<p>Eu já gostava daquilo, sempre me fascinou informações. Eu gostava, só que eu tinha medo, mas conforme você vai pesquisando, você vai criando alternativas que dá pra sobreviver fazendo as coisas que você gosta, vai demorar um pouco, mas também se você escolher uma outra coisa que você não gosta vai demorar também. Então eu fui pesquisando, eu pesquisei lá, depois eu vi onde eu podia trabalhar e eu vi que tem como. Eu fui criando alternativas. O que eu posso fazer pra trabalhar nisso? Eu posso trabalhar naquilo. Daí eu fiz o teste e foi outra coincidência que deu tudo certo, porque o teste deu aquilo que eu gostava. Porque teste vocacional é aquilo. Você coloca tudo o que você gosta, você já sabe que você quer fazer aquilo, mas você coloca tudo aquilo, só pra você ter uma outra resposta de um psicólogo, de sei lá, da pessoa que faz aquele teste, porque aquilo vale mais do que você 'tá' pensando. Mas, você já sabe o que você quer. Daí você vai responder sobre você, tipo, quando você 'tá' numa festa tal. Você sabe que aquilo já tem a ver com você, já tem a ver com o seu jeito de viver e ainda vai lá e faz teste vocacional, mas é pra isso, pra reafirmar, você quer uma segunda opinião, sei</p>	Escolha da faculdade
<p>A pessoa ser diferente assim, tipo, eu vejo... aí tem que ser um pouco bonito, assim, porque eu acho que cada um escolhe o que é equivalente. Se você acha que aquela pessoa é equivalente a você, ou outra coisa eu vou conhecer depois, é equivalente não nas coisas que você gosta, mas alguma coisa que você pense ou conquiste, sei lá, daí você pode ver depois. Mas sempre tem aquilo, você pensa se aquela pessoa é boa, tipo, 'tá' no seu nível ou não. Querendo ou não você sente isso. Ou no seu nível de inteligência, ou no seu nível de beleza, ou no seu nível de ser legal.</p>	Escolhas amorosas

<p>Pesq.: Normalmente você faz um balanço de todos esses níveis?</p> <p>D.: Não eu já sai com pessoas que eu achava legal só, não que achasse que eram equivalentes. Eram legais e eu fiquei porque queria ficar com alguém ou não ‘tava’ querendo ficar e fiquei. Mas quando a pessoa me conquista mesmo é isso. Se for pra definir, assim, eu gosto de pessoas diferentes, bonitas, mas bonitas de um outro jeito. Uma beleza diferente sabe? Exótica. Uma coisa que não é comum, assim. Tipo, até as outras pessoas podem achar bonito assim, mas tipo, não faz meu tipo. É ... eu me baseio nisso.</p> <p>É que tipo assim, ‘tô’ numa balada, ‘tô’ num lugar, numa festa você vira, assim, e olha as pessoas que estão ao seu redor daí sempre vai ter alguém que tipo você ‘ta’ olhando e você volta. É aquela coisa do cérebro também, a partir do momento que você olha, bate o olho você define quem vai ser seu amigo, quem... Você definir ali quem te conquistou e as pessoas que não, até à primeira vista. Ou você ‘tá’ conversando e pode mudar tal, mas ali você já sabe tudo, o cérebro já manda isso pra você, já seleciona, já faz um, faz um processo tão rápido, assim, sabe? Que não dá nem pra pensar, sabe? Já manda e você, você já escolhe.</p> <p>Pesq.: E dai no outro dia você vê aquilo e faz diferente? É isso?</p> <p>D: Das pessoas que eu escolhi? Não, aquilo é fixo, talvez mude porque eu conversei com outras pessoas tal, dai, ah, eu encontrei alguma coisa legal, mas aquela pessoa eu seleciono que já quer... ‘tá’ numa roda, você seleciona já quem você quer como amigo, ou fica na roda conversando mesmo, conversando com o seu amigo, com quem te conquistou, e quem... entendeu?</p>	
<p>Eu acho que essas pessoas não são impulsivas. Elas são bem reflexivas daí elas adotam essa filosofia. Fazem as coisas, mas sabendo que elas estão fazendo aquilo, ainda mais pessoas, no caso dos meus artistas, eu penso que são pessoas muito inteligentes. Ah, tipo, eu vou me jogar, ah eu vou me jogar, mas eu sei que eu vou me jogar e eu pensei que pra mim é legal me jogar. É uma filosofia de vida minha. Não que seja impulsiva. Ainda mais pessoas que no caso são pessoas inteligentíssimas.</p> <p>Eu não acredito que existam muitas pessoas impulsivas, acho que sei lá, ‘tô’ julgando um pouco por mim. Não existem muitas pessoas impulsivas, sempre ‘tá’ pensando. Tem atitudes impulsivas, assim.</p> <p>Mas ela (<i>Amy</i>) pensa assim, ela é impulsiva, mas ela pensa, sabe? Pode ter aquele momento ruim também e, tipo, no caso da <i>Amy</i>, ela ‘tá’ voltando, ela ‘tá’ engordando, não vai mais morrer e, e ‘tá’ voltando. Ela é inteligente, ela amava muito uma pessoa, sabe? O marido dela que, sei lá o amor às vezes, talvez quem sabe? Mas. é eu não acho que ela é impulsiva, não sei se ela é impulsiva, mas ela teve</p>	Ídolos

<p>atitudes impulsivas, foi isso, teve atitudes, ela pensava no que ‘tava’ fazendo. E tem a questão do vício, ela começou a fazer uma coisa, e eu tenho certeza que ela não largou do vício dela porque não pode largar de uma hora pra outra, aí você sabe, tipo, tem que dar um pouquinho pra pessoa, até ela acabar, então daí é pensando nisso também, né? Que daí eu acho que isso mexe com a cabeça, ela tomou uma atitude na vida dela, numa fase da vida dela, usar droga forte assim, que nem mexe com a cabeça dela, daí isso pode trazer uma vida impulsiva pra pessoa, mas eu acho que toda pessoa pensa, no momento são e tem aquela reflexão é reflexiva.</p>	
<p>Ele era, o Hitler, ele era uma pessoa muito, ele era louco, né? Ele é louco e são ao mesmo tempo, isso que é engraçado, porque ele teve uma idéia que, que é uma idéia legal, né? Só que não dá pra encaixar no mundo, então ele, ele é, é são, porque teve a idéia e é, é louco por querer usar ela numa realidade que não dá pra ser usada, acho que isso, é o que mais me instiga assim, a conhecer, entendeu? Pegar a vida dele, que ainda eu tenho que conhecer muito, porque eu sei o básico, pegar a vida dele e conhecer os momentos são e os loucos.</p> <p>Não ele, o momento são é que, que ele pensou, tipo, ele pensou ‘que eu matando essas pessoas doentes’, matando, sabe? Vai ser uma coisa pura, vai criar pureza, entendeu? Poxa é legal você ter pureza, tipo, se ele usasse isso, em outra, em outra forma, em outra coisa, seria uma coisa extraordinária, entendeu? Mas ele tinha que usar isso com as pessoas, com um ser humano? Então, não dá pra ser usado? Deixa eu ver onde ele poderia usar? Tipo, eu vou acabar com todas as armas. E ele tinha o poder de, pelo menos, ali acabar com todas as armas. E ter aquela coisa nesse sentido. Aquela pureza, sabe?</p>	<p>Hitler</p>

Anexo XVII

Pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação das entrevistas com D.

Pré-indicadores	Indicadores	Núcleos de Significação
Quem sou eu?	Quem sou eu?	Eu sou assim...: “Eu sou aquela menina que, assim, que assiste <i>Big Brother</i> , mas que também ‘tá’ ligada na Cultura assim, ‘tô’ assistindo Cultura também, que usa o controle da TV pra coisas mais legais, assisto A favorita também, porque é bom também você saber um pouco de tudo, assim, mas até assiste também Café Filosófico”
Minha relação com a escola		
Eu e minhas conquistas amorosas		
Eu e os filmes		
Sou individualista boa		
Todos somos individualistas		
Ser sobrenatural como única possibilidade de mudança/ de bondade		
Eu tenho cabeça boa		
Pessoas com cabeça fraca		
Meu pai		
Minha mãe		
Fala do outro para falar de si mesmo		
Eu e meus amigos		
Conflitos		
Quem eu era		
2ª. Guerra		
Hitler		
Ídolos		
Ídolos		
Necessidade de se afirmar diferente	A necessidade da afirmação da diferença num meio de igualdade	A necessidade da afirmação da diferença num meio de igualdade “Olha que bom, eu não preciso forçar pra que me vejam como diferente. Hoje a moda é ser diferente e eu não preciso, né? Posso ser eu mesma que ‘tô’ na moda.”
Necessidade de ser marcante		
Ser diferente		
Escolho a partir do que me faz sentir-se bem	Determinantes das escolhas	Determinantes das escolhas: “É eu pego um pouco de tudo (...) É mais os valores que eu tenho até hoje é a partir do que eu ouço, aí eu crio uma visão, daí eu crio o meu valor,
Influência da família na constituição de		

valores		a partir da pessoa com que eu convivi”
Influência da escola na constituição de valores		
Influência dos amigos na constituição de valores		
Influência da mídia na constituição do seu modo de pensar		
Eu penso muito/ eu sempre penso		
Religião		
Emprego		
Escolha da faculdade		
Escolhas amorosas		
Momentos “pirantes”		
Penso no futuro		
Eu crio os meus próprios valores e minhas próprias escolhas		

Anexo XVIII

Pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação das entrevistas com R.

Pré-indicadores	Indicadores	Núcleos	
Tudo é relativo	Tudo é relativo	Determinantes da constituição da dualidade da subjetividade de R.: decadência do lado negro e ascensão do lado branco: <i>“eu sou meio 2 personalidades, ainda que agora nem tanto, mas era uma semana de um jeito e uma semana de outro, sempre fui assim (...) Mesmo que você não goste do seu outro eu, ele vai estar sempre junto, então tem que conviver e tentar fazer o que você gosta e o que você quer, sendo você dos dois jeitos.”</i>	
Lado mau: mentir, iludir, ser estúpido	Lado negro		
Sou rancoroso			
Desconfiança			
Mal-humorado			
CDF			
Autocura			Lado branco
Palhaço			
Sou palhaço			
Sou um bom amigo			
Necessidade de ser protetor			
Sou protetor			
Sou conselheiro			
Sou confiável			
Sou individualista com idéias e pessoas			
Queria ser bom em alguma coisa			
Sou persistente			
Sou seletivo			
Sou responsável			
Sou reservadão			
Olhar orientador-intuição			
Visão naturalizada do homem			
Não gosto de ficar parado			
Autodidata			
J. sua paixão	Determinantes das escolhas		
Como se orienta, como escolhe			
O mundo ‘tá’ acabando			
Escola			
Música determinante das escolhas			
Mídia			
Adora o Japão: cultura, mulheres, comida	Sou reflexivo		
Melhor não entender			
Penso muito			
Religião			
Religião			
Quero ser original/analiso			

vários pontos de vista			
<i>Poser</i>			
<i>Poser</i>			
Patricinha			
Sou precoce	Decadência dragão negro e ascensão do guardião		
Pais			
Pais			
Amigos dá pra subir			
Amigos			
Infância e adolescência			
Música expressão do sofrimento			
Necessidade de namorar			
Necessidade de namorar			
Mangá			
Desenhos			
Rock Pesado			
Minha vida hoje			
Luta			
Trabalho			
Emprego			
Não gosta da sua aparência/baixa auto-estima			

Anexo XIX

Transcrição entrevista semi-estruturada com R.

Pesq.: Então hoje eu vou querer conversar com você assim, você também fale abertamente assim como foi da outra vez, mas eu quero direcionar um pouquinho mais pra ver como é que você escolhe, que tipo de valor e o que orienta sua vida quando você tem que tomar uma decisão o que você pensa o que você lembra, mais por aí que eu quero conversar hoje.

R.: Tanto é que é isso aí que aconteceu essa semana, mudou muita coisa essa semana por isso que eu fui pra Brigadeiro Tobias. Aquele negócio lá, eu conheci uma menina lá que eu senti um negócio por ela que fazia muito tempo que eu não gostava de alguém deste jeito, e eu direciono tudo o que eu faço assim pensando no bem estar para aquela pessoa ou pessoas, é isso que ainda fiquei meio assim que pediram para mim trocar de horário pra mim sair e voltar para a sessão ficar da uma e meia as dez, só que é horrível isso aí não dá tempo de fazer nada, nada. Nossa na hora me veio ela na cabeça, né? Como é que vou ver ela e também que faz direto hora extra e no começo não pode falar que 'não quero ir' eu preciso do emprego, para mim poder ir tanto no negócio de mangá e quanto um monte de coisa também para encaminhar só que eu não sei se vou conseguir mais uma semana sem ver ela de novo, sabe?

Pesq.: Não é aquela mesma menina, né? Não é aquela menina amiga do S.?

R.: Não é outra aquela lá só foi só pro carnaval, ela também não tinha nada não de mais, ela falou que é nova e quer curtir, eu falei então vai curtir eu não quero, e esse menina é reservada pra caramba, e até parece que ela nunca ficou com ninguém, eu acho isso muito da hora porque você pode fazer um negócio assim, é um monte de coisa para pensar. É isso

Pesq.: Então fale esse monte de coisa que você quer fazer com ela?

R.: Com ela, eu sempre tive vontade de ter um relacionamento mais firme, de tudo que você faz, que nem você sair do serviço cansado, do mesmo jeito que você 'tava' lá ter alguém sabe esperando para ter um foco ter alguma coisa que me motive, no caso é ela. Ela ainda que está meio assim por causa da religião ela é evangélica, então tem um monte de coisa que impede só que eu estou disposto a tudo pra ficar com ela, conhecer ir lá tudo mais, tanto é que eu não tenho religião e que numa outra conversa que eu falei para você que 'tava' conhecendo a bíblia e tudo mais, acho que só religião que eu não tenho, e eu 'tô' direcionando a idéia de eu que eu gosto tanto dela por causa disso, porque além de ela ter o tipo físico que eu gosto de menina, ela não é japonesa só que é morena eu adoro morena de olho escuro assim e ela junta tudo que eu gosto em uma menina, ela é inteligente, meiga, carinhosa eu procuro direcionar isso tudo, por isso que nossa a primeira semana juro, jurei que ia sair aquela vez que a gente falou 'tava' na primeira, né? Foi depois que eu mudei, foi numa segunda não foi, então segunda para mim eu ia ficar na primeira, aí na terça feira mudaram né, falaram: 'viu você vai vim das sete as cinco', é muita coisa do que eu falei mudou, você vê, né? Uma semana

muda tudo, num dia mudou né, e é isso aí, eu direciono isso para ela pra poder conhecer ela melhor e acho que vai dar certo tomara que dê certo.

Pesq.: E ela é ... você falou que gosta de menina mais velha. Ela é mais velha?

R.: Ela é mais nova.

Pesq.: Como a outra menina?

R.: Ela tem quinze, porque assim mais velha é bom porque não tem enrolação já é um negócio mais direto tal fala que mulher forte tem, ela é um pouquinho mais assim só que ela confia bastante em mim ela me contou muita coisa que ela 'tava' ruim e o que aconteceu com a família dela contou pra mim, a primeira vez que eu vi ela, a turma ficou de boca aberta porque ela eu sempre tive contato tipo dar beijinho no rosto um oi, um tchau um abraquinho só com as amigas assim com amigos nem e quando ela me viu ela já pegou na minha mão, a gente ficou na frente da casa de uma amiga minha, eu deitei no colo dela ela ficou fazendo carinho depois eu levantei ela ficou abraçada a turma falou: 'nossa', e ela falou para mim depois que ela confia bastante que apesar de ser pouco tempo que a gente se conhece ela confia bastante, eu gosto porque eu sei que ela pode confiar em mim que eu nunca vou decepcionar ela, vou fazer de tudo para proteger ela.

Pesq.: Ela é bem parecida com você.

R.: É eu me sinto bem em ter ela, ter a confiança dela, porque eu sei que eu posso...

Pesq.: Você vai corresponder.

R.: Isso exatamente eu vou poder corresponder.

Pesq.: E você acha que ela também vai poder suprir as necessidades que você me falou.

R.: Vai, ela tem, porque ela me perguntou sobre um monte de coisas que as amigas minha mesmo falaram, que nem eu 'tava' lá deitado com ela, ela pegou e falou, deitado com ela.... Ela pegou e falou aquela foto daquele lugar que você vai que tem bichinho e espada, é desenho daí eu contei, conta pra mim meu você gosta e tal, ela 'tá' afim mesmo de conhecer isso é ótimo, que geralmente quando você conhece alguém e fala aí eu gosto de tal coisa a não e ... Sabe amigos, até amigos mais íntimos e ela já foi querendo saber de tudo teve sede de conhecer, tem essa e algumas coisas que chama a tua atenção que afinal eu já estava meio assim, sabe com ela, daí depois daquela tarde lá, não beijou nada, mas nossa foi melhor que com aquela outra lá, tanto é que não lembro se eu falei para você, que quando, foi assim o negócio, a namorada do S. pegou, é eu conheço todas essas meninas até essa que 'tô' gostando por causa da namorada do S., aí ela pegou e apresentou, essa menina que eu 'tô' gostando falou para mim que não queria nada a um tempo atrás que só que amizade daí eu peguei e desencanei né? Não vou ficar sofrendo dando murro em ponta de faca, daí eu conheci essa menina no cinema, ficamos e tal, na quinta feira fomos no, saímos no shopping, só que tipo era para mim conhecer todas as meninas de Brigadeiro Tobias, e essa J. foi, a primeira vez que eu vi ela, nossa fiquei de boca aberta ela é linda mesmo aí, falaram daí encontrei essa menina no shopping de novo a D., ela pegou tipo andamos juntos, né? Aí as

meninas olharam uma me puxou e falou: ‘você tá louco a J. veio aqui só pra te ver, que ela mudou de idéia.’ “ai agora que você me avisa um negócio desses?” Daí eu vi que a J. tinha mudado o pensamento dela, aí eu já fiquei meio assim, aí pra, graças a Deus e pra ajudar, a menina falou que não queria se prender e tal, que só queria curtir e tal que gostou de ficar comigo, um menino mais velho e tal, daí eu falei: ‘tá’, então eu também não quero e tal’. Não sei o que surgiu o assunto e shopping, daí a amiga dela falou: ‘é mais você ‘tava’ acompanhado no shopping. É eu ‘tava’, mas eu ‘tô’ bobo. Sabe de parar tudo e pensar. Nossa música essas 2 semanas tudo que eu ouço, tudo rock pesado, só que só as lentas, eu não consigo ouvir outra coisa, ai que bobo. Eu não gosto de ficar bobo assim . Então nesse momento é por causa dela, assim a força. É uma certa força porque o que mantém, também, tirando ela é a necessidade de ter um emprego pra poder pagar no futuro uma faculdade, poder ajudar em casa. Ontem eu levei a minha cesta básica pra casa, e a cesta é boa até, descontam R\$5 e vale uns R\$60 . E até me senti mais importante dentro de casa. Isso é bom e eu gosto, porque eu ‘tô’ aqui, né? Tenho que ajudar e tal. Minha mãe ficou contente. E eu preciso desse emprego, que nem eu falei deu vontade de desistir, mas eu não ia conseguir por causa disso e também não ia conseguir por causa dela. Por que quem nem menina fica com um cara mais velho, pô, o cara tem emprego, já é outra coisa, até pra chegar nos pais. Você pode ser simpático e tudo mais, mas e aí o que você faz? ‘ah eu terminei a escola e...’ Pelo jeito que ela é, ela é super-rigorosa.

Pesq.: Isso pelo que eu pude perceber é uma das coisas que mais te chamou a atenção. Dela ter uma certa ingenuidade. Como dos desenhos japoneses que você comparou.

R.: Isso, isso, isso é exatamente isso me atira de mais.

Pesq.: Fala um pouquinho mais do que te atrai nessa ingenuidade, de outras situações.

R.: O grande foco na minha vida, eu meio que vivo em função de sempre ver quem eu gosto feliz, sempre foi assim, tanto é que é a história do desenho, ele morre pra salvar o mundo. Essa é a melhor hipótese que tenho até agora, acho que mais legal até agora. E essa certa ingenuidade da menina estar a fim, de achar alguém bacana, alguém que gosta de orientar ela, de ajudar e dar força, isso eu me sinto ótimo fazendo isso, porque eu ‘tô’ ajudando ela, eu ‘tô’ encaminhando. Que nem eu não sou criança, se é uma das coisas que eu sei é dar conselho em certas ocasiões, tipo não dar conselho errado, idéia errada, ir pelo caminho mais fácil. Tanto é que teve colega meu, amigo meu, que eu perdi por causa disso e depois eles vieram falar comigo: ‘o que eu faço com a menina lá’, ‘meu mas você ‘tá’ indo bem’ Tanto é que o S. terminou com a menina. Eu ajudei eles umas duas vezes, mas eu não mais ajudar, eu vou ajudar vocês a não ficarem juntos . Que ela não ‘tá’ fazendo bem pra você. Ele vivia lá no MSN : ‘tô’ mal, ‘tô’ mal. A C. parece que gostava de ver ele sofrer por ela . E é isso aí de eu saber que eu posso ajudar, de ajudar mesmo. Pelo menos o problema que ela passou, a J. por isso que até falou ‘fico mais aliviada’, depois que eu aconselhei ela. Que a irmã dela é meio doidona, lá e impediu da mãe dela ver a neta e daí ela fala que chora junto, daí eu falei, ‘viu você tem quer ser forte e ajudar a sua mãe’, que eu já passei isso, aí por isso também de ser menina mais nova, porque muita coisa que eu já passei e nesse caso até em dobro, que nem eu falei da outra vez que em casa já separei um monte de vez e ela é mais nova, mais mimada, mas ela: ‘eu não consigo ter força’, mas você tem e o que eu puder fazer pra tornar ela mais forte eu vou fazer. É isso aí que eu gosto da

ingenuidade, eu acho muito legal, dela pegar e contar comigo pra tudo, que eu sei que geralmente eu vou poder corresponder.

Pesq.: E como você foi criando esse modo de ver, de se orientar.

R.: Eu sempre via, mudou muito esse negócio de namoro dos meu 13 anos pra cá. Foi o que eu falei o mundo 'tá' acabando. Eu tinha 12, 13 anos, não tinha esse negócio de ficar, ficação, pegação. Que nem menina de 15, 14 anos, 'tava' começando a namorar, tinha ficado no máximo 2 vezes com um amigo, escondido 'tava' começando encaminhar pra essa ficação, mas era bem menos. Então eu falei: 'se é pra ter alguém do meu lado, tem que ser alguém que me faça se sentir forte', porque como eu falei eu sempre me senti muito fraco. Eu não tinha com quem contar, eu tinha que contar comigo. E quando eu fui vendo que todos os amigos que eu tinha, eram aqueles surrados por todo mundo, que todo mundo pisa. Aí você vai lá e conversa e vê que é uma pessoa maravilhosa, só ta faltando um estímulo. Tanto é que meus melhores amigos foram assim. O S. nem tanto porque tem bastante colega e tal, mas a essência dele o caráter dele é bem fraquinho. Agora os meu melhores amigos, o V. ele 'tá' trabalhando numa empresa de eletrônica, 'tá' fazendo Facens. Tem o outro V. também que ele é igualzinho eu quando eu tinha a idade dele, idêntico, a gente se dá bem pra caramba. É por isso que diz ele que ele 'tá' até melhor depois que me conheceu. Aí esse V. ele era assim meio CDF, a turma tinha meio receio, ainda mais o pessoal daqui, que é tudo meio caipira. E eu peguei e ele gostava de anime, desenhava, não sei por que sabe aquela coisa de você olhar na cara da pessoa e já saber? É a mesma coisa pra ter amizade. Me deu uma vontade de conversar, sabe? E ele é um dos meus melhores amigos, bom pra mim. Nossa ele 'tá' outra pessoa. Os pais dele chegaram para mim e nossa o que aconteceu com o V. e tal . E ele 'tá' realmente um moço, um homem, ele era um menino, um moleque assim, a gente curti rock, um roqueirinho assim, só que ele ficava na dele, assim, tinha medo da turma. E no ano passado ele é o mais querido da classe, popular, sabe? Fiquei realmente feliz. Eu via aquele cara que a turma 'tava' precisando, eu era popular, mas sempre aquela palhaçada. Que, né? Eu sou popular, por causa desse meu jeito louco. Mas tem amigo meu que sabe que tem muita coisa por trás da palhaçada. Foi uma coisa que o V. falou pra mim, 'eu sou alegre' e eu falei: 'cara não parece mas eu sou muito mal-humorado' Eu acordo sempre de ovo virado, eu odeio que falem comigo. E eu sou muito mal-humorado, apesar de brincar com todo mundo assim. Eu fico feliz, eu zôo, quando eu 'tô' perto de amigo meu, daí eu não consigo ficar quieto. Então de onde que eu tirei aquele negócio da idéia lá. Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim. Daí comecei com um amigo meu. Eu acho que eu nunca tive aquela fase de menino ter nojo de menina, eu nunca tive, sempre fui meio tarado, só eu ficava nessa, daí sempre eu namorei meninas mais velhas. Foi começando, tipo ai gostei da 1ª menina, daí eu vi mais ou menos o que era gostar de alguém e fui tirando conclusão própria, vendo desenhos, casais de amigos meus mais velhos, isso eu faço até hoje e acho que sempre eu vou fazer. Ir pegando meio o que me interessa e acho que vai me servir. Cada coisa que eu vejo, faço, presencio e fui pegando isso, daí cheguei nos 13, 14

Pesq.: Você acha que os desenhos têm uma influência forte.

R.: Tem por causa da ideologia japonesa, que eles não tem... Foi o que eu falei que o mundo 'tá' acabando Porque sabe beijo abraço isso é uma energia muito forte. Abraço é troca de energia você abraçar alguém , é uma coisa muito forte. Que nem a J. ela não

quis ficar, beijar, mas só de ‘tá’ de mão dada e ela suando de nervoso, nossa já é uma... tipo a cara dela quando eu elogiava, tipo pára mas continua, meio envergonhada, nossa aquilo eu ganhei o dia. É um negócio muito forte e eles mostram isso no desenho. Tem desenho ren tai, que é de porcaria, é pornográfico e tipo muito sangue, mas geralmente é mais usado pra pornográfico, que japonês é tarado. Eles mostram muito isso, porque sempre nos desenhos, japonês sempre foi muito reservado, agora que eu fiquei sabendo, quando a minha ex foi pro Japão e ficou sabendo lá que os caras são tímidos, as japas são tudo soltonas, tanto é que gaijin, cara que vai morar lá se dá melhor, porque elas são carinhosas querem dar carinho e aqui é meio o contrário, pelo menos comigo, eu sou carinhos, sempre gosto de ‘tá’ junto e tal, nada muito meloso, mas de ‘tá’ mostrando o que eu ‘tô’ sentindo. E no desenho aquela cena de beijo de alguém que você gosta o desenho inteiro, você vê aquilo e nossa, finalmente. Às vezes até mesmo no abraço, que mostra que tem amizade, que gosta aí fica vermelhinho e é isso, é essa a idéia, e influenciou bastante, foi meio que a partir daí que eu fui vendo, fui procurando saber. Tudo que eu gosto, eu procuro saber. Agora escola vixi...

Pesq.: A escola, você acha que ajuda, atrapalha, ajuda pouco a formar idéias, valores, ideais, coisas pra vida

R.: Eu não sei se é a idéia da escola, mas tirando aqueles professores que 1,2 ou 3 que ensina mesmo, ‘tá’ sempre de dando conselho, te dando um toque, tirando eles que é professor mesmo, tirando eles, você aprende a ser cidadão, a ter uma certa ética, a cumprimentar, a ser educado, a ser sociável pra poder falar, agora, pra vida assim, porcaria nenhuma. O que mudou bastante, foi por causa da profa de geografia e uma profa de filosofia, eu ia conversar com ela na hora do intervalo. Nossa filosofia tem tudo a ver comigo. Eu ficava conversando e ela ficava de queixo caído, ‘viu, mas que série você ‘tá’, ela sempre perguntava, por causa de idéia que eu falava. E ela falava tem coisa que a gente não tem que ficar batendo a cabeça agora, porque a gente não vai entender e vai ficar louco, e com o tempo a gente entende. Que nem da última vez, foi com ela, era uma japonesa, que eu aprendi, tirando isso, também porque filosofia é um negócio que... o último professor de filosofia parecia o Clodovil, já é complicado entender esses negócios de filosofia, a pessoa tem que ser muito boa pra poder passar a idéia, todo mundo naquele ‘super interesse’, com uma menina linda do lado, louco pra beijar na boca e ele querendo falar de Platão. Eu juro que eu procurava aprender alguma coisa. A professora de geografia, a E. foi a que realmente mais... ela mudou bastante coisa, ela me dava conselho ela me ajudava. Ela despertava o interesse no assunto, política e também coisa de planeta. No prezinho a gente mandou uma carta pra NASA e eles mandaram uma foto do ônibus espacial, quando fizeram o ônibus espacial. Sempre gostei de sistema solar essas coisas. Quando eu era pequeno eu gostava de sistema solar e de dinossauro, essas coisas sempre chamaram muito minha atenção, eu gosto de mistério. E na geografia que ela foi passando, foi me ajudando, e ela passava realmente o que a gente usava, que nem sabe o PIB essas coisas era uma matéria atual que ajudava a entender o mundo e realmente enquanto eu ‘tava’ tendo a matéria eu entendia até ela sair. Daí entrou um lixo lá, ela passava a matéria, eu não copiava nada e chegava na prova tirava 10, e ela tinha que ficar quieta, ela olhava pra mim e falava: ‘você colou, né?’, eu falei: ‘você quer que faça a prova aqui na sua frente da próxima vez?’ É um defeito meu, eu sou muito de enfrentar na hora errada, mas eu não agüento. Em inglês, eu não fazia nada chegava na hora eu tirava 10, eu pronunciava melhor que ela um monte de coisa, todo mundo falava: ‘vai lá na frente’, ela pegava e me dava 2, aí ‘viu 10 aqui, nos trabalhos tudo 10, só porque eu não copiei o negócio’,

eu odeio copiar, se eu leio eu entendo, não tem que copiar, eu odeio escrever. Tanto é que a professora de geografia eu não copiava a lição, eu trocava idéia com ela, tanto é que eu sempre tirei 10 na prova, raramente eu recebi um 9,5 ou um 8. Com essa prof. mesmo de geografia, nova, ela falou pode fazer, daí eu peguei respondi até o que não tinha que responder na prova, só pra mostrar e ela: ‘é, mas procura fazer lição’ ‘tá’ bom pode deixar’. Ai eu fico louco com essas coisas. Escola eu acho que... que nem pra que eu ‘tô’ passando agora a escola não teve influência nenhuma, tirando o ciclo de amizades.

Pesq.: Essa também era uma questão que eu queria perguntar, o sentido de ir pra escola é mais pra fazer amizade, ela serve mais pra fazer amizade do que pra conhecer e aprender, ou ainda dá pra aprender?

R.: Dá pra aprender sim. Nossa o pessoal da minha classe era excepcional assim, os mais tranqueiras eram eu e o S., de não fazer lição ficar conversando e chegar na hora tirar nota, aí a profa ficava louca da vida, achava que a gente colava, eu coleei só que tem coisa que não tem como, como matemática. E o professor de matemática era super gente fina . A escola tirando as amizades que eu fiz, que mudou bastante, se eu me voltasse só pra escola, se vai que nem o V. ele estudou bastante, passou na X., conseguiu estágio, emprego que deu chance dele conseguir parte da bolsa na Facens, mas ele ‘tava’ triste ele não tinha namorada, ele não tinha amigos, pra mim isso é essencial. Se você não tiver um foco pessoal pra direcionar tudo, pra que que você vai ter dinheiro e se formar? Uhu eu sou fodão. Não tem porque você se sacrificar e não ter ninguém pra dividir isso. Que nem ‘tava’ no MSN esses dias, ‘tava’ em inglês ‘eu só quero alguém pra dividir meus sonhos e minhas conquistas’. Então acho que nos problemas que a gente passa não ajuda não.

Pesq.: E a sua família, o seu pai, eles ajudaram você a construir os seus valores, o que você pensa, a enfrentar os problemas que você enfrenta?

R.: Quando o assunto trabalho, pessoas e ser sociável, sim ajudou, agora quando é assunto mais pessoal assim não, isso foi tudo sozinho. Que nem meu pai sempre me ensinou desde pequenininho, vai lá no bar comprar tal coisa ‘ah, pai ‘tô’ com vergonha’, ‘vai lá e pede’. Isso me ajudou bastante, eu sou desinibido, posso fazer qualquer coisa, ir em qualquer lugar, eu converso com qualquer tipo de pessoas, isso meu pai me ensinou bastante, só isso que ajudou.

Pesq.: Quais são os valores que orientam a sua vida?

R.: Acho que já falei. É a amizade, não vou falar amor, porque amor é um negócio meio... o carinho que eu tenho pela pessoa, o respeito. E isso foi com pessoas que eu gostei e que eu fui aprendendo, e eu procuro cultivar ao máximo, procuro manter, é isso que movimenta o R.

Pesq.: No grupo ficou sempre dividido você e o L. com posições diferentes dos demais. E me chamou a atenção o exemplo que você deu do banco, que se alguém humilhasse outra pessoa você interferiria, porque se você não fizesse isso você não ia se sentir bem. Você é assim na vida real, você consegue por isso em prática, ou isso fica mais na idéia do que você gostaria de fazer e na prática é mais difícil de acontecer?

R.: Não eu faço, nossa eu já me ferrei tanto por causa disso, mas eu faço, já me ferrei , mas é assim, com orgulho. Eu não consigo ver, é muita palhaçada eu não consigo, eu sempre cruzei os dois lados, também tem pra ver o que ‘tá’ acontecendo, lógico que nem chefe chego na maior educação, do melhor jeito possível, não chego assim, você é louco? É por isso que eu me ferri tanto em casa eu não agüento, com os meus amigos eu não agüento, na rua eu não agüento, nos lugares públicos assim eu não agüento.

Pesq.: Você falou que trabalhava no banco de office boy, e foi demitido por causa disso, o que que aconteceu?

R.: Então eu ‘tava’ de experiência, ai nossa era, só tinha gente nojenta naquele lugar, até então eu agüentava, só que daí a única pessoa que eu fiz amizade mesmo que era a recepcionista que era a A., nossa eu encontrei ela na internet e eu ‘tava’ morrendo de saudades, até ela ajudou, nossa o que ela me protegia naquilo que eu era cabação, no pouco tempo que eu tinha ela me ajudou pra caramba, outra coisa também é a parceria, parceria também é tudo, se o cara é parceiro qualquer coisa que acontece eu posso contar, nossa o chefe lá vivia querendo tirar casquinha, veião. Tinha uma chefe que cuidava mais da parte financeira e vivia humilhando ela em reunião e tal e teve umas três vezes que eu falei, eu falei ‘viu mas você falou que ela errou, mas o erro foi seu’ eu falei: ‘viu D. me desculpa mas você não pode culpar os outros pelos seus erros’, ela ficou louca né? ‘É que eu não sei o que tem e o malote que você deu veio errado’, eu falei mas isso não tem a ver com o assunto que ‘tava’ falando agora, educado, tanto é que a A. ficou olhando pra mim e deu risada, só que daí ela começou fazer muito a minha caveira e ela me ferrou uma vez de propósito, eu peguei e deixei o malote pra ela, aí ela pegou não pegou dentro e fechou, daí deu pra eu levar, daí o negócio voltou, daí e pra falar que não era eu, sendo que eu ‘tava’ lá, isso foi tinha quase dois meses, tinha quase dois meses e ela ‘tava’ lá a dois, três anos, aí pegou e me colocaram pra fora.

Pesq.: E você se arrepende ou faria de novo?

R.: Ah, agora eu faria diferente agora eu ‘tô’ mais velho e já aprendi um negócio novo O que consegui fazer, com palavras que eu tinha, né. O que consegui fazer com as palavras que tinha, né? Agora faria bem diferente, agora ela ia se ferrar comigo. Porque agora eu ia aprontar com ela. Não mais eu faria isso de novo, porque ela ficou feliz e ela ficou muito mais minha amiga depois daquele dia, e eu sei que eu posso qualquer coisa contar com ela, e ela pode contar comigo, entendeu?

Pesq.: Você consegue lembrar de algum outro exemplo, assim que você entrevistou em favor de uma outra pessoa.

R.: A na escola direto, né? Briga, né? Nossa, por isso que eu fico louco com o S., nossa teve, bicho nossa, teve acho que na luta eu já ‘tava’ há um mês e meio, sempre fui esquentado, mas nunca parti pra porrada, normalmente vinham pra cima de mim porque na boca eu ganhava, ai o S. sempre foi meio galinhão, sabe? Eu vivia junto com ele ai uma menina lá que queria catar ele, era namorada de uns dos moleques que tinha um grupinho, aí já viu, aí ele pegou e numa conversa que a gente ‘tava’ tendo lá é ele pegou e brigou com todo mundo, sabe.? Aí ela pegou, não sei o que ela entendeu e foi falar com o moleque, aí o moleque chegou intimando ele, ‘viu perai o que aconteceu?

Eu ‘tava’ junto, né? Eu ‘tava’ junto 2 colegas meus ‘tavam’ junto e não aconteceu nada.’ ‘Ah vou pegar...’, aí eu cheguei e falei: ‘não cara ele não, pra que arrebentar todo mundo’ ‘Peraí você não vai bater em mim não’ nisso ‘tava’ aquele monte, sorte minha, porque a renca dos sete que ‘tava’, parte era colega meu, então eles não entraram, então só foi ele e o moleque, ainda bem que eu me dei bem, aí só me defendi, não fui também querendo sair no soco, porque eu já tinha feito aniversário também aí dava B.O. aí o moleque pegou e ‘aí você não sei o quê’ aí eu falei: ‘viu o você ‘tá’ louco meu?’, aí eu já brinquei, a turma deu meio que risada, aí ele pegou ficou meio nervosinho viu que ‘tava’ errado, que ele não conseguiu bater em mim, e aí ficou pior, aí ficou de boa, normal, um monte de vez já teve situação parecida com essa e geralmente com o S. Com uma amiga minha também que o carinha lá que, sabe essas meninas patricinhas? Patricinha mesmo na escola não tem ninguém, era tudo menina pobre, o pessoal lá classe, no máximo média, mas sabe, né? Abusa da mãe pra comprar coisa... isso eu acho nossa uma coisa que me deixa indignado, eu nunca fui de usar coisa de marca, nunca, esse all star eu comprei, a camiseta eu ganhei, mas não pedi nada, isso aqui meu tio me deu, então o que eu compro de marca é porque eu compro, agora eu nunca abusei de pai tipo ‘aí eu quero aquela coisa’ eu nunca fiz isso com meu pai e minha mãe, quando a coisa ‘tava’ boa em casa eu pedia alguma coisa que eu gostava pra ganhar em data comemorativa mas, tipo, eu nunca, eu acho isso ridículo, pra começar por isso e eu já ‘tava’ louco com essa menina, aí ela pegou, aí ela gostava do moleque ‘tava’ namorando com o moleque, aí o moleque pegou e largou dela pra ficar com uma amiga minha, só que, que nem, tipo, ele agarrou a minha amiga na saída, aí ela ficou, mas depois, tipo você ‘tá’ louco? Daí a menina veio pra cima dela, aí eu peguei e falei: ‘o calma aí, né? Não é bem assim’, aí chegou três moleques lá amigos dela que não gostavam de mim, ‘aí se você não deixar as duas resolverem a treta...’, nossa a minha amiga é magrinha, a outra lá uma morenona grandona, ia levar um cacete da menina, aí eu ‘não sei que tem, aí não tem porque brigar’ e o cara, e o maluco lá do outro lado da rua, aí os moleques ‘o alemão sai daí se não quiser brigar também’ falei: ‘viu se for partir pra cima dela, vem pra cima de mim primeiro’ daí eu lá com os três, aí eu lá no meio tentando me livrar lá, tomando uns tabefes, porque eu sou mais tranqüilão, aí eu fico me defendendo, meio pra tentar acalmar, aí chegou um amigo meu que é estressadão, que era de menor aí ele regaçou os três, ele era enorme, aí os moleques pegaram e abaixaram a bola, ‘é eu ainda vou pegar você’ na rua’, ‘se você me pegar na rua eu vou na sua casa e depilo você e faço a sua caveira’, aí alguns deram risada como sempre, que até em briga eu zôo, sabe? Aí ela pegou saiu com jeitinho e não deu nada depois, mas eu sempre socorro se eu vejo que ‘tá’ errado, mesmo que eu apanhe. Que nem eu ‘tava’ no MSN com uma amigo meu, amigo de verdade é aquele que separa briga, chega dando voadora, não é bem assim, eu procuro conversar, eu não parto pra cima de ninguém, tem aquele que se estressa, mas eu nunca começo nada, que eu me lembre não, quando eu era pequeno era brigão lá, a medida que cresci e comecei a ter mais consciência dos seus atos, não faço mais.

Pesq.: Você ‘tava’ falando aí é o fim do mundo, falou das meninas e tal, dos meninos ficarem se catando e tal, eu lembrei também lá do grupo que você falou, que você tinha esperança pra melhorar toda essa situação, o que, o que você fala um pouquinho disso, o que você acha que vai ser daqui pra frente, que vai melhorar ou não?

R.: É, é outra coisa assim, eu ‘tô’ esses dias, apesar de gostar da menina, minha vida ‘tá’ encaminhando bem, ‘tô’ empregado, ‘tá’ tudo certo, eu me sinto meio ruim porque eu fui na igreja e tal, na Adventista e falaram que Deus ‘tá’ pra voltar, eu acredito

mesmo que vai voltar, é meio ‘tá’ meio na cara, sabe? Até quem é ateu se for pela lógica... bom ‘tá’ um negócio muito triste, você não vê mais tradição, não vê ninguém vê esperança nenhuma, aí eu tento ter esperança pra tentar amenizar e tal, porque vai chegar uma hora que vai ser igual a ditadura, pra tentar parar tudo, pra tentar voltar. Eu não comentei nada com ninguém pra, tipo, não assustar. Eu fico olhando pra minha irmãzinha e me dá vontade de chorar, eu fico tão contente, nossa eu amo ela, mas eu fico vendo como ‘tá’ hoje em dia e eu não consigo enxergar um futuro pra ela. Quando eu era pequeno eu ficava pensando quando eu casar, sinceramente eu não consigo imaginar como vai ser daqui a 5 anos, como vai ‘tá’ tudo. Mais por causa de religião de como de que diz, que antes do homem se matar ele ia voltar.

Pesq.: Você foi criado dentro de igreja?

R.: Sempre tentaram me arrastar, não gosto de pressão, sabe? Foi como eu te falei eu aprendi em casa a lidar com pessoas, religião, sentimento, vontade, incentivo, isso foi decisão minha. Fui buscar o que era Deus, o que era religião, fui buscar qual era a idéia de Deus e o que ele representavam, o porquê da gente existir. A resposta mais lógica que eu tive foi que Deus é amor puro e ele vivia sozinho e não tinha como dividir esse amor, então criou Adão e Eva. Mas eu nunca fui criado em igreja. E isso me chama bastante atenção na J. porque ela foi criada e ela falou: ‘eu não fiquei com você, eu não beijei você, porque dentro de mim eu sentia que não ‘tava’ certo . Nossa tal aquele princípio, nossa eu achei isso ótimo, porque qualquer menino fala ‘ai não sei o quê’ nossa eu falei você ‘tá’ certa eu não quero estragar nenhuma ideologia sua, o seu modo de pensar ‘tá’ correto eu não quero estragar isso. E ela ficou chateada, ‘ai então você não quer mais me ver?’ Eu falei: ‘não falei isso’, eu até mandei essa mensagem pra ela eu quero acrescentar na sua vida e não modificar.

Pesq.: Outra coisa também que a gente discutiu lá no grupo, é a influência que tem a mídia nas pessoas de um modo geral, não só nos jovens. Na sua vida você acha que teve influência?

R.: Eu me ligava no que ‘tava’ acontecendo, porque a gente tem que ‘tá’ sempre ligado, mas moda nunca. Tanto é que eu só gosto de coisa antiga, que nem all star é uma coisa muito antiga. Eu gosto de coisa antiga, porque foi o que me criou o que me ajudou, porque antigamente a televisão não era uma coisa tão influenciável. Hoje você aqueles moleques de cabelo esquisito, calça colada aí acaba a moda e a moda é andar que nem mano. Eu acho isso ridículo, fico louco da vida com essas coisas. A turma andando ‘ah, eu sou estilo tal, estilo não sei o quê’ Eles falam: ‘e aí cara você é roqueiro?’ ‘Olha eu curo rock, curto a história, mas roqueiro, mas não posso dizer ai sou roqueiro.’ Porque a idéia do rock o que que é? Aquele cara altão, magrelo, cabelão comprido, all star no pé, camisa de banda, regata. Eu gosto de usar essas coisas, eu uso em casa, quando eu saio, mas eu ‘tô’ com essa regata porque eu ‘tô’ morrendo de calor. Mas, geralmente é camiseta que eu mesmo corto a manga, eu acho esse estilo legal. Mas me influenciar? Eu me influenciava. Me fez o que eu sou hoje, que nem eu falei que perdi Pokemon, adoro Pokemon, aqueles seriados antigos, desenho novo que lança eu assisto só de vez em quando, agora não ‘tô’ assistindo nada. Mas o que passa, que eu gosto de assistir a hora que eu chego é Pokemon. Mas, não me influencia não, eu uso mais televisão como entretenimento, porque é difícil eu parar em casa e pra rever alguma coisa, tipo momentos meio nostálgicos, que faz em parte da minha infância que ficou gravado e pra me manter atualizado, e nem tanto.

Pesq.: Esse seu contato com Beeges é por causa do seu pai? Você fala que gosta mais das coisas do passado, mas é do passado do seu pai, ou da sua infância?

R.: Eu gosto da experiência que eu peguei, mas eu não gosto do que eu passei. Dos 13 até o ano retrasado nossa.

Pesq.: Não eu digo assim, de banda como você falou do Beeges. Você tem como referência musical estilos e bandas mais de um passado distante?

R.: Eu acho bacana Guns N'roses, foi onde tudo começou, porque meu pai ouve e eu ouvia de tudo. Porque no começo eu ouvia tudo, Guns, sertanejo, só que eu achei o Rock mais legal, aí eu fui seguindo. O Beeges, não sei porque eu gosto, é que eu já ouvi tanto, que eu acho bacana, eu sei todas as músicas. A turma olha pra mim e fala: 'o que que você 'tá' cantando aí?' Esses dias 'tava' cantando na Antena 1 no buzão, e eu cantando e a turma dando risada, que nem Mariah Carey que é um negócio bem antigo, ela era bonita, a letra era um negócio que eu gostava aquela 'toque o meu corpo', claro era bonito de ver todo homem gosta, mas eu não gosto de muita putaria, não acho legal, eu sou meio reservadão, parece que não, mas eu sou meio assim.

Pesq.: A música parece que foi bem importante pra você.

R.: E ainda é. Eu volto pra casa sempre tocando MP4, a música me ajuda a ter muita idéia até seguir a fazer coisas, me orientar quando eu 'tô' em dúvida.. Tipo eu 'tô' ouvindo aquela música daí chega naquela parte, 'ah eu vou fazer isso'. Sempre ajudou, coisa que eu não vivo sem. Daí entra um negócio super contraditório, falam que o capeta foi o pai do rock, olha se foi o pai eu não, mas eu acho que não tem nada a ver, é a intenção que é feita a música. Os caras falam: 'como você acredita em Deus e curte essas coisas pesadas e tal.' Pega a música pra você ver, não 'tá' falando Deus é mal, vou bater em Jesus Cristo, não 'tá' falando. Tem música que fala, tem banda que fala, que até o som eu acho legal, mas eu não escuto.

Pesq.: No grupo a gente falou muito de individualismo, alguns achavam que devia ser individualista, outros não. O que você acha, você se acha individualista? O que é ser individualista pra você?

R.: Pra mim tudo depende, não tem nada, tirando Deus que é isso e pronto, pra mim tudo depende. Vou pegar o individualismo, tem que dividir o negócio de matéria e sentimentos. Individualista com o material eu nunca fui e nunca vou ser, pode ser o cara que eu não gosto, se eu 'tô' com um pacote de biscoito e o cara 'tá' morrendo de fome eu vou lá e ofereço. Agora em matéria de amigos de pessoas eu sou, porque eu não deixo se aproximar de que eu vejo que ... eu procuro proteger. Agora com objetos, material, não. Com idéias eu sou individualista, que nem o que eu te falei até agora meia dúzia sabe, a minha mãe não sabe certas coisas, quase tudo, tirando a parte da família. Eu 'tô' sempre preocupado com originalidade.

Pesq.: esse lance de originalidade tem a ver com que? Está relacionado só ao anime, ou na vida real você quer ser original?

R.: Eu quero ser original, eu nunca vou ser igual a ninguém. Não quero, não gosto. Eu nasci diferente, porque eu vou ser igual? Por isso que eu não gosto de *poser* e tal. Que nem eu falei tem estilo que eu gosto, mas não que eu ande que nem metaleiro, eu sempre ando do jeito que eu me sinto a vontade e tal. Tanto é que na formatura eu fui com esse tênis aqui e a turma: ‘nossa all star, muito louco’. Daí uma semana depois lá na escola apareceu 2 moleques com o tênis. Eu só não tirei porque os caras passavam por mim e olhavam e eu sabia que copiavam e todo mundo viu lá. E os meninos zoavam os moleques: ‘oi R.inho’ Eu ria de raiva ‘seus tontos, copiaram’. Mas ser original é a base, não tem porque esses moleques andarem tudo igual.

Pesq.: Você não gosta de emo, né?

R.: Não. É por causa disso, não é por causa de ser gay, não tenho preconceito nenhum. É por causa... Tem pessoas mais emotivas e pessoas fortes, de espírito mais forte, só que nem eu, na maior parte eu sou tipo, que nem tem coisa que eu vejo, injustiça, sabe? Que me dá uma grande vontade de chorar, ou senão quando eu ‘tô’ contente com alguma coisa, só que em certas coisas que todo mundo sente assim, eu sou frio, aquilo que eu te falei da outra vez. Só que daí essa pessoa que tem uma tendência de ser assim mais sensível o que que faz? Cola a franja no olho, põe aquelas roupas lindas lá, que copiou de punk, de roqueiro. Tanto é que esses all star, eu adoro all star é um negócio antigo assim. Aí cola a franja no olho, fala que gosta de chorar com uma rosa na mão, pink, pinta o olho põe calça xadrez e fala que a vida é linda e fica chorando. O moleque não ‘tá’ com vontade de fazer aquilo, ele faz porque ele quer ser emo, a mídia impôs isso. ‘Apareceu existe, ah então eu vou ser emo.’ Uma pessoa que tem idéia na cabeça, que pensa não vai ser emo, não vai se propor a fazer isso aí, esse papelão. Por isso eu sou tão seletivo com pessoas. Por isso que eu não gosto de emo, tudo bobo. O que aquela pessoa tem pra me oferecer de idéias de experiências, sei lá, eu posso ‘tá’ errado, mas eu não agüento. Tem amigos meus, tem um que andava com uns meninos de cabelo em pé, daí ele vem trocar idéia comigo, que eu conheço bastante banda, daí ele começou a curtir NX0 e colou a franja no olho, daí eu falei: ‘não fala mais comigo’. ‘Ah, R. pára.’ ‘Enquanto você tiver com essa porcaria de franja no olho, não fala mais comigo’. ‘Enquanto você falar que gosta mais de Emocor, do que rock, não fala mais comigo’ Daí ele voltou meio assim ao normal e foi com a gente no shopping, a gente não chamou, mas ele foi junto. Depois ele voltou com essa palhaçada de Emo de novo. Daí ontem eu ‘tava’ na rua conversando com o V. e com os moleques e ele passou assim: ‘e aí R.inho.’ ‘vira o rosto não olha pra mim’. Daí ele pegou, abaixou a cabeça e saiu, porque sabe que eu não ‘tava’ brincando. Isso eu aprendi com o meu pai, ele é... nos trancos ele ensina bastante coisa pra você crescer. Porque a maioria das pessoas tem mente fraca, se você se mostra mais forte em certo assunto, em certa opinião, a pessoa acaba seguindo você. Ou então a pessoa resiste ou impõe a sua idéia, mostra um outro lado que você não viu, geralmente esses são os meus amigos. Gente que não vai na minha idéia, pega vê um lado que eu não vi e me ajuda. Amigo meu tem que ser assim. ‘Vamos fazer alguma coisa?’ ‘a vamos, vamos!’, não tem vontade própria? Quem me garante que não vai chegar amanhã um moleque o cara vai achar mais legal e ‘falou aí eu vou’. Por isso que eu não gosto de emo, que vai total na idéia dos outros. ‘Vamos no Campolim beijar outro emo?’ ‘vamos’. ‘tá’ horrível aquele Campolim, eu virei tinha dois emos se beijando, eram duas meninas.

Pesq.: Essa história do mundo 'tá' acabando, está relacionada com as questões da igreja?

R.: Também.

Pesq.: É como está escrito na bíblia e você vai identificando os sinais.

R.: É isso. Outra coisa assim é meio que tradição assim, sabe? Minha família sempre me ensinou a ser muito responsável e eu sou. Eu acho que uma virtude que posso dizer que eu tenho. Eu nunca fiz besteira nenhuma, nunca cheguei tarde demais, nunca dormi fora sem ter avisado, nunca enchi a cara e cheguei bebo, já fiquei bêbado, mas avisei 'ó vou sai vou encher a cara, vou dormir na casa de tal, porque eu vou chapar o globo', beleza eu 'tô' avisando, por isso que a minha mãe tem tanta credibilidade em, de deixar sai e tal, 'onde você vai e que horas você vai voltar?', nem quer saber o que eu vou fazer, mas é só se eu sumir ela ter uma noção de onde procurar. Mas é 'tá' acabando. Essa cobrança me ajudou a ter responsabilidade e aquele tipo de confiança que eu transmito que 'tá' ligado às meninas, que 'tá' ligado a tudo assim. 'tá' tudo muito largado, a criançada 'tá' largada assim. Que nem a J. eu 'tô' louco com essa menina por causa disso. Ela 'tá' ali certinha, segue aquilo que o pai e mãe falam, não fica reclamando e daí faz quebra a cara e depois reconhece que o pai tem razão, não isso é maravilhoso ao meu ver. Nossa a menina tem capacidade que ela não ficou comigo, oi a 1ª vez que eu vi ela, e eu queria ficar com ela, beijar ela, porque não tinha mais maneiras de demonstrar que eu gostava dela, não por beijar mais uma boca. Quando eu 'tô' do lado dela eu não quero que o mundo acabe, mas 'tá' acabando.

Pesq.: Você quer falar mais alguma coisa?

R.: Uns dias depois eu tinha lembrado não sei o quê, mas agora eu esqueci. É que ia ouvindo música no caminho, daí eu vou pondo assim... bom amanhã eu vou fazer o quê, me organizar pra fazer o quê, daí eu 'tô' indo e passam essas idéias . Daí eu pensei quando a gente se ver de novo eu quero falar tal coisa.

Pesq.: Tem uma música assim que expressa o que você é?

R. Faz uma piada

Pesq.: Você é engraçado. Em alguns trechos da conversa eu ri muito, com as vozes e caras que você faz.

R.: É que eu não agüento, eu não agüento, é um negócio que meio que eu criei pra poder...A palhaçada 'tá' dentro de mim, acho que em outra encarnação eu fui palhaço de circo ou comediante. Numa delas com certeza eu fui isso aí, porque eu não tiro essas porcarias do nada. Vem na minha cabeça e eu não agüento e eu falo. Eu pego eu falo, qualquer brechinha que eu vejo, nunca dei muito vexame. Eu não agüento, a piada fica na ponta da língua. Nossa é difícil falar, porque eu ouço tanta coisa. Eu curto música. Nossa tem música black que fala alguma coisa certa, tem até pagode, que nossa... Eu fico nervoso porque tem pagode que fala, que mostra a realidade, geralmente eles falam de amor. Daí você ouve ou alguém fala e você: "ah, realmente". Tem pagode que fala, tem rock, metal que fala. O negócio que se resumiria a mim... tem a Duality, do Slipkinot, porque eu sou meio 2 personalidades, ainda que agora nem tanto, mas era

uma semana de um jeito e uma semana de outro, sempre fui assim e a música fala isso. Mesmo que você não goste do seu outro eu, ele vai estar sempre junto, então tem que conviver e tentar fazer o que você gosta e o que você quer, sendo você dos dois jeitos, esse é meio que o refrão da música. E tem uma parte que fale que ‘nada é tarde, sempre é cedo pra fazer o que você quer, nunca é tarde, sempre é cedo e você não pode matar aquilo que você não criou’, tipo idéia.

Pesq.: Tem um pouco a ver com o seu personagem do mangá, né? Do lado bom e do lado mau.

R.: Sim, sim. E tem uma nova deles agora que é tipo negócio de sociedade, você tem que ‘tá’ dentro dela, você tem que fazer parte, mas não quer dizer que você tem que seguir tudo aquilo que a turma fala, quer dizer que agente não tem que seguir regras, toda regras tem sua exceção. Seja a exceção da sua regra. Eu nunca vou pelo o que os outros falam, eu sempre procuro ver um outro lado. Pra mim tudo depende, só o que não é Deus, porque é aquilo e pronto.

Pesq.: O que você acha que faz com que essas pessoas seguirem outras, não terem vontade própria, seguem um certo estilo? O que você acha que faz as pessoas serem desse jeito ou de outro, que não fazem esse exercício de refletir, que vão pela cabeça dos outros?

R.: É o que não faz. É o que o V. falou pra mim, ele é novinho tem 14 anos, só que ele pensa exatamente como eu, e como eu ‘tô’ podendo ajudar em certas opiniões dele, nossa ele é muito mais inteligente que eu, porque eu não tinha ninguém pra ajudar a desenvolver um certo lado, e nossa eu ‘tô’ podendo ajudar ele. Eu ‘tô’ ajudando ele e ele ‘tá’ conseguindo acompanhar e tal. Só em certas experiências que ele não passou, ele nunca namorou, então ele não pode me ajudar, mas eu posso plenamente ajudar ele. É muito mais fácil pra você, você acordar de manhã, você ir trabalhar, ir aceitando o que a turma fala, porque você vê que não muda nada, na pior das hipóteses você vai morrer, porque você vai trabalhar, vai voltar pra casa, vai comer, se você é casado ou não, rotina é aquilo lá, ou então você é emo, daí você acorda com aquele cabelo bem louco, porque emo é tudo assim, nunca tem cabelo bom, passa sempre creme. Emo tem tudo cabelo ruim, eu não vi 1 emo de cabelo bom. Ainda uma colega minha que é meio emo assim, tem o estilo, assim, eu gosto dela porque ela tem o estilo mas ela é parecida comigo. Ela fala: ‘nossa você ia ser um emo tão bonito’. Então é muito fácil acordar de manhã, pegar ligar o computador ver o NX0 lá e ver que a sua vida é muito ruim de pensar naquilo, de querer sofrer, daí pega chora de manhã, daí vai lá passa uns ‘barato’ no cabelo pra ele ficar no queixo, aí com aquelas roupas xadrez bem lindas, parece um corvo com aneurisma, daí pega e sai com os colegas pra ir não onde, é mais fácil e eu não gosto de nada fácil. É que nem o vídeo-game, os jogos bons que eu gosto, tem sempre 3 finais alternativos. Se você pegar tal coisa em tal fase, ou então falar com tal pessoa em tal fase, muda a história. É isso que eu procuro fazer, ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante. É mais difícil, você sofre mais, porque nem todo mundo concorda, você vive em conflito, toda hora você tem que fazer escolhas, pelo menos pra mim toda hora eu tenho que fazer escolhas. Que nem hoje, eu eu assistia Pokemon ou eu vinha aqui, eu decidi deixar o Picaxu. Eu acho isso mais interessante e eu procuro achar essas pessoas que pensam igual a mim pra poder ‘tá’ perto de mim, que sempre uma coisa que outro já passou e eu não passei pode me ajudar.

Pesq.: Você acha que essa sua dificuldade de fazer amigos era um pouco por isso?

Pesq.: Era, era por isso e porque eu nunca tive muito carinho em casa, depois que nasceu o meu irmão eu fiquei assim meio largado, então as pessoas chegavam perto de mim, vinha cumprimentar e eu não sabia lidar com isso. Qualquer grupo de amigo está sempre junto, abraçado eu acho isso ótimo, eu gosto de ter contato físico com pessoas queridas, de 'tá' perto assim, não tem nada a ver esse negócio de 'tá' junto, só que tem que ter a mente aberta, assim. E eu não tinha isso. Eu era altamente, altamente seletivo, ainda sou, pra amizades, porque amigos assim eu tenho vários, várias coisas, mas pessoas que eu posso confiar aí são poucas nossa aí tem, na cidade de Sorocaba, São Paulo assim são varias, São Bernardo, no máximo 15 pessoas e tem meu primo também que foi pro Rio de Janeiro. 15 parece até bastante assim se for, são pessoas que eu sei que eu posso contar. Eu ainda sou em partes, como eu falei individualista com idéias e com pessoas, não com coisas materiais.

Pesq.: Olha eu sempre assim, na hora que eu começo a escrever eu penso 'gostaria de ter feito mais perguntas', mas, agora eu estou super satisfeita, nossa tem muita informação, e você falou muito, compartilhou da sua vida. E eu só tenho a agradecer. Porque realmente é isso que você falou é fazer escolhas, porque realmente você não vai ganhar nada com isso, talvez você estivesse ganhando mais assistindo Picaxu, mas posso te dizer que você está me ajudando pra caramba.

R: É que eu sou meio bobo.

Pesq.: Não é legal, assistir alguma coisa que você gosta, eu também gosto de muitas coisas, eu deixo aberto pra você, se você quiser falar mais alguma coisa, alguma coisa que você lembrou, alguma coisa que você quer deixar, que você acha importante.

R: Ah é que você vai perguntando, daí eu falo, né?

Pesq.: Eu não tenho mais perguntas, estou satisfeita com a qualidade dessa nossa conversa.

R.: Não eu 'tô', eu também não tenho mais o que falar, bom agora é que nem você falou, depois vai surgindo, então, às vezes, eu já ate falei o que eu tinha pra falar, realmente, nossa eu tinha tanta coisa pra falar, desde aquele dia lá, bagunçou tudo a cabeça, foi o que eu falei que eu tenho dificuldade que vem muita coisa na cabeça, eu não consigo parar pra ver o que eu tenho pra dizer pra mim mesmo, é estranho mas é isso aí, sabe? Tem hora que no meu almoço, eu tenho 1 hora, ai eu vou descansar ou eu vou pensar naquilo pra, só que daí começa vim um negócio, puts eu vou receber daí eu vou comprar um negócio que eu "tô" precisando aí é tanta coisa que vem que eu não consigo, ai quando eu vejo já ta na hora de voltar, é o que eu falei pra você, viver como todo mundo é muito mais fácil, só que eu não consigo.

Pesq.: Você se preocupa bastante assim com o futuro.

R: eu me preocupo com o futuro, ainda que atualmente eu 'tô' conseguindo manter, por exemplo, porque eu sempre fui assim muito avoado, eu pensava numa coisa tal, e acabava não percebendo no que eu ia fazendo, ai quando eu ia ver já aconteceu, até tem

gente que fica louca comigo, porque fala, fala, fala comigo e eu 'tô' 'an, an an' Teve um amigo que falou que ficou 5 minutos falando comigo, me chamando, e cutucando no ponto de ônibus lá e eu nem aí. Daí eu falei pra 'desculpa meu, você quer um abraço, quer um beijinho' mancada, né? Daí falam o cara é 'cusão'. É isso, né? Eu sou avoado por causa disso. Eu não consigo processar, eu não consigo fazer o que eu quero. Foi o que eu falei é um negócio que eu ia falar pra você, eu não consigo dar máximo de mim em nada, eu só consigo em ... é difícil, assim, eu quero eu 'tô' pensando em um desenho, aí eu sento lá e 'pá' sai um lixo. Daí eu 'tô' de boa 'tô' com aquela idéia lá, aí eu começo a rabiscar, eu nem começo pelo esqueleto, que é por onde eu normalmente começo, eu 'tô' rabiscando e sai perfeito, pra mim no meu traço, sai o melhor que eu consigo, depois eu olho e fico animado, aí eu sombreio. Que pena você não entrou no quarto e não viu os meus desenhos. É eu 'tava' tão assim, 'tava' com fome, tinha chegado e nem lembrei. Tanto é que no banho eu nem lembrei, eu ia sair de cuecão, daí eu olhei e vi a roupa lá. Pensei o que a minha roupa 'tá' fazendo aqui? Por isso que eu gostei dessa menina, quando eu 'tava' com ela, ela consegue manter a base do meu pensamento, eu processava na velocidade que eu conseguia pensar mesmo, o jeito que chegava o que 'tava' na cabeça eu conseguia, faz muito tempo que eu não conhecia uma pessoa assim. Pra falar a verdade eu nunca me senti assim, porque a menina que eu sempre amei na minha vida assim, aquela Y. lá , eu nunca fiquei direito com ela, abraçado, assim, a gente tinha amizade, por isso que eu 'tô' tão afim, é meio louco isso. 'tô bege'. Eu ia usar 'eu 'tô' pasmo', mas é que estão usando bastante 'tô' bege.

Pesq.: Isso é coisa de Emo ein!

R.: Não emo fala 'tô' rosa , ou 'tô' xadrez ou 'tô' quadriculado'. Bege é coisa de rico. Emo é rico e quer ser pobre. Têm tantas 'raças', pagodeiro, axé. Axé é uma das mais legais, porque é tudo gente boa, curte Rock, ouve, apesar de achar pesado e estranho, mas ouve. Tem muito colega meu que ouve, até pagodeiro, curte pagode e gosta de um rock ou outro. Eu tenho bastantes amigos assim. E tenho também aqueles roqueiros do mal mesmo, vivem bebendo assim. Os caras bebem muito. Que nem eu saio com os moleques só até chegar no lugar, quando eu chego vou pra outro grupo, porque eles bebem muito. Tem um que ele bebe tanto que ele não fica mais bêbado. Nossa é impressionante, ele bebe que nem água. Sabe absinto? Meu eu tomo um gole e já esquenta, de estômago cheio ainda. Nossa o cara no 'pó da rabiola' não come nada e bate dois 'copão'. Com dois copos eu 'tô' revirando no chão. Que nem escolha, de vir aqui, eu achei legal por causa disso, você 'tá', estudando, 'tá' fazendo um negócio pra poder entender, o que que você quer entender mesmo?

Pesq.: Eu quero entender como o jovem se orienta, quais valores ele usa. Eu sempre gostei de trabalhar com adolescentes.

R.: Aborrecentes.

Pesq.: Eu não acho que é aborrecente.

R.: Ah tem uma fase que é. Eu não me agüentava. Daí você pegou eu, porque eu sou um caso a parte.

Pesq.: Eu escolhi você e a D., porque vocês participaram bastante no grupo, expressavam suas opiniões, demonstraram interesse e disponibilidade em participar. Por exemplo, tem o S. que eu tenho 2 ou 3 falas dele só.

R.: O S. vai no grupo mais fácil. Vou andar com os caras tal que assim eu vou ficar mais bem visto. Não tem personalidade. Eu não, vou andar de tal jeito, se as meninas acharem legal é bônus pra mim, agora se não acharem também, se eu 'tô' me sentindo bem, nada a ver. Que nem o lance da academia, ficar bonito era consequência, o importante era eu me sentir bem comigo mesmo. Não volto treinar porque o meu trabalho me cansa muito. Tanto é que eu tinha aberto o meu punho e agora deu uma voltada. 'Tava' com a munhequeira e depois 'tava' com a mão enfaixada, até falaram 'tá' desmunhecando!' Mas não é fácil levantar um tambor de 105 kg no 'muque'. É isso que eu falo, eu sou chato, mas chato de persistir numa coisa. Que nem tem muito jovem que fica olhando o casal da novela, 'ah eu queria ser assim' Quem não tem cabeça não tem nada. Ela tem cabeça tem tudo. Vou deixar meu cabelo crescer de novo, mostra seriedade. Ai 'tô' viajando é que eu gosto de cabelo comprido. Que nem tem uns carinha lá na firma tudo de cabelo arrepiadinho, tal bonitinho na modinha, ai sei lá, né? Ou um cabelo cortado certo ou então mais formal assim, mostra sei lá, mais firmeza eu acho. Esse meu cabelo não 'tá' mostrando firmeza nenhuma, até parecendo meio veado. Quando eu tinha cabelo comprido eu vivia de boné ou de arquinho. Nossa os caras tiravam o pelo. Mas 'tava' parecendo veado mesmo. Mas é que ficava no olho, ia jogar bola e ia de arquinho daí falavam "ah, pronto o R. chamou a irmã dele pra jogar". Pra treinar eu também sofria, até eu tirar o cabelo do olho o cara já 'tava' com a mão na minha orelha. Aí eu cortei pr ficar mais ligeiro. Ela ficou passando a mão no meu cabelo e gostou do meu olho

‘

Anexo XX

Pré-indicadores entrevista semi-estruturada com R.

Falas	Pré- indicadores
<p>eu direciono tudo o que eu faço assim pensando no bem estar para aquela pessoa ou pessoas</p> <p>Então nesse momento é por causa dela, assim a força. É uma certa força porque o que mantém, também, tirando ela é a necessidade de ter um emprego pra poder pagar no futuro uma faculdade, poder ajudar em casa.</p> <p>O grande foco na minha vida, eu meio que vivo em função de sempre ver quem eu gosto feliz, sempre foi assim, tanto é que é a história do desenho, ele morre pra salvar o mundo.</p> <p>Ir pegando meio o que me interessa e acho que vai me servir. Cada coisa que eu vejo, faço, presencio e fui pegando isso, daí cheguei nos 13, 14</p> <p>Pesq.: Quais são os valores que orientam a sua vida?</p> <p>R.: Acho que já falei. É a amizade, não vou falar amor, porque amor é um negócio meio... o carinho que eu tenho pela pessoa, o respeito. E isso foi com pessoas que eu gostei e que eu fui aprendendo, e eu procuro cultivar ao máximo, procuro manter, é isso que movimenta o R.</p> <p>a música me ajuda a ter muita idéia até seguir a fazer coisas, me orientar quando eu 'tô' em dúvida.</p> <p>fui tirando conclusão própria, vendo desenhos</p> <p>a música me ajuda a ter muita idéia até seguir a fazer coisas, me orientar quando eu 'tô' em dúvida.. Tipo eu 'tô' ouvindo aquela música daí chega naquela parte, 'ah eu vou fazer isso'. Sempre ajudou,</p>	<p>Como se orienta, como escolhe</p>
<p>eu preciso do emprego, para mim poder ir tanto no negócio de mangá e quanto um monte de coisa também para encaminhar</p> <p>Então nesse momento é por causa dela, assim a força. É uma certa força porque o que mantém, também, tirando ela é a necessidade de ter um emprego pra poder pagar no futuro uma faculdade, poder ajudar em casa. Ontem eu levei a minha cesta básica pra casa, e a cesta é boa até, descontam R\$5 e vale uns R\$60 . E até me senti mais importante dentro de casa. Isso é bom e eu gosto, porque eu 'tô' aqui, né? Tenho que ajudar e tal. Minha mãe ficou contente. E eu preciso</p>	<p>Emprego</p>

<p>desse emprego, que nem eu falei deu vontade de desistir, mas eu não ia conseguir por causa disso e também não ia conseguir por causa dela. Por que quem nem menina fica com um cara mais velho, pô, o cara tem emprego, já é outra coisa, até pra chegar nos pais. Você pode ser simpático e tudo mais, mas e aí o que você faz? ‘ah eu terminei a escola e...’ Pelo jeito que ela é, ela é super-rigorosa.</p>	
<p>esse menina é reservada pra caramba, e até parece que ela nunca ficou com ninguém, eu acho isso muito da hora porque você pode fazer um negócio assim, é um monte de coisa para pensar. É isso</p> <p>Com ela, eu sempre tive vontade de ter um relacionamento mais firme, de tudo que você faz, que nem você sair do serviço cansado, do mesmo jeito que você ‘tava’ lá ter alguém sabe esperando para ter um foco ter alguma coisa que me motive, no caso é ela. Ela ainda que está meio assim por causa da religião ela é evangélica, então tem um monte de coisa que impede só que eu estou disposto a tudo pra ficar com ela, conhecer a igreja ir lá tudo mais, tanto é que eu não tenho religião e que numa outra conversa que eu falei para você que ‘tava’ conhecendo a bíblia e tudo mais, acho que só religião que eu não tenho, e eu ‘tô’ direcionando a idéia de eu que eu gosto tanto dela por causa disso, porque além de ela ter o tipo físico que eu gosto de menina, ela não é japonesa só que é morena eu adoro morena de olho escuro assim e ela junta tudo que eu gosto em uma menina, ela é inteligente, meiga, carinhosa eu procuro direcionar isso tudo</p> <p>Ela é mais nova.</p> <p>Ela tem quinze, porque assim mais velha é bom porque não tem enrolação já é um negócio mais direto tal fala que mulher forte tem, ela é um pouquinho mais assim só que ela confia bastante em mim ela me contou muita coisa que ela ‘tava’ ruim e o que aconteceu com a família dela contou pra mim, a primeira vez que eu vi ela, a turma ficou de boca aberta porque ela eu sempre tive contato tipo dar beijinho no rosto um oi, um tchau um abraquinho só com as amigas assim com amigos nem e quando ela me viu ela já pegou na minha mão, a gente ficou na frente da casa de uma amiga minha, eu deitei no colo dela ela ficou fazendo carinho depois eu levantei ela ficou abraçada a turma falou: ‘nossa’, e ela falou para mim depois que ela confia bastante que apesar de ser pouco tempo que a gente se conhece ela confia bastante, eu gosto porque eu sei que ela pode confiar em mim que eu nunca vou decepcionar ela, vou fazer de tudo para proteger ela.</p> <p>Pesq.: E você acha que ela também vai poder suprir as necessidades que você me falou.</p> <p>R.: Vai, ela tem, porque ela me perguntou sobre um monte de coisas que as amigas minha mesmo falaram, que nem eu ‘tava’ lá deitado com ela, ela pegou e falou, deitado com ela... Ela pegou e falou aquela foto daquele lugar que você vai que tem bichinho e espada , é</p>	<p>J. sua paixão</p>

desenho daí eu contei, conta pra mim meu você gosta e tal, ela 'tá' afim mesmo de conhecer isso é ótimo, que geralmente quando você conhece alguém e fala ai eu gosto de tal coisa a não e ... Sabe amigos, até amigos mais íntimos e ela já foi querendo saber de tudo teve sede de conhecer, tem essa e algumas coisas que chama a tua atenção que afinal eu já estava meio assim, sabe com ela, daí depois daquela tarde lá, não beijou nada, mas nossa foi melhor que com aquela outra lá

ela pegou e apresentou, essa menina que eu 'tô' gostando falou para mim que não queria nada a um tempo atrás que só que amizade daí eu peguei e desencanei né?

Pesq.: Isso pelo que eu pude perceber é uma das coisas que mais te chamou a atenção. Dela ter uma certa ingenuidade. Como dos desenhos japoneses que você comparou.

R.: Isso, isso, isso é exatamente isso me atira de mais.

E essa certa ingenuidade da menina estar a fim, de achar alguém bacana, alguém que gosta de orientar ela, de ajudar e dar força, isso eu me sinto ótimo fazendo isso, porque eu 'tô' ajudando ela, eu 'tô' encaminhando. Que nem eu não sou criança, se é uma das coisas que eu sei é dar conselho em certas ocasiões, tipo não dar conselho errado, idéia errada, ir pelo caminho mais fácil.

Pelo menos o problema que ela passou, a J. por isso que até falou 'fico mais aliviada', depois que eu aconselhei ela. Que a irmã dela é meio doidona, lá e impediu da mãe dela ver a neta e daí ela fala que chora junto, daí eu falei, 'viu você tem quer ser forte e ajudar a sua mãe', que eu já passei isso, aí por isso também de ser menina mais nova, porque muita coisa que eu já passei e nesse caso até em dobro, que nem eu falei da outra vez que em casa já separei um monte de vez e ela é mais nova, mais mimada, mas ela: 'eu não consigo ter força', mas você tem e o que eu puder fazer pra tornar ela mais forte eu vou fazer. É isso aí que eu gosto da ingenuidade, eu acho muito legal, dela pegar e contar comigo pra tudo, que eu sei que geralmente eu vou poder corresponder.

Que nem a J. ela não quis ficar, beijar, mas só de 'tá' de mão dada e ela suando de nervoso, nossa já é uma... tipo a cara dela quando eu elogiava, tipo pára mas continua, meio envergonhada, nossa aquilo eu ganhei o dia.

Mas eu nunca fui criado em igreja. E isso me chama bastante atenção na J. porque ela foi criada e ela falou: 'eu não fiquei com você, eu não beijei você, porque dentro de mim eu sentia que não 'tava' certo . Nossa tal aquele princípio, nossa eu achei isso ótimo, porque qualquer menino fala 'ai não sei o quê' nossa eu falei você 'tá' certa eu não quero estragar nenhuma ideologia sua, o seu modo de pensar 'tá' correto eu não quero estragar isso. E ela ficou chateada, 'ai então

<p>você não quer mais me ver?’ Eu falei: ‘não falei isso’, eu até mandei essa mensagem pra ela eu quero acrescentar na sua vida e não modificar.</p> <p>Que nem a J. eu ‘tô’ louco com essa menina por causa disso. Ela ‘tá’ ali certinha, segue aquilo que o pai e mãe falam, não fica reclamando e daí faz quebra a cara e depois reconhece que o pai tem razão, não isso é maravilhoso ao meu ver. Nossa a menina tem capacidade que ela não ficou comigo, foi a 1ª vez que eu vi ela, e eu queria ficar com ela, beijar ela, porque não tinha mais maneiras de demonstrar que eu gostava dela, não por beijar mais uma boca. Quando eu ‘tô’ do lado dela eu não quero que o mundo acabe, mas ‘tá’ acabando.</p> <p>Por isso que eu gostei dessa menina, quando eu ‘tava’ com ela, ela consegue manter a base do meu pensamento, eu processava na velocidade que eu conseguia pensar mesmo, o jeito que chegava o que ‘tava’ na cabeça eu conseguia, faz muito tempo que eu não conhecia uma pessoa assim. Pra falar a verdade eu nunca me senti assim, porque a menina que eu sempre amei na minha vida assim, aquela Y. lá , eu nunca fiquei direito com ela, abraçado, assim, a gente tinha amizade, por isso que eu ‘tô’ tão afim, é meio louco isso. ‘tô bege’. Eu ia usar ‘eu ‘tô’ pasmo’, mas é que estão usando bastante ‘tô’ bege</p> <p>Que nem tem muito jovem que fica olhando o casal da novela, ‘ah eu queria ser assim’ Quem não tem cabeça não tem nada. Ela tem cabeça tem tudo.</p>	
<p>eu direciono tudo o que eu faço assim pensando no bem estar para aquela pessoa ou pessoas</p> <p>ela falou para mim depois que ela confia bastante que apesar de ser pouco tempo que a gente se conhece ela confia bastante, eu gosto porque eu sei que ela pode confiar em mim que eu nunca vou decepcionar ela, vou fazer de tudo para proteger ela.</p> <p>Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim. Daí comecei com um amigo meu.</p> <p>Pesq.: No grupo ficou sempre dividido você e o L. com posições diferentes dos demais. E me chamou a atenção o exemplo que você deu do banco, que se alguém humilhasse outra pessoa você interferiria, porque se você não fizesse isso você não ia se sentir bem. Você é assim na vida real, você consegue por isso em prática, ou isso fica mais na idéia do que você gostaria de fazer e na prática é mais difícil de acontecer?</p> <p>R.: Não eu faço, nossa eu já me ferrei tanto por causa disso, mas eu faço, já me ferrei , mas é assim, com orgulho. Eu não consigo ver, é muita palhaçada eu não consigo, eu sempre cruzei os dois lados,</p>	Sou protetor

também tem pra ver o que ‘tá’ acontecendo, lógico que nem chefe chego na maior educação, do melhor jeito possível, não chego assim, você é louco? É por isso que eu me ferro tanto em casa eu não agüento, com os meus amigos eu não agüento, na rua eu não agüento, nos lugares públicos assim eu não agüento.

Pesq.: Você falou que trabalhava no banco de ofice boy, e foi demitido por causa disso, o que que aconteceu?

R.: Então eu ‘tava’ de experiência, aí nossa era, só tinha gente nojenta naquele lugar, até então eu agüentava, só que daí a única pessoa que eu fiz amizade mesmo que era a recepcionista que era a A., nossa eu encontrei ela na internet e eu ‘tava’ morrendo de saudades, até ela ajudou, nossa o que ela me protegia naquilo que eu era cabação, no pouco tempo que eu tinha ela me ajudou pra caramba, outra coisa também é a parceria, parceria também é tudo, se o cara é parceiro qualquer coisa que acontece eu posso contar, nossa o chefe lá vivia querendo tirar casquinha, veião. Tinha uma chefe que cuidava mais da parte financeira e vivia humilhando ela em reunião e tal e teve umas três vezes que eu falei, eu falei ‘viu mas você falou que ela errou, mas o erro foi seu’ eu falei: ‘viu D. me desculpa mas você não pode culpar os outros pelos seus erros’, ela ficou louca né? ‘É que eu não sei o que tem e o malote que você deu veio errado’, eu falei mas isso não tem a ver com o assunto que ‘tava’ falando agora, educado, tanto é que a A. ficou olhando pra mim e deu risada, só que daí ela começou fazer muito a minha caveira e ela me ferrou uma vez de propósito, eu peguei e deixei o malote pra ela, aí ela pegou não pegou dentro e fechou, daí deu pra eu levar, daí o negócio voltou, daí e pra falar que não era eu, sendo que eu ‘tava’ lá, isso foi tinha quase dois meses, tinha quase dois meses e ela ‘tava’ lá a dois, três anos, aí pegou e me colocaram pra fora.

Pesq.: E você se arrepende ou faria de novo?

R.: Ah, agora eu faria diferente agora eu ‘tô’ mais velho e já aprendi um negócio novo O que consegui fazer, com palavras que eu tinha, né. O que consegui fazer com as palavras que tinha, né? Agora faria bem diferente, agora ela ia se ferrar comigo. Porque agora eu ia aprontar com ela. Não mais eu faria isso de novo, porque ela ficou feliz e ela ficou muito mais minha amiga depois daquele dia, e eu sei que eu posso qualquer coisa contar com ela, e ela pode contar comigo, entendeu?

Pesq.: Você consegue lembrar de algum outro exemplo, assim que você entrevistou em favor de uma outra pessoa.

R.: A na escola direto, né? Briga, né? Nossa, por isso que eu fico louco com o S., nossa teve, bicho nossa, teve acho que na luta eu já ‘tava’ há um mês e meio, sempre fui esquentado, mas nunca parti pra porrada, normalmente vinham pra cima de mim porque na boca eu ganhava, aí o S. sempre foi meio galinhão, sabe? Eu vivia junto com

ele ai uma menina lá que queria catar ele, era namorada de uns dos moleques que tinha um grupinho, aí já viu, aí ele pegou e numa conversa que a gente ‘tava’ tendo lá é ele pegou e brigou com todo mundo, sabe,? Aí ela pegou, não sei o que ela entendeu e foi falar com o moleque, aí o moleque chegou intimando ele, ‘viu peraí o que aconteceu? Eu ‘tava’ junto, né? Eu ‘tava’ junto 2 colegas meus ‘tavam’ junto e não aconteceu nada.’ ‘Ah vou pegar...’, ai eu cheguei e falei: ‘não cara ele não, pra que arrebentar todo mundo’ ‘Peraí você não vai bater em mim não’ nisso ‘tava’ aquele monte, sorte minha, porque a renca dos sete que ‘tava’, parte era colega meu, então eles não entraram, então só foi ele e o moleque, ainda bem que eu me dei bem, ai só me defendi, não fui também querendo sair no soco, porque eu já tinha feito aniversário também aí dava B.O. aí o moleque pegou e ‘ai você não sei o quê’ ai eu falei: ‘viu o você ‘tá’ louco meu?’, aí eu já brinquei, a turma deu meio que risada, aí ele pegou ficou meio nervosinho viu que ‘tava’ errado, que ele não conseguiu bater em mim, e aí ficou pior, aí ficou de boa, normal, um monte de vez já teve situação parecida com essa e geralmente com o S. Com uma amiga minha também que o carinha lá que, sabe essas meninas patricinhas? Patricinha mesmo na escola não tem ninguém, era tudo menina pobre, o pessoal lá classe, no máximo média, mas sabe, né? Abusa da mãe pra comprar coisa... isso eu acho nossa uma coisa que me deixa indignado, eu nunca fui de usar coisa de marca, nunca, esse all star eu comprei, a camiseta eu ganhei, mas não pedi nada, isso aqui meu tio me deu, então o que eu compro de marca é porque eu compro, agora eu nunca abusei de pai tipo ‘ai eu quero aquela coisa’ eu nunca fiz isso com meu pai e minha mãe, quando a coisa ‘tava’ boa em casa eu pedia alguma coisa que eu gostava pra ganhar em data comemorativa mas, tipo, eu nunca, eu acho isso ridículo, pra começar por isso e eu já ‘tava’ louco com essa menina, aí ela pegou, aí ela gostava do moleque ‘tava’ namorando com o moleque, aí o moleque pegou e largou dela pra ficar com uma amiga minha, só que, que nem, tipo, ele agarrou a minha amiga na saída, aí ela ficou, mas depois, tipo você ‘tá’ louco? Daí a menina veio pra cima dela, aí eu peguei e falei: ‘o calma ai, né? Não é bem assim’, aí chegou três moleques lá amigos dela que não gostavam de mim, ‘aí se você não deixar as duas resolverem a treta...’, nossa a minha amiga é magrinha, a outra lá uma morenona grandona, ia levar um cacete da menina, aí eu ‘não sei que tem, ai não tem porque brigar’ e o cara, e o maluco lá do outro lado da rua, aí os moleques ‘o alemão sai daí se não quiser brigar também’ falei: ‘viu se for partir pra cima dela, vem pra cima de mim primeiro’ daí eu lá com os três, aí eu lá no meio tentando me livrar lá, tomando uns tabefes, porque eu sou mais tranqüilão, aí eu fico me defendendo, meio pra tentar acalmar, aí chegou um amigo meu que é estressadão, que era de menor aí ele regaçou os três, ele era enorme, aí os moleques pegaram e abaixaram a bola, ‘é eu ainda vou pegar você’ na rua’, ‘se você me pegar na rua eu vou na sua casa e depilo você e faço a sua caveira’, aí alguns deram risada como sempre, que até em briga eu zôo, sabe? Aí ela pegou saiu com jeitinho e não deu nada depois, mas eu sempre socorro se eu vejo que ‘tá’ errado,

<p>mesmo que eu apanhe. Que nem eu ‘tava’ no MSN com uma amigo meu, amigo de verdade é aquele que separa briga, chega dando voadora, não é bem assim, eu procuro conversar, eu não parto pra cima de ninguém, tem aquele que se estressa, mas eu nunca começo nada, que eu me lembre não, quando eu era pequeno era brigão lá, a medida que cresci e comecei a ter mais consciência dos seus atos, não faço mais.</p> <p>Agora em matéria de amigos de pessoas eu sou, porque eu não deixo se aproximar de que eu vejo que ... eu procuro proteger.</p>	
<p>ela me contou muita coisa que ela ‘tava’ ruim e o que aconteceu com a família dela contou pra mim, a primeira vez que eu vi ela</p> <p>E essa certa ingenuidade da menina estar a fim, de achar alguém bacana, alguém que gosta de orientar ela, de ajudar e dar força, isso eu me sinto ótimo fazendo isso, porque eu ‘tô’ ajudando ela, eu ‘tô’ encaminhando. Que nem eu não sou criança, se é uma das coisas que eu sei é dar conselho em certas ocasiões, tipo não dar conselho errado, idéia errada, ir pelo caminho mais fácil.</p> <p>Tanto é que teve colega meu, amigo meu, que eu perdi por causa disso e depois eles vieram falar comigo: ‘o que eu faço com a menina lá’, ‘meu mas você ‘tá’ indo bem’ Tanto é que o S. terminou com a menina. Eu ajudei eles umas duas vezes, mas eu não mais ajudar, eu vou ajudar vocês a não ficarem juntos . Que ela não ‘tá’ fazendo bem pra você. Ele vivia lá no MSN : ‘tô’ mal, ‘tô’ mal. A C. parece que gostava de ver ele sofrer por ela . E é isso aí de eu saber que eu posso ajudar, de ajudar mesmo.</p> <p>Pelo menos o problema que ela passou, a J. por isso que até falou ‘fico mais aliviada’, depois que eu aconselhei ela. Que a irmã dela é meio doidona, lá e impediu da mãe dela ver a neta e daí ela fala que chora junto, daí eu falei, ‘viu você tem quer ser forte e ajudar a sua mãe’, que eu já passei isso, aí por isso também de ser menina mais nova, porque muita coisa que eu já passei e nesse caso até em dobro, que nem eu falei da outra vez que em casa já separei um monte de vez e ela é mais nova, mais mimada, mas ela: ‘eu não consigo ter força’, mas você tem e o que eu puder fazer pra tornar ela mais forte eu vou fazer. É isso aí que eu gosto da ingenuidade, eu acho muito legal, dela pegar e contar comigo pra tudo, que eu sei que geralmente eu vou poder corresponder.</p> <p>Eu não tinha com quem contar, eu tinha que contar comigo. E quando eu fui vendo que todos os amigos que eu tinha, eram aqueles surrados por todo mundo, que todo mundo pisa. Aí você vai lá e conversa e vê que é uma pessoa maravilhosa, só ta faltando um estímulo. Tanto é que meus melhores amigos foram assim. O S. nem tanto porque tem bastante colega e tal, mas a essência dele o caráter dele é bem fraquinho. Agora os meu melhores amigos, o V. ele ‘tá’ trabalhando numa empresa de eletrônica, ‘tá’ fazendo Facens. Tem o outro V.</p>	<p>Sou conselheiro</p>

<p>também que ele é igualzinho eu quando eu tinha a idade dele, idêntico, a gente se dá bem pra caramba. É por isso que diz ele que ele ‘tá’ até melhor depois que me conheceu. Aí esse V. ele era assim meio CDF, a turma tinha meio receio, ainda mais o pessoal daqui, que é tudo meio caipira. E eu peguei e ele gostava de anime,desenhava, não sei porque sabe aquela coisa de você olhar na cara da pessoa e já saber? É a mesma coisa pra ter amizade. Me deu uma vontade de conversar, sabe? E ele é um dos meus melhores amigos, bom pra mim. Nossa ele ‘tá’ outra pessoa. Os pais dele chegaram para mim e nossa o que aconteceu com o V. e tal . E ele ‘tá’ realmente um moço, um homem, ele era um menino, um moleque assim, a gente curtia rock, um roqueirinho assim, só que ele ficava na dele, assim, tinha medo da turma. E no ano passado ele é o mais querido da classe, popular, sabe? Fiquei realmente feliz. Eu via aquele cara que a turma ‘tava’ precisando, eu era popular, mas sempre aquela palhaçada. Que, né? Eu sou popular, por causa desse meu jeito louco. Mas tem amigo meu que sabe que tem muita coisa por trás da palhaçada. Foi uma coisa que o V. falou pra mim, ‘eu sou alegre’ e eu falei: ‘cara não parece mas eu sou muito mal-humorado’ Eu acordo sempre de ovo virado, eu odeio que falem comigo. E eu sou muito mal-humorado, apesar de brincar com todo mundo assim. Eu fico feliz, eu zôo, quando eu ‘tô’ perto de amigo meu, daí eu não consigo ficar quieto. Então de onde que eu tirei aquele negócio da idéia lá. Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim. Daí comecei com um amigo meu. Eu acho que eu nunca tive aquela fase de menino ter nojo de menina, eu nunca tive, sempre fui meio tarado, só eu ficava nessa, daí sempre eu namorei meninas mais velhas. Foi começando, tipo ai gostei da 1ª menina, daí eu vi mais ou menos o que era gostar de alguém e fui tirando conclusão própria, vendo desenhos, casais de amigos meus mais velhos, isso eu faço até hoje e acho que sempre eu vou fazer. Ir pegando meio o que me interessa e acho que vai me servir. Cada coisa que eu vejo, faço, presencio e fui pegando isso, daí cheguei nos 13, 14</p> <p>É o que o V. falou pra mim, ele é novinho tem 14 anos, só que ele pensa exatamente como eu, e como eu ‘tô’ podendo ajudar em certas opiniões dele, nossa ele é muito mais inteligente que eu , porque eu não tinha ninguém pra ajudar a desenvolver um certo lado, e nossa eu ‘tô’ podendo ajudar ele. Eu ‘tô’ ajudando ele e ele ‘tá’ conseguindo acompanhar e tal. Só em certas experiências que ele não passou, ele nunca namorou, então ele não pode me ajudar, mas eu posso plenamente ajudar ele.</p>	
<p>ela falou para mim depois que ela confia bastante que apesar de ser pouco tempo que a gente se conhece ela confia bastante,eu gosto porque eu sei que ela pode confiar em mim que eu nunca vou decepcionar ela, vou fazer de tudo para proteger ela.</p> <p>É eu me sinto bem em ter ela, ter a confiança dela, porque eu sei que eu posso... Isso exatamente eu vou poder corresponder</p>	Sou confiável

<p>Eu sempre via, mudou muito esse negócio de namoro dos meu 13 anos pra cá. Foi o que eu falei o mundo 'tá' acabando. Eu tinha 12, 13 anos, não tinha esse negócio de ficar, ficção, pegação. Que nem menina de 15, 14 anos, 'tava' começando a namorar, tinha ficado no máximo 2 vezes com um amigo, escondido 'tava' começando encaminhar pra essa ficção, mas era bem menos</p> <p>... Foi o que eu falei que o mundo 'tá' acabando Porque sabe beijo abraço isso é uma energia muito forte. Abraço é troca de energia você abraçar alguém , é uma coisa muito forte. Que nem a J. ela não quis ficar, beijar, mas só de 'tá' de mão dada e ela suando de nervoso, nossa já é uma... tipo a cara dela quando eu elogiava, tipo pára mas continua, meio envergonhada, nossa aquilo eu ganhei o dia</p> <p>Pesq.: Você 'tava' falando ai é o fim do mundo, falou das meninas e tal, dos meninos ficarem e tal, eu lembrei também lá do grupo que você falou, que você tinha esperança pra melhorar toda essa situação, o que, o que você fala um pouquinho disso, o que você acha que vai ser daqui pra frente, que vai melhorar ou não?</p> <p>R.: É, é outra coisa assim, eu 'tô' esses dias, apesar de gostar da menina, minha vida 'tá' encaminhando bem, 'tô' empregado, 'tá' tudo certo, eu me sinto meio ruim porque eu fui na igreja e tal, na Adventista e falaram que Deus 'tá' pra voltar, eu acredito mesmo que vai voltar, é meio 'tá' meio na cara, sabe? Até quem é ateu se for pela lógica... bom 'tá' um negócio muito triste, você não vê mais tradição, não vê ninguém vê esperança nenhuma, aí eu tento ter esperança pra tentar amenizar e tal, porque vai chegar uma hora que vai ser igual a ditadura, pra tentar parar tudo, pra tentar voltar. Eu não comentei nada com ninguém pra, tipo, não assustar. Eu fico olhando pra minha irmãzinha e me dá vontade de chorar, eu fico tão contente, nossa eu amo ela, mas eu fico vendo como 'tá' hoje em dia e eu não consigo enxergar um futuro pra ela. Quando eu era pequeno eu ficava pensando quando eu casar, sinceramente eu não consigo imaginar como vai ser daqui a 5 anos, como vai 'tá' tudo. Mais por causa de religião de como de que diz, que antes do homem se matar ele ia voltar.</p> <p>Pesq.: Essa história do mundo 'tá' acabando, está relacionada com as questões da igreja?</p> <p>R.: Também.</p> <p>Pesq.: É como está escrito na bíblia e você vai identificando os sinais.</p> <p>R.: É isso. Outra coisa assim é meio que tradição assim, sabe? Minha família sempre me ensinou a ser muito responsável e eu sou. Eu acho que uma virtude que posso dizer que eu tenho. Eu nunca fiz besteira nenhuma, nunca cheguei tarde demais, nunca dormi fora sem ter avisado, nunca enchi a cara e cheguei bebo, já fiquei bêbado, mas</p>	<p>O mundo 'tá' acabando</p>
--	------------------------------

<p>avisei 'ó vou sai vou encher a cara, vou dormir na casa de tal, porque eu vou chapar o globo', beleza eu 'tô' avisando, por isso que a minha mãe tem tanta credibilidade em, de deixar sai e tal, 'onde você vai e que horas você vai voltar?', nem quer saber o que eu vou fazer, mas é só se eu sumir ela ter uma noção de onde procurar. Mas é 'tá' acabando. Essa cobrança me ajudou a ter responsabilidade e aquele tipo de confiança que eu transmito que 'tá' ligado às meninas, que 'tá' ligado a tudo assim. 'tá' tudo muito largado, a criançada 'tá' largada assim. Que nem a J. eu 'tô' louco com essa menina por causa disso. Ela 'tá' ali certinha, segue aquilo que o pai e mãe falam, não fica reclamando e daí faz quebra a cara e depois reconhece que o pai tem razão, não isso é maravilhoso ao meu ver. Nossa a menina tem capacidade que ela não ficou comigo, oi a 1ª vez que eu vi ela, e eu queria ficar com ela, beijar ela, porque não tinha mais maneiras de demonstrar que eu gostava dela, não por beijar mais uma boca. Quando eu 'tô' do lado dela eu não quero que o mundo acabe, mas 'tá' acabando.</p>	
<p>'se é pra ter alguém do meu lado, tem que ser alguém que me faça se sentir forte', porque como eu falei eu sempre me senti muito fraco. Eu não tinha com quem contar, eu tinha que contar comigo.</p> <p>Então de onde que eu tirei aquele negócio da idéia lá. Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim</p> <p>Daí comecei com um amigo meu. Eu acho que eu nunca tive aquela fase de menino ter nojo de menina, eu nunca tive, sempre fui meio tarado, só eu ficava nessa, daí sempre eu namorei meninas mais velhas. Foi começando, tipo ai gostei da 1ª menina, daí eu vi mais ou menos o que era gostar de alguém e fui tirando conclusão própria, vendo desenhos, casais de amigos meus mais velhos, isso eu faço até hoje e acho que sempre eu vou fazer. Ir pegando meio o que me interessa e acho que vai me servir. Cada coisa que eu vejo, faço, presencio e fui pegando isso, daí cheguei nos 13, 14</p> <p>se eu me voltasse só pra escola, se vai que nem o V. ele estudou bastante, passou na X., conseguiu estágio, emprego que deu chance dele conseguir parte da bolsa na Facens, mas ele 'tava' triste ele não tinha namorada, ele não tinha amigos, pra mim isso é essencial. Se você não tiver um foco pessoal pra direcionar tudo, pra que que você vai ter dinheiro e se formar?</p> <p>Uhu eu sou fodão. Não tem porque você se sacrificar e não ter ninguém pra dividir isso. Que nem 'tava' no MSN esses dias, 'tava' em inglês 'eu só quero alguém pra dividir meus sonhos e minhas conquistas'</p>	<p>Necessidade de namorar</p>
<p>E quando eu fui vendo que todos os amigos que eu tinha, eram aqueles surrados por todo mundo, que todo mundo pisa. Aí você vai lá e conversa e vê que é uma pessoa maravilhosa, só ta faltando um estímulo. Tanto é que meus melhores amigos foram assim. O S. nem</p>	<p>Amigos</p>

tanto porque tem bastante colega e tal, mas a essência dele o caráter dele é bem fraquinho. Agora os meu melhores amigos, o V. ele 'tá' trabalhando numa empresa de eletrônica, 'tá' fazendo Facens. Tem o outro V. também que ele é igualzinho eu quando eu tinha a idade dele, idêntico, a gente se dá bem pra caramba. É por isso que diz ele que ele 'tá' até melhor depois que me conheceu. Aí esse V. ele era assim meio CDF, a turma tinha meio receio, ainda mais o pessoal daqui, que é tudo meio caipira. E eu peguei e ele gostava de anime, desenhava, não sei por que sabe aquela coisa de você olhar na cara da pessoa e já saber? É a mesma coisa pra ter amizade. Me deu uma vontade de conversar, sabe? E ele é um dos meus melhores amigos, bom pra mim. Nossa ele 'tá' outra pessoa. Os pais dele chegaram para mim e nossa o que aconteceu com o V. e tal . E ele 'tá' realmente um moço, um homem, ele era um menino, um moleque assim, a gente curtia rock, um roqueirinho assim, só que ele ficava na dele, assim, tinha medo da turma. E no ano passado ele é o mais querido da classe, popular, sabe? Fiquei realmente feliz. Eu via aquele cara que a turma 'tava' precisando, eu era popular, mas sempre aquela palhaçada. Que, né? Eu sou popular, por causa desse meu jeito louco. Mas tem amigo meu que sabe que tem muita coisa por trás da palhaçada. Foi uma coisa que o V. falou pra mim, 'eu sou alegre' e eu falei: 'cara não parece mas eu sou muito mal-humorado' Eu acordo sempre de ovo virado, eu odeio que falem comigo. E eu sou muito mal-humorado, apesar de brincar com todo mundo assim. Eu fico feliz, eu zôo, quando eu 'tô' perto de amigo meu, daí eu não consigo ficar quieto. Então de onde que eu tirei aquele negócio da idéia lá. Então sempre tive essa necessidade de ter alguém que conte comigo pra se precisasse de mim. Daí comecei com um amigo meu.

Daí ontem eu 'tava' na rua conversando com o V. e com os moleques e ele passou assim: 'e aí R.inho.' 'vira o rosto não olha pra mim'. Daí ele pegou, abaixou a cabeça e saiu, porque sabe que eu não 'tava' brincando. Isso eu aprendi com o meu pai, ele é... nos trancos ele ensina bastante coisa pra você crescer. Porque a maioria das pessoas tem mente fraca, se você se mostra mais forte em certo assunto, em certa opinião, a pessoa acaba seguindo você. Ou então a pessoa resiste ou impõe a sua idéia, mostra um outro lado que você não viu, geralmente esses são os meus amigos. Gente que não vai na minha idéia, pega vê um lado que eu não vi e me ajuda. Amigo meu tem que ser assim. 'Vamos fazer alguma coisa?' 'a vamos, vamos!', não tem vontade própria? Quem me garante que não vai chegar amanhã um moleque o cara vai achar mais legal e 'falou aí eu vou'.

Têm tantas 'raças', pagodeiro, axé. Axé é uma das mais legais, porque é tudo gente boa, curte Rock, ouve, apesar de achar pesado e estranho, mas ouve. Tem muito colega meu que ouve, até pagodeiro, curte pagode e gosta de um rock ou outro. Eu tenho bastantes amigos assim. E tenho também aqueles rockeiros do mal mesmo, vivem bebendo assim. Os caras bebem muito. Que nem eu saio com os moleques só até chegar no lugar, quando eu chego vou pra outro grupo, porque eles bebem muito. Tem um que ele bebe tanto que ele

<p>não fica mais bêbado. Nossa é impressionante, ele bebe que nem água. Sabe absinto? Meu eu tomo um gole e já esquenta, de estômago cheio ainda. Nossa o cara no ‘pó da rabiola’ não come nada e bate dois ‘copão’. Com dois copos eu ‘tô’ revirando no chão</p>	
<p>‘cara não parece mas eu sou muito mal-humorado’ Eu acordo sempre de ovo virado, eu odeio que falem comigo. E eu sou muito mal-humorado, apesar de brincar com todo mundo assim.</p>	Mal-humorado
<p>eu era popular, mas sempre aquela palhaçada. Que, né? Eu sou popular, por causa desse meu jeito louco. Mas tem amigo meu que sabe que tem muita coisa por trás da palhaçada.</p> <p>é eu ainda vou pegar você’ na rua’, ‘se você me pegar na rua eu vou na sua casa e depilo você e faço a sua caveira’, aí alguns deram risada como sempre, que até em briga eu zôo, sabe?</p> <p>R.: É que eu não agüento, eu não agüento, é um negócio que meio que eu criei pra poder...A palhaçada ‘tá’ dentro de mim, acho que em outra encarnação eu fui palhaço de circo ou comediante. Numa delas com certeza eu fui isso aí, porque eu não tiro essas porcarias do nada. Vem na minha cabeça e eu não agüento e eu falo. Eu pego eu falo, qualquer brechinha que eu vejo, nunca dei muito vexame. Eu não agüento, a piada fica na ponta da língua.</p>	Palhaço
<p>E eu peguei e ele gostava de anime, desenhava, não sei por que sabe aquela coisa de você olhar na cara da pessoa e já saber? É a mesma coisa pra ter amizade.</p>	Olhar orientador-intuição
<p>Pesq.: Você acha que os desenhos têm uma influência forte.</p> <p>R.: Tem por causa da ideologia japonesa, que eles não tem... Foi o que eu falei que o mundo ‘tá’ acabando Porque sabe beijo abraço isso é uma energia muito forte. Abraço é troca de energia você abraçar alguém , é uma coisa muito forte. É um negócio muito forte e eles mostram isso no desenho. Tem desenho ren tai, que é de porcaria, é pornográfico e tipo muito sangue, mas geralmente é mais usado pra pornográfico, que japonês é tarado. Eles mostram muito isso, porque sempre nos desenhos, japonês sempre foi muito reservado agora que eu fiquei sabendo, quando a minha ex foi pro Japão e ficou sabendo lá que os caras são tímidos, as japas são tudo soltonas, tanto é que gaijin, cara que vai morar lá se dá melhor, porque elas são carinhosas querem dar carinho e aqui é meio o contrário, pelo menos comigo, eu sou carinhos, sempre gosto de ‘tá’ junto e tal, nada muito meloso, mas de ‘tá’ mostrando o que eu ‘tô’ sentindo. E no desenho aquela cena de beijo de alguém que você gosta o desenho inteiro, você vê aquilo e nossa, finalmente. Às vezes até mesmo no abraço, que mostra que tem amizade, que gosta aí fica vermelhinho e é isso, é essa a idéia, e influenciou bastante, foi meio que a partir daí que eu fui vendo, fui procurando saber. Tudo que eu gosto, eu procuro saber. Agora escola vixi...</p>	Desenhos
<p>Pesq.: A escola, você acha que ajuda, atrapalha, ajuda pouco a formar idéias, valores, ideais, coisas pra vida</p>	Escola

R.: Eu não sei se é a idéia da escola, mas tirando aqueles professores que 1,2 ou 3 que ensina mesmo, 'tá' sempre de dando conselho, te dando um toque, tirando eles que é professor mesmo, tirando eles, você aprende a ser cidadão, a ter uma certa ética, a cumprimentar, a ser educado, a ser sociável pra poder falar, agora, pra vida assim, porcaria nenhuma. O que mudou bastante foi por causa da profa de geografia e uma profa de filosofia, eu ia conversar com ela na hora do intervalo. Nossa filosofia tem tudo a ver comigo. Eu ficava conversando e ela ficava de queixo caído, 'viu, mas que série você 'tá', ela sempre perguntava, por causa de idéia que eu falava. E ela falava tem coisa que a gente não tem que ficar batendo a cabeça agora, porque a gente não vai entender e vai ficar louco, e com o tempo a gente entende. Que nem da última vez, foi com ela, era uma japonesa, que eu aprendi, tirando isso, também porque filosofia é um negócio que... o último professor de filosofia parecia o Clodovil, já é complicado entender esses negócios de filosofia, a pessoa tem que ser muito boa pra poder passar a idéia, todo mundo naquele 'super interesse', com uma menina linda do lado, louco pra beijar na boca e ele querendo falar de Platão. Eu juro que eu procurava aprender alguma coisa. A professora de geografia, a E. foi a que realmente mais... ela mudou bastante coisa, ela me dava conselho ela me ajudava. Ela despertava o interesse no assunto, política e também coisa de planeta. No prezinho a gente mandou uma carta pra NASA e eles mandaram uma foto do ônibus espacial, quando fizeram o ônibus espacial. Sempre gostei de sistema solar essas coisas. Quando eu era pequeno eu gostava de sistema solar e de dinossauro, essas coisas sempre chamaram muito minha atenção, eu gosto de mistério. E na geografia que ela foi passando, foi me ajudando, e ela passava realmente o que a gente usava, que nem sabe o PIB essas coisas era uma matéria atual que ajudava a entender o mundo e realmente enquanto eu 'tava' tendo a matéria eu entendia até ela sair. Daí entrou um lixo lá, ela passava a matéria, eu não copiava nada e chegava na prova tirava 10, e ela tinha que ficar quieta, ela olhava pra mim e falava: 'você colou, né?', eu falei: 'você quer que faça a prova aqui na sua frente da próxima vez?' É um defeito meu, eu sou muito de enfrentar na hora errada, mas eu não agüento. Em inglês, eu não fazia nada chegava na hora eu tirava 10, eu pronunciava melhor que ela um monte de coisa, todo mundo falava: 'vai lá na frente', ela pegava e me dava 2, aí 'viu 10 aqui, nos trabalhos tudo 10, só porque eu não copiei o negócio', eu odeio copiar, se eu leio eu entendo, não tem que copiar, eu odeio escrever. Tanto é que a professora de geografia eu não copiava a lição, eu trocava idéia com ela, tanto e que eu sempre tirei 10 na prova, raramente eu recebi um 9,5 ou um 8. Com essa profa mesmo de geografia, nova, ela falou pode fazer, daí eu peguei respondi até o que não tinha que responder na prova, só pra mostrar e ela: 'é, mas procura fazer lição' 'tá' bom pode deixar'. Ai eu fico louco com essas coisas. Escola eu acho que... que nem pra que eu 'tô' passando agora a escola não teve influência nenhuma, tirando o ciclo de amizades.

<p>Pesq.: Essa também era uma questão que eu queria perguntar, o sentido de ir pra escola é mais pra fazer amizade, ela serve mais pra fazer amizade do que pra conhecer e aprender, ou ainda dá pra aprender?</p> <p>Dá pra aprender sim. Nossa o pessoal da minha classe era excepcional assim, os mais tranqueiras eram eu e o S., de não fazer lição ficar conversando e chegar na hora tirar nota, aí a profa ficava louca da vida, achava que a gente colava, eu coleí só que tem coisa que não tem como, como matemática. E o professor de matemática era super gente fina . A escola tirando as amizades que eu fiz, que mudou bastante, não ajudou em nada.</p> <p>Então acho que nos problemas que a gente passa não ajuda não.</p>	
<p>Quando eu era pequeno eu gostava de sistema solar e de dinossauro, essas coisas sempre chamaram muito minha atenção, eu gosto de mistério.</p>	Gosta de mistério
<p>Pesq.: E a sua família, o seu pai, eles ajudaram você a construir os seus valores, o que você pensa, a enfrentar os problemas que você enfrenta?</p> <p>R.: Quando o assunto é trabalho, pessoas e ser sociável, sim ajudou, agora quando é assunto mais pessoal assim não, isso foi tudo sozinho. <i>Que nem meu pai sempre me ensinou desde pequenininho, vai lá no bar comprar tal coisa</i> ‘ah, pai ‘tô’ com vergonha’, ‘vai lá e pede’. Isso me ajudou bastante, eu sou desinibido, posso fazer qualquer coisa, ir em qualquer lugar, eu converso com qualquer tipo de pessoas, isso meu pai me ensinou bastante, só isso que ajudou.</p> <p>Foi como eu te falei eu aprendi em casa a lidar com pessoas, religião, sentimento, vontade, incentivo, isso foi decisão minha</p> <p>Daí ontem eu ‘tava’ na rua conversando com o V. e com os moleques e ele passou assim: ‘e aí R.inho.’ ‘vira o rosto não olha pra mim’. Daí ele pegou, abaixou a cabeça e saiu, porque sabe que eu não ‘tava’ brincando. Isso eu aprendi com o meu pai, ele é... nos trancos ele ensina bastante coisa pra você crescer. Porque a maioria das pessoas tem mente fraca, se você se mostra mais forte em certo assunto, em certa opinião, a pessoa acaba seguindo você. Ou então a pessoa resiste ou impõe a sua idéia, mostra um outro lado que você não viu, geralmente esses são os meus amigos.</p> <p>Minha família sempre me ensinou a ser muito responsável e eu sou.</p>	Pais
<p>Patricinha mesmo na escola não tem ninguém, era tudo menina pobre, o pessoal lá classe, no máximo média, mas sabe, né? Abusa da mãe pra comprar coisa... isso eu acho nossa uma coisa que me deixa indignado, eu nunca fui de usar coisa de marca, nunca, esse all star eu comprei, a camiseta eu ganhei, mas não pedi e nada, isso aqui meu tio me deu, então o que eu compro de marca é porque eu compro,</p>	Patricinha

<p>agora eu nunca abusei de pai tipo ‘ai eu quero aquela coisa’ eu nunca fiz isso com meu pai e minha mãe, quando a coisa ‘tava’ boa em casa eu pedia alguma coisa que eu gostava pra ganhar em data comemorativa mais tipo eu nunca, eu acho isso ridículo</p>	
<p>uma profa de filosofia, eu ia conversar com ela na hora do intervalo. Nossa filosofia tem tudo a ver comigo. Eu ficava conversando e ela ficava de queixo caído, ‘viu, mas que série você ‘tá’, ela sempre perguntava, por causa de idéia que eu falava. E ela falava tem coisa que a gente não tem que ficar batendo a cabeça agora, porque a gente não vai entender e vai ficar louco, e com o tempo a gente entende. Que nem da última vez, foi com ela, era uma japonesa, que eu aprendi, tirando isso, também porque filosofia é um negócio que...</p>	Melhor não pensar
<p>Pesq.: Você foi criado dentro de igreja?</p> <p>R.: Sempre tentaram me arrastar, não gosto de pressão, sabe? Foi como eu te falei eu aprendi em casa a lidar com pessoas, religião, sentimento, vontade, incentivo, isso foi decisão minha. Fui buscar o que era Deus, o que era religião, fui buscar qual era a idéia de Deus e o que ele representavam, o porquê da gente existir. A resposta mais lógica que eu tive foi que Deus é amor puro e ele vivia sozinho e não tinha como dividir esse amor, então criou Adão e Eva. Mas eu nunca fui criado em igreja. E isso me chama bastante atenção na J. porque ela foi criada e ela falou: ‘eu não fiquei com você, eu não beijei você, porque dentro de mim eu sentia que não ‘tava’ certo . Nossa tal aquele princípio, nossa eu achei isso ótimo, porque qualquer menino fala ‘ai não sei o quê’ nossa eu falei você ‘tá’ certa eu não quero estragar nenhuma ideologia sua, o seu modo de pensar ‘tá’ correto eu não quero estragar isso. E ela ficou chateada, ‘ai então você não quer mais me ver?’ Eu falei: ‘não falei isso’, eu até mandei essa mensagem pra ela eu quero acrescentar na sua vida e não modificar.</p>	Religião
<p>Pesq.: Outra coisa também que a gente discutiu lá no grupo, é a influência que tem a mídia nas pessoas de um modo geral, não só nos jovens. Na sua vida você acha que teve influência?</p> <p>R.: Eu me ligava no que ‘tava’ acontecendo, porque a gente tem que ‘tá’ sempre ligado, mas moda nunca. Tanto é que eu só gosto de coisa antiga, que nem all star é uma coisa muito antiga. Eu gosto de coisa antiga, porque foi o que me criou o que me ajudou, porque antigamente a televisão não era uma coisa tão influenciável. Hoje você aqueles moleques de cabelo esquisito, calça colada aí acaba a moda e a moda é andar que nem mano. Eu acho isso ridículo, fico louco da vida com essas coisas. A turma andando ‘ah, eu sou estilo tal, estilo não sei o quê’ Eles falam: ‘e aí cara você é roqueiro?’ ‘Olha eu curo rock, curto a história, mas roqueiro, mas não posso dizer ai sou roqueiro.’ Porque a idéia do rock o que que é? Aquele cara altão, magrelo, cabelão comprido, all star no pé, camisa de banda, regata. Eu gosto de usar essas coisas, eu uso em casa, quando eu saio, mas eu ‘tô’ com essa regata porque eu ‘tô’ morrendo de calor. Mas, geralmente é camiseta que eu mesmo corto a manga, eu</p>	Mídia

<p>acho esse estilo legal. Mas me influenciar? Eu me influenciava. Me fez o que eu sou hoje, que nem eu falei que perdi Pokemon, adoro Pokemon, aqueles seriados antigos, desenho novo que lança eu assisto só de vez em quando, agora não 'tô' assistindo nada. Mas o que passa, que eu gosto de assistir a hora que eu chego é Pokemon. Mas, não me influencia não, eu uso mais televisão como entretenimento, porque é difícil eu parar em casa e pra rever alguma coisa, tipo momentos meio nostálgicos, que faz em parte da minha infância que ficou gravado e pra me manter atualizado, e nem tanto. O moleque não 'tá' com vontade de fazer aquilo, ele faz porque ele quer ser emo, a mídia impôs isso. 'Apareceu existe, ah então eu vou ser emo.'</p> <p>Que nem tem muito jovem que fica olhando o casal da novela, 'ah eu queria ser assim' Quem não tem cabeça não tem nada</p>	
<p>Hoje você vê aqueles moleques de cabelo esquisito, calça colada aí acaba a moda e a moda é andar que nem mano. Eu acho isso ridículo, fico louco da vida com essas coisas. A turma andando 'ah, eu sou estilo tal, estilo não sei o quê'</p> <p>Eu quero ser original, eu nunca vou ser igual a ninguém. Não quero, não gosto. Eu nasci diferente, porque eu vou ser igual? Por isso que eu não gosto de <i>poser</i> e tal</p> <p>Pesq.; Você não gosta de emo, né?</p> <p>R.: Não. É por causa disso, não é por causa de ser gay, não tenho preconceito nenhum. É por causa... Tem pessoas mais emotivas e pessoas fortes, de espírito mais forte, só que nem eu, na maior parte eu sou tipo, que nem tem coisa que eu vejo, injustiça, sabe? Que me dá uma grande vontade de chorar, ou senão quando eu 'tô' contente com alguma coisa, só que em certas coisas que todo mundo sente assim, eu sou frio, aquilo que eu te falei da outra vez. Só que daí essa pessoa que tem uma tendência de ser assim mais sensível o que que faz? Cola a franja no olho, põe aquelas roupas lindas lá, que copiou de punk, de roqueiro. Tanto é que esses all star, eu adoro all star é um negócio antigo assim. Aí cola a franja no olho, fala que gosta de chorar com uma rosa na mão, pink, pinta o olho põe calça xadrez e fala que a vida é linda e fica chorando. O moleque não 'tá' com vontade de fazer aquilo, ele faz porque ele quer ser emo, a mídia impôs isso. 'Apareceu existe, ah então eu vou ser emo.' Uma pessoa que tem idéia na cabeça, que pensa não vai ser emo, não vai se propor a fazer isso aí, esse papelão. Por isso eu sou tão seletivo com pessoas. Por isso que eu não gosto de emo, tudo bobo. O que aquela pessoa tem pra me oferecer de idéias de experiências, sei lá, eu posso 'tá' errado, mas eu não agüento. Tem amigos meus, tem um que andava com uns meninos de cabelo em pé, daí ele vem trocar idéia comigo, que eu conheço bastante banda, daí ele começou a curtir NX0 e colou a franja no olho, daí eu falei: 'não fala mais comigo'.</p>	<p><i>Poser</i></p>

‘Ah, R. pára.’ ‘Enquanto você tiver com essa porcaria de franja no olho, não fala mais comigo’. ‘Enquanto você falar que gosta mais de Emocor, do que rock, não fala mais comigo’ Daí ele voltou meio assim ao normal e foi com a gente no shopping, a gente não chamou, mas ele foi junto. Depois ele voltou com essa palhaçada de Emo de novo. Daí ontem eu ‘tava’ na rua conversando com o V. e com os moleques e ele passou assim: ‘e aí R.inho.’ ‘vira o rosto não olha pra mim’. Daí ele pegou, abaixou a cabeça e saiu, porque sabe que eu não ‘tava’ brincando. Isso eu aprendi com o meu pai, ele é... nos trancos ele ensina bastante coisa pra você crescer. Porque a maioria das pessoas tem mente fraca, se você se mostra mais forte em certo assunto, em certa opinião, a pessoa acaba seguindo você. Ou então a pessoa resiste ou impõe a sua idéia, mostra um outro lado que você não viu, geralmente esses são os meus amigos. Gente que não vai na minha idéia, pega vê um lado que eu não vi e me ajuda. Amigo meu tem que ser assim. ‘Vamos fazer alguma coisa?’ ‘a vamos, vamos!’, não tem vontade própria? Quem me garante que não vai chegar amanhã um moleque o cara vai achar mais legal e ‘falou aí eu vou’. Por isso que eu não gosto de emo, que vai total na idéia dos outros. ‘Vamos no Campolim beijar outro emo?’ ‘vamos’. ‘tá horrível aquele Campolim, eu virei tinha dois emos se beijando, eram duas meninas.

Pesq.: O que você acha que faz com que essas pessoas seguirem outras, não terem vontade própria, seguirem um certo estilo? O que você acha que faz as pessoas serem desse jeito ou de outro, que não fazem esse exercício de refletir, que vão pela cabeça dos outros?

R.: É o que não faz. É o que o V. falou pra mim, ele é novinho tem 14 anos, só que ele pensa exatamente como eu, e como eu ‘tô’ podendo ajudar em certas opiniões dele, nossa ele é muito mais inteligente que eu, porque eu não tinha ninguém pra ajudar a desenvolver um certo lado, e nossa eu ‘tô’ podendo ajudar ele. Eu ‘tô’ ajudando ele e ele ‘tá’ conseguindo acompanhar e tal. Só em certas experiências que ele não passou, ele nunca namorou, então ele não pode me ajudar, mas eu posso plenamente ajudar ele. É muito mais fácil pra você, você acordar de manhã, você ir trabalhar, ir aceitando o que a turma fala, porque você vê que não muda nada, na pior das hipóteses você vai morrer, porque você vai trabalhar, vai voltar pra casa, vai comer, se você é casado ou não, rotina é aquilo lá, ou então você é emo, daí você acorda com aquele cabelo bem louco, porque emo é tudo assim, nunca tem cabelo bom, passa sempre creme. Emo tem tudo cabelo ruim, eu não vi 1 emo de cabelo bom. Ainda uma colega minha que é meio emo assim, tem o estilo, assim, eu gosto dela porque ela tem o estilo mas ela é parecida comigo. Ela fala: ‘nossa você ia ser um emo tão bonito’. Então é muito fácil acordar de manhã, pegar ligar o computador ver o NX0 lá e ver que a sua vida é muito ruim de pensar naquilo, de querer sofrer, daí pega chora de manhã, daí vai lá passa uns ‘barato’ no cabelo pra ele ficar no queixo, aí com aquelas roupas xadrez bem lindas, parece um

<p>corvo com aneurisma, daí pega e sai com os colegas pra ir não onde, é mais fácil e eu não gosto de nada fácil. É que nem o vídeo-game, os jogos bons que eu gosto, tem sempre 3 finais alternativos. Se você pegar tal coisa em tal fase, ou então falar com tal pessoa em tal fase, muda a história. É isso que eu procuro fazer, ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante. É mais difícil, você sofre mais, porque nem todo mundo concorda, você vive em conflito, toda hora você tem que fazer escolhas, pelo menos pra mim toda hora eu tenho que fazer escolhas. Que nem hoje, ou eu assistia Pokemon ou eu vinha aqui, eu decidi deixar o Picaxu. Eu acho isso mais interessante e eu procuro achar essas pessoas que pensam igual a mim pra poder ‘tá’ perto de mim, que sempre uma coisa que outro já passou e eu não passei pode me ajudar.</p> <p>R.: O S. vai no grupo mais fácil. Vou andar com os caras tal que assim eu vou ficar mais bem visto. Não tem personalidade. Eu não, vou andar de tal jeito, se as meninas acharem legal é bônus pra mim, agora se não acharem também, se eu ‘tô’ me sentindo bem, nada a ver. Que nem o lance da academia, ficar bonito era consequência, o importante era eu me sentir bem comigo mesmo.</p> <p>Que nem tem muito jovem que fica olhando o casal da novela, ‘ah eu queria ser assim’ Quem não tem cabeça não tem nada</p> <p>.: Sim, sim. E tem uma nova deles agora que é tipo negócio de sociedade, você tem que ‘tá’ dentro dela, você tem que fazer parte, mas não quer dizer que você tem que seguir tudo aquilo que a turma fala, quer dizer que agente não tem que seguir regras, toda regras tem sua exceção. Seja a exceção da sua regra. Eu nunca vou pelo o que os outros falam, eu sempre procuro ver um outro lado. Pra mim tudo depende, só o que não é Deus, porque é aquilo e pronto.</p>	
<p>era bonito de ver todo homem gosta, mas eu não gosto de muita putaria, não acho legal, eu sou meio reservadão, parece que não, mas eu sou meio assim.</p> <p>‘tá’ horrível aquele Campolim, eu virei tinha dois emos se beijando, eram duas meninas.</p>	Sou reservadão
<p>R.: Eu acho bacana Guns N’roses, foi onde tudo começou, porque meu pai ouve e eu ouvia de tudo. Porque no começo eu ouvia tudo, Guns, sertanejo, só que eu achei o Rock mais legal, aí eu fui seguindo. O Beeges, não sei porque eu gosto, é que eu já ouvi tanto, que eu acho bacana, eu sei todas as músicas. A turma olha pra mim e fala: ‘o que que você ‘tá’ cantando aí?’ Esses dias ‘tava’ cantando na Antena 1 no buzão, e eu cantando e a turma dando risada, que nem Mariah Carey que é um negócio bem antigo, ela era bonita, a letra era um negócio que eu gostava aquela ‘toque o meu corpo’, claro era bonito de ver todo homem gosta, mas eu não gosto de muita putaria, não acho legal, eu sou meio reservadão, parece que não, mas eu sou</p>	Música

<p>meio assim.</p> <p>Pesq.: A música parece que foi bem importante pra você.</p> <p>R.: E ainda é. Eu volto pra casa sempre tocando MP4, a música me ajuda a ter muita idéia até seguir a fazer coisas, me orientar quando eu 'tô' em dúvida.. Tipo eu 'tô' ouvindo aquela música daí chega naquela parte, 'ah eu vou fazer isso'. Sempre ajudou, coisa que eu não vivo sem. Daí entra um negócio super contraditório, falam que o capeta foi o pai do rock, olha se foi o pai eu não, mas eu acho que não tem nada a ver, é a intenção que é feita a música. Os caras falam: 'como você acredita em Deus e curte essas coisas pesadas e tal.' Pega a música pra você ver, não 'tá' falando Deus é mal, vou bater em Jesus Cristo, não 'tá' falando. Tem música que fala, tem banda que fala, que até o som eu acho legal, mas eu não escuto.</p> <p>Nossa é difícil falar, porque eu ouço tanta coisa. Eu curto música. Nossa tem música black que fala alguma coisa certa, tem até pagode, que nossa... Eu fico nervoso porque tem pagode que fala, que mostra a realidade, geralmente eles falam de amor. Daí você ouve ou alguém fala e você: "ah, realmente". Tem pagode que fala, tem rock, metal que fala. O negócio que se resumiria a mim... tem a Duality, do Slipkinot, porque eu sou meio 2 personalidades, ainda que agora nem tanto, mas era uma semana de um jeito e uma semana de outro, sempre fui assim e a música fala isso. Mesmo que você não goste do seu outro eu, ele vai estar sempre junto, então tem que conviver e tentar fazer o que você gosta e o que você quer, sendo você dos dois jeitos, esse é meio que o refrão da música. E tem uma parte que fale que 'nada é tarde, sempre é cedo pra fazer o que você quer, nunca é tarde, sempre é cedo e você não pode matar aquilo que você não criou", tipo idéia.</p> <p>Pesq.: Tem um pouco a ver com o seu personagem do mangá, né? Do lado bom e do lado mau.</p> <p>R.: Sim, sim. E tem uma nova deles agora que é tipo negócio de sociedade, você tem que 'tá' dentro dela, você tem que fazer parte, mas não quer dizer que você tem que seguir tudo aquilo que a turma fala, quer dizer que agente não tem que seguir regras, toda regras tem sua exceção. Seja a exceção da sua regra. Eu nunca vou pelo o que os outros falam, eu sempre procuro ver um outro lado. Pra mim tudo depende, só o que não é Deus, porque é aquilo e pronto.</p>	
<p>Pra mim tudo depende, não tem nada, tirando Deus que é isso e pronto, pra mim tudo depende. Vou pegar o individualismo, tem que dividir o negócio de matéria e sentimentos. Individualista com o material eu nunca fui e nunca vou ser, pode ser o cara que eu não gosto, se eu 'tô' com um pacote de biscoito e o cara 'tá' morrendo de fome eu vou lá e ofereço. Agora em matéria de amigos de pessoas eu sou, porque eu não deixo se aproximar de que eu vejo que ... eu procuro proteger. Agora com objetos, material, não. Com idéias eu sou individualista, que nem o que eu te falei até agora meia dúzia</p>	<p>Sou individualista com idéias e pessoas</p>

<p>sabe, a minha mãe não sabe certas coisas, quase tudo, tirando a parte da família. Eu 'tô' sempre preocupado com originalidade.</p>	
<p>Pra mim tudo depende, não tem nada, tirando Deus que é isso e pronto, pra mim tudo depende</p> <p>Pra mim tudo depende, só o que não é Deus, porque é aquilo e pronto.</p>	Tudo é relativo
<p>R.: Eu quero ser original, eu nunca vou ser igual a ninguém. Não quero, não gosto. Eu nasci diferente, porque eu vou ser igual? Por isso que eu não gosto de <i>poser</i> e tal. Que nem eu falei tem estilo que eu gosto, mas não que eu ande que nem metaleiro, eu sempre ando do jeito que eu me sinto a vontade e tal. Tanto é que na formatura eu fui com esse tênis aqui e a turma: 'nossa all star, muito louco'. Daí uma semana depois lá na escola apareceu 2 moleques com o tênis. Eu só não tirei porque os caras passavam por mim e olhavam e eu sabia que copiavam e todo mundo viu lá. E os meninos zoavam os moleques: 'oi R.inho' Eu ria de raiva 'seus tontos, copiaram'. Mas ser original é a base, não tem porque esses moleques andarem tudo igual.</p> <p>E tem uma nova deles agora que é tipo negócio de sociedade, você tem que 'tá' dentro dela, você tem que fazer parte, mas não quer dizer que você tem que seguir tudo aquilo que a turma fala, quer dizer que agente não tem que seguir regras, toda regras tem sua exceção. Seja a exceção da sua regra. Eu nunca vou pelo o que os outros falam, eu sempre procuro ver um outro lado. Pra mim tudo depende, só o que não é Deus, porque é aquilo e pronto.</p> <p>É que nem o vídeo-game, os jogos bons que eu gosto, tem sempre 3 finais alternativos. Se você pegar tal coisa em tal fase, ou então falar com tal pessoa em tal fase, muda a história. É isso que eu procuro fazer, ter vários pontos de vista, pra poder ver qual é o mais interessante. É mais difícil, você sofre mais, porque nem todo mundo concorda, você vive em conflito, toda hora você tem que fazer escolhas, pelo menos pra mim toda hora eu tenho que fazer escolhas. Que nem hoje, ou eu assistia Pokemon ou eu vinha aqui, eu decidi deixar o Picaxu. Eu acho isso mais interessante e eu procuro achar essas pessoas que pensam igual a mim pra poder 'tá' perto de mim, que sempre uma coisa que outro já passou e eu não passei pode me ajudar.</p> <p>R.: O S. vai no grupo mais fácil. Vou andar com os caras tal que assim eu vou ficar mais bem visto. Não tem personalidade. Eu não, vou andar de tal jeito, se as meninas acharem legal é bônus pra mim, agora se não acharem também, se eu 'tô' me sentindo bem, nada a ver. Que nem o lance da academia, ficar bonito era consequência, o importante era eu me sentir bem comigo mesmo.</p>	Quero ser original/analiso vários pontos de vista
<p>O moleque não 'tá' com vontade de fazer aquilo, ele faz porque ele</p>	Sou seletivo

<p>quer ser emo, a mídia impôs isso. ‘Apareceu existe, ah então eu vou ser emo.’ Uma pessoa que tem idéia na cabeça, que pensa não vai ser emo, não vai se propor a fazer isso aí, esse papelão. Por isso eu sou tão seletivo com pessoas Por isso que eu não gosto de emo, tudo bobo. O que aquela pessoa tem pra me oferecer de idéias de experiências, sei lá, eu posso ‘tá’ errado, mas eu não agüento.</p> <p>Têm amigos meus, tem um que andava com uns meninos de cabelo em pé, daí ele vem trocar idéia comigo, que eu conheço bastante banda, daí ele começou a curtir NX0 e colou a franja no olho, daí eu falei: ‘não fala mais comigo’. ‘Ah, R. pára.’ ‘Enquanto você tiver com essa porcaria de franja no olho, não fala mais comigo’. ‘Enquanto você falar que gosta mais de Emocor, do que rock, não fala mais comigo’ Daí ele voltou meio assim ao normal e foi com a gente no shopping, a gente não chamou, mas ele foi junto. Depois ele voltou com essa palhaçada de Emo de novo. Daí ontem eu ‘tava’ na rua conversando com o V. e com os moleques e ele passou assim: ‘e aí R.inho.’ ‘vira o rosto não olha pra mim’. Daí ele pegou, abaixou a cabeça e saiu, porque sabe que eu não ‘tava’ brincando. Isso eu aprendi com o meu pai, ele é... nos trancos ele ensina bastante coisa pra você crescer. Porque a maioria das pessoas tem mente fraca, se você se mostra mais forte em certo assunto, em certa opinião, a pessoa acaba seguindo você. Ou então a pessoa resiste ou impõe a sua idéia, mostra um outro lado que você não viu, geralmente esses são os meus amigos. Gente que não vai na minha idéia, pega vê um lado que eu não vi e me ajuda. Amigo meu tem que ser assim. ‘Vamos fazer alguma coisa?’ ‘a vamos, vamos!’, não tem vontade própria? Quem me garante que não vai chegar amanhã um moleque o cara vai achar mais legal e ‘falou aí eu vou’.</p> <p>Pesq.: Você acha que essa sua dificuldade de fazer amigos era um pouco por isso?</p> <p>Pesq.: Era, era por isso e porque eu nunca tive muito carinho em casa, depois que nasceu o meu irmão eu fiquei assim meio largado, então as pessoas chegavam perto de mim, vinha cumprimentar e eu não sabia lidar com isso. Qualquer grupo de amigo está sempre junto, abraçado eu acho isso ótimo, eu gosto de ter contato físico com pessoas queridas, de ‘tá’ perto assim, não tem nada a ver esse negócio de ‘tá’ junto, só que tem que ter a mente aberta, assim. E eu não tinha isso. Eu era altamente, altamente seletivo, ainda sou, pra amizades, porque amigos assim eu tenho vários, vários coisas, mas pessoas que eu posso confiar aí são poucas nossa aí tem, na cidade de Sorocaba, São Paulo assim são varias, São Bernardo, no máximo 15 pessoas e tem meu primo também que foi pro Rio de Janeiro. 15 parece até bastante assim se for, são pessoas que eu sei que eu posso contar. Eu ainda sou em partes, como eu falei individualista com idéias e com pessoas, não com coisas materiais.</p>	
<p>Minha família sempre me ensinou a ser muito responsável e eu sou. Eu acho que uma virtude que posso dizer que eu tenho. Eu nunca fiz</p>	<p>Sou responsável</p>

<p>besteira nenhuma, nunca cheguei tarde demais, nunca dormi fora sem ter avisado, nunca enchi a cara e cheguei bebo, já fiquei bêbado, mas avisei 'ó vou sai vou encher a cara, vou dormir na casa de tal, porque eu vou chapar o globo', beleza eu 'tô' avisando, por isso que a minha mãe tem tanta credibilidade em, de deixar sai e tal, 'onde você vai e que horas você vai voltar?', nem quer saber o que eu vou fazer, mas é só se eu sumir ela ter uma noção de onde procurar. Mas é 'tá' acabando. Essa cobrança me ajudou a ter responsabilidade e aquele tipo de confiança que eu transmito que 'tá' ligado às meninas</p>	
<p>É que ia ouvindo música no caminho, daí eu vou pondo assim... bom amanhã eu vou fazer o quê, me organizar pra fazer o quê, daí eu 'tô' indo e passam essas idéias .</p> <p>foi o que eu falei que eu tenho dificuldade que vem muita coisa na cabeça, eu não consigo parar pra ver o que eu tenho pra dizer pra mim mesmo, é estranho mas é isso aí, sabe? Tem hora que no meu almoço, eu tenho 1 hora, aí eu vou descansar ou eu vou pensar naquilo pra, só que daí começa vim um negócio, puts eu vou receber daí eu vou comprar um negócio que eu "tô" precisando aí é tanta coisa que vem que eu não consigo, aí quando eu vejo já ta na hora de voltar, é o que eu falei pra você, viver como todo mundo é muito mais fácil, só que eu não consigo.</p> <p>Pesq.: Você se preocupa bastante assim com o futuro.</p> <p>R: eu me preocupo com o futuro, ainda que atualmente eu 'tô' conseguindo manter, por exemplo, porque eu sempre fui assim muito avoado, eu pensava numa coisa tal, e acabava não percebendo no que eu ia fazendo, ai quando eu ia ver já aconteceu, até tem gente que fica louca comigo, porque fala, fala, fala comigo e eu 'tô' 'an, an an' Teve um amigo que falou que ficou 5 minutos falando comigo, me chamando, e cutucando no ponto de ônibus lá e eu nem aí. Daí eu falei pra 'desculpa meu, você quer um abraço, quer um beijinho' mancada, né? Daí falam o cara é 'cusão'. É isso, né? Eu sou avoado por causa disso. Eu não consigo processar, eu não consigo fazer o que eu quero. Foi o que eu falei é um negócio que eu ia falar pra você, eu não consigo dar máximo de mim em nada, eu só consigo em ... é difícil, assim, eu quero eu 'tô' pensando em um desenho, ai eu sento lá e 'pá' sai um lixo. Daí eu 'tô' de boa 'tô' com aquela idéia lá, ai eu começo a rabiscar, eu nem começo pelo esqueleto, que é por onde eu normalmente começo, eu 'tô' rabiscando e sai perfeito, pra mim no meu traço, sai o melhor que eu consigo, depois eu olho e fico animado, ai eu sombreio. Que pena você não entrou no quarto e não viu os meus desenhos. È eu 'tava' tão assim, 'tava' com fome, tinha chegado e nem lembrei. Tanto é que no banho eu nem lembrei, eu ia sair de cuecão, dai eu olhei e vi a roupa lá. Pensei o que a minha roupa 'tá' fazendo aqui? Por isso que eu gostei dessa menina, quando eu 'tava' com ela, ela consegue manter a base do meu pensamento, eu processava na velocidade que eu conseguia pensar mesmo, o jeito que chegava o que 'tava' na cabeça eu conseguia, faz</p>	<p>Penso muito</p>

<p>muito tempo que eu não conhecia uma pessoa assim.</p>	
<p>Nossa é difícil falar, porque eu ouço tanta coisa. Eu curto música. Nossa tem música black que fala alguma coisa certa, tem até pagode, que nossa... Eu fico nervoso porque tem pagode que fala, que mostra a realidade, geralmente eles falam de amor. Daí você ouve ou alguém fala e você: “ah, realmente”. Tem pagode que fala, tem rock, metal que fala. O negócio que se resumiria a mim... tem a Duality, do Slipkinot, porque eu sou meio 2 personalidades, ainda que agora nem tanto, mas era uma semana de um jeito e uma semana de outro, sempre fui assim e a música fala isso. Mesmo que você não goste do seu outro eu, ele vai estar sempre junto, então tem que conviver e tentar fazer o que você gosta e o que você quer, sendo você dos dois jeitos, esse é meio que o refrão da música. E tem uma parte que fale que ‘nada é tarde, sempre é cedo pra fazer o que você quer, nunca é tarde, sempre é cedo e você não pode matar aquilo que você não criou’, tipo idéia.</p> <p>R.: É que eu não agüento, eu não agüento, é um negócio que meio que eu criei pra poder...A palhaçada ‘tá’ dentro de mim, acho que em outra encarnação eu fui palhaço de circo ou comediante. Numa delas com certeza eu fui isso aí, porque eu não tiro essas porcarias do nada. Vem na minha cabeça e eu não agüento e eu falo. Eu pego eu falo, qualquer brechinha que eu vejo, nunca dei muito vexame. Eu não agüento, a piada fica na ponta da língua.</p>	<p>Visão naturalizada do homem</p>
<p>Tanto é que eu tinha aberto o meu punho e agora deu uma voltada. ‘Tava’ com a munhequeira e depois ‘tava’ com a mão enfaixada, até falaram ‘tá’ desmunhecando!’ Mas não é fácil levantar um tambor de 105 kg no ‘muque’.É isso que eu falo, eu sou chato, mas chato de persistir numa coisa</p> <p>E eu preciso desse emprego, que nem eu falei deu vontade de desistir, mas eu não ia conseguir por causa disso e também não ia conseguir por causa dela</p>	<p>Sou persistente</p>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)